

Juliana Mesquita Hidalgo Ferreira

*As influências celestes e a Revolução
Científica: a astrologia em debate na
Inglaterra do século XVII*

*Programa de Estudos Pós-Graduados em Filosofia
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo
São Paulo
2005*

Juliana Mesquita Hidalgo Ferreira

*As influências celestes e a Revolução
Científica: a astrologia em debate na
Inglaterra do século XVII*

*Tese apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia
Universidade Católica de São Paulo, como exigência
parcial para obtenção do título de Doutor em Filosofia
sob a orientação do Prof. Doutor Roberto de Andrade
Martins*

*Programa de Estudos Pós-Graduados em Filosofia
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo
São Paulo*

2005

Banca Examinadora

Autorizo, exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta tese por processos de fotocopiadoras ou eletrônicos.

Assinatura: _____ Local e data: _____

To this controversy I
invite all persons who
are philosophing in
earnest.

(Johannes Kepler,
Concerning the more
certain fundamentals of
astrology)

**À Gabriela (*in memoriam*),
pela persistência e coragem que possibilitaram à
Fênix *nascer* das cinzas...**

A g r a d e c i m e n t o s

Gostaria de agradecer a todos que direta ou indiretamente colaboraram para a realização deste trabalho. Em especial, tenho imensa gratidão em relação ao meu marido, Cleuton, e aos amigos, Roberto e Márcia, que sempre me apoiaram e acompanharam de perto todas as dificuldades que me envolveram durante a realização deste trabalho. Agradeço profundamente a esses seres humanos tão especiais, e me considero particularmente abençoada pelo privilégio de fazerem parte de minha vida. Esta tese jamais teria sido possível sem eles e a minha sempre fiel companheira Capitu.

Gostaria também de agradecer ao professor Roberto de Andrade Martins pela orientação maravilhosa, paciência e dedicação. Nessa quase uma década de convivência entre orientação científica, mestrado e doutorado, aprendi muito e devo o que sei a ele.

Agradeço à Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP) por ter me possibilitado os recursos financeiros necessários à realização desta pesquisa.

São Paulo, 19 de março de 2005.

Juliana M. Hidalgo

Resumo

Na filosofia da ciência, os estudos sobre a Revolução Científica geralmente se concentram sobre áreas como a física e a astronomia, e verificam a existência de uma nova racionalidade. Nesta tese propusemos estender esses estudos para outras áreas, olhando como a situação se descortinava do ponto de vista da astrologia.

Embora fosse longa a tradição de questionamentos à astrologia, a aceitação da existência de influências celestes era praticamente unânime no início do século XVII. Durante este século, a astrologia se popularizou na Inglaterra com a publicação de grande volume de trabalhos em linguagem vernacular. Os almanaques se tornaram sucesso de venda. A astrologia, no entanto, parecia perder prestígio no meio intelectual.

Este curioso processo coincidiu com o estabelecimento e a fundação da *Royal Society* e a consolidação de uma “nova astronomia”. Eram recentes várias descobertas astronômicas importantes e nessa época também começaram a ser aceitas com mais intensidade as idéias de Copérnico.

Esta pesquisa propôs investigar justamente essa situação peculiar da astrologia no contexto científico, filosófico, cultural e religioso da Inglaterra do século XVII. Uma nova realidade se mostrava à astrologia: popularização e, ao mesmo tempo, perda de prestígio no mundo intelectual.

Embora o contexto histórico no qual a astrologia inglesa se desenvolvia fosse formado por esses ingredientes que poderiam, e muito, em princípio, colaborar para que ela fosse ainda mais questionada, verificamos que os argumentos contrários à astrologia continuaram a ser essencialmente os tradicionais. Pouca ou nenhuma discussão foi motivada pelas novas idéias e descobertas da astronomia. A *Royal Society* não se dedicou a estudar a astrologia nem ao menos com a intenção de refutá-la. E os astrólogos que na época propuseram “reformas” para a astrologia estavam essencialmente preocupados com dificuldades internas de sua área, e não exatamente reagiam a pressões externas.

Abstract

When philosophers of science refer to the Scientific Revolution, they usually deal with fields such as physics and astronomy, and describe the rise of a new form of rationality. This thesis suggests that those studies be extended to other areas, and presents how the seventeenth century unfolded, from the point of view of astrology.

Although there was a long standing tradition of criticism concerning astrology, the acceptance of celestial influences was close to unanimous, in the early seventeenth century. During that century, astrology became popular in England, with the publication of a large amount of works in vernacular. Almanacs became best-sellers. Astrology, however, seemed to loose its prestige in the intellectual *milieu*.

This curious process coincided with the foundation and establishment of the Royal Society and the consolidation of a “new astronomy”. There were many important recent observational astronomical discoveries, and in that period Copernicus’ ideas also began to receive a wider acceptance.

This research investigates the peculiar situation of astrology in the scientific, cultural, philosophical and religious context of seventeenth century England, when astrology faced a new reality: it was widely popular and, at the same time, was loosing its prestige in the academic world.

The historical context in which British astrology developed contained several new ingredients that could, in principle, strongly collaborate in leading to its questioning. However, it was found that the arguments used against astrology in that period were essentially the traditional ones. There was scarcely any discussion motivated by the new astronomical ideas and discoveries. The Royal Society did neither attempt to study astrology, nor to refute it. The astrologers who proposed astrological “reforms”, at that time, were usually concerned with internal difficulties found in their subject and were not reacting to external pressures.

SUMÁRIO

Capítulo 1 - Introdução	1
1.1 influências celestes e estudo dos céus.....	1
1.2 A astrologia Inglesa	2
1.3 A divulgação da astrologia no século XVII: mudanças de público e de linguagem.....	3
1.4 Astrólogos ingleses no século XVII	4
1.5 Atitudes em relação à astrologia.....	6
1.6 O “declínio” da astrologia.....	11
1.7 Os objetivos desta pesquisa.....	13
1.8 O desenvolvimento desta pesquisa	16
Capítulo 2 - Vida e obra de William Lilly	26
2.1 Quem foi William Lilly?.....	27
2.2 Astrologia e política nos almanaques: o estilo de William Lilly	41
2.3 O tom das obras de William Lilly.....	45
2.4 Lilly sobre possíveis reformas ou revoluções da astrologia	65
2.5 Críticas à astrologia e possíveis pressões da “nova astronomia”, vistas a partir das obras de William Lilly	76
Capítulo 3 - Críticas e defesas da astrologia: “Argumentos religiosos”	78
3.1 Ciência e religião no século XVII.....	78
3.2 Agostinho, Aquino e a astrologia no século XVII.....	81
3.3 A astrologia e os líderes da reforma	93
3.4 Uma questão de hermenêutica no século XVII: as Escrituras eram contra a astrologia ou a favor dela?	100
3.4.1 Interpretar a Bíblia segundo Agostinho	101
3.4.2 Interpretando palavras de Jeremias	105
3.4.3 Corpos celestes são sinais?	109
3.4.4 Deus através das estrelas, Deus sem as estrelas, Deus versus as estrelas?.....	111

3.4.5 A Bíblia era contra os astrólogos?	115
3.4.6 Por que estudar os astros?	117
3.4.7 Utilização indevida de trechos da Bíblia?	120
Capítulo 4 - Críticas e defesas da astrologia: “Argumentos de motivação social”. 124	
4.1 Religião e política	125
4.2 “Católicos!”	131
Capítulo 5 - Críticas e defesas da astrologia: “Argumentos técnicos”	137
5.1 Fundamentos e regras forjadas	138
5.2 Analogias	143
5.3 Princípios	146
5.4 Aspectos e casas.....	149
5.5 Evidências	151
5.6 Argumento de autoridade.....	156
5.7 Incoerência.....	160
5.8 Divergências	164
5.9 Ambigüidade.....	168
5.10 Nascimento ou concepção?.....	170
5.11 Evasivas	171
5.12 Experiência e observação, causa e efeito.....	174
5.13 Eleições X natividades.....	182
5.14 Incerteza, erro	183
5.15 “Falseabilidade”	189
5.16 Previsões eram possíveis?.....	194
5.17 Algumas áreas da astrologia eram mais aceitas do que outras?	199
5.18 Caráter secreto	208
5.19 Utilidade.....	209
5.20 Conhecimento insuficiente dos céus.....	211
Capítulo 6 - Críticas e defesas da astrologia: "Argumentos relacionados à “nova” astronomia”	219
6.1 As novas descobertas da astronomia foram usadas contra a astrologia?. 220	

6.2 As novas idéias da astronomia foram usadas contra a astrologia?	228
6.3 O sistema copernicano punha em cheque a astrologia?.....	231
6.4 O sistema copernicano como solução para a astrologia.....	234
Capítulo 7 - Algumas “reformas” e reformas da astrologia no século XVII.....	238
7.1 A “astrologia sana” de Francis Bacon	240
7.2 A astrologia heliocêntrica de Joshua Childrey.....	248
7.3 A “restauração” da astrologia de William Hunt	270
7.4 As pesquisas de John Goad.....	281
7.5 A “reforma” de John Partridge	290
7.6 A reforma da astrologia de Robert Godson	295
Capítulo 8 - A astrologia no contexto dos debates sobre a reforma do ensino nas universidades	300
8.1 Dois grupos em franca oposição.....	303
8.2 Francis Bacon e/ou Robert Fludd?.....	305
8.3 Atitudes diferentes sobre o galenismo nas universidades.....	307
8.4 Atitudes diferentes sobre o aristotelismo nas universidades	309
8.5 “Resgatar a” ou “elaborar uma” linguagem universal	312
8.6 Duas diferentes magias naturais legítimas.....	315
8.7 Não ensinar <i>versus</i> ensinar também o sistema ptolomaico.....	317
8.8 Estudar a astrologia ou abandoná-la	322
8.9 Reformar <i>versus</i> não reformar o ensino.....	324
8.10 Divergências sobre a preparação dos ministros?	327
8.11 Política	328
Capítulo 9 - A Royal Society e a astrologia.....	335
9.1 Minutas das reuniões	335
9.2 A história oficial	344
9.2.1 A linguagem desejável para a ciência	344
9.2.2 Coisas a serem estudadas antes de outras	346
9.2.3 A astrologia não se adequava àquele tipo de investigação?.....	347
9.2.4 O que estudar e como iniciar os estudos	348

9.2.5 Por que não tentar invalidar a astrologia?	349
9.2.6 Assuntos de particular interesse	350
9.2.7 Não havia mesmo alusões a influências astrológicas nos exemplos apresentados?	353
9.2.8 O céu e o futuro.....	355
9.2.9 Por que não estudar certas coisas?	356
9.2.10 Havia outros motivos aparentes para não estudarem aquelas coisas?	357
9.2.11 Ridicularizando os astrólogos	360
9.3 A atitude da Royal Society	361
Capítulo 10 – Conclusão.....	362
Bibliografia	383

Capítulo 1 - Introdução

1.1 INFLUÊNCIAS CELESTES E ESTUDO DOS CÉUS

Desde muito cedo, o homem já procurava na natureza indicações para prever acontecimentos. Como saber se uma seca iminente ou um dilúvio de grandes proporções destruiria os cultivos? Havia como prever doenças graves que dizimavam animais e seres humanos?

Olhando para o céu, a humanidade concebeu eclipses, cometas e outros misteriosos fenômenos celestes, como uma espécie de prenúncio para certas ocorrências catastróficas. A capacidade de observar os fenômenos naturais não parou por aí. As pessoas tinham mais consciência dos corpos celestes do que atualmente, e era grande a disposição de procurar respostas para o que não conseguiam explicar.

Impressionado com o comportamento regular dos céus diante da mutação da vida sobre a Terra, o homem do mundo antigo dividiu o universo em duas partes: os corpos superiores e imutáveis do mundo celestial governavam a esfera terrestre ou sublunar. Influências e qualidades especiais dos astros, cujos efeitos resultantes dependiam das relações entre os corpos celestes, eram transmitidas para a Terra.¹

Vistos da Terra, os sete planetas (Sol, Lua, Saturno, Júpiter, Marte, Vênus e Mercúrio)² pareciam se movimentar no cenário fixo das estrelas do zodíaco. Cabia ao astrólogo desenhar o mapa dos céus para analisar, de acordo com o posicionamento relativo dos astros, as implicações resultantes das influências celestes e assim prever ocorrências.

Era comum acreditar que os corpos celestes exerciam este tipo de influência sobre a Terra. A física aristotélica dava conta desse tipo de influência (MARTINS,

¹ Para qualquer introdução à história da astrologia são imprescindíveis os “clássicos” trabalhos de Keith Thomas e Lynn Thorndike. Este último, aliás, realizou vasto levantamento de fontes primárias sobre o assunto. Ver THOMAS, *Religion and the decline of magic*, “Astrology: its practice and extent” e THORNDIKE, *A history of magic and experimental science*, vol. VII, capítulo 5. Outros trabalhos mais recentes e gerais sobre a história da astrologia também podem ser consultados, como, por exemplo, WHITFIELD, *Astrology: a history*. E para uma visão geral da astrologia antiga pode-se consultar: TESTER, *A history of western astrology* e BARTON, *Ancient astrology*. O fato de a abordagem da história da ciência ter mudado apenas recentemente reflete-se no fato de que não existem muitos trabalhos sobre o assunto. A bibliografia desta tese apresenta uma boa parte do que pode ser consultado.

² Estamos utilizando aqui as idéias mais comuns dos séculos XVI e XVII.

1995). Aceitava-se, geralmente, que o movimento dos corpos celestiais mantinha em constante transformação os quatro elementos (terra, fogo, ar e água) da região sublunar. Calor, frio, secura e umidade, eram transmitidos em quantidades diferentes pelos vários planetas. A astrologia era imprescindível em diversas áreas do conhecimento: fisiologia, medicina, botânica, metalurgia, etc.

Até o início do século XVI pode-se dizer que a existência de influências dos astros era um aspecto da imagem do mundo aceita por praticamente todos. Esta concepção fazia parte do imaginário das pessoas, fossem elas cultas ou não.

1.2 A ASTROLOGIA INGLESA

Na Inglaterra medieval havia muitos autores astrológicos de prestígio. Em contraposição, no início do século XVII, não eram muitos os profissionais ingleses dessa área, e os escritos astrológicos em circulação eram, em sua maior parte, de origem estrangeira. A situação só viria a mudar durante o reinado de Elizabeth I, quando o interesse pela astrologia ressurgiu com a renascença matemática (THOMAS, *Religion and the decline of magic*, p. 288).

A astrologia conhecida pelos ingleses se baseava num antigo corpo de conhecimentos que reunia principalmente contribuições de babilônios, gregos, romanos e astrólogos árabes do medievo. Não diferia muito da apresentada por Ptolomeu no segundo século de nossa era.

No século XVI boa parte da nobreza estimulava os astrólogos e seguia seus conselhos. Os astrólogos tinham prestígio na corte. Durante o século seguinte esta situação demorou para mudar. Muitos nobres e políticos mantiveram suas crenças nas inclinações astrológicas. De fato, nota-se durante esses dois séculos certa aceitação da astrologia por muitos indivíduos de alta posição e importância intelectual. Muitos mandavam fazer seus horóscopos por mera diversão ou curiosidade. Já outros baseavam suas decisões mais importantes nas previsões astrológicas.

1.3 A DIVULGAÇÃO DA ASTROLOGIA NO SÉCULO XVII: MUDANÇAS DE PÚBLICO E DE LINGUAGEM

Enquanto até então a maior parte dos livros astrológicos era escrita em latim e destinava-se a um público erudito, no século XVII viriam mudanças significativas.

Surgiram trabalhos em inglês, adaptados a um público não versado sobre o tema, que resumiam as crenças astrológicas existentes na época. Os interesses astrológicos não ficaram restritos às cortes ou ao meio intelectual, mas foram amplamente propagados entre as pessoas de um modo geral.

Devido ao barateamento dos custos de impressão, à publicação de trabalhos em inglês e ao grande potencial para responder a diferentes necessidades, a astrologia adquiriu um prestígio sem precedentes (CURRY, *Prophecy and power*, p. 19). O século XVII assistiu a uma explosão editorial no mercado das publicações astrológicas. A astrologia se popularizou e os almanaques se tornaram um grande sucesso de venda (ver CAPP, *Astrology and the popular press: English almanacs*).

Apresentavam os eventos astronômicos do ano como eclipses, conjunções e posições dos astros; calendários com dias da semana, do mês e as festas da Igreja; previsões astrológicas sobre política, clima, colheitas e saúde da população para o ano. Continham listas de mercados e feiras, guias de estradas e distâncias, receitas médicas, sugestões para jardinagem e cronologias de fatos históricos.

Podia-se através do almanaque descobrir o momento ideal para tomar certo remédio ou iniciar um tratamento, de acordo com a correspondência entre os diferentes signos do zodíaco e as partes do corpo humano regidas por eles.

Com o passar do tempo, os almanaques ficaram menores e puderam ser carregados no bolso como agendas diárias ou cadernos de anotações pela população. Eram baratos, úteis e práticos. Adequavam-se aos vários meridianos astronômicos em diferentes partes do país, e suas informações variavam de acordo com o interesse do público-alvo.

Tudo isso fez do almanaque um fenômeno de venda. O almanaque de William Lilly (1602-1681), o astrólogo inglês mais influente na época, chegou a vender 30 mil cópias num único ano (THOMAS, *Religion and the decline of magic*, p. 294).

A astrologia também começou a se organizar. Dez anos antes da fundação da *Royal Society*, surgiu a *Society of Astrologers of London*. Embora divergissem quanto a posições políticas e religiosas, os membros dessa associação se reuniam com o propósito de discutir astrologia, excluindo outros temas da pauta de discussão.

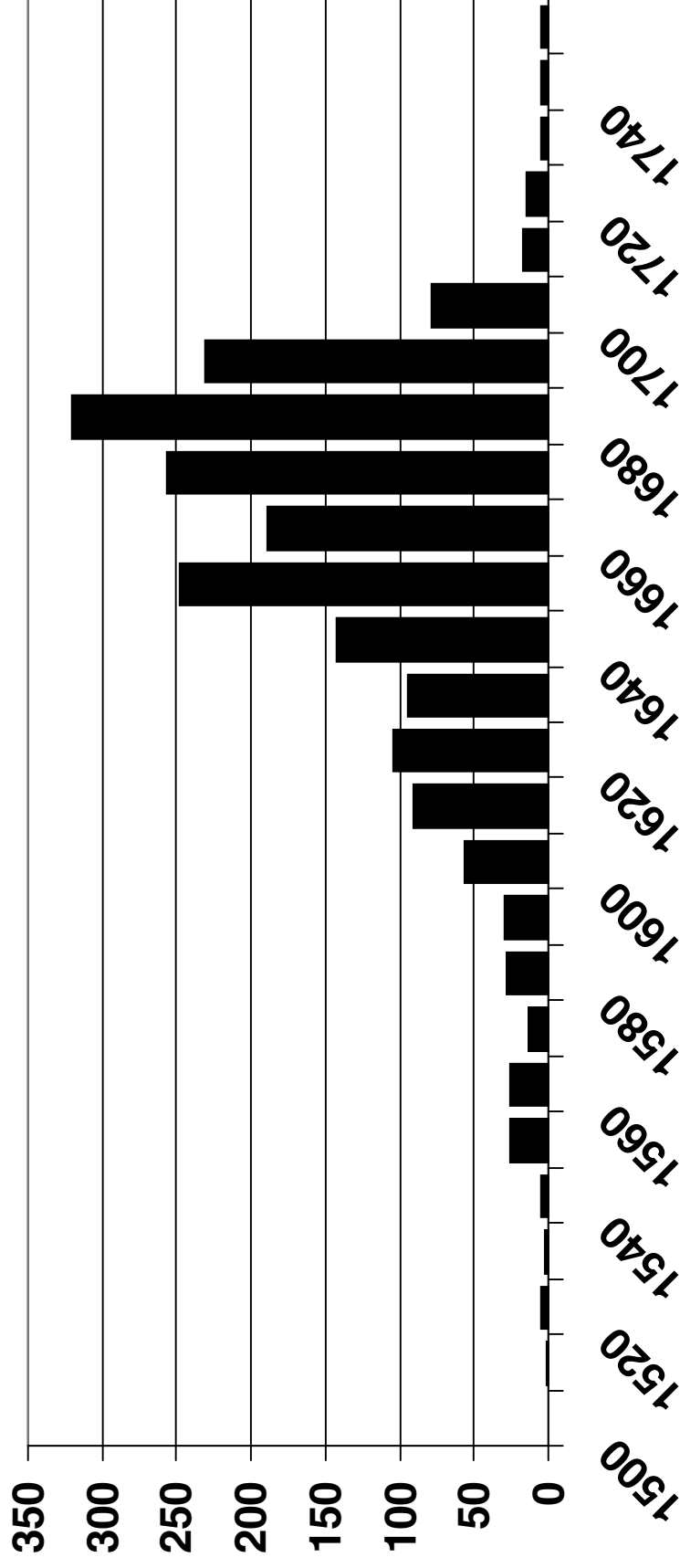


Gráfico 1 – Este gráfico mostra o número de obras sobre astrologia publicadas em Londres, em cada década, de 1500 até 1750. Os dados foram obtidos da base de dados britânica COPAC (<http://copac.ac.uk/>), que contém informações sobre os acervos das principais bibliotecas universitárias da Grã-Bretanha e também da *British Library*. Observa-se que, de meados do século XVI até meados do século XVII há um crescimento progressivo do número de publicações; esse número se mantém alto nas décadas de 1650 a 1690, diminuindo depois muito rapidamente.

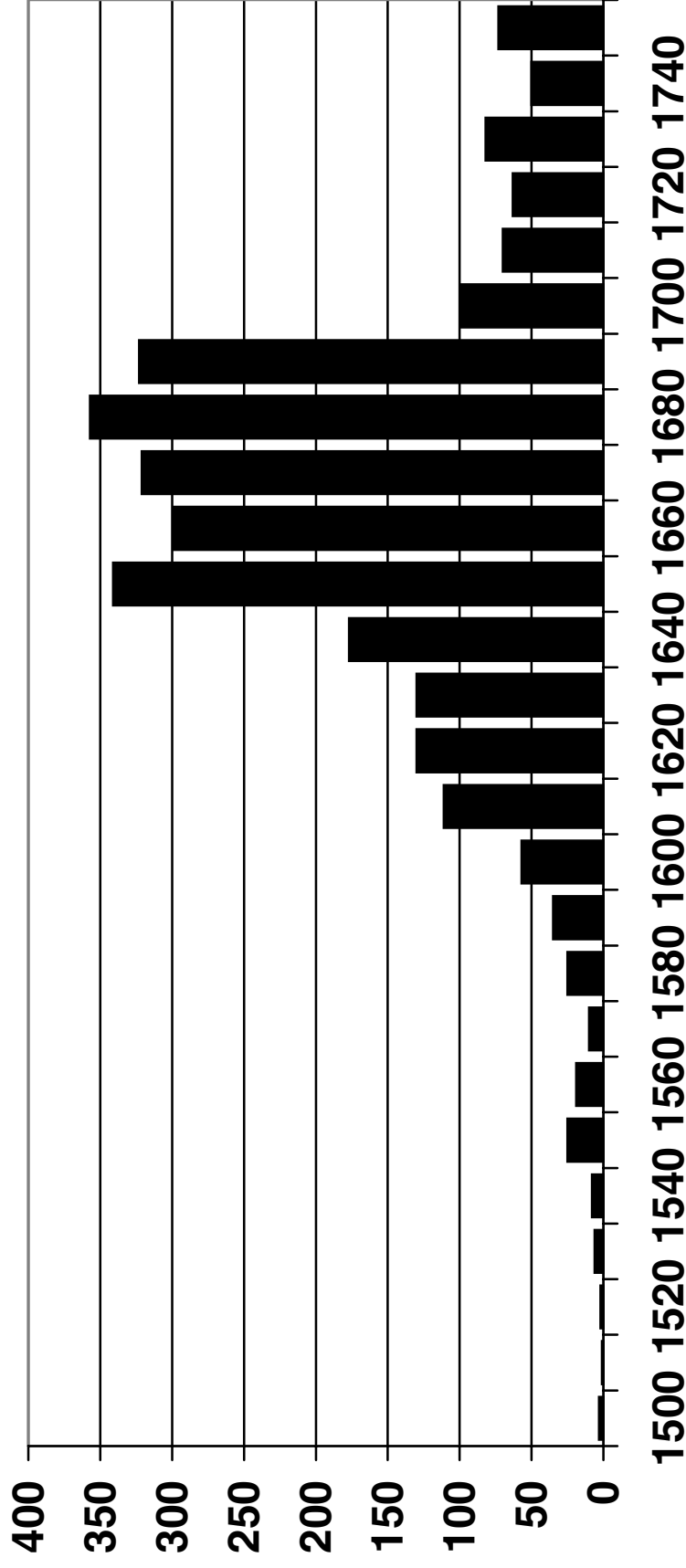
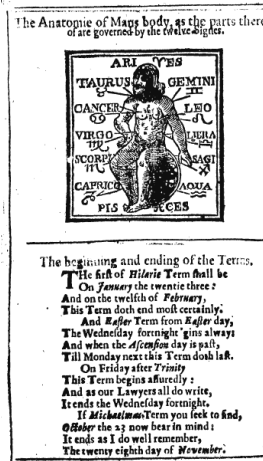
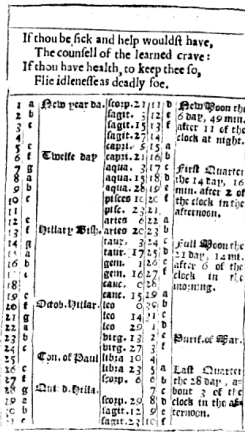


Gráfico 2 – Este gráfico mostra o número de obras sobre astrologia publicadas na Inglaterra, em cada década, de 1500 até 1750. Os dados foram obtidos das bases de dados *Early English Books Online* (EEBO) e *Eighteenth Century Collection Online* (ECCO). Os dados são qualitativamente coerentes com os da base de dados COPAC (gráfico 1). Observa-se que, de meados do século XVI até meados do século XVII há um crescimento progressivo do número de publicações; esse número se mantém alto nas décadas de 1650 a 1690, diminuindo depois rapidamente.



January hath 31 days.			
New moon the 8 day, 4 minutes past 3 afternoon.			
First quarter the 15 day, 6 minutes past 7 afternoon.			
Full moon the 23 day, 18 minutes past 1 afternoon.			
Last quarter the 30 day, 46 minutes past 11 before noon.			
☿ Mercurius.			
☿	Feb	Scorp.	8 5 Fair and ☼ ☾
☿	March	13 25	2 25 ☼ and ☾ frore.
☿	April	19 15	1 Thick aire and like
☿	May	25 10	1 to be now.
☿	June	31 5	1 to be now.
☿	July	Capre.	17 50 ☼ and ☾
☿	Aug.	22 17	17 winds ☼ ☾
☿	Sept.	28 12	12 and Storms ☼ ☾
☿	Oct.	30 10	10 ☼ ☾ of rain
☿	Nov.	Aqua.	10 10 ☼ ☾ ☼
☿	Dec.	31 7	7 ☼ ☾ ☼
♈	Janus.	Pier.	6 7 ☼ ☾ ☼ ☾ ☼ ☾
♈	Febr.	Arct.	21 10 ☼ ☾ ☼ ☾ ☼ ☾
♈	March.	30 10	10 ☼ ☾ ☼ ☾ ☼ ☾
♈	April.	♈	10 ☼ ☾ ☼ ☾ ☼ ☾
♈	May.	30 10	10 ☼ ☾ ☼ ☾ ☼ ☾
♈	June.	31 10	10 ☼ ☾ ☼ ☾ ☼ ☾
♈	July.	31 10	10 ☼ ☾ ☼ ☾ ☼ ☾
♈	Aug.	31 10	10 ☼ ☾ ☼ ☾ ☼ ☾
♈	Sept.	30 10	10 ☼ ☾ ☼ ☾ ☼ ☾
♈	Oct.	31 10	10 ☼ ☾ ☼ ☾ ☼ ☾
♈	Nov.	30 10	10 ☼ ☾ ☼ ☾ ☼ ☾
♈	Dec.	31 10	10 ☼ ☾ ☼ ☾ ☼ ☾
♈	Janus.	31 10	10 ☼ ☾ ☼ ☾ ☼ ☾
♈	Febr.	28 10	10 ☼ ☾ ☼ ☾ ☼ ☾
♈	March.	31 10	10 ☼ ☾ ☼ ☾ ☼ ☾
♈	April.	30 10	10 ☼ ☾ ☼ ☾ ☼ ☾
♈	May.	31 10	10 ☼ ☾ ☼ ☾ ☼ ☾
♈	June.	30 10	10 ☼ ☾ ☼ ☾ ☼ ☾
♈	July.	31 10	10 ☼ ☾ ☼ ☾ ☼ ☾
♈	Aug.	31 10	10 ☼ ☾ ☼ ☾ ☼ ☾
♈	Sept.	30 10	10 ☼ ☾ ☼ ☾ ☼ ☾
♈	Oct.	31 10	10 ☼ ☾ ☼ ☾ ☼ ☾
♈	Nov.	30 10	10 ☼ ☾ ☼ ☾ ☼ ☾
♈	Dec.	31 10	10 ☼ ☾ ☼ ☾ ☼ ☾
♈	Janus.	31 10	10 ☼ ☾ ☼ ☾ ☼ ☾
♈	Febr.	28 10	10 ☼ ☾ ☼ ☾ ☼ ☾
♈	March.	31 10	10 ☼ ☾ ☼ ☾ ☼ ☾
♈	April.	30 10	10 ☼ ☾ ☼ ☾ ☼ ☾
♈	May.	31 10	10 ☼ ☾ ☼ ☾ ☼ ☾
♈	June.	30 10	10 ☼ ☾ ☼ ☾ ☼ ☾
♈	July.	31 10	10 ☼ ☾ ☼ ☾ ☼ ☾
♈	Aug.	31 10	10 ☼ ☾ ☼ ☾ ☼ ☾
♈	Sept.	30 10	10 ☼ ☾ ☼ ☾ ☼ ☾
♈	Oct.	31 10	10 ☼ ☾ ☼ ☾ ☼ ☾
♈	Nov.	30 10	10 ☼ ☾ ☼ ☾ ☼ ☾
♈	Dec.	31 10	10 ☼ ☾ ☼ ☾ ☼ ☾
♈	Janus.	31 10	10 ☼ ☾ ☼ ☾ ☼ ☾
♈	Febr.	28 10	10 ☼ ☾ ☼ ☾ ☼ ☾
♈	March.	31 10	10 ☼ ☾ ☼ ☾ ☼ ☾
♈	April.	30 10	10 ☼ ☾ ☼ ☾ ☼ ☾
♈	May.	31 10	10 ☼ ☾ ☼ ☾ ☼ ☾
♈	June.	30 10	10 ☼ ☾ ☼ ☾ ☼ ☾
♈	July.	31 10	10 ☼ ☾ ☼ ☾ ☼ ☾
♈	Aug.	31 10	10 ☼ ☾ ☼ ☾ ☼ ☾
♈	Sept.	30 10	10 ☼ ☾ ☼ ☾ ☼ ☾
♈	Oct.	31 10	10 ☼ ☾ ☼ ☾ ☼ ☾
♈	Nov.	30 10	10 ☼ ☾ ☼ ☾ ☼ ☾
♈	Dec.	31 10	10 ☼ ☾ ☼ ☾ ☼ ☾
♈	Janus.	31 10	10 ☼ ☾ ☼ ☾ ☼ ☾
♈	Febr.	28 10	10 ☼ ☾ ☼ ☾ ☼ ☾
♈	March.	31 10	10 ☼ ☾ ☼ ☾ ☼ ☾
♈	April.	30 10	10 ☼ ☾ ☼ ☾ ☼ ☾
♈	May.	31 10	10 ☼ ☾ ☼ ☾ ☼ ☾
♈	June.	30 10	10 ☼ ☾ ☼ ☾ ☼ ☾
♈	July.	31 10	10 ☼ ☾ ☼ ☾ ☼ ☾
♈	Aug.	31 10	10 ☼ ☾ ☼ ☾ ☼ ☾
♈	Sept.	30 10	10 ☼ ☾ ☼ ☾ ☼ ☾
♈	Oct.	31 10	10 ☼ ☾ ☼ ☾ ☼ ☾
♈	Nov.	30 10	10 ☼ ☾ ☼ ☾ ☼ ☾
♈	Dec.	31 10	10 ☼ ☾ ☼ ☾ ☼ ☾
♈	Janus.	31 10	10 ☼ ☾ ☼ ☾ ☼ ☾
♈	Febr.	28 10	10 ☼ ☾ ☼ ☾ ☼ ☾
♈	March.	31 10	10 ☼ ☾ ☼ ☾ ☼ ☾
♈	April.	30 10	10 ☼ ☾ ☼ ☾ ☼ ☾
♈	May.	31 10	10 ☼ ☾ ☼ ☾ ☼ ☾
♈	June.	30 10	10 ☼ ☾ ☼ ☾ ☼ ☾
♈	July.	31 10	10 ☼ ☾ ☼ ☾ ☼ ☾
♈	Aug.	31 10	10 ☼ ☾ ☼ ☾ ☼ ☾
♈	Sept.	30 10	10 ☼ ☾ ☼ ☾ ☼ ☾
♈	Oct.	31 10	10 ☼ ☾ ☼ ☾ ☼ ☾
♈	Nov.	30 10	10 ☼ ☾ ☼ ☾ ☼ ☾
♈	Dec.	31 10	10 ☼ ☾ ☼ ☾ ☼ ☾
♈	Janus.	31 10	10 ☼ ☾ ☼ ☾ ☼ ☾
♈	Febr.	28 10	10 ☼ ☾ ☼ ☾ ☼ ☾
♈	March.	31 10	10 ☼ ☾ ☼ ☾ ☼ ☾
♈	April.	30 10	10 ☼ ☾ ☼ ☾ ☼ ☾
♈	May.	31 10	10 ☼ ☾ ☼ ☾ ☼ ☾
♈	June.	30 10	10 ☼ ☾ ☼ ☾ ☼ ☾
♈	July.	31 10	10 ☼ ☾ ☼ ☾ ☼ ☾
♈	Aug.	31 10	10 ☼ ☾ ☼ ☾ ☼ ☾
♈	Sept.	30 10	10 ☼ ☾ ☼ ☾ ☼ ☾
♈	Oct.	31 10	10 ☼ ☾ ☼ ☾ ☼ ☾
♈	Nov.	30 10	10 ☼ ☾ ☼ ☾ ☼ ☾
♈	Dec.	31 10	10 ☼ ☾ ☼ ☾ ☼ ☾
♈	Janus.	31 10	10 ☼ ☾ ☼ ☾ ☼ ☾
♈	Febr.	28 10	10 ☼ ☾ ☼ ☾ ☼ ☾
♈	March.	31 10	10 ☼ ☾ ☼ ☾ ☼ ☾
♈	April.	30 10	10 ☼ ☾ ☼ ☾ ☼ ☾
♈	May.	31 10	10 ☼ ☾ ☼ ☾ ☼ ☾
♈	June.	30 10	10 ☼ ☾ ☼ ☾ ☼ ☾
♈	July.	31 10	10 ☼ ☾ ☼ ☾ ☼ ☾
♈	Aug.	31 10	10 ☼ ☾ ☼ ☾ ☼ ☾
♈	Sept.	30 10	10 ☼ ☾ ☼ ☾ ☼ ☾
♈	Oct.	31 10	10 ☼ ☾ ☼ ☾ ☼ ☾
♈	Nov.	30 10	10 ☼ ☾ ☼ ☾ ☼ ☾
♈	Dec.	31 10	10 ☼ ☾ ☼ ☾ ☼ ☾
♈	Janus.	31 10	10 ☼ ☾ ☼ ☾ ☼ ☾
♈	Febr.	28 10	10 ☼ ☾ ☼ ☾ ☼ ☾
♈	March.	31 10	10 ☼ ☾ ☼ ☾ ☼ ☾
♈	April.	30 10	10 ☼ ☾ ☼ ☾ ☼ ☾
♈	May.	31 10	10 ☼ ☾ ☼ ☾ ☼ ☾
♈	June.	30 10	10 ☼ ☾ ☼ ☾ ☼ ☾
♈	July.	31 10	10 ☼ ☾ ☼ ☾ ☼ ☾
♈	Aug.	31 10	10 ☼ ☾ ☼ ☾ ☼ ☾
♈	Sept.	30 10	10 ☼ ☾ ☼ ☾ ☼ ☾
♈	Oct.	31 10	10 ☼ ☾ ☼ ☾ ☼ ☾
♈	Nov.	30 10	10 ☼ ☾ ☼ ☾ ☼ ☾
♈	Dec.	31 10	10 ☼ ☾ ☼ ☾ ☼ ☾
♈	Janus.	31 10	10 ☼ ☾ ☼ ☾ ☼ ☾
♈	Febr.	28 10	10 ☼ ☾ ☼ ☾ ☼ ☾
♈	March.	31 10	10 ☼ ☾ ☼ ☾ ☼ ☾
♈	April.	30 10	10 ☼ ☾ ☼ ☾ ☼ ☾
♈	May.	31 10	10 ☼ ☾ ☼ ☾ ☼ ☾
♈	June.	30 10	10 ☼ ☾ ☼ ☾ ☼ ☾
♈	July.	31 10	10 ☼ ☾ ☼ ☾ ☼ ☾
♈	Aug.	31 10	10 ☼ ☾ ☼ ☾ ☼ ☾
♈	Sept.	30 10	10 ☼ ☾ ☼ ☾ ☼ ☾
♈	Oct.	31 10	10 ☼ ☾ ☼ ☾ ☼ ☾
♈	Nov.	30 10	10 ☼ ☾ ☼ ☾ ☼ ☾
♈	Dec.	31 10	10 ☼ ☾ ☼ ☾ ☼ ☾
♈	Janus.	31 10	10 ☼ ☾ ☼ ☾ ☼ ☾
♈	Febr.	28 10	10 ☼ ☾ ☼ ☾ ☼ ☾
♈	March.	31 10	10 ☼ ☾ ☼ ☾ ☼ ☾
♈	April.	30 10	10 ☼ ☾ ☼ ☾ ☼ ☾
♈	May.	31 10	10 ☼ ☾ ☼ ☾ ☼ ☾
♈	June.	30 10	10 ☼ ☾ ☼ ☾ ☼ ☾
♈	July.	31 10	10 ☼ ☾ ☼ ☾ ☼ ☾
♈	Aug.	31 10	10 ☼ ☾ ☼ ☾ ☼ ☾
♈	Sept.	30 10	10 ☼ ☾ ☼ ☾ ☼ ☾
♈	Oct.	31 10	10 ☼ ☾ ☼ ☾ ☼ ☾
♈	Nov.	30 10	10 ☼ ☾ ☼ ☾ ☼ ☾
♈	Dec.	31 10	10 ☼ ☾ ☼ ☾ ☼ ☾
♈	Janus.	31 10	10 ☼ ☾ ☼ ☾ ☼ ☾
♈	Febr.	28 10	10 ☼ ☾ ☼ ☾ ☼ ☾
♈	March.	31 10	10 ☼ ☾ ☼ ☾ ☼ ☾
♈	April.	30 10	10 ☼ ☾ ☼ ☾ ☼ ☾
♈	May.	31 10	10 ☼ ☾ ☼ ☾ ☼ ☾
♈	June.	30 10	10 ☼ ☾ ☼ ☾ ☼ ☾
♈	July.	31 10	10 ☼ ☾ ☼ ☾ ☼ ☾
♈	Aug.	31 10	10 ☼ ☾ ☼ ☾ ☼ ☾
♈	Sept.	30 10	10 ☼ ☾ ☼ ☾ ☼ ☾
♈	Oct.	31 10	10 ☼ ☾ ☼ ☾ ☼ ☾
♈	Nov.	30 10	10 ☼ ☾ ☼ ☾ ☼ ☾
♈	Dec.	31 10	10 ☼ ☾ ☼ ☾ ☼ ☾
♈	Janus.	31 10	10 ☼ ☾ ☼ ☾ ☼ ☾
♈	Febr.	28 10	10 ☼ ☾ ☼ ☾ ☼ ☾
♈	March.	31 10	10 ☼ ☾ ☼ ☾ ☼ ☾
♈	April.	30 10	10 ☼ ☾ ☼ ☾ ☼ ☾
♈	May.	31 10	10 ☼ ☾ ☼ ☾ ☼ ☾
♈	June.	30 10	10 ☼ ☾ ☼ ☾ ☼ ☾
♈	July.	31 10	10 ☼ ☾ ☼ ☾ ☼ ☾
♈	Aug.	31 10	10 ☼ ☾ ☼ ☾ ☼ ☾
♈	Sept.	30 10	10 ☼ ☾ ☼ ☾ ☼ ☾
♈	Oct.	31 10	10 ☼ ☾ ☼ ☾ ☼ ☾
♈	Nov.	30 10	10 ☼ ☾ ☼ ☾ ☼ ☾
♈	Dec.	31 10	10 ☼ ☾ ☼ ☾ ☼ ☾
♈	Janus.	31 10	10 ☼ ☾ ☼ ☾ ☼ ☾
♈	Febr.	28 10	10 ☼ ☾ ☼ ☾ ☼ ☾
♈	March.	31 10	10 ☼ ☾ ☼ ☾ ☼ ☾
♈	April.	30 10	10 ☼ ☾ ☼ ☾ ☼ ☾
♈	May.	31 10	10 ☼ ☾ ☼ ☾ ☼ ☾
♈	June.	30 10	10 ☼ ☾ ☼ ☾ ☼ ☾
♈	July.	31 10	10 ☼ ☾ ☼ ☾ ☼ ☾
♈	Aug.	31 10	10 ☼ ☾ ☼ ☾ ☼ ☾
♈	Sept.	30 10	10 ☼ ☾ ☼ ☾ ☼ ☾
♈	Oct.	31 10	10 ☼ ☾ ☼ ☾ ☼ ☾
♈	Nov.	30 10	10 ☼ ☾ ☼ ☾ ☼ ☾
♈	Dec.	31 10	10 ☼ ☾ ☼ ☾ ☼ ☾
♈	Janus.	31 10	10 ☼ ☾ ☼ ☾ ☼ ☾
♈	Febr.	28 10	10 ☼ ☾ ☼ ☾ ☼ ☾
♈	March.	31 10	10 ☼ ☾ ☼ ☾ ☼ ☾
♈	April.	30 10	10 ☼ ☾ ☼ ☾ ☼ ☾
♈	May.	31 10	10 ☼ ☾ ☼ ☾ ☼ ☾
♈	June.	30 10	10 ☼ ☾ ☼ ☾ ☼ ☾
♈	July.	31 10	10 ☼ ☾ ☼ ☾ ☼ ☾
♈	Aug.	31 10	10 ☼ ☾ ☼ ☾ ☼ ☾
♈	Sept.	30 10	10 ☼ ☾ ☼ ☾ ☼ ☾
♈	Oct.	31 10	10 ☼ ☾ ☼ ☾ ☼ ☾
♈	Nov.	30 10	10 ☼ ☾ ☼ ☾ ☼ ☾
♈	Dec.	31 10	10 ☼ ☾ ☼ ☾ ☼ ☾
♈	Janus.	31 10	10 ☼ ☾ ☼ ☾ ☼ ☾
♈	Febr.	28 10	10 ☼ ☾ ☼ ☾ ☼ ☾
♈	March.	31 10	10 ☼ ☾ ☼ ☾ ☼ ☾
♈	April.	30 10	10 ☼ ☾ ☼ ☾ ☼ ☾
♈	May.	31 10	10 ☼ ☾ ☼ ☾ ☼ ☾
♈	June.	30 10	10 ☼ ☾ ☼ ☾ ☼ ☾
♈	July.	31 10	10 ☼ ☾ ☼ ☾ ☼ ☾
♈	Aug.	31 10	10 ☼ ☾ ☼ ☾ ☼ ☾
♈	Sept.	30 10	10 ☼ ☾ ☼ ☾ ☼ ☾
♈	Oct.	31 10	10 ☼ ☾ ☼ ☾ ☼ ☾
♈	Nov.	30 10	10 ☼ ☾ ☼ ☾ ☼ ☾
♈	Dec.	31 10	10 ☼ ☾ ☼ ☾ ☼ ☾
♈	Janus.	31 10	10 ☼ ☾ ☼ ☾ ☼ ☾
♈	Febr.	28 10	10 ☼ ☾ ☼ ☾ ☼ ☾
♈	March.	31 10	10 ☼ ☾ ☼ ☾ ☼ ☾
♈	April.	30 10	10 ☼ ☾ ☼ ☾ ☼ ☾
♈	May.	31 10	10 ☼ ☾ ☼ ☾ ☼ ☾
♈	June.	30 10	10 ☼ ☾ ☼ ☾ ☼ ☾
♈	July.	31 10	10 ☼ ☾ ☼ ☾ ☼ ☾
♈	Aug.	31 10	10 ☼ ☾ ☼ ☾ ☼ ☾
♈	Sept.	30 10	10 ☼ ☾ ☼ ☾ ☼ ☾
♈	Oct.	31 10	10 ☼ ☾ ☼ ☾ ☼ ☾
♈	Nov.	30 10	10 ☼ ☾ ☼ ☾ ☼ ☾
♈	Dec.	31 10	10 ☼ ☾ ☼ ☾ ☼ ☾
♈	Janus.	31 10	10 ☼ ☾ ☼ ☾ ☼ ☾
♈	Febr.	28 10	10 ☼ ☾ ☼ ☾ ☼ ☾
♈	March.	31 10	10 ☼ ☾ ☼ ☾ ☼ ☾
♈	April.	30 10	10 ☼ ☾ ☼ ☾ ☼ ☾
♈	May.	31 10	10 ☼ ☾ ☼ ☾ ☼ ☾
♈	June.	30 10	10 ☼ ☾ ☼ ☾ ☼ ☾
♈	July.	31 10	10 ☼ ☾ ☼ ☾ ☼ ☾
♈	Aug.	31 10	10 ☼ ☾ ☼ ☾ ☼ ☾
♈	Sept.	30 10	10 ☼ ☾ ☼ ☾ ☼ ☾
♈	Oct.	31 10	10 ☼ ☾ ☼ ☾ ☼ ☾
♈	Nov.	30 10	10 ☼ ☾ ☼ ☾ ☼ ☾
♈	Dec.	31 10	10 ☼ ☾ ☼ ☾ ☼ ☾
♈	Janus.	31 10	10 ☼ ☾ ☼ ☾ ☼ ☾
♈	Febr.	28 10	10 ☼ ☾ ☼ ☾ ☼ ☾
♈	March.	31 10	10 ☼ ☾ ☼ ☾ ☼ ☾
♈	April.	30 10	10 ☼ ☾ ☼ ☾ ☼ ☾
♈	May.	31 10	10 ☼ ☾ ☼ ☾ ☼ ☾
♈	June.	30 10	10 ☼ ☾ ☼ ☾ ☼ ☾
♈	July.	31 10	10 ☼ ☾ ☼ ☾ ☼ ☾
♈	Aug.	31 10	10 ☼ ☾ ☼ ☾ ☼ ☾
♈	Sept.	30 10	10 ☼ ☾ ☼ ☾ ☼ ☾
♈	Oct.	31 10	10 ☼ ☾ ☼ ☾ ☼ ☾
♈	Nov.	30 10	10 ☼ ☾ ☼ ☾ ☼ ☾
♈	Dec.	31 10	10 ☼ ☾ ☼ ☾ ☼ ☾
♈	Janus.	31 10	10 ☼ ☾ ☼ ☾ ☼ ☾
♈	Febr.	28 10	10 ☼ ☾ ☼ ☾ ☼ ☾
♈	March.	31 10	10 ☼ ☾ ☼ ☾ ☼ ☾
♈	April.	30 10	10 ☼ ☾ ☼ ☾ ☼ ☾
♈	May.	31 10	10 ☼ ☾ ☼ ☾ ☼ ☾
♈	June.	30 10	10 ☼ ☾ ☼ ☾ ☼ ☾
♈	July.	31 10	10 ☼ ☾ ☼ ☾ ☼ ☾
♈	Aug.	31 10	10 ☼ ☾ ☼ ☾ ☼ ☾
♈	Sept.	30 10	10 ☼ ☾ ☼ ☾ ☼ ☾
♈	Oct.	31 10	10 ☼ ☾ ☼ ☾ ☼ ☾
♈	Nov.	30 10	10 ☼ ☾ ☼ ☾ ☼ ☾
♈	Dec.	31 10	10 ☼ ☾ ☼ ☾ ☼ ☾
♈	Janus.	31 10	10 ☼ ☾ ☼ ☾ ☼ ☾
♈	Febr.	28 10	10 ☼ ☾ ☼ ☾ ☼ ☾
♈	March.	31 10	10 ☼ ☾ ☼ ☾ ☼ ☾
♈	April.	30 10	10 ☼ ☾ ☼ ☾ ☼ ☾
♈	May.	31 10	10 ☼ ☾ ☼ ☾ ☼ ☾
♈	June.	30 10	10 ☼ ☾ ☼ ☾ ☼ ☾
♈	July.	31 10	10 ☼ ☾ ☼ ☾ ☼ ☾
♈	Aug.	31 10	10 ☼ ☾ ☼ ☾ ☼ ☾
♈	Sept.	30 10	10 ☼ ☾ ☼ ☾ ☼ ☾
♈	Oct.	31 10	10 ☼ ☾ ☼ ☾ ☼ ☾
♈	Nov.	30 10	10 ☼ ☾ ☼ ☾ ☼ ☾
♈	Dec.	31 10	10 ☼ ☾ ☼ ☾ ☼ ☾
♈	Janus.	31 10	10 ☼ ☾ ☼ ☾ ☼ ☾
♈	Febr.	28 10	10 ☼ ☾ ☼ ☾ ☼ ☾
♈	March.	31 10	10 ☼ ☾ ☼ ☾ ☼ ☾
♈	April.	30 10	10 ☼ ☾ ☼ ☾ ☼ ☾



SWAN 1698.		
The Common notes and Moveable Feasts for the years		
1698.	6	1699.
	6	The Golden Number: 7
	8	The Dominical letter: A
	15	The Epact: 11
Fehr.	21	The cycle of the Sun: 10
April	11	Sirivinday: 13
May	20	Baiter day: 14
May	30	Ascension day: 15
Novemb. 25.		Whit Sunday: 16
		Adventuancy: 17
		Fehr. April: 18
		May: 19
		May: 11
		May: 22
		Novemb. 27

The dominion of the Moon in mans body, passing
under the twelve signs of the Zodiac.

ARI TES
TAURUS GEMINI
CANCER LEO
VIRGO LIBRA
SCORPIO SAGI
CAPRICORN AQUA
PES CECS

[illegible]

The Anatomy of Mans Body, as the parts thereof are governed by the 12. Celestiall Signes.

Adieu, HEAD AND FACE.

Taurus, Head and Face, Cancer, Stomach, and ribs, Virgo, of the belly, Scorpio, of the members, Capricorn, of the knees.

Gemini, Neck and Shoulders, Leo, Back and Neck, Libra, Arms and Shoulders, Sagittarius, of the thighs, Aquarius, of the legs.

Feet.

With these Aries rules the Head and Face, In Taurus and Capricorn too Taurus challenge place : To the Gemini's, the generous Scorpions and Virgo, The Well and Humane Cancer the commands, To Leo and both the Backs and the Arms, To Gemini and Virgo they are the Arms and the Feet, In Libra and Sagittarius to Libras Liberty, And Scorpio rules the Members and Shoulders, The Right and the Left in Sagittarius long, With both the Feet to Capricorn belong : Aquarius makes the Legs much more active, Pisces rules the Feet from the Feet to the Feet.

January haec XXXII. daies					
Warne meates and clothes this month are good, Take heed of Batthes and letting blood.					
1 Day Sun fifeth at 8 and 1 min. lets at 3 and 59 min.					
17 Day Sun fifeth at 7 and 43 min. lets at 4 and 17 min.					
1	New years da.	1	Belly	7	46
2	St. Stephens	2	Secrets	8	2
3	St. Vincent	3	Secrets	9	10
4	St. Inno.	4	Bladder,	10	20
5	Edwards	5	Colleges	11	45
6	I wele da.	6	Colleges	12	45
7	St. Jan.	7	Secrets	13	15
8	Lucian	8	Secrets	14	25
9	Topce	9	Secrets	15	15
10	St. Agn.	10	Secrets	16	25
11	St. Agn.	11	Secrets	17	25
12	St. Agn.	12	Secrets	18	25
13	St. Agn.	13	Secrets	19	25
14	St. Agn.	14	Secrets	20	25
15	St. Agn.	15	Secrets	21	25
16	St. Agn.	16	Secrets	22	25
17	St. Agn.	17	Secrets	23	25
18	St. Agn.	18	Secrets	24	25
19	St. Agn.	19	Secrets	25	25
20	St. Agn.	20	Secrets	26	25
21	St. Agn.	21	Secrets	27	25
22	St. Agn.	22	Secrets	28	25
23	St. Agn.	23	Secrets	29	25
24	St. Agn.	24	Secrets	30	25
25	St. Agn.	25	Secrets	31	25
26	St. Agn.	26	Secrets	32	25
27	St. Agn.	27	Secrets	33	25
28	St. Agn.	28	Secrets	34	25
29	St. Agn.	29	Secrets	35	25
30	St. Agn.	30	Secrets	36	25
31	St. Agn.	31	Secrets	37	25

Os almanaques ingleses do século XVII eram muito semelhantes entre si, mantendo a mesma estrutura, apresentando informações semelhantes e reproduzindo até mesmo algumas figuras. Acima são apresentadas algumas páginas dos almanaques de John Neve para 1646 (1), John Swallow para 1654 (2), John Swan para 1658 (3) e John White para 1643 (4).

ASTROLOGASTER,
OR,
THE FIGVRE-CASTER.

Rather the Arraignment of Artlesse Astrologers, and Fortune-tellers,
that cheat many ignorant people vnder the pretence of foretelling things to
come, of telling things that are past, finding out things that are lost, &c.
pounding Dreames, calculating Deaths and Nativities,
once againe brought to the Barre,
By Iohn Melton.
Cicero. *Stultorum plena sunt omnia.*



Imprinted at London by Barnard Alsop, for Edward Blackmore, and are
to be sold in Fables Churchyard, at the Signe of the
Blazing-Starre. 1620.

THE
STARR-PROPHET
ANATOMIZ'D & DISSECTED:
OR,
JUDICIAL ASTROLOGIE,
AND THE
ASTRO-MANCERS,

With their Mago-Romantical, Mago-Physical, and
Mago-Diaboliſcal Divinations of the future Events of Secular
Affairs, exploded by the ſacred Scripture and force of Reaſon,
though admir'd by their (ſuperſtitioſly bewitch'd) Quærents,
as the Oracles of Fate, Privy-Councellors of the Starrs, and
Secretaries of Divinitie.

Together with a plain denudation and deteſtion of
Some of thoſe ſophiſtifying Fallacies, and equivocating Ambiguities,
which the Fortune-tellers, (like unto their Father, the Devil of *Delphos*) impoſe
(as their Answer and certain Judgment) upon their Conſulters. Perſpicuouſly
evincing, as well the Idolatrous impiety, vanity, and falſity of *Natalitial*
Prognofications, and of their *Wizardly* Fore-deemings, upon the Decum-
biture of the Sick; as the Superſtitious prophaneneſs, and abomination of
both; viz. of the *Wizards*, and their credulous Conſulters.

*Tollitur quod maximè inter Deos atque homines differt, ſi homines quoque res omnes
ſuſtinas præſentent.* Favorinus.
Vide, *Dem.* 18. 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15. *Iſa.* 44. 25. 2 *Kings* 1. 2, 3, 4, 16, 17.

By J. S. a Lover of all laudable Arts and Sciences.



London, Printed for M. D. Anno Domini, 1675.

Ao longo do século XVII foram publicadas diversas obras que ridicularizavam a astrologia. Elas apresentavam de forma exagerada e grotesca as falhas e dificuldades da astrologia, apresentando também uma visão totalmente negativa dos astrólogos. Algumas dessas obras eram anônimas. (MELTON, John, Sir. *Astrologaster, or, The figure-caster*. London: By Barnard Alsop, for Edward Blackmore, 1620; [ANÔNIMO]. *The starr-prophet anatomiz'd & dissected: or, Judicial astrologie, and the astro-mancers with their mago-romantical, mago-physical, and mago-diaboliſcal divinations of the future events of secular affairs, exploded by the sacred scripture and force of reason, though admir'd by their (superstitiously bewitch'd) quærents, as the oracles of fate, privy-councellors of the starrs, and secretaries of divinitie*. By J. S. a lover of all laudable arts and sciences. London: printed for M.D., 1675; YONGE, James. *Sidrophel vapulans, or, The quack-astrologer toss'd in a blanket by the author of Medicaster medicatus*. London: printed and sold by John Nutt ..., 1699)

SIDROPHEL VAPULANS:

OR, THE

Quack-Astrologer

Toss'd in a

BLANKET.

By the AUTHOR of

Medicaster Medicatus.

In an Epistle to W---m S-----.

With a *Postscript*, Reflecting briefly on his late Scur-
rilous Libel against the Royal College of Physicians,
Entitled, *A Rebuke to the Authors of a Blue Book*. By
the same Hand.

*Astrologi / Genua hominum potentibus infidum, sperantibus fallax, Tacit, Hist.
lib. 1.*

By these Fables Astrologers Live, Cheat, and Get Money. Indeed no Gene-
ration of Men are more Pernicious to a Commonwealth, C. Agrippa.

There are more Empirical Impostors, more Idiots, Illiterate Cheats, pretend-
ing to Astrology in this your Royal City, than of any other sort, not
only Seducing, but Ruining many of your Majesty's poor Subjects. Dr.
Ramſey's Ded. of his Tract. de Ven. 1661.

L O N D O N,

Printed and Sold by John Nutt, near Stationers-
Hall, 1699.

Não era usual trabalharem em grupo, embora houvesse certo interesse comum aos astrólogos do século XVII: estavam convictos de que a astrologia proporcionava certa capacidade de prever acontecimentos. Consideravam que estudos sistemáticos de eventos astrológicos importantes, como as conjunções, podiam gerar correlações importantes e, assim, tornar possível prever a ocorrência e a duração de incêndios e pestes por exemplo.

Curiosamente, no entanto, ao mesmo tempo em que se popularizava e atingia certo grau de organização, a astrologia começava a perder prestígio no meio acadêmico. Bastante emblemática desta situação foi a inserção, na crítica de John Melton (?-1640) à astrologia, de dois pequenos poemas de apoio ao autor, *sugestivamente* escritos por membros de Cambridge e Oxford (MELTON, *The astrologaster*, pp. [iv-v]).

Em contraposição, na mesma obra os astrólogos foram descritos como ignorantes, e quem os consultava era motivo de riso (MELTON, *The astrologaster*, pp. 18 e 56).

1.4 ASTRÓLOGOS INGLESES NO SÉCULO XVII

A astrologia englobava algumas áreas principais. Havia previsões gerais sobre clima, agricultura, mortalidade, epidemias, guerras, etc., com base nos movimentos dos céus e eventos como eclipses e conjunções de planetas.

Havia também previsões particulares como as realizadas a partir do mapa do céu no momento do nascimento de uma pessoa. Essas podiam ser reforçadas por cálculos realizados anualmente no intuito de mostrar as perspectivas do indivíduo.

Os astrólogos também eram comumente requisitados para dizer qual o momento mais apropriado para efetuar determinada ação. Essas variavam de atividades rotineiras, como banhos, corte de unhas e cabelos, até a escolha de dias mais favoráveis para casar, viajar ou realizar transações comerciais. Essa era a “astrologia de eleição”. Supunha-se também que o astrólogo era capaz de responder a questões propostas, levando em conta as condições celestes no exato momento da pergunta. Essa era uma outra área da astrologia, a chamada “astrologia horária”.

Havia praticantes da astrologia em diversos pontos do país. Pode-se dizer, no entanto, que, em meados do século XVII, na Inglaterra, a elite dessa profissão era

formada por cerca de vinte profissionais que escreviam sobre astrologia e desfrutavam de grande clientela em Londres (ver CURRY, *Prophecy and power*, capítulo 2).

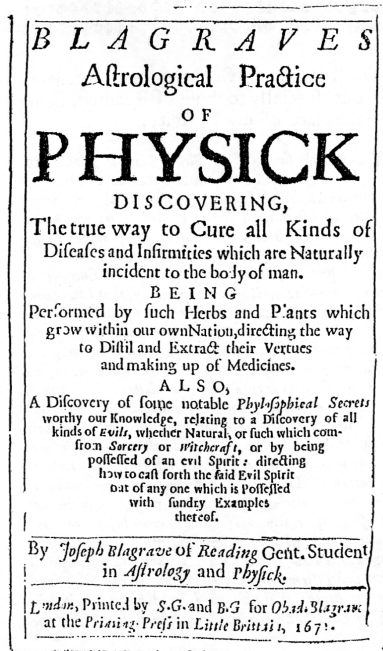
Dentre os astrólogos de cujas atividades têm-se melhores registros destaca-se o nome de William Lilly. Líder reconhecido de sua profissão na época, ele exerceu forte influência política, manteve vasta legião de admiradores e recebeu estudantes e clientes de lugares tão distantes quanto Nápoles, Madri e Barbados (ver, por exemplo, PARKER, *Familiar to all: William Lilly and astrology in the seventeenth century*).

Lilly foi autor de muitas obras (ver a **bibliografia** desta tese), e seus livros de registros ilustram a prática de consultas que chegavam a duas mil por ano. Atendia desde empregadas domésticas, marinheiros, e outros membros das camadas menos privilegiadas até nobres e pessoas de destacada posição social. Seus registros demonstram alguns dos principais tipos de casos com os quais os astrólogos lidavam: recuperação de coisas perdidas, palpites sobre jogos, desaparecimento de pessoas e de navios, conselhos sobre dias apropriados para viagens, escolha de carreira, pedidos para antecipação de resultados de ações legais, indagações sobre a expectativa de vida de parentes próximos, questões amorosas e até mesmo políticas e militares (THOMAS, *Religion and the decline of magic*, pp. 306-10).

Outra área de atuação do astrólogo era a medicina. As enfermidades podiam ser tratadas como questões horárias. O cliente podia, por exemplo, trazer uma amostra de urina e o parecer do astrólogo dependia do momento em que o líquido fora vertido ou chegara ao consultório.

A autobiografia de William Lilly mostra o astrólogo em contato direto com a praga que se abatia sobre Londres, em 1665, pois sua casa era freqüentada por pobres em busca de medicamentos ministrados a partir da análise da urina. Como narra Elias Ashmole (1617-1692)³, no trecho final da biografia escrito após a morte de Lilly, o astrólogo, ainda em 1665, retirou-se para Hershams, onde começou a estudar intensamente medicina. Conseguiu obter uma licença formal para praticar medicina em 1670. Atendia doentes pobres sem cobrar nada e, tornou-se, por esse motivo, bastante

³ Amigo de Lilly e membro da *Royal Society* na época.



**THE ENGLISH
PHYSICIAN
OR AN
Astrologo-physical Discourse of
the vulgar Herbs of this
NATION.**

Being a compleat Method of Physick,
whereby a man may preserve his Body in
health; or cure himself, being sick, for
three pence charge, with such things one-
ly as grow in *England*, they being most fit
for English Bodies.

- Herbs is also found,*
1. The way of making Distillers, Ointments, Oyls,
Pulvisses, Symps, Decoctions, Sulps, or Waters of
all sorts of Physical Herbs, that you may have them
ready for your use at all times in the year.
2. What Planet governeth every Tree or Tree
sued in Physick, that groweth in *England*.
3. The Time of gathering all Herbs, but vul-
tarily, and astrologically.
4. The way of drying and keeping the Herbs
all the year.
5. The way of keeping the Juices ready for use
all times.
6. The way of making and keeping all kinde of
small Compounds made of Herbs.
7. The way of mixing Medicines according to
Cause and Mixture of the Disease, and Part of
the Body afflicted.

By N. Culpeper, Student in Physick and Astrology.

L O N D O N,
Printed for the benefit of the Common-
wealth of *England*. 1652.



Semeiotica Urinica:
OR, AN
**ASTROLOGICAL
JUDGEMENT
OF
DISEASES**
From the Decumbiture of the sick
much Enlarged.

1. From Aven Ezra by way of Introduction.
2. From Noel Duret by way of Direction.

Wherein is laid down,
The way and manner of finding out the
Cause, Change, and End of the disease. Also
whether the sick be likely to live or die; and the time
when Recovery or Death is to be expected.

With the Signs of Life or Death by the body of the Sick
partly, according to the judgment of Hippocrates.

Whereunto is added,
Table of Logistical Logarithmes, to find the exact
time of the Crisis *Hermetica Trismegista* upon the first De-
cumbiture of the sick: shewing the signs & conjectures
of the disease, and of life and death, by the good or evil
position of the Moon at the time of the Patients lying
down, or demanding the question: Infallible signs to
know of what complexion any person is whatsoever:
With a compendious Treatise of Urine.

By NICHOLAS CULPEPER Gent.
Student in Physick and Astrology.

Disce, sed ira cadat naso, rugosaque fannat. Persius.

London, Printed for Nath. Brookes at the Gol-
den Angel on Cornhill, near the Exchange, 1658.

Três obras inglesas sobre astrologia médica, muito populares, do século XVII: *Astrological practice of Physick*, de Joseph Blagrove (1671); *The English physician* de Nicholas Culpeper (1652); e *Semeiotica Uranica, or an astrological judgement of diseases* (1658), do mesmo autor.

estimado pela população local (LILLY, *The life of those eminent antiquaries*, pp. 139, 156).

A astrologia tinha na época importante função social, e, pode-se dizer que pelo menos até o final do século XVII uma parcela significativa do público inglês a via com muita seriedade. Almanques e prognósticos eram sucessos de venda e os consultórios dos astrólogos atraíam grande número de pessoas. A concepção de uma influência dos corpos celestes sobre a vida da Terra fazia parte do imaginário da época. Em contraposição, era longa a tradição de questionamentos acerca da astrologia.

1.5 ATITUDES EM RELAÇÃO À ASTROLOGIA

Num dos mais recentes trabalhos sobre a astrologia antiga, a historiadora Tamsyn Barton comenta que *astronomia* e *astrologia* eram palavras usadas até o século XVII mais ou menos indiscriminadamente. Segundo o historiador Patrick Curry, a distinção entre astrólogos e astrônomos é moderna e anacrônica para o século XVII. Esta distinção estava ainda em processo de negociação, sendo mais um assunto de controvérsia do que de consenso (BARTON, *Ancient astrology*, p. 5; CURRY, *Prophecy and power*, pp. 31-2).

Não é incomum sugerir-se a inexistência em épocas anteriores ao estabelecimento da ciência moderna de uma diferenciação entre astronomia e astrologia. A situação, no entanto, talvez não possa ser expressa de modo generalizado.

No século XVII, de fato, alguns autores usavam os termos astrologia e astronomia indiscriminadamente, mas outros faziam claras distinções entre esses. É interessante notarmos, aliás, que a questão da terminologia é tão complexa, que aquilo que muitos autores chamavam de “astronomia” ou “astrologia” não parece ser o que atualmente entendemos por essas palavras. O caso de Cornelius Agrippa (1486?-1535) ilustra bem a questão.

Agrippa, autor germânico do século XVI, dividia o que chamava de “astrologia” em duas partes. A “astronomia” ou simplesmente “astrologia” era o estudo dos movimentos e características físicas dos corpos celestes. A essa “astronomia” ou “astrologia”, contrapunha a “astrologia judicial”, que englobaria previsões particulares para seres humanos, como o estudo das natividades e as questões horárias, e também

previsões para ocorrências gerais através das “revoluções dos anos do mundo” (AGRIPPA, *The vanity of arts and sciences*, pp. 82-88).

Pode-se dizer que alguns autores costumavam diferenciar astronomia de astrologia, utilizando exatamente esses nomes, enquanto outros não. Em alguns trabalhos aliás, nota-se que isso aparece como um item para o qual se chama a atenção.

Ao expressar seu posicionamento desfavorável à astrologia o reformista Martinho Lutero (1483-1546) procurou diferenciá-la da astronomia, esta sim aceitável:

Eu aplaudo [...] *Astronomiam & Mathematicam*, que consistem em demonstrações, ou em provas certas, quanto à Astrologia, não aceito nada que venha dela (LUTERO, *Dris Martini Lutheri colloquia*, p. 503).

Para Lutero, enquanto a astronomia era um conhecimento válido, a astrologia era incerta e não passava de uma tradição humana (LUTERO, *Dris Martini Lutheri colloquia*, p. 505).

Ainda no século XVI, Jean Porthaise contrapunha uma astrologia verdadeira, geral, a uma astrologia falsa, particular:

[...] a verdadeira astrologia contempla as naturezas, grandezas, [...], elevação, recolhimento, movimentos, conjunções, aspectos & influências físicas dos Corpos celestes, das quais ela advinha as mutações do ar & do tempo & daquilo que delas dependem totalmente, como chuva, calor, esterilidade & doença, em geral. Mas não em particular a morte ou a doença, ou desastre desse aqui, nem a guerra ou a paz neste país aí. A falsa e impiedosa astrologia trata das sortes & destinos fatais de cada uma das coisas pela tirania dos astros, como se eles predissessem assegudadamente & evidentemente o sucesso de todas as coisas (PORTHAISE, *De la vraie et faulse astrologie*, p. 165).

No início do século XVII, o filósofo Francis Bacon (1561-1626) procurou diferenciar a astronomia da astrologia. Ao contrário de Lutero, considerava que ambas não eram desprezíveis, mas necessitavam muito de modificações (ver **capítulo 7** desta tese).

O religioso John Chamber (1546-1604) e o filósofo Pierre Gassendi (1592-1655) são exemplos de autores que ao comentar o assunto procuraram diferenciar a “elogiável” astronomia da “criticável” astrologia (ver CHAMBER, *A treatise against iudiciall astrologie*; GASSENDI, *The vanity of judiciary astrology*, pp. 1-3).

John Chamber procurou contrapor a astrologia à astronomia:

[...] qual é a diferença entre a Astronomia e a Astrologia pode ficar claro por Cassiodorus [...] As palavras dele são essas. Astronomia é uma arte que considera o curso e figuras das estrelas e seus aspectos mútuos tanto entre elas quanto em relação à terra. [...]. Mas quando os homens erroneamente se dedicaram à Astrologia, pensando em deduzir as vidas dos homens do curso das estrelas, então eles são abomináveis e cegos, tomando-as para prever aquelas coisas que o nosso criador por boa causa quis nos ocultar (CHAMBER, , *A treatise against iudiciall astrologie*, pp. 7-8).

Chamber escreveu como se na sua época houvesse uma clara diferenciação entre essas palavras, enquanto no passado astrologia e astronomia seriam usadas indiferentemente (CHAMBER, *A treatise against iudiciall astrologie*, pp. 79-81).

Notamos, no entanto, que não a astrologia, mas *a astronomia*, segundo Chamber, podia ser usada para prever fenômenos naturais como “mudanças no ar, escassez, [...], pragas, aridez e coisas semelhantes” (CHAMBER, *A treatise against iudiciall astrologie*, p. 80). A astrologia, por sua vez, era a que previa indevidamente as ações dos homens.

John Melton, por sua vez, definiu a astronomia como o estudo do movimento dos corpos superiores, e dizia, em contraposição, não ter encontrado nenhuma definição razoável do que seria a astrologia. Propôs, então, “uma nova e verdadeira descrição da Astrologia”. Essa, em termos pejorativos, seria uma arte que se dedicava a enganar os humildes (ver MELTON, *The Astrologaster*).

Deixando de lado os debates acerca da terminologia, e usando o termo “astrologia” no sentido definido na **seção 1.4**, podemos dizer que no início do século XVI, muitos eram céticos em relação a certos detalhes particulares dessa astrologia.

A existência de influências astrológicas fazia parte da concepção de mundo, mas isso não significava exatamente aceitar a possibilidade de estudo dessas influências, e menos ainda a capacidade de fazer previsões para o futuro. Variações à parte, não é incorreto dizer que a astrologia já era desde os seus primórdios alvo de muitas críticas.

Criticava-se, principalmente, a possibilidade de fazer previsões definidas sobre o *comportamento* de seres humanos. Geralmente não se questionava a influência dos céus

sobre o clima ou mesmo a *compleição* humana. Pode-se notar que antes do século XVII, o ceticismo total em relação à astrologia era algo raro.

Levando-se em conta a complexidade da tarefa da qual se encarregavam os astrólogos, pode-se compreender o porquê do intenso desacordo entre eles no tocante às previsões.

Não era fácil compor um mapa astrológico. Os cálculos astronômicos eram complexos, e muitas vezes o registro de tempo impreciso. Certas regras pareciam ser vistas com algum consenso, mas geralmente os astrólogos tinham seus próprios métodos para interpretar os mapas. Diferentes profissionais podiam responder de modos distintos a uma mesma pergunta. Além disso, o horóscopo do cliente deveria ser comparado ao do país no qual vivia e aos das pessoas de seu convívio.

Se em boa parte as previsões astrológicas não eram confirmadas na prática, como explicar o fato de que tantas pessoas continuavam a acreditar nelas?

Deve-se notar que os astrólogos considerados mais respeitáveis, não prometiam a infalibilidade das previsões, mas diziam indicar uma tendência. Os almanaques eram formulados em vocabulário de certo modo ambíguo e em tom condicional. O que quer que acontecesse, era difícil dizer que estavam errados. Em alguns casos, justificativas para falhas baseavam-se numa intervenção divina imprevisível e em alegações de que o almanaque teria sido censurado.⁴ Algumas vezes admitia-se um engano: o relógio do astrólogo poderia estar atrasado, o mensageiro portador da indagação poderia ter sofrido algum percalço e se atrasado, o cliente também poderia ter omitido algum detalhe relevante. Para explicar previsões falhas argumentava-se que o horóscopo do indivíduo poderia ter sido sobrepujado pelo do país em que vivia. Alegava-se, ainda, que nenhuma ciência humana era perfeita: a astrologia não era pior do que a medicina.

Embora possa nos parecer que tais argumentos eram subterfúgios, não há razão para acreditar que Lilly e os outros não estavam sendo sinceros, ou para pensar que o público rejeitava suas explicações. Deve-se observar, ainda, que não se podia dizer se o aconselhamento do astrólogo para realizar uma ação num certo horário teria dado certo

⁴ Essa era uma queixa frequente nos escritos do astrólogo William Lilly (ver **capítulo 2** desta tese).

ou não, por ser impossível dizer o que ocorreria caso o conselho não tivesse sido seguido. Neste caso, o resultado poderia ser ainda pior.

Os astrólogos contavam, ainda, com o fato de que boa parte de suas previsões se concretizavam exatamente por terem sido previstas. A simples menção de determinado resultado fazia com que as pessoas acabassem agindo no sentido de produzi-lo. Portanto, previsões políticas deveriam ser tratadas com seriedade pelos governantes.

Durante a Guerra Civil, a capacidade efetiva de motivação das previsões políticas foi explorada. A astrologia serviu como “propaganda de guerra” a ambos os lados do conflito. A existência de influências astrológicas era um aspecto do mundo aceito por quase todos, inclusive pela maior parte dos pobres soldados que se amontoavam nos campos de batalha. Promessas de vitória eram o encorajamento de que muitos precisavam, e os astrólogos sabiam disso (ver **capítulo 2** desta tese).

Nos seus almanaques anuais e outras obras publicadas em ritmo quase que frenético, astrólogos como George Wharton, William Lilly e John Booker apresentavam prognósticos sobre questões políticas, sociais e religiosas. Os astrólogos, estivessem eles a favor do Rei ou do Parlamento, tinham consciência do poder da “arma de propaganda” em suas mãos. As previsões apontavam datas e locais em que um lado ou outro do conflito seria vitorioso.

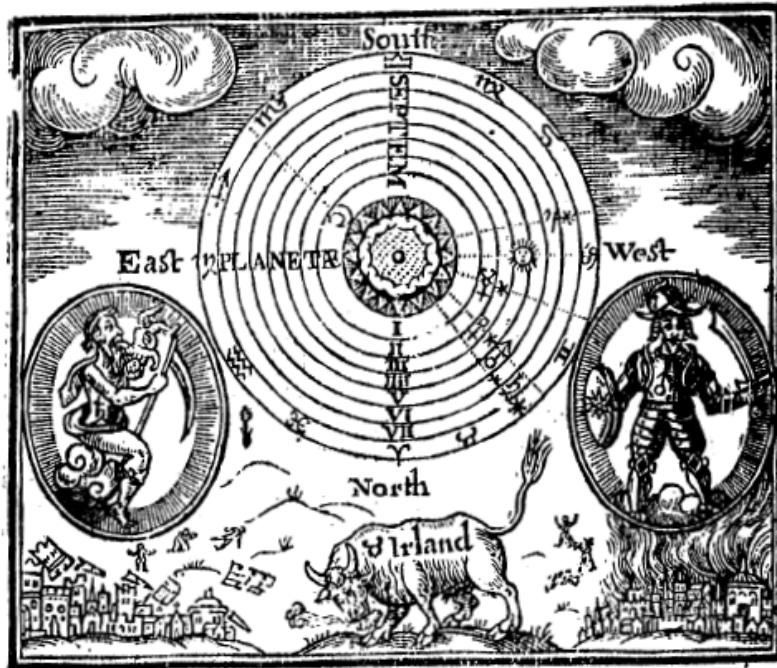
Wharton (1617-81) estava engajado a favor do rei Charles I e seus partidários. Já Lilly e Booker (1603-1667) eram defensores da causa do Parlamento. Curiosamente, os prognósticos astrológicos apresentados nos escritos desses autores pareciam refletir bastante diretamente tais posicionamentos...

1.6 O “DECLÍNIO” DA ASTROLOGIA

Embora desempenhasse tantas funções úteis, a astrologia parece ter perdido prestígio no meio intelectual durante o século XVII. Como mostra a historiadora Ann Geneva, William Lilly tinha muitos admiradores em Cambridge. Mas, ao contrário de períodos anteriores, como o século XVI, nos quais pessoas importantes da ciência praticavam ou acreditavam na astrologia, já em meados do século XVII a situação era diferente. A maior parte dos que escreviam almanaques não tinha formação universitária.

A BLOODY IRISH ALMANACK.

OR,
Rebellious and Bloody IRELAND, Discovered in some Notes Extracted
out of an ALMANACK, Printed at *Waterford* in IRELAND
For this Yeare 1646.



Whereunto are annexed some Astrologicall Observations upon a Con-
junction of the two Malignant Planets SATVRNE and MARS in
the midle of the Signe TAVRVS the Horoscope of IRELAND;
Upon Friday the 12. of Juue this Yeare 1646. with memorable
Praedictions and Occurrences therein.

By JOHN BOOKER.

*InenarranDV's DeVa est operibVs sVIs,
qVI transfert regna atqV'e cXCIDIt ea.* 1646.

Printed at *London* for JOHN PARTRIDGE, 1646.

Algumas obras astrológicas publicadas durante a Guerra Civil inglesa, como este almanaque de John Booker, tratavam de temas políticos. Outros evitavam tal tipo de temática. (BOOKER, John. *A bloody Irish almanack, or, Rebellious and bloody Ireland, discovered in some notes extracted out of an almanack, printed at Waterford in Ireland for this year 1646. Whereunto are annexed some astrologicall observations upon a conjunction of the two malignant planets Saturne and Mars in the midle of the signe Taurus the horoscope of Ireland, upon Friday the 12. of Juue [sic] this year 1646. with memorable praedictions and occurrences therein.* By John Booker. Printed at London: for John Partridge, 1646).

Dee frequentou Cambridge, enquanto Lilly e seus contemporâneos astrólogos como John Booker e John Gadbury tinham todos trabalhado como serventes ou aprendizes antes de deslancharem suas carreiras astrológicas. Somente o astrólogo realista George Wharton foi educado em universidade [Oxford] (GENEVA, *Propheticall Merline Decoded*, pp. 28-9).

Tal como John Dee, durante o século XVI e início do XVII, boa parte dos que escreviam sobre astrologia tinha formação acadêmica. Em contraposição, os autores da astrologia da segunda metade do século XVII em diante eram em sua maior parte de origem humilde. E isso parecia estar no rol das críticas pessoais dirigidas aos astrólogos. Escritos de William Lilly, por exemplo, sugerem que a falta de formação acadêmica tornava-o mais vulnerável.

O astrólogo chegou a comentar explicitamente que seu trabalho poderia não ser bem recebido por ele não pertencer às universidades. Seus comentários, de fato, sugeriam que não só ele, mas a própria astrologia não provinha na época do meio acadêmico, já que a própria maneira de escrevê-la diferia das produções das universidades (LILLY, *Englands Propheticall Merline*, To the Reader).

Pela atitude defensiva, índice de existência de problemas de aceitação, Lilly parecia, deliberadamente, insistir em mostrar que pessoas importantes e esclarecidas, contanto que não impregnadas por preconceitos religiosos, davam crédito à astrologia. Assim, mencionou duas atitudes bastante diferentes: de um professor de astronomia do Gresham-College de Londres, e de Lord Napier, que se tornou famoso pelos logaritmos. O primeiro Lilly descreveu como o mais satírico crítico da astrologia e atribuiu esta posição a um severo presbiterianismo. Já o segundo, seria, segundo ele, um amante da astrologia (LILLY, *The life of those eminent antiquaries*, pp. 154-5).

Algo sem dúvida teria ocorrido com a astrologia. Falar, no entanto, em *declínio da astrologia* pode ser complicado porque entre a população comum de modo geral um processo desse tipo não parece ter ocorrido. Pode-se dizer ao menos que as previsões continuaram a ter tanto crédito quanto em outras épocas. Então, usar essa expressão pode significar a contemplação da situação da astrologia do ponto de vista das camadas sociais dominantes.

Se definir esse processo de perda de prestígio intelectual é difícil, tentar explicá-lo parece ainda mais complicado.

Eram recentes várias descobertas astronômicas importantes e essas continuaram a ser realizadas durante o século XVII. A suposição de que o céu era imutável, o que garantia a possibilidade de prever sua influência, parecia derrubada pela aparição de cometas e estrelas nunca antes observados. Os cometas, segundo Tycho Brahe, estavam distantes, acima e não embaixo da Lua. Assim, dizer que eles podiam chamejar a Terra e provocar secas poderia ser estranho. Galileu havia notado manchas no Sol e observado quatro satélites de Júpiter. Corpos terrestres e celestiais se pareciam cada vez mais. Mostrou-se que os céus não eram perfeitos e imutáveis.

Nessa época também começaram a ser aceitas com mais intensidade as idéias de Copérnico. O sistema copernicano no final do século XVII já era bastante aceito pelos ingleses, se comparado à desconfiança e debates que se produziram no início. Com a substituição do sistema ptolomaico pelo copernicano, o universo centrado na Terra deixava de existir. A Terra era apenas mais um planeta como outro qualquer, sujeitando-se às mesmas leis de movimento. Assim sendo, como sustentar que havia uma influência unilateral exercida sobre a Terra pelos planetas e pelas estrelas, se a antiga subordinação da Terra aos céus havia desaparecido?

Em princípio parecia que isso poderia ter feito o prestígio da astrologia desmoronar entre o público erudito. No século XVII, portanto, o contexto histórico no qual a astrologia inglesa se desenvolvia era formado por ingredientes que poderiam, e muito, *em princípio*, colaborar para que ela fosse ainda mais questionada.

Esta pesquisa propôs investigar justamente essa situação peculiar da astrologia no contexto científico, filosófico, cultural e religioso da Inglaterra do século XVII. Uma nova realidade se mostrava à astrologia: popularização e, ao mesmo tempo, perda de prestígio no mundo intelectual. Analisar este processo constitui o objetivo principal desta tese.

1.7 OS OBJETIVOS DESTA PESQUISA

Até recentemente, um estudo historiográfico ou epistemológico sobre a astrologia seria considerado absurdo, pois predominava uma historiografia “whig” que

rejeitava um estudo mais detalhado daquilo que a ciência rejeitou. No entanto, nas últimas décadas a abordagem do passado mudou, voltando seu olhar não apenas para aquilo que se considera como “científico” sob o ponto de vista atual, mas passando a contemplar tudo aquilo que foi proposto ou considerado, em alguma época, como científico.

O fato de a abordagem do passado ter mudado apenas recentemente reflete-se no fato de que há pouquíssimos estudos publicados sobre a astrologia. Nota-se que além da astrologia no século XVII ter recebido pouca atenção, a obra de William Lilly, tido como o mais influente astrólogo do período, foi pouco estudada.⁵

Acreditamos que não seja interessante tentar discutir a partir de estudos anacrônicos se a astrologia é válida ou não como ciência. Deve-se preferivelmente adotar uma postura compatível com o contexto da época. Havia a crença bastante generalizada na existência de influências celestes. E a astrologia *parecia* entrar em colapso frente às novas descobertas astronômicas.

Interessa-nos, assim, estudar como reagiram astrólogos e astrônomos frente a possíveis implicações dessas novas descobertas e idéias. Os astrólogos não as aceitavam e argumentavam contra essas? Ou simplesmente não achavam que elas geravam abalo nos alicerces da astrologia? Será que eles ignoraram estas discussões? Por outro lado, houve por parte dos astrólogos tentativas de conciliar a astrologia a essas descobertas e idéias astronômicas? Produziram-se tentativas de reforma na astrologia devido a essa “nova astronomia”? Como processaram os debates sobre sua validade no meio acadêmico e a argumentação daqueles que a defendiam ou atacavam?

Sabe-se que em suas origens a *Royal Society* tinha entre seus membros astrólogos, simpatizantes da astrologia, ou mesmo astrônomos que escreviam sobre astrologia. Na década de 1650, Lilly afirmava ter muitos admiradores em Cambridge e Oxford, e o *quaker* Henry Clark denunciava as duas universidades por produzir tantos astrólogos para enganar o povo. Mas em 1659, John Gadbury lamentava que “vossos calouros e sofistas principiantes em Oxford e Cambridge [...] proclamam em altos

⁵ Ann Geneva produziu o único trabalho acadêmico detalhado de que temos notícia sobre os escritos de Lilly. Deu ênfase em sua pesquisa à análise do *Merlinus Anglicus Junior*, publicado em 1644.

brados que *astrologia non est scientia*” (THOMAS, *Religion and the decline of magic*, p. 292).

Embora, o tema tenha sempre gerado discussões, só em fins do século XVII o pensamento astrológico passou a ser visto com hostilidade por esses grupos. Assim sendo, várias indagações são pertinentes. Como agiam os astrônomos que acreditavam na astrologia apesar de talvez suas próprias descobertas a estarem solapando? Tentaram definir de algum modo a natureza da força astrológica que emanava das estrelas? Os astrônomos deixaram de produzir contribuições para a astrologia? Com base nessas novas descobertas, como aqueles que eram hostis à astrologia procuraram atacá-la? Tentou-se fazer uma refutação da astrologia com base nos novos princípios? Como tentaram por fim às pretensões astrológicas? Que outros tipos de argumentos eram usados contra a astrologia na época?

O século XVII foi, de fato, um período de grande efervescência intelectual. A *Royal Society* foi fundada oficialmente em 1660, ano da Restauração de Charles II. Num trabalho corporativo, essa instituição pretendia, com base nas idéias do filósofo Francis Bacon, estabelecer um corpo de conhecimento “verdadeiro” e livre de controvérsias, que resultaria de um conjunto de procedimentos baseados no método experimental (ver **capítulo 9** desta tese). O curioso processo de perda de prestígio da astrologia no meio intelectual parece ter coincidido com o estabelecimento e fundação da *Royal Society*.

Pode-se perguntar, portanto, como os astrólogos se posicionaram em relação às exigências da *Royal Society*? Tentaram argumentar que a astrologia se adequava ao programa baconiano adotado pela instituição ou procuraram reformá-la para ela se adaptasse a esta nova realidade? Qual era o posicionamento da *Royal Society* especificamente em relação à astrologia judicial? E em relação à medicina astrológica? Consideravam que a astrologia se adaptava ao programa baconiano? Se o argumento de que a astrologia não se adaptava ao programa baconiano era utilizado pelos que a atacavam, pode-se dizer que eles estavam realmente se baseando nas idéias de Bacon ou numa interpretação própria a respeito dessas idéias? Bacon teria se posicionado explicitamente contra a astrologia? Se houve tentativas de reformas na astrologia para

adequá-la às exigências da *Royal Society*, como essas iniciativas foram recebidas pelos membros desta instituição? E pelos astrólogos? Quem tentou reformar a astrologia: os próprios astrólogos ou os astrônomos que nutriam simpatia pela astrologia? Havia, ainda, alguma diferença metodológica que pudesse sugerir que os estudos astrológicos não obedeciam ao padrão de cientificidade da época? Se em meados do século XVII a astrologia ainda encontrava oponentes e simpatizantes na *Royal Society* e nas universidades inglesas, por que a situação parece ter piorado à medida que o fim do século se aproximou? Foi realmente consolidada uma posição de hostilidade em relação à astrologia no meio intelectual?

O possível impacto das novas descobertas astronômicas também pode ser estudado no que tange à medicina astrológica. Neste caso, vale a pena notar que eram comuns os ataques à astrologia judicial, devido principalmente a questionamentos da possibilidade de se prever o futuro dos homens através do estudo da posição dos astros (ver ALLEN, *The star-crossed Renaissance*, capítulo III). Por outro lado, não se discutia a suposição de que as estrelas tinham alguma influência na vida humana e, portanto, não eram freqüentes as críticas à medicina astrológica (ver THORNDIKE, *A history of magic and experimental science*, vol. VII, capítulo 5).

Entretanto, se houve abalo aos alicerces da astrologia provocado pela astronomia, este pode ter atingido tanto a astrologia judicial quanto a médica, pois ambas perderam prestígio no final do século XVII. Assim, as mesmas indagações feitas a respeito da reação dos astrólogos judiciais podem ser estendidas àqueles que praticavam a medicina astrológica.

1.8 O DESENVOLVIMENTO DESTA PESQUISA

William Lilly foi um personagem central do período devido à sua influência tanto política quanto entre seus colegas de profissão. Foi um dos primeiros a propor a publicação de obras astrológicas em inglês. Sua extensa obra, que cobre toda a segunda metade do século XVII, assim como a autobiografia deixada pelo astrólogo, ilustra bem o contexto da astrologia na época.

Nesta pesquisa tivemos contato com parte da extensa obra de William Lilly. Esses escritos revelam informações sobre alguns principais focos da nossa pesquisa.

Pudemos, no entanto, nos deparar com outros aspectos muito interessantes do trabalho de William Lilly, não exatamente contemplados no projeto de doutorado apoiado pela FAPESP.

Dizer que Lilly era influenciado e interagiu com o contexto em que vivia, não traz obviamente nenhum dado novo ou surpreendente. Qualquer que fosse o personagem que pretendêssemos estudar, e em qualquer época, não seria normal esperarmos o contrário. A questão, no entanto, é muito mais complexa e intrigante.

Os trabalhos de William Lilly parecem revelar que as condições de agitação política, econômica, social e religiosa da época guardavam forte preocupação do autor. Esses trabalhos mostram que Lilly lançava mão de seus escritos astrológicos para se manifestar abertamente sobre essas questões.

Lilly foi agente e, ao mesmo tempo, testemunha ocular desse conturbado período da história inglesa, e seus livros apresentam de modo bastante peculiar como ele vivenciou e se posicionou em relação àquelas circunstâncias. Analisando os fatos descritos por Lilly vemos como ele concebia a corte inglesa e suas atitudes na época. Ao que tudo indica, Lilly não estava sozinho e sim fazia parte de um grupo.

No doutoramento pudemos verificar apenas de maneira superficial esses eventos, figuras políticas e as atitudes do astrólogo em relação a esses assuntos, que não estavam entre objetivos principais desta pesquisa. Por outro lado, seria impossível realizarmos essas pesquisas sem nos embrenharmos por esses temas visto que foi justamente ao discuti-los que Lilly nos mostrou seu posicionamento a respeito das questões-chave desse trabalho.

No **Capítulo 2** desta tese, dedicamo-nos a comentar alguns aspectos da vida e dos escritos de William Lilly. Além de *The lives of those eminent antiquaries*, a autobiografia de William Lilly, analisamos detalhadamente outras quatro obras do astrólogo: *A Prophecy of the White King*, *Englands Propheticall Merline*, *Anglicus, Peace or no Peace* e *Christian Astrology*.

Este último foi um manual de astrologia escrito por William Lilly, a fim de que sua arte se tornasse acessível mesmo aos menos instruídos. Procuramos comparar o *Christian Astrology*, no que diz respeito ao seu conteúdo e metodologia de ensino, a

outros manuais de astrologia da época, e discutimos uma possível intenção revolucionária do autor com a publicação deste trabalho.

À exceção do *Christian Astrology*, essas outras obras analisadas, refletem muito bem uma notória preocupação com assuntos políticos, que seria a tônica dos trabalhos publicados por William Lilly durante toda a sua longa carreira. Os almanaques do astrólogo, se comparados aos de outros autores da época, refletem também intensa atenção a esse tema, então incomum nesse tipo específico de publicação.

Diante dessas perspectivas, e como sua autobiografia reforçava a clara repercussão dos eventos políticos da época na vida e obra do astrólogo, foi necessário termos informações bastante específicas a respeito do contexto econômico, político e social da Inglaterra desta época.⁶

Nos prognósticos astrológicos apresentados nas obras analisadas, como procuramos mostrar no **capítulo 2**, Lilly faz referência *explícita* a uma situação de traição aos interesses do povo inglês, promovida por uma corte marcada pela presença católica. Os católicos, infiltrados na corte, enganariam o Rei Charles I e o levariam a tomar atitudes que promoveriam grande descontentamento da população já miserável e oprimida, e insatisfação dos puritanos no Parlamento. Era necessário pôr limites à monarquia, e a incitação a tal atitude é notória nos escritos de Lilly.

Menos explícita, mas também delineada de modo bastante eficiente, é a insinuação de que a francesa e católica Henrietta Maria, a Rainha inglesa na época, juntamente com uma “corja de jesuítas” que a assistia, era responsável pela manipulação do marido.

Obra a obra, o posicionamento de William Lilly a favor do Parlamento e em oposição ao Rei fica mais claro. Como o *Anglicus* bem registra, durante a década de 1640, o astrólogo teve participação efetiva na Guerra Civil inglesa, na qual esses dois lados se opuseram. Os escritos de Lilly chegavam aos campos de batalha e as promessas de vitória delineadas pelas influências astrológicas favoráveis eram clara motivação para os miseráveis soldados.

Em muitos casos, Lilly parecia extrapolar as simples previsões astrológicas com apontamentos pontuais e bastante específicos. Não é exagero dizer que, em certa medida, ao realizar prognósticos a respeito de questões políticas e religiosas o astrólogo se deixava levar pelo seu engajamento pessoal. Em outros casos, notadamente descrevia episódios, criticava pessoas e apresentava seu posicionamento pessoal a respeito de assuntos políticos, religiosos e sociais. Pode-se dizer que tal atitude não era exclusiva de Lilly, como sugerem os debates entre ele e o astrólogo George Wharton, partidário do Rei, a respeito de questões éticas e técnicas na astrologia.

Procuramos aqui apenas ilustrar com poucos exemplos como as críticas encontradas nas obras de William Lilly podem ser analisadas. Essas atitudes do astrólogo se prolongam por toda sua obra, que cobre praticamente toda a segunda metade do século XVII. Podem, portanto, proporcionar com riqueza de detalhes indicações de como aquela personagem vivenciava e interagia com a realidade que o cercava.

Se fôssemos dar atenção a esses aspectos novos observados, desviar-nos-íamos dos objetivos traçados no projeto e ficaria inviável realizar em tempo hábil a investigação com a qual já havíamos nos comprometido. Decidimos, portanto, aguardar para que pudéssemos nos enveredar por esses novos e promissores caminhos de pesquisa no momento oportuno, que se mostra possível já agora no pós-doutoramento.

William Lilly não escreveu algum trabalho específico de defesa da astrologia em função das críticas recebidas na época. Mas justamente nesse contexto de escritos marcadamente políticos, que descrevem com riqueza de detalhes a conturbada ambiência inglesa da época, Lilly deixa transparecer suas atitudes e opiniões sobre assuntos relevantes ao tema desta tese.

Inicialmente tínhamos a intenção de abranger uma porção mais extensa da obra de William Lilly. Consideramos, no entanto, que os escritos analisados detalhadamente já sem dúvida revelavam informações suficientes e valiosíssimas sobre as inovações trazidas pelo seu autor, suas atitudes em relação à astrologia da época e certas propostas

⁶ Esses dados relevantes nos foram fornecidos principalmente por dois trabalhos do historiador inglês Christopher Hill: *Intellectual origins of the English revolution revisited* e *The century of revolution, 1603-*

de outros autores, bem como demonstrava que tipo de crítica a astrologia sofria e como ele reagia. Verificamos, por exemplo, que nessas obras astrológicas, e mesmo na autobiografia, na qual delineia toda sua trajetória profissional, Lilly não mencionou possíveis impactos na astrologia causados pela “nova astronomia”, e também não se manifestou a respeito de possíveis objeções de membros da *Royal Society* à astrologia.

Trabalhos de outros astrólogos, como John Partridge (1644-1715) e John Goad (1616-1689), também nos forneceram informações relevantes sobre as críticas às quais a astrologia estava sujeita na época, e como os astrólogos enfrentavam essas discussões. Esses trabalhos mostram que as críticas enfrentadas por esses autores em muito correspondem às que se pode inferir dos escritos de William Lilly.

Analisamos, também, uma vasta gama de obras que se dedicaram a criticar a astrologia na época. Verificando, então, os comentários dirigidos à astrologia, pudemos notar que os pontos abordados nas críticas eram bastante variados. De que natureza eram esses comentários? Difícil dizer ...

Difícilmente conseguiríamos algo com classificar as questões abrangidas em religiosas, éticas, técnicas, epistemológicas, políticas, sociais, etc. Muitas questões envolviam um ou mais desses aspectos, e algumas delas talvez todos.

Para discutirmos os argumentos empregados na crítica e defesa da astrologia no século XVII propomos uma divisão de caráter essencialmente prático, sem perdermos de vista o fato de que, com base nos comentários expostos acima (e retomados em cada capítulo), trata-se de uma divisão anacrônica.

No **Capítulo 3** discutimos o que chamamos artificialmente de “argumentos religiosos”. Tratamos da utilização de idéias de “autoridades” como Santo Agostinho e São Tomás de Aquino, e de autores posteriores como os “reformistas” João Calvino e Martinho Lutero nos debates a respeito da legitimidade da astrologia no século XVII.

Estudamos como se deu a utilização de trechos bíblicos nesses debates, o que, em muitos casos significou retomar a metodologia proposta por Agostinho para interpretação das Escrituras.

Procuramos mostrar, neste capítulo, que as mesmas passagens bíblicas eram usadas tanto nas críticas quanto nas defesas da astrologia. O que variava, portanto, era a interpretação dessas passagens, que às vezes diferiam mesmo entre os que defendiam determinada posição.

O **Capítulo 4** desta tese discute o que chamamos de “argumentos de motivação social”. Na Inglaterra do século XVII havia certo uso indiscriminado de termos políticos e religiosos para criticar pessoas. Foram comuns, inclusive no meio científico, críticas à astrologia e à alquimia motivadas por questões de cunho extra-científico. A fim de melhor compreendermos essas circunstâncias, discursos e suas possíveis motivações utilizamos materiais sobre história da religião e sociologia.

Este capítulo sugere que, nos ataques à astrologia, havia certa distribuição gratuita de termos usados de modo pejorativo, que pareciam variar de acordo com a posição política ou religiosa do crítico. Pouco parecia importar se havia realmente alguma relação entre a atitude de quem se desejava criticar e as atitudes correspondentes aos termos usados nessas críticas. Mostramos, ainda, que em outros casos, os críticos de fato propunham correspondências entre os astrólogos e certos grupos aos quais também se opunham, e as analisavam.

No **Capítulo 5** estudamos os “argumentos técnicos” contra a astrologia. Nota-se que, geralmente, os críticos sabiam do que estavam falando e, de modo geral, apresentavam variada gama de argumentos. De certo modo, pareciam familiarizados com os fundamentos dessa arte. Muitas e muitas obras eram inteiramente dedicadas a criticá-la. E isso, pode-se dizer, exigia empenho e articulação, já que, igualmente, muitas e muitas outras obras se dedicavam a defendê-la com base em variados e engenhosos argumentos.

Discutiam critérios para avaliar o que podia ou não ser chamado de ciência, e questionavam se era mesmo necessário recorrer aos astros para explicar certos acontecimentos. Apontavam dificuldades como o registro do tempo e determinação dos momentos do nascimento e da concepção. Sugeriam que talvez fosse ainda insuficiente o conhecimento dos céus: era possível haver outros planetas, desconhecia-se o número

real de estrelas, e outras coisas que talvez nunca pudessem ser compreendidas pareciam fundamentais para a astrologia.

Discutia-se a fundamentação, a validade de critérios de analogia para determinar propriedades, a coerência interna e se havia ou não aceitação entre os profissionais dos princípios básicos da astrologia. Também era foco de debate a possibilidade ou não de estabelecer relações de causa e consequência, identificar influências astrológicas, o tipo de evidência apresentado pelos astrólogos, e como ficava a questão da experiência e da observação na astrologia.

Era discutido se havia áreas da astrologia mais aceitáveis do que outras, como os astrólogos justificavam os erros nas previsões e se conseguiam responder questões complicadas, como os casos de gêmeos com destinos diferentes, crianças mortas antes de nascerem ou nascidas “artificialmente” de mães já mortas.

Nesse contexto, é interessante notar que, nas obras do século XVII, com grande frequência podem ser localizados comentários de que as alegações dos astrólogos pareciam nunca poderem ser falseadas. Qualquer que fosse o evento, esses profissionais sempre teriam de prontidão alguma explicação. Quer a previsão desse certo ou errado, sempre havia como justificar o evento ocorrido com base em influências astrológicas. A astrologia parecia poder explicar tudo, e isso não era um ponto a favor, mas sim algo muito suspeito, diziam os críticos.

A discussão era intensa, mas não parecia trazer novidades, e talvez fosse pouco além da repetição de “argumentos-padrão contra a astrologia” e “contra-argumentos-padrão a favor da astrologia”. É interessante notarmos que muitos desses “argumentos técnicos” contra a astrologia não eram novos. Pode-se dizer que igualmente não eram novos os argumentos usados para rebatê-los pelos que se dedicavam a defender a astrologia.

Como procuramos demonstrar nesse capítulo, a discussão promovida por Ptolomeu no *Tetrabiblos* indica que muitas dessas questões já eram debatidas e de modo semelhante desde a Antiguidade. Assim, no que diz respeito aos argumentos “técnicos” reunidos e discutidos nesse capítulo, o século XVII parece mais ter repetido antigos confrontos entre defensores e críticos da astrologia, sem ao menos aprofundar as

discussões. Cada grupo permaneceu fechado em seu posicionamento e reproduziu argumentos já conhecidos pelo público.

O **Capítulo 6** desta tese discute a utilização nas críticas e defesas da astrologia de argumentos relacionados à “nova astronomia” do século XVII.

Desde o século anterior a astronomia vinha incorporando muitas novas descobertas. Com o uso do telescópio foram notadas estrelas cuja observação a olho nu era inviável. Foram observados satélites de Júpiter e manchas no Sol.

Durante o século XVII, tornava-se cada vez mais aceita a concepção copernicana em contraposição à ptolomaica. Aos poucos, a astronomia de geocêntrica passava a heliocêntrica.

Parte dos raríssimos trabalhos historiográficos sobre a astrologia aponta uma ligação estreita entre o declínio da sua respeitabilidade intelectual e essas mudanças da astronomia.

Este capítulo analisa em que sentido a “nova astronomia” representava um claro desafio para a astrologia. Dois tipos básicos de questões são analisadas: possíveis impactos relacionados às novas descobertas, isto é, elementos relacionados a aspectos observacionais; e possíveis impactos relacionados às novas idéias, isto é, elementos relacionados a aspectos teóricos.

De fato, como mostramos nesse capítulo, houve alguma discussão a respeito, por exemplo, do impacto na astrologia da descoberta dos satélites de Júpiter. Já a “Revolução Copernicana” não parece ter sido usada como um novo argumento contra a astrologia durante o século XVII na Inglaterra. A astrologia praticamente não era criticada em função da crescente aceitação do sistema copernicano. Quem praticava astrologia, geralmente nem se deu ao trabalho de comentar que adotar esse sistema não abalava a astrologia. Muito pelo contrário, houve quem (como Joshua Childrey) o visse como solução para dificuldades internas da astrologia.

O **capítulo 7** desta tese discute algumas propostas de “reforma” da astrologia que se basearam no sistema copernicano. Essas, como procuramos indicar, são bastante diferentes entre si e não foram apresentadas pelos seus autores, Joshua Childrey (1623-1670) e William Hunt (nascimento e morte desconhecidos), como resultados de

pressões externas, mas sim como iniciativas provenientes da insatisfação com a própria situação da astrologia. Surgiram propostas interessantes para dar conta dessas dificuldades, mas nenhuma suficientemente apoiada a ponto de sustentar o prestígio da astrologia no meio acadêmico.

Ainda neste capítulo discutimos as propostas de John Partridge, Robert Godson (nascimento e morte desconhecidos) e John Goad, que não eram baseadas no sistema copernicano, mas também eram justificadas pelos seus autores em função de problemas internos da astrologia. Também neste **capítulo 7** discutimos a proposta de Francis Bacon para chegar a uma “astrologia sana”.

No que diz respeito à mudança de atitude da academia em relação à astrologia vale a pena estudar como o tema foi tratado pela *Royal Society* e as universidades inglesas durante o século.

No **capítulo 8** desta tese procuramos mostrar que a discussão sobre a situação da astrologia no século XVII só pode ser entendida num amplo contexto, pois esteve relacionada à polêmica em torno da necessidade de reformar ou não o ensino daquela época.

Nota-se que o posicionamento da sociedade inglesa a respeito da astrologia estava intrinsecamente vinculado a debates sobre o aristotelismo, o galenismo, o currículo das universidades, a formação de ministros do Evangelho, política, religião, dentre outros assuntos então em discussão.

Para mudar a situação nas universidades, com a qual estavam descontentes, dois grupos principais apresentaram diferentes propostas que competiram na época. Elogiavam a prática, a observação e a experiência, mas eram bem diferentes. Os mecanicistas Seth Ward e John Wilkins, futuros membros da *Royal Society*, se opuseram a John Webster (1610-1682), representante da tradição paracelsista.

Webster defendia a astrologia e o ensino do sistema copernicano como o único verdadeiro e razoável. Queria que o ensino do sistema ptolomaico fosse abolido das universidades. Ward e Webster consideravam que a astrologia não merecia crédito algum, e que ambos os sistemas copernicano e ptolomaico deveriam continuar sendo

ensinados nas universidades. Neste capítulo procuramos analisar o porquê dessas atitudes e em que contexto se inseriam.

Como procuramos mostrar através dos apontamentos de Seth Ward, John Wilkins e do religioso Thomas Hall, na época, as discussões sobre as universidades não se restringiram apenas ao enfrentamento entre esses dois grupos, mas envolveram também oposições de grupos religiosos.

No **capítulo 9** desta tese analisamos a atitude da *Royal Society* em relação à astrologia. Verificamos as minutas das reuniões da *Royal Society* desde a sua fundação até fins do século XVII, a história oficial da instituição publicada pouco após a sua fundação e os volumes das *Philosophical Transactions* produzidos durante o século XVII.

Como vimos no capítulo 7, Francis Bacon havia apresentado uma proposta de reforma da astrologia. No entanto, em relação à astrologia, a *Royal Society* não parece ter seguido as idéias de quem considerava seu patrono-intelectual. A instituição também não teria se dedicado a refutar a astrologia.

Encontramos no material analisado referências, por exemplo, a estudos sobre a relação entre a Lua e as marés, mas não há nesses casos indicações de que isso era visto como um estudo de influências astrológicas.

Verificamos, ainda, que na época parece ter sido apresentada alguma justificativa para essa atitude da *Royal Society* de não estudar a astrologia. E essa justificativa, pode-se notar, era de cunho essencialmente religioso.

O **capítulo 10**, o último deste trabalho, procura responder às questões centrais que orientaram esta pesquisa, comparando também o presente estudo com as análises de outros historiadores. Discutimos em detalhe algumas das raras produções historiográficas existentes sobre a astrologia inglesa do século XVII. Apresentamos as conclusões decorrentes das pesquisas realizadas durante o desenvolvimento desta tese, e como essas se inserem dentro do contexto do que já existe sobre o assunto.

Capítulo 2

Vida e obra de William Lilly

Este capítulo se dedica a comentar alguns aspectos da vida e dos escritos do astrólogo William Lilly.

Qualquer que fosse a personagem que pretendêssemos estudar, obviamente já seria razoável fazê-lo de modo associado ao contexto de sua época. No caso de Lilly, no entanto, isso é imprescindível visto que, como mencionamos na introdução a esta tese, o astrólogo teve sua vida pessoal e obras profundamente marcadas pelos eventos políticos, econômicos, sociais e religiosos daquela conturbada Inglaterra do século XVII.¹

Nota-se que os escritos astrológicos de William Lilly têm principalmente o objetivo de tratar desses assuntos. E é justamente nessa atmosfera de prognósticos astrológicos misturados a apontamentos de cunho passional que encontramos informações sobre as inovações trazidas por William Lilly, seu comportamento em relação à astrologia da época e certas propostas de outros autores, bem como que tipo de crítica a astrologia sofria e como ele reagia. Comentar esses assuntos são os objetivos do presente capítulo.²

¹ Produzimos uma análise detalhada dos escritos de William Lilly, mas decidimos incluir aqui apenas o necessário para ilustrarmos em que contexto foram produzidas e apresentadas as inovações traduzidas pelo autor e como ele se posicionou a respeito das questões-chave desta tese. Inserir toda essa análise detalhada levar-nos-ia, por exemplo, a um texto muito mais denso do ponto de vista técnico da astrologia, o que não é nosso objetivo aqui. Além disso, seria também necessário focar assuntos políticos e sociais com muito mais profundidade o que desviaria a tese dos seus temas principais.

² Mantivemos nas citações traduzidas, as iniciais maiúsculas de acordo com os originais, mesmo em situações nas quais, atualmente, elas não são consideradas necessárias. Trocar letras maiúsculas por minúsculas levar-nos-ia a perder informações importantes, visto que muitas vezes o uso dessas iniciais em maiúscula parece ter sido um recurso dos quais os autores lançaram mão para dar ênfase a um ou outro aspecto. As traduções podem às vezes parecer estranhas também por ter-se tentado fazer com que elas fossem o mais fiel possível ao modo como os autores se expressaram. Deve-se observar, ainda, que uma das maiores dificuldades em compreender um texto em inglês do século XVII não diz respeito exatamente à grafia das palavras, e sim à pontuação, que foge completamente aos padrões modernos e, às vezes, até mesmo, cria mais de uma possibilidade de interpretação. Em situações nas quais a tradução é difícil e pode suscitar alguma dúvida procurarei apresentar também o texto no inglês original, mantendo a grafia da época.



William Lilly (1602-1681). Quadro existente no *Ashmolean Museum*, Oxford, UK, reproduzido no frontispício da edição facsimilar (Regulus, 1985) da obra de Lilly, *Christian Astrology*.

2.1 Quem foi William Lilly?³

A ORIGEM HUMILDE DO ASTRÓLOGO

William Lilly, filho de William e Alice Lilly, nasceu em 1^o de maio de 1602, em Diseworth, no condado de Leicester. Seus familiares eram pequenos proprietários rurais, então ditos “*yeoman*”. Além da fazenda onde o avô de Lilly viveu, possuíam outras propriedades e casas. Com a venda dessas, passaram a depender do arrendamento de terras do *Christ’s College* de Cambridge, detentor de boa parte das terras da Diseworth.

Na cidade, descrita pelo astrólogo como obscura e rude, não era comum receber educação erudita. A mãe de Lilly, entretanto, insatisfeita com o estado decadente da família e almejando um futuro melhor para o filho, teria cuidado para que ele estudasse. Lilly foi levado a Ashby de la Zouch para ser instruído por John Brinsley. Puritano convicto, o tutor ensinava grego, latim e literatura.

Aos 18 anos, a penúria do pai, então viúvo, obrigou William Lilly a deixar a escola, ao mesmo tempo em que via seus colegas de classe indo para Cambridge. Nesta época, descreve Lilly, “já era capaz de falar tão bem o latim quanto o inglês” (LILLY, *The life of those eminent antiquaries*, pp. 8-9).⁴

Pouco depois de abandonar os estudos, William Lilly foi para Londres morar com um casal idoso necessitado de cuidados. Chegou à cidade quase sem dinheiro algum em 1620. Apesar de se dizer conformado por não querer voltar ao campo, descreveu a vida com o casal como a mais desconfortável possível. Realizava todos os

³ Esta seção é baseada fundamentalmente na autobiografia do astrólogo. A primeira parte desta obra foi escrita por William Lilly em 1668. A narrativa tem como interlocutor seu amigo, praticante de alquimia e astrologia e membro da *Royal Society* Elias Ashmole. Já o período compreendido entre esta data e a morte de Lilly, em 1681, foi completado pelo próprio Ashmole. Essa é a principal fonte de informações sobre as origens e a formação astrológica de William Lilly. Mesmo a biografia do astrólogo produzida por Derek Parker (ver bibliografia da tese) e o verbete do *Dictionary of national biography* parecem tê-la como a principal fonte de informações sobre esses tópicos, e concordam com os dados mencionados nesta seção.

⁴ Sobre este aspecto é curioso notar que em várias fontes secundárias o latim de Lilly é descrito como muito deficiente (ver, por exemplo, THOMAS, *Religion and the decline of magic*, p. 314). O astrólogo, no entanto, costumava fazer apologia dos seus conhecimentos de latim e criticava outros autores por não dominarem essa língua.

tipos de “trabalhos penosos”, além de tentar agradar duas pessoas de naturezas completamente opostas (LILLY, *The life of those eminent antiquaries*, p. 13).

Na narrativa autobiográfica de William Lilly, temos em relação à sua patroa, abatida por um câncer quatro anos depois de sua chegada, a primeira referência à astrologia. A senhora usava, em torno do pescoço, um conjunto de selos para protegê-la de espíritos. Esses amuletos com desenhos de origem astrológica teriam sido feitos por Simon Forman, descrito por Lilly como um competente estudioso da astrologia e da medicina, bem sucedido em questões horárias (especialmente a respeito de roubos e casamentos) e em juízos a partir de consultas a espíritos. Temos assim as primeiras informações a respeito de elementos de magia nos quais o astrólogo continuava a acreditar quando escreveu sua narrativa (LILLY, *The life of those eminent antiquaries*, pp. 18-9).

Em setembro de 1627, já declaradamente inclinado ao puritanismo (LILLY, *The life of those eminent antiquaries*, p. 29), William Lilly se casou com a segunda esposa do patrão, falecido naquele mesmo ano. O casamento, mantido em segredo por dois anos, quando divulgado, teria sido censurado em função da ascensão social de Lilly promovida pelo casamento com uma senhora rica e mais velha.

A INSTRUÇÃO DE WILLIAM LILLY EM ASTROLOGIA

Em 1632, ocorreu o primeiro contato efetivo de Lilly com a astrologia. Em meio a comentários de um amigo, teve notícia de uma pessoa que fazia almanaques, o que dizia ser, para ele, algo ainda desconhecido. O amigo o apresentou a Evans, com quem durante dois meses aprenderia astrologia (LILLY, *The life of those eminent antiquaries*, pp. 30-1).⁵

⁵ Evans, segundo Ellen Maccaferry, era Arise Evans, um galês de nome católico Rhys, que chegou a Londres em 1633 e começou a chocar as pessoas com as suas visões e profecias. Dizia que todos deveriam ficar atentos para o fato de que a Inglaterra caminhava diretamente para uma guerra civil. Suas visões durante a República eram de que o país não iria prosperar até que a monarquia fosse restaurada. Oliver Cromwell não o puniu, mas se recusou a seguir seus conselhos ou acreditar em suas visões quando ele disse que Charles II devia ser trazido de volta. Evans era ridicularizado, mas ao mesmo tempo bastante procurado pela curiosidade que despertava (MACCAFERY, *Astrology*, pp. 293-4). Traçando um panorama geral da história da astrologia, Maccaferry trata, entre outros assuntos, da astrologia durante a

Lilly dizia admirar algumas qualidades de Evans. Dominava o latim, tinha o juízo mais agudo sobre uma figura de roubo que ele havia visto, e era bem versado na natureza dos espíritos e em invocações. Ao mesmo tempo, o perfil que traça do seu tutor não é dos melhores: um galês bêbado, de ar triste e cabisbaixo, dado à libertinagem, dono de apenas dois livros (um de Haly e outro de Origanus) e capaz de mentir sobre seus horóscopos para conseguir dinheiro (LILLY, *The life of those eminent antiquaries*, p. 31).

William Lilly relatou ter se afastado de Evans por causa do comportamento desonesto do tutor. Decidiu, então, estudar por conta própria. Comprou vários livros e começou a se dedicar intensamente aos estudos, curioso “para descobrir se havia alguma verdade naquela arte”. Traçando um panorama da situação da astrologia na Inglaterra no início da década de 1630, considerava que poucos praticantes realmente entendiam alguma coisa de astrologia, e boa parte não passava de trapaceiros (LILLY, *The life of those eminent antiquaries*, pp. 34-5).

Em 1641, depois de cinco anos de retiro em Hersham por motivos de saúde, Lilly voltou a Londres e considerava-se tão habilitado em astrologia quanto qualquer um que conhecia. Dizia ter percebido que podia ganhar dinheiro na cidade (LILLY, *The life of those eminent antiquaries*, pp. 53-4).

Nos dois anos seguintes, dedicou-se a aprimorar conhecimentos e reler livros. Sobre suas atividades nesse período comentou:

[...] registrei todos os grandes acontecimentos que ocorreram entre o Rei e o Parlamento, e pela primeira vez comecei a acreditar que todas as questões sublunares realmente dependiam de causas superiores, de forma que havia uma possibilidade de descobri-las pelas configurações dos corpos superiores (LILLY, *The life of those eminent antiquaries*, p. 63).

Esses procedimentos não apenas resultaram na conclusão de que eventos políticos podiam ter causas astrológicas, mas abriram caminho para o que seria a tônica dos seus escritos nas décadas seguintes.

dinastia Stuart. A autora descreve o trabalho de vários astrólogos importantes dessa época, bem como envolvimento político e discussões entre astrólogos rivais, apresentando dados biográficos inclusive de profissionais que são citados por William Lilly em sua autobiografia.

AMULETOS, TALISMÃS, INVOCAÇÃO DE ANJOS ...

Pelos comentários a respeito das atividades de Evans, notamos que Lilly acreditava na possibilidade de invocar anjos:

Evans se aplica à invocação do anjo Salmon, da natureza de Marte, lê todos os dias, em horários selecionados, sua ladainha no *Common-Prayer-Book* [livro de orações da Igreja Anglicana] [...] (LILLY, *The life of those eminent antiquaries*, p. 32).

De fato, são freqüentes na autobiografia do astrólogo referências a atividades mágicas aceitas e praticadas por William Lilly, como a invocação de espíritos e anjos, o afastamento de entidades sobrenaturais e a construção de amuletos e selos astrológicos para a cura de doenças (LILLY, *The life of those eminent antiquaries*, pp. 48; 78 e 144).

Em 1647, Lilly publicou um livro intitulado: *The World's catastrophe, [...] Governement of the world under God by the seven planetary angels; their names, times of government [...]*.

O trabalho sobre anjos parecia ser bastante importante para Lilly, que dizia não ter conseguido continuá-lo em função de suas múltiplas atividades. Considerava que esse estudo exigia grande leitura, vida virtuosa e discreta, dieta controlada e roupas limpas. A capacidade de invocar anjos, obter deles as informações desejadas e até suportar o efeito de vê-los dependiam de merecimento (LILLY, *The life of those eminent antiquaries*, pp. 87; 146).

Pelos comentários de Lilly, é possível inferir que ele acreditava numa subordinação dessas magias à astrologia: para entender essas “curiosidades” era necessário ser bem versado em astrologia, caso contrário raramente se atingia o objetivo desejado (LILLY, *The life of those eminent antiquaries*, p. 153).

Quanto a essas referências a habilidades mágicas como a invocação de anjos, devemos notar alguns pontos interessantes. Ao que tudo indica, Elias Ashmole, seu amigo pessoal, e futuro membro da *Royal Society*, estava interessado nesses assuntos de magia tanto quanto ou até talvez mais do que Lilly, já que este se referia a Ashmole

como “a pessoa mais versada nessas curiosidades de toda a Inglaterra” (LILLY, *The life of those eminent antiquaries*, p. 154).

Esses interesses eram bastante comuns em períodos anteriores a Lilly e Ashmole (como nos trabalhos de Cornelius Agrippa e John Dee, por exemplo), mas é provável que já não encontrassem tanta aceitação na época em que o astrólogo escreveu. Pode-se notar, de fato, que Lilly deixou transparecer a existência de certa oposição a esse tipo de saber: “Posso parecer para alguns estar escrevendo coisas inacreditáveis; que assim seja, mas sabendo para quem e com cujos únicos motivos, eu realmente as escrevo” (LILLY, *The life of those eminent antiquaries*, p. 154).

A existência de certa condenação à magia na época mostra-se patente no *Englands Propheticall Merline*, publicado por William Lilly em 1644. A insatisfação em relação ao modo como a magia vinha sendo tratada estava manifesta nas palavras do astrólogo.

Mas que magia seria essa?

*William Lilly procurou diferenciar a astrologia de certa condenável “magia popular”⁶. Mas há também indicações de uma magia que Lilly aceitava e considerava ser uma indagação a respeito da natureza, usando os elementos dessa natureza. O próprio título do livro *Englands Propheticall Merline* fazia referência ao mago Merlin e indicava a aceitação de certo tipo de magia. Como explica a carta ao leitor dessa obra, Merlin teria sido um excelente “naturalista” que conseguiu unir a “Arte e a Natureza”, e cujas profecias só poderiam ter sido elaboradas com base na astrologia.*

A diferença entre a magia aceita e a não aceita por Lilly por vezes parece pouco clara. Como mencionamos, a autobiografia do astrólogo demonstra que ele e Ashmole acreditavam em amuletos, bolas de cristal, invocação de anjos, varinhas que permitiam encontrar tesouros, e a busca da pedra filosofal. Curiosamente, no *Englands Propheticall Merline* criticava-se, por exemplo, a invocação de espíritos e mortos, enquanto na autobiografia aceitava-se a invocação de anjos.

⁶ Utilizaremos essa expressão de modo provisório, mesmo considerando-a pouco adequada, para nos referirmos a essa magia que Lilly dizia estar ligada à feitiçaria, oráculos e invocação de espíritos (aparentemente no sentido de invocação de mortos), entre outros assuntos.

Lilly entrara em contradição na tentativa de defender sua arte numa época que tentava desmerecê-la comparando-a aos conhecimentos de sábios das vilas? Ou não há contradição alguma, e podemos dizer que ele procurava distinguir a astrologia de certos aspectos de “magia popular” com os quais discordava e, ao mesmo tempo, aceitava e sentia a necessidade de defender certa magia que estava sendo questionada? Nesse caso, qual a diferença entre essas magias?

Embora essas perguntas sejam difíceis de esclarecer, um ponto interessante deve ser notado. Na autobiografia, Lilly mencionou o autor Johannes Trithemius quando se referiu a anjos. Obras de Trithemius como *De Septem Secundeis*, *Secret Things*, *Doctrine of Spirits* e *The art of drawing spirits into crytals*, mostram a existência de anjos como “espíritos dos planetas”, que de acordo com suas inclinações e peculiaridades influenciavam os eventos na Terra. Orifiel, o espírito de Saturno, fazia com que os homens se comportassem de modo rude, enquanto Anael, o espírito ou anjo de Vênus, tinha ação contrária. Essas concepções faziam parte da compreensão de mundo do autor.⁷

William Lilly poderia, assim, adotar essa visão e considerar que isso nada tinha de superstição. Era algo natural a invocação dessas entidades. Bastava apenas olhar a natureza para ver que ela funcionava assim.

E, de fato, quando no *Englands*, Lilly se referiu a anjos comandarem certas estrelas relacionadas aos planetas, parecia ter em mente algo como a concepção de Trithemius. *Isso, provavelmente, era parte da “magia natural” aceita por Lilly. E, ao que tudo indica, o autor a considerava muito diferente daquilo no qual acreditavam os simples sábios das vilas.*

Sob essa perspectiva vale a pena lembrar a interpretação do historiador Patrick Curry, segundo a qual, no mundo pós-Restauração, teria sido desenhada uma linha não entre a magia e a razão, mas sim dentro da própria magia, dividindo-a em aceitável e não aceitável. A força desta redefinição social e intelectual seria claramente perceptível

⁷ As obras de Trithemius estão reproduzidas em www.esotericarchives.com/tritheim.

nas diferenças entre Lilly e Ashmole e seus herdeiros das décadas seguintes (CURRY, *Prophecy and power*, p. 39).

Como aponta Patrick Curry, não era mais possível aderir abertamente à astrologia mágica ou divinatória. Esta simplesmente não era mais uma opção viável, além do âmbito dos sábios das vilas. E, então, ao que tudo indica, para Curry, Lilly era um defensor dessa astrologia mágica ou divinatória.

Se analisássemos a autobiografia de Lilly, que fala da invocação de anjos, e ignorássemos o repúdio ao que os sábios das vilas faziam, contido no *Englands*, não pareceria haver muito problema. Consideraríamos que Lilly aceitava uma magia popular que começava a ser questionada e não seria vista nos escritos dos astrólogos que o sucederam. Mas o que podemos dizer se essas críticas à tal magia popular e a necessidade de diferenciá-la da astrologia partiam do próprio Lilly?

Vale a pena questionarmos se Lilly realmente estava na contramão ou também fazia parte de um movimento de negação de elementos mágicos populares. *Para Lilly, não parecia ser a “magia dos sábios das vilas” aquela que ele defendia.*

Por outro lado, havendo ou não a diferença que Lilly insistia em pontuar, vemos que ele defendia mesmo uma magia que, como demonstravam suas queixas, estava perdendo força. E, sob esse aspecto talvez fosse mesmo possível diferenciar, Lilly e Ashmole dos seus sucessores.

Os insistentes comentários de William Lilly sobre assuntos ligados à magia contrastam com a total ausência de comentários sobre certos assuntos em sua autobiografia. *Curiosamente não existe nessa narrativa qualquer registro a respeito de descobertas astronômicas e suas conseqüências, tentativas de reforma na astrologia e da crescente oposição à astrologia no meio acadêmico.* O autor parecia tão alheio a essas discussões, que ao leitor ficava a impressão de que nada disso estava ocorrendo.

O ENVOLVIMENTO POLÍTICO DE WILLIAM LILLY

Em 1644, William Lilly publicou seus primeiros trabalhos: *Supernatural Sight*, *Prophetical Merlin*, *The White King’s Prophecy* e o *Merlinus Anglicus Junior*. Segundo

o autor, foi necessário queixar-se aos parlamentaristas (com os quais na época tinha contato) para que este último trabalho enfim saísse como o original. O astrólogo John Booker, então encarregado de licenciar os livros de matemática, censurou a primeira edição (LILLY, *The life of those eminent antiquaries*, pp. 64-5).⁸

Os primeiros escritos de Lilly já apontavam o envolvimento político do astrólogo. Pode-se dizer que parte do antagonismo ao seu trabalho também esteve ligado a esse aspecto.

Entre os críticos de William Lilly podemos destacar o defensor do Rei e também astrólogo George Wharton, em favor de cuja libertação da prisão, Lilly teria intercedido junto às suas influentes relações em 1651. O próprio William Lilly também não teve sua vida desligada de graves problemas legais. Esses, em boa parte gerados pelo conteúdo de suas obras, foram solucionados pela interferência de amigos influentes (LILLY, *The life of those eminent antiquaries*, p. 97).

Exemplo interessante de utilização de previsões astrológicas como propaganda política pode ser registrado no embate entre Lilly e Wharton. As discussões públicas em trabalhos dos dois autores documentam que durante a Guerra Civil inglesa a astrologia serviu como “arma” a ambos os lados do conflito. *William Lilly escrevia a favor do Parlamento, enquanto Wharton a favor do rei e seus partidários.*⁹

O ritmo daquela “batalha de publicações” era frenético, e parecia coincidir com o próprio ritmo intenso dos combates. Em 1645, por exemplo, num dos momentos decisivos da guerra, George Wharton publicou prognósticos favoráveis à vitória do rei.

⁸ Esse episódio será discutido mais adiante ainda neste capítulo da tese.

⁹ George Wharton (1617-81) deixou Westmoreland, no norte da Inglaterra para estudar astronomia e matemática em Oxford. De volta para sua terra natal, começou a publicar vários almanaques sob o pseudônimo Naworth - ridicularizado por Lilly como o homem “of no worth” (sem importância). Quando a Guerra Civil começou, Wharton aderiu à causa realista. O astrólogo tornou-se capitão em Oxford, onde Charles I tinha seus quartéis-generais e quase todos eram realistas. Nesta época, isto é, na década de 1640, recebeu a visita de Elias Ahmole para quem então ensinou alquimia e astrologia. Depois de vários embates entre Lilly e Wharton, em novembro de 1649, seus ataques verbais a Cromwell acabariam levando Wharton à prisão, de onde sairia graças à intervenção de Lilly. Depois da Restauração, foi agraciado com o título de barão por Charles II, e após sua morte em 1681 teve seus trabalhos coletados e publicados pelo também realista e inimigo de Lilly, John Gadbury (ver MACCAFERY, *Astrology*, p. 291).

Em resposta quase que imediata, William Lilly procurou mostrar supostos erros de Wharton nos prognósticos.

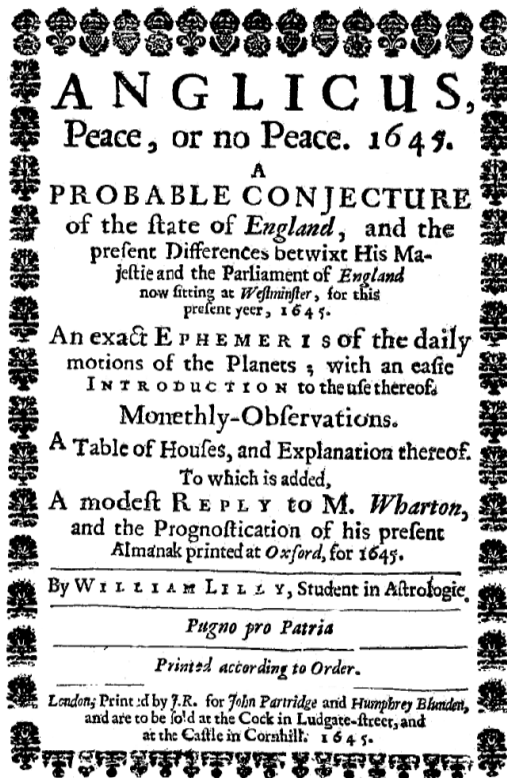
Além de acusá-lo de ignorar regras básicas da astrologia, Lilly creditava “erros” encontrados no trabalho do astrólogo real a supostas má fé e intenção de deturpar as previsões a fim de tirar proveito político. Para favorecer seu grupo com o significado de certos aspectos, e não apresentar o que favorecesse os rivais, Wharton teria recorrido a alguns artifícios. Teria encurtado citações, utilizando apenas parte de considerações de certos autores, deturpando-lhes os sentidos ao seu bel prazer. Em alguns casos, Lilly procurou mostrar que se essas autoridades fossem “corretamente” interpretadas, as previsões não apontavam derrota do Parlamento e sim dos *realistas*¹⁰ (LILLY, *Anglicus*, pp. 36-7).

Uma simples análise superficial desse debate, no entanto, sugere que a situação não era *exatamente* tal qual Lilly descrevia. De fato, interesses políticos podem ter levado Wharton a omitir partes de citações com vistas a não prognosticar uma derrota dos realistas. No entanto, as interpretações de Lilly para as citações integrais também não pareciam ser *necessariamente* as únicas possíveis. Se Wharton pode ter tirado proveito de omissões deliberadas, Lilly também parecia tirar proveito em interpretações de conteúdo tendencioso.

É interessante notar que, seja lá quem fizesse cálculos e previsões em melhor acordo com as regras da astrologia praticada na época, os prognósticos viraram “artilharia de guerra”. As fontes utilizadas nas considerações e reflexões nem sempre eram muito claras. Havia muitas possibilidades, por exemplo, de interpretar as propostas de Ptolomeu. Parecia ser fácil, consciente ou inconscientemente, fazer com que as citações favorecessem este ou aquele lado.

Também determinante nesses embates era o fato de que muitas vezes os autores discordavam entre si a respeito de regras básicas da astrologia. Lilly, por exemplo, previu numa ocasião acontecimentos desfavoráveis ao rei em função da ocorrência de

¹⁰ Usamos aqui o termo “realista” no sentido usado na época de “defensor do Rei”. Nesta tese, esse termo será sempre usado neste sentido.



As primeiras publicações de William Lilly, estavam diretamente associadas à análise da situação política da época, relativa à guerra civil. As duas obras mostradas acima, de 1645, apresentam presságios negativos para o rei Charles e positivos para o povo e o Parlamento. (LILLY, William. *Anglicus, peace, or no peace, 1645 a probable conjecture of the state of England, and the present differences betwixt His Majesty and the Parliament of England now sitting at Westminster, for this present year, 1645*. London: Printed by J.R. for John Partridge and Humphrey Blunden ..., 1645; LILLY, William. *The starry messenger; or an interpretation of that strange apparition of three suns seene in London, 19. Novemb. 1644. being the birth day of King Charles*. London: Printed for John Partridge and Humphry Blunden, and are to be sold at the signe of the Cocke in Ludgate Streete, and the Castle in Cornhill, 1645).

um eclipse. Passado o fenômeno celeste, Wharton ridicularizou Lilly por ter errado nos prognósticos, pois nada tão desagradável havia ocorrido com o rei. Lilly, por sua vez, alegou, em resposta a Wharton, que os efeitos do eclipse não eram imediatos. O rei não perdia por esperar ...

Como procura mostrar a historiadora Ann Geneva, manuscritos de Lilly *já em 1639 deixavam transparecer a posição do astrólogo em defesa dos puritanos do Parlamento, e contrária ao Rei* (GENEVA, *England's Propheticall Merline Decoded, chapter three*). Isso contraria os comentários da autobiografia do astrólogo.

Na primeira referência autobiográfica a envolvimento com pessoas de notada influência política, William Lilly comentou ter dedicado seu primeiro trabalho, um tratado de 1639 sobre o eclipse do Sol em Gêmeos ocorrido naquele ano, a William Pennington, seu patrono realista na época (LILLY, *The life of those eminent antiquaries*, p. 58).¹¹

Pennington, capitão que serviu ao Rei na guerra contra os escoceses, foi socorrido por Lilly em vários problemas de cunho pessoal e legal. O astrólogo fazia para ele previsões a respeito das relações entre o Rei e o Parlamento.

A narrativa demonstra, todavia, que não só com os realistas o astrólogo William Lilly se envolveria. Em 1643, analisou a urina de Bulstrode Whitlocke, membro da Câmara dos Comuns, que então se encontrava doente. Suas previsões de pronta recuperação foram cumpridas, o que teria deixado os parlamentaristas satisfeitos e gratos (LILLY, *The life of those eminent antiquaries*, p. 63).

Mesmo após o episódio, Lilly, na autobiografia, não se delineou como defensor da causa parlamentarista. As primeiras trocas de acusações com Wharton teriam sido a motivação para sua suposta mudança de posição política:

Até aquela época, eu era mais *Cavalier* do que *Roundhead* [...]; mas depois daquilo engajei-me de corpo e alma na causa do Parlamento, embora ainda com muita afeição pela pessoa de Sua Majestade e pela monarquia; que eu sempre amei e aprovei mais do que qualquer outro tipo de governo; e você irá perceber neste relato muitos atos de cortesia que pratiquei, e me empenhei em praticar, arriscando minha vida por sua Majestade; mas Deus ordenou que todas essas

¹¹ Este trabalho foi dado a Pennington e permaneceu inédito.

ocorrências e conselhos não tivessem sucesso [...](LILLY, *The life of those eminent antiquaries*, pp. 66-7).

No *Englands Propheticall Merline*, de 1644, de fato, William Lilly demonstrava claramente a defesa do Parlamento e desferia graves acusações ao Rei. Mas, tal como aponta Geneva, é bem provável que bem antes o astrólogo já mantivesse essa inclinação política.

Na autobiografia, nota-se claramente a intenção do autor de demonstrar lealdade ao Rei. Lilly procurou frisar que nunca ajudou quem desejasse prejudicá-lo. Relatou, por exemplo, que, em 1646, recusou-se a ajudar aqueles que desejaram seu julgamento sobre como poderiam capturar Charles I. Teria, ainda, colaborado diretamente, em 1648, para uma tentativa de fuga do Rei, cujo insucesso ocorrera por falha do próprio Charles I (LILLY, *The life of those eminent antiquaries*, pp. 85; 88).

A respeito das relações entre suas previsões astrológicas e a decapitação do Rei, Lilly procurou esclarecer que jamais desejou que isso acontecesse ou que suas previsões colaborassem para tais acontecimentos. Transcrevendo um trecho do seu almanaque que trazia previsões para janeiro de 1649, apontou que realmente previu a iminência de acontecimentos desfavoráveis:

Estou falando sério, eu peço e espero justiça; medo e vergonha começam a questionar os ofensores. O cedro sublime começa a profetizar que um furacão trovejante está para ocorrer (LILLY, *The life of those eminent antiquaries*, p. 94).

Mas, segundo o astrólogo, sua intenção naquela ocasião era apenas pedir justiça para aqueles que trapaceavam em suas profissões, como muitos tesoureiros e oficiais. Não teria entendido quando Lorde Gray de Grooby e Hugh Peters, após lerem essas previsões, lhe disseram: “Se não somos tolos ou patifes, faremos justiça”. Somente pôde compreender o sentido daquele comentário quando o Rei foi decapitado.

Vemos assim, que embora admitisse que nessa época era mesmo defensor da causa do Parlamento, William Lilly procurou mostrar que nunca perdera o respeito pelo Rei. Sua posição derivava das circunstâncias vividas pela Inglaterra na época. E, mesmo assim, nunca deixou de pensar na monarquia como a melhor forma de governo.

Devemos notar que como Lilly escreveu sua biografia durante o governo de Charles II, não devia ser confortável sua posição de ter sido ligado a grupos relacionados à decapitação de Charles I, pai do atual monarca. No ano da Restauração, Lilly chegou a ser questionado pelo Parlamento a respeito da misteriosa identidade do assassino do Rei. Nessa ocasião, o astrólogo acabou sendo solto pela intervenção de Richard Pennington, filho do seu antigo patrono (LILLY, *The life of those eminent antiquaries*, p. 132).

Era adequado frisar que não havia tido participação na morte no governante anterior. Era adequado também dizer que jamais desejou o fim da monarquia. Mas embora muito conveniente naquelas circunstâncias, não seria impossível que aquelas palavras refletissem mesmo o que Lilly pensava já há bastante tempo. Dizia que não desejava uma mudança na forma de governo ainda em 1644, na carta ao leitor do *Englands Propheticall Merline*.

Mesmo indignado com as atitudes de Charles I, e insatisfeito com a situação política, econômica e social daquela época, como frisou o historiador Christopher Hill, de modo geral, o povo inglês, não se opunha à monarquia e teria ficado chocado com o assassinato do Rei. Segundo Hill, eles queriam sim que o poder do Rei fosse menor, mas nem cogitavam pôr fim à monarquia (HILL, *The century of revolution, 1603-1714*, parte 2).

Pode ser que Lilly, como boa parte da população, também tivesse pensado assim. É possível mesmo que ele tenha ficado chocado com a decapitação do Rei e que na realidade nunca tenha desejado o fim da monarquia.

Deve-se destacar que, em boa parte do *Englands*, Lilly culpou certa influência maléfica sobre o rei como a causa dos problemas, e destacou as boas intenções do governante. A culpa maior parecia ser daqueles que estavam diretamente ligados a ele, influenciando-o, agindo clandestinamente e fazendo-se passar por bons enquanto na verdade não eram. Mesmo os descompassos entre Rei e Parlamento pareciam ser frutos dessas intrigas, já que no fundo os dois lados teriam boas intenções.

É possível, assim, que ele quisesse mesmo defender o rei, mas um rei livre daquelas influências. Isso era o que ele manifestava explicitamente. Podemos dizer que

MONARCHY

OR NO

Monarchy in England.

GREBNER HIS PROPHECY CONCERNING CHARLES SON

Of CHARLES, his Greatnesse,
Victories, Conquests.

The Northern Lyon, or Lyon of the North,
and CHICKEN of the EAGLE discovered
who they are, of what Nation.

English, Latin, Saxon, Scottish and Welch PRO-
PHECIES concerning ENGLAND in
particular, and all EUROPE in generall.

Passages upon the Life and Deach of the late
KING CHARLES.

Enigmaticall Types of the future State and Condition
of ENGLAND for many years to come.

By William Lilly, Student in Astrology.

Veniet enim illa seculorum tempora Cum solvet imbres ignis aether aureus, Cremabit ergo flamma vi grauius sua, Et hic, & illic fumma, & infima omnia.	Sic universitate cuncta perdita Vndis carebit omnis alveus suis, Sedes requirit terra; Nec posthac aves Gestabit aer igne vastatus leves.

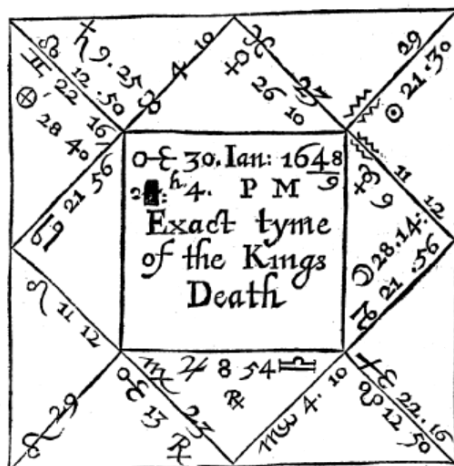
London, Printed for Humfrey Blunden, dwelling at the sign of the
Castle in Corn-hill 1651.

Após a execução do rei Charles, William Lilly publicou uma obra em que discutia o futuro político da Inglaterra. Defendia que, no futuro, não haveria novamente monarquia; e considerou que a decapitação do rei tivera uma boa justificativa, conforme mostrado nas páginas 118-119. (LILLY, William. *Monarchy or no monarchy in England. Grebner his prophecy concerning Charles son of Charles, his greatnesse, victories, conquests. The northern Lyon, or Lyon of the north, and chicken of the eagle discovered who they are, of what nation.* London: printed for Humfrey Blunden, dwelling at the sign of the Castle in Corn-hill, 1651).

118 Observations on the Life and

Parelia or
mock-suns ap-
pear.

ed behinde, &c. and elcaped not. Many such Misfortunes attended him, so that one may truly say, he was *Regum infelicitissimus*. Some affirme before his Death severall Prodiges appeared, all I observed a long time before was, that there appeared almost in every year after 1644. severall Parelia or Mock-Suns; sometimes two, sometimes three. So also Mock-Moones or Paracelenes, which were the greatest Prodiges I ever observed or feared. He was beheaded January 30. 1648. the Figure of that Moment is as followeth.



Some Citizens
where after his
image at the
Exchange.

KING CHARLES being Dead, and some foolish Citi-
zens going a whoring after his Picture or Image, formerly set

Death of King CHARLES. 119

set up in the old Exchange; the Parliament made bold to take it
downe, and to engrave in its place these words:

*Exit Tyrannus Regum ultimus, Anno Liber-
tatis Angliæ restitute primo, Anno Dom. 1648.
Jan. 30.*

For my part I doe beleieve he was not the Worst, but the
most unfortunate of Kings.



Many there are who have hardly censured the Par-
lament for cutting the KING'S Head off; but who-
soever shall read a Treatise written in defence of that
Action by Master Goodwin, will receive plenary satis-
faction; and see that the Parliament did no other thing
but Justice, and what in Conscience they were bound
to, for preservation of this Commonwealth. The Booke
it selfe is incomparably well penned, and unanswer-
able.

Had

a atitude de Lilly em relação ao Rei oscilava entre a crítica feroz e, como numa espécie de *mea culpa*, o respeito insistentemente frisado e o reconhecimento das boas intenções do soberano. Quando dizia que as coisas não ficariam boas para a monarquia não fazia isso com a intenção de prejudicar o rei, mas sim de ajudá-lo a impedir a catástrofe que os astros anunciavam (LILLY, *Englands Propheticall Merline*, To the Reader).

Mas será que Lilly queria realmente ajudar o rei, já que ele próprio reconhecia que mesmo que pudesse dizer tudo o que sabia ou podia deduzir dos céus, os reis ficariam bravos, mas não consertariam nada? (LILLY, *Englands Propheticall Merline*, To the Reader).

Deve-se ter em mente que qualquer que fosse sua opinião a respeito de Charles I, o fato é que a incitação ao povo colocava o governante em situação arriscada.

Aflição e tribulação serão impostas sobre nós depois de tanto tempo pela malícia de outrora ou pelas Ações daqueles homens que então viveram, ou devemos interromper as opressões absurdas que desde então têm vida e sustentação (LILLY, *Englands Propheticall Merline*, p. 29)?

[...] há uma *Yeomanry* na Inglaterra [pequenos proprietários rurais, camada social da qual provinha Lilly] que não tolera a escravidão e é difícil de ser arrancada. [...], eu não duvido viver para ver a vingança na medida certa distribuída sobre aqueles e as famílias daqueles que de alguma maneira participaram na opressão aos Rochellers e aos pobres Protestantes franceses [...] (LILLY, *Englands Propheticall Merline*, p. 47).

Além disso, como mostraremos ainda neste capítulo, os escritos de Lilly apontavam que a Inglaterra passaria por momentos difíceis que chegariam ao fim com a morte de certo Rei ... E, esses escritos pareciam insinuar não muito discretamente que este Rei era Charles I...

De qualquer forma, testemunha de um período de grande efervescência política na Inglaterra, essas questões parecem ter tido grande papel na vida e obra do astrólogo.

Ainda em 1651, dentro do contexto do recém assassinato de Charles I, Lilly publicou *Monarchy or no Monarchy*, no qual hieróglifos elaborados de acordo com “conhecimentos ocultos” revelavam o destino da Inglaterra. Esta habilidade, derivada de algo misterioso e difícil de ser atingido, não teria aprendido em livros ou manuscritos.



O livro *Monarchy or no Monarchy in England*, de William Lilly, continha na sua parte final um conjunto de figuras simbólicas, que ele chamou de “hieróglifos” e considerou proféticas. Uma delas (figura superior do lado direito) foi considerada posteriormente como uma previsão do grande incêndio de Londres. (LILLY, William. *Monarchy or no monarchy in England. Grebner his prophecy concerning Charles son of Charles, his greatnesse, victories, conquests. The northern Lyon, or Lyon of the north, and chicken of the eagle discovered who they are, of what nation*. London: printed for Humfrey Blunden, dwelling at the sign of the Castle in Corn-hill, 1651).

Também não conhecia quem possuísse aqueles conhecimentos (LILLY, *The life of those eminent antiquaries*, p. 96).

Lilly considerava que a praga de 1665, assim como o incêndio que devastaria Londres em 1666, haviam sido previstos por ele num desses hieróglifos, embora na ocasião não tivesse precisado a data.

Devido à confirmação das previsões, o astrólogo acabou sendo intimado a depor perante o comitê formado para examinar as causas do incêndio. Bem tratado devido, na sua opinião, à intervenção do influente Elias Ashmole, Lilly relatou ter explicado que previra a possibilidade, mas não quando ocorreriam aqueles fatos, e desconhecia se havia algo de criminoso no incêndio (LILLY, *The life of those eminent antiquaries*, pp. 140-4). Lilly era acusado de ter provocado aquele sinistro a fim de sugerir a confirmação de sua previsão.

Em 1652, Lilly trouxe a público a obra *Annus Tenebrosus*, onde escreveu que o Parlamento não devia continuar e um novo governo deveria surgir. No seu almanaque para 1653, preconizou, “com base em fundamentos astrológicos racionais”, que o Parlamento tinha uma fundação titubeante. Povo e soldados deveriam se unir contra ele (LILLY, *The life of those eminent antiquaries*, p. 101).

Após discussões dos presbiterianos no Parlamento, o almanaque foi submetido a um comitê que expediu uma ordem de prisão contra William Lilly. Alertado por um amigo a respeito de quais passagens atormentavam os presbiterianos, o astrólogo as reescreveu, retirando as partes mais ofensivas. No dia seguinte, quando indagado pelo comitê a respeito de suas considerações, apresentou seis cópias dessa versão emendada do *Anglicus*. Alegou que aqueles exemplares de que o comitê dispunha não eram autênticos, mas sim falsificações feitas para prejudicá-lo. Ainda assim Lilly foi preso, apesar de livrado de uma condenação mais grave. Depois seria solto graças, mais uma vez, a influências de amigos (LILLY, *The life of those eminent antiquaries*, p. 102).

A respeito da narrativa autobiográfica de William Lilly ainda alguns pontos merecem ser destacados. De certa forma, é possível dizer que a eficácia das oposições religiosas ao seu trabalho parecia menor do que a das oposições políticas, quando essas se manifestavam. Pode-se dizer, com certa correção, que as investidas de cunho

religioso somente pareciam ter efeito prático quando acompanhadas de algum caráter ou influência política. Alguns episódios esclarecem melhor essas considerações.

Entre 1652 e 1654, Lilly se envolveu num embate com o religioso Thomas Gataker. Em seu almanaque, defendeu-se das investidas que o religioso, com base em textos bíblicos, havia promovido contra ele e sua astrologia.¹² Outros casos semelhantes se repetiram durante a vida de Lilly e parecem ter sido reduzidos a simples troca de acusações em sermões e almanaques (LILLY, *The life of those eminent antiquaries*, p. 119).

Nos ataques de religiosos acompanhados de motivações políticas podemos notar repercussões mais intensas. O ódio de Lilly aos presbiterianos, definidos por ele como “mais arrogantes que os bispos”, fica bastante evidente na autobiografia. O astrólogo julgava ter previsto a queda desse grupo religioso no seu livro de introdução à astrologia e em seus hieróglifos (LILLY, *The life of those eminent antiquaries*, p. 122-3).

Detentores de um papel político importante na época, pois ocupavam parte das cadeiras do Parlamento, os presbiterianos parecem ter demonstrado clara oposição à astrologia de Lilly:

[...] se os presbiterianos tivessem prevalecido, e como não pensavam em nada menos do que serem os senhores de tudo, eu sei muito bem que teriam todos os anos silenciado a minha pena, e calado para sempre o *Introduction* (LILLY, *The life of those eminent antiquaries*, p. 81).

Além deste episódio, a título de exemplo, podemos lembrar ainda o já mencionado ataque dos presbiterianos ao *Anglicus* de 1653, que acabou resultando na prisão de Lilly.

2.2 ASTROLOGIA E POLÍTICA NOS ALMANAQUES: o estilo do astrólogo William Lilly

¹² Gataker escreveu as obras: *His Vindication ... Against the Scurrilous Aspersions of ... Mr William Lillie* e *A Discourse Apologetical, wherein Lillies ... Lies ... are clearly laid open*.

Como vimos na introdução a esta tese, a utilidade prática dos almanaques pode ter contribuído para que fossem fenômeno de vendagem. Traziam previsões meteorológicas diárias, as fases da Lua, os principais aspectos e fenômenos astrológicos. Apresentavam a tradicional correspondência entre partes do corpo e signos do zodíaco. Podiam trazer breves cronologias da história mundial, dicas de jardinagem e agricultura, listas de feiras, distâncias entre cidades e recomendações médicas. Eram extremamente semelhantes entre si, e até às vezes traziam impressos os mesmos desenhos.

Se percorrermos boa quantidade de exemplares com prognósticos para 1653, por exemplo, vemos que quase todos seguiam esse padrão. Embora mesmo Francis Bacon admitisse a legitimidade desse tipo de previsão, é interessante notar que nesses almanaques *não* pareciam ser comuns previsões de caráter político e religioso.¹³

Dentre os exemplares consultados, por exemplo, somente os de John Booker, William Lilly e Thomas Herbert apresentam algo nesse sentido. Os outros se restringem basicamente a previsões meteorológicas.¹⁴

O almanaque de Thomas Herbert, para 1653, em meio a previsões meteorológicas, tem inseridos curtos, mas contundentes *comentários* (e não simples previsões) contra a religião católica. Esses comentários poderiam não ser notados por quem olhasse rapidamente o almanaque. Ao que tudo indica, essa aparente dissimulação talvez não passasse de mera questão de estilo. Na mesma obra, ao prever efeitos de um

¹³ Francis Bacon, um dos filósofos mais influentes do século XVII, acenava com a possibilidade de prever eventos relacionados a grandes massas populacionais, mesmo eventos de caráter político e religioso. E, nesse caso, vale notar que Bacon não sugeria que a capacidade de prever eventos desse tipo estaria relacionada, por exemplo, a levantes e rebeliões poderem ser consequência da insatisfação popular frente a calamidades naturais previsíveis. Para ele, a previsibilidade de guerras era comparável à previsibilidade de inundações. Eram eventos naturais, com previsibilidades igualmente legítimas. Estudamos em detalhe a atitude de Bacon em relação à astrologia no **capítulo 7** desta tese.

¹⁴ Como simples amostragem, verificamos os seguintes almanaques: *Hemerologium hermeticum*, de John Smith; *An almanack for the year [...]*, de John Swallow; *Coelestiall observations*, de John Booker; *Merlini Anglici Ephemeris*, de William Lilly; *Speculum perspicuum uranicum*, de Thomas Jackson; *A new almanack and prognostication [...]*, de John White; *A new almanack and prognostication [...]*, de John Woodhouse; *Speculum anni [...]*, Thomas Herbert; *A new almanack for the yeare [...]*, de Edward Pond; *Coelorum declaration*, de Henry Harflete; *Theoria contingentium [...]*, de John Coulton; *Diarium sive calendarium*, de John Vaux; *An almanack & prognostication [...]*, de William Crooke; *Speculum anni à partu Virginis*, de Jonathan Dove.

eclipse, Herbert ataca abertamente autoridades católicas. Em contraposição, não apresenta comentários sobre política.

Já no almanaque de John Booker, esse tipo de previsão é freqüente, e razoavelmente disfarçada. Era comum ter no cabeçalho das tabelas de previsões pequenos poemas sobre as fases da Lua ou práticas médicas adequadas para o mês. Booker manteve o *layout* comum às tabelas, mas as estrofes, que à primeira vista contariam de maneira poética a previsão climática, se observadas com mais atenção revelavam como conteúdo previsões e comentários políticos cifrados. Engenhosas metáforas envolvendo fenômenos meteorológicos e aspectos astrológicos parecem indicar injustiças cometidas e possíveis insurgências decorrentes. Nas previsões para cada estação, em alguns trechos, Booker se refere explicitamente a pesados encargos, taxações e exigências religiosas impostas ao povo. Os responsáveis por isso, segundo o autor, teriam sido “mencionados anteriormente em outros lugares”.

No caso de Booker mantém-se o padrão usual dos almanaques e esse tipo de informação é inserida em meio a elementos comuns nessas publicações. Deste modo, alguém que somente folheasse seu almanaque, sem dar atenção ao conteúdo, diria que era idêntico aos outros. Dificilmente conseguiria localizar à primeira vista os comentários políticos.

O almanaque de William Lilly para aquele ano, no entanto, constitui um caso à parte. Ele *não* apresenta os elementos tradicionais notados nos outros almanaques, *e as previsões específicas e explícitas de caráter político-religioso têm papel central*. Há poucas referências a condições climáticas e doenças.

Charles I havia sido decapitado, e seu filho e futuro sucessor estava exilado. Como registra a autobiografia do astrólogo, William Lilly havia se decepcionado com as atitudes dos Parlamentos que se seguiram à decapitação do Rei. Mesmo tendo defendido a causa do Parlamento durante a Guerra Civil inglesa, Lilly não teria ficado satisfeito com a atuação do governo estabelecido após a morte de Charles I, durante o período em que seu futuro sucessor esteve exilado.

Criticou o Parlamento acusando-o de nada ter feito em benefício da Inglaterra. O período entre a morte do Rei e a subida de Oliver Cromwell ao poder teria sido marcado

Caelestiall Observations :	
OR AN	
EPHEMERIS	
OF THE	
Motions of the Sun, Moon and Planets,	
(after a new and easie method) their vari-	
ous Aspects, Conjunctions and Configurations.	
With many Necessary TABLES	
and OBSERVATIONS :	
Both Astronomicall, Astrologicall, and Meteorologicall.	
Wherein may be observed the probable	
state & condition of the year of our Redemption	
1653.	
Being the first after Bissextile, or Leap-ycare :	
Et a Creatione Mundi Keplericæ, 5646.	
Calculated for the Meridian of London.	
Whole { Latitude } is { 51 } Deg. { 32 } Minutes,	
{ Longitude } is { 0 } Deg. { 00 } Minutes,	
By JOHN BOOKER, Student in Astrology & Physick	
Astra a Deo sunt creata, Deus nihil frustra facit;	
Igitur, astra corpora tam insignia, tam ingentia,	
tanto numero, tanta constantia ducta, quis	
dixerit eam creasse frustra?	
Ne S CanDaLiZeMini, John chap. 16. vers. 1.	
M. DC. LIII.	
London, Printed by E. Cotes, for the Company of	
STATIONERS, 1653.	

1653. July hath XXXI daies.	
Sad are the fights, bitter the fruits of Warre,	
When Swords must mend what insolence did marre,	
Tow't topping Rome, now feares thee must decline,	
Her glory is departing: Shee doth shine	
But dimly, ere few yeeres we shall have prooffe	
That shee'l extinguish like a ticking snuffe.	
Mo	Woe
day	day
1	2
3	4
5	6
7	8
9	10
11	12
13	14
15	16
17	18
19	20
21	22
23	24
25	26
27	28
29	30
31	

January hath xxxi. daies.	
Full moon the 3. day 31 min. past 5. at night.	
1st quarter the 11. day 39 min. past 7. at night.	
New moon the 19. day. 12 min. past 6. morning.	
1st quarter the 25. day 27 min. after 11. at night.	
1	2
3	4
5	6
7	8
9	10
11	12
13	14
15	16
17	18
19	20
21	22
23	24
25	26
27	28
29	30
31	

As efemérides de John Booker (1603-1667) para 1653 (acima) traziam em cada mês alguns comentários que podiam se referia à meteorologia, mas também podiam ter outro teor, como este do mês de Julho: “Sad are the fights, bitter the fruits of Warre, / When Swords must mend what insolence did marre, / Tow't topping Rome, now feares thee must decline, / Her glory is departing: Shee doth shine / But dimly, ere few yeeres we shall have prooffe / That shee'l extinguish like a ticking snuffe”. (BOOKER, John. *Coelestiall observations, or, An ephemeris of the motions of the sun, moon and planets (after a new and easie method) their various aspects, conjunctions and configurations with many necessary tables and observations, both astronomicall, astrologicall, and meteorologicall*. London: Printed by E. Cotes for the Company of Stationers, 1653). O almanaque de Thomas Herbert, do mesmo ano (à esquerda), também apresenta um comentário negativo a respeito de Roma: “O Rome! a Cage of unclean Birds thou art intangled in the net of division, and overwhelmed with fear of invasion”. (HERBERT, Thomas. *Speculum anni ab incarnatione verbi 1653, or, An almanack and prognostication for this present year, which according to the computation of the Church of England, is from the nativity and birth of Jesus Christ 1653*. London : Printed by Gartrude Dawson for the Company of Stationers, 1653)

por votos em benefício próprio (LILLY, *The life of those eminent antiquaries*, p. 96). Os membros do Parlamento, orgulhosos e somente preocupados em enriquecer a si mesmos, eram cada vez mais odiados. Tais circunstâncias – relata Lilly – levaram-no a repudiar o próprio nome “Parlamento”:

[...] apareceram os odiosos *Ranters*, e muitas outras novas posições heréticas e escandalosas toleradas por membros do Parlamento, muitos dos quais as apoiavam. A Justiça foi negligenciada, os vícios tolerados, e todos os cuidados com o bem comum deixados de lado (LILLY, *The life of those eminent antiquaries*, p. 100).

Continuava preocupado com questões políticas e religiosas da época, que aparentemente nunca teriam deixado de ser a tônica dos seus trabalhos (LILLY, *The life of those eminent antiquaries*, p. 9).

De fato, no almanaque de 1653, Lilly comenta sobre política externa, diferencia grupos políticos e *não se limita apenas a previsões, mas também expõe sua opinião sobre os assuntos*, atacando abertamente aqueles aos quais se opunha. *Critica* taxações, atitudes então recentes do Parlamento, e exige um comportamento mais decente no trato do dinheiro público. Abertamente, *incita a população a reagir contra autoridades religiosas de tendência católica*.

Tal conteúdo, por ser incomum nos almanaques, em princípio pensávamos existir apenas em obras esporádicas de William Lilly, cujos próprios títulos muitas vezes já revelavam o engajamento político do autor (como o *Anglicus, peace or no peace*, por exemplo). No entanto, até mesmo no almanaque, Lilly procurava se manifestar abertamente em relação às circunstâncias que o cercavam. Esse tipo de publicação, aliás, no seu caso parecia trazer mais comentários sobre essas conjunturas do que propriamente previsões.

Lilly foi personagem de uma época de intensa agitação política, religiosa, econômica e social. Mas não só observou e relatou aspectos que, obviamente, de qualquer maneira, teriam reflexo em sua vida. Procurou abertamente, em seus escritos, mesmo nos almanaques, onde isso não era muito comum, manifestar-se expondo seu engajamento como agente de mudança das circunstâncias do meio no qual interagia.

2.3 o tom das obras de William Lilly

ALGUMAS PROFECIAS

Em *A Prophecy of the White King*, de agosto de 1644, William Lilly apresentou e discutiu algumas profecias, de maneira tal que elas pareciam se relacionar ao então presente da Inglaterra, e, ao mesmo tempo, reforçavam-se mutuamente, sugerindo uma maior probabilidade de confirmação.

Embora negasse qualquer interesse em identificar situações e personagens, nota-se que o autor foi bastante específico em suas interpretações. Nomeou locais e delineou uma situação de agitação política e social, após a qual, com a morte do rei, seguiria um período de florescimento.

O astrólogo foi bastante específico na sua interpretação para a “profecia do Rei Branco”, notadamente escrita em linguagem pouco clara e aparentemente simbólica. Chegou a apontar por quê o Rei poderia ser chamado “Branco”: por usar com frequência roupas daquela cor, apreciá-la muito, ter alguma insígnia ou escudo brancos (LILLY, *A Prophecy of the White King and Dreadfull Dead-man*, p. 11).

Segundo a historiadora Ann Geneva, “Charles I foi amplamente associado à profecia do Rei Branco, já que tinha sido o único de que as pessoas se lembravam a ter usado [na coroação] um manto branco” (GENEVA, *England’s Propheticall Merline Decoded*, p. 119).

De fato, se Lilly apregoava a união do povo ao Parlamento para lutar contra um Rei que finalmente seria morto, e se anunciava que depois de tempos ruins haveria um florescimento da Inglaterra, a escolha dessa profecia tão oportuna pode ter sido intencional.

A interpretação parecia insinuar, em tom de revolta, que as situações profetizadas de mazela da população faziam parte daquele presente. Também no *Englands Propheticall Merline*, publicado dois meses depois, William Lilly nos deixou poucas dúvidas de que para ele este momento tão ruim estava em curso e ainda se agravaria.

A
PROPHECY
OF THE
WHITE KING:
AND
Dreadfull Dead-man

Explained.

To which is added the PROPHECIE
of *SIBYLLA TIBURTINA*
and Prediction of *Iohn Kepler*: all of
especiall concernment for these
Times.

By *William Lilly* Student in Astrology.

Ob peccata mutas sceptrum Deus, variatq; Reges.

Published according to Order.

LONDON,
Printed by G.M. and are to be sold by *John Sherley* and *Thomas Underhill*,
at the Golden Pellican in little Brittain, and Bible
in Woodstreet, 1644.

AN
E C C H O
TO THE
VOICE from HEAVEN.
OR

A Narration of the Life, and manner of
the special Calling, and Visions of

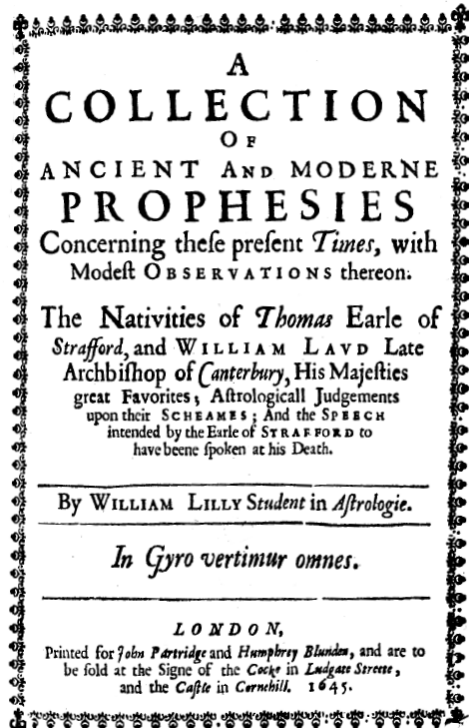
ARISE EVANS:

By him published, in discharge of his duty
to God, and for the satisfaction of
all those that doubt.

*Isaiah 48.15. I, even I have spoken; yea, I
have called him; I have brought him, and
he shall make his way prosperous.*

*Exod. 4.8. And it shall come to pass, if they
will not believe thee, neither hearken to the
voice of the first sign, that they will be-
lieve the voice of the latter sign.*

Printed for the Authour, and are to be sold
at his House in *Long-Alley* in *Black-
Friars*. 1652.



Além de fazer uso da astrologia para defender seus interesses políticos, William Lilly também publicou e comentou algumas profecias (ver acima) que podiam ser interpretadas, na época, como indicando o futuro desenrolar dos acontecimentos na Inglaterra. (LILLY, William. *A prophecy of the white king; and dreadfull dead-man explained. To which is added the prophecie of Sibylla Tibvrtina and prediction of Iohn Kepler: all of especial concernment for these times...* Ob peccata mutat sceptrum Deus, variata Reges. Published according to order. London: Printed by G. M. and are to be sold by John Sherley and Thomas Vnderhill..., 1644; LILLY, William. *A collection of ancient and moderne prophecies concerning these present times, with modest observations thereon*. London: Printed for John Partridge and Humphrey Blunden..., 1645) Arise Evans, que foi quem primeiramente instruiu Lilly em astrologia, também publicou profecias (ver ao lado) que tinham teor político (EVANS, Arise. *An Eccho to the Voice from Heaven*. [London]: Printed for the Author, 1652).

William Lilly parece ter tentado ligar a profecia do Rei Branco a uma outra profecia, a profecia do Temível Homem Morto.¹⁵ Essa profecia, escrita originariamente em grego e impressa em 1588, relata de modo enigmático que quando certo “Hemp e E vier e for” as pessoas devem tomar cuidado, porque por três anos a guerra não cessará. A Inglaterra será de tal modo destruída por sete Reis (“o Imperador, o Rei Francês, o Rei Escocês, o Rei Dinamarquês, o Rei Espanhol, o Romano, o Rei da Suécia”) que as pessoas preferirão estar mortas. Deus cessará a guerra de acordo com a sua vontade. E, então, com um certo “Temível Homem Morto” virá alguém de sangue nobre que se apoderará da coroa. Ele recuperará a Inglaterra e porá fim a todas as heresias (LILLY, *A Prophecy of the White King and Dreadfull Dead-man*, p. 20).

De acordo com a interpretação de William Lilly, “Hemp e E” seriam as iniciais de Henrique VIII, Edward VI, Mary, Philip e Elizabeth. Quando esses governantes estivessem mortos, o país seria praticamente destruído pela união de forças de outros países e do Papa.

A profecia, ao contrário do que sugere o nosso intérprete, não parece deixar transparecer que esses países formarão uma espécie de liga contra a Inglaterra e nem ao menos que com as tropas desses países virá o tal homem que reivindicará a coroa inglesa.

Segundo Lilly, para ajudá-lo a colocar em prática suas péssimas intenções, esse Temível Homem Morto traria consigo um jovem Príncipe ou Comandante proveniente de família nobre. Mas esse jovem, depois de algum tempo, obteria a Coroa da Inglaterra. Ele seria amado e lembrado pelo povo por pacificar o país e colocar fim a todas as heresias (LILLY, *A Prophecy of the White King and Dreadfull Dead-man*, pp. 21-2).

Ao que tudo indica, como uma maneira de reforçar a probabilidade de ocorrência daquilo que foi dito, William Lilly procurou mostrar as semelhanças entre a profecia do Rei Branco e a profecia do Temível Homem Morto. O Rei Branco seria o Temível Homem Morto. O nobre Filhote da Águia que pacificava a Bretanha era a pessoa

¹⁵ Tradução aproximada para *Dreadfull Dead-man*.

também nobre que viria com o Temível Homem Morto e colocaria a Inglaterra no rumo correto.¹⁶

De fato, há alguma semelhança entre as duas profecias. É interessante pontuar, no entanto, que nas versões da primeira profecia apresentadas nessa obra, ao contrário da interpretação de Lilly, nada parece indicar que o Filhote da Águia tenha vindo à Inglaterra *com* o Rei Branco para lutar ao lado dele. Já essa segunda profecia demonstra de modo claro que o Temível Homem Morto trouxe consigo o jovem nobre pacificador da Inglaterra. Assim, é bem possível que de, modo intencional, Lilly tenha forçado a identificação entre as duas profecias. Ou, por outro lado, dado à semelhança entre as profecias, talvez nem tenha percebido que sua interpretação da primeira delas havia sido “contaminada” por elementos expressos no próprio texto da segunda.

O fato é que a intenção de Lilly era clara e se reforçaria nos anos seguintes, o que sugere a idéia de que ele articulava de modo premeditado seus passos naquela empreitada. Talvez sobrasse pouco espaço para deslizes desse tipo ...

Ainda no *A Prophecy of the White King*, William Lilly apresentou outra profecia que não parecia ter com as anteriores a relação que aquelas duas tinham entre si. A tradução inglesa da profecia de Sibylla Tiburtina fazia alusão a um período de enorme balbúrdia. Os planetas iriam se mover num curso contrário ou irregular. Num movimento impossível, as estrelas fixas iriam passar à frente dos planetas, os mares igualar-se-iam às montanhas. Até que finalmente toda essa destruição, ruína e calamidade chegaria ao fim.

Dita em tom simbólico, essa movimentação dos planetas, segundo o nosso intérprete, indicaria lutas entre os Reis e entre as pessoas, e ações contrárias à lei e à justiça. Reis, governantes, nobres e cavaleiros, simbolizados pelos planetas, seriam de

¹⁶ Em 1668, na sua autobiografia, Lilly também compara os fatos aqui previstos ao que teria então ocorrido na Inglaterra entre 1641 e 1660. A profecia diz: “[...] shall come a Dreadfull Dead-man; and with him a royall γ”. Segundo Lilly, a letra gama em grego ocuparia o lugar do “C”, a terceira letra do alfabeto latino e inicial de Charles II. O Homem Morto, por sua vez, seria o General Monk. Isso é curioso, já que, em 1644, Lilly comparou a profecia do Rei Branco à do Temível Homem Morto, e disse que esses personagens-título eram a mesma pessoa. Em 1688, ele nada comentou sobre essa divergência (LILLY, *The life of those eminent antiquaries*, p. 128).

alguma forma, em virtude, bondade ou poder, ultrapassados pelo povo, representado pelas estrelas fixas.

Mas, em algum momento, a natureza voltaria ao seu curso normal. Primeiro, mares (povo) e montanhas (governantes) ficariam em estado de igualdade. E, enfim, toda essa confusão chegaria ao fim. Essa profecia, segundo Lilly, seria como um conselho lembrado por muitas outras que diziam respeito especificamente à Inglaterra:

[...] para que Monarcas, Nobreza e Cavalheiros da Europa sejam justos e amáveis em relação aos seus súditos, serventes e arrendatários. Para que vivam virtuosamente e sejam a luz ou vela que sempre brilha diante dos olhos do seu povo. Que tomem cuidado com disputas privadas porque elas diminuem seu poder e autoridade. Porque você pode perceber que as pessoas comuns, simbolizadas pelas Estrelas fixas e pelos mares, irão enfim se dar conta disso e tentar pegar as rédeas do governo nas suas próprias mãos. Quando isso ocorre uma torrente de prejuízos se segue e muito tempo demora até que a miséria que as guerras trazem ao mundo seja reparada (LILLY, *A Prophecy of the White King and Dreadfull Dead-man*, p. 26).

Em todas essas profecias existiam indicações de que a Inglaterra passaria por um período de muitas dificuldades, depois do qual viria novamente a florescer. A profecia do Rei Branco não deixava claro quando isso iria acontecer, mas se a coroação de Charles I havia sido marcante para o povo dado ao uso do manto branco, é bem provável que com ela a alusão ao presente fosse praticamente instantânea ao leitor do século XVII.

A interpretação de Lilly para a profecia do Temível Homem Branco, que decodifica a sigla “Hempe” em iniciais de reis ingleses, também imprimiria um caráter de proximidade com o presente do leitor daquela época.

William Lilly não teria escolhido aquelas profecias aleatoriamente, mas sim com a intenção de expressar o que previa, e, ao mesmo tempo, incentivar o povo a lutar já ciente de que o Rei morreria e tempos melhores se anunciavam.

A mensagem de alerta expressa na citação transcrita anteriormente seria central no *Englands Propheticall Merline*. O povo oprimido conseguiria tomar o poder gerando um período de grande confusão. Uma análise detalhada do *Englands* permite-nos avaliar como, pouco a pouco, embora com muita clareza, aquela situação foi delineada por

William Lilly. Dessa vez, no entanto, a argumentação não teria como base profecias, mas acontecimentos astrológicos tidos como importantes.

UM PLANO ORQUESTRADO ...

A menção de um plano divino orquestrado para aqueles anos seria a tônica do *Englands Propheticall Merline*. O plano apontado pelo *Englands* atingiria a maturidade em um ano, orquestrado pela influência conjunta de um cometa e conjunções ocorridas numa ordem diferente da esperada. Esse plano seria detalhado no *Anglicus, Peace or no Peace*, publicado no início de 1645, com uma efeméride e previsões mês a mês, que parecem dar destaque à Guerra Civil inglesa. *À medida que publicava suas obras, Lilly pouco a pouco ia revelando aos seus leitores o conteúdo desse plano.*

As ações incorretas do governo, denunciadas no *Englands* e apontadas no *A Prophecy*, se repetiam nas previsões do *Anglicus*. Termos bastante peculiares utilizados na interpretação das profecias foram novamente empregados nessas previsões, o que parecia imprimir ao leitor a idéia de que as profecias se referiam àquele momento da história inglesa e estavam sendo confirmadas.

Uma intrincada conjugação de fenômenos celestes, como o aparecimento de “três Sóis” no aniversário de Charles I, e o eclipse solar em Leão, um signo dito “real”, e bem próximo ao ascendente do rei, podia sugerir que ele seria morto. Outras referências negativas pareciam dizer respeito ao Príncipe Rupert, sobrinho de Charles. E outras ainda, essas bastante contundentes, acusavam a rainha de se aliar aos jesuítas e tramar o mal da Inglaterra.

Se no *Englands* William Lilly já criticava duramente o rei por ações contrárias ao povo, podemos dizer que no *Anglicus* ficava mais nítida uma divisão em dois lados distintos. Primeiramente o lado a quem Lilly se referia como “nós”: o povo aliado ao Parlamento. Do outro lado, o rei e seus partidários. As promessas de vitória, bem como de infortúnios para magistrados, expressas em alguns meses, poderiam servir de estímulo para o grupo do qual Lilly fazia parte (ver, por exemplo, LILLY, *Anglicus*, pp. 59, 61 e 67).

“Sua Majestade é [...] traído [...] semanas boas para nós”, previa para setembro de 1645 (LILLY, *Anglicus*, p. 73). Ao seu grupo, os dias mais favoráveis para lutas eram apontados. “Às armas bravos homens”, dizia para fins de maio (LILLY, *Anglicus*, p. 65).

Lilly parecia extrapolar as previsões astrológicas, com pontuais e específicos apontamentos de cunho político-religioso, ainda que sua arte não permitisse fazê-los. Embora se dissesse censurado, no Englands, por exemplo, são claras as referências negativas à rainha, que por sua ligação com o catolicismo influenciaria o rei a tomar medidas que traíam os interesses da Inglaterra.

Algumas vezes essas acusações até parecem codificadas e espalhadas, mas, como a chave para a decodificação pode facilmente ser encontrada na obra, é pouco provável que essa atitude visasse enganar os censores.¹⁷ Ainda assim, para entendermos certas mensagens como codificadas temos que ter em mente que determinados elementos aos quais Lilly fazia alusão não eram de senso comum, de modo que elas não seriam entendidas prontamente, e dependiam do fornecimento do “código”.¹⁸

Temos, por exemplo, trechos do *Englands* que mostram que o Sol, Mercúrio, Saturno, Júpiter e Vênus dividem toda a riqueza da nação e que Vênus e Mercúrio representam perigo e traição. Em outras passagens cada um desses planetas é identificado com determinado grupo social ou pessoa: Saturno e Lua com os pequenos proprietários rurais (*yeomanry*), Vênus significaria a Rainha e o Clero, Mercúrio os mensageiros, embaixadores etc. (LILLY, *Englands Propheticall Merline*, pp. 73-4).

Se essas mensagens eram realmente codificadas poderíamos dizer que Lilly as codifica e decodifica em trechos separados no mesmo livro. Seria mais razoável, no entanto, dizer que ele fornece em trechos isolados informações que se complementam.

¹⁷ Usamos aqui o termo censura no sentido atual para descrever aquilo de que Lilly diz ser vítima, embora na época esse termo pudesse ter a conotação de crítica.

¹⁸ É interessante notar que certas identificações como, por exemplo, Saturno com fazendeiros, são comuns nos lunários que já há bastante tempo circulavam pela Europa, de modo que certas noções já deviam ser de domínio público. Assim, poderia não estar havendo uma codificação e decodificação, e essas alusões aos olhos de um leitor do século XVII poderiam ser tão claras quanto algumas outras mencionadas nessa análise.

Mas ainda assim, podemos dizer que o processo é bastante claro e pode ser facilmente identificado pelos leitores.

Ao que tudo indica, isto não foi um procedimento deliberado para enganar os censores (se eles existiram nesse caso), mas sim uma característica do que parece realmente ter sido o *Englands*: uma “colagem” de vários textos produzidos independentemente pelo autor.

Nessa obra, William Lilly deixou claro que existia uma “chave” a ser encontrada pelo leitor e que as palavras não deviam ser entendidas literalmente. Lilly poderia estar fazendo alusão, neste caso, não aos trechos que apontamos aqui, mas sim a outros. De fato, como mostraremos ainda neste capítulo, havia algumas poucas mas bastante obscuras passagens no *Englands* ...

Mesmo assim, como entender isso como uma estratégia para escapar da censura se avisar os leitores também era avisar àqueles que iriam analisar a obra e autorizar ou não a sua publicação?

Essas questões tornam-se ainda mais pertinentes e a declaração do astrólogo ainda mais complicada de ser entendida à medida que percorremos o conteúdo do *Englands*. Pode ser que Lilly omitisse coisas que gostaria de dizer, mas, ao mesmo tempo, ele criticava de maneira contundente certas situações com as quais discordava. As previsões, mesmo que não tivessem a intenção de prejudicar o rei e sim alertá-lo, poderiam servir de estímulo para a população oprimida. Aliás, em certos casos, a incitação ao povo era clara. Podemos então questionar se essas declarações já não eram suficientes para impedir a publicação, por exemplo, do *Englands* tal como ele foi levado a público.

Sob esse ponto de vista fica tão difícil entender a declaração do astrólogo, que somos levados a questionar se Lilly poderia estar se dizendo censurado a fim de “fazer charme” e promover o seu trabalho. Abordaremos a questão da censura ainda neste capítulo.

A MORTE DO REI

O Rei seria morto, tal como as profecias pareciam predizer?

Ao contrário do que segundo William Lilly o astrólogo realista George Wharton teria previsto, o eclipse solar de 11 de agosto de 1645 traria infortúnios para Reis e pessoas importantes:

[...] ocorre acima da terra, Mestre Wharton, na décima Casa, Senhor. Então as ações demonstradas serão prejudiciais a pessoas de alta qualificação: Reis, Príncipes, Condes, Generais, [...] (LILLY, *Anglicus, Peace or no Peace*, p. 71).

William Lilly apresentou após essa previsão mais algumas considerações sobre a tomada de certas regiões e críticas a radicais. E, em seguida, curiosamente, apontou:

Aqui há ou decapitação ou enforcamento, eu acredito. Os efeitos do Eclipse irão perdurar por quase dois anos. A Praga ataca [...] (LILLY, *Anglicus, Peace or no Peace*, p. 71).

Seria esta uma promessa de morte para as “pessoas de alta qualificação” mencionadas anteriormente?

O *Englands Propheticall Merline* sugeriu uma estreita ligação entre pragas e mortes subseqüentes de reis ingleses. Além disso, o eclipse ocorreu no signo de Leão, num signo dito real, e, aliás, bem próximo ao ascendente de Charles I.¹⁹

Ainda no *Anglicus*, Lilly previa para outubro instabilidade, mudanças e revoltas populares no governo de Reis e Príncipes nascidos sob Áries, Leão e Sagitário, ou mesmo a morte desses (LILLY, *Anglicus, Peace or no Peace*, p. 75). É sugestivo lembrar que para William Lilly, Charles I tinha o Sol em Sagitário e ascendente em Leão.

No *Anglicus*, nas previsões para o mês de novembro também há alusões à morte de alguém muito importante: “Filho do homem, cuide de si próprio na terceira semana

¹⁹ Na obra *The Starry Messenger*, em 1644, William Lilly comentou sobre eclipses na triplicidade do fogo implicarem em captura, exílio ou assassinato de algum Príncipe ou Rei famoso. Em seguida, tratando especificamente do eclipse de 11 de agosto apontou como os mais vulneráveis os que tinham ascendente entre 28 e 27 de Leão. William Lilly nunca chegou a publicar a natividade de Charles I. E sim, de maneira esparsa, alguns comentários sobre ela. Em *Monarchy or no Monarchy* registrou o ascendente dele em Leão. Em *Annus Tenebrosus* colocou o meio do céu da natividade de Charles entre 10 e 12 graus de Touro. John Gadbury, inimigo, mas antes pupilo de Lilly, registrou o ascendente do Rei em 25 graus de Leão. Como para Gadbury o meio do céu da natividade era 9 graus, é bem possível que dada essa diferença para Lilly o ascendente do Rei fosse 27 graus de Leão. Sabemos ainda que para Lilly o Sol da natividade de Charles estava em 8,3 graus de Sagitário (ver GENEVA, *England's Propheticall Merline Decoded*, pp. 386-90).

de Novembro ou uma violenta morte pode lhe atingir [...]”(LILLY, *Anglicus, Peace or no Peace*, p. 85).

Na mesma obra, num trecho pouco adiante deste citado anteriormente, Lilly insinuou perigo para alguém importante numa data correspondente, de fato, a essa terceira semana do mês:

No último 19 de Novembro três Sóis apareceram. Alguma ação desconhecida segue este 19 ou próximo a ele. Alguém Grande é surpreendido, capturado ou encurtado pela cabeça? Por volta do 22, ou não muito tempo depois espere notícias. Devemos fazer justiça! Se deixamos de fazê-la, veja o que Deus Todo-Poderoso faz (LILLY, *Anglicus, Peace or no Peace*, p. 85).

O comentário de Lilly poderia ser uma alusão à morte desse Rei, e um incentivo para que o povo fizesse justiça? É bem possível que sim, afinal 19 de novembro era justamente a data do aniversário de Charles I. E, no ano anterior, o astrólogo havia composto uma figura para o aparecimento dos Três Sóis ocorrido justamente nessa data.

Sabemos que, na época, era comum que as pessoas buscassem indicações dos eventos que lhes ocorreriam num dado ano, procurando o astrólogo para elaborar o mapa astrológico correspondente ao dia do seu aniversário para aquele ano. Oportunamente, a partir daquela figura para os Sóis, era possível ter previsões nada boas para todo o ano seguinte da vida do Rei.²⁰

²⁰ “E observe cuidadosamente que a Nação ou Príncipe que sofreu com a influência daquele Eclipse [1639] irá novamente ser carregado de infortúnios pela aparição desses Três Sóis de uma maneira ainda mais milagrosa, se isso for possível”. Assim Lilly apontava em 1645, no *The Starry Messenger* (*apud* GENEVA, *England's Propheticall Merline Decoded*, p. 380). Este eclipse havia ocorrido em 22 de maio de 1639 no signo de Gêmeos, o ascendente de Londres. E como Lilly, em 1644, apontou: “O Eclipse do Sol em Maio de 1639 me deixou confuso; [...]; depois de alguma ponderação sobre aquele Eclipse e as três Conjunções de Saturno e Marte [...] conclui em poucas palavras: A Monarquia será eclipsada e escurecida [...]. Pareceu-me, então, significativamente que a Inglaterra não iria estar sempre num estado feliz e pacífico” (LILLY, *A Prophecy of the White King*, p. 3). Assim, Charles I, que supostamente havia sido influenciado pelo eclipse seria afetado de sobremaneira pelos Três Sóis. É bem possível, portanto, que a previsão do *Anglicus, Peace or no Peace*, se dirigisse a ele. E, mais ainda, que esse direcionamento fosse identificado pelo leitor que sabia da relação entre o aniversário do Rei e data do aparecimento dos três Sóis, como deixa claro o próprio título da seção do *The Starry Messenger* sobre o assunto: “Uma Interpretação ou Declaração sobre de que maneira os Acontecimentos podem seguir a esses três Sóis que apareceram a Inglaterra no 19 de Novembro de 1644 (sendo então o aniversário de Sua Majestade) por William Lilly”.

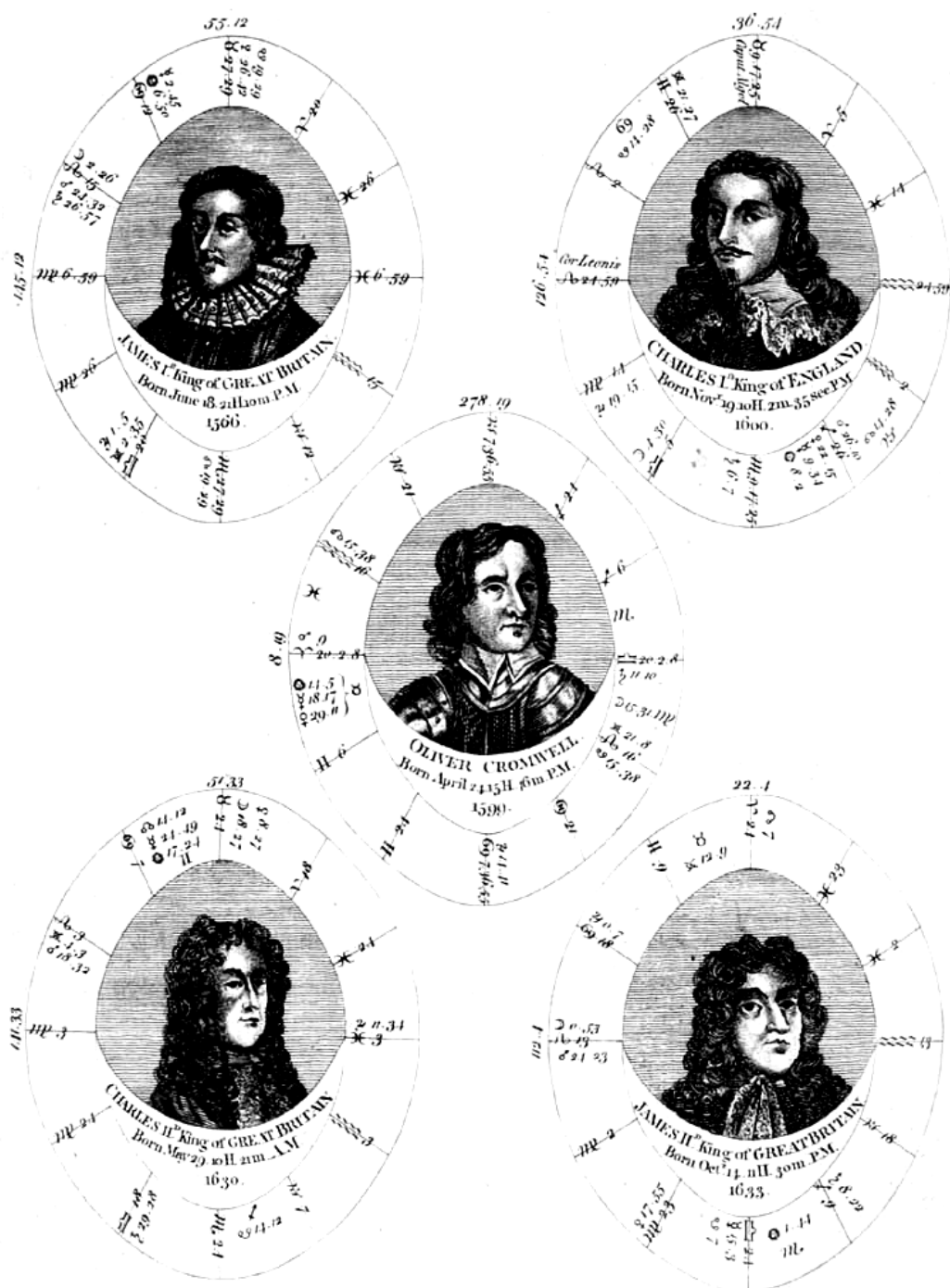


Ilustração do século XVIII que mostra os mapas astrológicos de James I, Charles I, Oliver Cromwell, Charles II e James II. (SIBLY, Ebenezer. *A complete illustration of the astrological and occult sciences comprehending the art of foretelling future events and contingencies by the aspects, positions and influences of the heavenly bodies*. London: Printed for the Author, 1784-1787. 4 vols.)

Assim como as previsões anteriores parecem dizer respeito ao Rei, também outros trechos do *Anglicus* podem estar relacionados a determinadas pessoas em particular. Para o mês de julho de 1645, por exemplo, Lilly previa:

Tu ó grande que tens sete, oito ou nove de Virgem ascendendo, cuidado. Receba a tua punição ou ruína final. Desonra & c (LILLY, *Anglicus, Peace or no Peace*, p. 69).

Mas para quem era previsto esse infortúnio? Ao que tudo indica, Lilly estava se referindo a uma certa pessoa. Mas será que era qualquer pessoa importante, de identidade desconhecida pelo astrólogo, e cuja natividade tinha essa característica?

Será, então, que, deliberadamente, Lilly usava esse recurso para apontar uma pessoa importante em particular, que talvez até mesmo fosse reconhecida pelo leitor da obra?

A historiadora Ann Geneva realça a importância do ascendente no século XVII como forma de identificar uma pessoa. Enquanto cerca de 1/12 da população pertencia a um determinado signo, o ascendente funcionava quase como impressão digital. Em seu diário, por exemplo, Ashmole se referia a si próprio pelo regente Mercúrio do seu ascendente Gêmeos. Gadbury, por sua vez, era substituído nas investidas de Lilly contra ele pelo seu ascendente Escorpião (GENEVA, *England's Propheticall Merline Decoded*, pp. 219-22).

Esse artifício, segundo a historiadora, teria sido usado nos prognósticos políticos do *Merlinus Anglicus Junior* em 1644. Lilly teria substituído o Príncipe Rupert, sobrinho de Charles I e comandante de sua cavalaria, pelo seu ascendente (nove graus em Virgem) para se referir a uma conspiração contra o Rei na qual ele tomaria parte. Geneva acredita, no entanto, que era pouco provável que o povo conhecesse o ascendente de Rupert, que havia nascido em Praga (GENEVA, *England's Propheticall Merline Decoded*, pp. 350-9; 399-401).²¹

Também, então, uma referência a Rupert podia estar aqui implícita nessa previsão de infortúnio para 1645. Segundo a natividade publicada por Lilly em 1646, o

²¹ As informações sobre a natividade de Rupert apontadas a seguir encontram-se nessas mesmas páginas.

Príncipe tinha seu ascendente em zero grau de Virgem. No entanto, é possível que essa fosse uma natividade retificada²², e que, em 1644, o astrólogo acreditasse que o ascendente de Rupert estava entre sete e nove graus.

De fato, parece ter havido essa outra natividade não retificada. Gadbury, no seu *The Nativity of the late King Charles*, teria tomado como base uma natividade de Rupert diferente da elaborada por Lilly em 1646 para dizer que as genituras (natividades) de Charles I e Rupert formavam um aspecto malevolente. O ascendente de Rupert formava uma quadratura com o Sol de Charles, este em oito graus de Sagitário. Isso não aconteceria se o ascendente do Príncipe estivesse em zero grau de Virgem, mas se fosse em algo como sete, oito ou nove sim.

Não sabemos se William Lilly chegou a formular uma natividade para a Rainha Henrietta Maria, outro aparente alvo dos ataques do *Englands Propheticall Merline*. Mas o astrólogo Francis Bernard apontava para ela um ascendente em 8 graus de Virgem, enquanto Elias Ashmole, embora também colocasse a Lua na figura em 9 graus de Sagitário, registrava o ascendente em 23 graus de Leão. Já o ascendente de Charles I, como vimos, era bem distante dessa posição no signo de Virgem.

De qualquer forma, pode-se dizer que essas previsões visavam alguém que aparentemente se tornou alvo constante de Lilly nas publicações que se seguiram, tal como no *Anglicus* de 1646:

O segundo Eclipse é em Agosto, no nono grau de Virgem [...]. Isso demonstra um fim Trágico e derrota de algum Rei, Príncipe ou grande homem [...] (*apud* GENEVA, *England's Propheticall Merline Decoded*, p. 353).

ACUSAÇÕES, POSSÍVEIS EXTRAPOLAÇÕES DAS PREVISÕES ASTROLÓGICAS

Nota-se que, em seus escritos, William Lilly criticava de maneira contundente situações e atitudes. Descreveu grande sofrimento derivado da pressão de monopólios,

²² Quando o momento do nascimento do indivíduo não era sabido exatamente, o astrólogo tomava como base fatos da vida dessa pessoa (data de casamento, data de acidentes, etc.) para descobrir o momento correto em que ela nascera e assim *retificar* a sua natividade.

pragas, perda de dinheiro e morte do Rei James após um governo pacífico. Em muitos casos, talvez se possa dizer, dado o cunho passional e específico das declarações, o autor *extrapolava o caráter de previsão astrológica*. Expunha sua *opinião sobre a situação política e incitava ao inconformismo* diante da opressão: “[...] devemos interromper as opressões absurdas que desde então têm vida e sustentação?” (LILLY, *Englands Propheticall Merline*, p. 29)

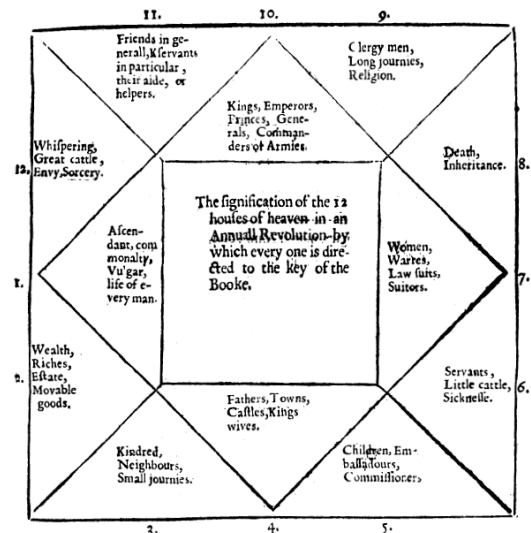
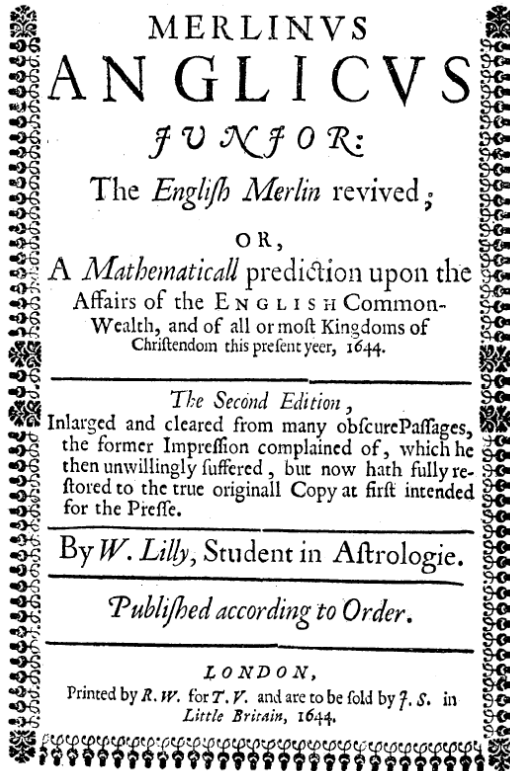
Devemos ter em mente que certos aspectos apresentados pelos corpos celestes poderiam sim ser interpretados como indicadores do surgimento de reis injustos, mas algumas declarações pareciam ir *bem além* da previsão astrológica. Em várias passagens do *Englands*, previsões de cunho religioso parecem se encaixar nessa observação. Atacavam o Papa e os jesuítas, e, ao mesmo tempo, defendiam os protestantes: “[...] nós eramos um, embora agora estejamos divididos pela traição das mais horróveis conspirações de um grupo jesuíta” (LILLY, *Englands Propheticall Merline*, To the Reader).

No mapa astrológico, Lilly identificava a casa nove com assuntos religiosos e o planeta Vênus como representante do clero, mas o autor não explicava *como conseguia distinguir entre os vários grupos religiosos*.

A identificação dos jesuítas com o mal era notória, e pode-se questionar como Lilly “enxergava” especificamente este grupo, e por que se referia a ele se estava tratando do caso geral “assuntos religiosos”. Se a astrologia era anterior aos jesuítas, a quem aqueles religiosos corresponderiam num passado em que eles não existiam?

Em relação a isso deve ser notado, como veremos no **capítulo 5** desta tese, que Lilly considerava desprovida de ética a atitude de profissionais que diziam resolver questões de roubo com uma precisão não permitida pela astrologia. Devemos questionar até que ponto uma extrapolação semelhante a essa tão criticada por Lilly, não estava embutida nessas previsões.

Ao que tudo indica, argumentar que Lilly havia realizado uma extrapolação com fins políticos do que era possível interpretar a partir de uma figura astrológica foi o que fez John Booker ao censurar o *Merlinus Anglicus* de 1644.



When I speake of the tenth house, I intend somewhat of Kings, or persons represented by that house, which is also called *Medium Celi*, the mid heaven: When mention is made of the first house, Ascendant or Horoscope, I intend the Commonalty in generall: But as the case now stands, it represents our States convened at Westminster.

In istis radiis exurgent aquora, & pulvis veterum renovabitur.

Dic: Et eris mihi magnus Apollo.

Penfa libra ex obliquo pendebunt, donec aries recurva cornua supponat.

Na sua obra *Merlinus Anglicus Junior*, de 1644, William Lilly analisou astrologicamente a situação política da Inglaterra. Ao descrever as casas astrológicas, Lilly associou o Parlamento com a primeira casa (ascendente), que estava normalmente associada ao povo, identificando assim o Parlamento com os interesses da população. (LILLY, William. *Merlinus Anglicus junior: the English Merlin revived; or, his prediction upon the affaires of the English Common-wealth, and of all or most kingdomes of Christendome this present year, 1644*. The second edition. Published according to order. London: printed by R.W. for T.V. and are to be sold by J. S. in Little Britaine, 1644).

A décima casa do zodíaco tradicionalmente significava reis, generais, imperadores, etc., enfim o que se poderia dizer “autoridade”. Pois Lilly, naquela ocasião, identificou a décima casa com o Rei, e o Parlamento com a primeira casa, bem possivelmente não por coincidência, a casa do povo e da nação. Segundo o próprio Lilly demonstrou na sua autobiografia, Booker alegou que não era possível fazer tal distinção entre o Rei e o Parlamento (LILLY, *The life of those eminent antiquaries*, pp. 64-5).

Aparentemente não se importando com a crítica, William Lilly insistiu nessa identificação em outras obras. No *Anglicus, Peace or no Peace*, analisou a entrada do Sol em Áries, que marcava o início de um novo ano astrológico. A partir da *Figura Mundi* para essa data, vista como uma espécie de “aniversário do Mundo”, era possível, segundo os astrólogos, fazer os prognósticos para todo o ano astrológico que se iniciava.

Mas como será que toda essa intrincada reflexão sobre o ingresso do Sol em Áries poderia ser proveitosa num momento político tão delicado?

A explicação podia estar num trecho dessa análise em que o astrólogo, assim como no *Englands*, colocou o povo e o Rei em lados opostos:

Os Árabes introduziram um método para distinguir entre o Rei e o Povo. Isso pode ser de melhor utilidade nesses tempos turbulentos, se corretamente usado. [...] eles acreditam que seja possível dizer de antemão que vitórias pertencerão ao Rei ou ao Povo. Quando temos esperança de provável sucesso de antemão prometida a nós, isso pode encorajar os nossos Soldados a tentar ações maiores. Se os Céus estiverem adversos, que mais cuidado seja tomado e melhor escolha de momentos corretos seja feita para contradizer e enfraquecer a influência maléfica (LILLY, *Anglicus, Peace or no Peace*, p. 9; grifo meu).

Essa passagem do texto, além de demonstrar que Lilly tinha consciência do encorajamento que os bons prognósticos proporcionavam, indica claramente que naquele conflito havia apenas dois lados: o do Rei e o do povo. Notamos, assim, que o astrólogo, com esse comentário, também sugeria de maneira bastante clara que o Parlamento estava desse último lado.

O tal método dos árabes consistia em predizer os efeitos fazendo com que o ascendente e a Lua significassem o povo, enquanto o Sol, a décima casa e o seu senhor simbolizassem o Rei.

Em alguns trechos do *Anglicus* podemos perceber que o autor faz previsões para o Parlamento através da casa do ascendente, que tradicionalmente na astrologia estava ligada ao homem comum e seu país. Em certa passagem, por exemplo, prevê-se através da primeira casa que o Parlamento e a Nação seriam oprimidos com despesas e taxações.

Esse ponto é interessante porque o que é interesse do homem comum, também se torna interesse do Parlamento. O Parlamento, portanto, defendia os interesses do povo.

Mas se algo era bom para as pessoas cujo prognóstico era dado pela primeira casa, poderia não o ser para as de outras casas. Os interesses do Rei, comandantes, nobres e magistrados eram diferentes, já que as previsões para eles eram dadas pela décima casa.

Indo ou não além do que a astrologia permitia, os comentários de Lilly tratavam *abertamente* de exageros da monarquia suscitados por influências maléficas em torno do rei (ver, por exemplo, LILLY, *Englands Propheticall Merline*, p. 71), e alertavam sobre o perigo que a crescente opressão do povo podia representar para o soberano.

Em seus comentários, Lilly colocava em oposição rei e malfeitores, em defesa de seus próprios interesses, e o *Parlamento* em defesa do *povo* e do *Protestantismo*. Aparentemente, aliás, em suas considerações, identificava povo e Parlamento pelo *mesmo elemento astrológico*, a Lua. Assim, sugestivamente, ambos tinham os mesmos interesses. De fato, tradicionalmente na astrologia, as previsões para o povo eram mesmo dadas pela Lua, mas não parece ter havido quem, como Lilly, fizesse tal identificação também com o Parlamento...

Nota-se que ao *analisar fenômenos celestes* Lilly recorria a comentários de outros autores. Parecia, no entanto, *moldar* as considerações desses autores à sua *opinião pessoal* sobre a realidade que o cercava, dando saltos que ele de modo algum justificava.

Isso ocorreu, por exemplo, quando tratou do cometa de 1618. John Dee havia definido o movimento retrógrado de um cometa como indicativo de “mudar a ordem constante da natureza”. Lilly, com base nessa definição, dizia que o cometa implicava

na *transformação de um império*. Como o cometa era enviado por Deus, sua passagem embutia *aval divino* a qualquer tentativa de derrubar os governantes, e poderia incitar o povo a fazê-lo.

No *Englands*, o autor ainda reuniu numa tabela eclipses de 1644 até 1663, conjunções desse mesmo período, e interpretações astrológicas desses acontecimentos. Entre as previsões, que não diziam respeito apenas a questões políticas, mas também a naufrágios, agricultura, etc., podemos destacar alguns comentários curiosos, que mais parecem mensagens veladas:

- eclipse do Sol em Virgem em 1644: “Reis e Rainhas são mortais”.
- conjunção de Saturno e Marte em Áries: “Horrríveis traições [...]”.

Há ainda na tabela frases estranhas, aparentemente sem sentido, que talvez estejam cifradas. Ao lado de conjunções em Áries e Gêmeos (respectivamente, ascendente da Inglaterra e de Londres) aparece: “Você vem? Bem-vindo.” (LILLY, *Englands Propheticall Merline*, p. 112). Nota-se também que um símbolo semelhante a uma mão aponta certos aspectos em particular (LILLY, *Englands Propheticall Merline*, pp. 113 e 116). Num desses casos, Lilly escreve: “Algum Nobre é enforcado? E se for? Deixe a Justiça ser feita.”

Em algumas passagens, o autor parecia se referir diretamente a determinadas pessoas que talvez o leitor da época conseguisse identificar a partir dos elementos fornecidos:

Podem Saturno e Vênus, que representam os favoritos dos Reis serem bons conselheiros se um é velho e o outro não, e se há uma perfeita antipatia entre eles? [...] E todos sabem que Vênus é jovem e Saturno cínico e sovina (LILLY, *Englands Propheticall Merline*, p. 71).

Assim, conhecendo as características dessas pessoas próximas ao rei às quais ele podia estar fazendo alusão (assessores mais importantes, embaixadores, etc.), é bem plausível que se pudesse identificá-las.

Enquanto esses comentários parecem cifrados, a maior parte dos ataques deferidos por William Lilly era bastante direta. Fez, por exemplo, referências explícitas

desfavoráveis a figuras políticas importantes da época, como William Laud, o então Arcebispo de Canterbury (LILLY, *Englands Propheticall Merline*, pp. 47-8).

Lilly manifestava indignação em relação a jesuítas que influenciariam o rei a tomar decisões incorretas. Em alguns casos, posicionou-se a respeito de fatos então recentes, chegando a se referir pontualmente a personagens da história inglesa:

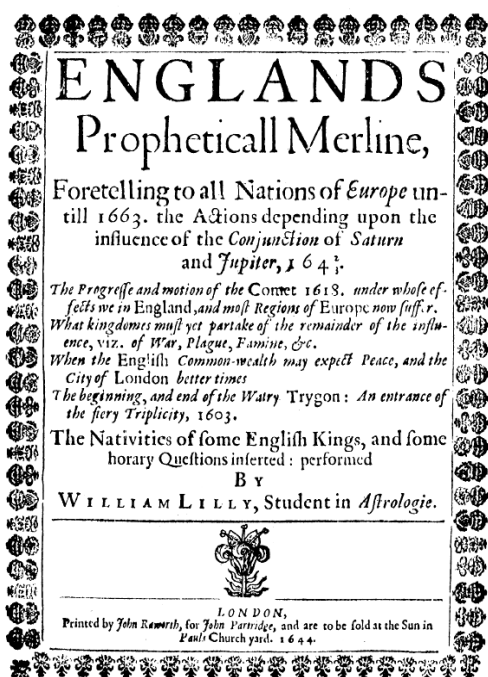
A destruição dos *Rochellers*, e com eles, da parte Protestante da França, e do sangue inocente daquele grupo grita ao céu por vingança [...]. Até hoje os Rochellers acreditam que Buckingham foi o Autor da sua destruição. Foi? [...]. Mas neste caso ele deixou uma mancha para sua posteridade que o tempo não irá apagar, e ainda eu creio que não foi tanto ele, mas aquele conselho Jesuíta muito ligado a ele (LILLY, *Englands Propheticall Merline*, p. 46).

Nessa rede de conspiração e intriga, na qual fica evidente que o catolicismo e papistas rodeavam o rei a fim de explorar o povo, a figura de uma rainha, como aliada desses conspiradores, parecia assumir posição de destaque. Esses agiriam secretamente, coibindo a ação dos protestantes, e impedindo que o Rei reconhecesse as boas intenções do Parlamento.

A referência a uma rainha que protege esses grupos iria se delinear e ser reforçada. Enquanto a alusão aos jesuítas é explícita, as referências a essa rainha são bem menos diretas e o nome dela nunca é mencionado. No entanto, a insinuação do seu envolvimento com um grupo católico que influenciava negativamente o tal rei é bastante evidente.

Quem se depara com essas acusações, pode propor várias indagações pertinentes. A que católicos Lilly se referia e por que os odiava tanto? Por que Lilly parecia em seus escritos insinuar estreita ligação entre uma rainha e os jesuítas? Quem era essa rainha? Era possível identificá-la? Por que Lilly a atacava? A que episódios ele estaria se referindo? O leitor da época conseguia identificá-los por esses escritos? Como Lilly vivenciou e tomou parte nesses episódios? Por que se posicionava contra essas pessoas? Sua atitude era isolada ou ele fazia coro a ataques de algum grupo?

Tomemos como exemplo a citação transcrita anteriormente. Recorrendo a trabalhos que tratam desse período da história inglesa e à autobiografia do astrólogo



Na sua obra *England's prophetical Merline*, de 1644 (ao lado), William Lilly discute a situação política da Inglaterra, na época (período da guerra civil) e apresenta alguns comentários obscuros, que podem representar mensagens políticas ocultas, como as que aparecem nas páginas 112 e 113 (ver abaixo). Na página 112, ao lado de conjunções em Áries e Gêmeos (respectivamente, ascendente da Inglaterra e de Londres) aparece: “Você vem? Bem-vindo.” Nota-se também que um símbolo semelhante a uma mão aponta certos aspectos em particular. Num desses casos (pág. 113) Lilly escreve: “Algum Nobre é enforcado? E se for? Deixe a Justiça ser feita.” (LILLY, William. *Englands prophetical Merline foretelling to all nations of Europe untill 1663 the actions depending upon the influence of the conjunction of Saturn and Jupiter, 1642/3*. London: Printed by John Raworth, for John Partridge ..., 1644).

(112)
est Deus omnium lachrymarum ab oculis eorum: & mors amplius non exstabit: neque luctus neque clamor; neque labor exstabit amplius; quia precedens abierunt, Revel. 21. And I saw a new heaven, and a new earth, for the first heaven and the first earth were passed away, and there was no more Sea: After which time God will wipe away all teares from the eyes of his people; there shall be no more death, neither sorrow or crying; neither any more paine, for the first things are passed away. Finis.

The Eclipses both of the Sun, and Moon, untill 1663. and some lesser Conjunctions of the other Planets.

Eclipses and Conjunctions, the Signes, and Degrees.	Month and Day.	Time of the Day.	Visible or not.
Anno Dom. 1644.	Solis. 18. 56. X. Feb. 27.	6. 12. P. M.	Not in England, but some parts of Russia.
	O. 9. 5. XII. Aug. 21.	17. P. M.	Kings and Queens are morall.
Conjunct.	O. 10. 12. V. March 10.	Scotland	Many changes of fortune.
	O. 14. 8. X. April. 17.	the Comet.	No peace appears this year. Its a ticklish one, quick action.
	17. 19. V. May 31.		Horrible treasons and treachery.
	24. 29. V. July 16.		Visible in Tartaria, Persia, China, Magellania.
1645.	Ecl. 22. 42. S. January 31.	7. P. M.	I fear the Plague generally.
	D. 15. 15. XII. July 28.	1. 17. P. M.	
	O. 8. 18. X. Feb. 15.	10. 34. P. M.	Visible to the English; unluckie and fatal to some great Prince, whose life is in danger, if not quite cut off: Gods will be done.
	O. 28. 28. S. Aug. 11.	00. P. M.	
Conjunct.	O. 10. 24. V. April 3.		Doit thou come? welcome States of Holland, iflanders revolt to you, remember me: bee wile, and not precise: yet take heed.
	17. 26. 48. V. April 24.		
	24. 14. II. May 24.		
	24. 16. II. June 3.		

(113)			
1646	18. 2. 20. 21. O. 8. 7.	Septem. 22. Novem. 19.	18. P. M.
	Eclipse. 11. S.	January 20.	5. 5. P. M.
	D. 4. 20. 21.	July 17.	11. 40. P. M.
	O. 17. 12. V.	January 6.	6. 15. P. M.
	O. 15. 14. S.	July 2.	11. 1. P. M.
	O. 15. 41. V.	Decem. 26.	
	17. 1. 27. S.	Feb. 24.	
	17. 7. 40. S.	April 17.	
	O. 8. 20. S.		18.
	17. 3. S.		19.
	17. 14. S.	June 12.	
	O. 17. 21. S.		29.
	24. 8. 24. S.	Novemb. 3.	
	O. 15. 40. 7.		17. 9 40. P. M.
1647.	D. 1. S.	January 10.	0. 40. A. M.
	O. 10. S.	June 22.	12. 40. P. M.
	O. 4. 16. V.	Decem. 15.	
	24. 4. S.	January 12.	
	24. 28. S.	March 23.	
	O. 17. 21. S.	May 2.	
	O. 14. 19. 20. S.	August 2.	
	O. 16. 1.	Novem. 10.	
1648.	D. 15. 4. 7.	May 26.	1648.
	D. 8. 44. II.	Novem. 19.	00. 11. P. M.
			Not visible.
			O. 1. 2.

podemos tentar identificar a quem se dirigiam os comentários e a que circunstâncias o autor se referia.

Quando em 1625 James VI morreu, o Duque de Buckingham, e o futuro rei Charles I já há certo tempo tinham controle do governo. A aliança com os puritanos, *grupo do qual Lilly fazia parte*, não seria mantida. Parece ter tido forte influência nesse rompimento a união, negociada por Buckingham, de Charles com a princesa francesa e católica Henrietta Maria.

O preço do consórcio foi a garantia de *liberdade de culto para os católicos na Inglaterra* e a ajuda a Luís XIII para por *fim ao baluarte protestante de La Rochelle*. Secretamente, havia um acordo para fazer *concessões ostensivas aos Papistas* Ingleses.

O episódio foi visto como *afronta pelos puritanos*. A intervenção em La Rochelle foi desastrosa e gerou pesados encargos financeiros. Liderado por John Elliot (*a cujo assassinato Lilly se refere em tom de forte comoção e revolta*; LILLY, *Englands propheticall Merline*, p. 47), o Parlamento de 1626 atacou Buckingham diretamente e acabou sendo dissolvido.

O assassinato de Buckingham, em 1628, mudou pouco a situação. William Laud, então Bispo de Londres e futuro Arcebispo de Canterbury, tornou-se o principal ministro daquela época. *Como vimos, Laud foi uma das personagens que Lilly criticou explicitamente*.

Se as relações católicas de Buckingham haviam chocado os puritanos, depois do seu assassinato viu-se que o grupo de Henrietta era ainda mais ostentadamente católico do que ele. Segundo descreve o historiador Christopher Hill: “A rainha sucedeu Buckingham como o gênio maligno de Charles. Sob a proteção dela o Catolicismo se tornou moda na corte” (HILL, *The century of revolution, 1603-1714*, pp. 7-9).

Como a mentalidade inglesa da época identificava Protestantismo com patriotismo, ser chamado de “papista” era uma acusação. Uma vitória do Papa poderia levar a perda das terras que anteriormente pertenciam à Igreja. Segundo Hill, propriedade-Protestantismo-patriotismo era uma associação de idéias fortes e populares. E o perigo do catolicismo era, até certo ponto, real, já que os jesuítas queriam mesmo

uma reconversão forçada da Inglaterra (HILL, *The century of revolution, 1603-1714*, p. 49).

No Grande Protesto do Parlamento de 1641 podemos encontrar palavras que muito se assemelham às de Lilly: “(i) Os Papistas Jesuítas ...; (ii) os Bispos e a parte corrupta do clero ...; (iii) conselheiros e cortesãos que por interesses particulares se empenham para aumentar o poder de algum príncipe estrangeiro” (*apud* HILL, *The century of revolution, 1603-1714*, p. 50).

Vemos assim, que o protesto de William Lilly não era isolado, e sim, que o astrólogo fazia coro a outros puritanos da época. Ao que tudo indica, a influência católica na corte era de conhecimento público, e Lilly talvez não fosse tão ousado ao criticar abertamente jesuítas e bispos, já que como vimos anteriormente, o próprio Parlamento inglês também o fazia. Por outro lado, a indicação de que Henrietta participava dessa rede de influências e intrigas se fez de maneira bastante articulada, embora não exatamente explícita.

De qualquer modo, podemos nos questionar se o povo realmente não sabia dessas ligações da rainha com os jesuítas e o grupo católico na corte? Por que será que o astrólogo procura alertar o leitor a respeito dessa ligação? E se ele sente necessidade de fazê-lo, por que escolhe esse modo fragmentado e ao mesmo tempo tão evidente?

Se já se sabia dessa ligação, pode ser que a intenção do astrólogo puritano fosse frisar, tal como o Parlamento formado em sua boa parte por puritanos fazia, o valor negativo dessa influência sobre o rei, atribuindo a ela a origem das mazelas sofrida pelo povo. E assim, incitar sua revolta.

É interessante notar que pode ser que Lilly omitisse coisas que gostaria de dizer (queixava-se de suposta censura)²³, mas, ao mesmo tempo, em certos casos, como mostramos anteriormente, a incitação ao povo era evidente.

²³ “Quantas coisas mais eu poderia dizer se a minha língua não fosse silenciada? [...] eu só posso falar em pedaços, fragmentos, e ainda correndo risco por isso. Conforto-me em saber que alguns irão encontrar a minha chave (*sparsim & divisim*). Rex não é sempre Rei, nem homo um homem, palavras tem muitas explicações” (LILLY, *Englands Propheticall Merline, To the Reader*).

Podemos então questionar se essas declarações já não eram suficientes para impedir a publicação do *Englands* tal como ele foi levado a público. Os prognósticos mostravam que o povo tinha força para abalar aquele governo tirano formado por um Rei talvez bem-intencionado (?), mas rodeado de traidores da nação. Isto não poderia ser uma injeção de ânimo para que o povo se mobilizasse?

Esses questionamentos nos levam a indagar a respeito de como era a censura na época de Lilly. Tratando do período de 1603 a 1640, Hill aponta que a tarefa de censurar os livros cabia aos bispos, que, de fato, a desempenhavam duramente. A *High Commission*, o poder supremo na Igreja, usava a censura dos livros tanto com propósitos políticos quanto religiosos. Nessa época, o poder quase que onipresente da Igreja na vida das pessoas era duramente questionado pelo Parlamento, formado em boa parte por puritanos.

Mas, pelos comentários de Hill, é possível que a censura quando Lilly publicou o *Englands*, já em tempos de Guerra Civil, não fosse a mesma de outrora: “A abolição da *Star Chamber* e da *High Commission*, o colapso da censura, a impotência do governo, permitiram que seitas religiosas emergissem dos subterrâneos” (HILL, *The century of revolution, 1603-1714*, pp. 64 e 66; grifo meu). Talvez isso explique, portanto, a permissão para que o livro fosse publicado com acusações tão claras.

Devemos, no entanto, refletir sobre um fato que aparentemente poderia pôr em cheque essa idéia de maior flexibilidade no que tange à possibilidade de críticas ao governo. Não é estranho que o *Merlinus Anglicus Junior* publicado em abril de 1644 tenha sido censurado da maneira como foi por John Booker, encarregado de licenciar os livros de “matemática”? Teriam as condições de censura mudado entre abril e outubro, quando Lily publicou o *Englands*?

Na censura do *Merlinus*, como aponta a historiadora Ann Geneva, o Parlamento foi excluído como elemento para os quais as previsões eram dadas pela primeira casa, permanecendo lá apenas o povo. Essa alteração foi desfeita na segunda versão desse livro lançada dois meses depois, o que ocorreu, segundo Lilly, com a ajuda de seus amigos do Parlamento. Viu-se, então, uma oposição direta entre o Rei, isolado na décima casa, e o povo juntamente com o Parlamento, ocupando a primeira. Também no

Englands, como mencionamos anteriormente, as críticas ao governo são diretas e não foram suprimidas por uma possível censura (ver GENEVA, *England's Propheticall Merline Decoded*, chapter three).

Lilly descreveu em sua biografia que embora não conhecesse Booker pessoalmente na época da censura ao *Merlinus*, admirava o seu trabalho como astrólogo. Essa admiração ficou seriamente abalada depois do ocorrido, mas os dois acabariam ficando amigos e lutando juntos pela causa do Parlamento nos anos seguintes.

Ainda na autobiografia, Lilly não parecia demonstrar que a correção de Booker se fez por motivos políticos, e sim por divergência de opinião, incompetência e capricho do astrólogo.²⁴ É bem possível, ainda, que, as supressões descritas por Lilly, fossem alterações até mesmo motivadas pelas convicções pessoais do licenciador de que a astrologia não era capaz de fazer aquelas distinções. O próprio Lilly, na biografia, comentou que Booker argumentara não ser possível distinguir entre o Rei e o Parlamento.

Neste caso, portanto, essas alterações não teriam sido motivadas por questões políticas. Vale notar, ainda, que mesmo que ele tenha precisado contar com amigos influentes do Parlamento para publicar a versão não censurada, alguns meses depois, isso pode ter sido por necessidade de barrar a autoridade de Booker.

Por outro lado, ainda que Lilly não demonstre que isso tenha ocorrido, é possível que, se na época Booker já fosse defensor da causa parlamentarista, tivesse feito as alterações por simples cautela, de modo a evitar represálias ou mesmo a não publicação do livro.²⁵ Lilly e seus amigos no Parlamento podem ter ficado descontentes e decidido publicar a versão original pouco tempo depois, numa tentativa mais audaciosa de expressar sua idéias.²⁶

²⁴ Segundo Lilly, Booker fez muitas “supressões impertinentes, elaborou muitas objeções, [...], e acabou licenciando-o de acordo com a sua vontade pessoal” (LILLY, *The life of those eminent antiquaries*, pp. 64-5).

²⁵ Não há indicações de que Booker tenha sido realista e depois mudado de posição.

²⁶ É interessante notar que, ao contrário do que sua autobiografia diria sobre a época, nas críticas a Wharton, publicadas no *Anglicus* em 1645, Lilly parecia se considerar ao lado de John Booker: “[...] Não

De qualquer forma, se supusermos uma censura realmente forte, disposta a não permitir a publicação do que pudesse prejudicar o rei, é bem provável que nem essa interferência conseguisse fazer com que a versão original do livro viesse à tona. E no que diz respeito ao *Englands* as acusações são tão evidentes que talvez nem mesmo a proteção com a qual Lilly dizia contar fosse capaz de protegê-lo, caso houvesse uma repressão tão acentuada.²⁷

Assim, mesmo a questão da censura ao *Merlinus* pode não abalar aquilo que inferimos a partir das considerações de Hill. É bem possível que em 1644 a censura de cunho político talvez não mais fosse marcante como em outrora.

Lilly foi agente e, ao mesmo tempo, testemunha ocular desse conturbado período da história inglesa, e seus livros apresentam de modo bastante peculiar como ele vivenciou e se posicionou em relação àquelas circunstâncias. Analisando os fatos descritos por Lilly vemos como ele concebia a corte inglesa e suas atitudes na época. Ao que tudo indica, Lilly não estava sozinho e sim fazia parte de um grupo.

Procuramos aqui apenas ilustrar com poucos exemplos como as críticas encontradas nas obras de William Lilly podem ser analisadas. Essas atitudes do astrólogo se prolongam por toda sua obra, que cobre praticamente toda a segunda metade do século XVII. Proporcionam, portanto, com riqueza de detalhes indicações de como aquele personagem vivenciava e interagia com a realidade que o cercava.

2.4 Lilly sobre possíveis reformas ou revoluções da astrologia

irei persuadir o Mestre Booker a se perturbar com tal Astrologia inocente” (LILLY, *Anglicus, Peace or no Peace*, p. 34). Vale mencionar, aliás, que o próprio Wharton, na sua primeira objeção transcrita por Lilly para o *Anglicus* chama Booker de “licenciador devasso” (LILLY, *Anglicus, Peace or no Peace*, p. 40) e se refere a ele e a Lilly como membros de uma “irmandade” (LILLY, *Anglicus, Peace or no Peace*, p. 45). Como Wharton nitidamente exclui Booker do seu grupo de relacionamento parece estranho que as alterações do licenciador no *Englands*, em 1644, visassem proteger o Rei e seus partidários.

²⁷ “Vida longa àqueles meus honoráveis amigos de julgamento, e eu não temo. Se não tivesse suporte de ajuda privada, duro seria o meu destino, se eu não pudesse sustentar a minha vida [...]” (LILLY, *Englands Propheticall Merline, To the Reader*).

A autobiografia de William Lilly trata também de outro aspecto interessante. O ano de 1646 marcou a publicação pelo astrólogo de uma coleção de profecias. Lilly desejava, na época, escrever uma introdução à astrologia. Acreditava que este trabalho preencheria uma lacuna naqueles conhecimentos, detectada quando ele próprio procurou se instruir sobre o assunto e não encontrou qualquer trabalho satisfatório (LILLY, *The life of those eminent antiquaries*, p. 80).

Considerava-se encarregado de uma missão divina. Dizia-se motivado por insultos pessoais de ministros presbiterianos, e apoiado por muitos soldados, além de independentes e não-presbiterianos da Câmara dos Comuns. Almejava um método claro e fácil para que qualquer pessoa de capacidade mediana pudesse se instruir sem ajuda de mestres. Isto, segundo Lilly, lhe daria mais parceiros para contradizer os antagonistas. Em 1647 veio então a público seu prometido manual de astrologia, o *Christian Astrology*.

Anos depois justificaria sua leitura pública da primeira parte de sua introdução à astrologia, dizendo que muitas coisas contidas na obra não eram fáceis de serem entendidas. Isso parecia indicar que o livro, embora pudesse ser didático, talvez não fosse tão acessível assim a qualquer tipo de público (LILLY, *The life of those eminent antiquaries*, p. 93).

Mas, se comparado a outros trabalhos da época, também dedicados a ensinar a astrologia, pode-se dizer que o *Christian astrology* parecia de fato muito diferente, tal qual seu autor o considerava.

Nesta pesquisa, procuramos comparar o estilo e metodologia empregados no *Christian Astrology*, de William Lilly, aos do trabalho *L'introduction au jugement des astres* de Claude Dariot e do *Traité d'Astrologie Générale* de Robert Fludd (ver bibliografia da tese). Dado ao fato de Lilly considerar seu método de ensino “revolucionário”, parecia interessante comparar seu trabalho a outros manuais de astrologia da época.

Os três autores apresentaram, cada um a seu modo, sendo Fludd e Lilly nitidamente os mais didáticos nesse sentido, detalhes sobre os fundamentos básicos da astrologia, como as propriedades dos planetas, dos signos, os principais *aspectos*, as

debilidades e fortitudes dos planetas, e outros muitos termos específicos da astrologia.²⁸ Essa era uma espécie de introdução preliminar à apresentação de exemplos de julgamentos astrológicos.²⁹

O diferencial mais marcante entre William Lilly e esses dois outros autores parece ser justamente essa última questão. As efemérides traziam as posições diárias dos astros ao meio-dia. Lilly, Fludd e Dariot explicaram como funcionava a transformação dos dados dessas efemérides para qualquer momento desejado. Descreveram a disposição das casas e para que serviam, isto é, que casa, tradicionalmente, se supunha necessária para responder a uma determinada questão. Apresentaram exemplos de julgamentos e comentaram em detalhes como eram feitos. Nas três obras analisadas foram apresentados exemplos de julgamentos de questões a partir de horóscopos.

No entanto, é possível que apenas Lilly (e ainda assim dizemos isso com muitas ressalvas devido à complexidade do assunto) fosse eficiente na intenção manifestada explicitamente de tornar o seu leitor (de capacidade pelo menos mediana, bem entendido) apto a também realizar esses julgamentos. Os outros autores talvez não tivessem o mesmo sucesso, se é que tinham a mesma intenção de formar astrólogos, já que, ao contrário de Lilly, não a manifestaram.

Sem termos receio de exagerar, podemos dizer que William Lilly apresentou de modo claro, metódico, didático e detalhado, uma volumosa gama de exemplos de questões comuns ao exercício de sua profissão. Assinalou com que casas específicas elas deviam ser resolvidas, e mostrou, passo a passo, e para cada situação, como realizar os julgamentos. Insistiu, ainda, para que aqueles que tivessem dúvidas procurassem-no pessoalmente. Dirigia-se não a curiosos ou simples leitores, mas sim a “aprendizes”; e queria explicitamente “fazer avançar a sua arte” (*Christian Astrology*, To the Reader).

²⁸ Não pretendemos aqui explicar a terminologia técnica da astrologia, por considerarmos que a não familiarização com esses termos em nada compromete a compreensão da tese.

²⁹ Um aspecto curioso na explicação de Robert Fludd é a proposta de que a relação entre os planetas e determinados metais se devesse *ao tipo de formação* desses planetas. Os outros autores não propuseram explicação para essas tradicionais relações entre planetas e metais.

Os casos apresentados por Robert Fludd, William Lilly e Claude Dariot ilustravam de maneira eficiente *como o astrólogo trabalhava*, mas, ao que tudo indica, apenas o trabalho de Lilly talvez fosse capaz de *tornar o leitor um astrólogo*. Robert Fludd, por exemplo, ainda que bastante organizado, apresentou pouquíssimos exemplos de julgamentos. É interessante notar, aliás, que o livro de Fludd foi escrito em latim, enquanto o de William Lilly em inglês. E isso, as obras de Lilly, demonstravam ser de fato uma atitude deliberadamente tomada a fim de abranger um público maior e popularizar a astrologia.

Uma “acusação” interessante que George Wharton fazia a William Lilly é a de que o astrólogo preferia suas próprias opiniões às de qualquer outro autor que já tivesse escrito sobre astrologia (LILLY, *Anglicus, Peace or no Peace*, p. 44).³⁰

De fato, como mostra o *Englands Propheticall Merline*, Lilly parecia ser bem ousado em suas considerações. Propôs alguns métodos de sua autoria para interpretar mapas astrológicos e analisar determinados fenômenos celestes. Pode-se extrair de seus escritos, cuja finalidade política parece inegável, novos métodos, por exemplo, para calcular o período de influência de cometas e conjunções, bem como para verificar que planeta dominava uma conjunção. Sugeriu procedimentos para predizer quando um cometa provocaria os efeitos tradicionalmente aceitos, e para identificar o local de influência de uma conjunção. Reconhecia não ter como sustentar que seus métodos e interpretações eram melhores, mas, nesses casos, apostava que o futuro mostraria a validade de suas considerações. No extenso *Christian Astrology* procurou sistematizar as regras da astrologia judicial, reformulando as regras de outros autores, à luz de sua própria experiência. (LILLY, *Englands Propheticall Merline*, pp. 37; 94-7; LILLY, *Christian Astrology*, To the Reader).

William Lilly não parecia fazer questão de se pronunciar de maneira explícita no sentido de dizer se aceitava ou não alguma tentativa de reforma da astrologia. Não escreveu nenhuma obra que tratasse especificamente dessas reformas. E não se

³⁰ Também num comentário de Wharton no livro *Bellum Hybernicale* temos a respeito de Lilly e Booker: “[...] enganam o mundo com as idiotices de suas próprias imaginações enganadas” (Apud GENEVA, *England’s Propheticall Merline Decoded*, p. 19).

pronunciou sobre o assunto nem mesmo na sua autobiografia quando se referiu à situação da astrologia durante todo o tempo em que viveu. Assim, caso existam, esses possíveis comentários do astrólogo a respeito de idéias dos reformistas estariam novamente em meio a considerações astrológicas sobre questões políticas.

Também em relação a certas propostas de John Dee e Johannes Kepler (1571-1630) às quais fez alusão no *Englands Propheticall Merline* seu comportamento era curioso.

Lilly utilizou tabelas de Johannes Kepler, mas discordava dos novos aspectos astrológicos propostos por ele: não havia encontrado correspondência com eventos peculiares. Esses novos ângulos entre planetas, que representariam aspectos diferentes dos já tradicionalmente aceitos pela astrologia, como quadraturas, conjunções e oposições, não seriam, para Lilly, astrológicamente significativos (LILLY, *Englands Prorpheticall Merline*, p. 3).

Na tese “The Scientific Revolution in astrology: the English reformers”, a historiadora Mary Bowden relaciona a apresentação desses novos aspectos como um dos elementos da reforma da astrologia proposta por Kepler.

Segundo Bowden, Johannes Kepler teria visto nos aspectos relações matemáticas ocultas que demonstravam a harmonia do universo. Eram como uma música, à qual, tal como um dançarino, a alma da Terra respondia. Kepler deu ênfase aos aspectos e chegou a propor que mais alguns ângulos formados entre os corpos celestes seriam aspectos significativos, além daqueles já existentes na astrologia tradicional. O autor teria expandido o número de aspectos porque como havia encontrado uma correspondência entre os tradicionais e certos números significativos na teoria musical, acreditava que os outros números dessa teoria também deveriam ter aspectos correspondentes. Kepler sugeria que as pessoas tentassem na prática verificar a validade daqueles aspectos, comparando sua ocorrência com o possível aparecimento de fenômenos meteorológicos peculiares (BOWDEN, *The Scientific Revolution in astrology: the English reformers*, Cap. III).

Isso demonstra, portanto, que Lilly estava a par de pelo menos uma tentativa de reforma da astrologia e não concordava com ela. Mais ainda, recorria a um argumento

empírico para refutar a importância daqueles aspectos: não havia encontrado correspondência entre eles e eventos peculiares. De qualquer forma, isso não quer dizer que Lilly estava dando atenção a uma reforma que vinha das implicações das novas idéias da astronomia.

Como nos esclarece Bowden, a proposta de reforma da astrologia de Kepler não estava relacionada às novas idéias e descobertas da astronomia. Kepler considerava irrelevante para a astrologia adotar uma concepção do universo geocêntrica ou heliocêntrica.

John Dee, outro autor estudado por Mary Bowden como reformador da astrologia, foi também bastante citado por Lilly no *Englands Propheticall Merline*, principalmente no que dizia respeito ao tipo de influência exercido pelos planetas. Lilly fez, no entanto, uma única referência à quantificação das influências astrológicas, apresentada por Bowden, como um dos motes da reforma astrológica proposta por John Dee.³¹

Ao tratar do aparecimento do cometa de 1618, William Lilly sugeriu que deveria ser levado em conta o momento em que ficara vertical em relação à Inglaterra, isto é, o seu vigésimo quinto dia de visibilidade. Isso significava, segundo Lilly, que a influência atingiria a sua plenitude no país 25 anos após a data do seu aparecimento.

Quanto mais os raios axiais ou na direção radial de uma estrela se tornam perpendiculares em relação a qualquer superfície elementar, mais forte é a influência que imprimem neste local de incidência, de maneira direta, pela maior proximidade do Agente; e de maneira reflexiva, porque esses raios curvados ou refletidos são quase conduplicados em relação aos incidentes. [...]. Quanto maior a permanência de uma mesma estrela acima do Horizonte, tanto mais ela é capaz,

³¹ A historiadora Mary Bowden apresenta as propostas de quantificação das influências celestes de John Dee e Officius. Segundo Bowden, Dee propôs que a influência celeste variasse quantitativamente de acordo com o tamanho do corpo celeste e sua distância em relação à Terra. Também quanto mais tempo uma estrela permanecesse acima do horizonte maior a sua influência. O autor chegou a compor fórmulas que levavam em conta esses fatores para quantificar as influências. Também tentou avaliar essas influências de modo a descobrir como seriam as resultantes de influências combinadas. Dentre os reformadores, ele era um dos poucos que aceitava a existência das casas zodiacais. Tal como a influência maior para um cometa quando em condição de perpendicularidade (idéia aceita por Lilly), Dee propunha que a mesma explicação com base nos raios celestes justificava o poder especial da décima casa numa natividade. Como uma tentativa de experimentação na astrologia, Dee teria chegado a sugerir a utilização de espelhos côncavos para tentar concentrar as influências celestes (BOWDEN, *The Scientific Revolution in astrology: the English reformers*, Cap. II).

pela ação daqueles raios diretos sobre aquelas partes, de fazer uma impressão mais forte da sua influência (DEE, *apud* LILLY, *Englands Prorpheticall Merline*, pp. 37-8).

Referiu-se à idéia de John Dee de quantificação das influências astrológicas para justificar por quê a verticalidade de um cometa implicava numa influência máxima, mas não a apontou como componente de uma proposta inovadora.

Embora essas considerações fizessem parte das propostas de Dee para compreender e quantificar as influências astrológicas, não temos outras referências que apontem como Lilly entendia essas influências e se ele aceitava outros elementos dessa proposta.

Em sua autobiografia o astrólogo se referiu a Dee no que dizia respeito ao seu trabalho sobre invocação de anjos, e não em relação à proposta de reforma da astrologia sugerida por ele (LILLY, *The life of those eminent antiquaries*, p. 146).

William Lilly estava a par das mais recentes propostas sobre astrologia. Mas não se referiu a tais idéias desses autores como algo que merecesse uma expressão tão grandiosa quanto “tentativas de reforma na astrologia”. Não as apontou como componentes de propostas de “reformas da astrologia”, como essas são classificadas por alguns trabalhos historiográficos.

Muito pelo contrário, parecia se referir a elas como mais algumas em meio à profusão de métodos, abordagens e interpretações produzidas pelos autores que trataram da astrologia. E, nesse sentido, ele aceitou certas propostas de Dee, rejeitou outras de Kepler, e ponto final. Sem comentá-las como se fizessem parte de algo revolucionário para a sua arte.

Se, tal como a historiadora Mary Bowden sugere, Dee e Kepler estavam de fato propondo tentativas de reforma da astrologia, valeria a pena questionarmos se Lilly também não pensava assim acerca de suas propostas inovadoras.

É interessante notar que, ao contrário de vários daqueles que Mary Bowden apresenta como reformadores da astrologia, William Lilly parecia dar importância a certos elementos como as casas zodiacais, que são amplamente discutidas no *Christian Astrology*. Além disso, e aí sim *aparentemente* em discordância com *todos esses*

reformadores, valorizava tanto a astrologia horária quanto a de eleições, embora não se considerasse muito competente nesse último ramo da astrologia (LILLY, *Christian Astrology*, To the Reader).

Não há, no entanto, indicações de que considerasse suas várias contribuições técnicas uma revolução ou reforma na sua arte. Ao que tudo indica, não propunha tal nível de repercussão para essas idéias. Considerava-as, sem dúvida, como correções realizadas em função de sua própria experiência a partir dos testemunhos de autoridades. Mas, não há indicações de que as considerava uma revolução na sua arte.

Por outro lado, na carta ao leitor que inicia o *Christian Astrology* e na sua autobiografia, Lilly deixou transparecer que realmente acreditava ter feito algo revolucionário. Essa revolução, ao que tudo indica, não estaria relacionada exatamente a novos métodos de cálculos ou interpretações, e sim a um novo método, revolucionário, para expor a sua arte e ensiná-la de modo rápido e eficaz a qualquer pessoa, de modo que qualquer um pudesse se instruir sem ajuda de mestres.

De fato, esse projeto de ensinar a astrologia a qualquer pessoa parecia já estar sendo ensaiado por Lilly há algum tempo, como nos demonstra o didatismo ainda que confuso do *Englands Propheticall Merline* e do *Anglicus, Peace or no peace*. O *Christian Astrology* seria, então, a culminância de um projeto.

Neste, Lilly explicava como usar uma efeméride e a tabela das casas, a desenhar e retificar uma figura dos céus, falava sobre a natureza das casas, planetas, signos do zodíaco, sua divisão e subdivisão, suas propriedades. Explicar esses elementos, como vimos, é algo que, ainda que sem esse detalhismo e sistematização, Lilly já vinha fazendo em suas obras anteriores. Mesmo em livros de previsões, como o *Englands Propheticall Merline*, era notável sua intenção de tornar a astrologia inteligível para o público. Essa intenção, no entanto, parecia muitas vezes minada nos seus trabalhos por falhas, desordem e repetições que sugerem “colagens” não revistas, de partes escritas em diferentes momentos. Essa tentativa seria parte de um projeto didático que

continuaría no *Anglicus*, onde são retomadas e completadas explicações, e que culminaria com o *Christian Astrology*.³²

Tanto na autobiografia, quanto no próprio *Christian Astrology*, ao se referir à primeira parte do livro, William Lilly, aparentemente para se defender de possíveis acusações e esclarecer que o seu método era realmente novo, comentou que não teve ajuda de ninguém e nem copiou trabalhos de outros autores. O seu método era novo, e não uma tradução, ainda que tenha conferido suas anotações com a de vários outros autores.³³

Essa primeira parte, como o astrólogo frisou na carta ao leitor que abre o *Christian Astrology*, ensinava com facilidade e, segundo um novo método, qualquer pessoa a começar o seu trabalho como astrólogo.

Apresentei de modo claro e honesto a Arte com toda a retidão e sinceridade de coração, e não omiti nada propositadamente que considerava conveniente ou necessário, ou que pudesse ajudar o jovem Estudante [...]. Recusei os Métodos de todos os Autores anteriores, e elaborei este *De Novo*, que considero tão fácil e eficaz que desde então nunca instrui alguém que não tenha ficado plenamente satisfeito e se tornado plenamente capaz na Arte, em menos tempo do que qualquer um pudesse esperar (LILLY, *Christian Astrology*, To the Reader).

Esse parece ser o algo revolucionário que Lilly julgava ter conseguido.

³² É interessante nos questionarmos a respeito dos motivos que faziam com que esse didatismo fosse uma preocupação central de William Lilly. Ao analisarmos a biografia de Lilly escrita por Derek Parker nos deparamos com um fato no mínimo curioso. Em 1613, ainda muito jovem, Lilly foi mandado a uma escola em Ashby-de-la-Zouch, na qual teve como mestre John Brinsley, *um dos mais destacados teóricos em educação da época*. Brinsley escreveu o que Parker define como o tratado educacional mais compreensível do seu tempo. Brinsley criticava a educação da época. Era contra os castigos corporais. Acreditava que ensinar não era apenas conseguir registrar fatos nas memórias dos alunos, mas sim dar-lhes noções do processo de aprendizado: “[...] ensinar a fazer todas as coisas com compreensão, ser capaz de dar razões para tudo o que eles aprendem. Ler e não compreender, ou não saber fazer bom uso disso, não é nada além de negligenciar todo o bom aprendizado [...]”. Se essas idéias de Brinsley influenciaram Lilly tanto quanto sabemos que o puritanismo do seu mestre o fizera, poderíamos ter aí uma chave para explicar o impulso do astrólogo em tentar tornar sua arte compreensível. Ver PARKER, *Familiar to all: William Lilly and astrology in the Seventeenth Century*, pp. 26-8.

³³ Para garantir este ponto, apoiava-se no fato de ter Elias Ashmole como interlocutor. Caso isso não fosse verdade, ele, como uma pessoa de grande erudição, seria capaz de identificar no seu trabalho o menor traço de outros autores (LILLY, *The life of those eminent antiquaries*, pp. 80-1). Os autores com os quais Lilly dizia ter conferido suas anotações são: Dariot, Bonatus, Ptolomeu, Haly, Etzler, Dietericus, Naibod, Hasfurtus, Zael, Tanstetter, Agrippa, Ferriers, Duret, Maginus, Origanus e Argol (ver LILLY, *Christian Astrology*, To the Reader).

CHRISTIAN ASTROLOGY

MODESTLY

Treated of in three Books.

The first containing the use of an EPHEMERIS,
the erecting of a Scheam of Heaven ; nature of
the twelve Signs of the Zodiack, of the
Planets ; with a most easie Introduction
to the whole Art of ASTROROLOGY.

The second, by a most Methodicall way, Instru&eth
the Student how to Judge or Resolve all manner of Que-
stions contingent unto Man, viz. of Health, Sick-
nesse, Riches, Marriage, Preferment, Journies, &c.
Severall Questions inserted and Judged.

The third, contains an exact Method, whereby to
Judge upon Nativities ; severall wayes how to rectifie
them ; How to judge the generall fate of the Native by the
twelve Houses of Heaven, according to the naturall
influence of the STARS ; How his particular
and Annuall Accidents, by the Art of Di-
rection, and its exact measure of Time
by Profections, Revolutions, Transits,
A Nativity Judged by the Me-
thod preceding.

By WILLIAM LILLY Student in Astrology.

Omne meum, nil meum : Nihil dictum, quod non dictum prius.



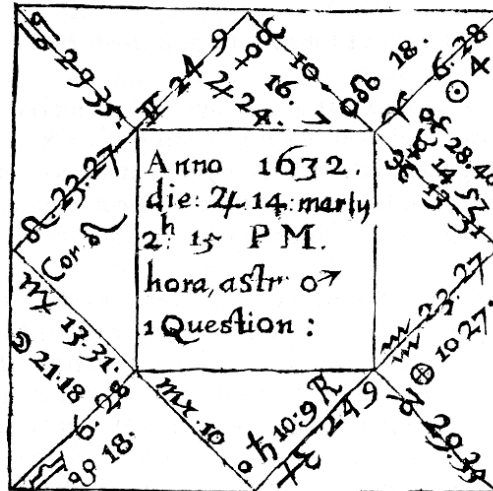
L O N D O N :

Printed by Tho. Brudenell for John Partridge and Humph. Blunden, in Black-
friars at the Gate going into Carter-lane, and in Cornhil, 1647.

A obra *Christian Astrology*, de William Lilly, era um manual didático que, através de explicações detalhadas e muitos exemplos, procurava ensinar as técnicas de previsão astrológica (LILLY, William. *Christian astrology, modestly treated of in three books*. London: Printed by Thomas Brudenell for John Partridge and Humph. Blunden, 1647).

all manner of Questions.

135



An A S T R O L O G I C A L L Jndgement concerning these demands propounded by the Querent.

1. If he were like to live long, yea or not.
2. To what part of the world he were best direct his course of life.
3. what part of his life, was in probability like to be most fortunate.
4. He desired I would relate (if possible by a Figure) some of the generall Accidents had happened unto him already.
5. what Accidents in future he might expect, good or evill.
6. The Time when.

The Stature of the Querent is signified by ♏, the signe ascending: there is a fixed Star called *Cor Leonis* neere the cuspe of the first house, viz. in 24. 34. of ♏, of the nature of ♂ and ♀, and first magnitude; both the Cuspe of the first house and degree of the signe wherein ☉ Lord of the Ascendant is in, are the

Uma página do *Christian Astrology*, de William Lilly. O autor mostrou em sua obra o modo de preparar os mapas astrológicos e de interpretá-los. (LILLY, William. *Christian astrology, modestly treated of in three books*. London: Printed by Thomas Brudenell for John Partridge and Humph. Blunden, 1647).

Já as descrições da *segunda e terceira partes* do *Christian Astrology*, tanto na autobiografia, como na carta ao leitor que abre essa obra, revelam que o autor havia feito em relação às questões horárias e às natividades algo muito semelhante ao que realizou no *Englands Propheticall Merline* a respeito de considerações sobre cometas e conjunções.

O astrólogo mencionava ter examinado manuscritos e coletado regras de muitos profissionais, mas ao concluir que muitas delas eram defeituosas e havia grande discrepância de julgamentos, empenhou-se em corrigi-las. Procurou sistematizar as regras da astrologia judicial de acordo com a sua própria experiência profissional. Isso, pode-se notar, nem a autobiografia, nem o próprio *Christian Astrology*, mencionam como algo revolucionário ou uma reforma na astrologia.

Na segunda etapa do trabalho, de maneira bastante didática e exaustiva, William Lilly apresentou casa por casa a que julgamentos astrológicos competiam. Temos, por exemplo: “Questões concernentes à primeira Casa”; “Julgamentos concernentes à segunda casa, isto é, Riquezas”; “Da quarta casa, isto é, Pais, Terras, Arrendatários, Cidades, Vilas”. É interessante, aliás, que há casos em que as regras anunciadas seriam supostamente propostas pelo próprio autor: “Regras experimentadas de Lilly sobre roubos”. Nem assim, no entanto, o autor parecia considerar a sugestão dessas regras em si como revolucionário, diferentemente do que parecia pensar a respeito do seu método de ensino da astrologia.

A historiadora Ann Geneva procura demonstrar através de diversas cartas que William Lilly foi reconhecido na época como o “restaurador da astrologia”, *mas não explica o que exatamente os coetâneos queriam dizer com tal predicação* (ver GENEVA, *England’s Propheticall Merline Decoded*, chapter one).

Geneva considera que o trabalho de Lilly marcou, de fato, a primeira vez em que os métodos de cálculo e interpretação da astrologia foram amplamente revelados e disseminados (GENEVA, *England’s Propheticall Merline Decoded*, p. 32).

Aparentemente, as cartas citadas por Geneva deixam transparecer que o termo “restaurador” se referia à importância que a astrologia teria adquirido em função do prestígio do trabalho de William Lilly, marcados por um esforço incessante de

popularizá-la. “Restaurador” parece se referir à sua colaboração para o prestígio de uma astrologia que por um bom período foi pouco valorizada na Inglaterra (ver **capítulo 1** desta tese). Não parece haver indicações de que esse termo se devesse especificamente ao fato de ele ter compilado e corrigido regras da astrologia então existentes.

O historiador Bernard Capp é incisivo ao se referir ao *Christian Astrology* como uma revitalização e um *movimento de reforma da astrologia*, porque, segundo ele, além de ser o primeiro livro compreensível a ensinar a prática e teoria da arte, William Lilly se dedicou a corrigir regras que considerava, em sua maior parte, defeituosas (CAPP, *Astrology and the popular press*, p. 182).

Já a historiadora Mary Bowden, por outro lado, ao abordar em sua tese as reformas na astrologia no período de 1558 a 1686 não menciona o trabalho de William Lilly como uma das tentativas de reforma da astrologia. Bowden lembra, por outro lado, e sem explicar no que isso implicava exatamente, que ele foi o líder reconhecido do que foi visto como uma “ressurreição” da astrologia (BOWDEN, *The Scientific Revolution in astrology: the English reformers*, p. 43).

É interessante, de fato, nos questionarmos sobre como Lilly foi visto em sua época. Caso tenha sido intitulado um “reformador” da astrologia ou um “restaurador” da astrologia, é importante compreendermos por quê, do ponto de vista da época, teria merecido algum desses predicados. Além disso, interessa-nos verificar, se, de fato, parecia fazer jus, naquele contexto, aos termos empregados para defini-lo, e se ele se posicionou sobre tal situação.

Entretanto, os poucos trabalhos historiográficos a respeito da astrologia inglesa do século XVII parecem se dedicar demais a rotular personagens, dando pouca repercussão ao modo como o próprio século XVII os via e como eles próprios pretendiam ser vistos.³⁴

³⁴ Voltaremos a essa questão no capítulo sobre as reformas da astrologia e na conclusão desta tese.

2.5 críticas à astrologia e possíveis pressões da “nova astronomia”, vistas a partir das obras de William Lilly

A atitude defensiva de William Lilly parecia demonstrar a forte intensidade das críticas à astrologia. Podemos dizer, no entanto, que, a partir das obras analisadas, infere-se que essas críticas não diferiam muito das de períodos anteriores.

Nota-se que um dos focos de desconfiança eram os erros nos prognósticos. Outro tipo de oposição à astrologia que se pode inferir a partir desses escritos manifestava-se na idéia de que as influências dos astros existiam, mas o astrólogo não podia entendê-las. Discutia-se um possível determinismo da astrologia, sua relação com a religião e o livre arbítrio, e a possibilidade de realizar previsões para seres humanos. Como demonstram os trabalhos de Lilly, estavam no cerne das oposições à astrologia, as questões religiosas. Os críticos também apontavam, por exemplo, que a astrologia pretendia submeter Deus às estrelas.

William Lilly procurou defender a astrologia horária, que, segundo os escritos do astrólogo indicam explicitamente, estava sendo bastante questionada na época. Aliás, pelo tom de sua defesa desse ramo da astrologia, nota-se que ela não era muito bem vista nem mesmo por certos astrólogos. O próprio Lilly parecia se opor ao modo pouco ético como muitos profissionais tratavam essas questões.

Em vista de mostrarmos como essas críticas das quais Lilly procurava defender-se e defender a astrologia em suas obras, se inseriam no contexto geral nos debates sobre a astrologia no século XVII, dedicamos a essas questões não apenas essa seção, mas deixamos para abordá-las em detalhe nos **capítulos 3 e 5** desta tese.

Ainda no que diz respeito às críticas, pode-se dizer que os textos de William Lilly analisados nesta pesquisa, incluindo a autobiografia do astrólogo, que percorre toda a sua carreira profissional, não sugerem que a astrologia sofria algum tipo de abalo com possíveis implicações de novas idéias ou descobertas astronômicas.

William Lilly parecia preocupado em resolver questões da astrologia para as quais considerava haver uma profusão de métodos e abordagens ineficazes. Por outro

lado, não há indicações de que estivesse preocupado com possíveis impactos na astrologia das novas descobertas e idéias da astronomia, nem em tentar explicar como se dava a influência das estrelas.

Suas obras não se manifestam sobre o assunto. William Lilly parecia se dedicar à sua astrologia como se nada disso existisse ou pelo menos não o perturbasse. Não parecia se preocupar em mudar a astrologia em função dessas novas perspectivas da astronomia.

O astrólogo, no entanto, não parecia alheio aos trabalhos que se produzia sobre astrologia ou astronomia na época, ou pouco tempo antes. Ele utilizou informações de outros autores como, por exemplo, análises e tabelas organizadas por Johannes Kepler. Além disso, discutiu os aspectos astrológicos sugeridos por Kepler e a proposta de John Dee de quantificação das influências celestiais.

Tendo ou não essas propostas a intenção de reformar a astrologia, o certo é que não pareciam ter origens em pressões externas à astrologia, tais como possíveis repercussões das novas idéias da astronomia. Essas sugestões, tais como as de Lilly, pareciam provir do próprio descontentamento desses autores em relação a certos aspectos da astrologia e não eram implicações das novas descobertas ou da adoção de uma cosmologia específica.

Capítulo 3

críticas e defesas da astrologia “argumentos religiosos”

Essas coisas então apresentei para que tu possas
compreender que a Astrologia é a Mãe da Heresia.
Cornelius Agrippa, *The vanity of arts and sciences*

Quem quer que entre no reino de Deus deve obedecer aos
seus Mandamentos. E não quem quer que entre no reino de
Deus deve ser nascido quando Saturno está em Leão.
John Melton, *The Astrologaster*

Deus, ao prometer a Abraão que daria a terra de Canaã a
seus descendentes, diz que a hora ainda não havia chegado.
Ele não diz que os aspectos das estrelas são desfavoráveis
no momento.
João Calvino, *An admonicion against Astrology iudiciall*

Para discutirmos os argumentos empregados nas críticas e defesas da astrologia no século XVII propomos uma divisão de caráter essencialmente prático, sem perdermos de vista o fato de que, com base nos comentários expostos logo nessa primeira seção, trata-se de uma divisão anacrônica.

Neste capítulo discutimos o que chamamos *artificialmente* de “argumentos religiosos”. Tratamos aqui das atitudes de “reformadores” como João Calvino e Martinho Lutero a respeito da astrologia, influenciadas por “autoridades religiosas” como Santo Agostinho e São Tomás de Aquino. Estudamos a repercussão das idéias de Agostinho, Aquino e dos autores das reformas religiosas nos debates a respeito da legitimidade da astrologia no século XVII. Verificamos, também, como se deu a interpretação de trechos bíblicos nesses debates, o que, em muitos casos, refletia diretamente o uso de procedimentos delineados por Agostinho para a interpretação das Escrituras.

3.1 ciência e religião no século xvii

O que leva um cientista a optar por determinado estudo em meio a tantos outros possíveis? Assim como outros elementos sócio-culturais, convicções religiosas podem

participar desse e de tantos outros processos de escolha. Se pensarmos na relação entre ciência e religião atualmente, podemos notar que a postura de uma religião (e outros fatores sócio-culturais) pode sim, de certo modo, repercutir, por exemplo, nos debates éticos acerca do prosseguimento de um determinado estudo.

Mas, por mais que detectemos esse tipo de relação também no século XVII, devemos ter em mente que a relação ciência e religião naquela época era razoavelmente diferente da atual.

Isso se manifesta claramente no discurso de estabelecimento da *Royal Society*. Para legitimar a então incipiente empreitada parecia fundamental dizer que os experimentos não eram ofensivos a Deus. O conhecimento da natureza não os afastaria de Deus, mas sim, de acordo com apreciação atribuída a Francis Bacon, mostrava ao homem a grandeza e a infinita distância existente entre ele e o seu criador (SPRAT, *The history of the Royal Society*, pp. 348-51).

A ciência era dita um meio de louvar o Criador, visto que o conhecimento de suas obras mostrava a sua magnificência. Na seção emblematicamente intitulada “Experimentos não põem em risco a Religião Cristã”, Thomas Sprat, autor da história oficial da *Royal Society*, comentava:

Irei agora proceder com a Parte mais importante e solene de toda a minha Tarefa: fazer uma Defesa da *Royal Society* e este novo Conhecimento Experimental em Relação à Fé Cristã (SPRAT, *The history of the Royal Society*, p. 345).

Certo comentário do astrônomo Joshua Childrey também pode traduzir bem a relação estreita entre ciência e religião no século XVII:

A Filosofia Natural, ao lado da Palavra de Deus é o Antídoto mais Soberano para expelir o veneno da Superstição, e não somente isso, mas também o mais aprovado alimento para nutrir a Fé. E então ela pode ser oferecida à religião como a sua mais fiel serva: visto que uma nos mostra a Vontade de Deus, e outra o seu Poder. [...] juntando essas duas, Instrução sobre a Vontade e Meditação sobre o Poder como inseparáveis e igualmente necessárias (CHILDREY, *Britannia Baconica*, The Epistle Dedicatory).

No século XVI o autor germânico Cornelius Agrippa havia se pronunciado contra a valorização das ciências e artes: “não há nada mais pernicioso, nada mais

destrutivo ao bem-estar dos Homens ou à Salvação das Almas” (AGRIPPA, *The vanity of arts and sciences*, p. 2).

Realçar a compatibilidade entre a ciência e o cristianismo parecia ser importante, já que havia quem contrapusesse a fé ao conhecimento. E se era necessário reforçar essa idéia, a astrologia não fugia à regra. Basta lembrarmos, por exemplo, que as reuniões da *Society of Astrologers* eram abertas com sermões, e esse aval de religiosos parecia também um importante meio de mostrar que a astrologia não era ofensiva a Deus.¹

Vale à pena nos lembrarmos, aliás, que não foi à toa que o astrólogo William Lilly deu a um de seus trabalhos mais importantes o sugestivo título de “*Christian astrology*”.

Lilly demonstrava estarem no cerne das oposições à astrologia as questões religiosas. Principalmente - o que procurou esclarecer que seria um engano - uma possível submissão de Deus às estrelas:

E que ninguém entenda mal quando eu escrevo Este Planeta ou aquela Constelação fez ou faz determinada coisa. Eu quero dizer que A Influência daquele Planeta é tal que ele inclina (se Deus permite) para tais e tais atos, &c. Deixe o homem viver meramente como um homem Natural, sem centelhas da Graça, e então as influências predominam; mas onde a Graça rege, as Estrelas obedecem (LILLY, *Englands Propheticall Merline*, To the Reader).

Deus (portanto, não as estrelas) comandava o mundo. Esquecer disso e confiar cegamente nas estrelas, até mesmo impedia o trabalho do astrólogo, porque neste caso Deus ofuscava seus julgamentos (LILLY, *Englands Propheticall Merline*, To the Reader).

No século XVII, a relação ciência-religião parecia de tal modo indissolúvel a ponto de tornar difícil (se não um anacronismo) separar, nas críticas à astrologia, os argumentos técnicos dos religiosos. Através dos discursos dos então pesquisadores de diversas áreas nota-se, que no século XVII, a compatibilidade com os preceitos

¹ Um desses sermões, proferido por Richard Carpenter na abertura de uma reunião dessa associação de astrólogos, foi publicado em 1657 com o título de *Astrology proved harmless, useful, pious*. Essa obra apresenta vários argumentos em defesa da astrologia, com destaque especial a interpretações de trechos bíblicos.

STELLA NOVA,
A
NEW STARRE,
Leading wisemen unto
CHRIST.
OR,
A SERMON
Preached before the learned Society of
ASTROLOGERS,
AUGUST 1. 1649. In the Church of
S. Mary Alder-Mary, London.

By ROBERT GELL D.D. Minister of the Word there.

Sol & Luna, post Deum, omnium viventium vita sunt. Herm. Trifm.
Κλέρον, ἢ σισμὸν γῆς ἐκ τοῦ κατ' ἔχρον κινήσεων τροχισμοῦ περισσιναν-
τιναι, ἢ μυσία ἀλλὰ τοῦ ἀληθεύοντος ὡς ἀφυστάστα λησγθαί, ὅτι οἱ
σημεῖα γεγόναν οἱ ἀστέρες. Philo Jud. de mundi Opif.
Astrologia periclitanda est ad cognoscendum proprietates istorum syderum, ut
hunc locum intelligere possimus. o sing.
Δημοκρεῖς ἐκ τῆς τοῦ μεταβολῶν περὶ τῆς ποσότητος πολλὰ περὶ τῆς σοφίας
ἐπανομιάζει. Clem. Alex. Strom. lib. 6.
Chaldei exitum, quod imminbat, providere non poterunt, uapore quod ex na-
turali altorum cursu non emanaret, sed ex arcano Dei consilio. Calcim.
Certum est, multas in clementis mutationes ab astris oriri, & in crafis humanorum
corporum, & ingeniorum inclinationibus, lumen celeste magnam vim habere.
Phil. Melanch.

L O N D O N : Printed for Samuel Satterthwaite; and are to be sold at his
shop at the signe of the Sun on Garlick-Hill. 1649.

ΑΓΓΕΛΟΚΡΑΤΙΑ
ΘΕΟΥ.
OR
A SERMON
TOUCHING
Gods government of the World
by Angels.

Preached before the learned Societie of
ARTISTS or ASTROLOGERS,
August 8. 1650.

In the Church of St. Mary Alder-Mary London,
By ROBERT GELL, D. D.
Minister of the Word there.

הוּא אֱלֹהֵי עֲמָנוּת מַעֲלֵי שָׁמַיִם הַמְּלָאכִים
וְהַמְּלָאכִים הַקְּטָנִים וְהַגְּדֹלִים

Ite Dei exercituum superiorum, qui sunt Angeli
& Orbes cum Syderibus suis.

R. D. Kimhi in Hof. 12. 15.

Ἀλλ' ὁ εὐσεβὴς καὶ μέγας τοῦ δαυιδαίου ὁ κύριος ἡμεῶν ἰσχυρὸς
καὶ παρὴν τῶν σφόντων ἰσχυρὸς ὁ τοῦ δαυιδαίου καὶ τοῦ
ἀγγέλου τοῦ ἐξουσιάζοντος, ὃς ἐν τῷ δαυιδῇ ἡμεῶν, ὃς δὲ ἐν τῷ
ἐξουσιάζοντι. Ex Theodoti Epist. Oriental. disciplin.

Multavirescentur, quia nunc ceciderunt, cadentibus
Quae nunc sunt in bonis.

Herein certainly shall men have a most sweet taste of the familiar
conversing of the Saints among the holy Angels.
M. Brightman on Apoc. c. 22. v. 10.

L O N D O N :

Printed by John Legatt, and are to be sold by Nathanael
Brooks, at the signe of the Angel
in Cornhill. 1650.

A partir da década de 1640, um grupo de astrólogos (e simpatizantes) começou a realizar reuniões que eram chamadas de “festas matemáticas”, ou “festas dos astrólogos”. Entre as pessoas que participavam dessas reuniões estavam Arise Evans, William Lilly, John Booker, Henry Coley, Elias Ashmole, George Wharton, John Gadbury, John Partridge, Vincent Wing, John Heydon, Geoffrey le Neve, George Parker, Nicholas Culpeter e muitos outros. Essas reuniões acabaram levando à criação da *Society of Astrologers*, que perdurou por várias décadas. As folhas de rosto acima pertencem a sermões pronunciados pelo reverendo Robert Gell (1595-1665) em duas reuniões dessa Sociedade. (GELL, Robert. *Stella nova, a new starre, leading wisemen unto Christ*. Or, a sermon preached before the learned Society of Astrologers, August 1. 1649. In the Church of S. Mary Alder-Mary, London. By Robert Gell D.D. minister of the Word there. London: printed for Samuel Satterthwaite; and are to be sold at his shop at the signe of the Sun on Garlick-Hill, 1649; GELL, Robert. *Αγγελοκρατία θεου, or, A sermon touching Gods government of the world by angels*. Preached before the learned Societie of Artists and Astrologers, August 8, 1650, in the Church of St. Mary Alder-Mary, London, by Robert Gell. London: Printed by John Legatt and are to be sold by Nathanael Brooks, 1650)

A
NEW BLOODY
ALMANACK,
FOR THIS INSUING
YEAR 1645.

VWherein is contained & mentioned (for our better instruction) divers obseruations, both out of the Sacred Scriptures, and other learned Astronomers, both ancient and moderne. With sundry aduertisements, and forwarnings, and other things of note, worth the obseruation of every one in generall &c.

*Cornes, Plants, Rootes, Hearbs, Fish, Fowle and Beasts, must bleed
This yeare, the hungry maw of Man to feed.*

Blessed are the Peace-makers, for they shall be called the Children of God. Math. 5. 9.

Come and behold the workes of the Lord, what desolation he hath made in the earth. He maketh warres to cease unto the end of the world, he breaketh the Bow, and cutteth the Speare, and burneth the Chariots with fire. Psal. 46. 8. 9.

*England beware, and to thy Selfe take heed,
Salve up thy wounds, and doe no longer bleed.*



LONDON,
Printed by Iohn Hammond, 1645.

Algumas obras astrológicas, como este almanaque de John Booker, se preocupavam em indicar, na própria folha de rosto, que se baseavam nas Sagradas Escrituras, para evitar que os leitores se afastassem da obra por motivos religiosos. (BOOKER, John. *A new bloody almanack, for this insuing year 1645. VWherein is contained & mentioned (for our better instruction) divers obseruations, both out of the Sacred Scriptures, and other learned astronomers, both ancient and moderne. With sundry aduertisements, and forwarnings, and other things of note, worth the obseruation of every one in generall &c.* London: printed by Iohn Hammond, 1645).

religiosos vigentes parecia um ingrediente indispensável para avaliar a legitimidade de uma área do conhecimento.

Bastante emblemáticas de como se via a importância de discutir se a astrologia era ou não aceitável são as palavras de Johannes Kepler (1571-1630):

Para essa controvérsia convido todas as pessoas que filosofam com seriedade. Porque isso diz respeito à honra (glória) de Deus, o criador, e ao benefício da raça humana (KEPLER, *Concerning the more certain fundamentals of astrology*, p. 31).

Nesse contexto, interpretar o que as Escrituras tinham a dizer sobre a astrologia tornou-se um ingrediente indispensável nas obras de autores que escreveram *contra* ou *a favor* da astrologia.

Na obra *Astrologia accusata pariter & condemnata*, publicada em 1650, John Raunce demonstrava claramente o quanto considerava valioso que seus argumentos *contrários* à astrologia fossem “extraídos” das Escrituras. Nos trabalhos de William Lilly, passagens bíblicas também eram usadas *em prol da astrologia*. E em 1655, ao ser levado a julgamento sob a acusação de receber dinheiro para recuperar bens perdidos², Lilly defendeu a legalidade da astrologia e sua concordância com as Escrituras (LILLY, *The life of those eminent antiquaries*, p. 109).

Indignados com esse tipo de atitude de buscar sustentação na Bíblia, os críticos da astrologia atribuíam-na a uma suposta má fé dos profissionais dessa área. Em fins daquele século, John Partridge dizia que a verdadeira astrologia *concordava* com a palavra divina, e de modo algum era proibida pela Bíblia, como alguns alegavam. Tal crítica parecia ser, para ele, mais do que motivo de reprovação, e sim de extrema consternação. Ver a astrologia como bobagem era algo mais brando e até admissível se comparável a isso (PARTRIDGE, *Opus reformatum*, pp. viii-ix).

² Esta prática era proibida por uma lei da época do Rei James.

3.2 Agostinho, a quino e a astrologia no século XVII

As idéias de Santo Agostinho repercutiam intensamente nas discussões sobre a legitimidade da astrologia na convulsiva ambiência inglesa da época. Isso não surpreende se lembrarmos que as concepções de reformistas como Lutero e Calvino tinham sido profundamente influenciadas pelos escritos agostinianos (ver KIRWAN, *Augustine: The arguments of the Philosophers*, cap. V). Também muitos autores como Cornelius Agrippa citaram idéias de Agostinho ao tratarem do assunto “astrologia” (AGRIPPA, *The vanity of arts and sciences*, p. 98). Como menciona o historiador Jim Tester: “Na escala das autoridades contra a astrologia o peso de Agostinho não tinha paralelo” (TESTER, *A history of western astrology*, p. 108).

John Melton, autor de crítica de significativa repercussão no século XVII, atribuiu as respostas certas dos astrólogos à ação demoníaca. Citou Agostinho ao falar sobre a sedução do demônio e ao demonstrar preocupação de que as pessoas confiassem mais nos astrólogos do que nos ministros do Evangelho. Para saber o futuro o correto era recorrer à Bíblia, e não à astrologia (MELTON, *The astrologaster*, pp. 42-3; 52-3; 74).

No século V, Agostinho havia dito que previsões corretas dever-se-iam às influências dos demônios, desejosos de atrair e convencer profissionais a se dedicarem com mais afinco à astrologia (AGOSTINHO, *A cidade de Deus*, Livro V, cap. VII).

O homem se desviava do caminho correto quando passava a adorar as criações humanas, isto é, quando adorava o que não merecia ser adorado. Esse era o caso da astrologia, que, para Agostinho, não passava de uma criação humana supersticiosa. Seus profissionais se dedicariam a interpretar sinais fictícios, sem valores intrínsecos (AGOSTINHO, *A doutrina cristã*, pp. 169).

Segundo Agostinho, esses eram os sinais com os quais se estabelecia a aliança com os demônios. Para que suas artimanhas fossem eficientes, os demônios

proporcionavam às pessoas o que se adequasse às suas idéias, de modo que esses sinais assumiam valores diferentes de acordo com seus pensamentos e opiniões.³

Mas, justamente porque esses sinais dependiam do assentimento do observador, era possível aconselhar o cristão a se afastar da astrologia, “dessa superstição malsã e nociva, baseada sobre maléfico acordo entre homens e demônios [...]”, cujo objetivo seria de natureza material (AGOSTINHO, *A doutrina cristã*, p. 128).

Como não poderíamos deixar de esperar, Agostinho procurou mostrar que as Escrituras atacavam a astrologia:

[...] a divina Escritura não silenciou sobre esse tipo de fornicção da alma. Ela não se contentou em afastar a alma dessa infidelidade, mas atacou-a com uma condenação salutar. Não somente nos adverte que fuja dos desses atos culpados, como fruto dos professores de mentiras, mas vai até dizer: “Ainda que aconteça o que eles vos anunciaram, não creiais neles” (Dt 13, 1-3) (AGOSTINHO, *A doutrina cristã*, p. 128).

Agostinho lembrou, por exemplo, os dizeres de certo trecho de uma das cartas aos Coríntios: “aquelas vítimas que os gentios imolam, eles as imolam aos demônios, e não a Deus. Ora, não quero que entreis em comunhão com os demônios”. Para ele, essa passagem bíblica era um claro testemunho contra a astrologia, fruto do pacto dos homens com o demônio (AGOSTINHO, *A doutrina cristã*, p. 128).

No século XIII, São Tomás de Aquino fez uma objeção de caráter técnico a um ramo da astrologia então bastante questionado. Aquino mencionou que as obras dos magos não resultavam apenas da influência dos corpos celestes porque a inteligência não podia ser causada por princípios corpóreos:

Com efeito, nas obras dos magos aparecem algumas semelhantes às causadas por uma natureza intelectual, pois, por exemplo, dão respostas a perguntas sobre roubos ocultos e sobre coisas semelhantes, o que não pode ser causado senão pelo intelecto. Logo, não é verdade que todos esses efeitos são causados só pela virtude dos corpos celestes (AQUINO, *Suma contra os gentios*, Livro III, cap. CIV).

Para Aquino, a capacidade de dar respostas corretas a essas questões adviria da influência de intelectos superiores moralmente maus, já que as respostas não

³ A idéia de Agostinho, sem dúvida, poderia ser usada por aqueles que quisessem explicar as discordâncias entre os astrólogos.

proporcionavam o progresso da razão e sim coisas insignificantes (AQUINO, *Suma contra os gentios*, Livro III, cap. CVI).

Pode-se notar, assim, que, ainda que de modo diferente de Agostinho, Aquino considerava que *certos* resultados proporcionados por *determinados* ramos da astrologia podiam ser resultado de influências demoníacas.

A astrologia, que Agostinho admitia ter sido uma de suas paixões da juventude, era um conhecimento a ser rejeitado. Nas *Confissões*, no capítulo intitulado “Interesse pela astrologia”, o Bispo de Hipona relata que, quando jovem, Deus tentou dissuadi-lo do hábito de consultar astrólogos (Livro IV, cap. 3). Como o pai que compreende as bobagens dos filhos jovens, um médico teria relatado a Agostinho que, ainda na juventude, após ter estudado os trabalhos de Hipócrates, também resolveu se dedicar ao estudo da astrologia. Desistiu quando percebeu que aquilo se tratava de um embuste.

Neste episódio, pode-se notar que a astrologia é descrita como atividade leviana que enganava os mais ingênuos, condenada pela “verdadeira piedade cristã”, e praticada por puro interesse financeiro. Seria normal um impulso da juventude por estudá-la, mas a maturidade mostrava que ela não merecia ser levada a sério. Agostinho considerava, então, que a astrologia não era assunto digno da atenção dos cristãos.

No século XVII, as críticas de Agostinho à astrologia foram lembradas como “investidas de criteriosa seriedade” por autores tão importantes quanto o filósofo Pierre Gassendi (GASSENDI, *The vanity of judiciary astrology*, p. 2). Suas idéias foram freqüentes em obras que *atacavam a astrologia*, tais como os escritos do cônego inglês John Chamber:

A autoridade de Santo Agostinho É das de maior peso porque ele confessa que ele próprio fez parte daquele bando condenável, no terceiro livro de suas confissões. E no sétimo livro suas palavras são essas: Agora eu também renunciei às falsas previsões e imbecilidades odiosas dos Astrólogos [...]. E em seu livro *de natura Daemonum* ele afirma que não é legítimo para qualquer cristão elaborar natividades (CHAMBER, *A treatise against iudiciall astrologie*, p. 6).

No seu segundo livro *de doctrin. Christ.* ele diz que é uma grande loucura e idiotice pretender dizer pelas estrelas as maneiras, ações e eventos dos homens (CHAMBER, *A treatise against iudiciall astrologie*, p. 77).

Para Chamber, a astrologia podia ser atraente no tocante à fuga das responsabilidades. O autor recorreu a Agostinho para repreender a atribuição de maus comportamentos à influência dos astros, e lembrou que o Bispo de Hipona considerava que previsões corretas dos astrólogos sobre eventos particulares podiam ter inspiração diabólica (CHAMBER, *A treatise against iudiciall astrologie*, pp. 39-41).

Tal como ocorrera com Agostinho, Chamber procurou mostrar que os convertidos deixavam de lado a astrologia, enquanto os persistentes nesse pecado recebiam a punição de Deus (CHAMBER, *A treatise against iudiciall astrologie*, pp. 5-6 e 77).

Outros autores, como John Raunce, também se valeram desse argumento e parecem ter feito questão de lembrar que Agostinho empreendera tal caminho. O próprio Raunce se dizia um antigo estudioso e praticante da astrologia, reforçando o valor de suas críticas, já que essas, então, provinham de efetivo conhecedor da arte.⁴ Raunce atribuía sua mudança de atitude a Deus ter atuado diretamente em sua consciência, fazendo-o perceber que a astrologia era ilegítima, diabólica, praticada por homens maus, empenhados em descobrir coisas contingentes, o que ninguém nem nenhuma arte era capaz (RAUNCE, *Astrologia accusata*, To the reader e p. 12).

Para ele, tal como para Agostinho, o demônio era autor da astrologia, e nisso residia o porquê da confirmação de muitas previsões. Assim, dizia que se fosse aceito o argumento de Christopher Heydon, William Lilly e John Booker de que previsões corretas demonstravam a legitimidade da astrologia, também a bruxaria devia ser aceita como legítima (RAUNCE, *Astrologia accusata*, p. 3).

Para Raunce, havia uma estreita relação entre astrologia e bruxaria/magia. A astrologia seria o fundamento da magia. Mágicos e astrólogos fariam o mesmo tipo de correspondência entre anjos, planetas, dias da semana e horas do dia. Usariam a mesma nomenclatura para anjos ditos governantes do mundo.

⁴ Martinho Lutero também foi outro a apontar: “Fui tão longe na Astrologia, [...] que acredito que ela seja nada” (LUTERO, *Dris Martini Luteroi colloquia*, p. 504).

Raunce negava a relação entre anjos e planetas aceita por Tomás de Aquino. Aliás, nem todos os contrários à astrologia estendiam os aplausos dirigidos a Agostinho a discursos de outras “autoridades” religiosas como Tomás de Aquino.

Como bem expôs o filósofo Pierre Duhem:

Santo Agostinho e São Tomás de Aquino usam a respeito desse assunto a mesma linguagem. Mas, quanto aos astrólogos, Santo Agostinho se dispõe a recusar o nome de razão humana mesmo às crenças que a Igreja lhes deixava livres para professar; ele reduz ao mínimo a ação dos corpos celestes sobre o que está aqui embaixo. São Tomás, ao contrário, concede à Astrologia tudo o que sua fé Cristã não o obriga estritamente a recusar; ele submete sem nenhuma exceção o mundo dos corpos sublunares ao governo das circulações superiores (DUHEM, *Système du monde*, p. 368).

Separados por séculos e séculos durante os quais a Igreja se consolidou, a diferença de contextos em que escreveram explica a severa diferença de atitude em relação à astrologia entre Santo Agostinho e São Tomás de Aquino.⁵

O universo concebido por São Tomás era essencialmente o de Aristóteles. E sua atitude em relação à astrologia era indissociável do modo como via o mundo.

Para Tomás de Aquino, o Deus criador governava o mundo segundo uma espécie de hierarquia. O que estava mais próximo Dele, e portanto, tinha maior grau de perfeição, governava aquilo que lhe era contíguo, e menos perfeito, e assim por diante. Esse era o modo de agir de Deus, empregando causas secundárias. Às esferas celestes correspondiam inteligências separadas, os anjos, motores espirituais que lhes dirigiam o movimento circular. Deus, como os governantes, não fazia tudo sozinho, mas recorria aos anjos como seus ministros (AQUINO, *Suma contra os gentios*, Livro III, caps. XXIII; LXVII e LXXVII-LXXXIX).

⁵ Pode-se dizer que a Igreja mantinha um interesse de longa data em discutir a astrologia. Alguns autores do século XVII tentaram mostrar que a Igreja sempre havia mantido uma única atitude em relação ao assunto: “[...] falando sobre nós mesmos & o tempo presente, pode parecer estranho que em tão longa profissão do Evangelho, uma superstição tão grosseira e idólatra deva continuar corrente. Posso chamá-la de idólatra, penso eu, já que a Igreja de todas as épocas, com Imperadores, Doutores, Pais e Conselhos, sempre a condenaram. [...]. Mas esta superstição condenável, que desonra Deus, polui o céu, engana e seduz os homens, continua sem ser tocada ou abalada [...]” (CHAMBER, *A treatise against iudicial astrology* p. 1). Não se pode dizer que a posição da Igreja tenha sido ao longo dos tempos tão coesa e permanente quanto sugerem essas palavras do cônego John Chamber. Evidência disso é que o próprio Chamber criticava religiosos como Guido Bonatus e Roger Bacon por terem sujeitado questões religiosas às constelações (CHAMBER, *A treatise against iudicial astrology*, pp. 11-4).

A existência de influências astrológicas, portanto, era indissociável da visão de mundo de Tomás de Aquino. Notamos na *Suma contra os gentios*, por exemplo, que antes de julgar a validade da astrologia judicial, Aquino expõe em detalhe esse sistema. As explicações sobre o funcionamento do mundo vão se encadeando e, pouco a pouco, a atitude do autor em relação à astrologia parece emergir como consequência natural.

Aquino admitia a existência de influências físicas dos corpos celestes (AQUINO, *Suma contra os gentios*, Livro III, cap. CIV). Mas será que essas influências astrológicas atingiriam o intelecto humano?

Para Tomás de Aquino os corpos celestes não tinham influência *direta* no intelecto humano, e, por isso, não podiam ser causa *direta* das coisas referentes a ele. Havia uma diferença de natureza em relação a essas duas coisas, corpos celestes e intelecto (AQUINO, *Suma contra os gentios*, Livro III, cap. LXXXIV).

Se por um lado vemos que Tomás de Aquino considerava que os corpos celestes não tinham influência *direta* no nosso intelecto, por outro, sabemos que ele aceitava a existência de influências celestes *indiretas* no intelecto:

No entanto, deve-se saber que embora os corpos celestes não possam ser causa dos nossos conhecimentos, indiretamente podem operar neste sentido. Apesar de o intelecto não ser potência corpórea, em nós ele não atua sem a operação das potências corpóreas, que são a imaginação, a estimativa e a memória [...]. [...] quando estão impedidas as operações destas potências, por alguma indisposição corporal, fica também impedida a operação do intelecto, como, por exemplo, se observa nos loucos, nos letárgicos, e em outros indispostos (AQUINO, *Suma contra os gentios*, Livro III, cap. LXXXIV).

Justamente por serem capazes de exercer influências físicas sobre o corpo humano é que os corpos celestes *poderiam influenciar* a vontade e o intelecto. Aquino, procurou frisar que os corpos celestes não eram, no entanto, *causa* das nossas volições e escolhas (AQUINO, *Suma contra os gentios*, Livro III, cap. LXXXV).

Os princípios dessas escolhas não seriam esses influxos celestes, mas sim vícios e virtudes que não provinham da natureza. A potência de julgar não seria dada inutilmente ao homem, e se ele não fosse senhor de suas escolhas penalidades, prêmios e leis seriam inúteis.

No que se refere, portanto, às influências celestes, ficava salvaguardado o livre arbítrio. Mas, mesmo não sendo as influências celestes a causa das nossas escolhas e opções, indiretamente essas influências poderiam sim afetar as escolhas, já que afetavam os corpos (AQUINO, *Suma contra os gentios*, Livro III, cap. LXXXV).

Isso ocorreria, por exemplo, quando fossem responsáveis por condições externas que motivassem nossas escolhas. Esse seria o caso de num frio intenso, escolhemos ser aquecidos pelo fogo. As influências astrológicas também poderiam nos causar indisposições corpóreas que nos levassem a escolher algum remédio. Em alguns casos, apontava Aquino, movimentos da paixão reagiam contra mudanças causadas pelos influxos sobre os nossos corpos. E, esses podiam, ainda, tornar-nos dispostos para algumas paixões, como ocorria com os coléricos, que eram dispostos à ira.

É evidente, e o atesta a experiência, que estas ocasiões, sejam elas interiores ou exteriores, não causam as nossas escolhas, porque o homem pode pela sua razão resistir-lhes ou obedecer a elas. Ora, há muitos que seguem os impulsos naturais, mas poucos há, só os sábios, que resistem às ocasiões de fazer o mal e aos impulsos naturais. Por esse motivo disse Ptolomeu que o *trabalho das estrelas ajuda os sábios, e que o astrólogo não pode julgar do influxo dos astros se não conhece bem a capacidade da alma e o temperamento natural, e que o astrólogo não pode dizer coisas particulares, mas só de um modo geral* (Centilóquio, sentença 8). Com efeito, o influxo das estrelas produz efeitos em muitos que não resistem à inclinação corpórea. No entanto, isto não acontece neste ou naquele que resiste à inclinação natural (AQUINO, *Suma contra os gentios*, Livro III, cap. LXXXV).

Assim, as previsões dos astrólogos seriam justificáveis mesmo quando se tratasse de atitudes humanas, pois também essas seriam indiretamente influenciadas pelos corpos celestes. O que não deveria ser esperado era que essas previsões fossem sempre corretas, já que o homem era livre para escolher e podia resistir a essas influências. Por isso, previsões gerais seriam mais eficientes do que particulares.

Aquino citou explicitamente trechos do *Centiloquium* atribuído a Ptolomeu, mostrando-se a par de considerações daquele autor, e, ao mesmo tempo, validando a atividade do astrólogo:

Pois, assim como os médicos podem julgar a saúde mental pela compleição corpórea, como sendo esta disposição próxima, também o astrólogo o pode pelos movimentos dos corpos celestes, ao serem estes causa daquela compleição. E assim se pode verificar o que disse Ptolomeu: *Quando Mercúrio*

se encontra em uma das moradas de Saturno, dá inteligência capaz de penetrar no conhecimento das coisas, fazendo forte no seu ser a quem nascer neste tempo (Centilóquio, Sentença 38) (AQUINO, *Suma contra os gentios*, Livro III, cap. LXXXIV).⁶

Vemos que, o comportamento de Tomás de Aquino a respeito da astrologia, mais do que se adequar à sua visão de mundo, era indissociável dela. Suas idéias se moldavam ao contexto em que vivia, e repercutiam as idéias de teólogos influentes.⁷

No século XVII, o cônego John Chamber censurou duramente a posição tomada por Tomás de Aquino em relação àquela arte. Reagiu ao que dizia ser uma tentativa de Aquino de dar conta do caso dos gêmeos e derrubar um argumento a que tão amplamente se tinha lançado mão contra a astrologia:

Exercendo o papel de Proteu com truques e sutilezas, ele [Aquino] não se envolveu menos em suas redes do que Proteu, [...]. Num tratado intitulado *de fato* ele diz que os gêmeos algumas vezes diferem em disposição porque toda a semente não é recebida pela mãe ao mesmo tempo. Além disso, porque não há um único e mesmo centro dos corações de ambos os gêmeos, mas diferentes e em diferentes locais, então ele diz que também há uma diferença de Horizonte [ascendente] (CHAMBER, *A treatise against iudicial astrology*, p. 55).

John Chamber questionou se tais intervalos de tempo e posições eram suficientes para dar conta da diferença de natureza dos gêmeos. Irônico, comentou que, se Aquino estivesse certo, então não seria suficiente dizer ao astrólogo que dado nascimento ocorreu em Londres, mas seria necessário especificar rua, casa, quarto, parte do quarto, etc.

Deve-se observar, no entanto, que se Chamber critica essa atitude de Aquino, por outro lado, em algumas ocasiões, procura defendê-lo:

⁶ É curioso que embora a citação extraída do *Centiloquium* faça menção justamente ao momento do nascimento ser algo decisivo para a vida do indivíduo, o que era um ponto bastante questionado da astrologia, Aquino não faz nenhuma observação acerca dessa questão. Assim, vemos que mesmo diante dessa oportunidade, Aquino não discutiu esse aspecto técnico da astrologia que tanto era posto em dúvida. Segundo o estudioso Thomas Litt, essa seria a única menção em obras de Aquino de uma previsão astrológica mais concreta (LITT, *Les corps célestes dans l'univers de Saint Thomas d'Aquin*, p. 231).

⁷ Como aponta Pierre Duhem no capítulo do seu *Système du monde* dedicado à astrologia cristã, os teólogos mais influentes do século XIII concordavam que os movimentos dos astros exerciam sobre os corpos inferiores múltiplas ações e mudanças. Recusavam, no entanto, que a alma humana fosse sujeita à mesma influência imposta aos corpos inferiores. Não partia dos astros nenhuma influência capaz de *determinar a nossa vontade diretamente* (DUHEM, *Système du monde*, p. 347).

Contudo, por mais que S. Tomás recorra aqui a esse truque [explicação para o caso dos gêmeos], neste assunto em geral ele segue com a corrente da Igreja e os Pais, e é estranho que ele defenda aqui uma diferença tão ridícula de Horizontes (CHAMBER, *A treatise against iudicial astrology*, p. 55).

Eles [os astrólogos] atribuem a Alberto Magno e Tomás de Aquino um livro de *Necromanticis imaginibus*, uma tolice que não merece o nome de Tomás, e está longe do seu julgamento em muitos outros lugares (CHAMBER, *A treatise against iudicial astrology*, p. 67).

Chamber sugeria que Tomás de Aquino também reprovava a astrologia e, ao contrário do que segundo ele os astrólogos diziam, negava que Aquino estivesse entre os que endossavam essa arte. Ainda que seu trabalho muitas vezes deixasse transparecer o contrário, Chamber procurou frisar que a Igreja sempre teria se mantido contrária à astrologia:

[...] pode parecer estranho que em tão longa profissão do Evangelho, uma superstição tão grosseira e idólatra deva continuar corrente. Posso chamá-la de idólatra, penso eu, já que a Igreja de todas as épocas, com Imperadores, Doutores, Pais e Conselhos, sempre a condenaram. [...] Mas esta superstição condenável, que desonra Deus, polui o céu, engana e seduz os homens, continua sem ser tocada ou abalada [...] (CHAMBER, *A treatise against iudicial astrology*, p. 1; grifo meu).

Assim, se por um lado o desabafo do cônego sugeria uma oposição permanente e firme da Igreja à astrologia, por outro, o livro no qual foi publicado deixa transparecer uma oposição não tão coesa ao longo dos seus séculos.

Em *defesa da astrologia*, o religioso Richard Carpenter (?-1670) citou Tomás de Aquino (CARPENTER, *Astrology proved harmless*, p. 7). E, em muitos pontos, mesmo quando não o citou explicitamente, a influência de Aquino parece impregnada em suas considerações.⁸

Exemplo disso é o trecho em que o autor esclarece que a astrologia não infringe a liberdade humana, assim como a presciência e a onisciência de Deus não ferem o livre arbítrio. Deus veria tudo como presente em sua eternidade, e a necessidade fatal seria

⁸ Carpenter (*Dictionay of national biography*, vol. 3, p. 1073) recorreu à relação entre anjos e corpos celestes aceita por Aquino. É curioso notar que Raunce, por sua vez, negava essa estrutura de mundo bastante aceita na Idade Média. Para Raunce, Deus governaria o mundo de maneira imediata, sem inteligências secundárias. Esses anjos, na realidade, seriam demônios e os principais agentes da magia. A diferença entre magia e astrologia estaria na prática. O demônio apareceria de maneira obscura para o

A TREATISE
AGAINST IVDI-
CIAL ASTROLOGIE

Dedicated to the right Honorable Sir

THOMAS EGERTON Knight, Lord Keeper
of the great Seale, and one of her
Maiesties most honorable
priuie Councill.

Written by IOHN CHAMBER, *one of the Preben-*
daries of her Maiesties free Chappell of
Windsor, and Fellow of
Eaton College.



Printed at London by John Harison at
the signe of the Grey-hound in Pater-noster
Rowe. 1601.

THE
VANITY
AND
IMPIETY
OF
Judicial Astrology

WHEREBY

Men Undertake to foretell future Con-
tinencies, especially the particular
Fates of Mankind, by the Knowledge of
the Stars, *i. e.* the Conjunctions, Motions
Positions, and Influences of the Cœlestial
Bodies on the Earthly.

By FRANCIS CROW, M. A.
Minister of the Gospel.

LONDON,

Printed for John Dunton, at the
Raven in the Poultry. MDCXC.

Price Sticht

Duas obras que criticavam a astrologia, escrita por religiosos (John Chamber e Francis Crow), publicadas na Inglaterra, no início e no final do século XVII, respectivamente. (CHAMBER, John. *A treatise against iudicial astrologie*. Dedicated to the right Honorable Sir Thomas Egerton Knight, Lord Keeper of the great Seale, and one of her Maiesties most honorable priuie Councill. VVritten by Iohn Chamber, one of the prebendaries of her Maiesties free Chappell of W Windsor, and fellow of Eaton College. Printed at London: By Iohn Harison at the signe of the Grey-hound in Pater-noster Rowe, 1601; CROW, Francis. *The vanity and impiety of judicial astrology whereby men undertake to foretell future contingencies, especially the particular fates of mankind, by the knowledge of the stars, i.e. the conjunctions, motions, positions and influences of the coelestial bodies on the earthly*. London: Printed for John Dunton, 1690)

oposta à Igreja. A astrologia seria condenada injustamente por *alguns* terem falado de influências fatais e irresistíveis. Isso seria uma deturpação da astrologia e quem dizia essas coisas, segundo Carpenter, devia mesmo ser condenado. As influências não nos forçariam a nada. O sábio, por exemplo, repeliria as influências malignas e manteria a serenidade.

Outro ponto abordado por Richard Carpenter dizia respeito à compreensão de um trecho do “Evangelho segundo São Mateus”. Interpretando tal trecho Aquino teria dito que fases de “inchamento” da Lua eram aproveitadas pelos demônios para influenciar o cérebro (dito a parte mais úmida do corpo) de pessoas então chamadas de “lunáticas” (CARPENTER, *Astrology proved harmless*, p. 20).

Além de Tomás de Aquino, Carpenter, surpreendentemente, também recorreu a Santo Agostinho. Em texto dedicado a Elias Ashmole, descrito como um sermão proferido à *Society of astrologers*, conseguiu distorcer a tal ponto as idéias de Agostinho que esse chegou a parecer favorável à astrologia (CARPENTER, *Astrology proved harmless*, pp. 13-4).

Escrevendo numa época de tradições não-cristãs marcantes, e na qual a Igreja ainda estava em processo de afirmação, Agostinho procurou delinear a formação cultural adequada e necessária para um cristão. Como seu público era formado, em sua maioria, por cristãos recentemente convertidos, apresentou um amplo programa de formação cristã, dirigido não somente a religiosos, mas ao homem comum.

O que saber para ser um bom cristão e compreender a mensagem divina? Com o que não se devia preocupar? E o que podia até mesmo ameaçar uma existência serena? Devia-se rejeitar tudo o que viesse dos não-cristãos?

Para Agostinho não havia necessidade de negar tudo, e sim de reformular. Se os pagãos haviam feito coisas boas, Deus os teria orientado a fazê-las. Era necessário reter o útil e descartar o desnecessário e prejudicial (AGOSTINHO, *A doutrina cristã*, pp. 132-3).

astrólogo e de maneira aberta para o mágico. Essas figuras dos céus seriam “cerimônias” pelas quais os “anjos” entendiam o que o astrólogo queria (RAUNCE, *Astrologia accusata*, pp. 32-4).

[...] nós não estamos compelidos por causa da superstição a renunciar à música, se dela podemos tirar proveito para a compreensão das Escrituras santas. [...] Se assim não fosse, sequer deveríamos aprender as letras, já que pretendem ser Mercúrio o seu inventor. Ou bem, sob o pretexto de que os pagãos dedicaram templos à Justiça e à Virtude, [...] deveríamos por isso, renunciar à Justiça e à Virtude. Bem ao contrário, todo bom e verdadeiro cristão há de saber que a Verdade, em qualquer parte onde se encontre, é propriedade do Senhor (AGOSTINHO, *A doutrina cristã*, p. 122).

O conhecimento das coisas ajudaria a entender as Escrituras, e seria recomendado se não fosse usado como superstição. A ciência era importante na formação cristã, mas havia o bom e o mau uso dela. Em relação aos astros, por exemplo, nota-se que o autor dedicou peculiar atenção a distinguir o que poderia do que não poderia ser estudado:

[...] de qualquer forma que venham a ser designados, permanecem sendo astros criados, ordenados e queridos por Deus, cujo movimento fixo serve para distinguir e determinar o tempo. [...] Querer predizer os costumes, atos e eventos, baseando-se sobre esses tipos de observações, é grande erro e desvario (AGOSTINHO, *A doutrina cristã*, p. 126).

Não devemos [...] tentar tirar horóscopos sobre os atos e acontecimentos de nossa vida em tais prognósticos, como fazem os genetlâcos em seus delírios [...] (AGOSTINHO, *A doutrina cristã*, pp. 137-8).

Quanto à astronomia, pode-se dizer que a atitude de Agostinho era bastante curiosa: a astronomia era válida, mas não devia ser estudada. Era pouco útil, visto que as Escrituras raramente a mencionariam. Poucos tinham conhecimento do movimento dos outros astros, e isso não fazia falta (AGOSTINHO, *A doutrina cristã*, p. 137).

A astronomia tinha pouca importância, e ainda havia motivos para não estudá-la. O autor manifestou explicitamente sua restrição em função do temor de que esses estudos levassem à astrologia. Em si própria a astronomia não seria má, mas ele a tomava como pouco apreciável devido à sua relação muito estreita com a astrologia:

[...] por si próprio, esse conhecimento [o movimento dos astros], se bem que não implique nenhuma superstição, é de ajuda pequena ou quase nula para o estudo das divinas Escrituras, e antes perturba pela inútil tensão do espírito. E porque ela entretém estreito relacionamento com o erro muito pernicioso dos astrólogos que proclamam alto os destinos ilusórios (*fátua fata*) é mais recomendável e honesto tê-la como menos apreciável (AGOSTINHO, *A doutrina cristã*, p. 137).

No século XVII, o religioso Richard Carpenter recorria a Agostinho para defender o estudo da astrologia, ao contrário do que faziam os que a criticavam. Além de necessário para coibir os abusos, afastar os males e superstições, dizia ser importante estudar astrologia também para entender as próprias Escrituras. Tal como Agostinho dizia a respeito da importância dos conhecimentos científicos (mas ele excetuava a astrologia dessa categoria), Carpenter alegava que a astrologia era necessária para a compreensão de certas metáforas bíblicas. Estudá-la também era uma forma de perceber a onipotência divina e conhecer a Deus em suas criaturas, mesmo as superiores a nós (CARPENTER, *Astrology proved harmless*, p. 17).

Podemos enfim dizer que obras recheadas de exemplos bíblicos e referências a autores cristãos, como Agostinho e Aquino, multiplicavam-se nessas discussões. Atitudes sobre o assunto, tomadas por essas autoridades religiosas séculos e séculos atrás, ainda pareciam fazer eco nas considerações de autores como John Chamber, Richard Carpenter e Jean Porthaise.

Porthaise, autor do século XVI, cujas datas de nascimento e morte são desconhecidas, recorreu a exemplos bíblicos, referências a escritos de cristãos e não-cristãos contrários à astrologia. Tudo isso para mostrar que a astrologia não era uma “verdadeira ciência” ou uma “ciência certa”. A astrologia era, sim, um sacrilégio e seus praticantes eram punidos por Deus. Prova disso era que nem todos os astrólogos desfrutavam de uma vida confortável, e, que, embora tivessem construído grandes estados, caldeus e egípcios também não teriam se dado bem (PORTHAISE, *De la vraie et faulse astrologie*, pp. 80, 83, 86, 147-8, 224 e 228).

3.3 a a s t r o l o g i a e o s l í d e r e s d a r e f o r m a

Calvino, eu sei, é inimigo da Astrologia. Melancton, Solene como Religioso, e mais culto, como pensa a maioria, era amigo e Estudante dela [...] (LILLY, *Englands Propheticall Merlin*, To the Reader).

Lutero [...] diz que é muito melhor Temer sempre a Deus e Rezar, do que ser torturado pelo Medo dos Eventos futuros pelos Astrólogos mentirosos (Crow, *The Vanity and Impiety of Judicial Astrology*, p. 21).

Lutero sobre Ge. 1. 14 diz que a Astrologia não pode ser Ciência alguma porque não tem Demonstração e sim Conjecturas incertas (Crow, *The Vanity and Impiety of Judicial Astrology*, p. 9).

Tal como no que diz respeito a outros temas, as atitudes em relação à astrologia manifestadas pelos líderes da Reforma eram de interesse público e parecem ter repercutido na Inglaterra no século XVII.

Havia interesse pelas idéias reformistas. Havia interesse em debater a legitimidade da astrologia. Havia interesse em saber, por exemplo, como João Calvino (1509-1564) havia se posicionado a respeito da astrologia.

Levar em conta o contexto particular da relação peculiar entre ciência e religião na época (discutida na **seção 3.1**), torna-se imprescindível para entendermos a relevância e repercussão de atitudes de autores como Agostinho e Tomás de Aquino, e de reformadores como João Calvino e Martinho Lutero, influenciados pelas idéias dos anteriores. Assim como numerosas outras pessoas então influentes, Calvino e Lutero se manifestaram a respeito da astrologia, o que demonstra a importância do assunto na época.

A força das autoridades de Lutero e Calvino no que dizia respeito a interpretar a Bíblia era inegável. Era fundamental saber como a interpretavam no que dizia respeito à legitimidade da astrologia. E, se eles se manifestavam desfavoravelmente em relação ao assunto, como atacavam quem recorria a textos bíblicos para defendê-la.

Assim, como parte dessa forte polêmica, o século XVII assistiu à tradução para o inglês da obra na qual Calvino expôs suas idéias sobre o tema. Em 1651 a Inglaterra recebeu o *An admonicion against Astrology iudiciall and other curiosities, that raigne now in the world...*⁹ Apenas um ano depois, era publicada a obra *Dris Martini Luteroi colloquia*, tradução para o inglês, na qual estavam expressas as idéias de Lutero sobre a astrologia, recolhidas por aqueles com os quais o reformador convivera.¹⁰

⁹ No original usado aqui as páginas não são numeradas, daí nos referirmos a elas entre colchetes.

¹⁰ Pode se objetar que, pelo modo como foi composto, talvez esse material não reflita bem o pensamento de Lutero sobre o assunto. De fato, a obra a qual fazemos alusão não tem o *status* de outras obras de Lutero. No entanto, o que nos interessa aqui não é exatamente como ele pensava, mas sim como a Inglaterra do século XVII acreditava que Lutero pensava, isto é, que idéias de Lutero sobre aquele assunto circulavam na época. Assim, esse material é aqui de grande valia.

Na citação que abre esta seção, o astrólogo William Lilly, ao se referir a críticas à sua arte, relata como João Calvino e Philip Melancthon se comportaram em relação ao assunto. Como diz Lilly, Calvino não era favorável à astrologia. Já Melancthon teria assumido uma posição simpática àqueles conhecimentos.

Podemos perguntar, no entanto, o que isso queria dizer mais exatamente, visto que no século XVII não era comum negar a existência de influências astrológicas, embora, por outro lado, variadas fossem as atitudes em relação à astrologia.

Martinho Lutero parece ter reagido com surpresa em relação à atitude de Philip Melancthon a respeito da astrologia. Melancthon – dizia Lutero – aceitava previsões particulares mesmo para o destino das pessoas (LUTERO, *Dris Martini Luteroi colloquia*, p. 504).¹¹

[...] Astrólogos e Espreitadores de Estrelas agem erroneamente ao elaborar e destinar suas previsões a certas pessoas e coisas em particular (LUTERO, *Dris Martini Luteroi colloquia*, p. 505).

Se até mesmo as profecias se referiam a coisas gerais, como a astrologia ousava ser tão específica? Ao atacar a astrologia, Lutero também não poupou a quiromancia por prometer previsões particulares sobre o destino de seres humanos. Essas previsões podiam de fato se confirmar, porque o destino dos incrédulos era previsível dada à influência do demônio. Aliás, a astrologia em si era obra do demônio (LUTERO, *Dris Martini Luteroi colloquia*, pp. 503 e 506).

Não obstante o título da obra de Calvino indique uma oposição não somente à astrologia judicial, mas também a outros assuntos, nota-se que o texto se dirige quase que totalmente a esse tipo de astrologia. Ataques a práticas como feitiçaria e alquimia pontuam o texto apenas a título de comparação com a astrologia. Todas essas seriam obras do demônio (CALVINO, *An admonicion against Astrology iudiciall*, [pp. 46; 48]).¹²

Recorrendo ao influente argumento de Santo Agostinho em *A cidade de Deus*, Calvino atribuiu as *respostas certas* dos astrólogos à inspiração por espíritos malignos

¹¹ No século XVI, Melancthon traduziu o *Tetrabiblos* para o latim.

¹² Cornelius Agrippa, também no século XVI, dizia concordar com a acusação de Pico de la Mirandola de que a astrologia judicial era obra do demônio (AGRIPPA, *The vanity of arts and sciences*, p. 97).

desejosos de que as pessoas aceitassem uma arte na realidade inexistente. O fato de algumas previsões darem certo não tornava a astrologia legítima. Além disso, já existia a ciência benéfica ao homem, de modo que procurar algo além era uma ingratidão a Deus, que já havia nos proporcionado as ciências verdadeiras e as artes (CALVINO, *An admonicion against Astrology iudiciall*, [pp. 8; 65]).

Por isso, a astrologia judicial, que elaborava figuras para predizer o destino das pessoas, era condenada por Deus (CALVINO, *An admonicion against Astrology iudiciall*, To the Reader). Mais ainda, era supérflua e perversa. As pessoas deviam parar de pensar tanto no que estava longe e se ocupar com coisas mais proveitosas (CALVINO, *An admonicion against Astrology iudiciall*, [pp. 29; 76-7]).

Os prognósticos, recebidos como revelações do céu, na realidade não o eram (CALVINO, *An admonicion against Astrology iudiciall*, [p. 7; 46]). As influências dos céus causavam vários fenômenos, e podiam ser sinais para algumas coisas, mas não para todas. Além disso, nem tudo o que estava no céu tinha algum significado.

Calvino rejeitava a astrologia de “eleições” (ver **capítulo 1** desta tese) e ridicularizava o fato de que muitas pessoas pediam permissão para tudo às estrelas. Por que pensar na partida para uma viagem de negócios e não no presente da viagem? Como tornar bem sucedida a reunião de muitos? Essas eram algumas dúvidas do autor (CALVINO, *An admonicion against Astrology iudiciall*, [pp. 25-8]).

Mas, se, por um lado, tinha tais dúvidas, por outro, supunha ser óbvio para quem dispunha de algum conhecimento perceber que a astrologia judicial era mera superstição ilegítima e não se fundamentava na razão. Desse modo, seu discurso se dirige única e explicitamente aos mais “humildes”. Intuitivamente, mesmo esses percebiam a relação entre o Sol e as estações do ano. Sabiam do que a verdadeira astrologia tratava, mas não sabiam explicar por quê. Essas pessoas, segundo Calvino, dependiam de aconselhamento para não serem enganadas pelos praticantes da astrologia, que se nomeavam “matemáticos” e tentavam fazer com que essa prática parecesse honrada, disfarçando-a com roupagem de ciência e *recorrendo inutilmente a passagens bíblicas* (CALVINO, *An admonicion against Astrology iudiciall*, [pp. 10-1; 52]).

Assim como outros coetâneos, não podemos nos surpreender com o fato de João Calvino não negar a existência de influências astrológicas. Aceitava a influência da Lua nas ostras e no tutano dos ossos. Fenômenos meteorológicos como chuva, neve e ventos estariam relacionados a influências astrológicas. Aceitava, também, a medicina de base astrológica, e não negava a importância dos astros para sangrias, pílulas e xaropes. Por isso, considerava necessário saber, além das distâncias e movimentos dos planetas para medir o tempo, as fases da Lua, a posição do Sol e dos planetas no zodíaco e os aspectos entre eles para prever os efeitos que iriam ocorrer (CALVINO, *An admonicion against Astrology iudiciall*, [pp. 12-4]).

Vemos assim, que o autor aceitava que a astrologia tinha capacidade de previsão, e aceitava até mesmo a importância dos aspectos astrológicos, o que na época nem todos aceitavam.

Como ensinava aos seus leitores, mesmo uma grande mentira tinha algum fundo de verdade. Os astrólogos usavam princípios verdadeiros. Havia alguma relação, por exemplo, entre as pestes e as influências das estrelas. A compleição humana e as afecções do corpo tinham relação com as influências astrológicas (CALVINO, *An admonicion against Astrology iudiciall*, [pp. 15-6; 32]).

Havia, no entanto, várias ressalvas no sentido de limitações práticas da astrologia muitas vezes não levadas em conta. Ele não rejeitava completamente a astrologia, mas pedia que fosse usada moderadamente em contraposição ao que chamava de abuso e excesso (CALVINO, *An admonicion against Astrology iudiciall*, [p. 48]).

No caso da natividade¹³, por exemplo, considerava que esta não proporcionava um julgamento confiável, pois muitos outros fatores mais importantes do que as estrelas podiam influir, de modo que essas não eram as causas principais. Dentre esses fatores destacava a natureza das “sementes” do pai e da mãe. Além disso, para prever o destino de um único homem considerava necessário avaliar o destino do seu país e de todos com os quais ele se deparasse durante a vida. Devia ser levado em conta que, para várias coisas, as causas não estavam em quem as sofria e sim nos outros. Era impossível

¹³ Mapa astrológico elaborado para o “momento” do nascimento de um indivíduo.

prever os fatos da vida de uma pessoa, o momento e circunstâncias de sua morte. Certos julgamentos eram razoáveis e outros não (CALVINO, *An admonicion against Astrology iudiciall*, [pp. 16-8; 23-4]).

João Calvino e Martinho Lutero também se manifestaram, embora de modos diversos, a respeito de freqüentes questionamentos à astrologia.

Como explicar por que tantas pessoas com ascendentes diferentes morriam numa mesma batalha? Calvino e Lutero achavam suspeitas essas ocorrências (LUTERO, *Dris Martini Luteroi colloquia*, p. 505; CALVINO, *An admonicion against Astrology iudiciall*, [pp. 24-6]).

Que momento era melhor para julgar o destino de um indivíduo: a concepção ou o nascimento? Como vimos, para Martinho Lutero, essa pergunta era absurda. João Calvino, por outro lado, tentou respondê-la.

Para resolver a contenda, Calvino recorreu ao caso dos gêmeos. Esse acontecimento era freqüentemente aludido pelos que desejavam demonstrar a invalidade da astrologia. Martinho Lutero não fugiu à regra (LUTERO, *Dris Martini Luteroi colloquia*, p. 504).

Nas mãos de Calvino, no entanto, essa questão desempenhou outra função. Os destinos diferentes de pessoas nascidas num mesmo ascendente mostravam que a concepção e não o nascimento deveria ser escolhido. As qualidades impressas pelas estrelas seriam mais fortes nesse caso (CALVINO, *An admonicion against Astrology iudiciall*, [p. 62]).

Outro argumento evocado por Calvino para indicar que a concepção e não o nascimento deveria ser escolhido era o fato de que na concepção e não no nascimento determinava-se o sexo de uma pessoa. Como não se conheceria, no entanto, esse momento, os julgamentos seriam incertos (CALVINO, *An admonicion against Astrology iudiciall*, [p. 20]).

Havia, para ele, uma verdadeira astrologia bem diferente da supersticiosa. A supersticiosa tratava não somente da natureza e da compleição humana (para as quais ele também aceitava as influências astrológicas), mas também do destino, de tudo o que o homem faz e sofre, e de todo o estado do mundo. Os esforços dos verdadeiros

astrólogos deviam ser aplaudidos. Já os farsantes, tal como os caldeus, seriam reprovados e punidos por Deus (CALVINO, *An admonicion against Astrology iudiciall*, [pp. 29-30; 38; 40]).

Calvino aceitava a existência de influências astrológicas, mas não como causa principal (CALVINO, *An admonicion against Astrology iudiciall*, [pp. 21-2; 31]). Mesmo conhecendo os momentos necessários para as previsões, ainda assim essas não poderiam ser perfeitas.

Deus apontava uma ordem nas estrelas. Suas influências eram comuns e naturais. Mas Deus podia *também* agir *através das estrelas*, usando-as de acordo com a sua vontade. As estrelas não agiam independentemente de Deus, mas o que Ele queria não dependia das estrelas.

Deus, que supera os céus, também podia agir *sem esses meios comuns*. A interferência de Deus se sobrepunha às estrelas, e isso não raramente. A correção dos pecados, por exemplo, viria Dele. Isso ocorreria também e principalmente nos casos de regeneração (CALVINO, *An admonicion against Astrology iudiciall*, [pp. 33-6]).

Não seria possível, também, atribuir às estrelas os milagres. Em geral, eclipses¹⁴ e cometas seriam fenômenos naturais e, por isso, sem significados extraordinários. Deus, no entanto, podia usá-los de acordo com a sua vontade. Então, havia eclipses não naturais, que seriam milagres. E, para Calvino, seriam abomináveis considerações astrológicas sobre religião, como, por exemplo, relacionar a estrela-guia à astrologia (CALVINO, *An admonicion against Astrology iudiciall*, [pp. 54-60]).¹⁵

João Calvino recorreu a várias passagens bíblicas para fundamentar sua postura e rejeitou interpretações de outros autores ainda que essas, algumas vezes, também fossem desfavoráveis à astrologia. Dizia, por exemplo, estar ciente de que alguns interpretavam certo trecho de Jeremias (*Jer.* 10, 2) como: não devemos temer as

¹⁴ Apesar de suas oposições à astrologia, Lutero considerava que os eclipses eram “comuns a Nascimento estranhos e fora do tempo correto” (LUTERO, *Dris Martini Luteroi colloquia*, p. 506).

¹⁵ Essa opinião aparece mesmo em trechos de autores do século XVII que escreveram em defesa da astrologia. Richard Carpenter, por exemplo, dizia que quem conhecia a astrologia sabia que o nascimento de Cristo jamais poderia ser previsto por ela. Carpenter criticou Cardano pela “loucura” de ter elaborado um horóscopo para Jesus Cristo (CARPENTER, *Astrology proved harmless*, pp. 18-9). No século XVI, Cornelius Agrippa também havia reagido mal a considerações astrológicas sobre fatos religiosos (AGRIPPA, *The vanity of arts and sciences*, p. 96).

estrelas, embora elas rejam nossa vida, porque a Providência Divina nos protege. Para ele, no entanto, isso era uma deturpação do sentido original, pois o texto, na realidade, era dirigido aos israelitas para que não tivessem em relação às estrelas as mesmas atitudes dos pagãos (CALVINO, *An admonicion against Astrology iudiciall*, [p. 40]).

Já Martinho Lutero se dirigiu de modo diverso à mesma passagem escrita por Jeremias. Considerava absurdas interpretações de que “Bee not dismaied at the signs of Heaven” se referia apenas a “Imagens e desenhos dos Pagãos”, e não era contrária à astrologia (LUTERO, *Dris Martini Luteroi colloquia*, p. 504).

Lutero recorreu às Sagradas Escrituras para fundamentar suas atitudes distintas em relação à astronomia e à astrologia. Dizia que essas eram repletas de indicações para aplaudir a *astronomia* pela suas múltiplas utilidades (citou o Salmo 19 e o livro de Jó). E, ao mesmo tempo, exemplos como o caso de Esaú e Jacó, mostravam por quê rejeitar a *astrologia* (LUTERO, *Dris Martini Luteroi colloquia*, p. 505).

Para Martinho Lutero, as estrelas não agiam, mas eram apenas sinais. Deus as havia colocado no firmamento apenas para benefício da humanidade. Iluminavam e serviam como sinais para medir o tempo e as estações. Então, errava a astrologia ao atribuir às estrelas forças, operações particulares e funções que Deus não lhes havia concedido, como causar turbulência e danos à Terra (LUTERO, *Dris Martini Luteroi colloquia*, pp. 503 e 506).

Ainda que não tivesse tantas restrições à astrologia, Calvino apontou que Deus ordenou às estrelas que fossem sinais, mas devíamos tomar cuidado na hora de entender de quê elas eram sinais. Os homens de julgamento sensato entendê-las-iam como sinais para plantar, fazer sangrias, tomar remédios, cortar árvores e nada além. Referindo-se à astrologia de eleições, ironizava dizendo que não serviam de sinais para entendermos se era melhor vender ou comprar na segunda ou na terça (CALVINO, *An admonicion against Astrology iudiciall*, [p. 46]).

Se verificarmos tudo o que dissemos anteriormente a respeito desses apontamentos de Calvino e Lutero deparamos com um fato que pode parecer surpreendente. Ao menos nos textos analisados podemos dizer que o foco das críticas desses reformadores à astrologia não residia na defesa do livre-arbítrio.

Também no século XVI, Agrippa apontou a questão do livre arbítrio, mas não como argumento principal contra a astrologia judicial, e sim como mais um argumento entre vários outros (AGRIPPA, *The vanity of arts and sciences*, p. 98)

Essas atitudes são curiosas, mas embora houvesse, especialmente entre os religiosos, quem acusasse a astrologia de determinismo e de colocar em cheque o livre-arbítrio, não se pode dizer que esses argumentos tinham preponderância sobre outros elencados contra a astrologia na época.

3.4 Uma questão de hermenêutica no século XVII: as Escrituras eram contra a astrologia ou a favor dela?

Quem agora ousa negar a poderosa operação e influência das Estrelas quando Deus pelo seu mensageiro assim assevera, e as chama de o orgulho e a ordenação do Céu? E embora muitas outras passagens da santa escritura possam ser citadas em defesa dessa nobre Ciência, por motivo de brevidade essas podem ser suficientes como demonstrações claras e evidentes do grande poder e influência dos corpos Celestiais. [...] sem dúvida merecem reprovação [os críticos da astrologia], porque a Palavra de Deus não nos ensina o contrário? (Vincent Wing na carta ao leitor de ATWELL, *An apology*; grifo meu)

É uma prática que a Palavra de Deus condena. [...] quem é capaz de discutir com o Todo-Poderoso, que é maravilhoso no conhecimento e sábio no Conselho? (ALLEN, *Judicial Astrologers Totally Routed*, p. 27; grifo meu)

Os comentários citados anteriormente, extraídos de obras publicadas na Inglaterra, no século XVII, revelam a importância da Bíblia como elemento capaz de legitimar ou não a astrologia.

Percorrendo essas obras, nota-se um ponto muito curioso. Os textos bíblicos aos quais recorriam os autores para falar contra a astrologia muitas vezes eram os mesmos aos quais recorriam os que escreviam a favor dela. Assim, o embate entre essas posturas tornou-se uma questão de hermenêutica.

Como interpretar corretamente a Bíblia? Que regras e procedimentos deviam ser seguidos nessa interpretação? Que fatores eram levados em conta? Era possível chegar a interpretações contrárias seguindo um mesmo método?

Assim como Agostinho recomendava, Francis Crow (?-1692), religioso escocês e autor de uma obra contrária à astrologia no século XVII, recorreu ao contexto dos povos do Antigo Testamento para explicar porque eles consultavam astrólogos. A partir da vinda de Jesus, procurá-los era imperdoável (CROW, *The Vanity and Impiety of Judicial Astrology*, p. 20).¹⁶

Crow não foi o único a seguir recomendações de Agostinho. Também os que se posicionavam contra a astrologia não foram os únicos a segui-las.

3.4.1 interpretar a Bíblia segundo Agostinho

Ainda no século XVI, Cornelius Agrippa argumentava que Moisés, Isaías, Jó e Jeremias haviam condenado a astrologia e mostrado sua incompatibilidade com o cristianismo (AGRIPPA, *The vanity of arts and sciences*, p. 98).

Em meio a uma intensa agitação política e social, o século XVII inglês tornou-se palco de fortes polêmicas a respeito da legitimidade da astrologia. Dado o contexto da época, esses debates envolviam, necessariamente, discutir a compatibilidade entre o cristianismo e a astrologia. Para uns, era necessário mostrar que a Bíblia era *favorável* à astrologia. Para outros, que a Bíblia era *desfavorável* à astrologia. Enfim, era necessário que a Bíblia *dissesse algo a respeito da astrologia*.

Mas, como fazer se ela era notadamente uma obra de difícil compreensão, escrita num contexto diferente do qual viviam, e, portanto, cujo sentido a história havia obscurecido?

Era fundamental saber interpretá-la, e, em busca desses recursos, nada melhor do que o apoio de uma autoridade religiosa reconhecida no assunto. Foi o que o século XVII fez quando empregou com tanto empenho os procedimentos delineados por Agostinho. Vemos nesses embates que muitos autores recorriam às recomendações

¹⁶ “Essas Nações recorriam a Observadores dos Tempos e a Adivinhos, mas quanto a você [...]: O Senhor teu Deus irá elevar entre vocês um Profeta dos teus Irmãos como tu; a ele você deverá recorrer” (CROW, *The Vanity and Impiety of Judicial Astrology*, p. 16). No fim do reinado de Charles II, sentindo-se perseguido por motivos religiosos, Francis Crow se retirou para a Jamaica, onde dizia ter encontrado grande adesão à astrologia judicial. Retornou algum tempo depois, quando, então, decidiu escrever essa obra contra a astrologia (ver *Dictionary of national biography*, vol. 5, pp. 235-6 e CROW, *The vanity and impiety of judicial astrology*, The Epistle Dedicatory).

sugeridas por ele para a interpretação da Bíblia. Curiosamente, aliás, houve quem, usando o método agostiniano, chegasse a uma conclusão oposta à de Agostinho: as Escrituras eram favoráveis à astrologia.

Na obra *A doutrina cristã*, Agostinho não só procurou delinear o que um bom cristão deveria saber, como também apresentou regras para a interpretação da Bíblia. Nesse tratado de hermenêutica, escrito em linguagem simples e direta, apresentou sua experiência pessoal para resolver problemas inerentes a essa tarefa:

A respeito da interpretação das Escrituras existem certas normas que me parecem poder ser ensinadas com proveito aos que se dedicam a esse estudo. [...]. Proponho-me comunicar essas normas [...] se o Senhor nosso Deus [...] não me negar sua graça ao tentar pô-las por escrito (AGOSTINHO, *A doutrina cristã*, p. 41).

A exemplo de outras obras como o *De magistro*, aqui também se nota peculiar interesse pelas palavras como sinais usados para significar algo. Mais especificamente, nesse caso, o texto tratará das palavras expressas na Bíblia como signos divinos: “os sinais da vontade de Deus” (AGOSTINHO, *A doutrina cristã*, p. 97).

A verdade revelada por Deus, seria constatada pelo homem. A verdade das Sagradas Escrituras seria, então, um pressuposto para uma leitura que não parecia ser vista como tarefa fácil.¹⁷

As “múltiplas obscuridades e ambigüidades” da Bíblia, segundo Agostinho, seriam características deliberadamente introduzidas por Deus para que a leitura exigisse empenho, paciência e humildade. Quem a lêsse sem cuidado acabaria “tomando um sentido por outro”, não conseguiria interpretar algumas passagens e projetaria sobre “os textos obscuros as mais espessas trevas” (AGOSTINHO, *A doutrina cristã*, p. 97).

É razoável dizer que as recomendações de bom senso talvez fossem resumidas pelo Bispo de Hipona na frase: “tudo interpretar pelo critério da caridade” (AGOSTINHO, *A doutrina cristã*, p. 178).

Em passagens bíblicas a serem tomadas em sentido literal, haveria ambigüidades geradas por pontuações duvidosas. Recorrendo a exemplos, mostra-se ao leitor como

resolver as ambigüidades tanto nesses casos quanto em passagens tomadas em sentido figurado.

Pela análise do texto no seu devido contexto histórico, muitas dúvidas podiam ser dissipadas. Era possível entender o que o transcorrer do tempo havia tornado “opaco”, isto é, o que a própria distância temporal tornava mais difícil de ser entendido. A história ajudaria a compreender, e não haveria interpretação sem ela (AGOSTINHO, *A doutrina cristã*, pp. 180-1).

Entre as regras que possibilitariam “a interpretação correta” dos textos sagrados estava a necessidade de compreender que alguns trechos deviam ser entendidos em sentido figurado. A interpretação de modo alegórico seria, por vezes, indispensável para que não se concluísse coisas que a Bíblia jamais diria, como, por exemplo, prescrever atos de malevolência. Isso parecia particularmente recomendado em casos embaraçosos.¹⁸

Esse aspecto, nota-se, era uma grande preocupação de Agostinho. Repetidas vezes ele insistia em diferenciar o que era para ser tomado no sentido literal do que devia entendido metaforicamente:

Ao lado da observação que fizemos de não tomar uma expressão figurada, isto é, metafórica, como expressão de sentido próprio, é preciso acrescentar também a de não tomar uma expressão de sentido próprio como figurada. Logo, a primeira coisa a ser feita é demonstrar o modo de descobrirmos se a expressão é própria ou figurada. Eis em uma palavra: tudo o que na palavra divina não puder se referir ao sentido próprio nem à honestidade dos costumes, nem à verdade da fé, está dito que devemos tomar em sentido figurado (AGOSTINHO, *A doutrina cristã*, pp. 170-1).

Se a Escritura apresenta expressão que proíbe seja uma ignomínia, seja um delito; ou, por outro lado, que ordene seja um ato de benevolência ou de utilidade, essa expressão não está em sentido figurado. Se, ao contrário, ela

¹⁷ Evidência disso, é que, tal como em suas *Confissões*, Agostinho várias vezes se reporta a Deus, como se pedisse forças para continuar a tarefa: “E não duvido de que ele me concederá as luzes que me faltam quando tiver começado a partilhar o que me concedeu” (AGOSTINHO, *A doutrina cristã*, p. 51).

¹⁸ Não podemos dizer que Agostinho não acreditava no que fazia, e via isso só como um subterfúgio necessário e convincente. Mas, de fato, recorrer a esse tipo de interpretação livrava a Igreja de alguns inconvenientes. Essa era uma interpretação, e como toda ela, pode-se dizer que não era inocente. O recurso ao sentido alegórico seria freqüente na tradição cristã por permitir aos padres da Igreja “salvar” textos (como o “Cântico dos Cânticos”, por exemplo) cuja leitura literal resultava em significados incômodos. Segundo Orígenes, o sentido teria uma tripartição: literal (gramatical), psicológico/ moral e alegórico/místico. Desse modo o texto era organizado como o ser humano (corpo, alma, *pneuma*).

ordenar seja uma ignomínia, seja um delito, ou proibir seja um ato de benevolência, seja de utilidade, essa expressão está em sentido figurado (AGOSTINHO, *A doutrina cristã*, p. 178).

Entender no sentido *literal* algo que teria sentido alegórico era entender no sentido *carnal*. Fixar-se no sentido literal era quase um pecado, e mostraria que o leitor não estava progredindo espiritualmente. Pode-se perceber que, para o autor, não se tratava simplesmente de um erro de interpretação, mas muito mais do que isso: “coisa alguma pode ser chamada com mais exatidão de morte da alma do que a submissão da inteligência à carne” (AGOSTINHO, *A doutrina cristã*, p. 165).

Admitia-se, no entanto, que o leitor pudesse “ler alguns pecados cometidos por grandes homens” (AGOSTINHO, *A doutrina cristã*, p. 186), e, ver-se diante da impossibilidade de interpretar o texto em sentido metafórico. Nesse caso, tais situações seriam relatadas a fim de que o homem exercitasse sua humildade: não se vangloriasse de não ter praticado aquelas ações e nem condenasse os pecadores.

A leitura da Bíblia ainda revelava várias outras dificuldades ao Bispo de Hipona. Em diversos trechos de difícil interpretação, poder-se-ia recorrer à técnica de confrontação de passagens paralelas. Explica-se. Para entender, por exemplo, o sentido de uma palavra numa determinada passagem recorrer-se-ia a outras nas quais a mesma palavra era empregada.

Trata-se da compreensão da Bíblia pela Bíblia: “Nas passagens mais claras se há de aprender o modo de entender as obscuras” (AGOSTINHO, *A doutrina cristã*, p. 189). Aliás, basear-se sempre em outras passagens da Escritura parecia ser, para Agostinho, o modo mais seguro de confirmar determinada interpretação. Isso seria muito mais confiável do que tentar esclarecer passagens por “provas racionais” (AGOSTINHO, *A doutrina cristã*, p. 190).

Também o problema definido por Agostinho como a “pluralidade de sentidos literais na Escritura” podia ser resolvido pela comparação de várias passagens a fim de identificar em qual sentido determinada palavra era utilizada. A condição de checagem do resultado era verificar se esse sentido combinava com “a verdade”.

Para compreender as Sagradas Escrituras, os leitores também eram instruídos acerca de alguns pré-requisitos necessários. O conhecimento de línguas, especialmente

o grego e o hebraico, era importante. Além disso, como as Escrituras fazem alusão a vários conhecimentos humanos, seriam necessários, para a devida compreensão de alguns trechos, conhecimentos de áreas variadas como história, geografia, história natural, artes mecânicas, etc. Caso contrário, o leitor não conseguiria compreender as freqüentes comparações bíblicas nas quais são empregadas expressões figuradas sobre animais, plantas e pedras, por exemplo (AGOSTINHO, *A doutrina cristã*, p. 117).

3.4.2 Interpretando palavras de Jeremias

“Learne not the way of the heathen, and feare not the signes of Heaven, though the heathen be afraid of such” (Jeremias 10,2)

Na Inglaterra do século XVII, este trecho de Jeremias parece ter sido um dos mais recorrentes nos debates a respeito do comportamento das Escrituras em relação à astrologia. Assim como o filósofo Pierre Gassendi, autores como John Chamber, John Allen e Francis Crow recorreram a esta passagem bíblica para condenar a astrologia judicial (CROW, *The Vanity and Impiety of Judiciall Astrology*, p. 18; ALLEN, *Judicial Astrologers Totally Routed*, p. 6; CHAMBER, *A treatise against iudiciall astrologie*, p. 4; GASSENDI, *The vanity of judiciary astrology*, p. 9).

Interpretar esse e outros trechos era fundamental, dada a força dos argumentos bíblicos na época. Afinal, quem poderia negar algo dito por Deus?

Ao mesmo tempo em que alguns criticavam tão ardentemente a astrologia, outros a defendiam, e muitas vezes também com base nos mesmos textos bíblicos. Aliás, uma análise mais detalhada mostra que nem sempre os que defendiam a astrologia interpretavam uma passagem da mesma maneira. O mesmo pode-se dizer a respeito dos que a atacavam. Enfim, essas discussões se tornaram uma intrincada questão de hermenêutica.

Exemplo curioso dessa “guerra de interpretações” foi protagonizado pela dupla Christopher Heydon (?-1623) e John Chamber nos primeiros anos do século XVII.

O astrólogo Christopher Heydon procurou rebater a interpretação do cônego John Chamber, que via nas palavras de Jeremias uma condenação da astrologia

(HEYDON, *A defence of iudiciall astrologie*, pp. 23-7). Acusou Chamber de interpretá-la indevidamente:

[...] o Profeta proibiu temor; M. Chamber, crédito.[...]. Onde a palavra *feare*, não deve ser simplesmente entendida como aquela paixão ou enfermidade oposta à coragem, mas sim como reverência religiosa, e culto divino [...].(HEYDON, *A defence of iudiciall astrologie*, pp. 23-4)

Numa extensa e detalhada exposição, Christopher Heydon investigou a reação de outros intérpretes diante desta passagem bíblica. Reconheceu a existência da controvérsia e admitiu que aquela interpretação não era exclusiva de Chamber.¹⁹

Como já mencionamos, era comum que um mesmo trecho bíblico fosse usado tanto para criticar quanto para defender a astrologia. Isso teria ocorrido no caso deste trecho. Segundo Heydon, outros autores o interpretaram tal como Chamber, embora esse não fosse o caso da maioria, que englobava autoridades religiosas como Tomás de Aquino e São Jerônimo. Além disso, autores coetâneos teriam revisto este trecho e descartado sua oposição à astrologia. A conclusão de Heydon era que para usar aquele trecho contra a astrologia, o cônego teria que demonstrar que esta ensinava a adorar e a cultuar os corpos celestes, já que era contra isso que o profeta se posicionava.

Christopher Heydon e John Swan produziram análises cuidadosas e detalhadas desse trecho de Jeremias. Em 1652, diante da iminência de um eclipse solar cujos efeitos admitia serem maléficos, o religioso John Swan aconselhava ao povo, com base nesse trecho, que não se *amedrontasse*. Tal reação seria uma atitude pagã, de quem não tinha um Deus com o qual contar (SWAN, *Signa Coeli*, p. 3).

Para demonstrar que a própria Bíblia revelava ser a condenação à idolatria a interpretação correta, Heydon e Swan recorreram a procedimentos delineados por Agostinho.

Christopher Heydon reagiu com procedimentos semelhantes a cada um dos trechos bíblicos usados por seu adversário. Seguiu um método específico ao qual

¹⁹ Mas, em alguns casos, segundo Heydon, a interpretação de Chamber era tão tendenciosa que chegava a ser diferente até mesmo da dos críticos da astrologia. Segundo Heydon, ele julgava refutar toda a astrologia atacando a astrologia de eleições, área cuja validade nem mesmo os astrólogos concordavam (HEYDON, *A defence of iudiciall astrologie*, p. 28).

atribuiu o caráter de “consagrado” e acusou Chamber de não o empregar deliberadamente, a fim de interpretar as escrituras para se favorecer:

[...] foi provado tanto pelo próprio texto quanto pela comparação dele com outras partes da escritura, e finalmente pelo conteúdo do que escreveram expositores tanto antigos quanto modernos, que aqui somente a Idolatria é proibida pelo Profeta, e, ao mesmo tempo, vários eruditos em seus comentários, de fato, expressamente isentam a Astrologia [...]. (HEYDON, *A defence of iudiciall astrologie*, p. 28).

Heydon comparou esse trecho a outros em que a palavra *fear* foi empregada. Além disso, verificou se essa interpretação se adequava ao prosseguimento do discurso do profeta. Concluiu que a adoração dos signos celestes, e não a astrologia, era dita ofensiva naquele trecho. Para confirmar sua conclusão verificou se outras passagens da Bíblia também faziam essa condenação.

Swan procurou verificar o texto original da Bíblia, traduções para outras línguas, além de consultar interpretações de outros autores (SWAN, *Signa Coeli*, p. 3). A partir desse procedimento, encontrou outra possibilidade de interpretação com a qual também concordava. Se a expressão em hebraico traduzida como *be not dimayed* fosse traduzida como *fear not*, a interpretação podia ser outra.

Alguns, eu sei, pela palavra *fear* nesta passagem compreendem uma reverência Religiosa ou *fear*, tal como é pertinente ao Culto Religioso; e então eles não lêem o Texto como *Não tema os Sinais dos Céus; mas como Não Reverencie os Sinais do Céu*: em cuja leitura o sentido ou significado é muito diferente (SWAN, *Signa Coeli*, p. 4).

Nesse caso, portanto, a Bíblia poderia recomendar que não adorassem ou cultuassem os corpos celestes como deuses à maneira como agiam os não-cristãos. De fato, recorrendo novamente ao trecho em hebraico, Swan parecia inclinado a aceitar essa interpretação visto que a expressão naquele idioma tinha mais um sentido ativo, como “adoração”, do que passivo, como “sentir-se atemorizado”. Mas, para o autor, não se podia negar que essa atitude passiva de medo pudesse levar à atitude ativa de adoração.

Então, para finalmente decidir entre uma ou outra, Swan reagiu com novos procedimentos ao modo de Agostinho: compreender a Bíblia pela Bíblia, fazendo comparações e tentando compreender passagens mais obscuras por outras mais claras.

Procurou outros trechos bíblicos em que a mesma expressão hebraica aparecia e verificou qual o sentido apropriado em cada caso.

Analizou, também, o que vinha em seguida àquelas linhas que desejava interpretar. Concluiu, enfim, que a tradução para *fear not*, isto é, não cultuar, era o mais apropriado. E, de fato, verificou em várias passagens das Escrituras a condenação da adoração de astros.

Swan concluiu que, de qualquer forma, tanto o sentido “sentir-se atemorizado” quanto o de “adoração” mostravam que Deus não queria que nos comportássemos de modo semelhante aos pagãos. Havia, segundo o autor, uma outra atitude em relação aos astros diferente da assumida pelos pagãos e não condenada pela Bíblia.

Christopher Heydon e John Swan não eram os únicos a assim interpretar esse trecho.²⁰ Essa era a interpretação aceita por Richard Carpenter, num sermão publicado em 1657 (CARPENTER, *Astrology proved harmless*, p. 12). Também não era exclusividade deles atacar interpretações contra a astrologia, motivadas pelas palavras de Jeremias. Referindo-se a esse mesmo trecho, Carpenter dizia que textos bíblicos foram manipulados para parecerem contra a astrologia, quando na verdade a favoreciam (CARPENTER, *Astrology proved harmless*, p. 11).

Carpenter, aliás, para endossar seu modo de pensar, também procuraria outras passagens bíblicas que condenavam “esse tipo de adoração profana”:

Se olho o Sol quando ele brilha, ou a Lua vagando em sua luminosidade: E meu coração secretamente foi atraído, ou minha boca beijou minha mão: Isso também foi uma iniquidade a ser punida pelo Juiz; porque eu teria, assim, negado o Deus que está acima (CARPENTER, *Astrology proved harmless*, p. 25).

3.4.3 corpos celestes são sinais?

Para defender a astrologia, autores como Christopher Heydon, John Swan e Vincent Wing também extraíram outro argumento da passagem bíblica do profeta Jeremias. Se o profeta se referia aos corpos celestes como “sinais”, era porque significavam algo. Swan considerava, ainda, que ao condenarem os símbolos celestes os

²⁰ Como vimos, João Calvino, anos antes, também havia interpretado o trecho de Jeremias daquela maneira.

críticos da astrologia erravam tanto quanto os que os temiam (HEYDON, *A defence of iudiciall astrologie*, p. 27; Wing na carta ao leitor de ATWELL, *An Apology*; SWAN, *Signa Coeli*, p. 9).

Na argumentação de George Atwell vemos uma intensa conjugação de trechos bíblicos (*Gênesis*; *Jer. 10, 2*; *Mat. 16.2,3*) para mostrar que as estrelas eram signos, o que seria o propósito de Deus ao criá-las. “Irão dizer que Deus as fez para ornamentação?” - perguntava Atwell aos que não viam significado nos astros (ATWELL, *An apology*, p. 18).

Deus não fez os astros em vão, e a própria Bíblia era testemunha disso: eles eram embaixadores de Deus. Não foram criados para *sinais das estações*, e sim para *sinais e estações*. Do mesmo modo como Swan, Atwell considerava que os sinais dos céus não deviam ser temidos porque os homens tinham proteção de Deus (ATWELL, *An apology*, pp. 3-4).

Para o astrólogo John Goad, os fenômenos naturais eram mensagens de Deus, a causa primária, aos homens. Chuvas abundantes e estações frutíferas demonstravam bondade. Tempestades com trovões eram sermões dos céus. Tudo isso ocorria de acordo com causas secundárias celestes (GOAD, *Astro-meteorologica*, To the favourable reader e p. 1).

O filósofo Pierre Gassendi também se preocupou com a questão da utilidade dos astros, caso não se aceitasse a astrologia. Para ele, o conhecimento do futuro era reservado a Deus, mas mesmo sem a astrologia, os astros não eram inúteis. Além disso, se eles *necessariamente* teriam alguma atividade, o que era preciso, segundo Gassendi, explicar por quê, também era preciso explicar por quê teria que ser essa, *necessariamente*, a aceita pelos astrólogos. Para Gassendi, Deus havia dado certas virtudes às estrelas, mas não necessariamente as que os astrólogos diziam. Quanto ao destino do homem, estranho seria o fato de Deus ter delegado tanta coisa às estrelas e não a outras causas (GASSENDI, *The vanity of judiciary astrology*, pp. 5; 77; 125; 129).

Mas autores do século XVII, como Richard Carpenter, insistiam que a própria Bíblia mostrava o início dos estudos astrológicos com personagens do Antigo

Testamento. Apoiando-se no *Gênesis*, Carpenter também procurou mostrar que o homem devia estudar os astros porque os céus eram sinais para eles. “*And let them be for Signs, &c.*” – transcreveu da tradução inglesa da qual dispunha (CARPENTER, *Astrology proved harmless*, p. 3).

Pierre Gassendi, por sua vez, também se opôs explicitamente a defesas que tivessem como base aquela passagem bíblica, por ele não considerada favorável à astrologia. Além de o trecho nada dizer sobre serem sinais além de para as estações do ano, segundo Gassendi, as Escrituras restringiam o conhecimento do futuro a profetas iluminados pelo Espírito Santo, e não o atribuíam aos que se dedicavam a observar os astros (GASSENDI, *The vanity of judiciary astrology*, pp. 7-8).

Anos depois, Francis Crow o acompanharia na observação sobre o trecho de Jeremias. Acusou defensores da astrologia de entenderem tal trecho bíblico como *queriam* entender. Deus disse que eram sinais, sem revelar para o quê exatamente. Negando a parte judicial da astrologia, e se apoiando em trechos do *Evangelho Segundo Mateus* e do *Gênesis*, e na interpretação desses trechos por Pareus, Crow considerou que os astros eram sinais para medir o tempo, para prever o clima e assim saber o quê e quando plantar. E não eram sinais para nada mais além disso (CROW, *The Vanity and Impiety of Judiciall Astrology*, pp. 1-3).²¹

O crítico John Raunce afirmou que as estrelas não significavam aquelas coisas que os astrólogos diziam. O homem não teria essa capacidade de prever o futuro. Não poderia saber essas coisas por método algum (RAUNCE, *Astrologia accusata*, To the reader, p. 12).

Para John Allen, a Bíblia mostrava claramente a existência de uma relação entre as estrelas, as estações do ano, e medidas de tempo, mas nada dizia a respeito de estarem relacionadas a eventos humanos. As estrelas não teriam poder sobre a mente e alma humana. Essa conexão não existia. Allen dizia aceitar apenas a existência de influências astrológicas relacionadas a eventos físicos naturais (ALLEN, *Judicial Astrologers Totally Routed*, pp. 4-5).

²¹ Como vimos, em anos anteriores, João Calvino, embora não tivesse tantas restrições à astrologia, também havia apontado essa questão.

Para ele, tanto fazia se as estrelas eram ou não sinais. Mesmo que fossem causas ou sinais, o nosso desconhecimento impediria as previsões. As estrelas não teriam sido feitas para isso. Ainda que fossem causas, seriam do tipo universais e indeterminadas. Não era possível prever eventos particulares (ALLEN, *Judicial Astrologers Totally Routed*, pp. 12-3).

3.4.4 Deus através das estrelas, Deus sem as estrelas, Deus *versus* as estrelas ...?

Mesmo muitos dos que relacionavam as estrelas também a eventos humanos e aceitavam boa parte da astrologia, ainda assim acreditavam que Deus podia agir sem elas. “*Mostre-me as coisas que estão por vir, e nós podemos dizer quais são as de Deus*”, era o trecho de Isaías no qual Carpenter se apoiava para dizer que certas coisas dependentes de causas naturais e necessárias podiam ser previstas, enquanto outras, dependentes de causas contingentes, só Deus saberia (CARPENTER, *Astrology proved harmless*, p. 32).

Também para John Swan, as coisas comuns e não totalmente extraordinárias dependeriam de causas secundárias naturais. Até mesmo mudanças políticas, religiosas e atitudes humanas teriam relação com influências astrológicas. As estrelas teriam poder sobre os homens, mas como a Deus caberia reger as estrelas, não era necessário temer, mas confiar nele, ter Deus como refúgio. Era necessário conhecer essas causas naturais e saber até onde a natureza podia agir para reconhecer os milagres de Deus: “[...] quando ele deseja, produz aquilo que não poderia ser previsto pela observação das Estrelas” (SWAN, *Signa Coeli*, p. 23).²²

²² Isso não era tão diferente do que pregava Calvino, para quem considerações astrológicas sobre religião eram abomináveis (CALVINO, *An admonicion against astrology iudiciall*). Mas, de fato, considerações desse tipo não eram unânimes nem entre os que defendiam a astrologia. Como já mencionamos, citando exemplos do que seriam abusos da astrologia, Carpenter apontou que o nascimento de Cristo não podia ser previsto, e isso era sabido por qualquer um que entendesse de astrologia. Carpenter criticava Cardano por ter desenhado o horóscopo de Cristo (CARPENTER, *Astrology proved harmless*, pp. 18-9).

Para Jean Porthaise, os efeitos físicos dos cometas comuns eram naturais, e o fato de algo extraordinário nos céus ter anunciado o nascimento de Jesus Cristo não demonstrava o caráter divino da astrologia, já que o aparecimento desse sinal era algo que vinha de Deus e ultrapassava a astrologia (PORTHAISE, *De la vraie et faulx astrologie*, pp. 251-4 e 266).

Já para George Atwell a arte na qual os Reis Magos tinham tanta habilidade e por isso eram tão respeitados deveria ser a astrologia. A estrela guia era uma estrela que carregava significado, e isso era

Guardadas as devidas proporções entre os diversos autores, também Heydon considerava que os corpos celestes eram um meio usado por Deus, que também podia agir diretamente no caso dos milagres. A astrologia não feria a providência divina (HEYDON, *A defence of iudiciall astrologie*, To the learned and unpartiall Reader).

Mas nem todos os que criticavam a astrologia pensavam assim. Com base na astrologia judicial, os homens negavam as responsabilidades dos seus atos e usavam os astros como subterfúgios para praticarem atos condenáveis. Marte era responsabilizado pelos assassinatos, Vênus pelos adultérios. Quem acreditava na astrologia podia passar a atribuir seus erros às influências dos planetas (CHAMBER, *A treatise against iudiciall astrologie*, p. 10).

O que Chamber quis dizer quando apontou que a astrologia era uma agressão a Deus, na medida em que atribuía aos céus aquilo que não lhes pertencia, Jean Porthaise procurou mostrar numa longa explanação (CHAMBER, *A treatise against iudiciall astrologie* p. 4).

Muitos astrólogos, segundo Porthaise, agiam como se Deus estivesse também sujeito à vontade dos astros e não agisse no mundo sublunar. Outros consideravam que os astros determinavam os eventos sublunares, embora Deus pudesse intervir quando assim desejasse. Havia, ainda, os que diziam que os astros não nos inclinariam a cometer determinados atos, mas sim simbolizariam o que estava por vir. Para ele, todas essas interpretações eram pecaminosas. Às vezes os astrólogos pareceriam certos porque suas previsões poderiam se realizar por terem simplesmente sido previstas ou, ainda, por serem frutos da associação com o demônio, como pareciam fazer questão de frisar tanto Porthaise quanto Chamber, e outros muitos autores (PORTHAISE, *De la vraie et favlse astrologie* pp. 280-3; CHAMBER, *A treatise against iudiciall astrologie*, pp. 39-41 e 95).

Jean Porthaise se referia pela expressão “astrologia judicial” (PORTHAISE, *De la vraie et favlse astrologie*, p. 88) a um tipo de astrologia condenável. Esta podia fazer com que os homens se esquecessem de que o mal advinha dos pecados e não dos

favorável à astrologia. Para Atwell, a narrativa de um trecho do *Evangelho Segundo São João* parecia indicar que o próprio Jesus Cristo admitia as eleições de tempo ao dizer que “em uma hora ele podia andar de modo seguro entre eles, e em outra não” (ATWELL, *An apology*, p. 9).

planetas, e, ao mesmo tempo, dizer, por exemplo, que os justos eram os influenciados por Júpiter e não Deus (PORTHAISE, *De la vraie et favlse astrologie*, pp. 65 e 113).

Mas para Porthaise as pessoas não seriam boas ou más devido às influências celestes. Os céus não portavam o temperamento dos homens. Além disso, não havia essa espécie de caráter animista dos astros. Deus não poderia ter feito estrelas más. Saturno não seria nem bom nem mau ao, indiretamente, ter relação com a morte de idosos dada à interação entre as suas exalações naturais e as características dessas pessoas (PORTHAISE, *De la vraie et favlse astrologie*, pp. 108, 193 e 203).

Francis Crow, por sua vez, nem levava em conta o fato de muitos astrólogos dizerem que Deus agia através das estrelas. Para ele, a astrologia simplesmente significava atribuir as coisas às estrelas e não a Deus. A oposição entre astrologia e cristianismo era evidenciada por trechos do profeta Isaías: “a Palavra dos Servos de Deus se opõe aos Adivinhos” (CROW, *The Vanity and Impiety of Judicial Astrology*, p. 17).

Crow, no entanto, às vezes parecia se contradizer. Se interpretava que a astrologia atribuía os atos às estrelas e não a Deus, deveria ao mesmo tempo dizer que a astrologia fazia Deus o autor dos pecados (CROW, *The Vanity and Impiety of Judicial Astrology*, pp. 20-1)?

Vincent Wing interpretou em defesa da astrologia um trecho do *Deuteronômio* no qual, segundo ele, a influência dos céus sobre os vegetais era atribuída ao Sol e à Lua (Wing, carta ao leitor em ATWELL, *An apology*). George Atwell, por sua vez, assinalou que o livro de Jó falava das influências das Plêiades e de Orion (ATWELL, *An apology*, p. 9).

É curioso notar que Francis Crow criticava a astrologia, mas mencionava esse mesmo trecho de Jó que se refere às Plêiades como evidência de que as influências astrológicas existiam (CROW, *The Vanity and Impiety of Judicial Astrology*, p. 24). Seria isso uma contradição?

Não. Ele não negava que a existência dessas influências, mas sim que o homem tivesse capacidade de estudá-las e fazer previsões para os seres humanos. Aliás, apontava ele, mesmo as previsões climáticas eram incertas. A Bíblia negava a

possibilidade de conhecer os céus, dizia Francis Crow (CROW, *The Vanity and Impiety of Judicial Astrology*, pp. 6 e 19):

[...] como o Livro da Sabedoria [...] nos ensina, Cap. 9. v. 16. *E, de fato, com dificuldade nós sabemos das coisas que estão sobre a Terra, e com muito trabalho percebemos o que está diante de nós; mas as coisas que estão no Céu, quem as investigou? Ninguém, pelas Escrituras Canônicas o Conhecimento Humano disso é negado, Jó 38.33 Conheces tu as Ordens do Céu? Podes tu estabelecer o Domínio desse na Terra?*

Ecl. 8. 7. *Porque ele não sabe o que virá.* E no Cap. 10.14. novamente, disse o Homem Sábio. *Um Homem não pode dizer o que ocorrerá; e virá depois dele quem poderá dizê-lo?*

Também a esse trecho bíblico que diz somente que o homem não sabe o futuro, John Raunce recorreu para concluir que “é muito aparente” que a Bíblia se posicionava explicitamente contra a astrologia (RAUNCE, *Astrologia accusata*, p. 7).

3.4.5 A bíblia era contra os astrólogos?

Quanto à ligação entre os demônios e a astrologia tantas vezes lembrada por Santo Agostinho, as opiniões eram várias. Recorrendo ao influente argumento de Agostinho, João Calvino, Francis Crow, John Allen, John Chamber e John Raunce atribuíam as respostas certas dos astrólogos à inspiração por espíritos malignos. John Melton também não deixaria de pontuar a famosa conexão e de recorrer várias vezes aos ensinamentos do Bispo de Hipona. Recriminava que aceitassem a tal ponto as afirmações dos astrólogos de modo a considerarem tão canônicas e legítimas quanto citações das Escrituras (MELTON, *The astrologaster*, pp. 41-5; 57; 74. RAUNCE, *Astrologia accusata*, p. 3. CROW, *The Vanity and Impiety of Judicial Astrology*, pp. 4 e 15; ALLEN, John. *Judicial Astrologers Totally Routed*, p. 16).

Em contrapartida, geralmente quem criticava a astrologia era porque não a conhecia, diziam John Swan, Vincent Wing, George Atwell, e muitos outros. Wing acrescentava ainda que esse tipo de comportamento não era dirigido apenas à astrologia, porque os ignorantes eram mesmo inimigos da ciência (ATWELL, *An apology, To the Reader* e pp. 20-1).

Para Wing, o fato de tantos homens letrados e influentes escreverem a favor da astrologia demonstrava que ela nada tinha de diabólica. Atwell, por sua vez, recomendava que os astrólogos não se incomodassem quando acusados de ligações demoníacas. E Christopher Heydon respondia que a astrologia tinha tanta relação com o diabo quanto o céu com o inferno (ATWELL, *An apology*, To the Reader e p. 45; HEYDON, *A defence of iudiciall astrologie*, To the learned and unpartiall Reader).

Recorrendo à Bíblia, John Swan exemplificava que as habilidades de Moisés em astrologia, narradas no *Êxodo*, não deviam ser denegridas porque egípcios e caldeus misturavam encantamentos a essa arte, o que o próprio Moisés reprovava (SWAN, *Signa Coeli*, pp. 24-5). A respeito dessa mesma passagem bíblica, John Allen, por seu turno, recorreria ao “observar os costumes da época”, lembrado por Agostinho. Allen creditava os conhecimentos teóricos de Moisés e Daniel em astrologia ao contexto em que viviam, mas dizia que eles não a praticavam porque a reprovavam (ALLEN, *Judicial Astrologers Totally Routed*, p. 7).²³

Para John Swan, era necessário diferenciar o que era demoníaco daquilo que não era. Observar as estrelas para fazer previsões era um tipo de adivinhação natural, e não supersticiosa, à qual o homem podia sim recorrer. A oposição da Bíblia dirigir-se-ia àquelas “pelas quais o Diabo ensinou aos Pagãos” a confiar no vôo e canto dos pássaros, nos sacrifícios e nas observações de entranhas de animais. O diabo semeava coisas más no que era legítimo. Assim, usava coisas como encantamentos, amuletos, imagens, por exemplo, para enganar o homem e desmerecer a astrologia.

Essa opinião era compartilhada por outros autores. George Atwell e Richard Carpenter também viam os encantamentos, por exemplo, como elementos estranhos à astrologia e ligados ao demônio (ATWELL, *An apology*, pp. 3 e 23; CARPENTER, *Astrology proved harmless*, pp. 25-7).

Richard Carpenter acrescentava que se os signos astrológicos deviam ser considerados ilegítimos por causa disso, também deviam sê-lo as ervas, dado o seu emprego por bruxas e mágicos. Além disso, para Carpenter, se a Bíblia em algum

²³ Para João Calvino eles podiam saber a respeito da astrologia, mas o que sabiam sobre o futuro vinha da revelação direta de Deus. E não havia indícios de que teriam realizado qualquer coisa além da astrologia natural (CALVINO, *An admonicion against Astrology iudiciall*).

momento se posicionava contra os astrólogos era necessário ver quem eram esses astrólogos e o que eles fizeram. Deveriam, de fato, serem condenados aqueles que vissem os planetas como causas primárias das coisas. Essa adoração profana dos planetas deveria ser rejeitada (CARPENTER, *Astrology proved harmless*, pp. 25-7). Os falsos astrólogos, adeptos da idolatria, seriam sim condenados pela Bíblia e teriam mesmo um acordo com o demônio. No entanto, haveria os falsos e os verdadeiros astrólogos, a falsa e a verdadeira astrologia.

O astrônomo Vincent Wing se queixava de que à astrologia pura, praticada por profissionais honestos guiados pela razão e influências naturais, grandes abusos eram agregados (ATWELL, *An apology*, To the Reader). Para Atwell e Heydon, que também identificava esse problema, a profissão não devia ser desmerecida, e sim os que abusavam dela. Deviam ser punidos os que fossem além do que a arte permitia, mas não a arte em si própria. Como dizia Carpenter, o abuso de uma coisa não torna proibido seu uso correto. Misturada à astrologia havia bobagens, mas quem podia negar que também na teologia também não houvesse? (HEYDON, *A defence of iudiciall astrologie*, To the learned and unpartiall Reader; ATWELL, *An apology*, p. 14; CARPENTER, *Astrology proved harmless*, pp. 29 e 36).

Mas, para alguns críticos certas coisas não eram abuso e *faziam sim parte da astrologia*. Pierre Gassendi considerava que não podia haver algo obviamente mais vão e idiota do que a construção de selos e talismãs, ligada à astrologia de eleições (GASSENDI, *The vanity of judiciary astrology*, p. 114). John Melton, por sua vez, dedicou uma seção inteira de sua obra *The astrologaster* ao que dizia ser a parte da mais execrável da astrologia: imagens e talismãs que concentravam influências astrológicas por serem construídos em momentos astrologicamente apropriados. Melton reconhecia que as imagens realmente produziam efeitos, mas via nisso a atuação do demônio (MELTON, *The astrologaster*, pp. 57-8).

É interessante lembrarmos, aliás, que não somente para alguns críticos essas coisas *não eram abuso e faziam sim parte da astrologia*. Também alguns dos que defendiam a astrologia não consideravam que essas eram coisas impuras misturadas a ela. William Lilly, um dos astrólogos mais influentes do século XVII, era adepto dessas

práticas. Referências a atividades mágicas aceitas e muitas vezes praticadas por Lilly, como a invocação de espíritos ou anjos, e a construção de amuletos e selos são freqüentes na autobiografia do astrólogo (ver o **capítulo 2** desta tese).²⁴

3.4.6 Por que estudar os astros?

Como vimos, Agostinho havia dito que vários tipos de conhecimento eram importantes para compreender a Bíblia. A astronomia, no entanto, era pouco relevante, e a astrologia, então, nem se fala. Era simplesmente repugnante.

No século XVII, as idéias de Agostinho eram freqüentes nos discursos dos que criticavam a astrologia. Surpreendentemente, no entanto, Richard Carpenter, conseguiu distorcê-las a ponto de fazê-lo parecer favorável à astrologia:

[...] Santo Agostinho expondo uma passagem de Jó onde os Textos sagrados mencionam as agradáveis influências das Plêiades e Orion diz: *Nam & Astrologia perscrutanda est, ad cognoscendum proprietates istorum syderum, ut hunt locum intelligere possimus [...]* Devemos diligentemente pesquisar sobre Astrologia, de forma que possamos conhecer as propriedades dessas Estrelas, e compreender a passagem (CARPENTER, *Astrology proved harmless*, pp. 13-4; 18).

Para justificar por quê a astrologia devia ser estudada, Carpenter utilizou argumentos idênticos aos empregados por Agostinho para justificar o estudo de outras áreas de conhecimento. Agostinho, como vimos, não usou esses argumentos para a astrologia, mas Carpenter parece ter deliberadamente “esquecido” de mencionar isso.

Segundo Carpenter, estudar astrologia também era indispensável para entender as próprias Escrituras (CARPENTER, *Astrology proved harmless*, p. 17). A astrologia era divina, e, dos conhecimentos, o que mais levava o homem a glorificar a Deus. “Os céus declaram a glória de Deus e o firmamento mostra o trabalho de suas mãos. Dia após dia pronuncia o seu discurso e noite após noite mostra o seu conhecimento” -

²⁴ Sobre os anos de 1634 e 1635, por exemplo, o astrólogo comenta que ensinou ao médico holandês John Hegenius a arte de fazer selos, *lamens* e o uso das hastes de Moisés. Ao elogiar a competência de um certo Dr. Napper no trato da medicina astrológica, Lilly se refere a invocações de anjos e à cura de doenças com anéis de constelações e amuletos (LILLY, *The life of those eminent antiquaries*, pp. 78 e 144).

extraiu Carpenter de um salmo (*Sal.* 19/18; CARPENTER, *Astrology proved harmless*, p. 7). Deus não podia ser conhecido, mas suas criaturas sim.

Ainda no século XVII, Robert Godson definia a astrologia como dádiva de Deus para que os homens não ficassem desamparados:

[...] essa Ciência transcendente, a gema mais preciosa entre os Tesouros da Sabedoria, o Espelho mais nítido para observar o Todo Poderoso e a uma Imagem da Onisciência Divina que a ilimitada bondade do seu supremo Autor Eterno ordenou para o uso e instrução do Homem [...] (GODSON, *Astrologia reformatata*, p. 7).

George Atwell assinalava, ainda, que cabia aos astrólogos um papel semelhante ao dos religiosos:

[...] que o Ministro interprete a palavra de Deus, e o Astrólogo os seus trabalhos, especialmente o das Estrelas [...]. Esses Fenômenos são os Embaixadores para uma nação, e aí daquela que não tenha alguém que saiba a linguagem deles (ATWELL, *An apology*, pp. 13 e 37).

Para Francis Crow e Christopher Heydon o estudo das estrelas levava o homem a reconhecer a beleza da obra de Deus (CROW, *The Vanity and Impiety of Judicial Astrology*, pp. 21-3 HEYDON, *A defence of iudiciall astrologie*, To the learned and unpartiall Reader). Mas Crow, ao contrário de Heydon, não incluía nesses estudos a astrologia do tipo judicial, e sim, no máximo a astronomia. Estudar as estrelas de modo útil era estudar o movimento e a magnitude das estrelas para reconhecer o quão pouco conhecemos e o quanto a Terra é pequena. Já as previsões da astrologia seriam em sua maior parte más, e então era melhor nem sabê-las.

Crow se apoiou numa passagem do *Deuteronômio* (*Deut.* 29.29), que não se referia exatamente à astrologia, para rejeitá-la: “*As coisas secretas pertencem ao Senhor nosso Deus*” (CROW, *The Vanity and Impiety of Judicial Astrology*, p. 15). A astrologia era uma ingratidão a Deus e afastava o homem dos deveres religiosos. Ao procurar as coisas ocultas por Deus, levava o homem a agir como se as Escrituras não fossem suficientes. Também para John Allen, se Deus havia ocultado de nós o futuro, quem se dedicava a revelá-lo estava agindo contra ele (*Judicial Astrologers Totally Routed*, p. 16). John Melton também apontou que quem se dedicava à astrologia se afastava da fé cristã. O que estava escrito no céu era oculto e reservado a Deus

(MELTON, *The astrologaster*, pp. 31 e 56). Essas eram acusações às quais Heydon se opunha energicamente (HEYDON, *A defence of iudiciall astrologie*, To the learned and unpartiall Reader).

Rebatendo a opinião dos críticos de que essas observações eram condenadas pela Bíblia, John Swan se apoiou num trecho do *Eclesiastes*: “[...] há um momento para cada coisa e uma época para cada propósito sob o Céu” (SWAN, *Signa Coeli*, p. 24). Para Swan havia um tipo de observação prudente e não supersticiosa, benéfica à humanidade, e de modo algum ofensiva a Deus:

Há momentos, de fato, em que os Planetas de acordo com os seus aspectos, movimentos, ou posições nos Céus, estão mais ou menos poderosos em suas operações. Observar então tais momentos e aplicá-los somente àquelas coisas que concordam com a sua ação natural não é superstição, mas uma observação bem fundamentada (SWAN, *Signa Coeli*, p. 25).

Para ele, relações entre planetas e horas do dia eram meras superstições, e, com base nisso, eleger momentos mais adequados para realizar as coisas era sim uma prática demoníaca.

Para Jean Porthaise, qualquer tentativa de adivinhar o futuro pelas mais diferentes artes nada mais era do que testemunho de ateísmo e incredulidade. Não por essas artes, mas sim pela revelação divina teríamos acesso ao que Deus gostaria que soubéssemos. A Deus - lembrava Porthaise - estava reservado o conhecimento das coisas futuras. Assim, mesmo que fosse possível fazer previsões, e ainda que essas nos trouxessem vantagens, como pecado isso devia ser evitado (PORTHAISE, *De la vraie et favlse astrologie*, pp. 4, 6, 32 e 126).

Também para Chamber nossa possibilidade de conhecer era limitada, e o conhecimento do futuro estava reservado a Deus (CHAMBER, *A treatise against iudiciall astrologie*, pp. 4 e 77). Nota-se pelo discurso de Chamber que tentar descobrir aquilo que o criador quis ocultar era uma atitude ilícita, reprovável mesmo no que diz respeito a colocar em cheque o uso de certos recursos tecnológicos:

Com que finalidade Deus nos colocou tão longe das estrelas se com o Astrolábios, tábuas e quadrantes podemos fazer todas as coisas como se estivéssemos próximos (CHAMBER, *A treatise against iudiciall astrologie*, p. 102)?

Passagens bíblicas também foram usadas por Chamber para mostrar a incompatibilidade entre o cristianismo e a astrologia, de modo que, assim como Porthaise, também ele frisava que mesmo que todas as previsões dessem certo ainda sim não era lícito usá-las (CHAMBER, *A treatise against iudiciall astrologie*, p. 94).

3.4.7 Utilização indevida de trechos da Bíblia?

No século XVII, Richard Carpenter se queixava de que os significados de textos bíblicos eram manipulados para parecerem contra a astrologia, quando na verdade a favoreciam (CARPENTER, *Astrology proved harmless*, p. 11).

Se observamos os trechos bíblicos aludidos por John Raunce podemos notar que nem todos eram muito eficientes como críticas aos astrólogos. Certo trecho, por exemplo, mostrava que não era possível evitar o que Deus mandava. Certamente, a grande maioria dos astrólogos do século XVII concordava com isso.

Raunce, pode-se notar, procurou interpretar as Escrituras a fim de mostrar que eram desfavoráveis à astrologia, na medida que esta dependia do que era supostamente condenado pelos textos sagrados. Em alguns casos, até interpretou certos trechos com cautela, o que se nota pelo uso da expressão “aparente”. Em outros momentos pareceu extrapolar o que se podia concluir. Utilizou, por exemplo, uma passagem em que Salomão não se pronunciava contra a astrologia e nem mesmo sobre ela.

Se as Escrituras diziam, por exemplo, que o homem não devia “observar o tempo” (“Que nenhum observador de tempos exista entre vocês”- *Deut.* 18.10.11; RAUNCE, *Astrologia accusata*, p. 2), deixava de lado o fato de que não explicavam com clareza o que isso significava. Além disso, deixava de lado o fato de que isso também era importante para outras atividades humanas “louváveis” como a agricultura. Concluía que, como observar o tempo era fundamental para a astrologia, e a isso as Escrituras eram contra, então também eram contra a astrologia. Afinal, segundo Raunce, nenhum trecho da Bíblia dizia que a astrologia era legítima, e se a astrologia fosse boa, Deus a teria revelado nas Escrituras como fez com outras coisas (RAUNCE, *Astrologia accusata*, p. 13).

Raunce ainda procurou alertar que certos trechos bíblicos aparentemente favoráveis à astrologia deviam ser observados com muito cuidado:

[...] embora Salomão tenha dito [*Eclesiastes*, 3, 1-8], *há um momento determinado e um momento para cada propósito sob o Céu. Um momento para Nascer, e um momento para morrer &c.* Salomão não diz aqui que um tempo é melhor do que o outro para nascer, nem que um momento é pior do que outro para morrer; novamente ele diz que *há um momento para amar e um momento para odiar, um momento de Guerra e um momento de paz.* Ainda, ele não diz que os Homens e as Mulheres se amam ou se odeiam de acordo com as várias disposições dos significadores de suas *Natividades*. Salomão também não diz que Guerras e Paz procedem das conjunções dos Planetas [...] (RAUNCE, *Astrologia accusata*, p. 2).

É interessante que o próprio Raunce muitas vezes deixou transparecer estar ciente de que estas eram as suas interpretações, e que as Escrituras não se posicionavam explicitamente contra a astrologia. Ao mesmo tempo, no entanto, pareceu deliberadamente inverter o ônus da prova. Desafiava que conseguissem provar que as Escrituras se posicionavam a favor dela.

Christopher Heydon dizia que de modo geral os argumentos bíblicos eram manipulados para parecerem se opor à astrologia (*A defence of iudiciall astrologie, To the learned and unpartiall Reader*).

Segundo Heydon, por exemplo, para criticar a astrologia, Chamber traduziu mal trechos da Bíblia. Adaptou o texto à sua imaginação, para que dissesse o que queria dizer, comparando a astrologia a superstições que a Bíblia condenava:

Caso contrário ele nunca teria feito o Profeta nessa passagem dizer, *Deixe que os teus adivinhadores se levantem e te salvem, aqueles que olhando as estrelas & contando os meses, as utilizam para prever o que há por vir;* quando na própria língua do Profeta não há palavra que signifique *adivinhação*, ou *contar os meses*, ou *usá-las para dizer o que está por vir* (HEYDON, *A defence of iudiciall astrologie*, p. 28).

No caso de John Allen, é interessante notar que muitas vezes os trechos usados talvez não se posicionassem especificamente contra os astrólogos. Para ele, os astrólogos eram chamados na Bíblia, pelos termos em inglês *Star-gazers*, *monethly prognosticators* e apareciam juntos a *magicians*, *sorceres*, *caldeans*, *soothsayers*, *wisemen* (ALLEN, *Judicial Astrologers Totally Routed*, p. 1). Então, Allen usava, além

dos trechos que na tradução inglesa apresentavam a palavra “astrólogo”, qualquer trecho da Bíblia que se referisse a essas outras pessoas como evidências contra os astrólogos:

Deut. 18.10.11 Não será encontrado entre vocês ninguém que use Adivinhação, ou seja um Observador de tempos, ou um Encantador, ou um Bruxo, ou um Mágico, ou alguém que Consulte espíritos, ou um mágico, ou um necromante: porque todas essas coisas são abomináveis para o Senhor. [...] Que agora os Astrólogos, os Observadores de Estrelas e os prognosticadores dos meses se levantem e te salvem dessas coisas que ocorrerão a ti [...] [Isa.47, 13.14]. Deus proíbe ao seu povo que aprenda essas Artes. Jer. 10.2 (ALLEN, *Judicial Astrologers Totally Routed*, pp. 1-2).

A mesma situação pode-se verificar na obra de John Raunce contra a astrologia: “[...] e eu eliminarei as Bruxarias da tua mão, e tu não terá mais Adivinhadores” (RAUNCE, *Astrologia accusata*, p. 27).

O debate a respeito da terminologia adquiriu grandes proporções nessas obras. Christopher Heydon, por exemplo, foi um dos que se manifestaram detalhada e explicitamente a respeito da terminologia nas críticas à astrologia. Para isso, recorria também a outros expedientes que haviam sido recomendados por Agostinho. Verificava os trechos bíblicos originais, consultava traduções para o inglês e outras línguas. Utilizou-se desses recursos, por exemplo, para mostrar a existência de várias interpretações/traduções para uma palavra que Chamber concluiu unicamente ser “astrólogo”.

Heydon analisou cada um dos termos empregados por Chamber em lugar do nome “astrólogos”. E procurou mostrar que “mágicos, adivinhadores, bruxos, videntes e feiticeiros” (*wizzards, soothsayers, wisemen, seers, sorcerers*) eram termos que não funcionavam como sinônimos para “astrólogos”. Para ele, nas críticas de Chamber, os nomes usados para se referir aos astrólogos não se dirigiam a quem exercia a astrologia legítima e pura, mas sim à astrologia misturada a coisas indignas (HEYDON, *A defence of iudiciall astrologie*, To the learned and unpartiall Reader).

Nesse capítulo vimos, portanto, que a relação ciência-religião se refletiu em intensas discussões de “argumentos religiosos” acerca da legitimidade da astrologia, pontuadas por idéias de autoridades religiosas como Tomás de Aquino e Agostinho. Muitos autores do século XVII interpretaram a Bíblia, empenhados em mostrar a

compatibilidade entre o cristianismo e a astrologia. Igualmente numerosos eram os que também recorreram à Bíblia para mostrar o contrário disso. Os argumentos podiam nem sempre ser bons, mas isso parecia pouco importar...

Capítulo 4

críticas e defesas da astrologia

“Argumentos de motivação social”

Foram comuns, *inclusive no meio científico*, críticas à astrologia motivadas também por questões de cunho extra-científico. Havia na Inglaterra do século XVII certo uso indiscriminado de termos políticos e religiosos para criticar as pessoas, o que era freqüente nas oposições à alquimia e à astrologia.

Em muitos casos, nota-se o que parece ser uma distribuição gratuita de termos usados de modo pejorativo, variando de acordo com a posição política ou religiosa do crítico. Em outros casos, os críticos de fato propunham correspondências entre os astrólogos e certos grupos aos quais também se opunham, e as analisavam.

O pesquisador Cameron Allen estudou a astrologia inglesa no período imediatamente anterior ao que estamos abordando nesta tese. O autor analisou os ataques e defesas da astrologia na Renascença, e verificou a existência de sátiras aos almanaques e prognósticos.

Entre outros aspectos, notou que boa parte das disputas sobre a astrologia se dirigia especialmente à astrologia judicial. Alegava-se que tolices e falsidades dos seus praticantes, que incluíam muitos enganadores e criminosos, estavam documentadas pelos almanaques. Segundo Allen, nas obras literárias da época foram várias as referências satíricas aos almanaques, cujos compradores eram descritos como intelectualmente imaturos ou mesmo tolos, ignorantes e supersticiosos (ALLEN, *The star-crossed Renaissance*, p. 190).

Ridicularizar os astrólogos e os que acreditavam em seus prognósticos não era, portanto, uma novidade do século XVII. Isso já existia antes, e os discursos dos que o faziam se adaptaram a novos cenários e personagens. A fim de entendermos esses discursos e suas possíveis motivações foi necessário recorreremos a materiais sobre história da religião e sociologia, a fim de melhor compreendermos essas circunstâncias.

4.1 Religião e política

Na obra *Academiarum examen*, ao propor a reforma do ensino nas universidades e defender a astrologia (ver o **capítulo 8** desta tese), John Webster não se definiu como pertencente a algum grupo religioso. Mas, na época, essas questões ganhavam enorme dimensão. Política e religião pareciam interagir de tal modo que, muitas vezes, participar de determinado grupo religioso não significava apenas ter características religiosas, mas também uma posição política em comum.

Não podemos nos surpreender, portanto, que na dura resposta de John Wilkins e Seth Ward ao *Academiarum examen* (ver o **capítulo 8** desta tese), os dois futuros membros da *Royal Society* tenham se empenhado em definir ou “acusar” Webster em termos religiosos. Além disso, o fato de não concordarem com certas opiniões parecem tê-los levado prontamente a uma avaliação então nada favorável, e que talvez nem mesmo correspondesse à posição religiosa de Webster.

Podemos dizer que certo uso indiscriminado de termos políticos e religiosos para criticar as pessoas era bem comum. Assim, puritano, entusiasta, nivelador, anabatista, e outros vocábulos, podiam virar insultos aplicados de modo generalizado, sem que carregassem consigo qualquer implicação política ou religiosa mais específica.

Como tudo parecia poder ser usado quando a intenção era denegrir a imagem de alguém, o trabalho do historiador fica ainda mais difícil, pois qualquer apreensão imediata e literal de expressões pode levar a confusões perigosas.

Aliás, sobre isso vale a pena destacar comentários bastante oportunos do historiador inglês Christopher Hill: “Algumas das dificuldades em fazer afirmações precisas sobre a relação entre política e religião no século XVII são lingüísticas” (HILL, *Society and puritanism in pre-revolutionary England*,).

Na Inglaterra do século XVII havia quem usasse pejorativamente o termo “puritano” para se referir aos astrólogos. Na época, peças teatrais ridicularizaram a astrologia e fizeram essa identificação. Ao que tudo indica, no entanto, parece muito simplificado dizer que o século XVII registrou a identificação astrólogo-puritano motivado pelo engajamento de muitos astrólogos na porção puritana durante a Guerra

Civil Inglesa na década de 1640. Talvez a identificação ficasse por conta de quem era o crítico.

A discussão promovida por Christopher Hill a respeito de como definir o termo “puritano” ilustra bem essa questão. Com base nas declarações de pessoas da época, Hill procurou mostrar que, reconhecidamente, o termo era considerado ambíguo e de difícil definição mesmo na época. Um mesmo indivíduo podia usá-lo em vários sentidos.

Antes da Guerra Civil havia uma definição mais clara do termo “puritano”, usado em referência aos que queriam “purificar” internamente Igreja. Com o tempo, e, ao que tudo indica, inicialmente por papistas e ateus, este começou a ser usado com conotação negativa: “um bando de puritanos”. Acabou sendo deturpado e transformado em algo reprovável. Servia, deliberadamente, para estigmatizar aqueles dos quais se discordava.

Christopher Hill procurou verificar se o nome “puritano” tinha sim algum significado preciso. Tinha vários. Seu emprego ganhou várias ramificações de modo que dizer que alguém era um “puritano” passaria a não mais necessariamente indicar que seguia certos preceitos religiosos.

O nome “puritano” teria mudado de significado na década de 1620, deixando de ser só religioso para ter significado político. Puritanismo significaria certa posição dita progressista em relação à política externa, uma atitude de oposição à Espanha.

Podia também ser empregado genericamente como indicativo de certa posição em relação à política interna, para definir uma oposição ao governo, ou ainda para definir determinado comportamento em relação à política econômica. Embora não a totalidade, mas cerca de três quartos do Parlamento no início do reinado de James I fosse puritano¹, o termo podia ser usado também para se referir de modo genérico aos membros do Parlamento e aos opositores do Rei, quem quer que fossem (mesmo que do lado realista na Guerra Civil houvesse pessoas com idéias puritanas no sentido religioso), ou simplesmente àquele que não se submetia à dominação e dizia o que pensava.

¹ Isso, segundo Hill; mas ele mesmo aponta que para outros autores como J. Allen poucos poderiam ser assim chamados no Parlamento Longo, por exemplo.

Na sociedade inglesa pós-restauração havia sido criado um estereótipo que não correspondia muito bem à realidade. Puritanos seriam estraga-prazeres, avessos ao divertimento, hipócritas, os que faziam frases religiosas misturadas com opiniões econômicas e outras coisas menos nobres, além de serem deturpadores da ordem pública (ver HILL, *Society and puritanism in pre-revolutionary England*, chapter I: “The Definition of a Puritan”).

De fato, as explicações de Hill parecem coerentes com o que encontramos nos discursos de William Lilly, nas críticas aos astrólogos e nas disputas entre os próprios astrólogos durante o século XVII.

Se uma pessoa discordava dos anabatistas, por exemplo, não era incomum que usasse o termo “anabatista” de forma pejorativa para se referir àqueles dos quais não gostava, mesmo que eles não tivessem qualquer ligação com esse grupo religioso. Puritano, anabatista, independente, sectário também eram termos usados deliberadamente para estigmatizar uma pessoa à qual se opunha. Podia ser o alquimista para quem rejeitava a alquimia e o astrólogo para quem se opunha à astrologia.

Era comum como crítica à astrologia identificar os astrólogos como membros dessas seitas, e tratar de modo pejorativo a prática da astrologia e a participação nesses grupos. Em que medida essa identificação dos astrólogos como membro de seitas religiosas era justificável é muito difícil dizer. William Lilly, por exemplo, era um dos astrólogos mais respeitado na época, e, no entanto, costumava execrar os praticantes dessas seitas em seus escritos.

O mesmo ocorria com o uso da expressão “entusiasmo”. Como veremos adiante, esse era um termo técnico-religioso, que podia ser usado pejorativamente no sentido de superstição. Assim, se o objetivo fosse criticar um astrólogo por considerar sua área uma mera superstição, podia-se chamá-lo de “entusiasta”, sem que nem mesmo tal pessoa alegasse ter a experiência religiosa ao qual o termo se referia.

Se esses críticos se opunham aos entusiastas, ao criticarem os astrólogos usavam o termo “entusiasta”, de modo pejorativo, e notadamente sem muito critério; ou seja, eram os astrólogos assim “rotulados” quer fossem ou não adeptos daquela convicção religiosa, ou quer houvesse ou não uma comparação séria.

Era comum, por exemplo, que os críticos acusassem a astrologia de ser algo fantástico, praticado por pessoas fora do seu juízo normal. Chamavam pejorativamente os adeptos da astrologia de “entusiastas”, termo usado para designar aqueles que somente acreditavam na experiência religiosa revelada pelo Espírito Santo.

Na própria história oficial da *Royal Society*, escrita pouco após a sua fundação por Thomas Sprat, encontramos passagens em que críticas parecem se misturar a comentários pejorativos de cunho político-religioso. Os alquimistas, por exemplo, são chamados de “entusiastas”. Há ainda trechos que se referem aos jovens serem preparados contra os “encantamentos do Entusiasmo” (SPRAT, *The history of the Royal Society*, p. 53).

E na Caça da Pedra Filosofal eles são tão obstinados que dificilmente são capazes de outros Pensamentos, [...]. A Verdade é que eles são Entusiastas convictos sobre isso. E como não podemos admitir Entusiasmo nem na própria Religião, dificilmente podemos ser persuadidos a admitir isso na Filosofia. Seria talvez uma Tentativa em vão tentar curar esses Homens de suas Esperanças infundadas. Pode ser que estejam mais felizes agora como estão [...] (SPRAT, *The history of the Royal Society*, pp. 37-8).

Enquanto os Entusiastas chegam a desvalorizar os verdadeiros e primeiros Milagres, pelo vasto e negligente aumento do seu Número (SPRAT, *The history of the Royal Society*, p. 362).

Oposições a alquimistas e astrólogos podiam levar a identificações do tipo “anabatista-radical-puritano-astrólogo-alquimista-entusiasta-supersticioso...” que variavam a gosto do “freguês”, e nem sempre correspondiam aos fatos. É fácil verificar que qualquer generalização desse tipo era inválida. Astrólogos, como William Lilly, se opunham a alguns desses grupos e também dispunham desses termos para ridicularizar aqueles dos quais discordavam:

Alguma linguagem caluniosa inventada por *Tub-men*, Anabatistas e Independentes (LILLY, *Anglicus, Peace or no Peace*, p. 71).²

² “Os independentes eram membros de seitas protestantes que rejeitavam tanto as formas episcopais quanto as presbiterianas de governo da igreja em favor da autonomia absoluta das congregações individuais. Enquanto os presbiterianos formavam a seção mais moderada da Nação, os independentes (particularmente fortes no Exército [aliado ao Parlamento]) formavam a ala mais radical e extremista. Cromwell, ele próprio um independente, apoiava-se no grupo para ganhar poder, mas recusa o extremismo” (extraído do glossário contido em AUBREY, *Brief lives*, p. 464).

Pode-se esperar que agora o Sínodo tenha esmagado a Facção Independente, e comece agora, tanto quanto podem, a estabelecer a Religião, embora muita luta haja contra eles (LILLY, *Anglicus, Peace or no Peace*, p. 71).

Agora, o verdadeiro Protestante significativo e realizador, Padre e Cavalheiro começara a extirpar as falsificações Apóstatas, que se dispersarão pelo mundo com os bolsos cheios com o espólio de uma Nação desolada. Muitos permanecem entre nós e transpiram aparente conformidade. Mas nós não podemos secar o Mar, [...] ou mergulhar nas profundezas dessas intenções revoltosas dos Anabatistas e Independentes, &c. Esses são os únicos [...] que têm nos molestado desde 1642 (LILLY, *Englands Propheticall Merline*, p. 108).

No prefácio do *Vindicae academiarum*, John Wilkins levantou suspeitas de que John Webster fosse católico, o que, naquelas circunstâncias, era uma acusação das mais ultrajantes a um protestante. Já Dell, atacado por Seth Ward nesse mesmo trabalho, foi definido pejorativamente como “entusiasta”.

Eu ouvi de fontes bastante confiáveis que ele [Webster] é suspeito de ser um Frei, porque suas conversas eram muitas com homens daquele tipo. E o verdadeiro propósito desse Livro é muito próprio a alguém daquela crença, além disso, seu conhecimento superficial e confuso das coisas é característico [...] (*Vindicae Academiarum*, p. 6).

Você sabe Senhor [Ward a Wilkins], e observou em sua Carta para mim, que grande diferença há, entre o Conhecimento e Reputação do Senhor Hobbs e desses dois Cavalheiros [Webster e Dell], e o quanto ele achará ruim ser mencionado com um Frei e um Entusiasta (*Vindicae Academiarum*, p. 51).

Hábil pregador, John Webster teria mudado mais de uma vez de convicção religiosa e assumido vários cargos religiosos. Inicialmente teria sido membro da Igreja oficialmente estabelecida, e, por volta de 1648, teria passado a não conformista. O *Dictionary of national biography* não indica ligações de Webster com o catolicismo. Não teria sido frei, como John Wilkins suspeitava, *se é que, de fato, ele suspeitava disso*. Como a “acusação” de ser católico era das mais graves na época, pode ser que Wilkins apenas quisesse desqualificá-lo, usando aquele termo mesmo que não tivesse qualquer relação com a realidade de Webster.³

³ E se soubesse que Webster era não conformista, teria motivo para criticá-lo? Segundo o *Dictionary of national biography*, Wilkins era moderado e demonstrava aberta simpatia pelos dissidentes: “Como bispo, Wilkins mostrou grande brandura em relação aos não-conformistas. Ele próprio era flexível em relação aos requerimentos do Ato de Uniformidade, exerceu sua influência com considerável sucesso para

Outro termo que aparece nessas citações e parecia ser de uso comum no século XVII era “entusiasta”. “Entusiasmo” era um termo técnico religioso usado para se referir a uma experiência religiosa peculiar de iluminação interior ou inspiração imediata pelo Espírito Santo, comparável à dos escritores bíblicos. Os entusiastas consideravam essa a verdadeira fonte de autoridade, acima até mesmo das Escrituras.⁴

Usado geralmente de forma pejorativa por quem criticava as alegações particulares de inspiração e revelação divina, denotava “emoções religiosas mal-reguladas ou, mais especificamente, inspiração imaginativa, a alegação falsa ou enganada de ter recebido comunicações divinas ou revelações privadas” (ver o verbete ENTHUSIATS em ELIADE, *The encyclopedia of religion*, vol. 5, pp. 118-24). Para essas pessoas, o “entusiasmo” não era diferente de uma simples superstição ou um sinônimo para fanatismo. Os entusiastas eram considerados falsos visionários ou pessoas auto-iludidas.

O termo “entusiasta” não se referia a um grupo específico, mas poderia ser aplicado a qualquer um, dependendo do posicionamento do acusador. De forma geral, qualquer grupo que diferisse da religião oficial, até mesmo os papistas, podiam ser chamados pejorativamente de sectários ou entusiastas pelos membros da igreja oficial, temerosos das ameaças ao cristianismo decorrentes de rachas religiosos.

Se tomarmos como base as declarações de Webster a respeito do papel do Espírito Santo na formação dos ministros (ver **capítulo 8** desta tese), podemos dizer que não seria improvável que a sociedade o rotulasse um “entusiasta”.

induzir ministros a se conformarem” (ver WILKINS, JOHN, vol. 20, p. 266). Curiosamente, esse tipo de flexibilidade e de aversão a perseguições religiosas parecia ser comum entre membros da *Royal Society* já bem antes do seu estabelecimento oficial. Robert Boyle e Kenelm Digby também seriam exemplos desse comportamento.

⁴ Lutero, que teria sido um dos primeiros a usá-lo, chamava de “entusiastas” os reformadores radicais como os anabatistas, por exemplo, que consideravam que o batismo deveria ser feito com o indivíduo já adulto. Também os *Quakers*, originários da década de 1650, pregavam a importância da luz interior: “sempre identificada como a voz da consciência, geralmente considerada uma fonte de revelação mais ainda autorizada do que a própria Bíblia”. Podiam assim ser ditos “entusiastas”. O próprio nome “*quaker*” vinha dos violentos tremores que acompanhavam as alegadas inspirações. Ver o verbete ENTHUSIATS em ELIADE, *The encyclopedia of religion*, vol. 5, pp. 118-24 e a *Encyclopedie des religions*, p. 646.

4.2 “- Católicos!”

Como vimos no capítulo anterior, em suas críticas à astrologia, o reformista religioso Martinho Lutero utilizou uma série de argumentos. A astrologia era incerta, não se baseava em demonstrações, era contrária às Escrituras.

O ataque de Lutero não se limitou ao uso dessas armas. Ele equiparou o que dizia ser o “cerimonial” usado pelos astrólogos (natividades, mapas e símbolos astrológicos), ao que considerava a pompa dos cerimoniais católicos. Para o religioso, a verdadeira religião cristã não era o catolicismo, e estavam nas miras de suas críticas, os rituais da missa católica e a adoração de imagens de santos.

Nota-se que a astrologia e o catolicismo não eram para Lutero duas coisas, desconectadas entre si, às quais ele se opunha. Lutero efetivamente propôs uma identificação entre a “maligna astrologia” e o “maligno catolicismo”. A firme e verdadeira Religião Cristã se opunha a essas duas “fábulas”: ao catolicismo e à astrologia (LUTERO, *Dris Martini Luteroi colloquia*, p. 504).

Atitudes como as de Martinho Lutero não se restringiram ao século XVI. Na Inglaterra do século XVII, particularmente, pode-se dizer que os assuntos “oposição ao catolicismo” e “reforma religiosa” não estavam esgotados.

Não eram incomuns críticas à astrologia motivadas por questões sociais, religiosas, econômicas, políticas, etc. O século XVII inglês foi, particularmente, um momento de grande conturbação nessas várias e interligadas esferas da vida cotidiana. A Inglaterra havia passado pela Reforma Anglicana, por uma breve e frustrada tentativa de implantar o catolicismo, e, no início da década de 1640, embora a religião oficial fosse o Anglicanismo, cerca de dois terços da corte inglesa era composta por católicos. A própria rainha dos ingleses era católica e francesa. Lutar contra a influência católica não era somente uma questão de divergência religiosa. Significava, também, proteger o país do interesse estrangeiro.

Quem assumia a não rara atitude de criticar duramente o catolicismo, e, ao mesmo tempo, era desfavorável à astrologia, podia comparar os procedimentos dos astrólogos aos cerimoniais católicos. Com frequência relevante são encontrados trabalhos que comparam os rituais católicos das missas a atitudes ditas “ritualísticas”

dos astrólogos ao elaborarem os mapas celestes e responderem às questões apresentadas pelos clientes, por exemplo. As posturas solenes ou cerimoniais dos padres e astrólogos nessas ocasiões eram equiparadas pelos críticos. Símbolos astrológicos comumente utilizados, talismãs e amuletos eram vistos pelos que assumiam essa atitude tal como as imagens de santos dos católicos. Todos esses elementos e comportamentos não passavam de meras invenções humanas direcionadas a impressionar os mais humildes.

Um ponto interessante no ataque a astrólogos diz respeito a “acusações” de que seriam católicos. Em 1620, assim John Melton expôs os objetivos de seus escritos contra a astrologia:

[...] mostrar a Simpatia e Correspondência que há entre os Maliciosos Enganadores e os Impostores Católicos, em suas Cerimônias, Superstições Enganos [...] (MELTON, *The astrologaster*, p. 6).

John Melton comparou as atitudes cerimoniais e ritualísticas dos astrólogos nas consultas aos procedimentos dos padres católicos nas missas. Os astrólogos invocariam demônios, assim como os católicos fariam suas invocações. Tudo isso, segundo Melton, não passava de feitiçaria e bruxaria (MELTON, *The astrologaster*, pp. 16; 57-68).

Os piores elementos da astrologia seriam imagens e talismãs que concentravam influências celestes ao serem construídos em momentos astrologicamente apropriados. Incluída na mesma categoria estaria também a adoração a anjos. Melton reconhecia que essas coisas realmente produziam efeitos, mas via nisso a atuação do demônio (MELTON, *The astrologaster*, pp. 57-8).

Deve-se notar, no entanto, que mesmo entre os que defendiam a astrologia havia quem considerasse que imagens e talismãs eram superstições idólatras, cujo funcionamento se devia ao acordo com o demônio. Como vimos no capítulo anterior dessa tese, enquanto muitos diziam que isso era diferente da verdadeira astrologia, outros, como o astrólogo William Lilly, aceitavam a construção e uso de imagens e talismãs, e viam com naturalidade a invocação de anjos. Lilly, aliás, condenou de modo

insistente e explícito o catolicismo, e, sem dúvida, não via qualquer ligação entre esse e a astrologia (ver o **capítulo 2** desta tese).

As críticas de John Melton a imagens e elementos materiais não se restringiam à astrologia. Para ele não havia diferença entre esses elementos e as imagens, estátuas e símbolos do catolicismo. Seriam idolatrias, superstições tolas usadas com a finalidade de enriquecer padres e astrólogos, e estavam igualmente ligadas a acordos com os demônios (MELTON, *The astrologaster*, pp. 59-61).

Melton comparou vários elementos do catolicismo aos instrumentos e símbolos dos astrólogos: o modo como os cristãos se ajoelhavam diante de símbolos como a cruz, os altares, velas e sinos, as imagens de santos, e o fato de padres católicos vestirem roupas especiais, recorrerem a expedientes como água benta e óleos (MELTON, *The astrologaster*, pp. 16-7).

Assim como os católicos tinham atribuições para cada santo, Melton também acusava os astrólogos de fazerem esse tipo de correspondência ao invocarem espíritos e signos específicos para determinadas doenças e partes do corpo (MELTON, *The astrologaster*, pp. 19-20).

Tal como Lutero, nota-se que Melton também não via esses casos como somente uma questão de semelhança. Dizia não saber quem havia tomado emprestado os símbolos de quem:

Quanto aos seus instrumentos, como a sua Bola de Cristal, com a qual se pode fazer maravilhas, sua varinha de prata, seu Pote de água, seu quepe de quatro pontas, são apenas meros ornamentos supersticiosos, emprestados dos judeus ou dos católicos. E é uma dúvida se os padres romanos os tomaram dos impostores maliciosos, ou se os impostores deles [...] (MELTON, *The astrologaster*, p. 16).

Essas coisas, descritas pelo autor como ornamentos supersticiosos, não teriam outra finalidade senão impressionar e enganar pessoas e extorquir dinheiro mesmo dos já pobres.

Pode-se notar, portanto, que *Lutero e Melton viam certa correspondência entre o catolicismo e a astrologia. Não somente se opunham a certos elementos do catolicismo, e, como julgavam pejorativo o termo “católico”, resolviam empregá-lo de modo gratuito nas críticas aos astrólogos.*

Esse outro tipo de atitude, no entanto, como vimos também era comum nas críticas à astrologia. Mesmo que os astrólogos não fossem puritanos, entusiastas ou católicos, tais termos eram usados de modo pejorativo para denominá-los, e assim atingi-los, e seus usos variavam de acordo com aqueles a quem os críticos se opunham.

O uso pejorativo do termo “católico” servia para atacar qualquer pessoa, e não deixou de estar presente, é claro, nas monumentais rixas entre os próprios astrólogos.

Na sua obra *Opus reformatum* o astrólogo John Partridge dirigiu fortes e extensas críticas ao também astrólogo John Gadbury, o único atacado com insistência nessa ocasião. Gadbury foi acusado de várias impropriedades: dar atenção a determinadas circunstâncias em uma natividade e em outra ignorá-las, apontar configurações inexistentes, cometer erros básicos nos cálculos das figuras astrológicas, além de distorcer palavras de autores antigos nos quais se dizia basear (PARTRIDGE, *Opus reformatum*, pp. 8; 80-1).

Justificado ou não, é possível que o ataque a Gadbury também representasse uma disputa pela liderança da profissão: “para mostrar a você que tipo de homem ele é, esse que pretende ser o Líder e Manda-chuva da Sociedade dos Astrólogos na Inglaterra” (PARTRIDGE, *Opus reformatum*, p. 16).

Aparentemente havia motivações não exatamente técnicas nesse ataque. Motivações político-religiosas também podiam estar associadas nessa atitude tão irascível contra Gadbury.

Em meio a essas acusações, o posicionamento político e religioso de John Partridge na Guerra Civil não deixaria de ser manifestado abertamente :

Como um Verdadeiro Inglês ele [Cromwell] formou uma Tropa de Cavalos sob o seu próprio Comando para ajudar o Parlamento e defender o seu País contra o Papismo [...] (PARTRIDGE, *Opus reformatum*, p. 35).

[Cromwell] fez para o Parlamento e a Nação admirável Serviço no Oeste da Inglaterra (PARTRIDGE, *Opus reformatum*, p. 36).

E então irei concluir meu Discurso sobre a Natividade desse Grande General, Estadista e Político; que o Senhor Dreyden, no seu Panegírico sobre a morte dele, elogia pelo Grande Trabalho, Fadiga e Empenho em tentar até o máximo encurtar as Misérias do Reino e colocar um fim na Guerra que outros Homens fizeram o seu Negócio e Lucro, e fizeram do seu objetivo prolongá-la (PARTRIDGE, *Opus reformatum*, p. 68).

Além disso, Partridge apresentou um posicionamento bastante comum aos ingleses da época, e que, como vimos, foi manifestado também por William Lilly em suas obras. Ao comentar as atitudes de Cromwell em 1642, demonstrou explicitamente seu antagonismo aos católicos do país: “serviu em pessoa à defesa do seu País contra o então crescente Interesse Papista que como um Dilúvio estava prestes a derrubar tudo” (PARTRIDGE, *Opus reformatum*, p. 9).⁵

Se Gadbury era católico, Partridge podia ter muito mais do que discordâncias técnicas a respeito da astrologia para se opor tão categoricamente a ele.

De fato, estabeleceu uma extensa acusação de várias páginas contra o “catolicismo” de Gadbury, deferindo insinuações contra o caráter dele e procurando mostrar que era comum entre pessoas daquela crença agir de má fé. Nota-se que *discordâncias técnicas se misturaram a ataques ao caráter de Gadbury*. As críticas de Partridge foram bastante permeadas por acusações de cunho religioso, e às vezes, *críticas técnicas conseguiram se transformar em acusações desse tipo*.

John Gadbury foi, por exemplo, acusado de traduzir mal um trecho de Cardano. A suposta “transformação” que Gadbury realizou no texto de Cardano foi, então, prontamente comparada à transubstanciação do pão e do vinho que os protestantes tanto criticavam nos católicos. Era impossível traduzir daquele modo tal como era impossível o que os padres diziam ocorrer na missa: “essas não são coisas difíceis na religião de John, e eu acredito que o Padre com o seu *Hoc est Corpus* pode fazer tanto uma coisa quanto a outra” (PARTRIDGE, *Opus reformatum*, p. 83).

De fato, volumosa gama de comentários irônicos foi apresentada por Partridge a respeito da suposta inclinação católica de Gadbury. Acusou-o de ter se convertido ao catolicismo para conseguir vantagens na corte (PARTRIDGE, *Opus reformatum*, p. 88).

Ao comentar por quê, por exemplo, em alguns casos examinados por Gadbury, determinadas configurações seriam responsáveis pela morte de pessoas, e nada fizeram

⁵ Em sua autobiografia, William Lilly, que também tinha a mesma posição política de Partridge, comentou ter sido criticado por John Gadbury. Segundo Lilly, Gadbury escreveu o *Anti-Merlinus Anglicus* contra ele por ter ficado insatisfeito quando se recusou a ensiná-lo por considerá-lo incapaz de aprender o que desejava (LILLY, *The life of those eminent antiquaries*, pp. 52-3).

no caso do Papa Gregório, Partridge ironizou: “suponho que Marte estivesse Papisticamente inclinado naquele momento e então não machucaria o Santo Padre dele [...]” (PARTRIDGE, *Opus reformatum*, p. 17).

Como vimos nas seções anteriores desse capítulo, não se pode dizer que a atitude de Partridge tenha sido isolada. Criticar a quem se opunha usando termos políticos e religiosos foi muito comum na época. Críticas de grande repercussão se valeram desses expedientes, e, por isso, os efeitos negativos desses ataques sobre a astrologia e a alquimia não devem ser minimizados...

Capítulo 5

críticas e defesas da astrologia

“Argumentos técnicos”

A astrologia não é mais uma Arte verdadeira do que uma mera Loteria ou Adivinhação ao acaso.

Pierre Gassendi, *The vanity of judiciary astrology*¹

E agora que você ouviu todas essas grandes palavras, [...], qual é a sua opinião sobre elas? Se você me permite um palpite diria que você pensa que toda a Arte [a astrologia] é um Misterioso nada, uma ficção mais vã do que a própria inutilidade.

Pierre Gassendi, *The vanity of judiciary astrology*

Estão aí os Fundamentos ou Princípios gerais sobre os quais as Previsões Astronômicas são fundadas; & essas são suficientes para que se veja a incerteza & a invalidade; por que quem é que não vê incontinente que estas são puras ficções, que não dependem de nada além do capricho & da fantasia & foram inventadas ao acaso & sem razão ou por qualquer ocasião vã e ridícula?

François Bernier, *Abregé de la philosophie de Gassendi*

[...] nomearam & compararam esses doze Signos de cem maneiras diferentes [...]. não contentes de lhes distinguir em Signos de Primavera, de Verão, Outono & de Inverno; [...] eles quiseram que uns fossem Ígneos, [...], outros Terrestres, [...], outros Humanos [...]; eles fizeram até mesmo com que alguns fossem Férteis como os Peixes; e Estéreis como a Virgem [...]. [...] eles querem que Aquário seja a Casa da Lua, Leão a do Sol [...]. Se consideramos os Signos em relação às coisas que lhes são submissas, eles querem que a França, por exemplo, esteja sob a dominação de Áries, [...], eles querem o mesmo em relação às cidades [...]. E não há nada, até as partes do corpo, que eles não façam sujeitas a determinados Signos [...].

François Bernier, *Abregé de la philosophie de Gassendi*

Neste capítulo 5 discutimos o que denominamos *artificialmente* “argumentos técnicos” dirigidos à astrologia no século XVII. Como mencionamos anteriormente, a divisão aqui proposta para os capítulos relativos às críticas à astrologia é essencialmente algo prático, mas, sem dúvida, anacrônico. Dada a peculiar relação ciência-religião na época, não seria exagero dizer que os “argumentos religiosos”, por exemplo, também podem ser ditos “técnicos”.

Entre os argumentos que escolhemos qualificar como “técnicos” realizamos outras subdivisões também de cunho prático. Muitas vezes, como veremos a seguir, esses argumentos parecem se entrecruzar. Enfim, pedimos ao leitor que leve em consideração que esses “agrupamentos arbitrários” foram realizados apenas pela necessidade de facilitar explicações de um tema de tão grande complexidade.

Como o leitor certamente notará, este capítulo se constituirá em boa parte de “um relato de opiniões”, e não exatamente de uma discussão de argumentos. Não fizemos isso à toa, e sim para expressar como a questão de fato se mostrava no século XVII.²

Neste capítulo procuraremos mostrar que havia grande variedade de argumentos técnicos usados contra a astrologia no século XVII. Esses argumentos, no entanto, não eram novos, e muitos deles aliás faziam parte do cenário de críticas à astrologia desde a Antiguidade.

O século XVII recorreu essencialmente a esses argumentos, e pouco se dedicou a aprofundá-los. Também as pessoas que defendiam a astrologia recorreram a uma contra-argumentação já tradicional, e também não procuraram desenvolver novas idéias que sustentassem essa defesa. Havia uma espécie de “compêndio” de argumentos tradicionais contrários à astrologia, e um “compêndio” de contra-argumentos tradicionais para rebatê-los. Os autores do século XVII pareciam simplesmente consultá-los e reproduzir fielmente suas idéias.

5.1 Fundamentos e regras forjadas

Essas coisas pensei ser bom ressaltar porque são os Fundamentos Gerais e os Primeiros Princípios sobre os quais todas as Previsões dos Astrólogos dependem. Nem preciso gastar muito tempo para Refutá-los, visto que ouvir uma mera relação deles é suficiente para toda pessoa razoável detectar não

¹ Utilizamos neste capítulo esta versão inglesa da obra de Pierre Gassendi contra a astrologia, porque ser esta justamente a que circulava na Inglaterra em meados do século XVII. Refletia, assim, o modo como as idéias do filósofo chegavam aos ingleses na época.

² O critério de escolha de autores foi essencialmente o nível de repercussão de seus argumentos sobre a astrologia na época.

somente o quanto Incertos, mas mesmo o quão Vãos e Ridículos são. Por que após toda essa lamúria, quem não percebe claramente que todos aqueles Fundamentos são meras Ficções, inventadas ao bel-prazer e por acaso [...] (GASSENDI, *The vanity of judiciary astrology*, p. 41)?

A citação anterior resume bem como o filósofo Pierre Gassendi procurou apresentar as regras da astrologia, de modo que parecessem extremamente complexas, forçadas sem qualquer explicação ou embasamento na realidade.

É curioso notar que sua própria menção a esses fundamentos sugere que tudo não passava de algo forçado, imaginado e subjetivo: “essas são as principais Quimeras com as quais os Astrólogos sonharam, e impuseram sobre as estrelas fixas” (GASSENDI, *The vanity of judiciary astrology*, p. 32).

Como vários outros críticos da astrologia no século XVII, Gassendi demonstrava conhecer bastante o assunto sobre o qual versava. Expôs em detalhe fundamentos da astrologia, como signos, zodíaco, casas astrológicas, etc.

Apresentou um encadeamento de questionamentos, como se quisesse demonstrar o quanto existia de perguntas sem respostas e em que medida a astrologia não tinha fundamento. Os termos usados sugeriam distinções arbitrárias, infundadas, forçadas ou forçadas, inexistentes na realidade: “*eles fazem* alguns serem do Fogo, como Áries, Leão e Sagitário”; “Câncer *foi feito* a Casa da Lua, Leão a do Sol”; “eles sujeitaram a França a Áries, a Itália a Leão”, “quando os Antigos *inventaram* essas coisas estranhas”; “atribuem a eles [planetas], grandes e admiráveis Virtudes” (GASSENDI, *The vanity of judiciary astrology*, pp. 28; 29; 31; 32; os itálicos são meus).

Tudo parecia ser como os astrólogos queriam. Nada parecia ter como base a experiência e a razão: “se eles [planetas] são considerados em relação ao Zodíaco; então (*eles dizem*), eles obtêm Dignidades” (GASSENDI, *The vanity of judiciary astrology*, p. 33; itálicos meus).

Gassendi se referiu a julgamentos baseados na posição dos planetas nas casas, aos aspectos, à classificação do tipo de movimento dos planetas, bem como a posições especiais dos planetas nos signos, tais como as dignidades e exaltações. Não poupou questionamentos à origem da pontuação atribuída a essas posições:



The Vanity of *Judiciary*
ASTROLOGY.
OR
DIVINATION
By the
S T A R S.

Lately written in Latin, by that great
Schollar and *Mathematician*, the Illustrious
P E T R U S G A S S E N D U S ;
Mathematical Professor to the
King of *F R A N C E*.

Translated into English by a *Person of Quality*.
Facile crediderim aliquod esse Numen, quod in vin-
dictam impiæ credulitatis nonnunquam repræ-
sentet mortalibus ea ipsa, quæ sibi non à Dijs, sed
Syderibus metuerunt. Joh. Barc. Argenid. lib. 2.

L O N D O N, Printed for *Humphrey Moseley*,
and are to be sold at his shop at the *Prince's*
Armes in *St. Pauls Church-*
yard. 1 6 5 9.

Pierre Gassendi (1592-1655) escreveu uma importante crítica à astrologia, que foi traduzida e publicada na Inglaterra. (GASSENDI, Pierre. *The vanity of judiciary astrology. Or divination by the stars*. Lately written in Latin, by that great schollar and mathematician, the illustrious Petrus Gassendus; mathematical professor to the king of France. Translated into English by a person of quality. London: printed for Humphrey Moseley, and are to be sold at his shop at the Prince's Armes in St. Pauls Church-yard, 1659). Há uma outra edição desta obra, do mesmo ano, também publicada em Londres.

[...] como eles conseguem saber que os Planetas, em suas casas, têm cinco e não quatro testemunhos de fortitude; e nos seus Exílios, Cinco e não quatro Testemunhos de Debilidade? Por que em suas Exaltações eles têm exatamente Quatro e não Cinco nem três? Eles mediram [...] ou pesaram com uma Balança as forças dos Planetas em cada Local do zodíaco, para ousarem pretender calculá-los tão exatamente; & segundo o número de Sufrágios determinar o Destino dos Mortais e dos seus assuntos (BERNIER, *Abregé de la philosophie de Gassendi*, Tome IV, p. 454; GASSENDI, *The vanity of judiciary astrology*, p. 49)?

Uma idéia escandalosamente forjada se basearia em outra também forjada, que se basearia em outra igualmente forjada, e assim por diante. A estrutura da astrologia era frágil, e um simples ataque a qualquer ponto a fazia sucumbir inteiramente. Essa estrutura, Gassendi apresentou de maneira tediosa, irônica, quase “telegráfica”, ao que tudo indica, propositadamente sem explicações, visando mostrar a astrologia como intrincada, detalhada, repleta de conceitos e números ditos significativos, mas cuja origem era ignorada.

Logo nos primeiros anos do século XVII, John Chamber (1546-1604), cônego de Windsor e professor de astronomia na Universidade de Oxford, também chamou a atenção para determinados números considerados expressivos pelos astrólogos.³

Dizia ser uma bobagem, adotada mesmo por pessoas cultas e religiosos influentes, os chamados “anos climatéricos”, ocorridos a cada intervalo de 7, 9, 63 anos, e sinalizadores de grandes alterações na vida do homem. Nesse caso, nota-se que a crítica de Chamber residia principalmente em três questões: no porquê da escolha daqueles números especificamente, em entender por quê só diziam respeito a anos e não meses, horas, etc., e qual influência tinham sobre os animais (CHAMBER, *A treatise against iudicial astrology*, pp. 106-7).

O cônego inglês também pôs em dúvida outros pontos da medicina astrológica. Considerava a fundamentação apresentada por Galeno para os “dias críticos” um conjunto de cálculos mirabolantes e sem significado algum, que não passaria de mero

“malabarismo” para chegar a números notadamente aceitos (CHAMBER, *A treatise against iudiciall astrologie*, p. 117).

Para John Chamber e John Melton os próprios signos eram fictícios e as estrelas, na verdade, estavam espalhadas. A construção do zodíaco e sua divisão em doze casas eram imaginárias, imateriais, meras construções humanas infundadas (MELTON, *The astrologaster*, pp. 23-4; CHAMBER, *A treatise against iudiciall astrologie*, pp. 22-3). Melton se queixava de que ninguém conseguia fazê-lo ver tais signos no céu. Costumava dizer, então: “as Doze Casas que eles construíram no Céu” (MELTON, *The astrologaster*, p. 35; grifo meu). Chamber, por sua vez, se referia ao que a astrologia estudava como “brinquedos curiosos e inúteis [...], de casas, centros, constelações e coisas semelhantes” (CHAMBER, *A treatise against iudiciall astrologie*, p. 100).⁴

Outros críticos pensavam de modo semelhante. Para Seth Ward, casas e aspectos eram arbitrários. Dizia que diante de três diferentes maneiras de desenhar as doze casas, os astrólogos teriam desprezado duas delas como irracionais (a divisão da primeira vertical e da equinocial), e, sem quaisquer motivos, dado preferência à divisão da eclíptica como a única divisão racional (*Vindicae Academicarum*, p. 31).

Para John Raunce, a astrologia era um emaranhado de bobagens, superstições pagãs e invenções humanas. Os significados das casas astrológicas eram absurdos. Estrelas e momentos não podiam ser maus. Horas supostamente regidas por Marte e Saturno eram iguais às outras. Os astros e suas posições tinham sempre a mesma qualidade e não havia por que temê-los (RAUNCE, *Astrologia accusata*, pp. 15-6).

³ John Chamber dava aulas sobre o sistema ptolomaico na universidade. Publicou dois trabalhos sobre astronomia. Ver “CHAMBER, JOHN” no *Dictionary of National biography*, vol IV, p. 1.

⁴ John Melton era político e escritor. *The astrologaster*, listado no *Dictionary of national biography* como seu único trabalho contra a astrologia, tornou-se bastante popular. Pode-se notar que o astrólogo William Lilly procurou menosprezar Melton e outros que escreveram contra a astrologia, tratando-os como quase anônimos. Assim, falou dos insultos de “um Melton e um Vicars”, e desqualificou o ataque de John Chambers como uma bobagem tão grande, que uma única resposta de Christopher Heydon pôs fim ao assunto. Como Lilly procurou frisar, muitos eruditos escreviam bobagens sobre a astrologia porque a desconheciam. Colocando-a em condições de igualdade com outros conhecimentos, afirmava que isso também ocorreria se ele próprio resolvesse escrever sobre medicina ou direito civil (ver “MELTON,

As críticas à astrologia também partiam de quem a praticava. O astrônomo Joshua Childrey, autor de uma proposta para a astrologia com base no sistema heliocêntrico, também se posicionou negativamente em relação à astrologia de sua época. Aliás, foi justamente o descontentamento com a astrologia que o havia levado a tal iniciativa (ver **capítulo 7** dessa tese).

Alguns elementos da astrologia, Childrey rejeitava prontamente: “Quanto à cabeça e a cauda do dragão, visto que são apenas pontos imaginários, eles são merecidamente excluídos de todos os Esquemas com suas qualidades” (CHILDREY, *Syzygiasticon instauratum*, p.[45]).

John Partridge e William Lilly não se referiam negativamente aos nós em si, mas julgavam abomináveis as referências a aspectos entre esses nós e outros elementos das configurações celestes.

Um dos supostos erros do astrólogo John Gadbury apontado por Partridge, sem deixar de lado certo escândalo ao se deparar com tal circunstância, era a menção de um aspecto envolvendo um dos nós da Lua (PARTRIDGE, *Opus reformatum*, pp. 8-9). Como o nó era o encontro de duas curvas (da eclíptica e da órbita da Lua), e, portanto, não um corpo sólido, de existência real, e sim algo fictício, ele jamais poderia formar tal aspecto. William Lilly, quase meio século antes, ao se deparar com algo idêntico num trabalho de George Wharton reagiu de maneira análoga.

Ao se referir a um eclipse da Lua, Joshua Childrey voltou a se referir a algo que considerava ser bobagem: “Falar aqui da cor da Lua durante o seu obscurecimento é supérfluo e vão. Só para aqueles que são supersticiosamente devotados à lenda dourada e várias fantasias da Astrologia tradicional podem ser persuadidos a acreditar que porque ela é eclipsada [...] ela deve então estar pintada com tal cor [...]” (CHILDREY, *Syzygiasticon instauratum*, p. [51]).

JOHN” no *Dictionary of national biography*, vol. 13, pp. 226-7 e LILLY, *Englands Propheticall Merline*, to the Reader).

Joshua Childrey estava convencido de que havia “tal ciência como a astrologia” porque considerava inegável a existência de influências astrológicas sobre as quais a astrologia já sabia alguma coisa. Mas, além de prometer mais do que o possível, a astrologia era “guiada muito mais pela imaginação e plausibilidade do que pela razão sensata” (CHILDREY, *Britannia Baconica*, The Preface to the Reader).

É interessante notarmos que a crítica de “falta de fundamento” não era direcionada apenas à astrologia. O filósofo Francis Bacon, por exemplo, atacou não somente a astrologia, como também a astronomia e a medicina com base nesse argumento. Suas críticas, aliás, chegaram à filosofia natural. Dizia faltar uma filosofia natural, verdadeira e ativa, que pudesse servir de base para a medicina (BACON, *Of the dignity and advancement of learning*, L. IV, Ch. II).

Em busca da fundamentação para medicina, Bacon propôs a retomada do trabalho iniciado por Hipócrates de reunir narrações de casos médicos (BACON, *Of the dignity and advancement of learning*, L. IV, Ch. II). Dizia haver muito a ser reformado em áreas como, por exemplo, prolongamento da vida e anatomia comparada. Seria imprescindível o uso de animais em pesquisas de dissecação para entender o que ocorria com seres humanos. Os pesquisadores estariam dedicando muito tempo a sutilezas e detalhes do corpo humano, e pouco tempo para verificar as diferenças entre os corpos. Era interessante verificar diferentes ocorrências em diferentes variedades anatômicas, porque algumas causas de doenças estariam em diferenças anatômicas e não nos humores. Mas, além de estudos de certos tópicos de anatomia comparada, os humores também deviam ser estudados detalhadamente.

5.2 analogias

A partir da figura para a conjunção de Júpiter e Saturno em 1643, William Lilly analisou as influências das estrelas fixas que apareciam em cada casa astrológica de acordo com as naturezas dessas estrelas, que podiam ser de Júpiter, Saturno, Marte, etc. Esse tipo de procedimento era comum no século XVII (LILLY, *Englands Propheticall Merline*, pp. 70-3).

Todavia, entre os críticos da astrologia havia quem considerasse absurda essa correlação entre as influências das estrelas e dos planetas. Para o cômico John Chamber, os astrólogos determinavam de forma inadequada as influências das estrelas, se baseando apenas na analogia das cores para dizer que tal estrela tinha a influência de um planeta específico (CHAMBER, *A treatise against iudiciall astrologie*, p. 124).

Para John Raunce, as estrelas não eram causas de efeitos relacionados ao homem. Essa relação causa-efeito não existia, ainda que algumas previsões fossem confirmadas. Ao contrário de outros, como Jean Calvin, por exemplo, Raunce negava mesmo ligações entre alterações corporais e influências astrológicas, e qualificava como falsa a correspondência entre signos e partes do corpo humano. Nota-se, no entanto, que, para ele, talvez uma simples analogia, ou correspondência de formas, fosse o bastante para aceitar essas relações. Casas e signos eram idéias, coisas imaginárias, com formatos imaginários, enquanto o corpo humano era uma forma real, de existência substancial e visível. Se não fosse pela diferença de categoria, ele até aceitaria a correspondência empregada pelos astrólogos (RAUNCE, *Astrologia accusata*, p. 21).

John Chamber, por sua vez, apontava que se até mesmo artes fundamentadas na razão como a medicina falhavam, nada se poderia esperar da astrologia (CHAMBER, *A treatise against iudiciall astrologie*, p. 84). A falta de fundamentação na razão também era apontada por Pierre Gassendi nos seus comentários sobre a astrologia. Acusava os astrólogos de postularem coisas sem fundamento algum, com base em simples analogias.

Por que Marte é avermelhado podemos então concluir que ele é um Planeta incandescente e ardente? Saturno porque é pálido é então refrigerante? [...] Como se todas as coisas que pareçam avermelhadas devam necessariamente ser Incandescentes; e tudo o que for pálido ou esbranquiçado for Frio como a Neve (GASSENDI, *The vanity of judiciary astrology*, pp. 47-8; cf. BERNIER, *Abregé de la philosophie de Gassendi*. Tome IV, p. 453).

A partir dessas idéias ditas “absurdas”, faziam coisas “ainda mais extravagantes” como classificar planetas em masculinos, femininos, maléficos, benéficos, diurnos, noturnos, férteis, inférteis, e atribuir certas características aos signos:

Mas permaneçamos de acordo que Marte é quente & Saturno frio, eles devem por isso fazê-los Maléficos a ponto que todo que nasça seja incontinentemente atingido por suas flechas venenosas (BERNIER, *Abregé de la philosophie de Gassendi*. Tome IV, p. 453)?

Aliás, que fundamento há na distinção que eles fazem de certos Signos em Humanos, & em Selvagens, ou em Estéreis & Fecundos? E como ainda puderam distinguir a natureza doce e benigna de um da natureza feroz e cruel de outro; ou reconhecer que um Signo contribui à Esterilidade, como Virgem, e outro à Fecundidade, como Peixes (BERNIER, *Abregé de la philosophie de Gassendi*. Tome IV, p. 451; cf. pp. 444 e 454; GASSENDI, *The vanity of judiciary astrology*, p. 43; 49)?

Seth Ward também se pronunciaria de maneira análoga acerca dessas questões. Dizia não haver como fundamentar as virtudes dos planetas, isto é, dizer que eles eram frios ou quentes, masculinos ou femininos:

[...] quem alguma vez já sentiu o calor de Marte ou o frio de Saturno? Toda a Teoria é baseada no Sistema Peripatético, no conceito dos quatro Elementos, e se eles pudessem ser garantidos não conduziriam de modo algum à leitura da sorte que professam (*Vindicae Academicarum*, p. 31).

John Melton criticava o fato de muitos verem os astros como criaturas cheias de qualidades e se movendo por si próprias (MELTON, *The astrologaster*, p. 26). Ainda no século XVII, Jean Porthaise, outro autor de críticas à astrologia, já rejeitava a idéia de que os planetas eram bons ou maus, como se fossem seres animados, bem como considerava que os aspectos formados pelos planetas não teriam efeitos que também assim pudessem ser descritos. Estas seriam coisas ditas pelos astrólogos sem que nenhuma demonstração fosse apresentada (PORTHAISE, *De la vraie et faulx astrologie*, pp. 134, 287, 290).

Porthaise parecia admitir tradicionais relações entre planetas, signos, humores, estações do ano, não somente como relações simbólicas e de semelhança, mas também aquiescia a conclusões de Hipócrates baseadas nessas analogias:

Os Elementos, qualidades, humores, estações, meses, signos & planetas se convém ou se contrariam em propriedade. Como o Elemento Fogo simbolizado com a qualidade quente & seco, e a qualidade com a cólera, à qual é semelhante a estação do Verão, e os Meses de Junho, Julho e Agosto. Também são os signos ditos o Câncer, o Leão & a Virgem, & o Sol, a Lua &

Mercúrio, quanto aos planetas, a tudo isso convém À cor Preta, ou Castanha.[...]. E por isso Hipócrates, [...], diz que [...] um sangue imperfeitamente cozido, próprio para a nutrição das partes frias & úmidas, como o cérebro, cresce no inverno, o sangue na primavera, a cólera no verão & a melancolia no Outono.[...] (PORTHAISE, *De la vraie et faulse astrologie*, p. 166).

Jean Porthaise, ao contrário do que faria Gassendi no século XVII, aceitava certas qualidades fundamentais atribuídas aos planetas, embora também não admitisse determinadas conseqüências identificadas pelos astrólogos. Considerava equivocado dizer que planetas e signos determinavam ou mesmo revelavam o temperamento dos homens. Saturno não inclinaria alguém a ser mau e malicioso, e nem Mercúrio a ser zombador. Marte ser ardente e seco não implicava em estimular homicídios. Embora a existência de influências fosse certa, não havia correspondência entre temperamento e influência. E, portanto, como não era possível estabelecer relações de causa e conseqüência, tais idéias eram repudiadas (PORTHAISE, *De la vraie et faulse astrologie*, pp. 206-14; 217-9).

A partir das natividades eram extraídas certas conseqüências negadas pelo autor. Interessar-se mais por uma profissão ou área de estudo, ser mais ou menos ingênuo, audacioso, religioso, rico, sábio, violento ou covarde, independeria de signos e da posição relativa dos planetas:

[...] é incerto se o seu temperamento individual será correspondente à influência do astro. E ainda menos se pode mostrar conseqüência que prova que ele será sábio, honesto [...] como dizem os astrólogos. [...] Não é certamente improvável que Júpiter aqueça e umedeça moderadamente, principalmente quando ele está em sagitário ou em peixes, que são suas casas & que ele modere o temperamento daquele onde ele domina. Mas é uma fantasia dizer por isso o homem será bom, rico, religioso, prudente [...]. Não repugna à razão que Saturno, se é frio & seco, estimula a preguiça & melancolia. Mas que ele administre os males é um conto & não ciência.[...] (PORTHAISE, *De la vraie et faulse astrologie*, p. 218).

Além de considerar impossível corresponder essas influências aos temperamentos das pessoas, para Porthaise, o mesmo também podia ser dito acerca das características físicas. Possíveis influências quentes e secas de Áries, Leão e Sagitário não

necessariamente provocavam esterilidade (PORTHAISE, *De la vraie et faulse astrologie*, p. 220).

5.3 Princípios

Ao se referir às condições da *astronomia*, ainda no século XVI, o germânico Cornelius Agrippa apontou como grave os desentendimentos entre estudiosos a respeito de assuntos como as características dos planetas e seus movimentos. Cada um falava como se tivesse voltado de uma excursão aos céus, sobre coisas das quais não podiam ter certeza, e com a ousadia de quem nem mesmo tinha conhecimento do que estava próximo. Dessas “ficções” – apontava Agrippa – deduziam as influências dos corpos superiores nos movimentos dos inferiores. Não levavam em conta que se nem ao menos conheciam o curso das estrelas, menos ainda podiam julgar corretamente seus efeitos (AGRIPPA, *The vanity of arts and sciences*, pp. 82-9).

Nota-se que para Agrippa *mesmo os fundamentos da astronomia* nos quais a *astrologia judicial* se apoiava eram absurdos: “[...] toda a Arte [astronomia] não tem outra fundamentação do que meras invenções e frivolidades da imaginação” (AGRIPPA, *The vanity of arts and sciences*, p. 87). A astronomia era “uma Arte completamente falaciosa, e que deveria ser mais desprezada do que as Fábulas dos Poetas” (AGRIPPA, *The vanity of arts and sciences*, p. 82).

Ainda que tivesse críticas e muitas dúvidas, no século XVII, o filósofo Pierre Gassendi admitia ao menos a plausibilidade de certos princípios, como certa conexão entre o mundo dito inferior e o superior, e as influências do Sol e da Lua. Certos princípios como a relação do Sol com as estações, e a influência da Lua nas marés e na plenitude corporal de animais aquáticos, podiam ser bem plausíveis, segundo a observação demonstrava (GASSENDI, *The vanity of judiciary astrology*, pp. 24-5, 125-7).

A esse respeito é interessante lembrarmos que fenômenos como marés e o inchamento de animais aquáticos foram mencionados e relacionados à Lua na história oficial da *Royal Society* publicada por Thomas Sprat em 1664. Naquela ocasião,

curiosamente, esses fenômenos foram descritos sem qualquer uso de termos como “astrologia” ou “influências astrológicas” (ver o **capítulo 9** desta tese). Pode-se cogitar, portanto, que talvez para a instituição, e também para Gassendi, esses fenômenos não fariam parte da astrologia. Também o crítico John Melton mencionou a influência da Lua sobre as criaturas marinhas sem o uso desses termos (MELTON, *The astrologaster*, pp. 30; 34).⁵

Para Pierre Gassendi havia uma ligação entre o mundo inferior e o superior, mas não do tipo da postulada pela astrologia:

[...] não negamos, na verdade, que haja alguma conexão deste Mundo inferior com o superior, & que ele receba alguma utilidade, & alguma vantagem; mas disso não se segue que ele deva aos Astros tudo o que tem, que não haja alguma força dele mesmo, que ele a deva totalmente ao Céu, que não tenha nele algum Agente primitivo, verdadeiro, & por si mesmo, mas somente Agentes puramente instrumentais, & que de tudo o que aconteça nele, ele deve reconhecer o Céu como a Causa que comanda, que executa [...] (BERNIER, *Abregé de la philosophie de Gassendi*. Tome IV, pp. 473-4).

Para ele, o que se seguia desses princípios aceitáveis não era fundado na razão e na experiência, de modo que as conclusões não tinham o mesmo grau de segurança dos princípios. Partiriam de “premissas razoáveis” para “Fábulas ridículas e extravagantes absurdos” (GASSENDI, *The vanity of judiciary astrology*, p. 24).

Sol e Lua teriam efeitos reconhecidos sobre os corpos sublunares, mas isso não implicava, necessariamente, em efeitos especiais de outros planetas, astros terem propósitos e estarem relacionados aos efeitos aceitos pela astrologia, e muito menos determinarem o destino dos homens. Se fossem sete planetas, com sete supostos tipos

⁵ Plínio, o Velho (Caius Plinius Secundus, 23-79 d.C.), discutiu a questão da influência física da Lua na fisiologia dos animais marinhos. O autor acreditava que as conchas das ostras, moluscos bivalves e mariscos inflavam e reduziam em volume de acordo com as fases da Lua. Essa também influenciaria tecidos de certos animais insetívoros e o comportamento das formigas. Sol e Lua seriam, por sua vez, responsáveis pelas marés. Tal como a *Royal Society*, na obra *Natural history*, Plínio também não parecer usar a expressão “influências astrológicas” para se referir às causas desses efeitos. Plínio aceitava a influência dos corpos celestes (tanto estrelas fixas, quanto não fixas) no clima, doenças e plantas (PLINY, *Natural history*, Book II. XXXVIII. 104-XLIII. 112; XCVIII. 211-CIII. 222).

de raios ou influências, como isso podia dar conta de destinos tão variados das pessoas que nasciam num mesmo momento? Havia, segundo Gassendi, um influxo geral do céu, mas os efeitos particulares eram determinados por causas particulares (GASSENDI, *The vanity of judiciary astrology*, pp. 24-5, 115-6; 125-7; 147; BERNIER, *Abregé de la philosophie de Gassendi*. Tome IV, p. 433).

5.4 aspectos e casas

Pierre Gassendi questionou o porquê de serem somente aquelas determinadas posições geométricas entre os planetas, os chamados “aspectos”, consideradas astrologicamente significativas. Se os planetas tivessem algum tipo de influência essa deveria ser contínua ou variar em intensidade, mas não chegariam a agir de modos contrários ou, em alguns casos, não terem influência alguma (GASSENDI, *The vanity of judiciary astrology*, pp. 50-1).

Gassendi não poupou tratamento irônico à atribuição de qualidades benéficas e maléficas a essas posições relativas:

Mas você quer que eu lhe revele um Mistério, & aquilo que os levaram a fazer de certos Aspectos Benéficos & e de outros Maléficos? A razão única disto é que quando nós olhamos alguma coisa Sextilmente, ou muito obliquamente, testemunhamos a bem-querência, & quando nós olhamos em Quadratura ou atravessado testemunhamos a aversão; ademais que quando nós olhamos Triangularmente testemunhamos ainda mais a amizade (é o que nós chamamos fazer os dois olhos) & quando nós olhamos Diametralmente, testemunhamos a cólera & a indignação, o que os Anatomistas explicam ao apresentar os Músculos que movem os olhos; então, transportando o modo de olhar aos Planetas, eles lhes transportaram também as paixões que nós exprimimos com os olhos; & e o que é admirável, é que eles não fizeram isso a respeito dos Planetas entre eles mesmos, mas em relação a um terceiro membro, em relação ao Homem ao qual esta paixão é expressa (BERNIER, *Abregé de la philosophie de Gassendi*. Tome IV, pp. 454-5; GASSENDI, *The vanity of judiciary astrology*, pp. 50-1).

Tal manifestação foi explicitamente debatida. O astrólogo John Goad criticou, por exemplo, o fato de Gassendi aceitar a existência de influências solares e lunares, mas negar qualquer importância aos aspectos astrológicos (GOAD, *Astro-meteorologica*, pp. 112-3).

Mas não só os aspectos eram focos explícitos de ataque do filósofo. Gassendi questionou a submissão de vilas, províncias, partes do corpo humano e anos a determinados signos. Ridicularizou a construção de figuras e esquemas para identificar as condições astrológicas. Sua desculpa de nem ao menos comentar certos conceitos da astrologia, como os tipos de conjunções, tal o ponto em que os julgava ridículos, já em si dizia muito... A ironia, sem dúvida, se fazia marcante nos insistentes comentários de Gassendi, e sugeriam que os astrólogos davam asas à imaginação (BERNIER, *Abregé de la philosophie de Gassendi*. Tome IV , pp. 452; 456; GASSENDI, *The vanity of judiciary astrology*, pp. 12; 30-1; 35-9; 45-6; 52-3).⁶

Apresentando o significado de cada casa à moda tradicional, Gassendi observou que os próprios nomes dados a elas revelavam sua função principal de julgar eventos humanos. Procurou chamar atenção para o fato, dito inacreditável, de os planetas, *num único momento*, isto é, no momento do nascimento, realizarem uma impressão tão diversa, particular, inevitável e certa (GASSENDI, *The vanity of judiciary astrology*, p. 89; BERNIER, *Abregé de la philosophie de Gassendi*, Tome IV, p. 460).⁷

Outro ponto questionado era o porquê de aquele momento ser mais importante do que outros seguintes, bem como a suposta irrelevância de outros fatores e acontecimentos para certos encaminhamentos (GASSENDI, *The vanity of judiciary astrology*, pp. 90-3).

[...] a felicidade e o infortúnio da Vida depende, [...], de cem encontros que não tem qualquer relação com a maneira como se nasce (BERNIER, *Abregé de la philosophie de Gassendi*, Tome IV, p. 462).

⁶ “[...] não digo nada sobre as Cores que eles atribuem às Casas, o Branco à primeira, o Verde à segunda, o Amarelo à terceira, & e mil outras coisas que jamais teriam fim” (BERNIER, *Abregé de la philosophie de Gassendi*. Tome IV , p. 450). O autor também via com desconfiança a equivalência de efeitos entre os planetas que estariam abaixo e acima do horizonte. Comparando com a nossa sensação dos efeitos do Sol, à noite e durante o dia, Gassendi também dizia não compreender como os planetas que estavam abaixo da Terra podiam ser tão influentes quanto os que estavam acima.

⁷ Lembramos, aqui, que para Gassendi, o que podia ser previsto não podia ser evitado (GASSENDI, *The vanity of judiciary astrology*, p. 88).

De onde vinham e o que, de fato, eram as casas? Por que doze casas? Por que era uma dita “a primeira”, e por que justamente essa, a mais escondida, era a mais influente? Por que não parecia haver explicação para as virtudes atribuídas a essas casas, nem quando se tentava empregar simples analogias como critério? Se a primeira casa a se elevar no horizonte era a da vida, por que a primeira a descer não era a da morte? Como casas próximas podiam dizer respeito a eventos contrários? Como um planeta podia ser bom numa casa e mau noutra? O que exatamente tinha essas virtudes? O espaço? Como atribuir virtudes a esses espaços? De onde viria a influência de cada casa?

Esses foram alguns questionamentos apresentados por Gassendi a respeito das casas astrológicas. No entanto, mesmo entre os astrólogos havia quem também parecesse avaliar de modo negativo a importância dessas casas. John Goad, por exemplo, concentrou sua análise fundamentalmente nos aspectos astrológicos, sem demonstrar interesse por investigar possíveis atuações das casas astrológicas. Nesse caso, portanto, ao que tudo indica podemos dizer que não somente dava repercussão às idéias de Francis Bacon (1561-1626) para a Filosofia Natural, como também a que o autor considerava importante para a astrologia.⁸

5.5 evidências

Ainda no que tange à importância de determinados números, para John Chamber, também era absurdo ver algo de especial no número 4, o intervalo representativo dos anos bissextos. A escolha desse número seria responsabilidade do homem, que poderia ter optado por outro intervalo de tempo qualquer (CHAMBER, *A treatise against iudiciall astrologie*, pp. 110-1). O autor tratou com ironia a evidência apresentada pelos que acreditavam em algo especial a cada 4 anos, simplesmente porque Saturno, o quarto planeta, era considerado mau: “Este tipo de prova é somente

⁸ As idéias de Francis Bacon a respeito da astrologia serão discutidas no **capítulo 7**.

poética e bonitinha [...]. Será difícil conseguir qualquer razão boa ou substancial para uma coisa dessa natureza” (CHAMBER, *A treatise against iudiciall astrologie*, p. 112).

O filósofo Pierre Gassendi questionava que base empregavam os astrólogos para fazer correspondências entre anos e graus observados nos mapas astrológicos. Tais correspondências lhe pareciam meros artifícios arbitrários. Relacionar um ano a um grau seria razoável se a vida humana tivesse 360 anos de duração. Além disso, parecia incongruente se num determinado ramo um astrólogo equivalia 30 graus a um ano (na técnica dita “profecção anual”), e, em outro, cada grau correspondia a um ano (na “direção”) (GASSENDI, *The vanity of judiciary astrology*, pp. 107-9).

De fato, se havia explicação para essas correspondências, pode-se dizer ao menos que mesmo os astrólogos “mais didáticos” não costumavam apresentá-las. Ao que tudo indica, parece que propunham tais correspondências e verificavam se os fatos previstos dessa maneira se confirmavam na prática.

Exemplos desse procedimento podem ser encontrados nos trabalhos de profissionais reconhecidos na época. William Lilly (1602-1681) determinou o período de influência do cometa de 1618 com base no número de dias em que ele esteve visível, cada dia de visibilidade correspondendo a um ano de influência. Segundo Lilly, esta idéia havia lhe ocorrido sem que tivesse visto algo parecido em outros trabalhos. Somente teve notícia de que alguém também havia proposto algo semelhante após concluir essas previsões. Se o seu método era bom ou não, só a confirmação das previsões era capaz de dizer.⁹

William Lilly não parecia ter medo de ousar, e, muitas vezes propôs seus próprios métodos.¹⁰ Para contabilizar o período de influência da conjunção Saturno-Júpiter de

⁹ Lilly relata que duvidando do sucesso das previsões baseadas em seu método, deixou de lado os seus rascunhos. Só retomou-os após ter sido encorajado pela notícia de que certo Herlicius, de quem nunca ouvira falar antes, mas que supunha ser um autor dinamarquês de almanaques, havia proposto o mesmo método para avaliar as influências daquele cometa (LILLY, *Englands Propheticall Merline*, pp. 43-4).

¹⁰ Parece que isso teria sido motivo de crítica do principal oponente de Lilly. O astrólogo (partidário do rei, ao contrário de Lilly) George Wharton, ao que tudo indica, considerava que Lilly ia longe demais em sua ousadia de propor métodos diferentes: “[...] o que quer que eu tenha apresentado foi corretamente

1643, Lilly, assim como outros autores, levou em conta a diferença em graus entre o local em que ela ocorreu e o ascendente do ano, atribuindo um ano a cada 30 graus. Ele, no entanto, mesmo ciente de que isso contrariava a sugestão de outros autores antigos, considerou que o ano do qual se verificava o ascendente era o astrológico e não o ano comum vigente. Como a conjunção de 1643 havia ocorrido em fevereiro, ou seja, ainda no ano astrológico de 1642, já que a revolução astrológica somente é completada com a entrada do Sol em Áries, com base nesse ano o período de influência foi contabilizado por Lilly. Mas, sabendo que seu procedimento, neste caso, era uma exceção ao método comum aplicado, Lilly analisou os dois casos e suas implicações (LILLY, *Englands Propheticall Merline*, pp. 96-7).

Ao considerar, ainda, que Saturno dominava a conjunção, e não Júpiter, como previa o método normalmente aceito, William Lilly reconheceu não ter como sustentar a superioridade da sua análise.

[...] meus argumentos não são e nem podem ser tornados demonstrativos. Reconheço que meus Prognósticos são fundamentados sobre probabilidades conjecturais e não estão sujeitos aos sentidos ou à demonstração Geométrica (LILLY, *Englands Propheticall Merline*, p. 94).

Seu argumento para dizer que seu método era melhor do que o dos outros, assim como para mostrar que a influência de Saturno e não a de Júpiter preponderava nesta conjunção era: “o futuro mostrará que o meu método se confirma”.¹¹

Quem estava certo, então? Novamente considerava que só a confirmação das previsões podia dizer ...

De fato, a ocorrência de fenômenos previstos era apresentada pelos profissionais como evidência favorável à astrologia ou ainda, dentro da própria astrologia, como

fundamentado na Arte: e eu citei devidamente os Autores que consultei para isso”. Quanto a Booker e Lilly acusava-os de enganarem o “mundo com a idiotice de [suas] próprias imaginações iludidas”(apud GENEVA, *England's propheticall Merline decoded*, p. 19).

¹¹ A convicção de que está certo e o tom quase profético de suas previsões muitas vezes contrastam com trechos do livro em que ele diz que: “Talvez minha escrita possa incitar algum homem mais hábil do que

favorável a determinado método proposto. Mas havia entre os críticos quem julgasse que a confirmação dos fatos previstos não era evidência favorável à astrologia, e, é claro, muito menos à validade deste ou outro método. Pierre Gassendi apontava que alguns eventos previstos pelos astrólogos podiam ocorrer por acaso, e assim não valiam como evidências a favor da astrologia (GASSENDI, *The vanity of judiciary astrology*, p. 141).

Como já havia dito o religioso Martinho Lutero (1483-1546):

[...] Astrologia não é uma Arte porque não tem princípios nem demonstrações nas quais possamos nos fundamentar e pisar com confiança [...]. Falam muito sobre o que ocorre uma ou duas vezes, e, então, concluem que necessariamente deve ocorrer assim [...] (LUTERO, *Dis Martini Luteroi colloquia*, p. 504).

O modo como interpretavam as figuras astrológicas também foi ridicularizado por Pierre Gassendi. Ele considerava absurdas as evidências apresentadas, como se nota pelos comentários de “admirável Demonstração”, dirigidos à conclusão, a partir de uma figura, de que um marido iria assassinar sua esposa: “Não é porque Vênus designa o casamento, e Marte o planeta que mata, e a Lua, que é considerada a mãe da Família é observada malignamente por Marte?” (GASSENDI, *The vanity of judiciary astrology*, p. 112).

Os comentários do filósofo sobre as evidências apresentadas pelos astrólogos não passariam incólumes. Mesmo entre profissionais da área havia quem considerasse fracas as evidências favoráveis a certos pontos, e insistisse na obtenção de melhores argumentos. Com a coleta de grande volume de dados, John Goad pensava ser possível vencer algumas posições antagônicas à astrologia. Considerava, por exemplo, que a natureza dos planetas podia ser facilmente identificada pelo estudo dos aspectos:

Nossos Eruditos Antagonistas, como se nossas sentenças fossem sobre Coisas impossíveis, sempre perguntam *como sabemos distinguir a Natureza de*

eu a convencer-me do erro, ou a fazer-me trabalhar mais para corrigir as minhas imperfeições, em ambas as situações ficarei satisfeito” (LILLY, *Englands Propheticall Merline*, p. 21).

qualquer Corpo Celestial [...]. Respondemos que o Método está diante deles. Deixe que o Empenho e a Experiência colem tais Tabelas de Congressos Planetários (quanto mais, melhor). E eles verão como num Espelho os Efeitos do Aspecto e disso definirão as Naturezas dos Corpos Celestes assim configurados, [...] e ainda, a Natureza e o Caráter de cada Grau no Zodíaco pode ser então determinada [...] (GOAD, *Astro-meteorologica*, pp. 54-5).

John Goad não só fez recomendações em vista de produzir evidências mais conclusivas, mas efetivamente procurou colocar em prática esses preceitos. Dispondo de grande quantidade de dados, concluiu, por exemplo, que, além de favoráveis às chuvas, conjunções Sol-Lua pareciam inclinar à ocorrência de ventos numa determinada direção. Se somadas essas ocorrência de ventos e chuvas chegava-se a mais de 50%, o que o pesquisador apontava ser uma boa evidência de que tais conjunções exerciam certa influência astrológica nas condições climáticas.

Ao que tudo indica, Goad se preocupava com possíveis atitudes desfavoráveis ao modo como havia avaliado evidências obtidas em suas observações. Isso transparece, por exemplo, na manifestação de descontentamento com a atitude de Pierre Gassendi sobre o assunto em décadas anteriores.¹²

Goad insinuou que Gassendi havia avaliado a questão de modo tendencioso, julgando as evidências de modo diferente para esse caso do que faria em temas de outra natureza:

[...] o Paralogismo Fatal do Adversário é esse: ele, quando não vê a frequência de Atividade que deseja, conclui que não há *Nenhuma*. Como se por não haver a proporção excessiva de 60, 70, 80 [%] [...], então não há

¹² Em vários casos respostas explícitas a Gassendi são marcadas pelo tom irônico: “Confesso que não chove todo dia 12 de um Mês, se fosse assim Gassendi teria sido um *Astrólogo* e se reconciliado com o bom conhecimento”; “Ele [Gassendi] nos diz mais, que se a Lua tem Influência sobre a Terra, então que a Terra possa ter sobre a Lua. Não será o momento, então, de considerar isso quando nos removermos para aquela colônia?” (GOAD, *Astro-meteorologica*, pp. 154;) Nesse caso vemos que Goad respondia diretamente ao comentário de Gassendi de que se a Lua influenciava a Terra, o contrário também devia ocorrer (GASSENDI, *The vanity of judiciary astrology*, p. 80). Goad não menciona onde Gassendi teria se manifestado acerca do que seria, para ele, um volume de dados aceitável como evidência favorável à existência de influências astrológicas. Vale notar que Goad responde a argumentos de Gassendi, mas este não exatamente teria se manifestado a respeito da pesquisa de Goad. Gassendi já havia falecido nessa época, e, então havia se manifestado a respeito da astrologia de modo geral, e não a respeito do trabalho de Goad.

qualquer Atividade ou Força nos Agentes. Enquanto, por sua vez, uma Força Motriz mesmo em 40, 30, 20 tem uma Força ou Poder considerável na produção do Efeito, embora não seja comensurável a 50, 60 [...]. Aspectos não têm Força, porque, eles erram mais do que acertam, assim Gassendi raciocina. Mas é difícil concluir que um Aspecto *não tem qualquer* Força, quando a objeção confessa que há *alguma* [...]. Se um aspecto contribuisse de Mais da Metade a 70 ou 80 vezes, e falhasse somente em 30 ou 20 vezes, não iria ser admitida a inclinação? E então se contribui com 50 a inclinação é abolida? [...]. Cinco libras é Peso, embora não seja Cinquenta; e Dez Libras é Peso embora não seja 100. Cinco Libras não é Peso suficiente para Quebrar uma Noz. Devo então inferir que não tem Pressão ou Peso algum em relação a tal Efeito? A Experiência Comum refuta isso. Alguma outra Força ou Impulso extra pode ser de fato necessário, mas é menos necessário [...]. O Erudito devia ter discernido a *Inclinação*, ainda que *Parcial*, e não negado absolutamente [...] (GOAD, *Astro-meteorologica*, p. 60).

John Goad insistia em se defender, e repetidas vezes pontuou a dificuldade de aceitação das evidências. Ele, aliás, não sabia explicar os aspectos, mas procurou defender a existência desses, o que sabemos ter sido um dos pontos atacados por críticos da astrologia como foi o caso de Gassendi:

Os Aspectos Planetários não são Termos vãos de uma arte de Falação, mas são Esquemas Misteriosos de uma Força e Poder secreto para a Alteração do Mundo Sublunar, especialmente do Ar, e aquelas Grandes Questões que dependem deles, de acordo com a Natureza das Influências e do Influenciado (GOAD, *Astro-meteorologica*, p. 39).

5.6 Argumento de autoridade

Como vimos, muitas vezes os astrólogos recorriam à confirmação das previsões como evidência favorável à astrologia ou ao método que queriam sustentar. Outro tipo de argumento ao qual recorriam era à chamada “autoridade”.

Recorrer às autoridades não era exclusividade da astrologia, nem dos que a defendiam. Também os críticos da astrologia recorriam a pessoas importantes que haviam se pronunciado contra ela. Esse tipo de argumento era também muito comum na defesa de idéias nas mais variadas áreas de conhecimento desde a Idade Média, como nos mostram as recorrentes menções de Tomás de Aquino, por exemplo, ao “Filósofo” (no caso, Aristóteles) na sua *Suma de Teologia*.

Na seção anterior vimos que o astrólogo William Lilly costumava propor e defender seus próprios métodos. Por um lado, Lilly dizia que “a astrologia não havia morrido com Ptolomeu” (LILLY, *Englands Propheticall Merline*, To the Reader, b), não tinha pudores em dizer que às vezes discordava dele e que era “muito mais levado pela razão e pela experiência do que pela autoridade de um único homem” (LILLY, *Christian Astrology*, To the Reader).

Mas, por outro, parecia dar muita importância a encontrar respaldo para suas idéias nos escritos desse autor e outros que haviam se dedicado à astrologia. Não era contrário ao argumento de autoridade. Muitas vezes pode-se vê-lo argumentando: “é assim porque sicrano, fulano e beltrano disseram que é”. Como já mencionamos, mesmo se Lilly ao contrário de outros autores considerava Saturno e não Júpiter preponderante na conjunção de 1643, ainda assim todos os seus julgamentos derivados dessa preponderância eram compilados de textos de vários outros autores. Assim, podemos dizer que a importância do argumento de autoridade, tal como vemos pela argumentação de Lilly a respeito da visibilidade do eclipse, parecia se fazer marcante nas considerações do autor.

De fato, temos a impressão de que para Lilly uma idéia parecia ser ainda mais convincente quando a encontrava entre as de Ptolomeu, *mesmo* que diga em defesa da astrologia horária:

E embora muitos não tenham uma opinião favorável às questões horárias, por considerarem que Ptolomeu não as aprovava; admitamos que não: ainda que se o *Centiloquium* for dele o problema esteja resolvido, porque muitos dos seus Aforismos se referem a essas questões. Se ele não aprovava, se a Arte desde aquele tempo não descobriu nada além do que ele já sabia, devemos rejeitar este conhecimento porque ele não falou nada sobre isso? [...] a nossa capacidade de aprender foi enterrada com Aristóteles, ou a Astrologia com Ptolomeu (LILLY, *Englands Propheticall Merline*, To the Reader, b)?

Assim, se Ptolomeu não falou, não há problema. Se ele não aceitava algo, também não há problema. A astrologia está em constante evolução e qualquer um pode falar algo de novo. Mas, se por acaso Ptolomeu falou, melhor ainda.

No *Englands Propheticall Merline*, vemos um curioso exemplo do uso desse tipo de argumento. Segundo Lilly, Cardano, Naibod, Origanus, Paulus Prassicius, Johannes Anglicus, Avenaris, Haghen e Campanella aceitavam três tipos de conjunções chamadas em latim de *Maxima* ou *Magna*, *Media* e *Minima*. As conjunções máximas, segundo trecho extraído dos escritos de Origanus, eram somente as que marcavam a entrada na triplicidade do fogo, especialmente no signo de Áries. Eram assim chamadas dada à grandiosidade das mudanças trazidas pela saída da triplicidade da água e entrada nessa outra triplicidade. Lilly cita extensamente trechos de autores como Alcabitius, Naibod, Cardano, que destacaram a importância dessa conjunção, ou que aceitavam aquela classificação. Reforçando o que dissemos a respeito da argumentação do autor sobre a legitimidade da astrologia horária, aqui fica evidente a importância para Lilly do argumento de autoridade: “*Eu provo com muitos exemplos*” (LILLY, *Englands Propheticall Merline*, p. 55; os itálicos são meus). Isto é, “eu *provo* mostrando que muitos aceitaram que é assim”.

John Partridge descartava áreas como a astrologia horária e de eleições sob a justificativa de que Ptolomeu nunca teria se dedicado a elas. E também rejeitava certos elementos de outros ramos da astrologia, porque negava que Ptolomeu e outros autores antigos lhes dessem importância. Esse era o caso, por exemplo, da figura da revolução anual para uma pessoa, isto é, do mapa astrológico para o momento em que o Sol voltava à posição do seu nascimento. Além disso, para Partridge, os autores modernos davam excessiva atenção a calcular as cúspides de cada casa, o que considerava uma bobagem (PARTRIDGE, *Opus reformatum*, p. 24).

Mas e os críticos da astrologia, como reagiam ao “argumento de autoridade”? E, sobretudo, como reagiam quando um autor tão respeitado quanto Ptolomeu era usado em defesa da astrologia?

No século XVII, o *Centiloquium* era geralmente atribuído a Ptolomeu, embora a citação de William Lilly à qual fizemos alusão anteriormente revele a existência de dúvidas quanto à autoria dessa obra. Tal como William Lilly, John Chamber também

atribuía o *Centiloquium* a Ptolomeu (CHAMBER, *A treatise against iudiciall astrologie*, p. 11).¹³

Nota-se, em contraposição, o quanto a alusão a Ptolomeu em favor da astrologia parecia incomodar o filósofo Pierre Gassendi (GASSENDI, *The vanity of judiciary astrology*, pp. 122-4). Recorrer à autoridade desse autor nessas circunstâncias era inadmissível. Ptolomeu jamais poderia ter se dedicado não somente à astrologia horária, e então o *Centiloquium* não era dele, mas também jamais poderia ter se dedicado à astrologia judicial, e, então, o *Tetrabiblos* também não era dele. Aliás, ainda que Ptolomeu fosse o autor do *Tetrabiblos*, dizia Gassendi, *uma arte não poderia ser justificada com base na autoridade de uma pessoa*.

De qualquer forma parecia a tal ponto perturbá-lo ver o nome de Ptolomeu ligado à astrologia, que Gassendi procurou demonstrar, em sua obra de crítica a esta, que Ptolomeu não havia escrito o *Tetrabiblos*. Para Gassendi, Ptolomeu havia escrito o *Almagesto*, mas não o *Tetrabiblos*, por ser este último muito diferente em qualidade. As justificativas dos *Tetrabiblos* eram fracas, e esse não passava de uma organização de considerações recebidas de culturas antigas, não sendo aceito nem mesmo pelos astrólogos em sua totalidade.

E no que diz respeito a esse Livro que eles atribuem a Ptolomeu, não há nada que aponte que um homem tão judicioso tenha ficado satisfeito ao proporcionar uma Arte tão desarrazoada, & devemos muito mais crer que esse seja um suposto Livro, que tenha sido inserido entre suas Obras, ainda mais que Alcabitzaus & Gauricus admitem não saber a qual dos Ptolomeus esse Livro deve ser atribuído (BERNIER, *Abregé de la philosophie de Gassendi*. Tome IV, pp. 470-1).

¹³ Parece realmente ter havido certa dúvida quanto à autoria do *Centiloquium*. Como menciona Tamsyn Barton: “O *Centiloquium*, um conjunto de cem aforismos astrológicos com duas a oito linhas, talvez do século quinto ou sexto [...]. Foi anteriormente atribuído a Ptolomeu, mas é bastante diferente do *Tetrabiblos*, em sua ênfase na astrologia horária, [...]” (BARTON, *Ancient astrology*, p. 82). Como ressaltam Ann Geneva e Tamsyn Barton, Ptolomeu não discutiu astrologia horária (BARTON, *Ancient astrology*, p. 62 e GENEVA, *England’s propheticall Merline decoded*, p. 31; segundo Geneva a astrologia horária deve ter sido introduzida pelos árabes). Barton não informa até quando perdurou a especulação de que a autoria do *Centiloquium* pudesse ser de Ptolomeu, mas é bem provável que na época de Lilly ela ainda persistisse, o que dava sustentação ao argumento do astrólogo.

De fato, surpreende notar que o livro ao qual Gassendi faz alusão no comentário anterior é o *Tetrabiblos*: “Eles até mesmo citam enfim o célebre Ptolomeu & alegam que depois de ter trabalhado muito para restabelecer a Astronomia, ele se aplicou a cultivar a Astrologia & fez em seu favor aquela Obra que eles chamam *Quadripartitium*” (BERNIER, *Abregé de la philosophie de Gassendi*. Tome IV, p. 469; GASSENDI, *The vanity of judiciary astrology*, p. 79). Lembrando que Cardano acusava outros autores de charlatanismo por corromperem o trabalho de Ptolomeu, enquanto ele próprio teria feito o mesmo, novamente Gassendi se mostra contrário a que Ptolomeu tenha escrito certas coisas atribuídas a ele:

[...] como se esta Astrologia de Ptolomeu não tivesse sido tirada de Autores desse tipo! Como se não pudéssemos dizer de Cardano a mesma coisa que ele diz dos outros; ele que utilizou tantas coisas que de modo algum se encontram em Ptolomeu! (BERNIER, *Abregé de la philosophie de Gassendi*. Tome IV, p. 471).

Para embasar sua afirmação de que Ptolomeu não havia tratado do assunto “astrologia horária”, o astrólogo John Partridge destacou atenção especial a demonstrar que o *Centiloquium* não era dele (PARTRIDGE, *Opus reformatum*, viii).

Partridge comparou trechos do *Tetrabiblos*, cuja autoria atribuída a Ptolomeu, a trechos do *Centiloquium*. Com isso, procurou demonstrar que as duas obras não podiam ter sido escritas pela mesma pessoa, pois em muitos pontos se contradiziam. Partridge se apoiava também no fato de que, ainda que houvesse alguma obra de Ptolomeu então desaparecida sobre esses assuntos, seria muito estranho que ele não a mencionasse nos seus escritos já conhecidos, o que podia ser notado a respeito de outras obras suas desaparecidas.¹⁴

¹⁴ O astrólogo John Gadbury, segundo Partridge, era um dos que usavam e atribuíam o *Centiloquium* a Ptolomeu. Para Partridge isso era porque ele ou não havia lido o livro, ou, se havia, não entendeu, ou nunca se deu ao trabalho de fazer essa comparação.

5.7 incoerência

Alguns autores do século XVII diziam existir incoerências na astrologia. Essas supostas incoerências eram várias e tão diferentes entre si, que tentar reuni-las parece mais construir uma “colcha de retalhos”. Havia quem apontasse incoerências na astrologia. Havia também quem apontasse incoerências internas nos trabalhos dos astrólogos.

Para o filósofo Pierre Gassendi pouca virtude era atribuída às estrelas fixas, mesmo as participantes das constelações do zodíaco, embora, segundo ele, essas fossem como outros sóis (BERNIER, *Abregé de la philosophie de Gassendi*. Tome IV, p. 438).

Já para o crítico John Raunce a incoerência na astrologia era assinalada pela mistura de coisas de categorias diferentes. Eventos metafísicos, sobrenaturais, não podiam ter causas elementares, naturais. As causas para esses fenômenos não podiam ser desse tipo. Conseqüentemente, eventos não causados pelas estrelas não podiam ser previstos através delas (RAUNCE, *Astrologia accusata*, p. 3). John Raunce assinalou, ainda, a existência de graves *contradições internas* mesmo nos trabalhos mais cotados. Esse dito problema era, para Raunce, forte indicativo de que a astrologia não passava de um grande absurdo.

Duras críticas à astrologia da época e acusações de incoerência também vinham de quem a praticava. Comentários apresentados pelo astrólogo John Partridge atribuíam os ataques à astrologia principalmente a regras que considerava incoerentes (PARTRIDGE, *Opus reformatum*, p. vii). Partridge frisou a necessidade de escolher e aplicar de *maneira uniforme regras coerentes* entre si.

[...] então, você irá fazer da sua Doutrina toda uma única peça; e deixar que suas Direções façam o mesmo num momento o que fazem em outro [...]
(PARTRIDGE, *Opus reformatum*, vi).

Para fundamentar seu julgamento de que o trabalho do astrólogo John Gadbury não era confiável procurou demonstrá-lo incoerente. Num único livro desse autor, o *Colectio Geniturarum*, se uma determinada característica numa natividade podia ser

responsável pela morte, essa mesma característica nada fazia em outros casos ou até existia em momentos muito agradáveis da vida da pessoa em questão.

Porque se permitimos que aquelas alegadas Razões sejam verdadeiras, então encontraremos grande quantidade de Natividades acima da Ordem da Natureza e alcance das Estrelas, ou ao menos as Estrelas terão realizado sua tarefa negligentemente e pela metade, já que encontramos tantas pessoas que escaparam [...] (PARTRIDGE, *Opus reformatum*, p. 3).

Para John Partridge, era possível que uma “direção” causasse certo efeito num caso e efeito diverso em outro, mas deveria pelo menos haver certa semelhança de natureza nos fatos em questão (PARTRIDGE, *Opus reformatum*, p. 1). Se numa natividade determinada configuração era apontada como causa de uma promoção, era estranho que em outras causasse febres e doenças. Esse ponto foi mencionado e ironizado diversas vezes por Partridge.

Então você vê que Excelente Astrólogo o Senhor J. G. é, e o quanto as Estrelas obedecem àqueles que podem habilidosamente comandá-las: fazem-nas matar um, causam problemas a outro, mandam um terceiro para Cambridge e fazem de um quarto Coronel de Tropas (PARTRIDGE, *Opus reformatum*, p. 10).

Procurou, assim, mostrar o quanto Gadbury era incoerente em seus julgamentos. Comparou natividades julgadas por Gadbury a fim de mostrar supostas contradições e incoerências (PARTRIDGE, *Opus reformatum*, pp. 16-8).¹⁵

É interessante notar que Partridge estava mesmo bastante empenhado nas críticas ao seu colega de profissão. Apresentou longamente supostos erros cometidos por Gadbury na avaliação da natividade de Oliver Cromwell. Não teria notado, por

¹⁵ Uma das natividades discutidas por Partridge por também estar no trabalho de Gadbury era a do Arcebispo de Canterbury William Laud. Para Partridge, mais uma vez havia incoerência no julgamento do autor. Direções apontadas como nocivas em outras natividades nada fizeram em relação ao Bispo: “Aquele Homem Santo e Bom vivia acima do Poder e da Influência das Estrelas” (PARTRIDGE, *Opus reformatum*, p. 109). É interessante notar que Partridge ridiculariza a avaliação de Gadbury dessa natividade, mas não faz qualquer comentário a respeito da realizada por William Lilly para aquela mesma personagem da história inglesa (PARTRIDGE, *Opus reformatum*, pp. 107-11). Para Partridge não se sabia o momento do nascimento de Laud. Então essa era uma acusação que também podia fazer a Lilly e não o fez.

exemplo, duas direções significativas de morte, e atribuiu esse acontecimento a uma configuração inexistente na figura, e incapaz desse resultado pelas regras de Ptolomeu: “como esse conjunto de Direções deveria (contrário a todas as regras boas e autênticas) matar me parece um Mistério” (PARTRIDGE, *Opus reformatum*, p. 15).

Recorreu também a outras natividades analisadas pelo próprio Gadbury. Eram mais de “Vinte Exemplos daquele Aspecto e Direção extraídos do próprio Livro dele em que isso [a configuração tomada como significativa da morte de Cromwell] não matou” (PARTRIDGE, *Opus reformatum*, p.18).

Partridge, então, julgava Gadbury incoerente. E essa incoerência, era tida por ele como um dos maiores problemas da astrologia então praticada, e responsável pela sua péssima reputação:

Porque se o Ascendente, o Sol e a Lua dirigidos, em Quadratura ou Oposição a Saturno e Marte irão matar em dois ou três Casos e errar em dez ou doze, isso faz da Astrologia um Estudo inútil, idiota e reprovável, sendo incerto e vão e então não deve ser estudado a não ser por homens de Reputação equivalente a ela (PARTRIDGE, *Opus reformatum*, p. 16).

O cônego John Chamber, por sua vez, apontava incoerência nas justificativas para a previsibilidade ou não de eventos. Dizia que para justificar destinos obviamente diferentes de homens e animais nascidos num mesmo momento, astrólogos negavam que sua arte se estendesse além do homem. Outras vezes, embora negassem sua serventia para animais e plantas, aplicavam-na até mesmo ao destino de cidades (CHAMBER, *A treatise against iudiciall astrologie*, pp. 34-5).

Para Chamber, ao que tudo indica, essa incoerência era fruto de má fé dos praticantes da astrologia. Robert Godson, embora a estudasse, também, reconhecia esse problema. Em alguns casos parecia atribuí-lo à incompetência dos profissionais; em outros, a um misto de incompetência, fé cega na validade da astrologia e até mesmo esperteza.

No caso específico das natividades, Godson considerava que muitos faziam análises apressadas, sem atenção a particularidades que deviam ser observadas. Além disso, quando erravam (o que geralmente ocorria, segundo ele), *recorriam a*

subterfúgios. Para cada caso seguiam uma regra, sem preocupação com a coerência entre a análise de uma natividade e outra. O que valia para uma não valia para outra. Tinham várias opções na manga e usavam a que parecia dar melhor resultado, considerando, certamente, que uma *tinha que dar certo*. Chegavam, assim, a uma *concordância forçada*. E muitas vezes, quando faziam retificações não se preocupavam em divergir enormemente de dados razoáveis, como o momento do nascimento fornecido pelos presentes a essa ocorrência (GODSON, *Astrologia reformata*, pp. 27-9).

Para Godson, certas coisas não podiam ser aceitas sem que se atentasse para uma série de critérios. Os estudantes da astrologia, no entanto, mesmo os bem intencionados, se satisfaziam com poucos exemplos, conclusões apressadas, com bases fracas, sem comparação e critérios rígidos de verificação. Não se preocupavam com *congruência e padrão*.¹⁶

Podemos dizer, enfim, que, no século XVII, críticos apontavam que mesmo na análise de um único trabalho astrológico era possível localizar várias *incoerências internas*. Havia quem dissesse que os astrólogos tinham consciência disso, e agiam de má fé, em função das circunstâncias.

5.8 divergências

Então por que se deve acreditar neles, se os seus escritos e opiniões diferem tanto uns dos outros (MELTON, *The astrologaster*, p. 30)?

Essa era uma questão frequentemente apontada pelos críticos. Para John Melton, não havia melhor argumento a favor da falsidade da astrologia do que a discordância entre os seus praticantes, que, segundo ele, se achavam um mais certo do que o outro (MELTON, *The astrologaster*, pp. 29-31).

Joshua Childrey, por exemplo, acreditava que os efeitos dos eclipses eram maléficos, mas não tanto quanto se dizia, e ainda era contrário à idéia tradicionalmente

aceita de que esses efeitos não eram instantâneos. Para Childrey, também devia ser mudada a data de início do ano astrológico, de março para dezembro, porque era nesse último mês que o Sol estava “no ponto mais ao Sul do seu movimento” (CHILDREY, *Indago astrologica*, p. 8).¹⁷

Expostas assim, como os comentários de Childrey, parece que as discordâncias entre os astrólogos eram divergências técnicas, apontadas com cautela, em apreciações pautadas pela ética profissional.

Não era geralmente assim. Ao avaliar, por exemplo, os erros nas natividades, John Partridge não se contentou em dizer que boa parte dos casos indicados dizia respeito à escolha incorreta das direções, isto é, das causas dos acontecimentos da vida do indivíduo analisado. Classificou o que outros profissionais faziam como “visíveis absurdos” (PARTRIDGE, *Opus reformatum*, p. 1).¹⁸

Muitas dessas discordâncias públicas entre os astrólogos envolviam calúnias, deboches, ironias ... E se tornavam até mesmo ataques pessoais e casos de polícia ...

A discordância entre os praticantes da astrologia foi mal vista por Pierre Gassendi (BERNIER, *Abregé de la philosophie de Gassendi*. Tome IV, pp. 458 e 483). O assunto “variância inconciliável entre eles mesmos e até sobre os seus Fundamentos” foi tratado com notável ironia por Pierre Gassendi. O filósofo qualificou como “grande infelicidade” as variações entre os que haviam tratado do tema “casas celestiais” (GASSENDI, *The vanity of judiciary astrology*, pp. 38-9).

¹⁶ Outros não se dedicavam como deviam à astrologia. Esqueciam-se de que Deus, e não o lucro e o prestígio, era o propósito de estudá-la. Chegavam até mesmo a realçar suas próprias natividades e fazer o contrário com as de inimigos (GODSON, *Astrologia reformatata*, pp. 40-5).

¹⁷ Como veremos nos **capítulos 6 e 7** dessa tese, Childrey propôs uma astrologia heliocêntrica. Nota-se facilmente, no entanto, o quanto o ponto de vista geocêntrico estava impregnado na linguagem da época: “no meio da Retrogradação deles [desses planetas]”, dizia ele sem maiores comentários (*Indago astrologica*, p. 13). Aliás, se refletirmos um pouco notaremos que, da Terra, a sensação de que o Sol (e não a Terra) está em movimento é tão “óbvia” que ainda atualmente nossa linguagem está impregnada de expressões notadamente geostáticas do tipo “o Sol está subindo”.

¹⁸ Embora a maior parte dos “erros” apontados por Partridge em trabalhos de astrólogos fosse de John Gadbury, ele também procurou apresentar supostos erros praticados por outros autores como Cardano, por exemplo.

De fato, os próprios astrólogos do século XVII reconheciam haver grandes divergências entre profissionais da época. Mas, alguns viam nisso um problema, enquanto outros não.

John Partridge se perturbava com o que denominava “Labirinto de Confusão” (PARTRIDGE, *Opus reformatum*, p. vii): multiplicidade de opiniões e métodos para uma única questão, discordâncias, regras deficientes e falsos aforismos.

Para Robert Godson, um grave problema da astrologia era estabelecer regras a partir de casos únicos. Havia “regras” forjadas sem base experimental, que não passavam de meras suposições. Deduções podiam ser baseadas em simples analogias, como atribuir significados a formas e cores. Nessas circunstâncias equivocadas estaria, para Godson, a origem das grandes variações entre os profissionais. Assim, diante desse diagnóstico, insistia na importância de realizarem o que chamava de “Prova Experimental e Demonstração” (GODSON, *Astrologia reformatata*, p. 28).

O astrólogo William Lilly também demonstrava ciência da profusão de interpretações e métodos para analisar um fenômeno celeste. E, como se pode perceber, não deixava transparecer qualquer pudor ao deixar claro que as discordâncias atingiam até mesmo questões básicas. No *Englands Propheticall Merline*, por exemplo, fez questão de frisar que *segundo os melhores autores* apenas Marte comanda a triplicidade da água (LILLY, *Englands Propheticall Merline*, p. 2).

É curioso notar, aliás, que essa discordância tão intensa também não parecia ser vista por Lilly sem qualquer emoção. Ela não seria um demérito para a astrologia. Muito pelo contrário, transparecia ser vista pelo astrólogo como fruto da complexidade e crescente progresso de sua arte (LILLY, *Englands Propheticall Merline*, p. 37).

Os críticos da astrologia, no entanto, eram implacáveis a esse respeito. Para John Chamber era curioso notar como as previsões dos almanaques divergiam entre si (CHAMBER, *A treatise against iudiciall astrologie*, p. 39). Ao contrário de Lilly, notamos que também Chamber via essa falta de concordância como fraqueza da astrologia. Para o cônego, não se deveria dar crédito às previsões porque os profissionais discordavam até mesmo a respeito de questões fundamentais. Não havia

congruência em relação a qual acontecimento, concepção ou nascimento, seria melhor para prever o futuro. Também não havia uniformidade em relação à escolha do momento adequado para analisar o rumo de doenças (CHAMBER, *A treatise against iudiciall astrologie*, p. 33).

Essa manifesta discordância, mesmo em relação a princípios básicos da astrologia, não era bem vista por Jean Porthaise, ainda no século XVI, que a considerava forte indicativo de que a astrologia não era ciência (PORTHAISE, *De la vraie et faulx astrologie*, pp. 81 e 221).

Também no século XVI o germânico Cornelius Agrippa havia dirigido críticas à astrologia judicial em função das divergências entre os que a praticavam. As regras para realizar julgamentos eram várias e contraditórias, de modo que era impossível para qualquer autor fazer prognósticos a partir de “tantas e tão dissonantes Opiniões” (AGRIPPA, *The vanity of arts and sciences*, p. 90). Os astrólogos também discordariam a respeito de várias questões como as propriedades das casas astrológicas e como desenhá-las. Tais divergências tirariam todo crédito das observações desses profissionais (AGRIPPA, *The vanity of arts and sciences*, p. 95).

É interessante notar que esses comentários dirigidos à astrologia judicial assemelhar-se-iam aos empregados por Agrippa para descrever a situação da astronomia: “[...] muitas Opiniões diferentes e dissidentes [...]” (AGRIPPA, *The vanity of arts and sciences*, p. 82).

Cornelius Agrippa não via esse problema como exclusivo da astrologia, e também por esse motivo dirigiu enérgicas reprovações a áreas como a medicina, a astronomia e a filosofia natural.

Quanto à astronomia, por exemplo, dizia ser de longa data a discussão em torno do número de esferas celestes, da configuração das constelações e signos, do que era de fato a Via Láctea, do movimento e tamanho dos planetas e suas distâncias à Terra. Não havia concordância entre os autores acerca mesmo dessas questões fundamentais (AGRIPPA, *The vanity of arts and sciences*, pp. 82-6).

Para o autor, as discordâncias entre os médicos não eram menores do que entre os filósofos. Nunca um médico concordava com a prescrição apontada por outro, e era comum vê-los debochar dos diagnósticos de colegas de profissão. Discordavam mesmo sobre as causas das doenças (AGRIPPA, *The vanity of arts and sciences*, pp. 283; 289).

Na filosofia natural – descrevia Agrippa - “uma seita trabalha para subverter a outra, e estabelecer a si própria e suas opiniões”. Havia “facções” dissonantes e repugnantes entre si, nas quais seus praticantes podiam ingressar para manter essa “perpétua Guerra um contra o outro” (AGRIPPA, *The vanity of arts and sciences*, p.129).

Talvez a situação dessas áreas de conhecimento não tivesse mudado muito no século XVII. Em fins daquele século, a obra na qual Agrippa expôs esses apontamentos, ao fazer uma “inspeção particular em cada Ciência” (AGRIPPA, *The vanity of arts and sciences*, p. 90), ganhava impressões inglesas de sucesso e a argumentação do autor era noticiada como oportuna.

5.9 Ambigüidade

[...] os mais cautelosos entre eles só irão pronunciar seus Prognósticos em termos ambíguos e obscuros, e que podem ser aplicados a todas as coisas, tempos, Principados e Nações (AGRIPPA, *The vanity of arts and sciences*, p. 91).

Esse tipo de observação acerca dos prognósticos dos astrólogos não se limitaria ao século XVI. Em suas críticas, John Chamber acusou explicitamente os praticantes da astrologia de agirem de má fé. Enganavam inocentes com previsões deliberadamente obscuras, moldáveis a quaisquer fatos que viessem a ocorrer, de modo que sempre pareceriam dizer a verdade.

Na época era comum que os astrólogos fossem consultados para auxiliarem na recuperação de bens perdidos ou roubados. Neste último caso, através do mapa astrológico para o momento aproximado do roubo, o astrólogo podia apontar características físicas e de personalidade do ladrão, indicar se o bem poderia ser recuperado, onde, etc.

Vejamos o que dizia Chamber a respeito de casos de roubos, se descobriam ser o ladrão alguém de natureza considerada “melancólica”, ao passo que o astrólogo havia previsto ser o gatuno de natureza “sangüínea”:

[...] grandes discussões poderiam ocorrer a respeito das diferenças de compleições para manter e sustentar a mentira, [diziam, por exemplo] que embora a pessoa não fosse agora sanguínea, por natureza o era, mas mudou com os anos, dieta, rumo da vida ou algo semelhante (CHAMBER, *A treatise against iudiciall astrologie*, p. 96).

Insinuando má fé dos astrólogos, Chamber lembrou que o próprio Ptolomeu recomendava falarem de modo universal e não particular (CHAMBER, *A treatise against iudiciall astrologie*, p. 96).

O filósofo Pierre Gassendi também apontava que essa sutileza de fazer *previsões gerais e indefinidas* os astrólogos teriam aprendido nas recomendações explícitas de Ptolomeu no *Centiloquium*. A astrologia era composta de afirmações tão “vagas e ambíguas, que pareciam mais terem sido escolhidas numa Loteria ou lançamento de Dados do que por julgamento e Observação” (GASSENDI, *The vanity of judiciary astrology*, p. 75). Os astrólogos falavam de modo ambíguo propositadamente. Assim, ocorrendo ou não o previsto, nunca estavam errados (GASSENDI, *The vanity of judiciary astrology*, pp. 145-6).

Esse tipo de crítica se repetiu em muitos trabalhos da época. Chamber, Gassendi e muitos outros nem comentavam a possibilidade de o aconselhamento ser questão de ética profissional, pois era plausível que, com isso, Ptolomeu apenas frisasse a impossibilidade de previsões astrológicas particulares. Em contrapartida, é bem provável que William Lilly, um dos astrólogos mais influentes da época, repudiasse respostas pontuais a questões relativas a roubos justamente por esse motivo.

Na sua autobiografia, Lilly relatou ter se desentendido com Arise Evans, seu antigo tutor naquela arte, porque este adequava previsões às expectativas dos clientes e resolvia questões de roubo, “a única vergonha da astrologia” (LILLY, *Lives of Those Eminent Antiquaries*, p. 31). Como no *Christian Astrology* o próprio Lilly ensina como resolver essas questões parecia contraditório que acusasse Evans de desonestidade ao

menos por este último motivo. Certo trecho do *Englands Propheticall Merline* pode, no entanto, esclarecer essa aparente contradição: ele provavelmente reprovava as *previsões pontuais* de Evans acerca dessas questões.

Lilly demonstrou preocupação com o que dizia ser o tratamento pouco ético de muitos profissionais destas questões. Num roubo, a astrologia não permitia revelar com precisão a identidade do meliante. Era possível, no entanto, dar indicações sobre o sexo, tipo físico e temperamento do ladrão, se era alguém da casa em que ocorreu o roubo, se o bem seria recuperado e em que região podia estar (LILLY, *Englands Prorpheticall Merline*, To the Reader).

Vemos, portanto, que um dos mais importantes astrólogos do século XVII, ao que tudo indica, explicava com base em razões éticas por quê as previsões astrológicas não podiam ser pontuais. Essas considerações, no entanto, pareciam não ter efeito. Nas críticas à astrologia, a observação de que os astrólogos agiam de má fé ao fazerem deliberadamente previsões vagas, não foi exclusiva de um ou outro autor. Muito pelo contrário, tornou-se um dos pontos mais lembrados nas discussões.

5.10 nascimento ou concepção?

Ainda no início do século II D.C, o filósofo Favorinus questionou a capacidade de se medir o momento exato de um nascimento e também a atribuição de uma importância crucial a esse momento (BARTON, *Ancient astrology*, p. 54).

Nas disputas sobre astrologia judicial, eram emblemáticas discussões sobre como definir o que exatamente era o “momento do nascimento” e como determiná-lo. O tal “momento” não era algo pontual, mas sim muitas vezes um processo de horas.

Se superada essa questão básica – apontava Pierre Gassendi no século XVII – havia outros problemas técnicos a serem resolvidos. Era necessário registrar o tempo com precisão, e os astrólogos não costumavam usar astrolábios. Como na maior parte das vezes, o momento do nascimento nem mesmo era conhecido com alguma precisão, esses profissionais utilizavam alguns recursos para descobri-lo. Faziam as contas a partir do suposto momento da concepção, recorriam a uma retificação da natividade



Uma das críticas à astrologia dizia respeito à dificuldade de se saber o momento exato do nascimento de uma criança para estabelecer seu mapa astrológico. Esta ilustração é de uma obra alemã sobre obstetrícia do final do século XVI. (RUEFF, Jacob. *De conceptu et generatione hominis: de matrice et eius partibus, nec non de conditione infantis in utero, et gravidarum cura et officio: De partu et parturientium infantumque cura omnifaria*. Frankfurt: Petrus Fabricius for Sigismund Feyrabend, 1587).

com base em eventos-chave da vida da pessoa em questão, ou ainda a um método, qualificado pelo filósofo como “puramente arbitrário, & um devaneio puro”, que se baseava nas fases da Lua. Esses recursos - criticava-se - não representavam nada além do que procurar uma coisa obscura por outra ainda mais obscura (BERNIER, *Abregé de la philosophie de Gassendi*, Tome IV, pp. 466-7; GASSENDI, *The vanity of judiciary astrology*, pp. 94-102).

O cônego John Chamber apontava que a dificuldade de determinar com exatidão o momento do nascimento, tornava impossível encontrar com correção o ascendente. Não eram confiáveis as informações das parteiras. Também era complicado fazer o mapa simultaneamente ao nascimento. Ainda que não houvesse o infortúnio de o nascimento ocorrer durante o dia, o céu no momento podia não estar muito nítido, e, de qualquer forma, mudava com certa rapidez.

Chamber não foi o único a refletir sobre essa questão. Também Gassendi objetou que durante o dia ou noites nubladas ficava difícil registrar a posição dos astros (CHAMBER, *A treatise against iudiciall astrology*, p. 19; BERNIER, *Abregé de la philosophie de Gassendi*, Tome IV, pp. 463-6; GASSENDI, *The vanity of judiciary astrology*, p. 97).

De fato, de acordo com os recursos então disponíveis, não era fácil determinar um momento precisamente. No entanto, a preocupação a respeito da necessidade de visualizar bem o céu podia ser desnecessária. Essa objeção parece pouco eficaz se levarmos em conta que astrólogos lidavam com cálculos bastante complexos. Dotados de certas habilidades matemáticas não precisavam registrar exatamente naquele dado momento o que viam no céu. Com dados sobre o céu, em algum momento posterior ou anterior ao qual desejavam trabalhar, podiam chegar a compor um mapa para o céu no momento em questão.

Já outros problemas mencionados por Chamber eram mesmo bastante pertinentes e intrigantes. O que dizer, por exemplo, de crianças nascidas “artificialmente” de mães já mortas, e do caso de Adão e Eva, que não foram concebidos nem nasceram? Aliás, como explicar a morte de crianças ainda nem

nascidas? Nesse caso, se o momento do nascimento determinava o destino de uma pessoa, como explicar a morte dessa pessoa antes mesmo que ela nascesse? (CHAMBER, *A treatise against iudiciall astrologie*, pp. 20 e 24).

Boa parte dos profissionais da astrologia considerava que nas natividades deveria mesmo ser considerado o momento no nascimento. Em contrapartida havia quem, como Joshua Childrey preconizasse o uso efetivo, no caso das natividades, do momento da concepção, e não do nascimento (CHILDREY, *Indago astrologica*, p. 8).

5.11 evasivas

Outra acusação de John Chamber também era ponto-chave nos debates sobre a legitimidade da astrologia: os profissionais dessa área tentariam se evadir ao serem inquiridos a respeito de questões controversas. Tanto Gassendi, quanto Chamber, viam com descrédito o que diziam ser o argumento padrão para explicar a morte, num mesmo momento e circunstâncias, de pessoas cujas natividades eram diferentes: o destino de um podia “arrastar” outros ao mesmo fim. Para eles, no entanto, nada justificava a prevalência do horóscopo de uma pessoa sobre o de outras (GASSENDI, *The vanity of judiciary astrology*, p. 150; CHAMBER, *A treatise against iudiciall astrologie*, pp. 34-5).

Ilustrada por muitos autores pelas situações observadas em campos de batalhas, essa e outras questões eram comuns nas contendas sobre astrologia.

Como comenta a historiadora da ciência Thamsyn Barton, Ptolomeu, no século II, longe de advogar o fatalismo, apresentava a astrologia como uma arte que fazia suposições. Assim, como a medicina, ela podia errar devido ao número de variáveis envolvidas. Ptolomeu considerava que algumas coisas estavam sujeitas ao destino e outras ao acaso. Respondendo às críticas de que nem todas as pessoas mortas numa mesma batalha tinham o mesmo horóscopo, apontava que certos eventos como grandes incêndios e pragas ocorriam de acordo com condições gerais e não propensões naturais individuais (BARTON, *Ancient astrology*, p. 62).

O caso de gêmeos com destinos diferentes era, desde a Antigüidade, um dos mais freqüentes argumentos contra a astrologia judicial. Segundo Thamsyn Barton, um dos primeiros ataques específicos à astrologia sobreviveu nos relatos de Aulus Gellius a respeito do trabalho de um coetâneo, o filósofo Favorinus de Arles, do início do século II D. C. Dentre outros argumentos, Favorinus apontava que pessoas nascidas no mesmo momento, como no caso dos gêmeos, podiam ter destinos diferentes, enquanto pessoas nascidas em momentos diferentes podiam ter o mesmo destino (BARTON, *Ancient astrology*, p. 54).

Apresentando essa objeção já bastante comum, no século XVII Jean Porthaise lembrou que, se os gêmeos eram concebidos e nascidos sob um mesmo horóscopo, deveriam ter destinos semelhantes, o que nem sempre se confirmava. Por outro lado, pessoas com horóscopos diferentes deveriam ter destinos diferentes, o que também nem sempre se verificava. John Melton e o religioso escocês Francis Crow (?-1692), escreveram com diferença de quase 70 anos no século XVII, e deram vazão a esses mesmos argumentos (PORTHAISE, *De la vraie et faulse astrologie*, pp. 86, 100, 126-8 e 163-4; MELTON, *The astrologaster*, p. 39; CROW, *The vanity and impiety of judicial astrology*, p. 7).

Ainda a respeito de supostas evasivas, Porthaise apontava que, cientes de que não conseguiam explicar os casos de gêmeos, os astrólogos simplesmente recorriam a justificativas nada razoáveis e detalhes incognoscíveis. Alegavam, por exemplo, a existência de centros diferentes dos corações dos gêmeos na “semente” recebida pela mãe, ou que duas sementes eram recebidas em momentos diferentes, isto é, haveria duas concepções (PORTHAISE, *De la vraie et faulse astrologie*, pp. 86, 100, 126-8 e 163-4).

John Chamber apontou que os destinos diferentes dos gêmeos eram justificados por algumas pessoas com base em momentos diferentes de concepção, e, por outras, com base em diferentes momentos de nascimento. Mas, essas explicações, Chamber considerava inaceitáveis por dependerem de elementos desconhecidos: não se sabia o que era a concepção, se ela variava de uma mulher para outra, e o que ocorria no caso

dos gêmeos, duas relações sexuais ou uma única relação com uma ou duas “sementes” diferentes.

Com base em diferentes momentos de nascimento, não era possível explicar casos de gêmeos nascidos juntos, unidos por alguma parte do corpo, e que, no entanto, morreram de causas diferentes e em momentos diferentes. Além disso, ambos os olhos de uma pessoa nasciam num único momento, e algo podia ocorrer com um que não ocorresse com outro (CHAMBER, *A treatise against iudiciall astrologie*, pp. 28-31; 53; 59).

Sobre essa questão, no entanto, pode-se dizer que havia explicações já tradicionais da astrologia que John Chamber deixou de comentar. O destino de partes do corpo, como mão, pé, orelha e olho direitos, podia ser atribuído a determinados signos, enquanto as outras partes correspondentes, localizadas à esquerda, seriam regidas por outros signos, de modo que seus destinos podiam sim ser diferentes. A cegueira do olho esquerdo podia ser independente da do direito. O mesmo tratamento, portanto, também podia ser dado às previsões para gêmeos nascidos unidos.

Ao contrário do tradicional questionamento a respeito de como gêmeos podiam ter destinos tão diferentes, Pierre Gassendi acusava os profissionais da astrologia de não defenderem sua arte, deixando de lado esses casos tão interessantes. Mesmo admitindo que o céu realmente sofria mudanças rápidas, considerava desejável que astrólogos estudassem todas essas diferenças a fim de desvendar os casos de gêmeos (GASSENDI, *The vanity of judiciary astrology*, p.96). Gassendi, e posteriormente outros autores como Francis Crow, lembravam que também homens e animais podiam nascer ao mesmo tempo e, é claro, terem destinos completamente diferentes (BERNIER, *Abregé de la philosophie de Gassendi*, Tome IV, pp. 464 e 493; CROW, *The vanity and impiety of judicial astrology*, p. 7).

5.12 Experiência e observação, causa e efeito

No século XVI, Cornelius Agrippa comentou que “a Arte de Curar não tinha outra Fundação além de Experimentos falaciosos”. Também ridicularizou a astrologia dizendo que a *experiência* dos astrólogos se restringia a como extorquir dinheiro. O comentário de Ptolomeu de que o “conhecimento das Estrelas está em ti, e daí procede”, seria a confissão de que as previsões astrológicas não partiam de *observações*. Dependeriam da simples sorte ou da inspiração pelo demônio (AGRIPPA, *The vanity of arts and sciences*, pp. 90 e 285).

De certo, podemos dizer que o astrólogo William Lilly concordaria com o comentário de Ptolomeu, por acreditar que a capacidade de fazer previsões dependia do merecimento e da honestidade do astrólogo aos olhos do Criador (LILLY, *Englands Prophetical Merline*, p. 94).

Lilly, no entanto, não aquiesceria à interpretação de Agrippa, e a comentários como os expressos nas citações abaixo:

Experiência é isso, quando nós concluímos dos pontos particulares e simples, e procedemos para o geral [...]. [...] a Astrologia não tem esse fundamento e experiência [...] (LUTERO, *Dris Martini Luteroi colloquia*, p. 504).

Quanto à *astrologia*, [...], falta-lhe até fundamento (BACON, *Of the dignity and advancement of learning*, L. III, Ch. IV, p. 347).

No século XVII, críticos se queixavam de serem acusados de agir como quem observava na prática a existência de certos efeitos, mas assim mesmo os negava por não saber como explicá-los. Efeitos derivados de certas configurações celestes seriam observados e previsíveis; conseguir explicá-los exatamente já seria outra etapa. Segundo Pierre Gassendi, por exemplo, os astrólogos argumentavam “esta Arte é confirmada por tantos e certos Experimentos, que não mais se pode duvidar dela” (GASSENDI, *The vanity of judiciary astrology*, p. 117).

Gassendi, no entanto, duvidava que essa fosse mesmo a situação. Na sua obra contra a astrologia, intitulou o capítulo XVIII de “A alegação deles [dos astrólogos] de

Antiguidade, Autoridade, Razão, e Experiência ou Observação”, e retomou essas questões várias vezes, como no capítulo XXI, intitulado “A Pretensão deles à Experiência, Injusta”.

Nada Há que eles possam provar pela experiência [...] de forma que as regras deles se tornam claramente arbitrárias (GASSENDI, *The vanity of judiciary astrology*, p. 66).

[...] considere você mesmo quão sólidos e congruentes princípios ou regras fundamentais esses caldeus deixaram para que os astrólogos que os sucederam construíssem sobre; e o quanto certa pode ser uma arte que não tem outra fundação, outra sustentação além dessa (GASSENDI, *The vanity of judiciary astrology*, p. 99).

O filósofo opôs vários comentários ao que os astrólogos apresentavam como experiência. Queixou-se de que as questões não eram analisadas detalhadamente, levando em consideração o quanto a experiência podia enganar. “Cada simples preceito ou Regra” deveria “ser constituído com base em muitos experimentos” (GASSENDI, *The vanity of judiciary astrology*, p. 131) e não “pelo mero acaso” (GASSENDI, *The vanity of judiciary astrology*, p. 142).

Para ele, a maior parte do que os astrólogos usavam como princípio fundamental não era observável na natureza. As observações eram poucas, e a maior parte do que diziam tinha como fundamento a imaginação. A alegada observação de “longa data” da astrologia não era válida. A astrologia não era tão antiga quanto diziam e, mesmo que fosse, havia coisas de má qualidade tão antigas quanto a própria humanidade. As observações a partir das quais foram estabelecidos os princípios da astrologia eram imperfeitas e grosseiras, pois os caldeus desconheciam as posições corretas dos planetas no zodíaco e o movimento constante das estrelas fixas do oeste para o leste (GASSENDI, *The vanity of judiciary astrology*, pp. 69-70; 99; 120; 131-2).

Para Francis Bacon, a astrologia não *era* uma simples superstição, mas estava repleta de toda espécie de “fábulas e superstições” que deveriam ser eliminadas. Para Bacon, assim como a astronomia, a astrologia também deveria se fundamentar em razões físicas, não sobre séculos de experiências cegas (BACON, *Of the dignity and advancement of learning*, L. III, Ch. IV, p. 349).

Na década de 1650, Seth Ward, então membro da incipiente *Royal Society*, não tinha uma posição tão favorável à astrologia quanto Bacon, mas mesmo assim avaliava algumas de suas características de maneira semelhante. Detrimentos e exaltações eram a “mais profunda estupidez”, porque embora já estivesse demonstrado que os apogeus dos planetas em relação aos signos do zodíaco mudavam com o passar do tempo, a astrologia ainda os mantinha imutáveis como se pensava anteriormente (*Vindicae Academiarum*, p. 31).

Além disso, como apontava Pierre Gassendi, essas observações só valiam para os locais em que aqueles povos viviam. Deviam também ser levadas em conta condições locais e culturais. Como fazer previsões, por exemplo, de adultérios, incestos, ou poligamia, em países com compreensões tão diferentes desses assuntos (GASSENDI, *The vanity of judiciary astrology*, pp. 133-4)?

Havia ainda outros problemas. Mesmo que conseguissem demonstrar os dogmas de sua arte pela experiência, as conclusões só serviriam para os locais particulares em que estavam. Seth Ward, tal como Gassendi, também lembrou que habitantes do pólo e do equador seriam desprovidos dos “benefícios” da astrologia (*Vindicae Academiarum*, p. 31).

Para quem vivesse no Equador e nos pólos a mesma astrologia não era válida. Uma grave objeção à validade da astrologia seria, portanto, o fato de que aparentemente cada lugar teria uma astrologia particular: “não pode haver uma [astrologia] geral” (GASSENDI, *The vanity of judiciary astrology*, p. 42). A astrologia que servia para um local da Europa não servia para os pólos, para a linha do Equador ou para as Antípodas:

[...] nas Antípodas será necessário afirmar tudo ao contrário do que foi exposto; sobre a Linha será necessário adotar a [primeira] Astrologia e a outra [contrária], ou nem uma nem outra e fazer uma mistura das duas ; e sobre os Pólos não saberíamos dizer que tipo de Astrologia poderíamos praticar lá, visto que não há nem oriente nem ocidente, que o Zodíaco e as estrelas fixas estão sempre num mesmo Estado, & que Saturno se levantaria e se poria somente uma vez em trinta anos [...](BERNIER, *Abregé de la philosophie de Gassendi*. Tome IV, pp. 450-1; GASSENDI, *The vanity of judiciary astrology*, pp. 41-2).

Os astrólogos eram acusados de nem ao menos conseguirem demonstrar que baseavam sua arte na observação e experiência, ao contrário do que costumavam alegar. Esses profissionais, segundo Gassendi, entendiam o termo “experiência” de maneira muito limitada:

Vocês dirão ainda que se conduzem pela Experiência; mas ousarão, no entanto, preferir as Experiências de um pequeno número de anos às Experiências de uma infinidade de Séculos? E se por essas Experiências eles [os caldeus] não puderam estabelecer uma Arte que fosse suficientemente consistente & constante, como vocês podem agora fazer melhor, visto que estando privados da Experiência deles vocês não podem conferi-las com as suas (BERNIER, *Abregé de la philosophie de Gassendi*. Tome IV, pp. 482-3)?¹⁹

Entre os defensores da astrologia, a importância da observação e da experiência era destacada. Para o religioso Richard Carpenter (?-1670), a astrologia devia ser estudada através da observação de causas e conseqüências (CARPENTER, *Astrology proved harmless*, pp. 34-5).

Mas para críticos, como John Melton, não havia na astrologia a experiência que astrólogos diziam existir (MELTON, *The astrologaster*, p. 29). O motivo apresentado por Melton para tal alegação foi também exposto por autores como John Chamber, Pierre Gassendi e outros tantos. Quanto ao tipo de experiência apresentada pelos defensores dessa arte, também Jean Porthaise parecia considerá-la incerta. As observações deviam ser repetidas diversas vezes, num mesmo local e sob as mesmas condições, para que fosse possível estabelecer alguma relação entre causa e efeito, o que não era o caso da astrologia, pois “nenhuma dessas condições é encontrada”. Além disso, segundo o autor, ao falar em experiência seria impossível não lembrar que muitas previsões não se concretizavam (PORTHAISE, *De la vraie et faulse astrologie*, p. 54).

Também para Chamber, era convincente contra a validade da astrologia a inviabilidade de algo adequado e recorrente em outras áreas. Era impossível observar várias vezes uma mesma situação, já que a configuração celeste só se repetia de tempos

¹⁹ Segundo Gassendi, os próprios astrólogos diziam que os caldeus nada haviam feito de valia.

em tempos, segundo remotos intervalos (CHAMBER, *A treatise against iudiciall astrologie*, p. 60).

Gassendi e outros autores não tão famosos, portanto, muitas vezes apontavam os mesmos supostos problemas. Os astrólogos nem ao menos *podiam* demonstrar que baseavam sua arte na observação e experiência. A experiência na astrologia não era possível, por não haver repetição das condições de observação. Era necessário um intervalo de tempo inviável, se comparado à duração da vida humana, para observar o céu numa mesma configuração (GASSENDI, *The vanity of judiciary astrology*, pp. 71; 91; 132; BERNIER, *Abregé de la philosophie de Gassendi*. Tome IV, pp. 478-9).

Os mesmos comentários a respeito das condições de observação na astrologia aparecem tanto na obra de Chamber, escrita no início do século XVII, quanto na de Francis Crow, que escreveu no final daquele século (CROW, *The vanity and impiety of judicial astrology*, p. 7). Esse, portanto, era um argumento bastante recorrente nas discussões.

É interessante notar que, na sua proposta de “reforma da astrologia”, Francis Bacon parece ter se dado conta e procurado resolver esse problema. Bacon apontou que trabalhar sobre as *experiências passadas* era mais proveitoso do que sobre as futuras, visto que nesse último caso muitos séculos seriam necessários para corrigir a astrologia. Uma boa medida era, sem desenhar horóscopos, verificar as grandes revoluções, analisando a situação do céu para eventos marcantes da história da humanidade como inundações, pestes, mortes de reis, rebeliões, combates. Seriam construídos, assim modelos de previsão (BACON, *Of the dignity and advancement of learning*, L. III, Ch. IV, pp. 354-5).²⁰

Como veremos no **capítulo 7**, não se pode dizer que Joshua Childrey tenha seguido as idéias de Francis Bacon para a astrologia, mas quanto a recorrer a eventos passados ...

²⁰ A proposta de Bacon para a astrologia será discutida no **capítulo 7** dessa tese.

A maneira de fazer avançar essa excelente Arte é olhar para trás e comparar os acontecimentos relativos aos homens e Nações com as influências do céu, e isso não irá somente testar a validade dos velhos Princípios, mas adicionar novos [...] (CHILDREY, *Britannia Baconica*, The Preface to the Reader).

[...] quanto à natureza dos efeitos [...] devemos admitir que os ignoramos até que aquelas Histórias mencionadas no meu prefácio sejam coligidas, digeridas, e examinadas (CHILDREY, *Syzygiasticon instauratum*, p. [53]).

Essa tarefa, no entanto, não era simples. Muita cautela era necessária ao exame desses dados em função de algumas particularidades da astrologia:

Porque de muitas das máximas mais importantes da Arte se pode suspeitar, embora possa haver por ventura um exemplo ou dois utilizáveis a favor delas [...] porque na Astrologia (mais do que na maior parte, se não em todas as outras áreas do conhecimento) é muito fácil tomar uma não-causa como uma causa verdadeira [...] (CHILDREY, *Britannia Baconica*, The Preface to the Reader).

Críticos da astrologia apontaram como problema justamente a dificuldade de ligar um efeito singular a uma causa singular. A argumentação de Gassendi sugeria que para chamar de “previsão” aquilo que os astrólogos diziam fazer, era necessário um encadeamento de causa e efeito nos casos com os quais lidavam. Como, no entanto, o homem não sabia dessas relações, cujo conhecimento estava reservado a Deus, o que os astrólogos faziam devia ser chamado de “adivinhação”, e não de previsão, pois somente esse primeiro termo não envolvia conhecimento (GASSENDI, *The vanity of judiciary astrology*, pp. 5-6; 79; 126).

Também para Jean Porthaise, os astrólogos se orgulhavam de suas previsões, dizendo que os astros lhes “diziam aqueles resultados”, mas não conseguiam demonstrar aquilo que conjecturavam. Para ele, ao que tudo indica, a inexistência de relações do tipo causa e efeito parecia ser um grave e definitivo empecilho à validade da astrologia judicial:

[...] não há ligação certa do efeito à causa: porque o fato é livre, & o temperamento é agente somente natural. Porque se o temperamento não nos pode mostrar os destinos futuros: temperamento esse todavia que nos é próximo, determinado, limitado [...]. Por uma razão mais forte, então, os astros não nos permitem adivinhar a felicidade ou a tristeza dos homens,

visto que eles são causas distantes, gerais, ilimitadas & obscuras (PORTHAISE, *De la vraie et faulse astrologie*, p. 20).

É interessante notar, ainda, que o autor parece deixar claro que as relações entre causa e efeito estabelecidas pelos astrólogos com base em simples analogias não eram confiáveis: “[...] a semelhança das coisas não é sempre um argumento correto da causa total de um efeito” (PORTHAISE, *De la vraie et faulse astrologie*, p. 58). Uma simples questão de analogia não poderia significar que a Lua teria relação com as marés (PORTHAISE, *De la vraie et faulse astrologie*, pp. 57-8). Também para John Melton, na astrologia era incerto se um dado efeito experimental observado podia ser atribuído a este ou aquele planeta. Para estabelecer qualquer coisa era necessária uma “longa, ampla e exata experiência” (MELTON, *The astrologaster*, p. 29).

Como vimos no início desse capítulo, Pierre Gassendi, por sua vez, destacou que não era necessário ser astrólogo para saber que a Lua e o Sol produziam efeitos especiais. Em contraposição, o que se dizia a respeito dos outros planetas era mera ilusão:

Fico satisfeito de termos observado que quando a Lua entra em Conjunção com o Sol, a medula que está entre os Ossos diminui; observamos alguma coisa semelhante quando Vênus, ou um outro Planeta entra em Conjunção com o Sol, com a Lua, ou com qualquer outro Astro (BERNIER, *de la philosophie de Gassendi*. Tome IV, p. 474)?

[...] como eles então puderam ver & considerar o que fazia Saturno já que ele estava atrás do Sol, & que assim ele estava coberto pelo corpo do Sol? Como eles perceberam que os raios de sua virtude passam através da massa do Sol para poder chegar à Terra & afetar o corpo de uma criança que vem ao Mundo? E por qual motivo reconheceram que Saturno & não uma outra causa fazia esta impressão particular (BERNIER, *Abregé de la philosophie de Gassendi*. Tome IV, p. 475)?

Nada era possível dizer com qualquer convicção a respeito dos outros planetas. Não se conseguia estabelecer que outros fenômenos particulares ocorridos na Terra tinham uma relação mais especial com Marte, Saturno ou Júpiter. Não havia evidências de influências particulares ou específicas desses planetas. Não era possível dizer que o céu era causa preponderante da esterilidade se comparado a outros agentes. Além disso, ocasiões aliadas a temperamentos pessoais já explicavam muitas atitudes (GASSENDI,

The vanity of judiciary astrology, pp. 25, 81; BERNIER, *Abregé de la philosophie de Gassendi*. Tome IV, pp. 474-5).

Assim como o nascimento de uma planta dependia da semente e da água usada para regá-la, ou seja, de uma causa singular e de uma causa geral e indiferente para todas as plantas, os astros podiam ser causas gerais dos efeitos, mas não podiam determinar efeitos singulares, dependentes de causas singulares.

[...] gostaria de saber que razão há para que não procuremos as causas sublunares e particulares mais do que àquelas supralunares e gerais, as Estrelas (GASSENDI, *The vanity of judiciary astrology*, p. 27)?

E se, por um lado, para Gassendi, nada era possível demonstrar em relação à influência de outros planetas, por outro, o mesmo dizia ele a respeito dos signos do zodíaco.

[...] por qualquer que seja a Observação, eles jamais podem mostrar o menor efeito que deve se relacionar mais a um Signo ou a um Astro do que a outro [...]; porque, de tudo o que apresentam, eles não sabem mais do que inferir outra coisa se não que cada Astro sendo luminoso, ilumina & aquece em proporção ao seu calor e umidade & produz de qualquer maneira todos os efeitos que dependem & seguem dessas qualidades. [...], os Astros não são além de Causas gerais em relação às coisas daqui de baixo, a razão pede que relacionemos a determinação de cada efeito singular a uma Causa singular e determinante que esteja também aqui embaixo e não entre os Astros [...] (BERNIER, *Abregé de la philosophie de Gassendi*. Tome IV, pp. 433-4).

5.13 Eleições X natividades

Para Jean Porthaise, a influência de um planeta variava de acordo com a sua posição no céu. O calor era fortificado pelos astros em ascensão e a umidade pelos descendentes. A tradicional correspondência entre signos e planetas, bem como suas exaltações e depressões, eram aceitáveis. Havia, no entanto, uma ressalva. As atuações aparentemente diziam respeito a aquecimento, resfriamento, umedecimento e ressecamento, e não a inclinações a eventos de outras naturezas: “Mas que ele [o planeta] faça as coisas que eles adivinham [adultérios, promoções, crimes, etc.], não se pode demonstrar pela razão” (PORTHAISE, *De la vraie et faulse astrologie*, p. 174).



William Lilly (1602-1681). Frontispício da obra de Lilly, *Christian Astrology* (1647), quando o autor tinha 45 anos de idade. No papel sob sua mão esquerda está escrito: “Non cogunt”, parte de um dístico famoso, “Astra inclinam, sed non cogunt”, ou seja: os astros inclinam, mas não obrigam.

Pode-se notar, assim, que a astrologia criticada pelo autor era a dita “judicial”, responsável, segundo ele, pela violação da verdadeira astrologia:

[...] ele [o inimigo] por um grande sacrilégio violou a astrologia com poluições indignas sobre os astros, natividades, & ações humanas: que ele nomeou influências & horóscopos (PORTHAISE, *De la vraie et faulse astrologie*, p. 3).

De acordo com o tipo de influência que aceitava, Jean Porthaise negou a astrologia de “eleições”. Concluiu que não havia influência de momento que permitisse escolher a melhor ocasião para determinados empreendimentos. As previsões só podiam ser feitas com base nos astros e signos, e, mesmo assim, se referiam a coisas gerais, mesmo mortandades e pestes, mas não podiam revelar eventos particulares do destino do homem (PORTHAISE, *De la vraie et faulse astrologie*, pp. 143 e 146).

O cônego John Chamber sustentava que havia uma suposta incompatibilidade entre eleições e natividades, o que, segundo ele, mostrava que a astrologia refutava a si própria. Chamber recorreu às autoridades de Pico de la Mirandola e Agostinho a fim de mostrar que se tudo estivesse determinado pelas natividades para ocorrer em determinados dias, então não haveria lugar para eleições. Seria inconcebível, nesse caso, que o homem pudesse alterar o destino e ousar mudar os dias escolhidos por Deus (CHAMBER, *A treatise against iudiciall astrologie*, pp. 87-9).

A respeito dessas questões é necessário lembrar, no entanto, que boa parte dos astrólogos não dizia que o destino estava *necessariamente* determinado pelas natividades. Além disso, se supunha que um determinado evento estivesse *inclinado* a ocorrer, não era comum que o astrólogo dissesse detalhes como o dia e local. As natividades, pode-se notar, faziam previsões de caráter mais geral, o que não as tornava incompatíveis com as eleições.

Mas, para Jean Porthaise, se as previsões não necessariamente tinham que se confirmar, e se era possível driblá-las através das eleições, a astrologia não podia ser elencada entre as ciências (PORTHAISE, *De la vraie et faulse astrologie*, p. 110). E, aí, entramos numa outra questão ...

5.14 Incerteza, erro

[...] não é correto negar todos os prognósticos deste tipo porque esses algumas vezes podem estar errados; nós não desacreditamos a arte de navegar por causa dos seus muitos erros [...]; mas quando as alegações são grandes, e também quando elas são sagradas, devemos aceitar o que é possível e pensar que isso é suficiente (PTOLEMY, *Tetrabiblos* I.2, 9).

Neste trecho do *Tetrabiblos*, Ptolomeu se referia especificamente às natividades, os mapas astrológicos elaborados para o nascimento dos indivíduos. O autor considerava que não somente as influências astrológicas influenciavam o destino dos indivíduos, mas sim que esta era uma situação de enorme complexidade, na qual vários fatores atuavam (condições do ambiente, culturais). Por isso, as previsões a partir das natividades não deviam mesmo sempre serem confirmadas. A essas previsões, Ptolomeu atribuía um bom grau de incerteza, mas isso, segundo ele, não desqualificava a astrologia, e sim mostrava o grau de complexidade das questões com as quais ela lidava.

Nos séculos XVI e XVII a questão dos erros nos prognósticos da astrologia continuava a ser discutida. Ao que tudo indica, para Martinho Lutero, o argumento decisivo para fundamentar a idéia de que a astrologia não era ciência advinha do seu caráter incerto (LUTERO, *Dris Martini Luteroi colloquia*, p. 504).

Autores como Jean Porthaise, que aceitavam a existência de influências celestes, ainda assim apontavam a incerteza das previsões da astrologia judicial como evidência de que ela não podia ser chamada de ciência:

Ora, uns & outros abusam ao chamarem suas previsões particulares de ciência, o que se refere apenas a coisas evidentes, gerais, certas & necessárias [...] (PORTHAISE, *De la vraie et faulse astrologie*, p. 221).

[...] os movimentos do Céu são tão súbitos & diversos, a influência tão obscura & incerta, a disposição do sujeito [quem recebe a influência] tão oculta, o Julgamento & aplicação humana tão frágil que trazê-los a instantes particulares não são mais do que incertezas tenebrosas & abissais (PORTHAISE, *De la vraie et faulse astrologie*, p. 222).

[...] por que chamá-la de ciência? Por que eles a atribuem aos astros visto que sua virtude opera segundo o temperamento dos sujeitos inferiores (PORTHAISE, *De la vraie et faulse astrologie*, p. 225)?

Em vista de apresentar apenas conclusões incertas e conjecturais, Porthaise sentenciava: “a astrologia judicial não merece o nome de ciência” (PORTHAISE, *De la vraie et faulse astrologie*, p. 195).

Francis Crow, em sua crítica à astrologia, lembrou que, ao contrário de todas as “Ciências ou Artes”, que sempre ou quase sempre acertavam, as falhas da astrologia eram em número muito maior do que os acertos (CROW, *The vanity and impiety of judicial astrology*, pp. 8-9).

John Chamber demonstrou indignação em relação a acertos isolados darem crédito a muitos erros. Dizia que os acertos não significavam que a astrologia funcionava. Indicavam sorte, e não habilidade dos profissionais (CHAMBER, *A treatise against iudiciall astrologie*, p. 41).²¹

Deboches e ridicularizações a respeito de previsões que não se concretizavam eram freqüentes. Podemos localizar esses tratamentos irônicos do assunto em boa parte das obras de crítica à astrologia, como nos trabalhos de Pierre Gassendi e John Melton (MELTON, *The astrologaster*, pp. 30-1; GASSENDI, *The vanity of judiciary astrology*, pp. 65-6; 142-3; BERNIER, *Abregé de la philosophie de Gassendi*. Tome IV, pp. 486-9).²²

Ao repreender a astrologia, em fins do século XVII, Francis Crow cobrava certeza nas previsões já que deveria ser assim se “nada pode ser feito pela Vontade do Homem e Condução da Razão, e se todas as coisas ocorrem devido à influência das Estrelas” (CROW, *The vanity and impiety of judicial astrology*, p. 10).

²¹ No século II, Ptolomeu dizia que a quantidade de maus profissionais da astrologia era tão grande, que os críticos chegavam a atribuir as previsões corretas à mera sorte. Para ele, essas críticas eram injustas: “uma coisa como esta [o grande volume de prognósticos errados] é uma impotência não da ciência, mas daqueles que a praticam” (PTOLEMY, *Tetrabiblos* I. 2, 6).

²² Um dos exemplos mencionados com requintes de ironia por Gassendi foi a previsão não confirmada de Jean Baptiste Morin a respeito de sua morte. Gassendi recuperou a saúde apesar de ter estado enfermo na ocasião da previsão. Dentre vários autores, no entanto, o que parece ter sido atacado por Gassendi com mais ferocidade foi Cardano; acusado não de errar, mas de agir com má fé. Ele procuraria, de antemão, se munir de informações sobre a pessoa cuja natividade iria fazer. Teria se matado para que se confirmasse temporalmente a previsão de sua morte.

Por outro lado, pode-se imaginar que, se as previsões se concretizassem sempre, a astrologia poderia ser acusada de determinismo. E, no caso específico de decisões humanas, se as previsões fossem sempre corretas, a astrologia poderia ser dita contrária ao livre arbítrio.

Se estivesse vivo, nessa ocasião, o astrólogo William Lilly certamente não concordaria com as palavras de Crow. Lilly comparava os planetas e Deus, respectivamente, aos remédios e médico. O médico ministrava os remédios, mas estes não agiam imediatamente. Caso não agissem ou agissem de maneira diferente da prevista, isto é caso, os prognósticos falhassem, podia haver alguma obstrução (LILLY, *Englands Propheticall Merline, To the Reader*).

No caso específico de prever atitudes humanas, por exemplo, Lilly, como boa parte dos astrólogos do século XVII considerava que, não necessariamente as previsões precisavam se realizar. Os astros inclinavam, mas não determinavam.²³

Caso não houvesse alguma obstrução, os prognósticos deviam se confirmar. Para Lilly, a astrologia era tão certa que se os prognósticos se mostravam incorretos o erro derivava da falta de merecimento do astrólogo:

Se eu falhar nos meus Prognósticos, Deus talvez esteja reservando esta honra para algum homem de mais mérito, e então cega os meus sentidos ou não me permite ver tantas verdades quanto eu deveria (LILLY, *Englands Propheticall Merline*, p. 94).

Podemos dizer, portanto, que era justamente dado ao seu entendimento do que era o trabalho do astrólogo que William Lilly admitia falhas. Aliás, se para Lilly o astrólogo era um pesquisador, e ele muito provavelmente concebia que o sucesso do trabalho de qualquer pesquisador dependia da anuência de Deus, ele, também muito provavelmente, estendia essa característica de falibilidade a outras, se não todas, as áreas de conhecimento.

²³ Como lembra o historiador Patrick Curry, todos os quadros em que Lilly foi retratado mostram o astrólogo segurando um horóscopo no qual se lê a frase “*Non cogunt*” entendida na época como: “as estrelas inclinam, mas não compelem” (CURRY, *Prophecy and power*, p. 30).

Pode-se notar que Lilly não era o único a pensar assim. Ainda no século XVII, o autor William Hunt também aceitava a falibilidade das previsões em função do próprio modo como compreendia a astrologia.

Hunt considerava que, embora com a introdução de suas propostas as previsões da astrologia se tornassem bastante confiáveis, Deus podia mudar as coisas e evitar o que bem entendesse:

O Sol está (aparentemente) sempre em Movimento, nem pode ser persuadido de parar ou ficar em toda a sua Jornada, exceto pela Mão do Todo Poderoso, sendo ele mesmo um Distribuidor imparcial do seu Calor ou Influência (HUNT, *The Demonstration of Astrology*, p. 9).

Para ser breve; Tenho muitas Razões, tanto Astrológicas e filosóficas, para temer uma Estação Pestilenta e Destruidora que irá (se não evitada pelo Todo-Poderoso) produzir uma Pestilência e Escassez na maior parte dos nossos países Europeus que já estão sob uma das Pragas de Deus, isto é, a Espada devoradora (HUNT, *The Demonstration of Astrology*, p. 36).

Deus, aliás, não só podia mudar a ordem de ocorrência de fenômenos naturais estudados, como também podia traçar os rumos da própria ciência. Como o conhecimento era revelado por Deus aos homens, as mudanças na ciência seriam normais à medida que essa revelação se dava (HUNT, *The Demonstration of Astrology*, p. 18).

Uma abordagem muito interessante do assunto “incerteza na astrologia” pode ser notada na proposta de Robert Godson de reforma da astrologia.

Godson *não esperava* que através do seu método se chegasse a *previsões exatas*. Haveria uma *limitação* ainda que pequena nos acertos das previsões por erros inerentes mesmo às melhores tabelas de posição dos planetas. Além disso, as medidas de tempo seriam sempre aproximadas. Assim, segundo ele, os acertos completos deveriam ser entendidos como coincidências (GODSON, *Astrologia reformata*, p. 2).

Mas como tal característica, reconhecida por profissionais da astrologia, era vista pelos que a criticavam? O que as pessoas esperavam da ciência? Previsões invariavelmente certas? É difícil dizer ...

O astrólogo John Goad considerava que se suas respostas ainda não eram categóricas, e havia regras a serem encontradas, por outro lado, era inegável que os aspectos astrológicos merecessem atenção. Se seus adversários queriam infalibilidade, ele também a desejava (GOAD, *Astro-meteorologica*, pp. 61-2; 64).

Quando essas coisas forem corretamente compreendidas nossas definições Naturais irão não mais ter um Crédito precário ou terem sua aceitação negada. Até então trabalham sob o Mau Aspecto de uma noção Astrológica, enquanto o Preconceito por enquanto nos põe fora do conceito de verdade (GOAD, *Astro-meteorologica*, p. 63).

Goad parecia dar importância fundamental em diferenciar o “prognóstico vulgar” da “astrologia genuína”, a mera superstição da ciência (GOAD, *Astro-meteorologica*, pp. 12; 17). Enquanto previsões a partir de pássaros e vísceras de animais eram incertas, por não envolverem relações diretas de causas e conseqüências, previsões astrológicas deviam ser corretas, pois a astrologia fazia parte da ciência. Tudo era questão de estudo e de chegar a correspondências inequívocas:

[...] tão certamente Deus fez as Constituições do Ar dependerem dos Céus que podemos assegurar que há mais do que um pré-conhecimento Conjectural das alterações do Ar durante o Dia e a Noite atingível pela Contemplação das Causas Celestiais e isso sem Inutilidade e Superstição, ou a mínima sombra de uma das duas [...] (GOAD, *Astro-meteorologica*, p. 11).

[...] o que é incerto e confuso é Casual, e Casualidade é inconsistente com Ciência. Tão inconsistente que não deve ser agraciada pelos Amantes do Conhecimento (GOAD, *Astro-meteorologica*, p. 24).

Vimos que, no século XVII, muitos críticos argumentavam que a astrologia não era ciência porque nem sempre as previsões davam certo. Pode-se perguntar, então, o que se dizia a respeito da medicina, já que obviamente também nessa área nem sempre as previsões eram confirmadas.²⁴

²⁴ No século II, Ptolomeu já havia comparado a incerteza da astrologia à incerteza da medicina. As duas eram igualmente merecedoras de elogios em função da complexidade das situações com as quais lidavam: “[...] não devemos exigir tudo da arte [astrologia], mas sim apreciar sua beleza mesmo nas circunstâncias em que ela não pode fornecer uma resposta completa; nós não achamos errados os médicos, porque quando examinam uma pessoa eles falam tanto da própria doença quanto das particularidades do

O fato é que essa mesma questão era pontuada, e colaborava para que o *status* da medicina como ciência também não fosse dos melhores. Em 1659, por exemplo, a versão inglesa da então já conhecida obra de Pierre Gassendi contra a astrologia, dizia apresentar objeções capazes de mostrar que a astrologia não era uma ciência, mas sim uma “Arte Conjectural, como a Medicina” (GASSENDI, *The vanity of judiciary astrology*, p. 69).

Não havia como diferenciar o decorrente de condições intrínsecas ao doente, do passível de ser atribuído aos astros. A suposta influência astrológica se daria de acordo com índices desconhecidos como a disposição e o temperamento de quem a receberia (PORTHAISE, *De la vraie et favlse astrologie*, p. 195).

Ainda no século XVI, Cornelius Agrippa havia apontado como incerta a astrologia judicial: “É impossível que qualquer coisa certa possa ser encontrada pela Arte da Astrologia Judicial, por causa das inúmeras causas cooperantes que se juntam às Influências Celestes” (AGRIPPA, *The vanity of arts and sciences*, p. 89).

Mas não só a astrologia judicial, como também a medicina, a filosofia natural e a astronomia eram incertas - dizia Agrippa. A incerteza era característica de todas as ciências, em contraposição à única certeza: a palavra de Deus. Todas as ciências, sem exceção mereciam “reprovação ou censura” (AGRIPPA, *The vanity of arts and sciences*, p. 2).

A medicina era a arte mais inconstante, e reconhecida como errônea mesmo por Hipócrates. Chamar a medicina de a “Arte de Matar”, e comentários como “geralmente há mais perigo na Medicina e no Médico do que na doença”, e não há “caminho mais certo para a Saúde e a Longevidade do que a falta de um Médico”, resumem bem o que Agrippa pensava sobre o assunto (AGRIPPA, *The vanity of arts and sciences*, pp. 281; 285; 294).

paciente; então também neste caso não devemos nos opor aos astrólogos, que usam como base para os seus cálculos a nacionalidade, o lugar, a criação [alimentação, costumes, etc.], e toda outra qualidade accidental já existente” (PTOLEMY, *Tetrabiblos*, I, 2,9).

Quanto à astronomia, o autor dizia que a “incerteza e a inconstância dessa Arte, plenamente sugerem que ela não é Arte alguma” (AGRIPPA, *The vanity of arts and sciences*, p. 82).

É interessante notar, aliás, que segundo as considerações de Agrippa não havia muita esperança de que a astronomia se tornasse menos incerta, por que seu objeto de estudo estava além da capacidade humana. Dedicar-se a ela implicava em demonstrar “Curiosidade e Confiança ímpia”. Para que um astrônomo pudesse dizer com certeza os movimentos celestes, ele teria que efetivamente ir ao céu (AGRIPPA, *The vanity of arts and sciences*, pp. 82; 9).

5.15 “falseabilidade”

Os astrólogos não foram exatamente descritos por Cornelius Agrippa como inocentes. Não admitiam seus erros e escolhiam falar o que agradava aos clientes (AGRIPPA, *The vanity of arts and sciences*, p. 91).²⁵

Mesmo astrólogos do século XVII às vezes não consideravam outros astrólogos inocentes. No *Opus reformatum* John Partridge dirigiu fortes e extensas críticas ao astrólogo John Gadbury, o único atacado com insistência nessa ocasião. Para Partridge, os livros de Gadbury eram cheios de “bobagens e absurdos” e continham “natividades fictícias”, forjadas de má fé (PARTRIDGE, *Opus reformatum*, p. 7).

Pierre Gassendi não considerava a inocência e a retidão de caráter características comum a esses profissionais. Diante de um cliente, procurariam colher várias informações em vez de recorrerem somente às genituras (GASSENDI, *The vanity of judiciary astrology*, pp. 144-5).

O crítico John Melton os acusava de recorrerem a subterfúgios, “meros truques para evasão” e sem “fundamento algum na razão”, para explicar previsões não

²⁵ Agrippa estendeu esses comentários também aos médicos. Segundo ele, esses profissionais tratavam de maneiras diferentes doentes pobres e ricos. Esses últimos tinham suas doenças prolongadas até quando possível, a fim de que o médico desfrutasse de suas regalias por mais tempo (AGRIPPA, *The vanity of arts and sciences*, p. 2).

concretizadas. Se erravam ao responder a uma pergunta, até mesmo acusavam o interrogador de não querer sinceramente uma resposta, mas sim testar a sua arte (MELTON, *The astrologaster*, p. 55).

Acusações de Pierre Gassendi sugeriam que astrólogos *lançavam mão de acomodações grosseiras*, sem fundamentos na realidade, a fim de *não terem que abandonar certas noções*. Amostra disso teria sido a inserção de uma esfera superior, além da oitava, aceita pelos antigos, a fim de explicar por quê as estrelas fixas teriam saído de lugar (BERNIER, *Abregé de la philosophie de Gassendi*. Tome IV, pp. 443-4).²⁶

Críticas desse teor, no sentido de dizer que não favorecia a astrologia o fato de essa parecer nunca poder ser falseada, podiam ser encontradas até mesmo em trabalhos de astrólogos. Para John Partridge a astrologia de sua época era “mais própria para rir do que para acreditar” (PARTRIDGE, *Opus reformatum*, p. 19). Dizia que, para debochar da astrologia, não era necessário nem mesmo recorrer a trabalhos que a criticavam, mas sim aos trabalhos dos próprios astrólogos.

[...] eles tem essas portas dos fundos para deixar entrar Desculpas e Encantos para enganar e iludir a si mesmos e aos outros; e também para distrair a atenção e evitar uma Investigação mais séria em busca da Verdade, que fingem ser seu Padrão [...] (PARTRIDGE, *Opus reformatum*, p. 62).

Partridge acusava seus colegas de profissão de *evitarem a qualquer custo serem contraditos*. Recorriam a *quaisquer justificativas*, mesmo a bobagens, quando não sabiam explicar acontecimentos ou quando suas previsões não se confirmavam. Se necessário, recorriam até mesmo a regras contrárias às próprias que praticavam. Desse modo, o “ascendente”, de “fonte da vida”, podia bem passar a “fonte da morte” sem maiores delongas (PARTRIDGE, *Opus reformatum*, p. 3).

²⁶ Pierre Gassendi estava se referindo à precessão dos equinócios. Seu argumento, então, devia ser dirigido à astronomia, e não à astrologia propriamente dita. O autor podia ter feito isso, caso quisesse, pois como vimos no primeiro capítulo dessa tese, ele era um dos que diferenciavam claramente astronomia de astrologia.

Além disso, se a morte de uma pessoa ocorria sem que tivesse sido prevista pela natividade, eram capazes de redesenhá-la. Trocavam o horário de nascimento do dia para a noite, e até mesmo a própria data do nascimento a fim de *manter a previsibilidade* dos acontecimentos. Nem mesmo se constrangiam se a “nova natividade” descrevia uma personalidade que nada tinha a ver com a do indivíduo em questão (PARTRIDGE, *Opus reformatum*, pp. 5-6).

Exemplo curioso disso resultaria da análise da natividade de Oliver Cromwell, julgada por John Gadbury. Partridge sugeriu que a natividade utilizada por Gadbury era fictícia, e que o astrólogo nem ao menos havia se preocupado com fatos desconcertantes passíveis de serem concluídos a partir da figura utilizada (PARTRIDGE, *Opus reformatum*, pp. 52; 55; 57). Dela - dizia Partridge – podia-se inferir que Cromwell tinha problemas físicos e doenças crônicas, que sua esposa seria avessa ao casamento e viveria menos do que o marido, e que ele ainda jovem seria agraciado com honras e reconhecimento. Nada disso havia ocorrido e, portanto, para Partridge a natividade era falsa.²⁷

Gassendi havia tratado certos assuntos com notável ironia. Dizia ser impressionante como antes de um evento ocorrer nada parecia seguro, mas depois, “que maravilha!” (GASSENDI, *The vanity of judiciary astrology*, p. 75), eles podiam explicar qualquer coisa que já havia ocorrido!

[...] elaboraram uma Arte com tantas e variadas coisas que qualquer que seja o Evento, eles ainda têm uma ou outra regra para mostrar [...] que o Evento observado podia ser previsto. E ainda que o contrário ocorra, eles

²⁷ John Partridge comparou as configurações celestes ano a ano a acontecimentos de que se tinha notícia da vida Oliver Cromwell (PARTRIDGE, *Opus reformatum*, p. 35). É interessante notar nesse ponto que alguns registros bastante conflitantes não foram comentados por Partridge. Cromwell se tornou *Lord Protector*, por exemplo, num ano cuja figura era indiferente. Já outros resultados mais adequados foram comentados. Esse foi o caso, por exemplo, de sete configurações adversas próximas à data da morte dele. Assim, se acusava Gadbury de se “esquecer” de comentar algumas coisas, parece que Partridge também andava meio esquecido ...

É interessante pontuar, ainda, que o próprio Partridge deixou transparecer que não se sabia nem a hora aproximada do nascimento de Cromwell, mas se dispôs a calculá-la para um momento bastante determinado (em horas, minutos e até segundos). Sabia-se apenas que ele nascera *summo mane* (PARTRIDGE, *Opus reformatum*, p. 22).

têm outra regra de prontidão com a qual o ocorrido concorda (GASSENDI, *The vanity of judiciary astrology*, p. 74).

Grande alarde envolveria previsões corretas. Espertos e habilidosos, eles exagerariam quando as previsões se confirmavam. Esses casos, dizia-se, necessariamente comprovariam a eficácia das regras da arte. Nem ao menos a possibilidade de sorte e mero acaso era cogitada, ao passo que essas explicações eram plausíveis pelo fato de que, algumas vezes, por dados reconhecidamente errados se chegava a resultados corretos (GASSENDI, *The vanity of judiciary astrology*, pp. 146-7; BERNIER, *Abregé de la philosophie de Gassendi*. Tome IV, pp. 490-2).

[Se] todos os Eventos devem ser previstos pelas posições corretas dos Planetas; e ainda assim aqueles previstos a partir de posições incorretas ocorrem; você pode perceber claramente que não importa o lugar em que os planetas estejam para o que quer que seja previsto [...].(GASSENDI, *The vanity of judiciary astrology*, p. 142)

O religioso Martinho Lutero, já nas décadas anteriores, havia apontado que os astrólogos não se pronunciavam sobre falhas (LUTERO, *Dris Martini Luteroi colloquia*, pp. 504 e 506). Analogamente, o filósofo Pierre Gassendi não deixaria de lembrar que pouca atenção era dada ao fato de que muitas previsões não se realizavam. Quando muito eram explicadas por algum subterfúgio, como, por exemplo, uma condição extra sem a qual o evento não se realizaria. Se as previsões não se confirmavam, o erro não era da arte, mas de quem a praticava.

Quanto ao Apelo de que quando os Eventos desaprovam as previsões, a falha não é da Arte em si, mas dos Artistas: isto é um subterfúgio, e um subterfúgio muito pobre, porque isso revela a inutilidade e a impostura da própria Arte (GASSENDI, *The vanity of judiciary astrology*, p. 74).

[...] se os Efeitos não se seguem de acordo com sua adivinhação, o erro não é imputado à Arte em si, mas à inabilidade ou negligência do Artista; que como eles submetem as Estrelas não ao destino, mas a Deus, que pode como quiser mudar e impedir Efeitos que de outra maneira iriam ocorrer; quando as coisas não se sucedem de acordo com os prognósticos deles, a culpa não é da Astrologia (GASSENDI, *The vanity of judiciary astrology*, p. 69).

Diante dos erros eles nunca levariam em conta que seus aforismos podiam ser incertos ou equivocados: “como se fosse mais razoável recorrer a um milagre do que

confessar a falibilidade de suas regras” (GASSENDI, *The vanity of judiciary astrology*, p. 69).

John Partridge também se pronunciou sobre o fato de erros nas previsões não levarem à reavaliação das regras astrológicas. Previsões de morte e doença tinham como base elementos da natividade inócuos nesse sentido. Muitos elementos observados não tinham qualquer valor na vida do indivíduo - o que Partridge apontava como motivo para a maior parte dos erros nas previsões.

Pior ainda, segundo ele, era não haver reavaliação das previsões não confirmadas. Mesmo depois de tantos erros continuavam se apoiando em direções “vãs e impertinentes” como se essas nunca tivessem lhes causado qualquer desapontamento (PARTRIDGE, *Opus reformatum*, pp. 2-3).

Exemplos disso, para Partridge, eram certas considerações de morte com base no ascendente de um indivíduo. O ascendente nada a teria a ver com a morte do nativo e julgamentos de morte em função da oitava casa eram bobagens. Isso era facilmente notado, mas as pessoas não avaliavam a questão: “não há um em Vinte ou Trinta que morra pela direção da fonte da Vida [ascendente] em relação ao Senhor da Oitava Casa” (PARTRIDGE, *Opus reformatum*, p. 63).

Quanto aos erros, Cornelius Agrippa, no século XVI, havia se posicionado de modo semelhante a respeito da astrologia judicial. Deve-se notar, no entanto, que não dirigiu esse tipo de reprovação somente a esses conhecimentos, mas estendeu o tratamento também a áreas como a medicina.

Acusou os médicos de atribuírem a si o que pertencia a Deus. Exaltavam os casos em que supostamente “eles” conseguiam curar seus pacientes, e nem ao menos se pronunciavam quando esses sucumbiam às doenças. Quando raramente resolviam falar sobre o assunto, nunca admitiam a possibilidade de erro. Acusavam os boticários de manipularem mal as receitas, preferiam falar de algum surto repentino inevitável, acusavam os doentes de não se seguirem prescrições médicas, ou ainda diziam que não podiam evitar o que Deus havia decretado. Para Agrippa, tudo isso não passava de meras “desculpas” às quais recorriam os médicos, tal como faziam os astrólogos para

justificar os erros dos prognósticos (AGRIPPA, *The vanity of arts and sciences*, pp. 281-99).

5.16 Previsões eram possíveis?

Outro tipo de oposição à astrologia que se pode inferir a partir do *Englands Propheticall Merline*, de William Lilly, manifestava-se na idéia de que as influências dos astros existiam, mas o astrólogo não podia entendê-las e, portanto, realizar previsões.²⁸ No seu *Astro-meteorologica*, John Goad se opôs explicitamente à consideração de Pierre Gassendi de que, em função de corpos celestes serem causas gerais e indeterminadas, às quais se ligariam causas inferiores, previsões eram impossíveis (GOAD, *Astro-meteorologica*, p. 151).

De fato, comentários nesse sentido parecem ter sido recorrentes no século XVII. Era bastante comum, mesmo entre os críticos da astrologia, a aceitação da *existência de influências astrológicas*. A polêmica girava em torno, especialmente, da *possibilidade ou não de estudar essas influências e realizar previsões*.

Pierre Gassendi não negava a *influência dos astros*. Havia sim influências astrológicas, mas essas eram gerais e indeterminadas. Essa influência geral, indiferente quanto aos efeitos, e não de um tipo especial ou determinado, juntava-se a uma causa especial e determinada para dar preferência à produção de um efeito e não de outro. Sem as causas singulares os astros não podiam ser responsáveis por efeitos particulares. Era, então, inútil perguntar aos astros por quê uma pessoa era de um jeito e não de outro, pois essa resposta estava também em fatores como condições dos pais, alimentação, etc. Causas inferiores deviam ser levadas em conta. No caso das doenças, por exemplo, Gassendi aceitava que frio ou calor extremo e afecções do ar pudessem ter relação com epidemias, mas recomendava que suas causas fossem procuradas na Terra. Muitas características do temperamento individual da pessoa já explicavam eventos

²⁸ Como exemplo de partidário desta concepção, Lilly citava Nuntius Propheticus (LILLY, *Englands Propheticall Merline*, p. 101).

como escolher ou não se casar, ter ou não filhos (GASSENDI, *The vanity of judiciary astrology*, pp. 71; 91; 128-9; 135; BERNIER, *Abregé de la philosophie de Gassendi*. Tome IV, pp. 437-8).²⁹

Ao que tudo indica, também para Jean Porthaise havia influências dos astros, mas não era possível fazer aplicações particulares dessas influências:

[...] os Astros são causas longínquas, indeterminadas em si, mais do que difícil de sondar & dividir para a aplicação particular de suas influências. Além disso, tudo é segundo a disposição & temperamento do sujeito particular, que o astro não pode mostrar (PORTHAISE, *De la vraie et favlse astrologie*, p. 18).

A interação entre as influências de cometas, planetas e signos provocavam efeitos de acordo com a natureza de quem as recebia. Os astros nada faziam sozinhos, mas sim serviam à natureza, isto é, às causas próximas e naturais:

Não são planetas, estrelas e signos que causam esterilidade e doenças, pois a atuação de suas exalações depende das características do objeto na qual agem. Mulheres e velhos estariam mais sujeitos a doenças provocadas pelo cometa dada às suas compleições menos bem temperadas estarem mais sujeitas às intempéries do ar (PORTHAISE, *De la vraie et favlse astrologie*, p. 197).

Em relação às ações humanas os cometas só teriam alguma influência se pensarmos nessas como resultado dessas mudanças no meio. [...] o aquecimento do ar poderia levar à cólera, da cólera se seguiria a ira, dessa a vingança, o que poderia levar povos à guerra (PORTHAISE, *De la vraie et favlse astrologie*, p. 197).

A Lua, por exemplo, agia de modo geral, igual e indeterminado sobre as coisas úmidas, e a diversidade de efeitos vinha das causas inferiores particulares e de sua

²⁹ No *Tetrabiblos*, Ptolomeu havia se manifestado explicitamente a respeito de as natividades nem sempre darem respostas certas sobre o destino de uma pessoa, porque este dependia sempre de muitos fatores: “[...] há circunstâncias cuja importância não é pequena e de caráter não insignificante, que se unem [às influências astrológicas] para causar as qualidades especiais daqueles que nascem” (PTOLOMEU, *Tetrabiblos*, I. 2, 8). Ptolomeu recorreu a esses fatores importantes, entre os quais citava a qualidade da “semente”, para responder àqueles que contrapunham à astrologia o fato de que um homem e um cavalo podiam nascer sob as mesmas condições astrológicas: “cada semente prevalece para expressar em geral sua forma própria” (PTOLOMEU, *Tetrabiblos*, I. 2, 80). Ainda no caso de dois seres humanos, nascidos

diversidade natural. Assim, era explicado porque os fluxos e refluxos variavam de um mar para outro e porque o ciclo menstrual variava entre as mulheres (PORTHAISE, *De la vraie et faulse astrologie*, pp. 295-8).

Para Porthaise, o resultado das influências celestes dependia de quem as recebesse, mas estas em princípio já eram diferentes entre si. Eram dois os tipos de virtudes que um verdadeiro cristão podia creditar aos astros:

[...] a primeira potência é comum, & geral, por causa da luz pela qual ele fortifica, purga, vivifica & ilumina segundo a quantidade da luz que ele tem. [...]. A Segunda potência é uma virtude particular em cada Astro de aquecer, umedecer, resfriar, [...] ou temperar mais ou menos as coisas inferiores segundo sua disposição & temperamento. [...] os astros têm a virtude de transformar seu próprio temperamento [das coisas inferiores], diversas qualidades & paixões sensuais, não as ações livres, nem fatais (PORTHAISE, *De la vraie et faulse astrologie*, p. 135).

Nesse ponto, mesmo elogiando a atitude de Pico de la Mirandola de se posicionar contra os astrólogos, o autor procurava reagir a alguma de suas idéias ditas equivocadas³⁰:

Pico conclui mal que o Céu não tem uma influência diversa nem particular. (PORTHAISE, *De la vraie et faulse astrologie*, p. 238).

sob as mesmas condições astrológicas, Ptolomeu atribuía parte da diferença entre essas pessoas ao modo como eram nutridas e os costumes segundo os quais eram criadas.

³⁰ A historiadora Mary Bowden estudou detalhadamente as idéias de Pico para a astrologia (ver (BOWDEN, “The Scientific Revolution in astrology: the English reformers”). Segundo Bowden, Pico considerava que a astrologia não era científica e não funcionava. Apontava que as previsões eram ambíguas e que só eram lembradas pelos seus praticantes quando davam certo. Aceitava que as estrelas tinham uma influência geral, mas dizia que essa não poderia ser analisada. Negava que essa influência fosse previsível. A astrologia não se basearia na experiência porque uma configuração celeste nunca se repetiria. Só partes de uma configuração se repetiam, e mesmo assim, a interação entre os vários fatores era muito grande. Era impossível a experiência, e impossível verificar a influência de um único fator. Boa parte das regras astrológicas eram produtos da imaginação humana e não tinham qualquer relação com a realidade. As casas zodiacais, por exemplo, não tinham, segundo Pico, qualquer significado, e sim eram uma invenção humana. Também não havia fundamento, segundo Pico, no modo como os astrólogos obtinham certas regras: fundamentando um dogma em outro, a partir de ordens numéricas e analogias. Saturno ser o primeiro planeta não implicaria em dizer que ele tinha que reger a primeira zona climática da Terra. Também não era correto dizer que como a maternidade era mais fácil de ser identificada do que a paternidade, tudo o que dizia respeito à mãe se relacionaria à décima casa, isto é, acima do horizonte, enquanto o que se relacionasse ao pai à quarta, abaixo do horizonte.

O Senhor Pico se engana quando estima que os Astros operam de uma maneira somente, porque eles têm comumente uma mesma luz, & movimento, & não percebe que alguns Astros os têm mais, e os outros os têm menos & por isso operam diversamente. Em segundo lugar é provável que sua luz seja diversa & diferente como são os Astros entre eles mesmos. E, por isso operam diversamente. Em terceiro, os Astros têm virtudes particulares de aquecer, secar, umedecer, resfriar segundo a espécie & individualidade de cada Astro [...].(PORTHAISE, *De la vraie et favlse astrologie*, p. 240).

Para Porthaise, era equivocada a conclusão de Pico de que não somente a judicial, mas também a astrologia física não passava de bobagem (PORTHAISE, *De la vraie et favlse astrologie*, p. 248). Pico, ao contrário de Porthaise, acreditava que essas influências não eram diferentes de um astro para outro, mas sim:

[...] causas gerais & indeterminadas & por isso operam naturalmente, necessariamente & igualmente, sem determinar o seu efeito, porque isso é determinado pela disposição da causa inferior (PORTHAISE, *De la vraie et favlse astrologie*, p. 233).

Jean Porthaise procurou, ainda, responder à objeção de Pico de que era estranho que a luz contivesse 4 qualidades repugnantes entre si. Para Porthaise, a luz tinha o calor, que era naturalmente acompanhado pela qualidade “secura”, enquanto frio e umidade eram qualidades negativas, contidas pela luz apenas virtualmente, isto é, manifestadas quando o planeta estava longe, enfraquecido, ou quando, aquele no qual agia era resistente (PORTHAISE, *De la vraie et favlse astrologie*, p. 242).

Os astros tinham uma influência geral e outra particular. Ao contrário do que Pico apontava, a Lua podia sim ter uma influência geral de aquecer e uma particular de esfriar concomitante, considerando que havia graus de seco, frio, quente e úmido (PORTHAISE, *De la vraie et favlse astrologie*, p. 248).

O próprio modo como concebia a operação dessas influências levava Porthaise a criticar a medicina astrológica. Para ele, a medicina devia observar o próprio paciente e não os astros, porque esses atuavam de forma geral e indeterminada. Tudo dependia do temperamento de cada paciente em particular (PORTHAISE, *De la vraie et favlse*

astrologie, p. 136).³¹ Já que os efeitos dependiam de quem recebia as influências, mesmo que conhecêssemos bem os astros ainda assim não poderíamos saber com certeza o que iria ocorrer (PORTHAISE, *De la vraie et favlse astrologie*, pp. 52-3; 234 e 237).

Para John Melton, era impossível distinguir entre si as influências astrológicas. Havia uma influência geral, de atuação limitada efeitos físicos, cuja compreensão era restrita a Deus. A observação de que os astros não tinham influência alguma sobre a vontade humana, mesmo que essa influência se desse através do corpo, parecia diretamente rebater o polêmico argumento de Tomás de Aquino (MELTON, *The astrologaster*, pp. 30; 34).³²

Embora acreditasse que os seres inferiores eram, de fato, afetados por influências astrológicas, também o cônego John Chamber parecia considerar impossível fazer previsões. Assim como outros autores, o religioso não negava que existissem influências, mas sim, por motivos técnicos, que elas pudessem ser determinadas:

[...] embora devamos garantir que as estrelas têm grande força e poder sobre nós, todavia seja isso o que for, nenhum homem poderia jamais compreender isso visto que esses momentos de constelação não podem ser tomados, o curso rápido das estrelas de longe ultrapassando a lentidão de nossa observação (CHAMBER, *A treatise against iudiciall astrologie*, p. 54).

Também Francis Crow aceitava a existência de influências astrológicas, o que dizia ser confirmado pela própria Bíblia. Julgava, no entanto, que como todas essas influências agiam num mesmo momento, não havia como diferenciá-las. Portanto, o homem era incapaz de estudá-las, o que supostamente a Bíblia também indicava (CROW, *The vanity and impiety of judicial astrology*, pp. 6; 25).

³¹ Para Porthaise, as crises das doenças não eram provenientes dos astros, mas sim de causas gerais como as estações, a qualidade do clima, e em seguida da qualidade dos humores e temperamento individual. Evidencia disso era que mesmo com bons aspectos, a não administração de remédios adequados podia fazer o doente sucumbir (PORTHAISE, *De la vraie et favlse astrologie*, p. 289).

³² Discutimos a atitude de Aquino em relação à astrologia no **capítulo 3** desta tese.

5.17 Algumas áreas da astrologia eram mais aceitas do que outras?

Todas essas coisas que fazem as delícias dos Astrólogos que fizeram nos céus uma espécie de *carnaval* [...] (BACON, *Of the dignity and advancement of learning*, L. III, Ch. IV, p. 350)

[...] nosso sentimento é que as doutrinas sobre as natividades, eleições, questões e outras bagatelas desse gênero não têm em sua maior parte nada de certo ou de sólido [...] (BACON, *Of the dignity and advancement of learning*, L. III, Ch. IV, p. 350)

Certos elementos comumente aceitos por astrólogos foram ironizados pelo filósofo Francis Bacon como “imaginações frívolas” sem o menor fundamento. Era bobagem atribuir importância aos momentos de nascimento e concepção, ao começo de um empreendimento, ao instante da realização de um questionamento, bem como aceitar diferentes planetas regendo horas e dias da semana. Também era absurdo acreditar em influências celestes instantâneas depositadas em amuletos, além de ser inadmissível adotar a divisão do céu em casas e elaborar horóscopos.³³

Uma grande dificuldade nas aplicações particulares era a insuficiência de apenas entender a influência dos astros, sem conhecer a natureza particular de quem as recebia:

[...] partindo do conhecimento que temos da influência dos corpos celestes sobre os espíritos humanos, concluímos que aquele ano é mais vantajoso ou mais prejudicial às pessoas que aos reis; aos sábios e outros homens curiosos que aos homens corajosos e guerreiros; aos voluptuosos do que aos homens de negócios e políticos. Há uma infinidade de *previsões* desta espécie, mas, como nós dissemos, não é suficiente para fazê-las aquele conhecimento geral que se tira dos astros, que são os *agentes*; é necessário juntar a ele o conhecimento particular desses sujeitos, que são os pacientes (BACON, *Of the dignity and advancement of learning*, L. III, Ch. IV, p. 354).

³³A atitude de Francis Bacon a respeito da astrologia será analisada separada e detalhadamente no **capítulo 7**, dada à importância das idéias desse autor para a *Royal Society*. Também para John Chamber, desenhar mapas astrológicos era bobagem: “Eu não irei aqui me estender sobre como eles variam [astrólogos discordam] sobre a distância de Mercúrio ao Sol, a diferença dos Signos, e aquelas que eles chamam imagens, ou Figuras, sobre as quais na verdade não pode haver reconhecimento a ser feito, visto que elas não são nada na natureza, mas construções dos homens que poderiam tê-las feito de outro modo se quisessem [...] (CHAMBER, *A treatise against iudiciall astrologie*, p. 94)”.

Deste modo, as previsões eram muito mais confiáveis do que as eleições particulares, que, aliás, nem poderiam ser de “momentos ou instantes” precisos já que as virtudes dos corpos celestes e os efeitos não seriam súbitos e instantâneos. Bacon aceitava a possibilidade de prever vários eventos:

[...] previsões sobre cometas futuros [...], sobre todos os tipos de meteoros, sobre dilúvios, seca, calores intensos, geadas, tremores de terra, erupções de fogo, inundações ventos e grandes chuvas, diferentes temperaturas do ano, contágios, epidemias, [...] , guerras, levantes, seitas, transmigrações de pessoas; enfim, sobre todos os movimentos e grandes inovações que podem ocorrer na natureza ou nos estados (BACON, *Of the dignity and advancement of learning*, L. III, Ch. IV, p. 353).

Enquanto certas pessoas se opunham à astrologia como um todo, havia quem duvidasse de uma ou outra de suas áreas. Como o *Englands Propheticall Merline* deixou transparecer na sua “Carta ao leitor”, a astrologia horária (ver **capítulo 1** desta tese), por exemplo, era bastante questionada. Aliás, pelo tom da defesa de William Lilly desse ramo da astrologia, nota-se que ela não era muito bem vista nem mesmo por certos astrólogos, que a julgavam inválida porque Ptolomeu não a havia aprovado.³⁴

A despeito dessa questão é interessante lembrarmos o exemplo de John Partridge. Ao apresentar sua proposta para a astrologia e exemplificar o que devia ser feito, Partridge afirmou que problemas, como incoerência nas regras, estavam em todas as áreas dos conhecimentos astrológicos. Justificou a escolha específica do assunto “natividades”, porque essas eram a sua especialidade. Esperava que outros profissionais fizessem o que ele fez para outras áreas da astrologia. Recuperando a parte das natividades esperava que isso desse “alguma Reputação para outras Partes da Astrologia” (PARTRIDGE, *Opus reformatum*, p. viii).

³⁴ De fato, a situação da astrologia horária não parecia ser muito boa. No *Englands Propheticall Merline*, Lilly se empenhou em defender esse ramo da astrologia. E no *Christian Astrology*, mencionou que os autores consultados para escrever a parte do trabalho sobre a astrologia horária eram todos antigos: “[...] viveram muito antes desses Tempos corruptos (porque com esses Professores vulgares que hoje residem nesta Cidade, não estou de forma alguma de acordo)” (LILLY, *Christian Astrology*, To the Reader). Os autores mencionados são Bonatus, Haly, Dariot, Leupoldus, Pontanus, Avenezera e Zael.

É interessante notar, no entanto, que essas “outras Partes” não incluíam a *astrologia horária*, nem a de *eleições*, ambas consideradas ilegítimas por Partridge. Sua justificava para essa avaliação era no mínimo bastante curiosa: não eram áreas legítimas *porque* não haviam sido tratadas por Ptolomeu.

Em contraposição a autores que assim se posicionavam, William Lilly argumentava que se o *Centiloquium* realmente fosse de Ptolomeu, ele teria sim tratado do assunto. E, por outro lado, mesmo que Ptolomeu nunca tivesse dado atenção à astrologia horária, o desenvolvimento dos conhecimentos astrológicos não terminava com ele, e muitas novidades podiam ser inseridas.³⁵

De qualquer forma, é notório que Lilly se empenhava em defender a astrologia horária. Além do argumento apresentado anteriormente, também procurou mostrar a sua validade inserindo no final do *Englands Propheticall Merline* a resolução de algumas questões horárias e ressaltando a congruência entre as previsões e os eventos ocorridos. De fato, como se nota em muitas passagens dessa obra, foi também recorrendo à prática que Lilly procurou sustentar a supremacia dos seus métodos em relação aos de outros profissionais.

Como o *Englands Propheticall Merline* deixa transparecer não só as dúvidas em relação à atitude de Ptolomeu ou mesmo a validade das previsões estavam por trás das críticas à astrologia horária. Questões de cunho ético também eram abordadas.³⁶

Exemplo interessante dessas críticas foi exposto por John Melton na obra *The Astrologaster*, de 1620. Nessa, o autor descreve sua consulta a um astrólogo a respeito de algo que dizia ter perdido. Na realidade Melton não havia perdido coisa alguma, e o seu interesse era “testar” o astrólogo. Este, na ocasião, mesmo assim ter-lhe-ia prometido encontrar exatamente o local e com quem o suposto bem perdido estava. Fazendo apologia da grande capacidade de sua arte, dizia ser capaz de “ver” o que quer

³⁵ A posição de Lilly a respeito de argumentos de autoridade já foi debatida nesse mesmo capítulo.

³⁶ Discutimos a preocupação de Lilly a esse respeito na seção desse capítulo que se refere a previsões então ditas ambíguas.

que fosse pela “sagrada Astrologia, Divina Astrologia, a Arte das Artes, a Ciência das Ciências” (MELTON, *The astrologaster*, pp. 11).

Além de ridicularizar a resposta pontual a algo que não podia ser perguntado, Melton descreve seu espanto com o cenário misterioso e o discurso previamente forjado para enganar o cliente: “[a] Astrologia é uma Arte pela qual Espertos Patifes enganam abertamente Homens honestos” (MELTON, *The astrologaster*, p. 23).

O filósofo Pierre Gassendi ridicularizou a astrologia de eleições dizendo ser motivo de riso a confiança em poder dar respostas para tão múltiplas questões da vida humana a partir de “princípios tão vãos” (GASSENDI, *The vanity of judiciary astrology*, p. 111). Os próprios assuntos das eleições foram ridicularizados por Gassendi.

Se havia por um lado certas áreas da astrologia bastante criticadas como a astrologia horária e a de eleições, por outro, a então chamada “astrometeorologia” parecia receber mais aceitação.

Sobre isso é bastante interessante lembrarmos que o astrólogo William Lilly mencionava os eventos do clima como se fossem mais confiáveis. Nota-se, que, de certa forma, o astrólogo parecia agir como se, por exemplo, a confirmação de eventos climáticos previstos a partir de determinado cometa fosse garantia da ocorrência de outros tipos de eventos como, até mesmo, os relacionados a destinos de seres humanos e países, previstos pelo mesmo astro.

Pode-se dizer que, embora os prognósticos de William Lilly fossem muitas vezes direcionados a eventos políticos, previsões acerca de fenômenos climáticos não aparecem nas suas obras como meras coadjuvantes, mas sim como elementos essenciais. Lilly considerava que Saturno era a influência predominante na conjunção de Saturno e Júpiter de 1643, contrariando, segundo explicava, idéias de outros astrólogos que viam Júpiter como preponderante. As primeiras confirmações de fenômenos naturais previstos segundo a hipótese de Lilly, e não pela deles, garantiam então a validade das previsões para os eventos políticos. Além de por si só serem importantes, esses prognósticos sobre secas, aparições de efeitos luminosos, etc., são colocados,

portanto, não para disfarçar previsões de eventos políticos, mas sim para garanti-los (LILLY, *Englands Propheticall Merline*, p. 83).

Talvez para autores como John Chamber essa estratégia não funcionasse muito bem. Para Chamber, não havia no céu sinais de ações humanas. Havia no céu sinais de chuva, calor, frio, ventos, mas o cônego não parecia levar muito a sério a possibilidade de prever corretamente esses fenômenos a partir dos astros. Esses serviriam especificamente para diferenciar as estações do ano e medir o tempo, mas não para previsões.

Se nós não estivéssemos tão embriagados com o que eles dizem sobre ventos e tempo, como neve, chuva, gelo [...], poderíamos suficientemente fazer-nos questionar sobre como dar crédito ao que eles dizem sobre o resto e que não há arte em suas previsões. Quanto é comum que eles errem nessas? E se em algum momento dizem a verdade, ainda que seja assim, qualquer homem pode ver que foi mais por sorte do que habilidade (CHAMBER, *A treatise against iudiciall astrologie*, p. 39).

Que seja suficiente para nós termos observado o movimento deles [astros] para que possamos saber a distinção dos tempos, e estações, e como fazer aquelas coisas para as quais Deus os fez para serem observados, dando plena prova do seu uso, tais como vemos na agricultura, navegação e coisas semelhantes. A respeito de outros eventos, que não nos incomodemos já que todas as coisas irão ocorrer segundo o melhor se tememos a Deus [...] (CHAMBER, *A treatise against iudiciall astrologie*, p. 102. Cf. pp. 7 e 35).

De acordo com os comentários de Chamber, pode-se inferir que certas previsões de William Lilly sobre eventos humanos, obtidas a partir de cometas, nem ao menos eram possíveis para o religioso.

Aliás, é interessante notar que também Jean Porthaise criticava algumas idéias específicas aceitas por Lilly a respeito dos cometas. Porthaise concordava que os cometas eram sublunares e que as influências físicas da Lua e do Sol eram tais quais aceitas pelos astrólogos. Mas, para ele não passava de simples superstição, por exemplo, tentar extrair significados da passagem de cometas por signos ou de seus tipos de movimento, como dizer que um movimento do Oriente para o Ocidente significava a destruição de um reino (PORTHAISE, *De la vraie et favlse astrologie*, p. 204).

Porque tudo isto [guerra, paz, acontecimentos] depende da providência de Deus, do arbítrio dos homens & de causas particulares que não são sujeitas à nossa sensibilidade (PORTHAISE, *De la vraie et favlse astrologie*, p. 97).

Jean Porthaise comentou a respeito de fenômenos meteorológicos e suas relações com os astros citando idéias de Aristóteles. Explicou, por exemplo, a relação entre tempestades e exalações de calor que o Sol e os outros astros provocavam na Terra. Vários fenômenos como os trovões também ocorreriam em função de diferentes exalações atingirem as “regiões de ar” (PORTHAISE, *De la vraie et favlse astrologie*, pp. 175; 182-3; 200).

Parecia interessado nas características físicas do cometa, e procurou explicar a aparência em função da sua constituição. Os cometas eram fenômenos produzidos naturalmente, que podiam ser usados por Deus como punição aos homens. Formados principalmente em verões muito secos e quentes, eram explicados em termos da inflamação de exalações. O significado de destruição, mortalidade, doenças representado pelo cometa teria a ver com a sua constituição:

Cometa é uma exalação quente, seca e viscosa fortemente incendiada & reunida na terceira região do Ar [...] (PORTHAISE, *De la vraie et favlse astrologie*, p. 186).

Os Cometas são argumentos de seca excessiva & por consequência de esterilidade, de onde se seguem doenças diversas & escassez (PORTHAISE, *De la vraie et favlse astrologie*, p. 190).

Este cometa prognostica doenças pela sua cor esbranquiçada & veneriana, isto é, quente & úmido, & por isso putrefativo, & nós que respiramos do Ar, nós o sentiremos (PORTHAISE, *De la vraie et favlse astrologie*, p. 196).

[...] o resíduo do cometa é terrestre em sua maior parte & por isso é convertido em vento. Então, se seguem tempestades, ruínas, desastres [...] (PORTHAISE, *De la vraie et favlse astrologie*, p. 195).

Havia críticos da astrologia que aceitavam, mas tinham restrições a respeito da previsibilidade de fenômenos climáticos. Segundo Jean Porthaise, a divina palavra mostrava que certos sinais ou características do céu pressagiarium certos fenômenos meteorológicos. O céu de coloração avermelhada e as condições nas quais Lua e Sol são vistos, por exemplo, nos permitiriam conjecturar acerca do tempo para o dia seguinte.

Além disso, cometas, o aparecimento de estrelas durante o dia, ventos fortes e círculos em torno do Sol pressagiarão desde mortalidade, guerras, pestes, terremotos e secas até dilúvios (PORTHAISE, *De la vraie et faulse astrologie*, pp. 145-7).

Para Porthaise, no entanto, previsões acerca desses acontecimentos não eram muito confiáveis, porque nesses casos não se podia estabelecer uma relação muito certa entre causa e efeito:

[...] esses sinais não são argumentos certos de efeitos subseqüentes. Assim, bem freqüentemente os efeitos são encontrados sem que tais sinais os tenham precedidos. E tais sinais aparecem muitas vezes sem que os efeitos supramencionados os sigam (PORTHAISE, *De la vraie et faulse astrologie*, p. 147).

John Melton, em contraposição, simplesmente não parecia dar crédito a previsões climáticas (MELTON, *The astrologaster*, p. 33).

Apesar de certas atitudes negativas e de aceitação moderada ou restrita, ao que tudo indica, de fato, na época, previsões sobre fenômenos naturais e climáticos eram menos criticadas.

O astrólogo John Goad se referiu diretamente a coisas que eram mais aceitas do que outras pelos críticos da astrologia:

[...] esse pode ser um Meio não fraco de convencer os dissidentes, porque se não se admite que um Planeta traga chuva e ventos, pode-se permitir que ele traga Calor ao menos, em Conjunção com o Sol (GOAD, *Astro-meteorologica*, p. 150).

Nota-se que embora o *Astro-meteorologica* seja marcado pela tentativa de convencimento e pela defesa da astrologia das críticas impingidas a ela, em algumas ocasiões, desafios aos críticos também aparecem. E esses desafios, curiosamente, se dirigem a que proponham alternativas justamente para explicarem fenômenos climáticos.

Na verdade nenhum Pico nem Gassendi, com todas as suas causas *per se*, ou *per o que lhes agrada* pode dar conta de uma Única Geada dissolvida no Inverno [...] nem de um dia Frio no Verão [...]. Eles se admiram e se desesperam para encontrar a Razão porque o Inverno às vezes ousa não dar as Caras [...]. Nenhuma explicação [...] eles podem dar para uma Páscoa

Branca ou um Natal Ensolarado, Neve em Maio ou Abril, e Trovão em Dezembro. Nenhuma razão para Chuvas prolongadas [...] (GOAD, *Astro-meteorologica*, p. 153).

Também o astrônomo Joshua Childrey considerava previsões climáticas as mais certas “o testemunho do Clima será o assunto mais importante de todos (porque é o mais óbvio) para justificar essa Astrologia” (*Syzygiasticon instauratum*, The Preface).

O próprio Pierre Gassendi demonstrava que realmente havia mais expectativa na época em torno da previsibilidade desses fenômenos. Mas, mesmo assim, resistia a essa idéia demonstrando desconfiança quanto às previsões a respeito de mudanças no ar serem mais aceitáveis:

Devemos ao menos, vocês dizem, ter outros sentimentos sobre as Previsões que dizem respeito a mudanças do Ar; é verdade & eu já o disse várias vezes, que o Céu, ou melhor os Astros, & principalmente o Sol, é a Causa geral de várias coisas, mas eu disse também que existem aqui embaixo outras Causas especiais, & principais, que fazem com que tais & tais Efeitos ocorram, que eles ocorram aqui & não aí, agora & não num outro momento, de determinada maneira & não de outra, & que esses Efeitos se devem relacionar a essas Causas & não ao Céu, porque o Céu não saberia produzir nada sem elas [...], ainda que essas causas não sejam consideradas mais do que Instrumentos do Céu; porque elas têm efetivamente suas Virtudes especiais de agir, o que não convém aos Instrumentos, & são mais elas que se servem das Virtudes do Céu como Instrumentos (BERNIER, *Abregé de la philosophie de Gassendi*. Tome IV, p. 499).

Ao que tudo indica, para Gassendi a astrometeorologia não parecia ser tão má quanto a astrologia judicial, mas mesmo mereceu algumas observações negativas (GASSENDI, *The vanity of judiciary astrology*, p. 12). Os sinais expressos nas condições do céu proporcionariam no máximo conjecturas, e não previsões certas.

Então é manifesto que a respeito das mudanças particulares do tempo em momentos pontuais, nenhuma regra de previsão certa pode ser estabelecida a partir desses Sinais (GASSENDI, *The vanity of judiciary astrology*, p. 21).

As principais alegações deles são de que as Regras [...] de acordo com as quais eles instituem suas Previsões do clima são fundamentadas por longas Observações, e que as mesmas são ainda confirmadas por muitos experimentos. [...] [isso] eles nunca provaram nem nunca estarão aptos a provar (GASSENDI, *The vanity of judiciary astrology*, pp. 68-9).

Gassendi dizia ser possível verificar as alegações inseridas nos comentários de Pico de la Mirândola, de que os resultados eram péssimos quando se comparava as previsões para o clima com o que era obtido na prática (GASSENDI, *The vanity of judiciary astrology*, p. 71).

É interessante notar, assim, que para Gassendi de nada adiantava realizarem mais observações ou coletarem grande quantidade de dados sobre o clima, tal como faria John Goad em anos posteriores. Ao que tudo indica, Gassendi julgava que a própria natureza das influências sobre o clima impingia definitivamente esse caráter incerto às previsões. As previsões relacionadas ao clima não eram boas, porque as mudanças nas condições do tempo podiam estar relacionadas a outras causas além do céu (GASSENDI, *The vanity of judiciary astrology*, p. 79).

Aparentemente, para Gassendi, até era possível prever certos fenômenos climáticos através de sinais, mas isso só servia para o próprio dia em que se fazia a previsão ou para o dia seguinte. Mesmo assim, isso *não era astrologia*:

Digo mais, que se se prediz pela palidez da Lua, ou pela sua vermelhidão, pelas Coronas, pelo Arco do Céu e outros Sinais semelhantes, aquilo que deve ocorrer naquele dia ou amanhã por causa da conexão comum e familiar que há de tais Meteoros com tais Causas ou Efeitos, e não por alguma Regra da Astrologia, esse conhecimento & essa previsão não diz respeito mais aos Astrólogos do que aos outros, visto que os Marinheiros, os Trabalhadores, os Pastores, e outros as fazem tão bem quanto eles; & se os Astrólogos se vangloriam de poder predizer o que ocorrerá dentro de vários dias, meses, & vários anos, eles se vangloriam de uma coisa que lhes é impossível; porque não há mais a conexão semelhante comum & familiar, & conhecida, & que a diversidade dos Efeitos Sublunares, a Chuva, por exemplo, ou a Serenidade, não dependem da situação diversa & da influência e virtude diversa dos Planetas, & das Estrelas, mas da virtude diversa & ação diversas das Causas Sublunares (BERNIER, *Abregé de la philosophie de Gassendi*. Tome IV, p. 500).

5.18 caráter secreto

Outro ponto significativo apontado por autores como Pierre Gassendi, John Melton e Francis Crow nos seus comentários negativos sobre a astrologia dizia respeito a acusações de ela não ser praticada abertamente. Pode-se notar que muitas vezes os discursos desses críticos eram idênticos a esse respeito (MELTON, *The astrologaster*,

p. 21; CROW, *The vanity and impiety of judicial astrology*, p. 13; GASSENDI, *The vanity of judiciary astrology*, p. 127).

Crow apontava que se fosse uma “arte ou ciência”, a astrologia devia ser estudada aberta e livremente, e não ser avessa às discussões. Seus praticantes deveriam estar abertos a discutir os princípios da astrologia com pessoas cultas. Melton também questionava o porquê de a astrologia ser estudada de modo oculto. Se ela fosse uma arte ou ciência porque ela não seria como as outras?

Na carta ao leitor do *Christian Astrology*, William Lilly menciona que houve quem tivesse tentado persuadi-lo a não explicar abertamente a sua arte (LILLY, *Christian Astrology*, To the Reader). À exceção deste comentário, no material analisado nesta tese, não encontramos indicações de que os astrólogos considerassem que sua arte deveria ser praticada de modo oculto.³⁷

Aliás, o caso de William Lilly mostra que nem todos os astrólogos concordavam que a astrologia devia ser restrita a poucos e praticada secretamente. Basta nos lembrarmos, por exemplo, do empenho de William Lilly, líder reconhecido de sua profissão em Londres durante boa parte do século XVII, em tornar claras, evidentes e acessíveis as regras de sua arte através do *Christian astrology*. Essa obra nos deixa pouca dúvida de que havia sim quem realmente estivesse disposto a mostrar como o astrólogo trabalhava (ver **capítulo 2** desta tese).

5.19 utilidade

Se procuramos os bens da alma, o que pode ser mais condutivo ao bem-estar, prazer e satisfação em geral do que este tipo de previsão, pela qual ganhamos plena visão das coisas humanas e divinas? E se procuramos os bens do corpo, tal conhecimento, melhor do que qualquer outro perceberia o

³⁷ Segundo o historiador Patrick Curry, Elias Ashmole (amigo de Lilly e também astrólogo) com base em valores elitistas e conservadores, considerava que a iniciação aos segredos astrológicos deveria ser restrita a poucos eleitos. No entanto, o próprio Curry parece também às vezes sugerir que a preocupação de Ashmole não era exatamente aquela: “Ele se preocupava com o fato de que se fosse “criteriosamente mostrada ao Mundo”, a astrologia seria motivo de admiração, se “exposta incorretamente” tornar-se-ia apenas “o desprezo e a desonra do Vulgar” (CURRY, *Prophecy and power*, p. 37).

que é mais adequado e expediente para as capacidades de cada temperamento (PTOLEMY, *Tetrabiblos*, I. 3, 10).

Ainda no século II, Ptolomeu procurou expressar a utilidade da astrologia, e se mostrava preocupado em rebater críticas de que esta era uma arte inútil ou mesmo prejudicial ao homem. Não estavam corretos os que diziam que o conhecimento do que estava por vir era supérfluo. Para ele, tal conhecimento acalmava a alma, na medida em que evitava pânico excessivo ou delírios de alegria, e preparava o ser humano para enfrentar o futuro. Além disso, não exatamente os eventos eram destinados a cada pessoa por causas irrevogáveis, para ocorrerem necessariamente e sem a possibilidade de que qualquer outra causa interviesse. Para Ptolomeu, “certas coisas, porque suas causas efetivas são numerosas e poderosas, são inevitáveis, mas outras, pela razão oposta podem ser prevenidas” (PTOLEMY, *Tetrabiblos*, I. 3, 11-13).

Ptolomeu advogava grande utilidade da astrologia, e deixava claro haver quem dissesse o contrário.

O debate sobre essas questões se prolongou por séculos a fio. Para o religioso Francis Crow, que escrevia no século XVII, visto as previsões da astrologia serem más em sua maior parte, então era melhor nem sabê-las (CROW, *The Vanity and Impiety of Judicial Astrology*, pp. 21-3).

Ainda no século XVI Cornelius Agrippa havia destacado certa capacidade da astrologia de *fazer* com que as coisas acontecessem como previsto. Seriam *efeitos* maléficos da astrologia a ruína de pessoas crédulas, guerras e levantes nas nações. Para o filósofo Pierre Gassendi a astrologia não somente era vã e repleta de bobagens, como também fazia mal às pessoas. Previsões de acontecimentos negativos traziam temor, inquietude, desânimo ou mesmo desespero aos homens, e esses sentimentos podiam mesmo fazer com que as previsões se confirmassem. A confiança no sucesso podia induzir pessoas a agirem de modo ousado e imprudente, ou ainda, a certeza da impunidade ou o sentimento de vingança podia levá-las a más ações (GASSENDI, *The vanity of judiciary astrology*, pp. 86-7; 148-9; 151; AGRIPPA, *The vanity of arts and sciences*, p. 91).

Para Gassendi não era válido dizer quer os maus acontecimentos previstos podiam ser evitados, porque caso eles fossem evitados eles não poderiam ter sido previstos, ou ainda deveria haver a previsão de que eles seriam evitados (GASSENDI, *The vanity of judiciary astrology*, p. 88).

Sobre essa questão é interessante notarmos que *justamente* a possibilidade de evitar os maus acontecimentos era uma justificativa dos astrólogos para a utilidade da astrologia.

William Lilly muitas vezes deixou transparecer o quanto a astrologia sofria críticas, e procurou defendê-la de acusações de ser uma “arte desprezível”: se bem compreendida e conduzida habilmente, ela não seria um conhecimento inútil nem trivial (LILLY, *Englands Propheticall Merline*, The Epistle Dedicatory).

Assim Lilly construía sua argumentação: suas previsões visavam o bem, e a fim de evitar que problemas maiores ocorressem era melhor segui-las. Quando dizia que as coisas não ficariam boas para a monarquia não fazia isso com a intenção de prejudicar o rei, mas sim de ajudá-lo a impedir a catástrofe que estava por vir. E mais ainda, como mostra o *Englands Propheticall Merline*, as previsões estariam se concretizando, o que deveria colocar o rei em alerta porque todo o resto poderia se concretizar:

[...] se fosse legal, e Sua Majestade ordenasse, e se algum Artista o avisasse que dentro de um ano ele teria algum desentendimento com seus súditos e mencionasse a porção dos Céus de onde isso prodeceria, e a previsão de mostrasse falsa, Sua Majestade não seria prejudicada por ela. Mas quando ele constatasse que parte da previsão se verificou, e o restante se aproximava isso poderia fazer com que ele considerasse os eventos que poderiam se seguir se a causa não fosse removida (LILLY, *Englands Prorpheticall Merline*, To the Reader).

Os reis estavam sujeitos às leis da natureza e muitas calamidades podiam ser evitadas com a pré-ciência do que ia ocorrer, porque eles estavam ligados ao destino dos seus súditos em geral. Se fosse possível lidar com eles tão livremente quanto com os

outros homens... – dizia William Lilly (LILLY, *Englands Propheticall Merline*, p. 88).³⁸

Quanto a revelar ou não previsões sobre maus acontecimentos, William Lilly também procurou se posicionar a partir de critérios éticos. Respostas sobre vida e morte deveriam ser delegadas a Deus. Ainda que os astros mostrassem que um homem doente ia morrer, ele poderia, em tempo, fazer as pazes com Deus e continuar a viver. O astrólogo, segundo transparece nessas considerações, devia se preocupar com as consequências de suas previsões. Era correto revelá-las quando fizessem o bem: impedissem uma pessoa de sofrer na esperança de conquistar alguém que nunca seria conquistado, revelassem o caminho para uma promoção ou se impedissem a ruína de um comerciante por causa de um desastre marítimo, por exemplo.

Essa preocupação com o fazer o bem através da astrologia também transparece nas considerações a respeito das natividades. Prevendo que certas doenças atingiriam uma pessoa em determinado momento de sua vida, ela era alertada a procurar um médico em determinadas épocas a fim de equilibrar os humores e evitar sofrimentos mais graves.

5.20 conhecimento insuficiente dos céus

ESTRELAS NO JULGAMENTO ASTROLÓGICO

Na obra *Englands Propheticall Merline*, William Lilly produziu uma minuciosa análise para o mapa astrológico da conjunção de 1643. Essa análise demonstra a importância e especificidade das composições entre a influência das estrelas fixas e planetas para que o astrólogo do século XVII chegasse ao panorama de possíveis efeitos decorrentes de uma dada configuração. Os astrólogos usavam não apenas as constelações como um todo, mas também as estrelas individuais.

Lilly *detalhadamente* analisou as influências das estrelas fixas dispostas nas casas astrológicas (LILLY, *Englands Propheticall Merline*, pp. 70-1). Além de

³⁸ Lilly podia estar se referindo à censura e também à ilegalidade de se fazer a natividade dos reis.

referências a situações políticas, foram também destacadas a situação das colheitas e do gado e as doenças trazidas pelas estrelas de acordo com as suas naturezas (de Júpiter, Saturno, Marte, etc.).³⁹

Em Libra, no topo da décima casa, cujo significado Lilly parecia fazer questão de lembrar (Rei, magistrados, Cortes de Justiça, autoridades, etc.), estava a estrela Arcturus, uma estrela de primeira magnitude, da natureza de Júpiter e Marte. A composição indicava traição.

Havia a influência de uma estrela da natureza de Saturno e Vênus na décima primeira casa, que dizia respeito aos serventes do rei, favoritos e assistentes, e a de uma estrela da natureza da Lua e Marte, além das Plêiades de natureza atijadora e indisciplinada na quinta casa.

Junto à cúspide da primeira casa⁴⁰, isto é, ao ascendente, estavam próximas a Escorpião duas estrelas, uma da natureza de Marte e da Lua e a outra de Saturno e Vênus. Incitavam tumultos repentinos nas multidões incontroláveis. A falta de forma de uma dessas estrelas indicava que essas pessoas teriam julgamentos não refinados. Lutariam sem saber por quê e, ao mesmo tempo, sem acreditar na sua ignorância até que fossem derrotados.

A sétima casa (mulheres, guerra e inimigos públicos) tinha na sua cúspide várias estrelas da natureza de Mercúrio e Vênus. Como esses planetas significavam juventude e pessoas satíricas e mordazes, a composição mostrava homens e mulheres jovens contribuindo para deixar o mundo em desacordo.

Na segunda casa, uma estrela da natureza de Mercúrio de Saturno, mostrava a utilização de meios escusos para obter riquezas alheias. Na oitava casa, a influência maligna de várias estrelas da natureza de Saturno, Marte, Mercúrio e do Sol levava ao

³⁹ Como mencionamos, muitas eram as críticas ao uso de analogias para estabelecer a natureza dessas estrelas.

⁴⁰ Para Lilly, a primeira casa se chamava horóscopo nas natividades, e ascendente nas questões horárias, e figuras para conjunções e eclipses.

violento confisco de heranças pelo rei e seus protegidos, juízes injustos, patifes ou comandantes insultadores.

A presença de uma estrela de terceira magnitude da natureza de Saturno junto à conjunção aumentava a força daquele planeta e diminuiria a de Júpiter. Da composição entre o planeta Marte e as estrelas que o acompanhavam advinham mais tumultos repentinos, derramamento de sangue e rebeliões de serviçais e subordinados. O Sol, que representava a comitiva real, estava com algumas estrelas da natureza de Júpiter, Saturno e Mercúrio, clamando ajuda por ser ele próprio “peregrino” (LILLY, *Englands Propheticall Merline*, p. 74).

Segundo trecho de Proclus, citado por William Lilly, deveriam ser consideradas as estrelas de grande magnitude, as localizadas na eclíptica e as angulares, isto é, dispostas nos vértices nas casas (LILLY, *Englands Propheticall Merline*, p. 70).

Tal como Lilly, o astrônomo-astrólogo Joshua Childrey demonstrava dar grande importância às estrelas fixas em suas previsões, e também dava indicações de que outros autores mais antigos faziam o mesmo. Citando ter consultado as conclusões de Stadius, apontava que Marte passando pelas Plêiades (estrelas da mesma natureza desse planeta) implicava num tempo mais quente. A passagem de Vênus por essa mesma estrela significava três dias de chuva (CHILDREY, *Syzygiasticon instauratum*).

Havia, portanto, grande contribuição advinda dessas muitas estrelas a serem levadas em conta. E a necessidade de conhecer essas estrelas foi discutida por alguns críticos da astrologia no século XVII.

CONHECIMENTO INSUFICIENTE

Para o religioso Richard Carpenter (?-1670), se havia muitos equívocos na astrologia também a teologia não era perfeita. As ciências, entre elas a astrologia, sofriam um processo cotidiano de aperfeiçoamento. Muitas coisas desconhecidas na época de Aristóteles, eram então sabidas no século XVII:

[...] o Planeta Vênus e Mercúrio se movem em torno do Sol, e que agora estão sobre o Sol, e depois abaixo dele, e que Vênus de fato aumenta, e tem chifres como a Lua, e que o Sol e a Lua têm manchas [...], e que alguns

Cometas têm suas moradas acima da Lua [...] (CARPENTER, *Astrology proved harmless*, p. 35).

Além disso, se na astrologia muitas coisas não podiam ser sabidas a fundo, também outras ciências, como a filosofia, estavam em condições semelhantes (CARPENTER, *Astrology proved harmless*, pp. 34-5).

Carpenter estava rebatendo certas críticas bastante antigas à astrologia. Como havia apontado o filósofo Favorinus, no século II D.C., o número de estrelas fixas e de planetas podia não ser conhecido, de modo que nem todas as influências podiam ser compreendidas (BARTON, *Ancient astrology*, p. 54).

No século XVII, o conhecimento de planetas e estrelas era apontado como insuficiente. Houve quem conjecturasse sobre a repercussão para a astrologia de planetas e estrelas possivelmente ainda não notados. Havia como aceitar a validade da astrologia, se não se sabia o que ainda podia ser descoberto nos céus?

Para alguns críticos, o desconhecimento dos céus era um problema para a astrologia. E esse problema nunca seria resolvido. A astrologia dependia do que jamais poderia ser compreendido.

No seu tratado contra a astrologia, John Chamber se apoiou no desconhecimento dos céus e seus poderes. Estrelas desconhecidas, cujos efeitos eram obviamente ignorados, podiam ser maiores do que a Terra. Poderia até haver mais planetas, e nem ao menos existia acordo em relação ao tamanho e a ordem dos já notados. Faltavam dados importantes para a astrologia como o número real de estrelas, presumidamente muito maior do que o número de estrelas já conhecidas. Os efeitos dessas estrelas deviam ser computados (CHAMBER, *A treatise against iudiciall astrology*, p. 16).

Para Chamber, não era questão de tempo ou de mais estudos reverter essa situação. O conhecimento seria sempre insuficiente mesmo no que tangia às coisas mais básicas e que podiam ser vistas. Essas nunca poderiam ser compreendidas. O enorme número de estrelas e certas alterações nos planetas, provenientes da variedade dos seus movimentos, tornavam impossível esse conhecimento (CHAMBER, *A treatise against iudiciall astrology*, pp. 90-3; 123-5).

Também para o religioso escocês Francis Crow (?-1692), o “desconhecimento dos Céus”, do número de estrelas e suas influências, da natureza dos céus e da ordenação das orbes, impedia a astrologia. Se não havia conhecimento nem do que estava perto, quanto mais de coisas tão remotas (CROW, *The vanity and impiety of judicial astrology*, pp. 5-6). É interessante notar que Crow admitia a existência de influências astrológicas, mas dizia que essas eram desconhecidas, e nem havia como um dia chegarmos a conhecê-las, pois a Bíblia negava essa possibilidade. Então, não havia solução para a astrologia.

No século anterior, pode-se dizer que Jean Porthaise havia assumido uma posição um pouco mais amena, no sentido demonstrar expectativa de que algumas questões importantes fossem respondidas. Porthaise apontou o desconhecimento também de aspectos *teóricos* importantes. Antes de se poder assegurar a validade da astrologia deviam ser resolvidas questões ainda dissonantes como o número de céus, a ordem das esferas e planetas, e seus movimentos. Também, segundo ele, havia coisas que não podiam ser facilmente conhecidas, das quais, no entanto, os próprios astrólogos diziam que as natividades dependiam (PORTHAISE, *De la vraie et favlse astrologie*, p. 85).

Para Porthaise era presunção falar como se já soubessem tudo, enquanto na realidade não conheciam bem os efeitos das estrelas, e como uma podia impedir ou ajudar a ação da outra. E se essas tinham comportamentos diferentes, aparecendo e desaparecendo não todas sob um mesmo horizonte, também algo de especial podia variar de uma para outra no que tangia às suas influências (PORTHAISE, *De la vraie et favlse astrologie*, pp. 52-3; 234 e 237).

Sobre comentários nesse sentido, devemos lembrar que mesmo que os astrólogos não conseguissem definir ou identificar quem exatamente era responsável por determinado efeito, ao analisarem uma determinada ocorrência podiam levar em conta a *influência total*. Então, à medida que conhecessem os responsáveis específicos pelos efeitos observados, podiam chegar a conclusões mais particulares sobre as influências. Isso era um processo normal na ciência, e poderia ocorrer na astrologia.

Quanto à influência dos planetas ser variável, como sugerido por Chamber, pode-se dizer que esse era sim um argumento bastante razoável, mas, ainda nesse caso a astrologia poderia tentar compreender como se comportava essa variação; se essa tinha ou não alguma regularidade, por exemplo.

Nas suas críticas à astrologia, Chamber procurou mostrar que o próprio Cardano havia atribuído muitas previsões falsas ao provável desconhecimento de estrelas (CHAMBER, *A treatise against iudiciall astrologie*, p. 132). O filósofo Pierre Gassendi sugeriu algo semelhante. Apontou que mesmo as melhores efemérides de sua época ainda eram incertas, e que pequenas diferenças na posição de um planeta eram suficientes para que numa figura astrológica ele tivesse que ser deslocado da primeira para a décima segunda ou para a segunda casa, por exemplo. E isso - alertava o filósofo - causava graves diferenças nos julgamentos astrológicos (GASSENDI, *The vanity of judiciary astrology*, p. 63)

Já aparentemente sob o impacto das novidades da astronomia, Pierre Gassendi questionava quais seriam as conseqüências de saberem que “as verdadeiras posições dos Planetas nunca foram exatamente conhecidas” (GASSENDI, *The vanity of judiciary astrology*, p. 63). Ou se descobertas sobre os planetas e seus movimentos tornassem necessário uma teoria não só diferente como talvez até mesmo contrária as então cogitadas (GASSENDI, *The vanity of judiciary astrology*, pp. 63-4).

A possibilidade de que algumas coisas nas quais se acreditava serem equivocadas foram abordadas por Pierre Gassendi ao apresentar problemas técnicos envolvidos na construção de natividades:

Que se ignoramos o verdadeiro lugar do Sol e das Estrelas, como consta que isso foi ignorado até este Século, & que ainda agora restam coisas a serem corrigidas? Que se não sabemos de verdade & exatamente a altura do Pólo, como há poucos lugares onde ela foi observada? Que se nós não temos certeza da Longitude do lugar ou da diferença de Meridianos? Que se nós não levamos em conta suficientemente as Refrações, como ninguém o fez antes de Tycho? [...] em quaisquer desses casos, onde está a segurança da Natividade & do Horóscopo? (GASSENDI, *The vanity of judiciary astrology*, p. 63).

Apresentamos neste capítulo alguns “argumentos técnicos” comumente dirigidos contra a astrologia no século XVII, e como os defensores desses conhecimentos se manifestavam acerca dessas questões.

O historiador Cameron Allen sugeriu a existência de uma forte constância nos argumentos contra a astrologia durante a Renascença. Segundo Allen, havia algumas poucas variações ilustradas nas idéias de Ficino, Pico de Mirandola e Pontano. O primeiro acreditava que as estrelas influenciavam o corpo humano, mas se recusava a atribuir poderes decisivos aos planetas. Pico della Mirandola aceitava que as estrelas tinham uma influência geral, mas negava que essa influência fosse particular e previsível. Pontano acreditava que as estrelas causavam a diversidade dos caracteres e destinos dos homens, e que a astrologia explicava todos os eventos terrenos, mas não negava as contribuições da hereditariedade e do ambiente (ALLEN, *The star-crossed Renaissance*, p. 244).

Como aponta Cameron Allen, os defensores e críticos da astrologia dos séculos XVI e XVII utilizaram algumas dessas idéias e se apoiaram na autoridade desses autores, mas não se dedicaram a desenvolver seus argumentos (ALLEN, *The star-crossed Renaissance*, pp. 244-5). As atitudes em relação à astrologia nesse período se mantiveram estáveis, isto é, não foram elaborados novos argumentos para defendê-la ou rejeitá-la.

Como mostramos neste capítulo, os debates acalorados demonstravam a importância da astrologia na época, as dificuldades de defendê-la e também de refutá-la. Boa parte da argumentação a favor da astrologia e da contra-argumentação reproduziu essencialmente o debate tradicional sobre este assunto desde a Antiguidade.

As pessoas no século XVII não se dedicaram a aprofundar as discussões sobre a astrologia, dando novos formatos e especificidades a esses argumentos e contra-argumentos. Como veremos no **capítulo 6**, mesmo as novas descobertas e idéias da astronomia pouco foram utilizadas no sentido de aprofundar ou mudar o tom desses debates.

Capítulo 6

críticas e defesas da astrologia

“argumentos relacionados à “nova” astronomia”

Neste capítulo estudamos, no contexto das críticas e defesas da astrologia no século XVII, o emprego de argumentos relacionados à “nova astronomia” da época.

A utilização de telescópios havia possibilitado observar estrelas nunca antes notadas, satélites de Júpiter e manchas no Sol. Havia-se estabelecido que os cometas estavam acima e não abaixo da Lua como antes se pensava.

Do ponto de vista teórico, durante o século XVII, a concepção copernicana passou a ser vista com menos desconfiança do que quando surgira, e começava a tomar lugar da concepção ptolomaica de universo. Não é incorreto dizer que esse processo de consolidação da nova astronomia parece ter *coincido aproximadamente* com o processo de declínio da respeitabilidade intelectual da astrologia discutido no primeiro capítulo desta tese.

É tentador, aliás, pensarmos que essa “nova astronomia” foi *a causa* da perda de prestígio intelectual da astrologia. Afinal, a astronomia durante este período pouco a pouco passou de geocêntrica a heliocêntrica, e a astrologia estudava as influências celestes sobre a Terra, isto é, como se nosso planeta fosse um centro de convergência dessas influências ...

Parte dos raríssimos trabalhos historiográficos sobre a astrologia caiu nessa tentação, e esqueceu de verificar como *as pessoas no século XVII* viram essa questão. Esses trabalhos apontaram uma ligação estreita entre o declínio da respeitabilidade intelectual da astrologia e essas mudanças da astronomia.¹

Procuramos verificar em que sentido de fato essa “nova astronomia” representava um claro desafio para a astrologia. Dois tipos básicos de questões são analisadas: possíveis impactos relacionados às novas descobertas, isto é, elementos

¹ Poucos autores, como Ann Geneva e Mary Bowden, sugerem alternativas para explicar essa situação. Na conclusão desta tese comentamos como diferentes autores se dedicaram a explicar o que ocorreu com a astrologia durante o século XVII.

relacionados a aspectos observacionais; e possíveis impactos relacionados às novas idéias, isto é, elementos relacionados a aspectos teóricos.

Como mostramos neste capítulo, houve alguma discussão a respeito, por exemplo, do impacto da descoberta dos satélites de Júpiter na astrologia. Já a “Revolução Copernicana” não parece ter sido usada como um novo argumento contra a astrologia durante o século XVII na Inglaterra.²

Neste capítulo mostraremos que adotar o sistema copernicano talvez pudesse implicar em alguma reformulação das propriedades fundamentais dos planetas, *mas* nem os críticos da astrologia, nem astrólogos importantes como William Lilly, parecem ter dado atenção a possíveis repercussões desse tipo.

A astrologia praticamente não foi criticada em função da crescente aceitação do sistema copernicano. E quem praticava astrologia, como Lilly, geralmente nem se deu ao trabalho de comentar que adotar esse sistema não abalava a astrologia. Muito pelo contrário, houve quem (como Joshua Childrey) o visse como solução para dificuldades internas da astrologia.

6.1 As novas descobertas da astronomia foram usadas contra a astrologia?

OS SATÉLITES DE JÚPITER

A astrologia foi tema de grande interesse do astrônomo Johannes Kepler e entrou na pauta de suas conversações com Galileu Galilei. Em 1610, Kepler produziu interessantes comentários a respeito da repercussão para a astrologia da descoberta de quatro satélites de Júpiter, num diálogo com Galileu, o próprio autor daquela proeza.

Haverá quem julgará vã nossa astrologia terrestre ou, falando em filosofia (da natureza), nossa doutrina dos aspectos, sob o pretexto de termos

² Alguma ressalva deve ser feita, no entanto, a respeito de termos verificado um único apontamento nesse sentido, sugerido por uma obra já no limiar entre os séculos XVII e XVIII. Discutiremos essa questão nesse capítulo.

ignorado até agora o número de planetas³ que formam esses aspectos (KEPLER, *Dissertatio cvm nvncio sidereo*, p. 27).

A questão, pode-se notar, causou certa inquietação a Kepler e levou-o a profunda meditação.

O astrônomo julgava que Deus nada havia criado em vão. Cada coisa deveria ter uma função. Os satélites de Júpiter, como parte da criação divina, deveriam ser benéficos a alguém. Nada poderia ser inútil ou supérfluo. Mas por que existiriam tais satélites se movendo em torno de Júpiter com períodos e a distâncias diferentes, “se não há alguém sobre o globo de Júpiter para se dar conta com seus olhos desta admirável variedade?” (KEPLER, *Dissertatio cvm nvncio sidereo*, p. 27).

Como os satélites de Júpiter não podiam ser observados a olho nu, então, a função de servir-nos como maravilha para contemplação não lhes cabia. Endereçando-se diretamente a Galileu, Kepler dizia que a contemplação com o uso do telescópio não deveria ser encarada como uma função usual desses corpos celestes, pois nunca chegaria a época em que isso se tornaria algo corrente entre as pessoas.

Se essa não era, portanto, a incumbência divina desses quatro satélites de Júpiter observados por Galileu, que papel lhes cabia no universo?

Só parecia restar a Kepler a opção de considerá-los como fonte de influências astrológicas. Mas se a astrologia nunca havia levado em conta essas influências, a descoberta dos satélites podia acarretar problemas a essa área. Além disso, a possibilidade de observar outros satélites abria caminho para mais problemas ...

Seria possível dizer que as influências dos satélites de Júpiter já eram normalmente computadas, mesmo que não se soubesse anteriormente da existência particular de cada um deles? Era possível alegar que o que tínhamos até então era não o efeito de Júpiter, mas sim do conjunto “Júpiter+satélites”?

O que significaria se Júpiter tivesse sua influência alterada de acordo com a influência dos seus satélites, fossem elas no sentido de reforçar ou diminuir a influência

³ Kepler se referiu inicialmente aos satélites de Júpiter usando o termo “planetas” (ver KEPLER, *Dissertatio cvm nvncio sidereo*, p. 27). Em um segundo trabalho do mesmo ano, o *Narratio de observatis jovis satellitibus*, ele passou a usar o termo “satélite”.



IOANNIS KEPLERI
Mathematici Cæsarei
DISSERTATIO
Cum
NUNCIO SIDEREO
nuper ad mortales misso
à
GALILÆO GALILÆO
Mathematico Patavino.

Alcinous,
Διὶ δ' ἑλευθερίον εἶναι τὴν γνώμην τὴν μέλλουσαν φιλοσοφῆσαι.

Cum Privilegio Imperatorio.

P R A G Æ,
TYPIS DANIELIS SEDESANI.
Anno Domini, M.DC.X.

Johannes Kepler (1571-1630), um dos mais importantes personagens da “revolução copernicana”, dedicava-se à astrologia e propôs algumas modificações de suas técnicas. Na sua obra *Dissertatio cum nuncio sidereo*, defendeu a astrologia contra críticas surgidas após as descobertas dos satélites de Júpiter, por Galileo. (KEPLER, Iohannes. *Dessertatio cum nvncio sidereo nuper ad mortales misso à Galilæo Galilæo mathematico patavino*. Pragæ: Typis Danielis Sedesani, 1610).

original? Júpiter isolado poderia ter um significado diferente de Júpiter e seu conjunto de satélites ...

Para o filósofo Pierre Gassendi (1592-1655) poderia haver repercussões para a astrologia da descoberta de novos satélites:

Se a Lua à medida que aumenta ou diminui adquire vários graus de Fortitude e Debilidade, e causa vários efeitos, não devemos esperar o mesmo de Vênus, que da mesma forma tem as mesmas variedades de Fases que a Lua? Se a Terra sofre alterações de acordo com os vários aspectos da Lua, Júpiter também deveria sofrer alguma alteração devido aos aspectos das suas próprias Luas, que são maiores em número, mais rápidas em movimento e mudanças de configuração? E de acordo com essa alteração não é razoável conceber que Júpiter se torna mais forte ou mais fraco em atividade em relação aos corpos inferiores? O mesmo não pode ser dito a respeito de Saturno [...] (GASSENDI, *The vanity of judiciary astrology*, p. 63)?

Para Gassendi, quem aceitava a astrologia devia dar atenção ao fato de que suas regras deveriam ser reformuladas em função dessas novas descobertas da astronomia.

Já para o modo como Johannes Kepler concebia a atuação das influências astrológicas não parecia importar se Júpiter estava sozinho ou acompanhado pelos satélites então recém-descobertos.

Kepler apresentou suas considerações a Galileu. Considerava sim que a função dos satélites de Júpiter deveria ser emitir influências astrológicas, mas não via isso como um abalo para a astrologia.

Nota-se que a explicação de Kepler era baseada justamente no fato de conceber que os astros *somente* agiriam *sobre a Terra* “por aspectos”.⁴ Os aspectos pareciam ser para Kepler uma questão principalmente geométrica e harmônica.

[...] os astros agem sobre nós de acordo com o ponto onde suas posições se comunicam com nossa terra. Porque eles agem pelos aspectos; ora, o aspecto é uma disposição [criada por] um ângulo [do qual o vértice é] o centro da terra ou o olho. Ou seja, [os astros] não agem eles mesmos sobre nós, mas os aspectos que eles compõem se tornam o objeto e o estimulante

⁴ O historiador Gérard Simon, que estudou com profundidade os escritos Johannes Kepler, afirma: “Na sua correspondência, ele volta constante ao fato de que fora os aspectos, ele rejeita tudo o que rege as interpretações tradicionais” (SIMON, *Kepler: astronome, astrologue*, p. 93). Simon cita, por exemplo, uma correspondência de Kepler a Thomas Harriot, em 1606: “[...] já faz dez anos que rejeito completamente a divisão em doze signos iguais, as casas, as dominações, as triplicidades; nada aceito além dos aspectos e reconduzo a astrologia à doutrina harmônica” (*apud* SIMON, *Kepler: astronome, astrologue*, p. 93).

das faculdades terrestres que participam de uma razão unicamente instintiva (KEPLER, *Dissertatio cvm nvncio sidereo*, pp. 27-8; grifo meu).

Como vistos da Terra os satélites estão sempre muito próximos de Júpiter, então, eles não podiam modificar os aspectos do planeta com a Terra.

Kepler insistiu ainda numa outra questão significativa. Para efeito de verificação do aspecto com a Terra, Júpiter era tratado como um ponto. A partir da Terra, o diâmetro da órbita do satélite mais afastado de Júpiter equivalia aproximadamente ao tamanho do diâmetro do Sol (respectivamente 28 e 30 minutos). Se este era tratado como um ponto, então também o conjunto Júpiter + satélites podia ser tratado como um ponto, pois os satélites eram muito pequenos e nunca se afastavam mais do que quatorze minutos de Júpiter. Do ponto de vista geométrico, isto é, do que interessava para a composição do aspecto para Kepler, o efeito dos satélites era “aumentar” Júpiter, e mesmo assim muito pouco. A comparação com o Sol ainda mostrava que ele podia ser tratado como um ponto.

Influências individuais desses satélites sobre a Terra seriam desprezíveis. Os satélites de Júpiter só deveriam ser astrologicamente importantes para os próprios habitantes do planeta Júpiter.⁵

Desta maneira a astrologia conserva o seu lugar, e ao mesmo tempo torna-se claro que esses quatro novos planetas secundários não foram dispostos para nós que habitamos sobre a terra, mas para as criaturas jupiterianas que povoam todo o globo de Júpiter. Isso aparece com mais evidência a quem segue Copérnico em seu sistema de mundo, como você, Galileu, e como eu [...] (KEPLER, *Dissertatio cvm nvncio sidereo*, p. 28; grifo meu).

Isso porque Kepler comparava a situação Lua (como satélite da Terra)/planeta Terra à situação satélites de Júpiter/planeta Júpiter. Os satélites de Júpiter só teriam significado astrológico para Júpiter, tal como a Lua só teria significado astrológico para a Terra: “[...] e os planetas, com seus habitantes, são [...] servidos pelos seus próprios circuladores” (KEPLER, *Dissertatio cvm nvncio sidereo*, p. 28).

É interessante notarmos que, para Kepler, compreender que esses quatro satélites de Júpiter, isto é, essa nova contribuição observacional à astronomia, não

invalidava a astrologia era mais fácil para quem adotava o sistema copernicano, isto é, uma das novas contribuições teóricas à astronomia.

OUTROS ASPECTOS OBSERVACIONAIS

Em termos de novos aspectos observacionais, a utilização de telescópios possibilitou não somente a descoberta de quatro satélites de Júpiter, como também notar pela primeira vez estrelas ainda não observadas.

O filósofo Pierre Gassendi registrou essas circunstâncias na sua obra contra a astrologia: os telescópios descobriam cada vez mais estrelas que não podiam ser observadas a olho nu.

Para Gassendi, caso se aceitasse a concepção dos astrólogos, essas estrelas deviam ter seus efeitos e, por isso, era necessário *compor “novas Regras e preceitos” para atribuir a essas o que era computado como efeitos de outras estrelas*. Deixando explícito que não era o primeiro a levar em consideração essas circunstâncias da nova astronomia, e que havia quem argumentasse que essas estrelas eram desprezíveis, Gassendi apontou que muitas delas tinham sim tamanhos consideráveis (GASSENDI, *The vanity of judiciary astrology*, pp. 67-8).⁶

Nota-se que o filósofo não sugeriu que isso seria um “aperfeiçoamento” da astrologia, de cujas concepções, aliás, parecia divergir profundamente (ver **capítulo 5**). Esse era um argumento contra a “validade” da *astrologia então praticada*. Havia mais um complicador ao qual os astrólogos deviam dar atenção, e que os defensores da astrologia não podiam negar. *Se essas estrelas já existiam*, mas ainda não haviam sido observadas, seus efeitos sobre fenômenos meteorológicos, por exemplo, possivelmente já eram computados como provenientes de outras estrelas; restava separá-los dos efeitos dessas estrelas conhecidas há mais tempo e atribuí-los a quem era de direito.

⁵ Ao menos nessa passagem e nas outras próximas a ela, Kepler não especula sobre a existência desses seres.

⁶ Se referindo às estrelas *ainda desconhecidas*, logo no início do século XVII, Christopher Heydon sugeriu que “as estrelas conhecidas são de maior virtude do que aquelas remotas e invisíveis podem ser” (HEYDON, *A defence of iudiciall Astrologie*, p. 113). Seu comentário poderia sugerir que as estrelas observadas com mais dificuldade teriam menos efeito sobre a Terra. Quem sabe as estrelas observadas com o telescópio pudessem ser até desprezíveis em efeito?

Esse não era *exatamente* um argumento contra a validade da *astrologia em si*. Mas como a qualquer momento podiam ser observadas novas estrelas, haveria sempre a necessidade de reformar as regras praticadas. Será que isso valeria à pena ou era mesmo viável? As declarações de Gassendi pareciam induzir o leitor a acreditar que não, mas ainda assim a eficácia desse argumento poderia ser questionada.

Um argumento baseado na observação de estrelas ou mesmo planetas ainda desconhecidos seria bastante eficaz se dissesse respeito à *possibilidade de “nascerem” novos astros*, e não de que fossem especificadas as contribuições particulares de estrelas e planetas, cujos efeitos ainda que em sua totalidade já eram supostamente computados.

Em 1572, Tycho Brahe observou de fato uma “nova” estrela na constelação de Cassiopéia. Essa estrela antes não observada, na época passou a ser vista mesmo a olho nu e se tornava cada vez mais brilhante do que as outras da mesma constelação.

O cônego inglês John Chamber se referiu a tal episódio, para se posicionar contra a astrologia:

Cerca de 22 anos atrás, 1578 [...] foi vista uma nova estrela na Cassiopéia que pelos julgamentos dos melhores observadores estava fora do alcance de Meteoros, estando tão longe quanto o Sol da Terra ao menos. Neste caso devemos ou admitir que essa estrela foi alimentada e corrompida no céu (o que se for verdade, segue então que o mesmo pode ocorrer e deve ocorrer com outros também) ou que pode haver mais Planetas do que sete, cujos cursos são desconhecidos para nós; ou finalmente que as estrelas fixas não mantêm suas oito órbitas, mas têm muitos circuitos e movimentos(CHAMBER, *A Treatise against Iudiciall Astrologie*, p. 18).

Chamber fez essa única referência à descoberta da estrela nova na Cassiopéia. Parecia sugerir que a nova estrela indicava a existência de geração e corrupção também nos céus, o que mostrava que esses eram mutáveis como o mundo sublunar. O cônego, no entanto, não chegou a explorar o assunto e especular sobre possíveis implicações para a astrologia.

Haveria uma repercussão devastadora para a astrologia dessa nova descoberta da astronomia?

O astrólogo Christopher Heydon se dedicou a comentar o assunto e nada parecia ver de perigo nessa situação. Heydon, que respondia ao *A Treatise against Iudiciall Astrologie* de John Chamber, havia confundindo a nova estrela de Cassiopéia,

descoberta por Brahe, com o estabelecimento, pelo mesmo astrônomo, de que os cometas estavam acima do mundo sublunar.

Que os Cometas brilham muito acima da Região Elementar [...] Tycho Brahe (o grande e honorável restaurador da Astronomia) [...] provou suficientemente por demonstração Matemática de suas próprias observações. Mas ainda assim não segue disso que isso seja tal geração que é acompanhada com a transmutação própria às coisas sublunares, como ele (Chamber) pode ver em profusão discutido em Tycho, se ele se der ao trabalho [...]; e cuja opinião *Rimarus, Ursus Dithmarsius Mestline, Rothmannus*, e muitos outros subescrevem [...] (HEYDON, *A defence of iudicial Astrologie*, pp. 124-5).

Ainda em fins do século XVI, o astrônomo Tycho Brahe demonstrou que os cometas estavam distantes, acima e não abaixo da Lua. Verificar que os cometas transitavam por essa região sugeria que os céus não eram perfeitos. Havia neles geração e corrupção tal qual no mundo sublunar, o que poderia, então, significar o fim da dicotomia entre esses dois mundos.

Heydon poderia, em tese, estar se referindo a essa situação, mas na realidade não estava. Havia mesmo confundido as duas coisas (cometas e a nova estrela). Referia-se neste último trecho citado ao comentário de John Chamber sobre a nova estrela.

Na obra a que Christopher Heydon respondia, Chamber nada dissera sobre cometas. Além disso, Chamber havia mencionado que a descoberta da estrela ocorrera em 1578. Referindo-se erroneamente a um *cometa*, Heydon corrigiu Chamber e apontou a data daquela descoberta como 1572, o que de fato foi a data da descoberta da nova estrela.⁷

Vemos, assim, que entre esses raros autores que se dedicaram a comentar a relação entre aquela nova estrela e a astrologia, havia muita confusão e pouco desenvolvimento de argumentos sobre o assunto.

Para o filósofo Pierre Gassendi, as descobertas pelo uso do telescópio deviam ser levadas em conta para o correto estabelecimento das regras da astrologia, já que essas

⁷ Segundo a historiadora Mary Bowden, Christopher Heydon teria mantido correspondência com Kepler, e estava a par das novidades da época, mas fazia alguma confusão entre elas. Segundo Bowden, para explicar uma suposta influência fria dos signos de Capricórnio e Aquário, tentou aplicar à astrologia idéias do *De magnete*, mas ao fazê-lo mostrou não ter compreendido a proposta de Gilbert (BOWDEN, “The scientific revolution in astrology: the English reformers, 1558-1686”, p. 134).

em boa parte provinham dos caldeus, que não dispunham desses instrumentos. Atento a esses novos aspectos observacionais da astronomia da época, Gassendi lembrou também que o número de manchas no Sol, bem como o volume dessas, era muito maior do que se presumia. Sem explicar por quê considerava que o Sol, então, deveria ter muito mais influência na Terra do que os astrólogos atribuíam a planetas interpostos entre eles, como Mercúrio e Vênus.

[...] os antigos ignoravam todas aquelas notáveis descobertas que foram feitas ultimamente tanto a respeito das estrelas Fixas quanto das Erráticas, que teriam requerido deles alterarem seus decretos Astrológicos; e principalmente aqueles que concernem às manchas no Sol [...] (GASSENDI, *The vanity of judiciary astrology*, p. 132).

Gassendi não chegou a desenvolver essa argumentação e comentar como a descoberta de manchas no Sol poderia abalar a astrologia.

A descoberta, em si, poderia não ser tão comprometedora para a astrologia. Mas a verificação de que essas manchas mudavam de aparência revelava a *inconstância* neste corpo celeste, e poderia comprometer o estabelecimento de regras para computar sua influência. Não encontramos, no entanto, evidências de que essa questão tenha sido apontada na época.

Estrelas novas, manchas solares, estrelas desconhecidas, satélites, esses novos aspectos observacionais da astronomia pouco foram comentados tanto pelos críticos quanto pelos defensores da astrologia...

Verificando as críticas à astrologia durante o século XVII podemos notar um ponto bastante curioso: *a maior parte dos autores recorria essencialmente a argumentos tradicionais* (ver **capítulo 3** e **5** desta tese). Pode-se dizer que ao menos não era comum conceber essas novas descobertas da astronomia como algo que punha em cheque a astrologia. Poucos, como Kepler, Galileu e Gassendi, se dedicaram a debater o assunto. E, alguns dos que o fizeram, como Heydon e Chamber, demonstravam pouco conhecimento sobre o assunto e não exploravam suas argumentações.

6.2 As novas idéias da astronomia foram usadas contra a astrologia?

Em 1602, o astrônomo Johannes Kepler publicou o trabalho intitulado *Concerning the more certain fundamentals of astrology*. Em setenta e cinco teses curtas, o trabalho apresentava as principais idéias de Kepler sobre a astrologia na época, previsões meteorológicas para o ano em curso e críticas aos astrólogos (ver o **capítulo 5** desta tese; ver também SIMON, *Kepler: astronome, astrologue*).

O autor aceitava a existência de influências astrológicas de todos os planetas, chamadas por ele de “causas físicas para previsões” (KEPLER, *Concerning the more certain fundamentals of astrology*, Thesis 19). A Lua teria influência, por exemplo, nas doenças, marés e nas reações químicas. As diferentes cores dos planetas observadas a partir da Terra indicariam influências diferentes entre esses planetas. Essas, no entanto, não seriam as tradicionais características quente-frio-seco-úmido distribuídas entre os planetas. Frio e seco não seriam qualidades positivas. Para Kepler havia duas faculdades, aquecer e umedecer, distribuídas entre os planetas de três formas: em excesso, moderação e deficiência.

Das teses 22 a 24, Johannes Kepler fez considerações a respeito de como aquelas faculdades apareceriam nos planetas. Partiu de quinze combinações possíveis e, eliminando as “que devem ser naturalmente rejeitadas”, por exemplo, “qualquer excesso ou deficiência solitária sem compensação” ou “ambas as faculdades, seja em excesso ou deficiência”, chegou a “cinco verdadeiras variedades”. Essas, por critérios que ele não explicou, foram distribuídas entre os cinco planetas.

Kepler especulou (de modo um tanto quanto confuso) sobre a possível natureza física dos planetas em função de critérios de analogia. Mostrava-se explicitamente insatisfeito com o modo como chegara a essas conclusões, mas também explicitamente convicto de não haver outra maneira de pensar sobre o assunto.

Os filósofos podem me desculpar por estabelecer conclusões para os corpos celestes a partir de corpos que estão ao nosso alcance. Eles mesmos [os filósofos] certamente não indicam quaisquer diferenças entre esses corpos. [...]. E é preferível dizer alguma coisa que não envolva algum absurdo palpável do que silenciar totalmente (KEPLER, *Concerning the more certain fundamentals of astrology*, Thesis 30).

Julgava que em função das naturezas particulares de suas superfícies, cada planeta refletiria de determinada maneira a luz do Sol. A qualidade do raio refletido, entendida como a aparência do planeta vista da Terra, indicaria a cor e natureza da superfície refletora.

[...] uma superfície preta quando fortemente iluminada irá emitir um raio vermelho. Isto é aparente num espelho de aço onde a cor branca da face e a cor preta do espelho quando misturadas apresentam a face de modo um pouco avermelhado [...]. Esta é a razão pela qual podemos corretamente dizer que a estrela Marte tem a superfície preta, porque seu raio é muito avermelhado. Então, sua luz refletida é enfraquecida; daí concluímos haver insuficiência de umidade. Pela mesma evidência de cor e umidade, iremos atribuir a Saturno uma superfície rugosa branca, porque ele é cor de chumbo; a Júpiter, uma [superfície] vermelha ou púrpura porque ele aparece dourado avermelhado [...] (KEPLER, *Concerning the more certain fundamentals of astrology*, Thesis 28).

Kepler, então, procurou verificar qual seria a possível constituição física desses planetas, comparando o que havia previsto sobre suas superfícies a materiais encontrados na Terra. Essa natureza particular, entendida como a possível constituição física do planeta, foi, portanto, estabelecida por Kepler, em última instância, em função da aparência dos planetas segundo nosso ponto de vista.

[...] eu afirmo que Saturno tem excesso de umidade, mas é deficiente em calor; o que é indicador da disposição do seu corpo ao gelo (que é igualmente muito úmido, por ser água desprovida de todo o calor), por ter uma superfície branca [...]. Os astrólogos dizem que é frio e seco, que é quase a mesma coisa. Mas como Saturno faz o verão chuvoso e neve no inverno ele merece mais ser chamado de úmido. Atribuímos ao corpo de Júpiter a similaridade a um rubi, porque é transparente como mostra sua forte luz, também uniforme e vermelho em função de seu brilho e cor. Marte será comparado a uma brasa ardente, de onde o fogo interior latente brilha; porque os astrólogos asseguram, e está provado pela experiência que a influência que ele traz é tórrida e férvida com calor (KEPLER, *Concerning the more certain fundamentals of astrology*, Thesis 30).

Parte das conclusões era estabelecida em função de analogias, e não a partir de comparações com possíveis efeitos físicos gerados na Terra. Fenômenos meteorológicos, no caso de Saturno e Marte, por exemplo, serviram de confirmação para as hipóteses. E, mesmo assim, no caso de Saturno, Kepler mostrava haver discordâncias entre os que estudavam o assunto. Ao que tudo indica, nem mesmo o

próprio astrônomo parecia plenamente satisfeito com aqueles resultados. As influências da Lua e do Sol seriam mais fáceis de identificar, mas quanto aos planetas, ele próprio admitia haver em suas propriedades uma “boa parcela de adivinhação” (KEPLER, *Concerning the more certain fundamentals of astrology*, Thesis 35).

Vemos que Kepler, apesar de ser um defensor do heliocentrismo, nada parecia ver nesse sistema que abalasse a astrologia. Continuou se interessando pelo assunto e seguiu desenvolvendo suas idéias nessa área.

Notamos entre os que criticaram a astrologia durante o século XVII a existência de adeptos da concepção copernicana⁸, da concepção ptolomaica⁹ e também aqueles como Francis Bacon que se recusavam a se posicionar a favor de qualquer uma dessas concepções.¹⁰

Interessa-nos, aqui, particularmente, verificar se os críticos copernicanos da astrologia se posicionaram em relação a essa área especificamente em função da aceitarem a concepção copernicana.

No **capítulo 5** desta tese apresentamos algumas críticas do filósofo Pierre Gassendi à astrologia. Notamos que essas tinham como base argumentos tradicionais do cenário de críticas dirigidas a essa área desde a Antigüidade. Na primeira seção deste **capítulo 6** apresentamos algumas observações do filósofo a respeito das implicações para a astrologia das novas descobertas da astronomia. É interessante notarmos, no entanto, que ao menos na obra de crítica à astrologia produzida pelo filósofo, não encontramos argumentos baseados nas novas concepções de universo em discussão na época.

⁸ Entre esses estavam Pierre Gassendi, Seth Ward e John Wilkins.

⁹ O cônego John Chamber, por exemplo, era ptolomaico e responsável pelo ensino desse sistema na Universidade de Oxford. Moldou seu discurso de crítica à astrologia sob o ponto de vista geocêntrico e a concepção ptolomaica de universo (ver, por exemplo, CHAMBER, *Astronomiae encomium*, p. 37 e CHAMBER, *A treatise against iudicial astrology*, p. 90).

¹⁰ Francis Bacon não foi somente um crítico da astrologia. Ele considerava a astrologia em si uma área de conhecimento legítima, mas acreditava que esta precisava ser reformada. *Escrevendo ainda bem no início do século XVII*, Francis Bacon acreditava não haver, na época, evidências que permitissem decidir sobre o assunto “concepções de mundo”. Bacon apresentou várias críticas à astrologia, mas não fez qualquer especulação a respeito de a existência de várias concepções de universo ou de que a aceitação específica de uma outra concepção diferente da ptolomaica implicasse em alguma consequência para a astrologia. As idéias de Bacon a respeito da astronomia e da astrologia serão tratadas no **capítulo 7** desta tese.

No **capítulo 8** desta tese analisaremos no contexto dos debates sobre a reforma de ensino nas universidades às discussões entre Seth Ward, John Webster e John Wilkins.¹¹ Seth Ward era copernicano, mas reconhecia o valor da concepção ptolomaica e defendia que esta também fosse ensinada nas universidades. Em resposta à defesa da astrologia sustentada por John Webster, Ward não se apoiou em argumentos baseados na concepção copernicana para sustentar sua posição contrária à astrologia.¹²

Ao que tudo indica, durante o século XVII, não foi comum utilizar a concepção copernicana como crítica à astrologia. No material analisado não encontramos autores que o tenham feito. Além disso, possíveis indicações implícitas de que tal argumento possa ter sido usado são poucas e dizem respeito a trabalhos já no limiar do século XVII para o XVIII (ver seção 6.4).

Se a Terra ficava ou não no centro do universo talvez parecesse pouco importar, visto que para a astrologia o referencial era terrestre. É possível que este tenha sido um princípio embutido no pensamento tanto dos que praticavam e defendiam a astrologia, quanto entre os que a criticavam, qualquer que fosse a concepção de universo que adotassem.

6.3 o sistema copernicano punha em cheque a astrologia?

Apesar de datas e detalhes do desenvolvimento da astrologia não serem motivo de consenso, aceita-se geralmente que as primeiras evidências de uma astrologia como base em horóscopos datam do século IV A.C. Seu desenvolvimento ocorreu a partir de dados astronômicos utilizados na tentativa de construir calendários e da literatura de presságios da antiga Mesopotâmia, que fazia referência a corpos celestes. Segundo a historiadora Thamsyn Barton, o impacto na astrologia suscitado pelos gregos com modelos cinemáticos do universo não deve ser exagerado, já que os maiores desenvolvimentos da teoria astrológica tinham como base um diagrama plano (BARTON, *Ancient astrology*, p. 30).

¹¹ Já nos referimos a essas discussões no **capítulo 4** ao tratarmos do emprego de argumentos de motivação social como crítica à astrologia no século XVII.

Sabemos, então, que as idéias básicas da astrologia já existiam antes mesmo que Aristóteles e Ptolomeu tivessem exposto ao mundo suas idéias. Essa área de conhecimento *não tinha, portanto, que necessariamente ser baseada nas concepções de mundo aristotélicas e ptolomaicas.*¹³

A astrologia inglesa do século XVII, no entanto, era praticamente a mesma de Ptolomeu, agregada a algumas inovações provenientes dos árabes em sua maior parte. *As propriedades físicas dos planetas* (umedecer, ressecar, resfriar e esquentar) *apresentadas por Ptolomeu no Tetrabiblos dependiam diretamente da ordenação dos planetas* (Terra, Lua, Mercúrio, Vênus, Sol, Marte, Júpiter e Saturno) *e, portanto, do sistema adotado por ele.*

A maior parte do poder da Lua consiste em umedecer, claramente porque ela está mais perto da Terra e por causa das exalações úmidas que saem daí. [...]. Júpiter tem uma força ativa temperada porque seu movimento ocorre entre a influência fria de Saturno e o poder aquecedor de Marte (PTOLEMY, *Tetrabiblos*, I. 3-4).

Os elementos fundamentais eram delegados aos planetas pelo Sol, em diferentes quantidades, de acordo com suas posições. O Sol tinha o poder de aquecer e ressecar, enquanto a Lua de umedecer. Vênus aquecia pela proximidade com o Sol, e umedecia, porque se apropriava das exalações úmidas provenientes da Terra. Saturno, por ser o mais distante da Terra e do Sol, tinha propriedades contrárias às de Vênus. Devido à proximidade do Sol, e à cor vermelha, Marte aquecia e ressecava. Júpiter, por se mover entre Saturno, que tinha a propriedade de resfriar, e Marte, de aquecer, era temperado e umedecia (PTOLOMY, *Tetrabiblos* I. 3-4; BARTON, *Ancient astrology*, pp. 105-6).

Essas características, por sua vez, estavam diretamente ligadas às classificações dos planetas em benéficos e maléficos, femininos e masculinos, e mesmo às relações entre eles e partes do corpo humano. Ou seja, dessas características derivadas das posições relativas dos planetas em relação ao Sol e à Terra dependia boa parte da astrologia.

¹² John Webster também era copernicano, mas como veremos no **capítulo 8**, Ward julgava que ele entendia de modo errado aquela concepção de universo.

¹³ Estamos nos referindo aqui a essas concepções no sentido complexo das propostas desses autores, e não apenas no que diz respeito ao geocentrismo.

Adotar o sistema copernicano em lugar do ptolomaico, talvez pudesse implicar em alguma reformulação dessas propriedades, ou, ainda que essas propriedades continuassem sendo aceitas, deveriam ao menos ser reexplicadas. Interessante particularmente era o caso de Marte. No sistema copernicano, Marte estava diretamente após a Terra, enquanto no sistema ptolomaico, por sua vez, Lua, Vênus, Mercúrio e o Sol se interpunham entre Marte e a Terra. Então, como era possível sustentar a idéia de que Marte era seco, se aceitar o sistema copernicano implicava em Marte estar diretamente sujeito às exalações úmidas da Terra em contraposição à concepção ptolomaica?

É interessante notarmos que o século XVII parece não ter atentado a esse tipo de repercussão. Essa controvertida questão de as propriedades dos planetas estarem diretamente relacionadas à ordenação dos planetas não era comentada pelos astrólogos. Também não encontramos entre copernicanos críticos da astrologia quem apontasse essa questão como argumento desfavorável a essa área.

Ainda que profissionais como William Lilly, por exemplo, mostrassem-se a par de idéias então relativamente recentes da astronomia, talvez não dessem muita atenção a possíveis repercussões desse tipo. Assim, se a maior parte dos praticantes da astrologia aceitava aquelas propriedades, estavam, ainda que inconscientemente, aceitando ao menos a ordenação dos planetas aceita pelo sistema ptolomaico, da qual, como vimos, elas derivavam.

Pessoas que aceitavam o sistema copernicano e defendiam a astrologia, tal como ela era praticada tradicionalmente, não parecem ter se dado conta dessa questão. John Webster, que defendeu a astrologia, por exemplo, não parece ter notado essas repercussões que poderiam ser geradas por suas ferozes críticas ao sistema ptolomaico (WEBSTER, *Academiarum examen*, p. 51).¹⁴

¹⁴ No *Academiarum Examen*, John Webster apontou que como mostravam Tycho, Galileu, Copérnico e Kepler, o universo não podia ser dito imutável. Os telescópios apontavam a existência de uma atmosfera na Lua. Estudos então recentes mostravam os cometas acima e não abaixo da órbita da Lua, como por muito tempo se pensara. Tudo isso significava que no mundo supra-lunar havia sim mutações, ao contrário do que supunha Ptolomeu (ver o capítulo 8 desta tese). Webster, no entanto, não comentou se essas observações e conclusões poderiam ser significativas para a astrologia de alguma maneira.

AN EPHEMERIS FOR NINE YEERES,

INCLVSIVE, FROM

The yeere of our LORD GOD

1609. to the yeere

1617.

SVPPVTATED ACCOR-
DING TO THE MOST EXQVISITE

obseruations, and hypotheses of the Tresnoble

Tycho Brahe, and diuers others the best mo-

dern Astronomers of this Age, and referred

to the meridian Longitude of the

Honourable Citie of

LONDON.

WHEREVNTO IS ANNEXED THREE
SVCCINCT TREATISES, THE FIRST

Discourſing of the vse of an Ephemeris. The ſe-

cond of the fixed Starres, and the third being

diuided into foure ſections of

Aſtrologie.

By IOHN SEARLE, Maſter in Chyrurgerie.

LONDON

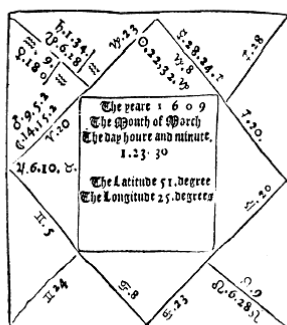
Printed by IOHN WINDET, for Wiliam Cotten and
IOHN TAPP, 1609.

No início do século XVII, pouco depois da proposta do sistema astronômico de Tycho Brahe, o cirurgião inglês John Searle publicou efemérides baseadas nesse sistema e mostrou como as tabelas apresentadas podiam ser utilizadas para previsões astrológicas. Isso mostra que os astrólogos estavam atualizados e não viam nenhum problema em adotar diferentes teorias a respeito do sistema astronômico. (SEARLE, John. *An ephemeris for nine yeeres, inclusive, from the yeere of our Lord God 1609. to the yeere 1617. Supputated according to the most exquisite obseruations, and hypotheses of the tresnoble Tycho Brahe, and diuers others the best modern astronomers of this age, and referred to the meridian longitude of the honorable citie of London*. Whereunto is annexed three succinct treatises, the first discoursing of the vse of an ephemeris. The second of the fixed starres, and the third being diuided into foure sections of astrologie. By Iohn Searle, Master in Chyrurgerie. London: Printed by Iohn Windet [and Elizabeth Allde], for William Cotten and Iohn Tapp, 1609).

52

A treatise of the vse

I take the neereſt which is 18. houres 35. minutes: Directly againſt the which to the right hand, is noted the degrees of 6. of the houſes, that is, of the 10. houſe, with the 8. degree of *Capricornus*; the 11. with the 23. of *Capricornus*; the 12. with the 19. degree of *Aquarius*; the 1. with the 20. degree of *Aries*; the 2. with the 5. degree of *Gemini*; and of the 3. with the 24. degree of *Gemini*, which being had, eaſily may you attain: to the other fixe houſes, by taking the oppoſite ſignes with the ſame degrees, as is before in the figure for noone: and thus ſhall you haue the Scheme created, as touching the ſignes, as here you may ſee deſcribed.



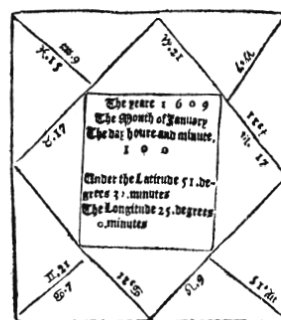
Now for the ſealing of the planetes therein, enter into the Ephemerides, with the day giuen, and take the place of the planet the ſame day, which you are to ſubſtitute from the place of the Planet, the day following, if it be direct,

or

of an Ephemerides

47

wherein you ſhall place the Sunne, Moone, and planetes, with the ſame degrees and minutes, that are ſet downe in the Ephemerides, right againſt the day of your deſire, and ſo ſhall your figure be accompliſhed. But to the intent that the praxis thereof may be the more plaine, take this example. I would haue a figure of the heauen, created for the time of high noone, the firſt day of Ianuary, 1609. for the Latitude of the honorable Citie of London, which is 51. deg 32. mi. Firſt therefore doe I delineate the figure after the manner aſtronomical, as you may ſee here following.



Then in the Ephemerides directly againſt the 1. day of Ianuarie, doe I finde the ſun in the 21. degr. of γ , wherewith I enter in the table of houſes vnder 51. degr. of latitude, &c finding the ſigne that the Sun is in, to wit, γ at the head of the Table, I take likewiſe the degr. in the column ſeruing for the 10. houſe, &c ſo doe I place γ in the

F 2

Culpe

Como vimos nesta seção, Johannes Kepler não admitia essa tradicional atribuição de qualidades aos planetas. Assim, mesmo aceitando o sistema copernicano, e conseqüentemente a ordenação dos planetas conforme esse sistema, não cabia a Kepler analisar essa situação. Ele não somente rejeitava a astrologia comumente praticada (criticava o uso das casas astrológicas, por exemplo), como também certos fundamentos dessa astrologia.

Vale notarmos ainda que mesmo aqueles que procuraram reformar a astrologia tomando como base o sistema copernicano ainda assim não se dedicaram a reexplicar essas propriedades ou a alterá-las *por esse motivo específico*. Caso tenham se dado conta desse tipo de repercussão, ao menos não encontramos indícios de que as tenham comentado.¹⁵

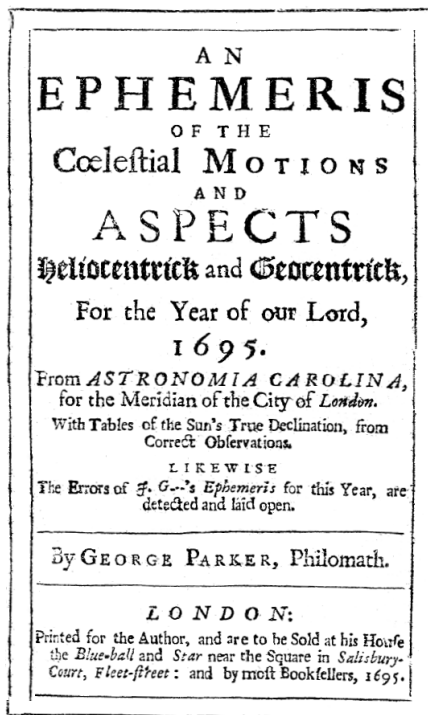
O astrônomo Joshua Childrey (1623-1670), por exemplo, quanto às propriedades dos planetas e dos aspectos, considerava que a velha astrologia as havia determinado acertadamente por comparação com a realidade, observada em condições específicas para as quais havia pouca diferença em relação à nova astrologia. É curioso notar que em nenhum momento Childrey mencionou que as propriedades dos planetas estavam relacionadas à sua ordenação nos céus, como Ptolomeu expôs no *Tetrabiblos*. Essas propriedades, segundo Childrey, advinham da comparação com a realidade.¹⁶

6.4 o sistema copernicano como solução para a astrologia

Não é exagero dizer que houve quem, no século XVII, visse *o sistema copernicano como solução para problemas da astrologia*. Esse foi o caso, por exemplo, do astrônomo Joshua Childrey, autor de uma proposta para a astrologia com base no sistema heliocêntrico.

Embora estivesse utilizando as novas idéias da astronomia, *não parecia se sentir pressionado por essas mudanças*, mas sim pela *insatisfação interna com a astrologia*. Nessas novas idéias da astronomia ele parecia encontrar *não uma fonte de pressão*, ou

¹⁵ As “reformas” da astrologia serão tratadas no **capítulo 7** desta tese.



Próximo ao final do século XVII, quando a teoria heliocêntrica já era aceita por quase todos, algumas efemérides apresentavam a análise dos aspectos (configurações geométricas das direções dos astros) tanto sob o ponto de vista heliocêntrico quanto geocêntrico, como se vê nesta obra de George Parker (1654-1743), que teve várias edições. (PARKER, George. *An ephemeris of the coelestial motions and aspects heliocentrick and geocentrick, for the year of our Lord, 1695*. London: printed for the author, and are to be sold at his house the Blue-ball and Star near the square in Salisbury-Court, Fleet-street: and by most booksellers, 1695)

January, 1695.																
The Planets Geocentrick daily Motions.																
Julian Account.	The Latitudes of the Planets.		° B 34 1 B 40 A 58 A 38 1 B 25 1													
			° 33 1 50 59 0 49 0 43 1													
			° 33 1 61 0 50 59 0 43 1													
			° 33 1 71 21 9 0 38 16													
			° 32 1 71 41 21 1 20 21													
° 32 1 81 51 22 1 36 26																
☉	☿	♂	♂	♂	♂	♂	♂	♂	♂	♂	♂	♂	♂	♂	♂	
1	21	35	0	52	1A	58	8	33	24	53	23	11	16	37	27	
2	22	40	15	33	0	41	8	40	24	48	23	58	17	52	28	
3	23	41	0	53	12	31	8	47	24	42	24	45	19	8	29	
4	24	42	15	41	1	54	8	53	24	36	25	38	20	23	0	
5	25	43	0	50	30	4	9	0	24	30	26	19	21	39	2	
6	26	45	15	45	4	0	9	7	24	24	27	7	22	54	3	
7	27	46	0	53	4	42	9	14	24	17	27	54	24	10	4	
8	28	47	14	46	5	6	9	21	24	11	28	41	25	25	5	
9	29	48	28	32	5	11	9	28	24	5	29	28	26	40	7	
10	30	49	11	7	5	9	35	23	58	1	29	15	27	56	8	
11	1	50	24	6	4	29	9	41	23	51	1	22	9	11	9	
12	2	51	7	1	3	47	9	48	23	44	1	49	1	58	10	
13	3	52	19	31	2	54	9	55	23	37	2	36	1	41	12	
14	4	53	1	11	3	10	10	3	30	3	2	57	13	42	13	
15	5	54	13	27	0	49	10	8	23	4	10	4	12	15	14	
16	6	55	25	15	0	14	10	15	23	15	4	58	5	27	16	
17	7	56	7	5	1	17	10	21	23	7	5	45	6	42	17	
18	8	57	18	5	2	15	10	25	23	0	6	32	7	57	19	
19	9	58	0	5	3	7	10	35	22	53	7	19	9	12	21	
20	10	59	13	3	3	5	10	41	22	45	8	6	10	27	22	
21	11	50	25	15	4	28	10	48	22	38	8	54	11	42	23	
22	12	51	7	1	5	10	54	22	30	9	41	12	58	25	11	
23	13	52	19	31	6	11	0	52	22	30	9	41	12	58	25	
24	14	53	1	11	7	11	0	52	22	30	9	41	12	58	25	
25	15	54	13	27	8	11	0	52	22	30	9	41	12	58	25	
26	16	55	25	15	9	11	0	52	22	30	9	41	12	58	25	
27	17	56	7	5	10	11	0	52	22	30	9	41	12	58	25	
28	18	57	18	5	11	0	52	22	30	9	41	12	58	25	11	
29	19	58	0	5	12	1	0	52	22	30	9	41	12	58	25	
30	20	59	13	3	13	1	0	52	22	30	9	41	12	58	25	
31	21	50	25	15	14	1	0	52	22	30	9	41	12	58	25	

January, 1695.																
The Heliocentrick Places of the Planets to every 5th day.																
		Day.	☉	☿	♂	♂	♂	♂	♂	♂	♂	♂	♂	♂	♂	♂
1	7	16	19	7	24	13	21	39	54	12	25	3	12	25	3	
6	7	25	19	31	27	26	35	45	17	42	29	20				
11	7	34	19	55	0	22	1	15	10	25	36	14	19			
16	7	43	20	11	3	36	6	55	0	28	26					
21	7	52	20	42	6	43	11	59	1	24	12	12				
26	8	1	21	6	9	51	17	3	19	18	25	59				
The Heliocentrick Aspects.		The Lunar Aspects.														
		☉	☿	♂	♂	♂	♂	♂	♂	♂	♂	♂	♂	♂	♂	♂
1	7	16	19	7	24	13	21	39	54	12	25	3	12	25	3	
6	7	25	19	31	27	26	35	45	17	42	29	20				
11	7	34	19	55	0	22	1	15	10	25	36	14	19			
16	7	43	20	11	3	36	6	55	0	28	26					
21	7	52	20	42	6	43	11	59	1	24	12	12				
26	8	1	21	6	9	51	17	3	19	18	25	59				
The Heliocentrick Aspects.		Mutual Aspects at the Earth.														
		☉	☿	♂	♂	♂	♂	♂	♂	♂	♂	♂	♂	♂	♂	♂
1	7	16	19	7	24	13	21	39	54	12	25	3	12	25	3	
6	7	25	19	31	27	26	35	45	17	42	29	20				
11	7	34	19	55	0	22	1	15	10	25	36	14	19			
16	7	43	20	11	3	36	6	55	0	28	26					
21	7	52	20	42	6	43	11	59	1	24	12	12				
26	8	1	21	6	9	51	17	3	19	18	25	59				
1	7	16	19	7	24	13	21	39	54	12	25	3	12	25	3	
6	7	25	19	31	27	26	35	45	17	42	29	20				
11	7	34	19	55	0	22	1	15	10	25	36	14	19			
16	7	43	20	11	3	36	6	55	0	28	26					
21	7	52	20	42	6	43	11	59	1	24	12	12				
26	8	1	21	6	9	51	17	3	19	18	25	59				
1	7	16	19	7	24	13	21	39	54	12	25	3	12	25	3	
6	7	25	19	31	27	26	35	45	17	42	29	20				
11	7	34	19	55	0	22	1	15	10	25	36	14	19			
16	7	43	20	11	3	36	6	55	0	28	26					
21	7	52	20	42	6	43	11	59	1	24	12	12				
26	8	1	21	6	9	51	17	3	19	18	25	59				
1	7	16	19	7	24	13	21	39	54	12	25	3	12	25	3	
6	7	25	19	31	27	26	35	45	17	42	29	20				
11	7	34	19	55	0	22	1	15	10	25	36	14	19			
16	7	43	20	11	3	36	6	55	0	28	26					
21	7	52	20	42	6	43	11	59	1	24	12	12				
26	8	1	21	6	9	51	17	3	19	18	25	59				
1	7	16	19	7	24	13	21	39	54	12	25	3	12	25	3	
6	7	25	19	31	27	26	35	45	17	42	29	20				
11	7	34	19	55	0	22	1	15	10	25	36	14	19			
16	7	43	20	11	3	36	6	55	0	28	26					
21	7	52	20	42	6	43	11	59	1	24	12	12				
26	8	1	21	6	9	51	17	3	19	18	25	59				
1	7	16	19	7	24	13	21	39	54	12	25	3	12	25	3	
6	7	25	19	31	27	26	35	45	17	42	29	20				
11	7	34	19	55	0	22	1	15	10	25	36	14	19			
16	7	43	20	11	3	36	6	55	0	28	26					
21	7	52	20	42	6	43	11	59	1	24	12	12				
26	8	1	21	6	9	51	17	3	19	18	25	59				
1	7	16	19	7	24	13	21	39	54	12	25	3	12	25	3	
6	7	25	19	31	27	26	35	45	17	42	29	20				
11	7	34	19	55	0	22	1	15	10	25	36	14	19			
16	7	43	20	11	3	36	6	55	0	28	26					
21	7	52	20	42	6	43	11	59	1	24	12	12				
26	8	1	21	6	9	51	17	3	19	18	25	59				
1	7	16	19	7	24	13	21	39	54	12	25	3	12	25	3	
6	7	25	19	31	27	26	35	45	17	42	29	20				
11	7	34	19	55	0	22	1	15	10	25	36	14	19			
16	7	43	20	11	3	36	6	55	0	28	26					
21	7	52	20	42	6	43	11	59	1	24	12	12				
26	8	1	21	6	9	51	17	3	19	18	25	59				
1	7	16	19	7	24	13	21	39	54	12	25	3	12	25	3	
6	7	25	19	31	27	26	35	45	17	42	29	20				
11	7	34	19	55	0	22	1	15	10	25	36	14	19			
16	7	43	20	11	3	36	6	55	0	28	26					
21	7	52	20	42	6	43	11	59	1	24	12	12				
26	8	1	21	6	9	51	17	3	19	18	25	59				
1	7	16	19	7	24	13	21	39	54	12	25	3	12	25	3	
6	7	25	19	31	27	26	35	45	17	42	29	20				
11	7	34	19	55	0	22	1	15	10	25	36	14	19			
16	7	43	20	11	3	36	6	55	0	28	26					
21	7	52	20	42	6	43	11	59	1	24	12	12				
26	8	1	21	6	9	51	17	3	19	18	25	59				
1	7	16	19	7	24	13	21	39	54	12	25	3	12	25	3	
6	7	25	19	31	27	26	35	45	17	42	29	20				
11	7	34	19	55	0	22	1	15	10	25	36	14	19			
16	7	43	20	11	3	36	6	55	0	28	26					
21	7	52	20	42	6	43	11	59	1	24	12	12				
26	8	1	21	6	9	51	17	3	19	18	25	59				
1	7	16	19	7	24	13	21	39	54	12	25	3	12	25	3	
6	7	25	19	31	27	26	35	45	17	42	29	20				
11	7	34	19	55	0	22	1	15	10	25	36	14	19			
16	7	43	20	11	3	36	6	55	0	28	26					
21	7	52	20	42	6	43	11	59	1	24	12	12				
26	8	1	21	6	9	51	17	3	19	18	25	59				
1	7	16	19	7	24	13	21	39	54	12	25	3	12	25	3	
6	7	25	19	31	27	26	35	45	17	42	29	20				
11	7	34	19	55	0	22	1	15	10	25	36	14	19			
16	7	43	20	11	3	36	6	55	0	28	26					
21	7	52	20	42	6	43	11	59	1	24	12	12				
26	8	1	21	6	9	51	17	3	19	18	25	59				
1	7	16	19	7	24	13	21	39	54	12	25	3	12	25	3	
6	7	25	19	31	27	26	35	45	17	42	29	20				
11	7	34	19	55	0	22	1	15	10	25	36	14	19			
16	7	43	20	11	3	36	6	55	0	28	26					
21	7	52	20	42	6	43	11	59	1	24	12	12				
26	8	1	21	6	9	51	17	3	19	18	25	59				
1	7	16	19	7	24	13	21	39	54	12	25	3	12	25	3	
6	7	25	19	31	27	26	35	45	17	42	29	20				
11	7	34	19	55	0	22	1	15	10	25	36	14	19			
16	7	43	20	11	3	36	6	55	0	28	26					
21	7	52	20	42	6	43	11	59	1	24	12	12				
26	8	1	21	6	9	51	17	3	19	18	25	59				
1	7	16	19	7	24	13	21	39	54	12	25	3	12	25	3	
6	7	25	19	31	27	26	35	45	17	42	29	20				
11	7	34	19	55	0	22	1	15	10	25	36	14	19			
16	7	43	20	11	3	36	6	55	0	28	26					
21	7	52	20	42	6	43	11	59	1	24	12	12				
26	8	1	21	6	9	51	17	3	19	18	25	59				
1	7	16	19	7	24	13	21	39	54	12	25	3	12	25	3	
6	7	25	19	31	27	26	35	45	17	42	29	20				
11	7	34	19	55	0	22	1	15	10	25	36	14	19			
16	7	43	20	11	3	36	6	55	0	28	26					
21	7	52	20	42	6	43	11	59	1	24	12	12				
26	8	1	21	6	9	51	17	3	19							

algo que de alguma maneira denegria o prestígio da astrologia, *mas sim* uma chave para a *solução* de problemas de uma astrologia já denegrida, do seu ponto de vista, por dar respostas insatisfatórias às questões que pretendia tratar (CHILDREY, *Britannia Baconica*, The Preface to the Reader).

Para Joshua Childrey, o movimento da Terra era algo real e já estabelecido. Não era mais uma questão de opinião, e sim de ciência. Mas, como esse movimento não era óbvio, e só quem realmente entendesse do assunto era capaz de compreender os argumentos usados para fundamentá-lo, considerava razoável que os antigos e o “elogiável” Francis Bacon o tivessem rejeitado. Childrey se posicionou explicitamente a favor do sistema de Copérnico e rejeitou o proposto por Ptolomeu. Sua aceitação, nota-se, não era apenas do ponto de vista instrumentalista (CHILDREY, *Indago astrológica*, pp. 3-4).

A astronomia havia sido favorecida por essas novas idéias. A astrologia, no entanto, não. Os aspectos astrológicos “ainda” eram calculados com respeito à Terra. Era necessário - dizia o autor - recalculá-los como eles *são*, e não como *são em relação a nós*. Os aspectos eram eventos cósmicos reais, cujas influências atingiam vários locais, inclusive a Terra (CHILDREY, *Indago astrológica*, p. 5).¹⁷

Em 1652, Joshua Childrey publicou a obra *Indago astrológica*, na qual discutiu alguns pontos da astrologia tradicional, e procurou preencher lacunas na astrologia, segundo ele, deixadas por mudanças na astronomia ainda não absorvidas.

Quais seriam, segundo o autor, as repercussões dessas mudanças?

Para Childrey, havia uma grande diferença de categoria entre a velha e a nova astrologia. A velha astrologia lidava com “aspectos aparentes”, estava repleta de erros e dava previsões falhas devido à sua fraca fundamentação. Para “corrigir” esses erros os

¹⁶ Mas, como vimos, as propriedades primárias, e também outras qualidades (maléficas, benéficas, masculinas, femininas, noturnas e diurnas), não eram definidas pela observação dos aspectos, e sim em função daquelas qualidades primárias que dependiam da ordenação.

¹⁷ Childrey parecia pensar na formação dos aspectos como uma espécie de circuito, para o qual determinadas posições dos planetas no espaço significavam algo como o fechamento de uma chave. O fenômeno existiria por si só no espaço, e independeria de como era observado a partir da Terra. Geraria efeitos sentidos em vários locais, inclusive na Terra. É interessante lembrar que, no *Tetrabiblos*, Ptolomeu não explicou fisicamente como os entendia. Definiu-os somente como relações geométricas entre os corpos celestes (PTOLEMY, *Tetrabiblos*, I. 13).

A
TUTOR
TO
Astronomy & Geography,
OR,
The Use of the
Copernican Spheres;
In two Books.

The first being an Explanation of the Copernican Hypothesis and Spheres.

The second proving the Phenomena solved by the Earths Motion, as well as by its supposed Stability; as appears by the Application of these Spheres to Problemes Astronomical, Geographical, Nautical, Astrological, Gnomonical, and Trigonometrical.

By JOSEPH MOXON, Hydrographer to the Kings Most Excellent Majesty.

LONDON,

Printed for Joseph Moxon, and sold at his Shop on Ludgate-hill near Fleet-bridge, at the Signe of Atlas, 1665.

Mechanick Dyalling

TEACHING

Any Man, though of an Ordinary Capacity and unlearned in the Mathematicks, To Draw a True

SUN-DIAL
ON ANY
Given Plane,

However Scituated: Only with the help of a straight RULER and a pair of COMPASSES; And without any Arithmetical Calculation.

The Third Edition.

By Joseph Moxon, Fellow of the Royal Society, and Hydrographer to the King's most Excel. Majesty.

LONDON,

Printed for James Moxon, at the Sign of the Atlas in Warwick-Lane, 1698.

Joseph Moxon (1627-1691) foi um dos astrônomos / astrólogos do século XVII que adotou o sistema heliocêntrico de Copérnico, sem que isso interferisse em sua crença a respeito da validade da astrologia, como se pode ver na folha de rosto de sua obra de 1665 (acima, à esquerda). Moxon chegou a ser eleito membro da Royal Society (ver acima, à direita). (MOXON, Joseph. *A tutor to astronomy & geography. Or, The use of the Copernican spheres in two books. The first being an explanation of the Copernican hypothesis and spheres. The second proving the phenomena solved by the earths motion, as well as by its supposed stability; as appears by the application of these spheres to problemes astronomical, geographical, nautical, astrological, gnomonical, and trigonometrical.* By Joseph Moxon, hydrographer to the Kings Most Excellent Majesty. London: printed for Joseph Moxon, and sold at his shop on Ludgate-hill near Fleet-bridge, at the signe of Atlas, 1665; MOXON, Joseph. *Mechanick dyalling teaching any man, though of an ordinary capacity and unlearned in the mathematicks, to draw a true sun-dial on any given plane, however scituated.* The third edition. By Joseph Moxon, Fellow of the Royal Society, and Hydrographer to the King's most Excel. Majesty. London: printed for James Moxon, at the sign of the Atlas in Warwick-Lane, 1698)

profissionais recorriam a novos aspectos astrológicos, o que era responsável pela má reputação da astrologia. A nova, a dos “aspectos reais”, resolvia esse problema. Isso ele alegava já ter confirmado pela observação, isto é, comparando as previsões obtidas segundo essa astrologia com o que ocorria na realidade.

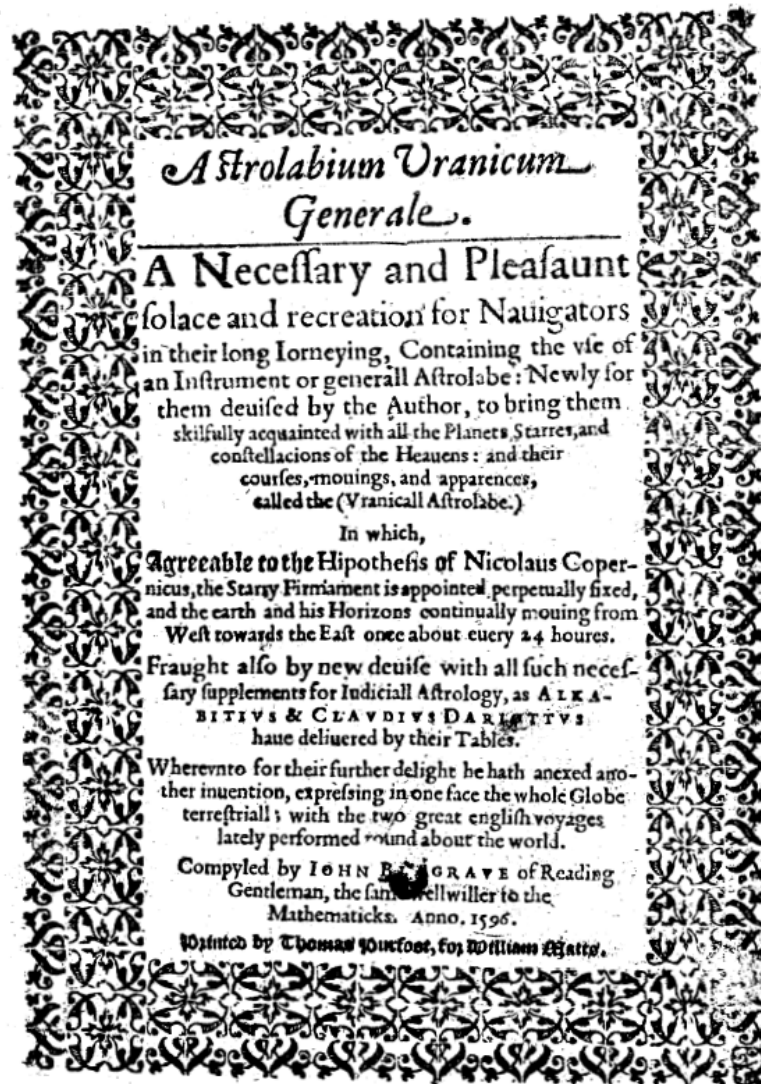
Joshua Childrey não foi o único a usar o sistema copernicano como base de uma proposta para a astrologia. William Hunt, assim como Childrey três décadas antes, também não via com bons olhos o estado da astrologia: “como muitas Cidades antigas em ruínas, está sepultada em seu próprio lixo” (HUNT, *The Demonstration of Astrology*, p. v).

Childrey não se posicionou a respeito da possibilidade de as idéias de Copérnico destruírem a astrologia. Muito pelo contrário, parecia nem avistar essa possibilidade, e via nessas idéias a “salvação” dessa área de conhecimento. Também para William Hunt a hipótese de Copérnico não destruía a astrologia, mas parecia necessário dizê-lo.

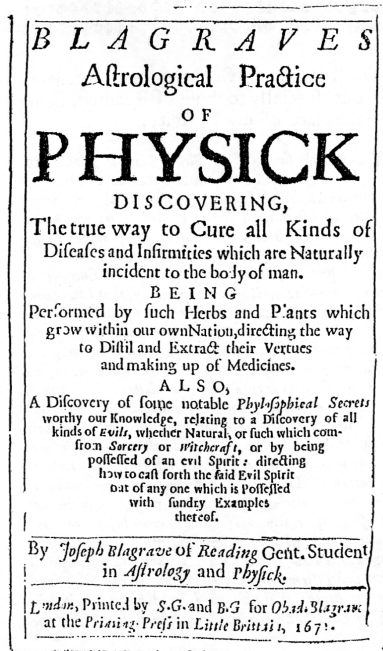
O Trabalho que se segue é fundamentado na Hipótese Copernicana onde irei tornar aparente que a dita Filosofia está muito longe de destruir a Astrologia (como alguns ignorantes pretendem) [...] esta é a única coisa necessária nessa demonstração (HUNT, *The Demonstration of Astrology*, p. vi; grifo meu).

É muito interessante notarmos esse tipo de preocupação, com a qual não nos deparamos mesmo ao analisar muitos trabalhos dedicados especificamente a criticar e defender a astrologia durante o século XVII. A preocupação de Hunt pode ser até um caso isolado, mas, ao que tudo indica, ele estava claramente *respondendo* a alguém. Não podemos descartar que a situação tenha começado a mudar já no limiar do século XVII para o XVIII, e que esse tipo de preocupação então apareça ao menos em trabalhos escritos a partir dessa época.

A interpretação de Hunt não era muito diferente da de Childrey. Novamente, o problema não vinha de fontes externas, mas sim da própria astrologia. Ao que tudo indica, só podemos dizer que para William Hunt a aceitação das idéias de Copérnico abalava *a astrologia então praticada*, na medida em que *deixava claro o porquê de sua suposta fragilidade*. Essas idéias não destruía *a astrologia* em si, mas revelavam que parte das críticas à *astrologia então em voga* advinha justamente do fato de essa não ser baseada nessas idéias.



No final do século XVI e durante o século XVII, a nova astronomia heliocêntrica e a astrologia conviviam de forma harmoniosa, como mostram muitas obras publicadas nesse período. Um exemplo é o livro do matemático, astrônomo e astrólogo John Blagrave, que descreve a teoria de Copérnico, apresenta tabelas astronômicas e depois mostra como elas podem ser utilizadas na astrologia judiciária. (BLAGRAVE, John. *Astrolabium vranicum generale A necessary and pleasaunt solace and recreation for nauigators in their long iorneying, containing the vse of an instrument or generall astrolabe: newly for them deuised by the author, to bring them skilfully acquainted with all the planets starres, and constellacions of the heauens ... In which, agreeable to the hipothesis of Nicolaus Copernicus, the starry firmament is appointed perpetually fixed and the earth and his horizons continually mouing from west towards the east once about euery 24 houres. Fraught also by new deuise with all such necessary suppléments for iudiciall astrology, as Alkabitus & Claudius Dariottus haue deliuered by their tables. Wherevnto for their further delight he hath anexed another inuention, expressing in one face the whole Globe terrestriall; with the two great english voyages lately performed round about the world. Compyled by Iohn Blagraue of Reading Gentleman, the same wellwiller to the mathematicks. Anno. 1596.* [London]: Printed by Thomas Purfoot, for William Matts, 1596).



THE ENGLISH
PHYSICIAN
OR AN
Astrologo-physical Discourse of
the vulgar Herbs of this
NATION.

Being a compleat Method of Physick, whereby a man may preserve his Body in health; or cure himself, being sick, for three pence charge, with such things only as grow in *England*, they being most fit for English Bodies.

- Herbs is also found,*
1. The way of making Plasters, Ointments, Oyls, Pulvisses, Symps, Decoctions, Sulps, or Waters of all sorts of Physical Herbs, that you may have them ready for your use at all times in the year.
 2. What Planet governeth every Tree or Tree raised in *Physick*, that groweth in *England*.
 3. The Time of gathering all Herbs, but vulgarly, and astrologically.
 4. The way of drying and keeping the Herbs all the year.
 5. The way of keeping the Juices ready for use all times.
 6. The way of making and keeping all kinde of small Compounds made of Herbs.
 7. The way of mixing Medicines according to Cause and Mixture of the Disease, and Part of the Body afflicted.

By N. Culpeper, Student in Physick and Astrology.

L O N D O N,
Printed for the benefit of the Commonwealth of *England*. 1652.



Semeiotica Urinica:
OR, AN
ASTROLOGICAL
JUDGEMENT
OF
DISEASES
From the Decumbiture of the sick
much Enlarged.

1. From Aven Ezra by way of Introduction.
2. From Noel Duret by way of Direction.

Wherein is laid down,
The way and manner of finding out the Cause, Change, and End of the disease. Also whether the sick be likely to live or die; and the time when Recovery or Death is to be expected.

With the Signs of Life or Death by the body of the Sick party, according to the judgment of *Hippocrates*.

Whereunto is added,
Table of Logarithmical Logarithmes, to find the exact time of the Crisis *Hermetica Trismegista* upon the first Decumbiture of the sick: shewing the signs & conjectures of the disease, and of life and death, by the good or evil position of the Moon at the time of the Patients lying down, or demanding the question: Infallible signs to know of what complexion any person is whatsoever: With a compendious Treatise of Urine.

By NICHOLAS CULPEPER Gent.
Student in Physick and Astrology.

Disce, sed ira cadat naso, rugosaque fannat. Persius.

London, Printed for Nath. Brookes at the Golden Angel on Cornhill, near the Exchange, 1658.

Três obras inglesas sobre astrologia médica, muito populares, do século XVII: *Astrological practice of Physick*, de Joseph Blagrove (1671); *The English physician* de Nicholas Culpeper (1652); e *Semeiotica Uranica, or an astrological judgement of diseases* (1658), do mesmo autor.

É uma pena que sua Fundação tenha sido feita sobre Areia, porque se ele [Ptolomeu] a tivesse construído com base na Hipótese Copernicana ou Filolauliana, que foi inventada por Filolau antes da época de Ptolomeu, teria pelas suas Observações e Empenho feito Maravilhas, e a Astrologia [...] poderia ter sido muito aprovada (HUNT, *The Demonstration of Astrology*, p. 17).

É interessante notar que um ponto bastante curioso decorre da verificação das críticas à astrologia: *a maior parte dos autores recorria essencialmente a argumentos tradicionais*. Pode-se dizer que ao menos não era comum conceber as novas idéias e descobertas da astronomia como algo que punha em cheque a astrologia. Boa parte dos astrólogos parecia agir como William Lilly e não se incomodava com essas questões.

Assim, é bem provável que outros fatores possam ter influenciado muito mais a queda de prestígio intelectual da astrologia, e parece ingênuo atribuir esse processo às novos aspectos teóricos e observacionais da astronomia da época.

Capítulo 7

Algumas “reformas” e reformas da astrologia no século XVII

Em suas obras, o astrólogo William Lilly utilizou tabelas de Johannes Kepler, e recorreu a argumentos empíricos para refutar os novos aspectos astrológicos propostos por ele: não havia encontrado correspondência entre esses aspectos e eventos peculiares. Referiu-se à idéia de John Dee de quantificação das influências astrológicas para justificar por quê a verticalidade de um cometa implicava numa influência máxima, mas não a apontou como componente de uma proposta para a astrologia (ver **capítulo 2** desta tese).

Lilly não mencionou tais idéias desses autores como algo que merecesse uma expressão tão grandiosa quanto “tentativas de reforma na astrologia”. Pareceu se referir a elas como mais algumas em meio à então profusão de métodos, abordagens e interpretações da astrologia. E, nesse sentido, ele aceitou certas propostas de Dee, rejeitou outras de Kepler, e ponto final. Sem comentá-las como se fizessem parte de algo revolucionário para a sua arte.

O astrônomo Joshua Childrey propôs mudanças de proporções razoavelmente consideráveis para a astrologia, mas, ao apresentá-las em suas obras, não se denominou um “reformador da astrologia”.

Childrey não se intitulava explicitamente um reformador. Aliás, no prefácio *Britannia Baconica* pareceu demonstrar que não tinha nem a intenção de sê-lo. Como o único argumento que reconhecia ser usado contra a legitimidade da astrologia era que ela não era verdadeira, considerava, de fato, que “se fosse retificada poderia ser facilmente justificada”. Mas ele mesmo parecia não ter a intenção de ser *o reformador*, *e nem considerava possível que alguém o fosse*. Como expressa nesse prefácio, queria estabelecer os *fundamentos* para a retificação da “Doutrina dos Ascendentes”. A partir disso, que todos os interessados, em *cooperação*, fizessem o que devia ser feito.

Uma simples verificação panorâmica da escassa historiografia sobre as “reformas da astrologia” revela algo no mínimo estranho: há uma curiosa discordância entre os raros estudos historiográficos sobre o assunto.

Na tese “The scientific revolution in astrology: the English reformers, 1558-1686”, a autora Mary Bowden relaciona especificamente aquelas idéias de Kepler e Dee, sobre as quais William Lilly faz referências do modo despretensioso, como pertencentes a *tentativas de reforma da astrologia* produzidas por eles.

Bowden, sem qualquer ressalva sobre a questão de o próprio proponente não intitular assim o seu trabalho, inclui o trabalho de Joshua Childrey também entre essas *tentativas de reforma da astrologia*. Também o historiador Patrick Curry usa essa expressão para se referir ao trabalho de Childrey (CURRY, *Prophecy and power*, p. 59).

É interessante notar que tanto Bowden quanto Curry também não mencionam que estão discutindo *algumas* reformas da astrologia (se é que assim podemos chamá-las). Assim, se observarmos apenas a análise de Bowden podemos ser induzidos a acreditar que a autora aborda *todas* as reformas da astrologia produzidas no século XVII. O mesmo podemos dizer a respeito do trabalho de Curry.

Curiosamente, no entanto, se confrontamos os trabalhos desses dois historiadores notamos que algumas “tentativas de reforma” analisadas por Bowden não são nem ao menos mencionadas por Curry, e vice-versa.

Vale à pena destacarmos, ainda, que algumas propostas para a astrologia no século XVII não foram analisadas por nenhum desses trabalhos historiográficos. Exemplos desses casos são as obras de Robert Godson e William Hunt, aqui estudadas.

É fundamental, portanto, deixar claro que neste capítulo da tese não temos a menor pretensão de abordar *todas* as “reformas da astrologia” do século XVII. Além disso, procuramos usar essa expressão com bastante cautela, visto que muitos autores não a empregavam para se referir aos seus trabalhos. Como era comum a existência de uma profusão de idéias a respeito de um mesmo assunto, fica difícil dizer quem tinha ou não a intenção de fazer algo que tivesse tal nível de repercussão nessa área de conhecimento.

De qualquer forma, tendo ou não essas propostas a intenção de reformar a astrologia, o certo é que não pareciam ter origens em pressões externas à astrologia, tais como possíveis repercussões das novas idéias da astronomia. As sugestões pareciam provir do próprio descontentamento desses autores em relação a certos aspectos da

astrologia e não eram implicações das novas descobertas ou da adoção de uma cosmologia específica.

7.1 A “ASTROLOGIA SANA” DE FRANCIS BACON

PROBLEMAS NA ASTRONOMIA E NA ASTROLOGIA

Logo no início do século XVII, o filósofo Francis Bacon avaliou e criticou a situação de várias áreas do conhecimento, bem como propôs medidas a fim de melhorá-las. Astrologia e astronomia eram, segundo o autor, partes da física então bastante criticáveis:

Entre essas diferentes partes da física há uma que [...] é imperfeita e inútil; é aquela que tem por objeto os *corpos celestes*. É, no entanto, aquela que, por sua grandeza e beleza do seu objeto de estudo, mais merece a atenção dos homens. Com efeito, a *astronomia* é suficientemente bem fundamentada sobre os fenômenos; mas se eleva pouco e lhe falta solidez. Quanto à *astrologia*, [...], falta-lhe até fundamento (BACON, *Of the dignity and advancement of learning*, L. III, Ch. IV, p. 347).

Embora fosse a “parte mais nobre da física”, a astronomia errava ao se limitar a observações e demonstrações matemáticas (BACON, *Of the dignity and advancement of learning*, L. III, Ch. IV, pp. 348-9). Apresentava apenas “o exterior dos fenômenos celestes”. Descrescia-os superficialmente, sem qualquer questionamento mais profundo a respeito “*das razões físicas*”. Essas - fundamentais para Bacon - se conjugadas a hipóteses astronômicas, possibilitariam teorias que não apenas satisfariam aos fenômenos. Permitiriam entender a composição das estrelas e do que havia entre elas, a composição, movimento e influência dos corpos celestes, e o que mantinha os planetas a determinadas distâncias do Sol (BACON, *Of the dignity and advancement of learning*, L. III, Ch. IV, pp. 347-9). A astronomia não seguia um bom caminho, negligenciado o como e o porquê de as coisas serem de determinado modo, e se preocupando apenas com aspectos superficiais.

Talvez nesses comentários possamos notar o que teria levado John Webster a crer que Francis Bacon e Robert Fludd tinham preocupações em comum (ver **capítulo 8** desta tese). Se Fludd se referia à busca de causas ocultas, Bacon, por sua vez,



Sir Francis Bacon (1561-1626) criticou alguns aspectos da astrologia, mas aceitava a existência de influências celestes nos fenômenos terrestres e indicou alguns dos aperfeiçoamentos que esse tipo de estudo deveria sofrer.

recomendava a busca das causas verdadeiras e da realidade das coisas (BACON, *Of the dignity and advancement of learning*, L. III, Ch. IV, p. 347).

Bacon propôs uma reforma da astronomia, que até mesmo ganharia o novo nome de “astronomia viva”, a fim de distingui-la da então existente, considerada por ele “sem conteúdo” (BACON, *Of the dignity and advancement of learning*, L. III, Ch. IV, p. 349).

O SISTEMA DE MUNDO ACEITO POR FRANCIS BACON

Se a opinião de Bacon sobre o estado da astronomia da época não era das mais favoráveis, qual era então a concepção de universo aceita por ele?

Certos comentários do filósofo sugeriam *rejeição ao sistema ptolomaico* de universo:

[...] há bastante tempo rejeitamos esta hipótese de um primeiro móvel abarcando todos os astros, e da solidez do céu, supondo as estrelas fixas nas suas órbitas como pregos [...]; e não é com muito mais fundamento que asseguramos que os *pólos do zodíaco são diferentes daquele do mundo*, que existe um *segundo móvel* que resiste ao primeiro e que coloca todos os astros em sentido contrário, que tudo no céu faz sua revolução em círculos perfeitos, que há os *excêntricos* e os *epiciclos*, suposição imaginada para salvar a hipótese de movimentos constantes em círculos perfeitos; que a lua não produz nenhuma mudança, nenhuma perturbação nos corpos situados abaixo dela (BACON, *Of the dignity and advancement of learning*, L. III, Ch. IV, p. 348).

Mas será, então, que Bacon aceitava uma concepção copernicana?

Porque como os mesmos fenômenos e os mesmos cálculos se ajustam aos princípios astronômicos de Ptolomeu e aos de Copérnico; da mesma forma esta experiência vulgar da qual fazemos uso e esta primeira aparência que as coisas apresentam podem se aplicar a uma infinidade de teorias diferentes. Mas logo que se trata de uma pesquisa séria da verdade há então necessidade de uma outra severidade bastante diferente (BACON, *Of the dignity and advancement of learning*, L. III, Ch. IV, p. 358-9).

Pode-se dizer que Francis Bacon *não parecia satisfeito com os argumentos que fundamentavam a aceitação de uma ou outra concepção*. Para ele nada estava decidido. Eram necessárias muito mais pesquisas sobre o assunto.

É importante lembrar que ao avaliar comentários de autores do século XVII devemos ser cautelosos ao decidir se descrevem movimentos dos corpos celestes pela

sua aparência quando vistos da Terra, ou como movimentos reais. Certos comentários de Francis Bacon, por exemplo, às vezes parecem deixar difícil entender a que ele estava se referindo.

Bacon mencionou movimentos em virtudes dos quais os corpos celestes eram ditos estacionários, retrógrados e diretos, movimentos do Oriente para o Ocidente, ascendente em relação ao apogeu e descendente em relação ao perigeu, movimentos combinados pelos quais eles vinham e voltavam de um trópico ao outro, descrevendo uma espécie de hélice, e linhas tortuosas às quais se dava o nome de dragões (BACON, *Of the dignity and advancement of learning*, L. III, Ch. IV, pp. 347-9).

Queixava-se de não ser estudada a causa física responsável pelos planetas manterem determinada distância em relação ao Sol. Por outro lado, considerava que a constatação de o quanto idéias expostas anteriormente eram absurdas teria levado à suposição, também “absolutamente falsa”, de que a Terra tinha um movimento diurno (BACON, *Of the dignity and advancement of learning*, L. III, Ch. IV, p. 348).¹

Bacon recomendava a observação cuidadosa de trabalhos de filósofos antigos, fossem eles pagãos ou não. Aparentemente ainda não convencido de que havia evidências suficientes para decidir entre um sistema de mundo e outro, sugeria que as idéias desses filósofos deveriam ser reunidas juntamente com o sistema de mundo de cada filosofia, para garantir sua coerência (BACON, *Of the dignity and advancement of learning*, L. III, Ch. IV, p. 359)

Francis Bacon recusava se posicionar a favor do copernicanismo, do ticonianismo ou da concepção ptolomaica de universo por acreditar que ainda não havia evidências suficientes a favor de nenhuma dessas hipóteses. Considerava que ainda eram necessárias muitas observações e coletas de dados para que se chegasse a um resultado satisfatório (BACON, Of the dignity and advancement of learning, L. III, Ch. IV, p. 78).

¹ Embora não aceitasse que a Terra tivesse esse tipo de movimento, Bacon reconhecia a dificuldade de refutar essa idéia a menos que se o fizesse com base em razões físicas: “[...] o sentimento de Copérnico sobre o movimento de *rotação da Terra* (sentimento hoje acreditado) não pode, em vista da sua concordância com os fenômenos, ser refutado pelos próprios princípios astronômicos, mas [...] no entanto pode ser pelos princípios da *filosofia natural* uma vez bem estabelecidos [...]” (BACON, *Of the dignity and advancement of learning*, L. III, Ch. IV, p. 124).

O QUE REJEITAR E ACEITAR NA ASTROLOGIA

A astrologia também precisava ser reformada e ganharia um novo nome:

[...] a astrologia está tão infectada de superstições que é difícil encontrar nela algo de são. Pensamos, no entanto, que em lugar de rejeitá-la inteiramente, é melhor depurá-la bem (BACON, *Of the dignity and advancement of learning*, L. III, Ch. IV, p. 349).

E da mesma forma que esta *astronomia* que se apóia sobre razões físicas nós a qualificamos de *astronomia viva*, também da mesma maneira esta outra *astrologia* que é dirigida por essas mesmas razões, nós a qualificaremos de *astrologia sana* (BACON, *Of the dignity and advancement of learning*, L. III, Ch. IV, p. 351).

É interessante notar que Bacon não propôs que as antiqüíssimas e tradicionais afirmações dos astrólogos a respeito da natureza e inclinações particulares dos planetas fossem simplesmente rejeitadas *a priori*, sem qualquer exame. Deveriam sim ser aceitas as compatíveis com razões físicas (BACON, *Of the dignity and advancement of learning*, L. III, Ch. IV, p. 353).

Em contraposição, como mostramos no **capítulo 5** dessa tese, natividades, eleições e questões horárias foram prontamente rejeitadas pelo autor, que não concebia as influências astrológicas como instantâneas.

Se Bacon criticava esses pontos, o que então aceitava da astrologia? E dentre o “aceitável”, o que devia ser reformado? A partir de que regras era possível “aprender a avaliar e pesar essas opiniões astrológicas, [...], a fim de reconhecer o útil e rejeitar todas as frivolidades”? (BACON, *Of the dignity and advancement of learning*, L. III, Ch. IV, p. 350).

Para Bacon, a experiência mostrava que os solstícios e equinócios, as Luas nova e cheia, e “grandes revoluções desse tipo” tinham uma influência muito sensível sobre os corpos naturais. A Lua era responsável não exatamente pelas marés observadas diariamente, mas, através de uma espécie de força magnética, influenciava o crescimento dessas marés observado a cada quinze dias. O Sol também era responsável por ações manifestas em virtude do calor. Por outro lado, disso não se podia concluir que diferenças mais delicadas nas posições das estrelas produziam algum efeito.

REGRAS PARA A “ASTROLOGIA SANA”

Não era passível de dúvida a existência de outras influências celestes além do calor e da luz. As discussões, no entanto, deveriam ser norteadas por regras cuja finalidade era descartar da astrologia as coisas inúteis (BACON, *Of the dignity and advancement of learning*, L. III, Ch. IV, pp. 350-1).

Deviam ser mantidas as “grandes revoluções”, comparadas por Francis Bacon a grandes peças de artilharia, e abandonadas as “pequenas revoluções”, relacionadas a horóscopos e casas, e comparadas a arcos de curto alcance.

À exceção do calor do Sol e de outros corpos celestes, as influências só agiam sobre corpos terrestres menos densos e mais susceptíveis como os humores, o ar e os espíritos. As ações dos corpos celestes eram exercidas mais sobre as “grandes massas” do que sobre os indivíduos. Podiam, no entanto, atingir indiretamente indivíduos de uma mesma espécie particular, mais susceptível, como se via, por exemplo, quando o ar empestado provocava doenças somente em algumas espécies.

As ações dos corpos celestes tinham longa duração e atingiam grandes espaços. Assim, eram válidas apenas previsões climáticas para períodos longos (anuais, por exemplo) e ficavam descartadas previsões para dias e locais específicos.

A “astrologia sana” visava desvendar a natureza das estrelas fixas e móveis:

[...] assim por dizer, a fim de saber qual é a sua cor e seu aspecto, de que maneira elas cintilam e lançam seus raios; qual a sua situação em relação aos pólos e o equinócio; quais são os seus asterismos, quais são as estrelas que se encontram mais misturadas a outras ou mais solitárias; quais são mais elevadas ou mais baixas; quais, além disso, são situadas na vizinhança do Sol e dos planetas, ou seja, do zodíaco ou são fora desse círculo; quais planetas têm um movimento mais ou menos rápido, quais se movem na eclíptica ou se afastam em latitude; quais podem ser retrógrados e quais não; quais são susceptíveis de se encontrar a todo tipo de distância do Sol, ou são mantidos a uma distância determinada desse astro; quais se movem mais rapidamente no seu apogeu ou no seu perigeu (BACON, *Of the dignity and advancement of learning*, L. III, Ch. IV, pp. 352-3).

Francis Bacon propôs uma série de quatro princípios para analisar a radiação dos corpos celestes. A importância dos aspectos e da posição dos planetas nos signos se fundamentava na mistura de raios. Assim, o fato de um planeta se posicionar num

determinado signo significava uma conjunção dos raios do planeta com os raios daquelas estrelas fixas. Já aspectos formados entre os raios dessas estrelas fixas não eram importantes para as previsões, mas sim apenas para estudar o sistema de mundo e a natureza das regiões subjacentes, dada a situação dessas estrelas ser constante (BACON, *Of the dignity and advancement of learning*, L. III, Ch. IV, p. 352).

Outros fatores a serem levados em conta eram a aproximação e o afastamento da perpendicular em relação a determinado clima (faixa de latitude). A respeito dessa questão, pode-se notar, Bacon aceitava algumas afirmações dos astrólogos, fundamentando-as com base em argumentos físicos:

Porque cada planeta, assim como o Sol, tem seus verões e invernos, onde ele lança seus raios com mais ou menos força, segundo sua direção é mais perpendicular ou mais oblíqua. Com efeito nós não duvidamos que a Lua, posicionada sobre Leão, aja mais fortemente sobre os corpos naturais daqui de baixo do que quando ela está em Peixes. Não que a Lua posicionada sobre Leão se relacione ao coração, e aos pés quando está em Peixes, como se imagina. Mas sim porque no primeiro caso ela se aproxima mais da perpendicular e de estrelas maiores, efeito totalmente semelhante àquele que observamos em relação ao Sol (BACON, *Of the dignity and advancement of learning*, L. III, Ch. IV, p. 352).²

Uma terceira consideração a ser feita dizia respeito ao apogeu e perigeu dos planetas. Era necessário analisar como a força do planeta dependia de sua proximidade em relação à Terra: “porque um planeta no seu apogeu e na sua elevação é mais ativo; e no seu perigeu, mais comunicativo” (BACON, *Of the dignity and advancement of learning*, L. III, Ch. IV, p. 352).

² Os escritos do astrólogo William Lilly sugerem que essa idéia era anterior a Bacon. Lilly aponta que com base nas concepções de John Dee e Dasipous a respeito de a verticalidade de uma estrela implicar na intensidade máxima de sua influência, também o afastamento ou aproximação da vertical podia ser usado para determinar quando um cometa tinha sua influência máxima num dado local. A condição de verticalidade pontuava o auge para os efeitos do cometa. Lilly citou particularmente a seguinte análise atribuindo-a a Dee: “Quanto mais os raios axiais ou na direção radial de uma estrela se tornam perpendiculares em relação a qualquer superfície elementar, mais forte é a influência que imprimem neste local de incidência, de maneira direta, pela maior proximidade do Agente; e de maneira reflexiva, porque esses raios curvados ou refletidos são quase conduplicados em relação aos incidentes” (LILLY, *Englands Propheticall Merline*, p. 37). Essa idéia foi mencionada pela historiadora Mary Bowden como parte da “reforma da astrologia” proposta por Dee (ver BOWDEN, “The scientific revolution in astrology”). No entanto, como mencionamos no início desse capítulo, foi citada e utilizada por Lilly sem o que o astrólogo a mencionasse como parte de algo nesse sentido.

Na quarta proposição destacada por Bacon, vê-se novamente a necessidade de verificar como variava a influência dos planetas:

[...] é necessário ter atenção a todas as ocorrências do movimento dos planetas, tais como circunstâncias em virtude das quais cada planeta caminha mais rápido ou mais lentamente, é direto, estacionário, retrógrado, sua distância em relação ao Sol, as inflamações que eles experimentam, o aumento ou a diminuição de sua luz, seus eclipses, e outras observações semelhantes; todas as coisas que contribuem para aumentar ou diminuir a força dos raios dos planetas, suas ações e virtudes (BACON, *Of the dignity and advancement of learning*, L. III, Ch. IV, p. 352).

PREVISIBILIDADE

Dentro dos limites possíveis de confiabilidade, já que não havia nenhuma necessidade fatal e sim inclinações, para Bacon, a avaliação dessa “astrologia sana” mostrava que as previsões eram mais confiáveis do que as eleições. Aliás, essas nem podiam ser de “momentos ou instantes” precisos, já que as virtudes dos corpos celestes e os efeitos não eram súbitos e instantâneos.

Como já mencionamos no **capítulo 5** dessa tese, Bacon aceitava a possibilidade de previsões sobre assuntos variados:

[...] previsões sobre cometas futuros [...], sobre todos os tipos de meteoros, sobre dilúvios, seca, calores intensos, geadas, tremores de terra, erupções de fogo, inundações ventos e grandes chuvas, diferentes temperaturas do ano, contágios, epidemias, [...] , guerras, levantes, seitas, transmigrações de pessoas; enfim, sobre todos os movimentos e grandes inovações que podem ocorrer na natureza ou nos estados (BACON, *Of the dignity and advancement of learning*, L. III, Ch. IV, p. 353).

Assim, era possível prever eventos relacionados a grandes massas populacionais, mesmo eventos de caráter político e religioso. E, nesse caso, vale notar que Bacon não sugeriu que a capacidade de prever eventos desse tipo estaria relacionada a, por exemplo, poderem ser consequência da insatisfação popular frente a calamidades naturais previsíveis.

Bacon apontou a possibilidade de verificar as populações mais susceptíveis a dados eventos, analisando compleição física, maneira de viver, etc., e assim chegar a certa aplicação particular limitada. Grande dificuldade nas aplicações particulares era a

insuficiência de apenas entender a influência dos astros, sem conhecer a natureza particular de quem as recebia (ver **capítulo 5** dessa tese).

COMO CONSEGUIR A “ASTROLOGIA SANA”?

Para chegar a essa “astrologia corrigida”, Bacon propôs quatro maneiras: “pelas *experiências futuras*, depois pelas *experiências passadas*, em seguida pelas *tradições*, e enfim pelas *razões físicas*” (BACON, *Of the dignity and advancement of learning*, L. III, Ch. IV, p. 354).

Pela maior viabilidade, dados os intervalos de tempo necessários para análise serem grandes, Bacon considerava que trabalhar sobre as experiências passadas era mais proveitoso do que sobre as futuras (ver **capítulo 5**). Propôs, então, que sem desenhar horóscopos (que deviam ser prontamente abolidos), fosse verificada a situação do céu em eventos marcantes da história da humanidade, a fim de construir modelos de previsão. O “tradicionalmente aceito” só devia ser mantido na medida em que concordasse com razões físicas (BACON, *Of the dignity and advancement of learning*, L. III, Ch. IV, p. 355).

É curioso notar a esse respeito que Bacon não parecia desprezar o trabalho de outros autores antigos, fossem eles pagãos ou não. John Webster, que no seu *Academiarum Examen* se apoiou insistentemente em Bacon, criticou Aristóteles de modo áspero e recriminou o fato de o trabalho de um pagão merecer tanta atenção (ver **capítulo 8** desta tese). Diferentemente, embora também o criticasse por negligenciar a busca das causas físicas, Bacon em muitas ocasiões se referiu ao trabalho de Aristóteles com grande admiração (ver, por exemplo, BACON, *Of the dignity and advancement of learning*, L. III, Ch. IV).

Francis Bacon procurou avaliar diversas áreas de conhecimento e chegou a, de fato, propor medidas para que algumas dessas áreas fossem reformadas. Quanto à astrologia, é importante destacar que as propostas de Bacon não incluíam baseá-la no sistema copernicano, sobre o qual aliás ele não tinha uma posição favorável, e nem ao menos resultavam de possíveis pressões externas advindas de novas descobertas da astronomia.

7.2 A ASTROLOGIA HELIOCÊNTRICA DE JOSHUA CHILDREY

O AUTOR

Não são muitas as informações biográficas disponíveis a respeito de Joshua Childrey, autor das obras *Indago astrologica*, *Syzygiasticon instauratum* e *Britannia Baconica*.

Segundo o *Dictionary of national biography*, Childrey recebeu educação acadêmica em Oxford, no Magdalen College. Deixou a universidade com o irromper da Guerra Civil inglesa, e só retornou quando a cidade foi tomada pelas forças do Parlamento. Conseguiu o título de bacharel, mas, dois anos depois, em 1648, foi expulso da universidade pelos inspetores das forças do Parlamento.

Coincidência ou não, parece ter melhorado de vida com a Restauração. Manteve-se com uma escola em Faversham, seu condado natal, até 1660, quando por interferência de um nobre passou a exercer cargos religiosos influentes, inclusive na catedral de Salisbury, onde Seth Ward, um dos fundadores da *Royal Society*, era bispo. Ao nobre que o protegia dedicou o *Britannia Baconica*, publicado em 1660.

Seria Childrey mais um caso nada atípico na Inglaterra dessa época em que fica difícil definir a posição do indivíduo em relação à situação política?

Não segundo o historiador Patrick Curry, que destaca a dissociação de Childrey do radicalismo do *Interregnum* e sua educação em Oxford, então reduto realista. Sua ascensão no meio eclesiástico seria resultado direto da Restauração (CURRY, *Prophecy and power*, pp. 66-7).

A REPERCUSSÃO DOS “ASPECTOS HELIOCÊNTRICOS”

O *Indago astrologica* e o *Syzygiasticon instauratum* foram publicados em sequência nos anos de 1652 e 1653, durante o período do Protetorado, quando Childrey já estava fora da universidade. Essas obras não parecem, segundo as observações do *Dictionary*, ter tido grande repercussão.

Ao que tudo indica, aliás, já quando apresentou o *Indago astrologica* Childrey supunha alguma rejeição às suas idéias, ou ao menos podia ter visto outras propostas de

mudanças serem negadas. Lamentou explicitamente o fato de as pessoas não estarem dispostas a “corrigir” a astrologia (CHILDREY, *Indago astrologica*, p. 12). E, no prefácio do *Syzygiasticon instauratum*, Childrey se queixou da rejeição dos astrólogos ao novo - segundo ele, o diferente de trabalhos seguidores das idéias de Ptolomeu.

A respeito da proposta de astrologia do ponto de vista heliocêntrico, o historiador Patrick Curry aponta: “As recomendações específicas do seu trabalho nem sempre foram bem recebidas pelos astrólogos judiciais [...]. E ele parece ter recebido pouco encorajamento dos filósofos naturais” (CURRY, *Prophecy and power*, pp. 66-7). Curry, no entanto, não menciona de quem especificamente partiam essas reações, onde e como se manifestaram.

É interessante notar que em sua autobiografia, William Lilly, um dos mais importantes astrólogos da época, não se manifestou acerca dessa questão. Verificando o almanaque de Lilly notamos que ele não faz qualquer observação sobre o assunto no ano da publicação do *Indago astrologica*.

Ao contrário da atitude silenciosa de Lilly, John Gadbury e John Partridge teriam negado explicitamente a importância de aspectos que não fossem centrados na Terra (BOWDEN, “The scientific revolution in astrology”, p. 176).

Os aspectos heliocêntricos de Childrey teriam chamado a atenção de alguns renomados astrólogos da época, mas nenhum deles estava tão convencido da importância do sistema de universo para a astrologia. Thomas Street e Vincent Wing se interessaram pelos novos aspectos, mas também mantiveram os antigos. Street, que conhecia Childrey pessoalmente, publicou uma efeméride heliocêntrica e sua correspondente geocêntrica em 1653. Childrey, então, não estava isolado na idéia de calcular aspectos heliocêntricos. Francis Bernard, segundo Bowden, teria seguido a “linha de pesquisa de Childrey sobre os ascendentes das cidades” (BOWDEN, “The scientific revolution in astrology”, p. 176).

A REPERCUSSÃO DE SUAS OUTRAS PRODUÇÕES

Em 1660, ano da Restauração, Joshua Childrey publicou o *Britannia Baconica*, uma obra de história natural dos condados britânicos. Reuniu suas próprias observações

e de outros autores sobre condições climáticas, de vegetação, relevo, geologia, hidrografia, agricultura, criação de animais e pesca nesses condados.³

Trouxe ainda referências ao tipo de população encontrada nesses locais, suas crenças e costumes, comportamento e alimentação. Descreveu sonhos supostamente premonitórios dessas pessoas e fenômenos curiosos como supostas “chuvas de sangue” em determinadas localidades.⁴

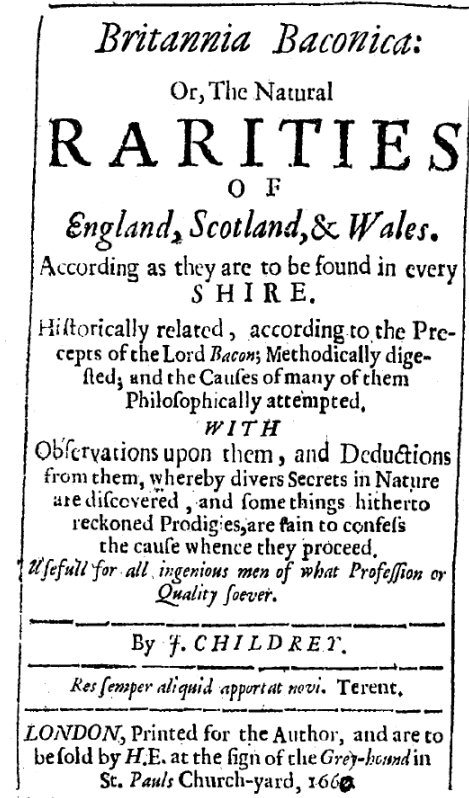
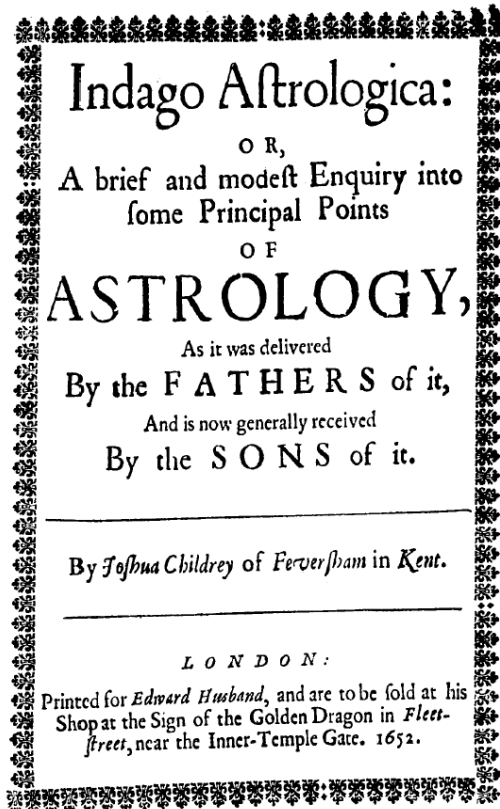
Há indícios de que o *Britannia Baconica* foi, na época, a contribuição mais conhecida de Childrey. Segundo o autor, esse era um trabalho pioneiro, que visava fazer com que as pessoas conhecessem o próprio país, e não somente fossem capazes de falar sobre outras terras e países longínquos.

Dirigia-se, assim, não somente a especialistas interessados em história natural, mas a vários tipos de leitores. Ao “vulgar”, para ensinar-lhe o que era verdade a respeito dos condados, mesmo que sua condição financeira não lhe permitisse visitá-los. Para que não acreditasse em qualquer coisa que lhe fosse contada, e nem simplesmente as rejeitasse de prontidão. Dirigia-se também aos que podiam viajar a esses condados, mas resolviam viajar ao exterior e nem sabiam o que existia de curioso no próprio país. Procuravam em outros locais do mundo o que havia ali mesmo na Inglaterra.

A relação desse livro com Francis Bacon não estaria somente no título que lhe faz homenagem. Sua própria execução teria sido recomendada por Bacon. Também numa referência direta a ele, trata-se de um livro muito mais de observações do que de induções, porque a essas últimas ainda seria precipitado se dedicar antes que fossem reunidas mais “histórias”.

³ Os autores e seus respectivos livros citados são: Mr. Cambden, *Britannia*, Mr. Dugdale, *Description of Warwickshire*, Mr. King, *Vale Royal*, Mr. Lambert, *Perambulation*, Mr. Philpot, *Villare Cantianum* (CHILDREY, *Britannia Baconica*, To the Reader). Childrey recorreu a Agrícola quando se referiu a metais e cristais (CHILDREY, *Britannia Baconica*, p. 37).

⁴ Childrey não descartava a possibilidade de sonhos terem capacidade de previsão. Diante dos vários relatos dessas ocorrências, julgava que a questão devia ser investigada e não simplesmente descartada como fantasia. Baseava-se na recomendação de Bacon de que também a respeito desse assunto uma “história” deveria ser coletada e examinada (CHILDREY, *Britannia Baconica*, p. 7). Em alguns tipos de presságio vê-se claramente que Childrey não acreditava: as pessoas comuns concebiam relações premonitórias infundadas para o que não conseguiam explicar. Esse era o caso de inundações repentinas no condado de Wiltshire que podiam ser explicadas pelo acúmulo de água de chuva em certas formações rochosas (CHILDREY, *Britannia Baconica*, p. 55).



Duas obras de Joshua Childrey (1623-1670), um dos “reformadores” ingleses da astrologia, que procurou seguir as concepções metodológicas de Francis Bacon. (CHILDREY, Joshua. *Indago astrologica: or, a brief and modest enquiry into some principal points of astrology, as it was delivered by the fathers of it, and is now generally received by the sons of it*. By Joshua Childrey of Feversham in Kent. London: printed for Edward Husband, and are to be sold at his shop at the sign of the Golden Dragon in Fleet-street, near the Inner-Temple Gate, 1652; CHILDREY, Joshua. *Britannia Baconica: or, The natural rarities of England, Scotland, & Wales. According as they are to be found in every shire. Historically related, according to the precepts of the Lord Bacon; methodically digested; and the causes of may of them philosophically attempted. With observations upon them, and deductions from them, whereby divers secrets in nature are discovered, and some things hitherto reckoned prodigies, are fain to confess the cause whence they proceed*. Usefull for all ingenious men of what profession of quality soever. By J. Childrey. London: Printed for the author, and are to be sold by H.E. at the sign of the Grey-hound in St. Pauls Church-yard, 1662).

O *Britannia Baconica* logo ganhou traduções para o francês. É interessante notarmos que o *Indago astrologica* e o *Syzygiasticon instauratum* eram obras astrológicas, enquanto o *Britannia Baconica*, embora em alguns momentos teça considerações de cunho astrológico, era essencialmente uma obra de história natural dos condados ingleses. E essa teria, de fato, adquirido grande repercussão. O próprio Henry Oldenburg, primeiro presidente da *Royal Society*, em correspondência a Childrey, se queixou da dificuldade de conseguir exemplares em Londres (carta transcrita em BOWDEN, “The scientific revolution in astrology”, p. 173).

CHILDREY E A *ROYAL SOCIETY*

Joshua Childrey manteve contato com membros da *Royal Society* como Henry Oldenburg, John Wallis e Seth Ward, e algumas de suas cartas a essas pessoas foram conservadas pela instituição.⁵ Numa delas, Childrey demonstra a Oldenburg admiração pelas idéias de Francis Bacon e disposição de participar da coleta de material para as “histórias” (reproduzida em BOWDEN, “The scientific revolution in astrology”, p. 169). Parece demonstrar, assim, interesse em participar do projeto que a instituição se dispunha realizar.

Outro interesse de Childrey que também encontrava paralelo na *Royal Society* era a meteorologia. Ele manteve por anos a fio um diário com observações sobre clima e se correspondeu com Oldenburg a respeito do assunto. Uma das cartas de Oldenburg diz respeito ao recebimento, pelos *observadores amadores*, de instruções provenientes de Robert Hooke para registro de informações meteorológicas (transcrita em BOWDEN, “The scientific revolution in astrology”, p. 169).

Mas Childrey não parece ter sido exatamente um amador. Segundo Patrick Curry, ele era um astrônomo competente e bem conhecido pela *Royal Society* (CURRY, *Prophecy and power*, p. 64). Aliás, como demonstra o *Britannia Baconica*, dedicava-se

⁵ Chegou até mesmo a travar com John Wallis uma discussão nas páginas da revista da instituição sobre fluxo e refluxo do mar. Segundo o *Dictionary*, Childrey realizou uma intensa observação de marés e condições climáticas em Weymouth, e pretendia enviá-las a *Royal Society*, mas essas foram perdidas. De qualquer forma, como veremos, o *Britannia Baconica* trata do assunto, que era também um dos mais freqüentes interesses da instituição na época, o que pode ter atraído a atenção de Oldenburg para essa obra.

a atividades tratadas com peculiar atenção pela instituição então recentemente oficializada: observações astronômicas e construção de telescópios (CHILDREY, *Britannia Baconica*, pp. 183-4).

Se Childrey havia recebido educação acadêmica em Oxford, se mantinha correspondência com membros da *Royal Society*, e em alguns pontos seus interesses eram convergentes, parece curioso que ele também não tenha se tornado *fellow* e participado das reuniões.

Childrey se interessava pela meteorologia e mais especificamente pela astrometeorologia. Sabemos que a *Royal Society* mantinha na época forte interesse pela meteorologia, mas se tinha interesse em investigar alguma relação entre os aspectos dos planetas e condições climáticas fica difícil dizer.⁶

Como mostra a história oficial da instituição, publicada por Thomas Sprat, ainda na sua primeira década de fundação, Robert Hooke relacionava nas tabelas meteorológicas a posição do Sol, a fase e a posição da Lua. Quanto à posição do Sol aparentemente ele o fazia como uma espécie de marcação da hora do dia. E a fase da Lua podia até ser registrada por sua então aceita relação com as marés. Ao menos não há indícios de que houvesse algo além disso no interesse de Hooke (ver o **capítulo 9** desta tese). E ele não registrava os aspectos dos planetas entre si (SPRAT, *The history of the Royal Society*, p. 176).

Além disso, numa das correspondências a Oldenburg, Childrey se queixava de que na tabela do livro de Sprat, aspectos astrológicos importantes entre os planetas ocorridos naqueles dias não eram registrados. Segundo Patrick Curry, se houve resposta de Oldenburg não há registro dela (CURRY, *Prophecy and power*, p. 66).

É complicado, então, dizer em que medida a *Royal Society* se interessava pelo enfoque de Childrey ou se *ele* queria que esse lhes interessasse. Algumas indicações talvez apontem que em determinados assuntos ele *não* era o que a *Royal Society* considerava um observador de confiança. Num trecho de uma carta para Oldenburg, Childrey diz que havia convencido a fazer registros do tempo uma pessoa ideal, assim

⁶ Discutiremos essa questão em detalhe no **capítulo 9** dessa tese.

definida porque *não era inclinada à astrologia* (transcrita em CURRY, *Prophecy and power*, p. 66).

Um ponto interessante que notaremos a seguir é certa mudança de discurso observada no decorrer da publicação dos três livros que talvez possa sugerir hipóteses como a de que o autor teria recebido críticas, não desejava mais se expor tão abertamente a respeito de determinado assunto ou quem sabe estivesse tentando se adequar a algo.

ASPECTOS HELIOCÊNTRICOS

Como mencionamos no capítulo anterior, Joshua Childrey propôs que se passasse a utilizar aspectos heliocêntricos em vez de geocêntricos. Os aspectos tinham a classificação, momento e local de ocorrência em relação ao zodíaco, alterados de acordo com o que se considerava como centro (CHILDREY, *Indago astrologica*, pp. 6-7).

Para notar essas mudanças, deviam ser verificados os momentos e posições dos planetas em relação ao Sol, e reformadas as efemérides. Como a Lua se movia em torno da Terra, ela mantinha sua posição das efemérides antigas.

Para os planetas superiores, havia mudanças na posição em relação ao zodíaco e no momento de ocorrência dos aspectos. Além disso, havia mudanças qualitativas. O que era dito anteriormente uma conjunção com o Sol, tornava-se uma oposição em relação à Terra. A oposição em relação ao Sol se tornava uma conjunção em relação à Terra. O sextil em relação ao Sol era uma triangularidade em relação à Terra, e vice-versa. As quadraturas eram mantidas.⁷

No caso dos planetas inferiores, ou seja, Vênus e Mercúrio, dispostos entre o Sol e a Terra, havia mudanças somente no tipo de aspecto, mas não na posição, nem no momento de ocorrência.

As mudanças dependiam da ordem dos planetas, isto é, se eles eram internos ao conjunto Sol-Terra ou externos. Quando vemos da Terra uma conjunção de Vênus e Sol, na realidade pode estar ocorrendo uma oposição entre Vênus e Terra, ou uma conjunção entre esses dois. Além disso, esses planetas, tais como os superiores:

[...] terão um sextil quadratura e triangularidade em relação à Terra, como os três Superiores têm, além de uma quadratura, triangularidade e oposição um em relação ao outro, todos os aspectos que nossas Efemérides os fariam incapazes de ter (CHILDREY, *Indago astrologica*, p. 8).

Outro fator a ser considerado, segundo Childrey, era a diferença de importância entre os aspectos. Visto os movimentos ocorrerem em relação a centros diferentes, aspectos entre a Lua e outros planetas eram menos influentes. Além disso, como os adjetivos “estacionário”, “retrógrado” e “direto” dados aos movimentos não tinham existência real, não deviam mais ser feitas considerações com base nessa classificação. Outras características dos movimentos dos planetas em suas órbitas como o apogeu e o perigeu deviam ser levadas em conta.

Childrey chamou a atenção para que essas mudanças fossem feitas, e procurou enfatizar por quê as considerava necessárias. As mudanças de aspectos geocêntricos para heliocêntricos apresentadas no *Indago astrologica* não eram tão óbvias, principalmente se levarmos em conta o fato de que o autor não apresentou esquemas ou diagramas que facilitassem a compreensão. Se estava propondo algo novo talvez devesse tentar explicar melhor essas mudanças, a menos se pensarmos que ele se dirigia a um público bastante específico e tão acostumado a lidar com o assunto que essas transformações pudessem ser realizadas mentalmente sem a necessidade de desenhos.

Como o *Indago astrologica* era uma obra bastante curta poder-se-ia esperar que o autor ampliasse ou aprofundasse suas explicações sobre essas mudanças nos anos seguintes. Entretanto, não é isso que vemos no *Syzigiasticon instauratum*.⁸

Nessa obra, Joshua Childrey comentou que o livro anterior foi curto demais e que iria, então, esclarecer muita coisa. Mas será possível dizermos que ele explica melhor o que apresentara anteriormente?

Não foi isso o que fez em relação a muitas questões. Aliás, o que Childrey algumas vezes apresenta como explicações mais claras parecem ser muito mais

⁷ Essas duas últimas relações são difíceis de entender.

⁸ Sizígia é a conjunção ou oposição de um planeta, especialmente da Lua com o Sol (o que se observa no plenilúnio e no novilúnio).

tentativas de dissimular mudanças de opinião ou mesmo recuo diante de conseqüências nada aprazíveis de uma tomada de posição mais radical.

SEGUINDO OU NÃO AS IDÉIAS DE FRANCIS BACON

Outro ponto a ser destacado nessa discussão é a necessidade de analisarmos se Joshua Childrey, que tanto elogiava Francis Bacon (CHILDREY, *Indago astrológica*, pp. 3-4), de fato seguia as idéias do filósofo a respeito da “astrologia sana”.

Vimos que a astrologia proposta por Bacon era uma *astrologia* essencialmente *de aspectos*, na qual o tradicional julgamento baseado em casas era descartado. Podemos dizer que no *Indago astrológica*, Childrey, tal como Bacon, deu a entender que também *não aceitava a tradicional divisão em casas e signos*. Parecia ver esses e outros elementos como subterfúgios criados para “contornar” os erros da astrologia velha:

Que a maior parte daquela pilha de Dignidades essenciais e acidentais, e Debilidades, como Casa, Exaltação, Triplicidade, Termo, Face, Detrimento, Queda, Peregrinidade, Recepção, [...], juntos com a casa da Fortuna, vida e morte, e as divisões severas de Casas e Signos não merecem outro lugar se não serem relacionados entre aqueles Truques dos quais eu falei antes, que foram inventados para o mesmo fim, como é bem provável (CHILDREY, *Indago astrológica*, p. 12).

Se interpretarmos que no *Indago astrológica*, a astrologia de Childrey *parecia* ser uma astrologia de aspectos, na qual signos e julgamentos por casas eram descartados, é inevitável que nos questionemos a respeito dos seus comentários no ano seguinte:

[...] se os Planetas têm quaisquer dignidades ou debilidades nos Signos ou se houver quaisquer qualidades nos Signos, ou se tais Signos forem os Ascendentes de tais locais, é mais favorável à razão pensar que essas coisas acontecem a eles por causa das Estrelas fixas neles localizadas; as quais, porque os Equinócios são antecipados deixaram suas posições; e, por conseguinte, que aquelas relações são também alteradas, dos seus locais anteriores no mesmo Signo ou de um Signo para outro [CHILDREY, *Syzygiasticon instauratum*, The Preface].

Assim, no *Syzygiasticon instauratum*, Childrey não rejeitava os signos, e também não rejeitava as casas, como procurou deixar claro:

E embora no mesmo Livro eu fale um tanto quanto duvidosamente das várias divisões das Casas e Signos; ainda assim, não quis dizer nem das divisões do Zodíaco em Áries, Touro, [...], nem da divisão dos Céus em doze Casas, como alguns podem pensar, mas somente das divisões das Casas em Masculina, Feminina, Fleumática [...], como também das divisões dos Signos em Móveis, fixos [...], em vista de que esses últimos parecerem favorecer tão ardentemente a fantasia. Quanto aos anteriores, a razão deles é um tanto quanto aparente e então será um exemplo de modéstia julgá-los de modo complacente até que sejam feitas observações que possam ratificá-los ou corrigi-los [CHILDREY, *Syzygiasticon instauratum*, The Preface].

O autor procurou sustentar sua confiança no sistema heliocêntrico, e na necessidade de transformar as efemérides para esse sistema. Quanto ao resto teria dúvidas. Todavia, *sua astrologia não pode ser dita exclusivamente de aspectos*.

Francis Bacon descartava a tradicional elaboração de figuras astrológicas com base nas casas. Joshua Childrey a utiliza no *Syzygiasticon instauratum*: “[...] achei conveniente (apesar de minhas inovações em outras partes da Astrologia) reter ainda a antiga maneira de erigir [as figuras astrológicas]” (CHILDREY, *Syzygiasticon instauratum*, [p. 43]). Assim, *podemos dizer que seu trabalho parecia fortemente influenciado pelas idéias de Bacon, embora não seja adequado dizer que ele seguia na prática o que Bacon sugeriu para a astrologia*.

CHILDREY HAVIA MUDADO DE OPINIÃO?

Ao que tudo indica, há uma diferença notória entre esses comentários extraídos de obras publicadas em anos contíguos. Childrey teria mudado de opinião e procurou contornar a situação para não ter que admiti-lo? Ou agiu com pouca cautela no *Indago astrologica*, fazendo afirmações pouco claras, foi criticado, e no *Syzygiasticon instauratum* procurou esclarecer que sua rejeição a esses elementos não era tão radical assim?⁹

Se aceitarmos essa segunda hipótese, ao menos temos que admitir que a atitude precipitada e pouco clara na sua primeira obra não era de forma alguma recomendável para quem almejava a aceitação de suas propostas. Curiosamente, no entanto, não

⁹ Para a historiadora Mary Bowden, Childrey “**modificou** algumas das críticas que tinha feito à astrologia tradicional no *Indago*” (BOWDEN, *The scientific revolution in astrology*, p. 172; grifo meu). Bowden assim relata o que ocorreu, e não procura discutir essa questão.

podemos dizer que ele parece ter levado em conta que clareza era importante numa obra com objetivos nada triviais. Aliás, o modo como escreve torna difícil até mesmo compreendermos para *quem* ele escreve.

É possível que Childrey superestimasse a capacidade dos leitores ou se remetesse aos profissionais da área. Se pensarmos no *Syzygiasticon instauratum* como um livro dirigido a profissionais é possível entender por quê o autor, ao contrário de William Lilly, não se preocupou, por exemplo, em ensinar como as tabelas deviam ser lidas. Nesse caso, os dois se dirigiram a leitores de diferentes categorias. Por outro lado, parece incompreensível que defina coisas como conjunções, quadratura e outros aspectos, ou se preocupe em mencionar símbolos correspondentes a cada signo. Childrey algumas vezes se endereça explicitamente aos entendidos em astronomia. Por outro lado, não faz o mesmo em relação aos leitores comuns.

O prefácio do *Syzygiasticon instauratum* apresenta este como complementação ao *Indago astrologica* na medida em que preenchia o que fora deixado como lacuna. Todavia, pode-se notar que para Childrey talvez não fosse necessário explicar de modo mais claro o que o livro anterior deixara nebuloso. Em boa parte dos casos, não encontramos maiores explicações ou aprofundamentos. Joshua Childrey não retomou aquelas questões, mas sim deu um passo adiante.

Mostrou-se surpreso por astrólogos não convencidos da *realidade* do sistema copernicano terem criticado a premissa da qual partiram suas propostas de mudanças. No entanto, apesar de dizer que teria agido de modo diferente se soubesse disso, vemos que ele novamente não procurou fundamentar essa premissa. Projetava para o futuro escrever o que Francis Bacon (que não aceitava o sistema copernicano) chamou “*Historia Coelestium sive Astronomica*; pela qual [segundo Childrey] a verdade do Sistema de Copérnico [...] irá transparecer além do alcance de todas as objeções” (CHILDREY, *Syzygiasticon instauratum*, The Preface).

O QUE CHILDREY PRETENDIA FAZER

O *Syzygiasticon Instauratum* fala explicitamente de empregar os procedimentos delineados por Francis Bacon para “o avanço da Filosofia Natural” em prol do “avanço da astrologia”.

Primeiramente, era necessário reunir histórias e cronologias confiáveis dos fatos mais significativos de impérios e reinos. Para o momento de ocorrência de cada um desses fatos deviam ser verificadas as posições dos planetas e outros dados astrológicos relevantes.

Era importante verificar todos os eclipses ocorridos em tempos passados, e a que eventos públicos podiam estar relacionados. Devia-se fazer o mesmo em relação aos cometas, juntamente com o registro de suas principais características.

Também era necessário registrar todas as condições climáticas extremas já ocorridas, como grandes secas e geadas, e verificar os aspectos dos corpos celestes para esses casos. Deviam ser examinadas suspeitas de repetição de determinadas seqüências de condições climáticas. Havia indícios, por exemplo, de que grandes secas eram precedidas pelo aparecimento de cometas.

Childrey dava preferência ao assunto “previsões climáticas”, considerado por ele a área mais certa e óbvia da astrologia. Acreditava, no entanto, que as alterações propostas podiam repercutir positivamente em várias áreas como a astrologia horária, a “revolucionar” e a que tratava das natividades (CHILDREY, *Syzygiasticon instauratum*, The Preface).

Para isso recomendava um procedimento bem ao gosto baconiano: reunir e examinar uma grande quantidade de dados, agindo em cooperação, pois o trabalho era impossível para ser realizado por um único indivíduo.¹⁰ No caso das natividades, por exemplo, conclamou os que dispusessem de grande quantidade de dados a transformá-los para o sistema copernicano e compará-los a eventos ocorridos aos indivíduos em questão.

¹⁰ É interessante notar que Childrey pediu cooperação para um empreendimento bem ao gosto de Bacon, mas não se referiu explicitamente à *Royal Society*. Childrey mencionou ter tido a contribuição de um certo “Mr. Rich. Fitz-Smith” para o cálculo de movimentos e aspectos dos planetas (*Syzygiasticon instauratum*, The Preface). E, numa nota do *Potscript*, afirmou que esse autor iria brevemente publicar uma efeméride heliocêntrica para o ano de 1654, o que de fato ocorreu. Segundo Bernard Capp, Rich.

O QUE CHILDREY FEZ

O *Syzygiasticon instauratum* trouxe uma efeméride para o ano de 1653, então corrente. Apresentou os aspectos calculados tendo o Sol como o centro das órbitas dos planetas. Trouxe as festas móveis da Igreja, as fases da Lua e os momentos de nascer e pôr do Sol. Além de, com base nesses dados, previsões climáticas mês a mês.¹¹

Na maioria dos casos, no entanto, não explicou como foram feitas essas previsões e apresentou registros quase telegráficos.

O primeiro dia frio. O segundo vento e nuvens esvoaçantes. O 4 gelo. O 5 frio, inclinando para Neve, e desse modo até o 8 dia. Então ventos clareadores e mais quentes do que antes. [...]. O 15 temperado (CHILDREY, *Syzygiasticon instauratum*, p. [40]).

Apenas em poucas situações encontramos indícios do que teria levado o autor a determinada previsão. Este foi o caso do mês de março em que ficou explícita a existência de uma relação entre eclipses da Lua e ventos.¹² Também para esse mês, as condições das marés foram previstas em função das fases da Lua e dos aspectos dos planetas. Já para maio, a passagem de um planeta por uma estrela fixa o levava a determinada previsão. E a maior proximidade de um planeta em relação à Terra também implicava em certas condições climáticas.

As tabelas traziam os aspectos dos planetas entre si e os aspectos da Lua em relação ao Sol. Registravam periélios e afélios, e apresentavam os trânsitos dos planetas por estrelas fixas. Apresentavam também os momentos de entrada *da Terra* nos solstícios e equinócios, em contraposição às efemérides geocêntricas que mostravam a entrada *do Sol* nesses pontos.

Esta era uma exemplificação, já que o próprio autor desfez explicitamente qualquer expectativa de que pudessem esperar dele algo semelhante ano a ano, nos

Fitz-Smith pode ter sido simplesmente um pseudônimo usado por Childrey (CAPP, *Astrology and the popular press*, 306).

¹¹ Childrey mencionou ter tomado como base a efeméride apresentada pelo seu “muito honrado amigo” Vincent Wing na obra *Harmonicon Coeleste*. Wing era um astrólogo-astrônomo, partidário do Rei e heliocentrista.

moldes dos almanaques. Gostaria que outros fizessem o mesmo para o ano seguinte. E o que pretendia através desse caso era que pudessem julgar se os aspectos heliocêntricos ou os geocêntricos eram os válidos: “[...] eles irão ver rapidamente se esses ou os velhos Aspectos têm maior influência sobre a matéria passiva e o maior comando do ar” (CHILDREY, *Syzygiasticon instauratum*, The Preface).

NOVAS EFEMÉRIDES, VELHAS REGRAS

Podemos considerar esses comentários particularmente curiosos por alguns motivos. Childrey já *de antemão* garantia que seus aspectos heliocêntricos eram *os válidos* porque partiam da “verdadeira” concepção de mundo. Calculava, deste modo, a “única verdadeira doutrina dos aspectos, e a única fundação razoável da Astrologia” (CHILDREY, *Syzygiasticon instauratum*, The Preface).

A observação, ele explicitamente qualificava como evidência menor: “A essas razões anteriores iremos acrescentar outra, embora menor, Que a verdade dessa doutrina dos Aspectos é maravilhosamente confirmada pela observação [...]” (CHILDREY, *Syzygiasticon instauratum*, The Preface).

Então, a correspondência das previsões à realidade era ou não uma tentativa de mostrar que seus aspectos eram os válidos? Isso ele já não considerava garantido?

É interessante notar que uma coisa era a efeméride heliocêntrica e outra, as previsões baseadas nessa efeméride, dependentes de regras das quais nosso autor não tinha certeza.

Como era possível decidir entre uma efeméride e outra? Mesmo se a previsão desse errado, podia ser a forma de fazer o julgamento e não a opção pela efeméride heliocêntrica o motivo do erro.

Notamos que, curiosamente, Joshua Childrey procurou transformar os aspectos de geocêntricos para heliocêntricos, mas fez as *previsões seguindo normas tradicionais da astrologia*: “De acordo com as máximas da Astrologia [...]”, “de acordo com os cânones da astrologia” (CHILDREY, *Syzygiasticon instauratum*, pp. [47; 52]).

¹² Em outra ocasião, quando fez a figura para a entrada da Terra em Câncer, novamente ele voltou a mencionar a relação entre eclipses da Lua e ventos. Essa relação, segundo Childrey, teria sido estabelecida por Bacon no seu livro sobre a História dos Ventos.

Procurou usar coisas sobre as quais, segundo ele, havia certo consenso na astrologia, e, em muitos casos, recorreu diretamente a conclusões de outros autores como Proclus e ao tradicional “como Ptolomeu diz ...”. Não deixou de usar qualificações às quais, em princípio, o *Indago astrologica* parecia ter se posicionado contra, como um planeta ser senhor de uma casa ou figura, estar em detrimento, ser peregrino, maléfico ou benéfico.

Vale notar que Childrey utilizou essas regras não sem certos comentários que pareciam colocá-lo alheio a elas. Qualificações como “detrimentos” e “peregrino” foram seguidas de parênteses nas quais se viam as respectivas expressões: “como eles dizem”, “como é comumente dito” (CHILDREY, *Syzygiasticon instauratum*, pp. [48; 49]).¹³

Joshua Childrey qualificava os tradicionais cálculos dos ascendentes como uma “escandalosa vergonha” (CHILDREY, *Syzygiasticon instauratum*, p. [54]). Considerava estranho que países localizados num meridiano próximo tivessem ascendentes muito diferentes. Os antigos não teriam definido o que significava ser ascendente de uma cidade, e Ptolomeu, embora tenha calculado o de várias, não explicara como fazê-lo.

Childrey, no entanto, *utilizou nas previsões correspondências tradicionalmente aceitas* entre signos e locais na Terra. E aceitou Capricórnio como o ascendente de Oxford, para fazer previsões para a universidade.

Fica difícil, assim, entendermos qual a expectativa do autor. Se a previsão falhasse, o que estaria errado? Aquele tipo de efeméride, com os aspectos heliocêntricos, ou a relação cidade/local-signo por exemplo? Como avaliar que erro possivelmente correspondia a cada uma dessas etapas?¹⁴

¹³ No *Britannia Baconica*, Childrey parece ter feito questão de indicar que não era exatamente um profissional da área, embora tivesse muito interesse pelo assunto. Também no comentário sobre a conjunção de Saturno e Marte, que iremos discutir, ele deixou claro a sua não inserção entre esses profissionais. Referiu-se ao signo de Libra, “que os *Astrólogos* reconhecem como a casa de Saturno” (CHILDREY, *Britannia Baconica*, p. 53).

¹⁴ Ele recomendava que os astrólogos se dedicassem a sério à determinação dos ascendentes. Para Childrey, era absurdo dizer que o “nascimento” de uma cidade era a ocorrência de seu primeiro habitante, e insatisfatória a decisão de autores, como Haly, de extrair o ascendente da figura do momento de lançamento da pedra fundamental de cada cidade. Tais eventos julgava impossíveis de determinar. O melhor era observar, num local, efeitos peculiares em eventos como conjunções e eclipses, e tentar inferir a partir daí o ascendente desse local. Ele observava, no entanto, que vários autores não chegavam aos mesmos resultados usando este método (CHILDREY, *Syzygiasticon instauratum*, pp. [53-4]).

Ao que tudo indica, Childrey sinalizava que era necessário aceitar temporariamente a divisão do zodíaco em signos e o tradicional julgamento segundo casas, a fim de que essas questões fossem esclarecidas pela prática. De fato, se esperava alguma concordância entre os resultados observados com os previstos *segundo essas regras* pela efeméride heliocêntrica parece contraditório que as descartasse.

Pode-se dizer, então, que para julgar os aspectos heliocêntricos do *Syzygiasticon instauratum*, Childrey recorreu a antigos princípios da astrologia, embora não garantisse a validade desses princípios. Para ele, dos antigos, ao menos do que se conservou não havia muitos resultados bons: aplicavam corretamente as leis de observação, *mas partiam da hipótese incorreta*.

Há muito a ser descoberto se os homens de fato e bem recorressem à observação e duvidassem mesmo dos próprios Princípios da Astrologia até que tenham examinado a veracidade deles (CHILDREY, *Britannia Baconica*, The Preface to the Reader).

É interessante notar que também os *tópicos* abordados por Childrey foram os tradicionalmente abordados por outros autores. Dedicou-se, por exemplo, à construção de figuras astrológicas para os quatro quartos do ano (data de início do inverno, primavera, verão e outono) como forma de prever condições climáticas para toda a estação. Deixar de fazê-lo, segundo ele mesmo afirmava, seria deixar o trabalho incompleto.

Essas figuras, é claro, eram diferentes das analisadas por outros autores. Childrey fez figuras para a entrada da *Terra* em Câncer (inverno), Libra (primavera), Capricórnio (verão) e Áries (outono), e não para a entrada do Sol nos signos. Apesar da inovação, muito se mantinha intacto: “Os vários Esquemas devem se seguir agora nos quais nada é alterado à exceção das posições dos Planetas, que são dispostos como

No *Britannia Baconica*, que só seria publicado bem depois, no início da década de 1660, Childrey apresentou alguns resultados de cálculo de ascendentes. Para a cidade de Oswestry, Childrey considerava que, de modo bem aproximado, o ascendente podia ser obtido. Devastaram a cidade dois graves incêndios ocorridos no século XVII, logo após eclipses do Sol em Áries, com diferença de posição de apenas dois graus. Já outro eclipse no mesmo signo e a 8 graus nada provocou de extraordinário. Os ascendentes de cidades próximas pareciam ser pouco diferentes, já que nesse último eclipse duas delas sofreram graves danos, e, em contraposição, nada lhes ocorreu nos eclipses prejudiciais a Oswestry (CHILDREY, *Britannia Baconica*, p. 126).

calculados na presente Efeméride [...]” (CHILDREY, *Syzygiasticon instauratum*, p. [43]).

Os comentários do autor foram baseados principalmente nas tradicionais casas e correspondências com eventos cotidianos. Ele não deixou, aliás, de incluir previsões sobre o comportamento das pessoas e suas condições de saúde, além de ponderar sobre relações entre essas figuras e pessoas cujas natividades tivessem determinadas características.

O *BRITANNIA BACONICA*

No *Britannia Baconica* não havia muitos comentários sobre astrologia, embora possa se dizer que, mesmo sendo uma obra de história natural, não faltasse oportunidade para abordar o assunto.

A maior parte dos apontamentos sobre os condados era meramente descritiva: “O ar de Devonshire é frio e salubre”; “Neste Condado o Ar é suave e o solo geralmente muito úmido, lamacento e pantanoso” (CHILDREY, *Britannia Baconica*, pp. 28 e 32).

Não foram mencionados supostos ascendentes para os locais descritos. O autor não só não procurou explicações astrológicas para as características observadas, como nenhum tipo de explicação na maior parte dos casos. E mesmo quando se dedicou a explicar alguma característica, geralmente demonstrou preocupação em não se estender nessas explicações: “Muito mais eu poderia dizer mas não estou disposto a ir muito adiante sobre plausibilidades” (CHILDREY, *Britannia Baconica*, p. 37).

Em raras ocasiões hipóteses foram examinadas com mais cuidado. Esses foram os casos, por exemplo, de Stonehenge e do fato, relatado com certo espanto, de encontrarem em regiões afastadas do mar algo que, pela descrição do autor, atualmente diríamos ser fósseis de animais marinhos (CHILDREY, *Britannia Baconica*, pp. 48; 76-9).

Em meio a descrições dos condados, encontramos algumas poucas, mas bastante contundentes, referências a estudos de Childrey sobre possíveis influências astrológicas. O autor procurou verificar se certos fenômenos ocorridos nessas áreas estariam relacionados a eventos astrológicos. É interessante notar que essas questões parecem ser

tratadas com bastante cautela. Em geral foram apresentadas algumas possibilidades a serem melhor investigadas, mas não uma conclusão sobre esses assuntos.

Um desses casos diz respeito ao condado de Berkshire (CHILDREY, *Britannia Baconica*, p. 52). Certo autor de nome Cambden teria relacionado uma conjunção de Saturno e Marte em Capricórnio à ocorrência, em 1348, de uma praga causadora de grande mortalidade.

Para Childrey, o intervalo de seis anos, entre a conjunção aludida por Cambden e a ocorrência da praga, era muito extenso para considerá-la causa da epidemia. Além disso, esse evento astrológico era pouco importante se comparado a um efeito de tais proporções. Conjunções de Saturno e Marte eram comuns a cada dois anos, e, algumas vezes, como em 1640, foram três num único ano, desacompanhadas do registro de eventos extraordinários.

O evento mencionado por Cambden foi comparado a ocorrências semelhantes. No ano de 1578 teria havido uma conjunção de Saturno e Marte no signo de Capricórnio, com uma diferença de localização de apenas dois graus em relação a essa de 1342. Os anos seguintes não registrariam mortalidades daquele tipo.

Segundo Joshua Childrey, era mais provável que a mortalidade peculiar estivesse relacionada a algum outro evento de “maior importância e influência”, ocorrido numa data mais *próxima* a 1348. Uma possibilidade era a conjunção de Saturno e Júpiter nos 18 graus de Libra em 1345 (CHILDREY, *Britannia Baconica*, p. 53).

Ainda assim, Childrey considerava precipitado aceitar essa ligação sem maiores investigações, a menos que especificamente aquele grau fosse determinante nessa situação. Em outros graus, conjunções desse tipo em Libra, teriam ocorrido sem efeitos de tal magnitude. Mas, a possibilidade de aquele grau ser especificamente significativo devia ser cogitada. Havia essa possibilidade, dado ao registro de uma mortalidade extraordinária, por causa de uma praga em Constantinopla, apenas dois anos após uma conjunção de Saturno e Júpiter em 19 graus de Libra.

Como vemos Childrey analisou a ocorrência com cautela. É interessante notar, no entanto, que ele *não mencionou se estava se referindo a conjunções num sistema*

geocêntrico ou heliocêntrico. Não comentou se os registros originais aos quais recorreu eram outros, e esses mencionados eram resultados de suas transformações do ponto de vista geocêntrico para o heliocêntrico. Se aqueles autores registraram oposições, essas, no sistema heliocêntrico se transformavam nas conjunções discutidas por Childrey. Mas, não temos indícios de que isso foi feito na apresentação. Muito pelo contrário, outros exemplos apontam que muito mais as conjunções desses planetas do que oposições eram tidas como indicadores desse tipo de efeito. Além disso, o fato de terem sido *três* conjunções de Saturno e Marte no ano de 1640 sinaliza que ele estava se referindo a conjunções no sistema geocêntrico, observadas mais de uma vez num mesmo ano devido à retrogradação de Marte.

ANIMAIS MARINHOS, MARÉS

Outras referências específicas a influências celestes ocorreram em algumas ocasiões. Para o autor, havia uma relação entre as marés e o comportamento das ostras: “Embora retiradas da água, ostras têm essa propriedade de se abrirem na hora do fluxo e de se fecharem no refluxo” (CHILDREY, *Britannia Baconica*, p. 18). As marés, por sua vez, estariam relacionadas às fases da Lua.¹⁵

No *Britannia Baconica* havia indicações de que o autor se empenhava em explicar as marés, o que sabemos também ter sido um grande interesse da *Royal Society* na época (ver o **capítulo 9** desta tese). Três fenômenos registrados no Tâmis mereceriam destaque: marés grandes (das Luas novas e cheias), inundações e suas estranhas mudanças nas marés.

¹⁵ Havia outras raras referências espalhadas pelas descrições dos condados, mas não fica claro o que o autor aceitava e o que simplesmente registrava por ser algo bastante recorrente nos relatos dos populares. Referindo-se ao condado de Somersetshire, por exemplo, Childrey mencionou que varinhas de nogueira em forma de forquilha se envergariam em direção ao local onde estavam depositadas abundantes reservas de chumbo. Para ele, essa estória era estranha e não teria lhe dado crédito se não a tivesse ouvido de outras fontes: necromantes usavam, para encontrar tesouros enterrados, varinhas (*mosaical rods*) cortadas num certo dia da semana e sob uma determinada constelação (CHILDREY, *Britannia Baconica*, pp. 44-5). Lilly aceitava e fazia uso dessas varinhas também com essa finalidade (Lilly, *Life of those eminent antiquaries*, p. 144) Num relato sobre uma noite do inverno em 1634, temos referência a entidades sobrenaturais espantadas pelo astrólogo. Na ocasião, Lilly e um grupo de pessoas, movidos pelo boato de um grande tesouro enterrado num convento da abadia de Westminster, usaram uma haste de Moisés para tentar encontrá-lo. O astrólogo atribuiu uma ventania devastadora que acabou por impedi-los,

Segundo Childrey, René Descartes teria apontado no *Principia Philosophiae* uma relação de causa-efeito entre essas marés grandes e as fases da Lua, que se moveria numa órbita elíptica em torno da Terra. A Lua cheia e as mudanças de fase eram os pontos de maior aproximação em relação à Terra, enquanto os quartos eram os pontos de maior afastamento. Childrey concordava, mas considerava ser o primeiro a apontar que, na realidade, as grandes marés não ocorriam exatamente no dia da mudança de fase e no dia de Lua cheia, e sim dois ou três dias depois. O mesmo podia ser dito em relação aos quartos (CHILDREY, *Britannia Baconica*, pp. 90-1).

A explicação seria a mesma de alguns fatos observados na natureza. O momento mais frio do dia não era exatamente à meia-noite, mas um pouco depois, no início da manhã. O dia mais frio do inverno não era exatamente quando o Sol estava mais afastado, no dia mais curto do ano, mas sim em janeiro, um mês ou cinco semanas depois. O horário mais quente do dia não era exatamente ao meio-dia, mas algumas horas depois; bem como o dia mais quente do verão era em julho, um mês ou cinco semanas após o solstício. A explicação se baseava numa espécie de “escoamento” da influência:

[...] o calor do Sol considerado simplesmente em si mesmo não é tão grande no meio de Julho quanto no solstício em Junho, porque nesse caso ele diminui menos; ainda, porque o calor que o Sol distribui no ar durante todo o dia é maior do que o frio que a sua ausência causa à noite [as noites de verão são mais curtas], nada pode acontecer à exceção de um aumento do calor. E o mesmo pode ser dito dos calores da tarde, das manhãs frias de Janeiro-depois do inverno [as noites do inverno são mais longas] e das marés altas que vêm depois das Luas cheias e das mudanças de fase [...] (CHILDREY, *Britannia Baconica*, p. 93).

Assim Childrey explicava a ocorrência de marés baixas e altas. Mas havia casos em que essas eram extraordinariamente mais baixas ou mais altas do que o normal. Essas grandes marés altas, relacionadas às inundações, eram causadas por ventos nordestes atuando nas marés altas comuns, explicadas anteriormente. E havia, ainda, um ingrediente a somar a esses ventos: mais uma contribuição derivada da posição da Lua,

a demônios que ele disse ter conseguido afastar e que haviam sido atraídos pelo deboche de membros do grupo.

nesses casos postada no perigeu de sua excêntrica, isto é, “naquela parte de sua Órbita que é mais próxima da Terra” (CHILDREY, *Britannia Baconica*, p. 93).

[...] se à maior proximidade que a Lua tem em relação à Terra no seu movimento em sua elipse, for adicionada a maior proximidade que ela tem em sua Excêntrica (os Astrônomos chamam isso às vezes do seu Auge Oposto), ela poderia operar muito mais extraordinariamente sobre o Mar, e tornar ainda muito maior as marés grandes em tal Lua Cheia ou mudança de fase. E, ao contrário, que quando ela está afastada de nós por uma dupla elongação, [...] do Quarto em sua Elipse e do Auge em sua Excêntrica, ela deveria operar de modo muito mais fraco do que ordinariamente e naquele quarto fazer uma maré extremamente baixa [...] (CHILDREY, *Britannia Baconica*, pp. 93-4).

Para Childrey, essa sua conclusão ainda era incerta porque teria feito poucas observações, não durante um período tão longo e com a constância requerida pelo assunto.

Quanto às estranhas mudanças das marés algumas vezes observadas, Childrey organizou e apresentou um catálogo de histórias dessas ocorrências registradas por outras pessoas (Kepler e Wharton foram citados) a partir do início do século XV. Para esse fenômeno raro, então considerado um milagre, supunha haver uma causa natural.

Analisando essas histórias, Childrey chegou à hipótese de que havia uma relação entre a Lua no perigeu e a maré alta (CHILDREY, *Britannia Baconica*, pp. 97-8). Grandes inundações observadas em alguns anos confirmariam sua hipótese.

O autor fez referência a ter mantido um diário pessoal bastante confiável de observação de vento e condições climáticas, em 1654, e não tão completo em outros anos, como em 1656, por motivos de saúde pessoal (CHILDREY, *Britannia Baconica*, p. 96).

Observando esses dados de que dispunha, concluiu que à exceção de apenas dois casos de marés mínimas, a Lua estava no seu apogeu dois ou três dias antes da mudança da maré. Em alguns casos, também teria percebido a presença de um forte vento noroeste.

Todavia, pela pequena luz que temos dos exemplos mencionados em 1653 & 54, eu não posso se não pensar que a causa da mudança das marés é somente a manipulação dos seus cursos quando elas estão em seus mínimos, por um vento noroeste, que se supõe ser o mais poderoso

Adversário que podem ter em nossas costas [...]. Porque se um refluxo lento deparar com uma violenta tempestade, o que pode se seguir se não um retorno da maré (CHILDREY, *Britannia Baconica*, pp. 96-7)?

Para Childrey, se o vento noroeste mudasse para outras direções por breves períodos (o que seria característico desses ventos), podia acontecer esse movimento para lá e para cá das marés, e vários “fluxos e refluxos se sucedendo um ao outro num intervalo de poucas horas” (CHILDREY, *Britannia Baconica*, p. 97).

Mas a questão ainda não era dada por encerrada. Outras observações a respeito desses ventos deveriam ser realizadas a fim de se chegar a conclusões mais confiáveis. Childrey acreditava, “por algumas razões particulares”, não explicitadas, que as próximas ocorrências desse fenômeno seriam em 1661, no ano seguinte, ou ainda no inverno daquele ano de 1660 (CHILDREY, *Britannia Baconica*, p. 97).

Numa nota logo no início do *Britannia Baconica*, supostamente inserida após o livro ter sido mandado para impressão, Childrey chamou a atenção para uma mudança não usual nas marés do Tâmesa ocorrida em novembro daquele ano. Essa teria coincidido com a previsão apresentada nesse trabalho (CHILDREY, *Britannia Baconica*, An occasionall Advertisement to the Reader).¹⁶

Foram três registros do ciclo “maré baixa - maré alta” em cerca de sete horas. Houve um vento fresco, algumas vezes calmo, na direção noroeste e as marés ficaram muito baixas. A Lua não estava no apogeu, mas quase no perigeu. Este último ponto, diferente da hipótese apresentada, levava-o a crer que essas condições do vento e da maré já eram suficientes, ou que as alterações do vento, nesse caso, equivaliam ao papel do apogeu da Lua. Assim, o apogeu não era então imprescindível para a ocorrência do fenômeno. Como mencionamos, na hipótese apresentada no livro, tanto o apogeu quanto a condição do vento eram necessários.

¹⁶ O autor demonstrava receio de que a inserção desse trecho pudesse ser mal vista. Insistiu em garantir que previu mesmo a ocorrência do fenômeno, e que não escreveu depois de ele ter ocorrido. Também nessa nota, o autor criticou outras possíveis especulações em relação àquele fenômeno. Embora tivesse ocorrido na noite anterior à chegada da mãe do Rei a Londres, ele não estaria relacionado a nenhum prognóstico para o país. O que quer que viesse a ocorrer, não teria a ver com o efeito observado no Tâmesa. Para Childrey, também seria criticável quem tentasse fazer um mapa astrológico para o começo do fenômeno, procurando relacioná-lo às posições dos planetas.

Childrey voltou a se manifestar sobre um evento equivalente quando se referiu a graves inundações no condado de Monmouthshire em 1606, durante uma maré extraordinariamente alta na mudança de fase da Lua. Esse tipo de evento, lembrou o autor, já teria relacionado nessa mesma obra ao perigeu da Lua, mas não excluiria a importância da mudança de fase e de ventos de determinados tipos, como engrandecedores desse efeito (CHILDREY, *Britannia Baconica*, pp. 138-9).

O fenômeno das marés foi explicado somente no século XVIII por Isaac Newton como um efeito da gravitação. Atualmente, não é estudado como um efeito de influências astrológicas, mas no século XVII era possível estudar as marés sob esse ponto de vista. Childrey, portanto, empregou nesses casos a mesma metodologia de estudo utilizada por ele no caso de outros fenômenos astrológicos.

DOENÇAS E INFLUÊNCIAS ASTROLÓGICAS

Também aparece no *Britannia Baconica* a análise de uma situação que relaciona a ocorrência de doenças a condições astrológicas. Para Childrey, não era correto o registro de certo autor de nome Cambden de que a primeira ocorrência da doença conhecida como “*English sweating*” seria em 1485, pouco após uma conjunção de dois planetas superiores em Escorpião. Teria havido duas conjunções de dois planetas superiores em Escorpião, uma de Saturno e Marte, um ano antes do aparecimento da doença, e outra de Saturno e Júpiter, dois anos antes. E a conjunção entre Saturno e Marte em 1483 teria sido em *Libra*, e não em Escorpião.¹⁷

A segunda manifestação da doença, segundo Cambden, seria em 1518, isto é, 33 anos depois, e logo após uma oposição desses mesmos planetas, um deles estando em Escorpião e o outro em Touro (CHILDREY, *Britannia Baconica*, pp. 122-3). Para Childrey, que se apoiava nos registros de Godwin e Stow, tal episódio teria ocorrido em 1517, e houve um outro surto entre o de 1485 e esse. A praga, e não a *English sweating*, teria ocorrido em 1518. Além disso, as três oposições de Saturno e Júpiter teriam ocorrido em 1513 e 1514, e uma de Júpiter e Marte nesses signos em 1513.

¹⁷ Childrey não dá indicações de que essas diferenças se devessem a Cambden usar o sistema ptolomaico e ele o copernicano.

A terceira vez, segundo Cambden, teria sido novamente 33 anos depois, em 1551. Mas para Childrey havia uma outra ocorrência dessa doença entre 1517 e 1551, não mencionada por Cambden, no ano de 1528. E, além disso, nenhuma conjunção entre esses planetas ocorreu nos seis anos próximos a esse surto.

A conclusão de Childrey era de que não havia um intervalo constante entre os surtos como Cambden sugeria. Em 1632 sim teria havido uma conjunção Marte e Saturno em Escorpião, em oposição a Júpiter em Touro, mas nenhum surto da doença foi registrado.

O caso analisado até podia ter causas astrológicas, mas dependia de mais observações. Além disso, os registros sobre essas épocas passadas eram “muito defeituosos e incertos” (CHILDREY, *Britannia Baconica*, p. 126). A doença em questão não tinha relação com *aquelas* conjunções e oposições apresentadas.

[...] de forma que a causa astrológica desses suores contagiosos ainda permanece na escuridão. Eu tentaria alguma coisa a respeito, mas isso demanda um Tratado à parte (CHILDREY, *Britannia Baconica*, pp. 125-6).

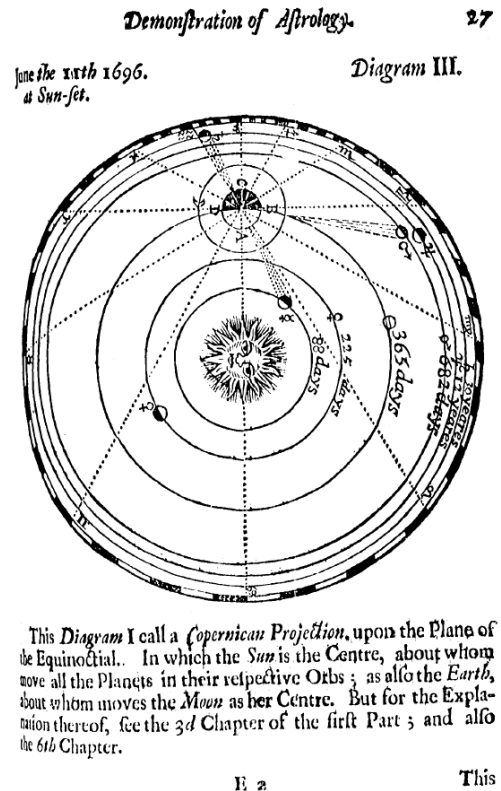
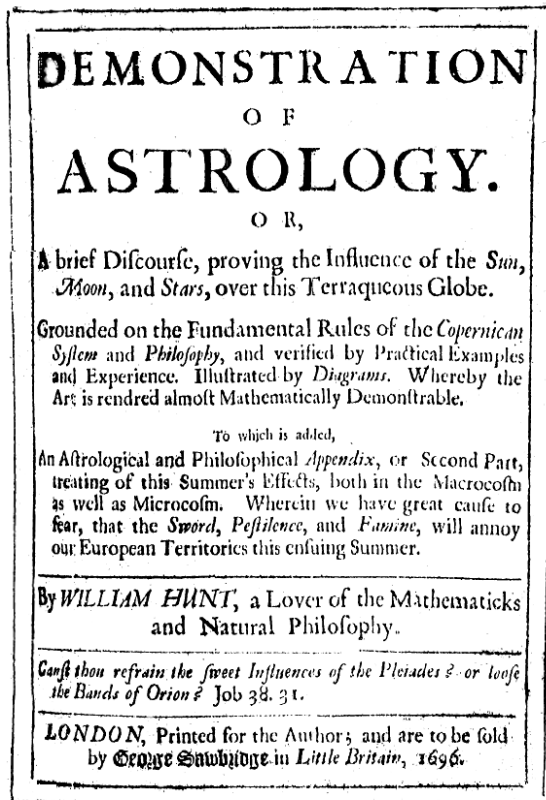
É interessante notar, como mostram os exemplos aqui discutidos, que no *Britannia Baconica* Childrey não fez referência à astrologia do ponto de vista heliocêntrico discutida por ele no *Indago astrologica*.

O *Britannia Baconica*, no entanto, sugere que Childrey mantinha sua aceitação ao sistema copernicano: “A outra causa é o movimento da Terra do oeste para o leste [...]” (CHILDREY, *Britannia Baconica*, p. 55). E não há indicações explícitas de que ele tenha mudado de opinião acerca da contribuição desse sistema para a astrologia.

7.3 A “RESTAURAÇÃO” DA ASTROLOGIA DE WILLIAM HUNT

O AUTOR E SUA PROPOSTA

Não temos informação sobre quem teria sido William Hunt, também autor de uma interessante proposta para a astrologia no século XVII. Seu nome não aparece no *Dictionary of national biography*. A folha de rosto do *The Demonstration of Astrology*, publicado por Hunt em 1696, o define como “amante da Matemática e da Filosofia Natural” e não sugere que ele tivesse ligação acadêmica. Aliás, na própria dedicatória



William Hunt desenvolveu uma proposta astrológica baseada na astronomia de Copérnico (HUNT, William. *Demonstration of astrology, or, A brief discourse, proving the influence of the sun, moon, stars, over this terraqueous globe grounded on the fundamental rules of the Copernican system and philosophy, and verified by practical examples and experience: illustrated by diagrams: whereby the art is rendered almost mathematically demonstrable: to which is added, an astrological and philosophical appendix, or second part, treating of this summer's effects, both in the macrocosm as well as microcosm: wherein we have great cause to fear, that the sword, pestilence, and famine will annoy our European territories this ensuing summer.* By William Hunt, a lover of the mathematics and natural philosophy. London: Printed for the Author, 1696)

do livro, o autor comenta que sua linguagem é rústica e não muito elegante por não ser uma pessoa erudita.

William Hunt empregou a palavra “restauração” para mencionar o que pretendia para a astrologia, comparada por ele a cidades antigas em ruínas. Referiu-se à astrologia do tempo de Salomão e Daniel como a “astrologia pura” (HUNT, *The Demonstration of Astrology*, p. v).

Essas atitudes podem sugerir que William Hunt pregava o retorno da astrologia ao que ela era naquele passado remoto. Em contraposição, isso é estranho se pensarmos que Hunt apregoava ter sua astrologia base copernicana. Aliás, como veremos, ele também não negava totalmente a astrologia de sua época e aceitava nela elementos posteriores a esses personagens bíblicos citados. Havia o falso e o verdadeiro. Não era necessária uma nova astrologia, mas sim fundamentar a que já existia e separar o joio do trigo. A astrologia estava cheia de “Inovações e superstições” (HUNT, *The Demonstration of Astrology*, p. v).

Tal como Joshua Childrey, Hunt também apresentou uma proposta de astrologia baseada no sistema copernicano. E também previu, de antemão, oposições ao seu trabalho (HUNT, *The Demonstration of Astrology*, p. iii).

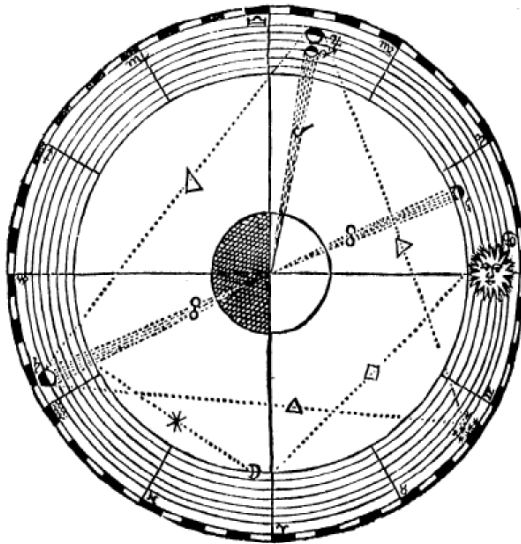
Em vista desses comentários, é interessante pontuar que William Hunt apresentou seu trabalho como uma novidade:

Mas o Assunto [...] é totalmente novo e sublime, sendo um Assunto nunca antes tratado dessa maneira, isto é, a *Demonstração da Astrologia*, fundamentada na *Hipótese de Copérnico* (HUNT, *The Demonstration of Astrology*, p. iii).

Meu Método é totalmente novo, e diferente da Astrologia Moderna, cuja Base é fundamentada na Hipótese e nos Aforismos Ptolomaicos, enquanto a minha é fundamentada no Sistema e Filosofia Copernicanos (HUNT, *The Demonstration of Astrology*, p. vi).

Como vimos, Childrey, muito anteriormente, já havia proposto uma astrologia com base no sistema copernicano. No entanto, como Hunt não se posicionou a respeito da proposta de Childrey, e nem essa parece ter sido amplamente conhecida, fica difícil sabermos se ele havia tomado contato com o trabalho daquele autor.

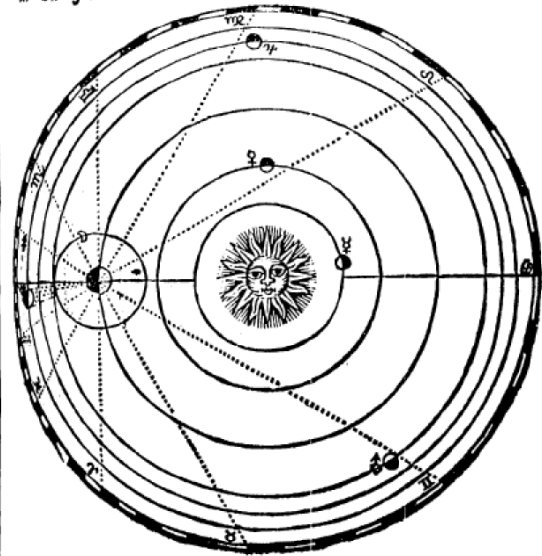
Diagram IV.



This *Diagram* is drawn for the sake of demonstrating the Aspects of the Planets, and is only a Projection of the Lunar Circle of the 3d *Diagram*, in a larger Figure, whereby the planetary Aspects are more plain to the Eye, they being the same in the Lunar Orb in the 3d *Diagram*, but not so easy to be understood.

Diagram V

June the 11th 1695.
at Sun-set.



February

William Hunt analisou a influência astrológica dos planetas, comparando seus *aspectos* (figuras geométricas formadas pelas direções dos astros) geocêntricos com os novos *aspectos* baseados na teoria heliocêntrica de Copérnico. (HUNT, William. *Demonstration of astrology, or, A brief discourse, proving the influence of the sun, moon, stars, over this terraqueous globe grounded on the fundamental rules of the Copernican system and philosophy, and verified by practical examples and experience: illustrated by diagrams: whereby the art is rendered almost mathematically demonstrable: to which is added, an astrological and philosophical appendix, or second part, treating of this summer's effects, both in the macrocosm as well as microcosm: wherein we have great cause to fear, that the sword, pestilence, and famine will annoy our European territories this ensuing summer.* By William Hunt, a lover of the mathematics and natural philosophy. London: Printed for the Author, 1696)

Aliás, *ainda que conhecesse a proposta de Childrey*, Hunt podia não exatamente estar se referindo à suposição de ser o primeiro a sugerir uma astrologia com base naquele sistema. O fato é que *os dois viam a contribuição do sistema copernicano para a astrologia de modos distintos*. E, em vista disso, talvez o método de Hunt fosse mesmo uma novidade.

Joshua Childrey transformou os tradicionais aspectos geocêntricos em heliocêntricos, ao passo que William Hunt não.

Hunt até falava em “conjunção heliocêntrica com a Terra” (HUNT, *The Demonstration of Astrology*, p. 23), para indicar que o planeta em questão estava no seu perigeu, isto é, no seu ponto mais próximo da Terra. Para ele, eram importantes tanto o ponto de maior proximidade quanto o ponto de maior afastamento em relação à Terra. Em seu trabalho, por outro lado, *não* apareciam quadraturas heliocêntricas, triplicidades heliocêntricas, etc. *Todos os outros aspectos à exceção dessas conjunções eram pensados de modo geocêntrico.*

Para Hunt, *os aspectos continuavam sendo calculados em relação à Terra*, e as influências dos planetas variavam em intensidade de acordo com os seus movimentos, na medida em que se afastavam ou se aproximavam da Terra.

QUANTO À ASTROLOGIA TRADICIONAL

As explicações de Hunt eram claras e iniciadas de modo bastante básico. Dirigiam-se explicitamente não somente aos que não tinham conhecimentos sobre astrologia, mas também aos que se dedicavam à arte com pouco conhecimento de astronomia por falta de recursos financeiros. Preocupava-se, assim, em fornecer subsídios a todos os interessados. Apresentou diagramas dos céus, e explicou conceitos da astronomia usando exemplos cotidianos bastante simples. Foram apresentados os planetas (entre os quais incluiu o Sol e a Lua), signos, aspectos e os seus símbolos (HUNT, *The Demonstration of Astrology*, pp. 1-2).

O trabalho de Hunt não descartava a astrologia tradicional. Aceitava a divisão macro/microcosmo, e considerava que depois de Saturno estava o céu das estrelas fixas (HUNT, *The Demonstration of Astrology*, p. 12).¹⁸

Definiu e mostrou num diagrama cada um dos cinco aspectos *tradicionalmente* aceites (conjunção, sextil, trina, quadratura e oposição). Manteve os aspectos e também os *classificou segundo critérios tradicionais*, como malevolentes e benevolentes, por exemplo. Os aspectos foram explicados como ângulos de eficiência e poderes singulares nas mutações do ar (HUNT, *The Demonstration of Astrology*, pp. 14-5).¹⁹

Embora parecesse dar mais atenção aos aspectos, a astrologia de Hunt não era exclusivamente centrada nesses elementos, mas parecia aceitar também *previsões com base nas tradicionais casas astrológicas*. Ao expor, por exemplo, a previsão meteorológica para 1696, em princípio podemos dizer que o autor deu bastante atenção aos aspectos entre os planetas, às posições desses em relação ao Sol e à proximidade em relação à Terra:

O Tempo será variável, a proximidade de Saturno em relação à Terra torna o ar frio; mas a conjunção de Júpiter e Marte em Virgem, um signo estival, e perto de uma quadratura com o Sol, irá causar Tempo muito quente, violentos Trovões e perigosos Relâmpagos, e forte Granizo por causa da Química dos Céus (HUNT, *The Demonstration of Astrology*, p. 33).

Apesar de ser um exemplo típico de como o autor fez as previsões, ele também se referiu à conjunção de Júpiter e Marte, na casa 8, a casa da morte, como sinal de violência.

Todavia, se com boa parte da astrologia tradicional o autor concordava explicitamente, havia o que ele também explicitamente rejeitasse, embora de modo um tanto quanto peculiar.

AS PROPRIEDADES DOS PLANETAS

¹⁸ Hunt falava no movimento dos planetas como “elipses”. Como Copérnico usava círculos, pode-se dizer que o sistema usado por ele não era simplesmente o proposto por Copérnico (HUNT, *The Demonstration of Astrology*, p. 22).

¹⁹ Havia uma razão para que só aqueles ângulos específicos tivessem aquelas características, mas isso não foi tratado nesse trabalho por ser uma explicação “longa e tediosa”. Os curiosos foram aconselhados a consultar o trabalho de Christopher Heydon.

Em *The Demonstration of Astrology*, William Hunt avaliou que os antigos (entre os quais mencionou Ptolomeu) haviam definido a natureza dos planetas por “diligente observação e experiência” (HUNT, *The Demonstration of Astrology*, p. 17). Mas, ainda na mesma obra e, diga-se de passagem, num trecho não muito afastado do anterior, ele parece ter se contradito:

Ptolomeu e todos os Astrólogos depois dele (à exceção do Dr. Goad) definem a Natureza dos Planetas como se segue. [...]. Dizem também por quê eles têm aquelas Naturezas, o que é muito tedioso para inserirmos aqui, porque penso que não é importante, sendo que as Opiniões deles são baseadas numa falsa Suposição (HUNT, *The Demonstration of Astrology*, p. 18).²⁰

Ao que tudo indica, como a falsa suposição à qual Hunt se referiu era a hipótese ptolomaica, o autor *parecia* reconhecer nesse trecho que a natureza dos planetas para Ptolomeu era derivada dessa hipótese. E, de fato, no *Tetrabiblos*, essa natureza dependia diretamente da ordenação dos planetas, e devia, em princípio, ser reformulada ou reexplicada se a hipótese ptolomaica cedesse lugar à copernicana, já que a ordenação dos planetas difere nessas hipóteses. Com base na diferença de ordenação, esperar-se-ia que especialmente as propriedades de Marte fossem reavaliadas (ver **capítulo 6** dessa tese).

É interessante observar, no entanto, que Hunt não deu atenção a essa particularidade. Procurou redefinir ou reexplicar as propriedades de Marte, Saturno e Júpiter. Mas suas considerações não pareciam envolver diretamente a ordenação implícita na aceitação da concepção copernicana.

Para redefinir a natureza dos planetas recorreu ao “teste da Experiência, que é o único Refinador da Verdade” (HUNT, *The Demonstration of Astrology*, p. 18).

Tal como segundo Ptolomeu, para Hunt, Saturno era frio e seco, mas especialmente quando no perigeu. Foi o que ele procurou mostrar com a interpretação de um diagrama para 11 de junho de 1695, representativo do ingresso do Sol no signo de Câncer.

²⁰ Para Goad, segundo Hunt, Júpiter era frio, e aliás mais do que Saturno (HUNT, *The Demonstration of Astrology*, p. 18)

Nele, a conjunção heliocêntrica de Saturno com a Terra (ou o seu perigeu), seria responsável pelo frio do verão anterior à publicação. Marte estaria num local dito “abjeto”²¹, o que impediria o exercício de sua influência quente, e, em situação análoga estaria Júpiter. Essa suposição teria sido confirmada em outras ocasiões (HUNT, *The Demonstration of Astrology*, pp. 18-9).

Para o autor, Marte, a quem chamava de “deputado do Sol”, não era somente quente e seco, mas conseguia ser ainda mais quente do que o Sol. Explicava essa questão do seguinte modo: ocorria com Marte algo análogo ao observado em espelhos capazes de incendiar objetos por reunirem os raios solares incidentes sobre eles (HUNT, *The Demonstration of Astrology*, p. 19).

Mas se Marte estivesse num local abjeto, isto é, distante da Terra, teria pouca ou nenhuma influência: “[...] ponha um vidro ustório num local abjeto ou tão distante de modo que os raios refletidos não atinjam a Matéria ou Objeto a ser calcinado, e ele não poderá incendiá-lo” (HUNT, *The Demonstration of Astrology*, p. 24).

Também como no caso de Saturno, a proximidade de Marte em relação à Terra fazia com que sentíssemos mais sua influência. Hunt apresentou um diagrama para fevereiro de 1696, isto é, para a entrada do Sol em Peixes, que trazia Marte, num signo de inverno, no perigeu, em conjunção heliocêntrica com a Terra (HUNT, *The Demonstration of Astrology*, p. 30). A isso atribuía uma estação de inverno muito mais quente do que o usual. Ainda nesse diagrama, Saturno estaria num local abjeto, ou seja, afastado da Terra. Júpiter, como Marte, também estaria no perigeu, e em signo estival. Assim, o aquecimento causado por Marte seria reforçado pelo provocado por Júpiter (HUNT, *The Demonstration of Astrology*, p. 25).

Para Júpiter, Hunt propôs uma extensa explicação (alegadamente de base cartesiana) de sua influência ora quente ora fria. Havia a tendência de preponderar a influência fria em função de sua suposta composição nitro-sulfurosa, que lhe dava a

²¹ “[...] ponto Abjeto, ou local desprovido de Influência, ou ao menos que tem uma Influência muito fraca” (HUNT, *The Demonstration of Astrology*, p. 23).

propriedade de fixar as partículas da atmosfera. Em contraposição, se atuando com um planeta quente, teria tendência a fixar a influência quente desse planeta.²²

Essas eram as naturezas dos planetas ditos superiores segundo a concepção de Hunt.²³ Quanto aos inferiores, aceitava as considerações dos antigos (HUNT, *The Demonstration of Astrology*, p. 9).

TERRA E SOL

William Hunt acreditava que a Terra também disseminava influências astrológicas para os outros planetas. Nos diagramas, o Sol, que se moveria de leste para oeste “carregando” os outros planetas, foi representado com feições humanas. Suas descrições também primavam por uma linguagem antropomórfica.

[...] de acordo com Copérnico coloquei o Sol no Centro do seu Vortex, ele que é a Fonte da Luz, do Calor e o Príncipe dos Planetas; ele que como um grande Monarca tem grandes Domínios faz uso de seus Príncipes-Deputados e Magistrados para distribuir seus Raios Majestais pelos seus Domínios. Deputados que represento como Saturno, Júpiter, Marte, a Terra, Vênus e Mercúrio, com seus vários Satélites que respeitam suas várias órbitas, como a Lua faz em relação à nossa Terra (HUNT, *The Demonstration of Astrology*, p. 11).

Descreveu de modo bastante didático a relação entre o movimento aparente do Sol e as estações do ano (HUNT, *The Demonstration of Astrology*, p. 4).²⁴ Tratou do movimento do Sol a cada quarto do ano, descrevendo-o passo a passo e mostrando sua

²² Segundo Hunt, Goad teria definido a natureza dos planetas de uma forma diferente de Ptolomeu, embora escrevesse com base no sistema ptolomaico. Para Ptolomeu, Júpiter aquecia se em oposição ao Sol, e quando em conjunção com Marte provocava ainda maior aquecimento. Para Goad ele resfriava, e ainda se junto a Saturno resfriava ainda mais. No inverno, quando junto a Marte, seria causador de muitos congelamentos rigorosos.

²³ É interessante notar que nas páginas 24 e 33-34 do mesmo livro Saturno tem as qualidades aqui atribuídas a Júpiter e vice-versa. O autor pode ter inadvertidamente invertido os nomes dos planetas, mas, nesse caso, essa situação ocorre mais de uma vez.

²⁴ O termo “movimento aparente”, usado aqui, está no trabalho de Hunt. Embora não se esquivasse de comentários do tipo “Marte está separado de Júpiter por Retrogradação”, o autor parecia fazer questão de diferenciar o que víamos da Terra do que, para ele, realmente acontecia (HUNT, *The Demonstration of Astrology*, p. 31). Dizia que iria explicar “como pelo Movimento aparente dele [do Sol], ou o Movimento real da Terra, nossas Estações são constituídas” (HUNT, *The Demonstration of Astrology*, p. 6). Parecia fazer questão de frisar que não deveriam compreendê-lo mal quando usasse a linguagem geocêntrica: “E note que no nosso Discurso a seguir, onde eu escrevo sobre o Movimento do Sol no Zodíaco [...] compreenda que eu quero dizer o seu Movimento aparente, e de fato me expresse de acordo com o modo comum de falar (HUNT, *The Demonstration of Astrology*, p. 6)”.

repercussão na mudança das estações. Descreveu também o porquê da diferença de duração entre o dia e a noite, o movimento da Terra, e como esse nos fazia ver o nascer e o pôr do Sol (HUNT, *The Demonstration of Astrology*, p. 8).

Suas descrições eram bastante “poéticas”, e, pode-se dizer, contrastavam fortemente nesse aspecto quando comparadas às contidas nas atas das reuniões da *Royal Society* nessa mesma época (ver o **capítulo 9** desta tese).

[Sobre a primavera] Os Pássaros do Ar cantam suas melodiosas Harmonias como Boa Vinda à Aproximação dele [do Sol], as Flores do Campo se abrem para o Divertimento dele; tudo se alegra e está ativo em sua Esfera [...]. Agora os Vegetais deles [do sul] se abrem e florescem, e os nossos tendem à corrupção; o Sol, pelos seus Raios avivadores e carinhosos, revive os seus Espíritos adormecidos, que em sua ausência permanecem trancados no Gelo e Neve [...] (HUNT, *The Demonstration of Astrology*, p. 8).

A influência do Sol nos corpos sublunares não podia ser negada:

Porque sem ele (o grande Ministro da Luz, Movimento, Calor e Vida [...] especialmente do nosso Vortex) a Escuridão iria usurpar o seu antigo Domínio novamente, não teríamos nem Dia nem Noite, Inverno ou Verão; todas as coisas estariam em Confusão, o Mar seria Gelo [...]; o Movimento cessaria e o nosso Vortex novamente se transformaria num Caos [...] (HUNT, *The Demonstration of Astrology*, p. 9).

O Sol era “(abaixo do nosso criador) a Vida e o Nutriente de todos os Corpos Sublunares” (HUNT, *The Demonstration of Astrology*, p. 8).

A ASTROMETEOROLOGIA

Diferentemente de Joshua Childrey e outros tantos, William Hunt não definiu a astrometeorologia como uma das áreas mais desenvolvidas da astrologia, mas sim como a “mais útil e inocente”. Por isso, era justamente na previsão do tempo que pretendia concentrar esse trabalho. Além do mais, graças ao seu “diligente Estudo e Observação”, considerava sua produção nessa área melhor do que as de outros autores como John Goad (HUNT, *The Demonstration of Astrology*, p. iv).

Para William Hunt, embora a influência do Sol fosse incontestável, certamente não era a única causa das estações do ano, porque se assim fosse elas seriam mais constantes (HUNT, *The Demonstration of Astrology*, p. 9).

Diferenças entre o inverno de um ano e de outro dever-se-iam a outras influências. Essas explicariam por quê em alguns anos os invernos eram mais rigorosos e em outros não. Mostrariam por quê um inverno podia ser um pouco mais quente e um verão um pouco mais frio do que no ano anterior. As estações não eram iguais de um ano para outro. Aliás, os próprios dias eram diferentes entre si.

Segundo Hunt, nas previsões deviam ser levados em conta alguns fatores: as posições dos planetas em relação aos signos, ao Sol e à Terra. Era necessário verificar os planetas em relação à eclíptica, isto é, se estavam em signos de verão ou inverno; e os planetas em relação à Terra (“na projeção Copernicana”), isto é, se estavam mais ou menos próximos a ela. Além disso, deviam ser verificados os seus afélios e periélios, assim como suas revoluções diurnas. A natureza dos planetas também devia ser levada em consideração (HUNT, *The Demonstration of Astrology*, pp. 21-2).

Essas peculiaridades só deviam ser observadas para os planetas superiores; as considerações para os inferiores eram diferentes (HUNT, *The Demonstration of Astrology*, p. 24). Os planetas inferiores (Vênus, Mercúrio e a Lua) teriam pouca influência na constituição das estações. Suas influências dariam conta das modificações diárias do tempo, que o autor pretendia tratar em outra ocasião (HUNT, *The Demonstration of Astrology*, p. 9).

[...] as Constituições gerais das estações são causadas pelo Movimento Anual e Diurno da Terra [...]. Mas a Razão para as suas variações devem ser examinadas pelo Movimento Anual de Revolução dos outros Planetas, especialmente os Superiores, já que os Inferiores têm mais a ver com as Mutações diárias do Ar (HUNT, *The Demonstration of Astrology*, p. 21).

[...] nas Vicissitudes Horárias e Diurnas, consideramos o Movimento de Vênus e Mercúrio, e principalmente o Movimento Lunar, assim como seus Aspectos e Trânsitos. E o Movimento Diurno da Terra pelo qual o Sol, a Lua e as Estrelas ora estão acima do Meridiano ou Zênite, ora debaixo da Terra ou Nadir, ou algumas vezes sobre o horizonte [...]. Esses e muitos outros Fenômenos devem ser considerados [...], o que irei abordar em alguns Tratados que se seguirão. Este Tratado se refere apenas à Natural geral e à Constituição das Estações (HUNT, *The Demonstration of Astrology*, p. 22).

A influência de um planeta seria diretamente proporcional à sua proximidade em relação à Terra e à sua verticalidade em relação ao local para o qual se queria calculá-la.

A intensidade da influência de um planeta também poderia variar de acordo com a sua posição em relação aos outros planetas, inclusive em relação ao Sol.

Introduzindo essas mudanças, Hunt acreditava que não só as previsões se tornavam confiáveis, como também invernos excepcionalmente mais quentes e verões mais frios podiam ser explicados.

Como poderemos acreditar na Astrologia quando nenhum dos nossos Astrólogos pode predizer ou demonstrar de verdade ou mostrar uma Razão para essas Variações? (HUNT, *The Demonstration of Astrology*, p. 10)

Para mostrar a eficiência do seu método, Hunt recorreu a algumas exemplificações. Procurou explicar uma intensa geada ocorrida no ano de 1683, para a qual julgava inadequado apresentar a conjunção de Saturno e Júpiter como causa, o que teria sido feito por outros astrólogos. Se assim fosse, segundo Hunt, quando no inverno anterior os planetas estiveram em conjunção parcial, também deveria já ter sido observado um frio intenso, o que, no entanto, não ocorrera (HUNT, *The Demonstration of Astrology*, p. 26).

Pelo seu método, Hunt considerava possível entender porque o frio não havia começado nessa época:

[...] Saturno e Júpiter estavam ambos no Perigeu, o que pelo nosso Método significa um forte Aumento do frio e severa Geada. No entanto, tínhamos então Marte, o nosso Deputado do Sol, em quadratura com o Sol, e sobre o Meridiano ou Zênite, isto é, com Grande Força e Influência por aquela Posição, enquanto Saturno e Júpiter estavam no Horizonte. De fato, pelo seu grande Poder [Marte] superou a Influência refrigerante de Saturno e Júpiter e causou uma Estação temperada (HUNT, *The Demonstration of Astrology*, p. 18).

Já quando, no inverno seguinte, Marte caminhou para uma posição abjeta, enfraquecido e num signo de inverno, Saturno e Júpiter continuaram juntos e, no perigeu novamente, puderam exercer suas influências.

REGRAS TRADICIONAIS PARA AVALIAR EVENTOS TRADICIONAIS

Ao contrário de Childrey, que não recorreu a diagramas e expôs sua proposta de modo menos claro, Hunt usou vários esquemas para exemplificar suas idéias. Tal como era comum na astrologia tradicional, fez a previsão meteorológica para o ano com base

no diagrama para um dia específico. Aliás, utilizou o tradicional dia da entrada do Sol no signo de Áries, em vez de, como Childrey, optar por dizer que a Terra entrava no signo representativo da primavera.

Assim, Hunt deu importância ao dia já consagrado pela astrologia tradicional, e usou o seu método de interpretar para aquele 10 de março de 1696. Esse, aliás, era reconhecidamente baseado em critérios tradicionais da astrologia aos quais se agregavam as idéias do autor.

Marte está também em oposição a Vênus, o que é um Aforismo geral entre todos os Astrólogos, isto é, quando Marte e Vênus estão em conjunção por Corpo ou Aspecto, e especialmente em oposição, então eles produzem nessa estação Chuva ou Neve em excesso [...] (HUNT, *The Demonstration of Astrology*, p. 31).

Mas nesta Estação [...] teremos mais Gelo e Neve com Granizo porque Júpiter está no Perigeu e muito distante de Marte, que está fora do seu Perigeu, em oposição com Vênus [...] (HUNT, *The Demonstration of Astrology*, pp. 31-2).

[...] Saturno está em conjunção com a Terra, ou no Perigeu, e Júpiter e Marte em locais abjetos; esta Posição denota outro Julho frio [...] (HUNT, *The Demonstration of Astrology*, p. 34).

Outros pontos a serem notados é que William Hunt se referia a essas influências em termos de raios atuantes sobre vapores e partículas da atmosfera. Em certos casos, por exemplo, Saturno encheria a atmosfera com nitro e as partículas nitro-sulfurosas incendiadas pela conjunção de Saturno e Marte causariam violentas combustões. A fumaça sulfurosa e tóxica infectaria o ar produzindo doenças infecto-contagiosas e causando danos ao milho (HUNT, *The Demonstration of Astrology*, p. 33-4).

Em outro trecho ele menciona: “Esses terremotos [causados pela oposição de Saturno e Júpiter] devido aos seus vapores minerais e nitro-sulfurosos, e fumaças de mercúrio e arsênio têm envenenado nosso Ar e tornados nossos Vegetais corruptíveis e nocivos [...]” (HUNT, *The Demonstration of Astrology*, p. 35). O ser humano teria a saúde prejudicada na medida em que se alimentasse desses vegetais e de animais, que também por se alimentarem desses, não estariam saudáveis.

Esses eventos meteorológicos extremos, como irregularidades ou desordens no macrocosmo, pareciam, para Hunt, estar relacionados a doenças, ou desordens no microcosmo:

Também é uma Regra geral entre os Físicos e Filósofos que quando nós temos Estações irregulares e fora da ordem, isto é, Verões com cara de Invernos e Invernos com cara de Verão e quando em vez de um agradável Vento Norte temos um desagradável Vento sul na maior parte do Inverno, então eles prevêem que uma Doença geralmente irá se seguir (HUNT, *The Demonstration of Astrology*, p. 36).

Estações desreguladas geravam doenças curáveis com remédios dependentes de condições astrológicas tanto para serem produzidos quanto para serem administrados. Então, de acordo com a posição dos planetas nos signos, e da tradicional correspondência entre esses e as partes do corpo, Hunt considerava possível dizer que tipo de doença devia ser esperada e onde essa se manifestaria, para, de antemão, preparar os físicos para as vicissitudes das estações. Isso evitaria que fossem pegos de surpresa e que muitas mortes ocorressem. Sabendo a causa e a natureza das doenças esperadas, já podiam preparar a prevenção. Isto é, é claro, “se o Todo Poderoso já não tivesse destinado a Destruição” (HUNT, *The Demonstration of Astrology*, p. 39).²⁵

É interessante notarmos que Hunt aceitava que uma variada gama de eventos estivesse relacionada a influências astrológicas. Quando se falava em previsão de violência, por exemplo, essa podia se manifestar de variadas maneiras: terremotos, erupções vulcânicas, doenças, prejuízos na agricultura, guerras, agitação política, etc.

Esses foram os apontamentos do *The Demonstration of Astrology*, que segundo o seu próprio autor, constituía apenas um embrião do que ele pretendia lançar. Sua intenção já então era produzir um livro maior, mas devido aos altos custos de uma publicação com muitos diagramas decidiu escrever livros menores, uma para cada entrada do Sol nos signos cardeais (HUNT, *The Demonstration of Astrology*, p. iii).

²⁵ Doenças de Marte, por exemplo, deviam ser opostas pela antipatia das ervas de Vênus. E se Saturno estivesse forte, e em aspecto benéfico com Marte e Júpiter, era necessário fortalecê-lo ainda mais com ervas de sua natureza. As ervas de natureza solar deviam ser utilizadas para fortificar o doente qualquer que fosse o problema. Deviam ser usadas ervas da natureza de Saturno, do Sol e de Vênus (HUNT, *The Demonstration of Astrology*, p. 40).

William Hunt planejava mais passos para o futuro. Tanto previsões para cada quarto do ano, quanto um livro com previsões diárias. Só temos, no entanto, essa única obra dele. E não temos notícia de que outra foi publicada. Também não há indicações de que as propostas de Hunt tenham provocado respostas publicadas sobre o assunto.

7.4 AS PESQUISAS DE JOHN GOAD

AS INFLUÊNCIAS CELESTES

John Goad havia estudado em Oxford, onde se tornou *fellow* do St. John's College. Manteve, não sem dificuldades, cargos religiosos em Oxford, durante a Guerra Civil e o período de primazia das forças do Parlamento. Melhoraria de vida com a Restauração, mas foi acusado formalmente de produzir textos de tom “papista” para uso na instrução de seus estudantes. Os problemas legais levaram-no à perda do cargo religioso que ocupava. De fato, Goad, em 1686, reconheceu que sua adesão ao catolicismo ocorrera em 1660 por intermédio da rainha Henrietta Maria, na época recém-chegada da França (*Dictionary of national biography*, vol. 8, pp. 18-9).

John Goad não era exatamente um astrólogo, mas em 1686 publicou um extenso trabalho (quase quinhentas páginas) intitulado *Astro-meteorologica, or aphorisms and discourses of the bodies coelestial*.²⁶

Nele, sem qualquer pretensão explícita de reformar a astrologia, apresentou resultados de cerca de três décadas de observações climáticas diárias e discutiu supostas relações dessas com influências astrológicas. Analisou ainda observações do mesmo caráter extraídas de diários de Johannes Kepler, além de outros registros.

O *Astro-meteorologica* aceitava explicitamente a divisão macro/microcosmo e certa relação de simpatias e antipatias: “toda Perturbação na natureza procede de Contrários, de Antipatias e Simpatias mútuas de várias naturezas engajadas ao mesmo tempo” (GOAD, *Astro-meteorologica*, pp. 6 e 38).

Alterações no ar e até mesmo terremotos, chamados “meteoros subterrâneos” (GOAD, *Astro-meteorologica*, p. 3), estavam relacionados a influências do Sol,

²⁶ Esse talvez não tenha sido o primeiro trabalho astrológico que John Goad pretendia publicar. Segundo o *Dictionary of national biography* (vol. 8, p. 19) um trabalho de Goad sobre pragas, já em fase de impressão, foi destruído pelo grande incêndio de Londres em 1666.

Mercúrio, Marte, e outros planetas, atuantes como causas secundárias no cumprimento dos desígnios divinos. No caso dos terremotos, causas subterrâneas obedeciam às celestes. Estavam relacionados a conjunções de Mercúrio com outros planetas, e pareciam ter maior incidência quando o movimento de Mercúrio se dava no sentido retrógrado (GOAD, *Astro-meteorologica*, p. 147). Até mesmo o vento era definido por ele como o “movimento de uma exalação terrestre seca movida [...] pelo Impulso do Calor Celestial” (GOAD, *Astro-meteorologica*, p. 5).

O Sol era a influência geral e mais importante, responsável pela luz, mas não pela totalidade do calor existente. Não podia ser a única causa de calor e das estações, o que era evidenciado pelo fato de não ocorrerem exatamente as mesmas condições climáticas num determinado dia e em outro quatro anos após esse. Além disso, o Sol se afastava e se aproximava da Terra, mas o calor não diminuía e aumentava exatamente na mesma medida desse processo (GOAD, *Astro-meteorologica*, pp. 14-5).

Se o Sol era responsável pelas estações do ano, a Lua, por sua vez, estava relacionada a variações mensais de cada estação (GOAD, *Astro-meteorologica*, pp. 17-8; 23; 44).²⁷

As condições climáticas, no entanto, variavam mais do que podia ser explicado por observações da posição do Sol e da Lua. Ocorrências climáticas extremas não podiam ser atribuídas a esses astros. Como a luz do dia revelava a influência do Sol, de natureza quente, ficava difícil explicar *dias frios*. Se a Lua e o Sol eram causa de calor, o que seria causa de frio? Como explicar geadas, por exemplo? Como explicar variações, como noites de inverno um pouco mais quentes? Goad concluiu, então, que os dois não funcionavam como causas completas.

Os outros planetas também se moviam como o Sol, para lá e para cá no zodíaco. O Sol era a fonte de luz e os outros planetas a refletiam. Deviam, todavia, fazer mais do que iluminar, e sim ter alguma influência de outro gênero. Isso porque, para John Goad,

²⁷ Tal como Joshua Childrey, John Goad também se interessou pelas variações das marés no Tâmesa. Para Goad, ainda havia muito o que ser compreendido em relação às marés. Considerava boa, porém incompleta, a explicação de Childrey para as mudanças repentinas de marés do rio. Além da influência de certos ventos e da Lua, talvez dependessem de causas menos óbvias como, por exemplo, aspectos entre planetas. Mais do que ter conhecido, admirado e citado o trabalho de Childrey (“o Engenhoso Autor do

poucas coisas na natureza tinham um único propósito. A Lua, por exemplo, se servisse apenas para iluminação, não seria vista também de dia. Os planetas tinham que, necessariamente, ter naturezas diferentes para dar conta das diferentes constituições do ar. Alguns eram mais frios, outros mais quentes. Uns eram mais secos, outros mais úmidos. Para Goad, isso era ponto pacífico (GOAD, *Astro-meteorologica*, pp. 24-5).

AS CARACTERÍSTICAS DOS PLANETAS

Os planetas diferiam entre si não somente em natureza, como também em consistência, o que era revelado pela diferença de cores entre eles. Com base em suas observações, Goad discordou das tradicionais características atribuídas aos planetas: “elas [as características atribuídas por Ptolomeu] não concordam, tanto quanto eu poderia desejar com a Experiência moderna” (GOAD, *Astro-meteorologica*, p. 26).

Propôs que não simplesmente aceitassem as autoridades, mas que o que disseram fosse examinado. Eram normais os erros e revisões, visto que essas questões eram duvidosas. Se o próprio Ptolomeu havia feito isso em relação aos que o antecederam, por que não fazê-lo?

Ptolomeu, segundo Goad, estabeleceu essas características com base nas diferenças de magnitude e de cor entre os planetas, em evidências do sentido e da razão e nas diferentes situações deles em relação ao Sol e a Terra. E, ao identificar que efeitos essas características provocavam, tentou relacioná-los com prováveis fenômenos climáticos dos quais seriam causas (GOAD, *Astro-meteorologica*, pp. 26-7).

Para Goad, se por um lado o conhecimento havia melhorado em relação ao movimento dos planetas, por outro, ainda não havia algo semelhante a respeito dessas propriedades. Os planetas refletiriam sim a luz solar, mas dadas às suas diferentes consistências e estruturas, responderiam por resultados bastante diferentes (GOAD, *Astro-meteorologica*, pp. 26-9).

A influência da Lua tinha algo da natureza solar por refletir os seus raios. Era úmida e quente, embora o calor do Sol fosse mais evidente do que o dela (GOAD,

Britannia Baconica”), Goad indicou ter sido amigo pessoal dele (GOAD, *Astro-meteorologica*, pp. 19; 265).

Astro-meteorologica, p. 43). Recebida por todas as coisas, essa influência, considerada inegável, era marcante no caso das marés, das condições de desenvolvimento das plantas e no corpo humano. As crises das doenças e tratamentos médicos estavam relacionados às fases da Lua.

Para John Goad, Júpiter, e não Saturno (como se aceitava), era frio. Havia uma interligação entre as qualidades: o seco estava ligado ao frio, e o úmido ao quente. Ele também discordava dos antigos em relação à natureza de Marte. O planeta era inclinado à umidade. Podia até ser seco, mas não absolutamente seco como diziam (GOAD, *Astro-meteorologica*, p. 194). Mercúrio induzia condições climáticas chuvosas, em oposição aos antigos que, segundo ele, consideravam que o planeta provocava maior tendência a ventos (GOAD, *Astro-meteorologica*, p. 138).

AVALIAÇÃO DAS OBSERVAÇÕES CLIMÁTICAS

As investigações astrometeorológicas de John Goad foram intensas e complexas. Ele comparou observações sobre condições climáticas em dias de ocorrência de aspectos astrológicos específicos a fim de verificar possíveis relações. Utilizou não só dados coletados por ele próprio, mas de outros pesquisadores que também tinham mantido registros por longos intervalos de tempo.²⁸

Procurou, por exemplo, verificar se havia relação entre a ocorrência de ventos na direção norte e diferentes tipos de aspectos:

Para mim é um grande Segredo a causa do vento-Norte, já que nenhum aspecto Planetário, exceto o Jovial, jamais foi pensado como sua possível causa. Mas o Norte aparece muitas vezes quando Júpiter também não está engajando em aspecto algum (GOAD, *Astro-meteorologica*, p. 61).

Os ventos na direção Sul e Oeste, por sua vez, pareciam estar ligados a mudanças de fase da Lua. Era possível que a “lunação” contribuísse para o aquecimento

²⁸ Os aspectos tratados nessa obra são apenas os cinco tradicionais (conjunção, sextil, quadratura, triangularidade e oposição). John Goad se posicionou explicitamente em relação aos aspectos propostos por Kepler, dizendo que à exceção de dois deles (o semisextil e o quincunx), os outros não eram muito considerados. Goad mencionou ter analisado dados relativos a onze anos de observações coletados por Kepler, sem, com isso conseguir dados que sustentassem a validade desses aspectos. Mesmo os dois mais aceitos seriam raros e efeitos atribuídos a eles podiam ser explicados de outras maneiras. Sem esses dois

ASTROMETEOROLOGICA,
OR
APHORISMS
AND
DISCOURSES
OF THE
Bodies Cœlestial,
THEIR
NATURES and INFLUENCES.

DISCOVERED

From the Variety of the Alterations of the Air, Temperature, or Intemperate, as to Heat or Cold, Frost, Snow, Hail, Fog, Rain, Wind, Storm, Lightnings, Thunder, Blasting, Hurricane, Tufon, Whirlwind, Iris, Chafme, Parelij, Comets their Original and Duration, Earthquakes, Vulcano's, Inundations, Sicknesses Epidemical, Maculas Solis, and other Secrets of Nature.

Collected from the Observation at leisure times, of above
Thirty years; by J. G. O. D.

The Lord Reigneth, — Clouds and Darkness are round about Him, — A Fire goeth before him, — His Lightnings enlightened the World, the Earth saw and TREMBLED, the Hills melted like Wax at the Presence of the Lord, PG. CXVII.

Stork is the *Lark*, who maketh the *Seven Stars* and *Orion*.—That calleth for the
Waters of the Sea, and poureth them out on the Face of the Earth, *Amos V.*
Who removes the Mountains, and they know not; *Who shakes the Earth out of his*
place.—*Who commensureth the Sun*, and *Seals up the Stars*.—*Who saith*
Archurus and Orion, and the *Pleiades*, and the *Chambers of the Southern Con-*
stellations.—*Who doth GREAT things* past finding out; yea, and *WONDERS*
 without number. *Iob IX.*

[illegible]

LONDON

Printed by J. Rawlins, for Obadiah Blegnavat the Black Bear in St. Pauls Church-Yard, over against the Little North-door, 1686.

John Goad (1616-1689) dedicou-se durante três décadas ao estudo empírico de uma das áreas da astrologia que era mais aceita durante o século XVII (mesmo pelos adversários da astrologia judiciária): as influências dos astros nos fenômenos meteorológicos. (GOAD, John. *Astro-meteorologica, or, Aphorisms and discourses of the bodies coelestial, their natures and influences discovered from the variety of the alterations of the air ... and other secrets of nature*. Collected from the observation at leisure times, of above thirty years, by J. Goad. London: Printed by J. Rawlins for Obadiah Blagrave, 1686).

do ar, e conseqüentemente para ventos quentes, comuns em tais direções. Goad procurou verificar a relação entre mudanças de fase da Lua e a ocorrência de chuvas e ventos (GOAD, *Astro-meteorologica*, p. 57).

JOHN GOAD E FRANCIS BACON

John Goad parecia, no seu intuito, repercutir as idéias de Francis Bacon no que tangia à coleta de grande quantidade de dados para interpretação, e na iniciativa de conclamar pesquisadores para o trabalho corporativo nessa área (GOAD, *Astro-meteorologica*, p. 154). De fato, foram várias às referências favoráveis a Bacon em seu discurso (ver, por exemplo, GOAD, *Astro-meteorologica*, p. 21).

Vale notar, aliás, que Goad concentrou sua análise fundamentalmente nos aspectos astrológicos, sem demonstrar interesse por investigar possíveis atuações das casas astrológicas. Nesse caso, portanto, ao que tudo indica podemos dizer que não somente dava repercussão às idéias de Bacon para a Filosofia Natural, como também a que o autor considerava importante para a astrologia.

COLETA DE DADOS E AVALIAÇÃO DE RESULTADOS

Com a coleta de grande volume de dados, Goad pensava ser possível vencer algumas posições antagônicas à astrologia. Considerava, por exemplo, que a natureza dos planetas podia ser facilmente identificada pelo estudo dos aspectos:

Nossos Eruditos Antagonistas, como se nossas sentenças fossem sobre Coisas impossíveis, sempre perguntam *como sabemos distinguir a Natureza de qualquer Corpo Celestial* [...]. Respondemos que o Método está diante deles. Deixe que o Empenho e a Experiência colem tais Tabelas de Congressos Planetários (quanto mais melhor). E eles verão como num Espelho os Efeitos do Aspecto e disso definirão as Naturezas dos Corpos Celestes assim configurados, [...] e ainda, a Natureza e o *Caráter de cada Grau no Zodíaco* pode ser então determinada [...] (GOAD, *Astro-meteorologica*, pp. 54-5).

O trabalho de John Goad parece ter sido não só de intensa dedicação à coleta de dados, como também de cuidadoso empenho na avaliação dos resultados obtidos. Goad considerou como evidência favorável à existência de influências astrológicas a repetição

aspectos havia uma atividade considerável, e eles podiam ser reduzidos a conjunções e oposições,

em pelo menos 50% dos casos registrados de condições climáticas semelhantes. Procurou esclarecer os critérios praticados para avaliar evidências como corroborativas das hipóteses analisadas:

Resta, então, de acordo com o nosso Método constante comparar a Umidade Planetária com a Soma total dos Dias listados sob esse Aspecto. Se a Maioria for obtida, a Influência é Demonstrada (GOAD, *Astro-meteorologica*, p. 157).²⁹

O aspecto “conjunção Sol e Lua”, por exemplo, foi tomado como não indiferente à umidade, pois em cerca da metade dos dias analisados o fenômeno chuva se manifestou.

[...] há alguma Força ou Influência conhecida na Lunação que, não contente com tais Produções Imperfeitas como Nevoeiros e Nuvens (embora disposições a Chuva), ajuda a levar a cabo Umidade completa e absoluta (GOAD, *Astro-meteorologica*, p. 59).

Entre outros vários aspectos analisados, Goad chegou à conclusão de que não somente a conjunção entre Sol e Lua, mas também entre Sol e Mercúrio era favorável à ocorrência de ventos e chuvas (GOAD, *Astro-meteorologica*, p. 138).³⁰

AS CONCEPÇÕES DE UNIVERSO

Outra questão discutida foi se os aspectos tinham influência tanto quando os planetas se movimentavam de modo direto, como também quando o movimento se dava no sentido retrógrado, em vista de que o planeta podia estar mais próximo da Terra em uma ou outra ocasião.

Ao tratar da conjunção entre Vênus e Sol duas tabelas distintas foram apresentadas: a dos aspectos diretos e a dos retrógrados. Para ele, em cada um desses

respectivamente (GOAD, *Astro-meteorologica*, pp. 39; 48).

²⁹ Na avaliação das evidências devia ser levado em conta que o efeito de um dado aspecto podia levar até 3 ou 4 dias para se manifestar (GOAD, *Astro-meteorologica*, p. 157).

³⁰ Goad reagiu contra Kepler por não ter dado atenção a esse aspecto. Criticou, por exemplo, o fato de não ter notado a constância da chuva no dia de ocorrência desses aspectos, e em vários anos registrados: “Provamos que a conjunção de Sol e Mercúrio, observada contínuas vezes, produz Chuva na metade delas, de forma que o aspecto é um ingrediente Natural num Efeito Natural [...]”(GOAD, *Astro-meteorologica*, p. 155).

dois casos, a influência dos aspectos era diferente (GOAD, *Astro-meteorologica*, p. 157).

Esse ponto, aliás, faz-nos lembrar que, ao mencionar o movimento dos planetas, John Goad utilizou uma *linguagem geostática*. Falou em movimento do Sol, e qualificou movimentos em retrógrados, diretos e estacionários, ao explicar porque certas condições climáticas teriam durações variáveis. Os planetas movimentar-se-iam de acordo com os desígnios divinos de alterações na constituição do ar, até mesmo retroagindo se fosse o caso de intensificar suas influências por uma posição de perigeu, ou de minimizá-las pelo apogeu (GOAD, *Astro-meteorologica*, p. 193).

Mas será que Goad, de fato, aceitava o sistema ptolomaico como *real*?

Em boa parte do livro não é possível identificar se ele aceitava o sistema copernicano, mas, de certo, nota-se que ele não se opunha à possibilidade de movimento da Terra. Ao tratar da questão das marés, por exemplo, ele comentou: “vi um Engenhoso Manuscrito a respeito desse assunto, determinado pela Hipótese de um terceiro movimento da Terra” (GOAD, *Astro-meteorologica*, p. 21).

E, em determinado ponto referiu-se explicitamente à sua tendência a aceitá-lo: “se o Sol for o Centro dos Céus Planetários, o que estou disposto a acreditar por causa das Razões dos Copernicanos” (GOAD, *Astro-meteorologica*, p. 264). Para John Goad também havia na retrogradação dos planetas o que favorecesse a adoção do sistema tychoniano (GOAD, *Astro-meteorologica*, p. 193). E, ao que tudo indica, Goad não aceitava o sistema copernicano sem qualquer restrição:

Se este Retrocesso de Mercúrio e o repouso é Real ou *Aparente* apenas, sabemos ser a grande Questão entre os dois Sistemas; e temos consciência do quanto escandaloso é deixar a *Noção Preferida* e aderir à *Tyconiana*, já que todos os Neoteóricos desposaram a *Copernicana* [...] Até onde posso ir tenho razão para acreditar que os Movimentos Planetários sejam Heliocêntricos [...] mas peço sinceramente perdão por não ter razão convincente para acreditar que a Terra é um Planeta movido na Expansão do Céu com Movimento Diurno ou Anual para resolver as Aparências (GOAD, *Astro-meteorologica*, p. 122).

Para Goad, também a retrogradação, mesmo que surpreendente, não era impossível na natureza, o que até mesmo os copernicanos admitiriam (GOAD, *Astro-meteorologica*, pp. 124-5). Aliás, alertava que se tomássemos o significado “voltar à

posição anterior”, o próprio movimento circular era uma retrogradação. Quanto ao Sol, Goad considerava estranho que estivesse parado em vista do seu próprio formato e constituição que pareciam torná-lo “feito para o movimento” (GOAD, *Astro-meteorologica*, p. 126).

Podemos questionar, portanto, qual era a posição do autor do *Astro-meteorologica* sobre o assunto?

Goad propôs uma interpretação com base bíblica, segundo a qual a Terra teria sido criada antes do Sol e devia estar “pendurada no meio do Firmamento”. Reconhecia que a Bíblia podia estar falando da aparência das coisas vistas da Terra, mas ainda assim achava que o que se encontrava nas Escrituras ia muito além (GOAD, *Astro-meteorologica*, p. 121).

Se isso valia ou não ele não sabia. Tinha consciência apenas de que movimentos de retrogradação e estacionários eram de interesse da Providência Divina para uma dispersão intencional das influências celestes. Assim, certos corpos celestes podiam mais de uma vez enviar sua influência a um determinado local.

Enfim, Goad não parecia ter uma posição definitiva a respeito do assunto e respeitava as hipóteses em discussão. Para ele, ainda não havia conclusão a respeito de qual sistema era real. Por outro lado, parecia ter uma posição definitiva no sentido de acreditar que *os prognósticos independeriam da escolha do sistema*:

Apesar de tudo isso, e o que mais possa ser dito em outros lugares, se isso demonstra ser não-conclusivo, precisamos afirmar que nosso princípio de prognóstico é inquestionável. Seja como for, talvez possa ser que alguns não irão reconciliá-lo ao Novo Sistema, embora outros Teóricos mais felizes possam; e podem haver várias Verdades inquestionáveis para as quais talvez ainda não tenhamos encontrados o Conciliador (GOAD, *Astro-meteorologica*, p. 126).

No *Astro-meteorologica* fica claro que Goad não via repercussão no sentido de pressão sobre a astrologia ou necessidade de reformá-la em vista da escolha do sistema: “A causa deve ser real. [...] não a Hipótese real em si mesma, mas real em relação ao que deve ocorrer, como o Eclipse do Sol” (GOAD, *Astro-meteorologica*, p. 123). Essas discussões, enfim, não afetariam a astrologia, porque o que valia nesse caso era como os planetas eram para nós: “Disso os Astrólogos têm certeza, que os mesmos

Efeitos de Calor e Chuva, & c. são encontrados no Retrocesso tanto quanto na Marcha Direta” (GOAD, *Astro-meteorologica*, p. 124).

É interessante notar que John Goad comentou de modo favorável a respeito dos estudos de Childrey sobre as marés, mas nada disse sobre a proposta de aspectos heliocêntricos. Mesmo quando dedicou um capítulo a explicar os aspectos e a sua importância, e discutiu os propostos por Kepler, ainda assim não se posicionou a respeito dos heliocêntricos (GOAD, *Astro-meteorologica*, chap. XI).

REAÇÃO AOS RESULTADOS APRESENTADOS

Além de chuvas, a conjunção Sol-Lua parecia favorável à ocorrência de ventos numa determinada direção. Se somadas essas ocorrência de ventos e chuvas chegava-se a mais de 50%, o que Goad apontava não sem certo tom de ironia.

Ao que tudo indica, John Goad se preocupava com possíveis atitudes desfavoráveis ao modo como havia avaliado as evidências obtidas em suas observações. Como mostramos no **capítulo 5** desta tese, isso transparece, por exemplo, na manifestação de descontentamento com a atitude de Pierre Gassendi sobre o assunto em décadas anteriores.

Goad não mencionou onde Gassendi teria se posicionado acerca do que seria, para ele, um volume de dados aceitável como evidência favorável à existência de influências astrológicas. Vale notar que Gassendi já havia falecido nessa época, e, então havia se manifestado a respeito da astrologia de modo geral, e não ao trabalho de Goad. Este, por sua vez, insinuou que Gassendi havia avaliado a questão de modo tendencioso, julgando as evidências de modo diferente para esse caso do que faria em temas de outra natureza (GOAD, *Astro-meteorologica*, p. 60).

É interessante notar que John Goad insistia em se defender, e repetidas vezes pontuou a dificuldade de aceitação das evidências. Ele, aliás, não sabia explicar os aspectos, mas procurou defender a existência desses, o que sabemos ter sido um dos pontos atacados por críticos da astrologia como Gassendi (ver **capítulo 5**). Goad também procurou frisar que queria a infalibilidade na astrologia, e considerava que atingi-la era questão de tempo, pois dependia de chegarem a correspondências

inequívocas (GOAD, *Astro-meteorologica*, pp. 61-4; ver também o **capítulo 5** desta tese).

Segundo a historiadora Mary Bowden, a tentativa de reforma da astrologia mais significativa, no sentido de atrair a atenção da *Royal Society*, foi a realizada por John Goad com base as idéias de Francis Bacon de coleta de dados intensiva, e crítica aos horóscopos e aos sistemas de casas (BOWDEN, “The scientific revolution in astrology”, Cap. IV).

Bowden não explica que tipo de interesse a *Royal Society* teve pelo assunto e como se manifestou, mas aponta que Goad teria sido ajudado por Elias Ashmole, então membro daquela instituição. Deve-se notar, no entanto, que Ashmole tinha interesse por aqueles assuntos, bem como pela astrologia judicial e alquimia. Sua posição pessoal, no entanto, não deve ser confundida com a da *Royal Society* como instituição.

7.5 A “REFORMA” DE JOHN PARTRIDGE

CRÍTICAS À ASTROLOGIA

John Partridge foi autor de almanaques de sucesso, e dedicou vários escritos a querela pública com John Gadbury, seu antigo tutor em astrologia.

De família humilde, Partridge nasceu em 1644. Desde muito cedo havia sido aprendiz de sapateiro, mas aos dezoito anos começou sozinho a estudar latim, e em seguida hebraico, grego e medicina. Segundo o *Dictionary of national biography*, não há evidências de que Partridge tenha sido médico de Charles II, embora alegasse ter essa ocupação (*Dictionary of national biography*, vol. 15, pp. 428-30).

Para John Partridge, os “enganadores” diziam serem astrológicas certas práticas, na realidade, banais e proibidas pela astrologia. Entre essas estavam a resolução de questões com vistas a ganhar ou recuperar dinheiro, invocações de espíritos, encantos para atrair amor e acabar com azar (PARTRIDGE, *Opus reformatum*, pp. x-xi).³¹

³¹ Partridge não mencionou diretamente o nome de William Lilly, mas sabemos que ele havia se dedicado a essas questões (ver o **capítulo 2** desta tese). Outros autores também criticaram o que consideravam impropriedades misturadas à astrologia legítima. Essa questão foi discutida no **capítulo 3** desta tese.

Se isso para ele nem era astrologia, a situação do que considerava, de fato, sua área de pesquisa não merecia dele qualificação muito melhor. Como vimos no **capítulo 5** desta tese, Partridge se preocupava com as discordâncias e inúmeras variações entre os profissionais acerca de uma mesma questão. Regras deficientes, incoerentes e falsos aforismos, faziam da astrologia alvo fácil de ataque para os críticos (PARTRIDGE, *Opus reformatum*, vii).³²

É curioso notar que muitos comentários de John Partridge, interessado e proponente de sugestões para a astrologia no século XVII, podem também ser encontrados nos mais duros trabalhos de crítica a essa área. Partridge acusou seus colegas de recorrerem a quaisquer subterfúgios e justificativas tolas a fim de não serem contraditos, mesmo que em muitos casos incorressem em situações ridículas como escandalosas incoerências. Considerava que pouco havia sido apresentado de bom, mesmo pelos mais estimados autores de sua época (PARTRIDGE, *Opus reformatum*, pp. 3-6, 62).³³

Adotada a sua solução, Partridge não esperava o cessar das críticas à astrologia, mas sim das críticas *justificadas*. As remanescentes seriam inevitáveis por partirem de ignorantes (PARTRIDGE, *Opus reformatum*, p. viii).

A SOLUÇÃO

Falando abertamente, todos os outros Métodos são realmente Inovações, e novos Projetos, sem qualquer fundamento em Autores de Autoridade (PARTRIDGE, *Opus reformatum*, p. iv).

O método supostamente mais adequado estaria disperso pela obra *Opus reformatum*, de 1693. Cabia ao leitor extraí-lo e testá-lo. “Humildemente”, Partridge se colocava à disposição para voltar atrás, caso as pessoas se decepcionassem com suas palavras. Não queria “destruir a arte da astrologia”, mas sim “refiná-la, torná-la mais coerente nos seus Princípios, e mais correta no seu Uso e Prática” (PARTRIDGE, *Opus*

³² A avaliação das circunstâncias da morte de uma pessoa era a parte mais confusa da astrologia de então, segundo Partridge (PARTRIDGE, *Opus reformatum*, p. 60).

³³ As críticas de Partridge ao suposto comportamento pouco ético dos astrólogos foram discutidas detalhadamente no **capítulo 5** desta tese.

reformatum, pp. ii; viii; 19). A verdadeira astrologia era um “ramo da Filosofia Natural” (PARTRIDGE, *Opus reformatum*, pp. viii-ix).

Sua intenção ao publicar esse livro era evitar que jovens estudantes da astrologia aprendessem coisas erradas, pois dizia ser só isso o que encontravam nos livros então em circulação. Era necessário trabalhar para que a próxima geração de profissionais fosse melhor instruída (PARTRIDGE, *Opus reformatum*, vii).³⁴

A VERDADEIRA ASTROLOGIA

Esses comentários podem nos sugerir que Partridge estava propondo um método próprio, esse sim com base em “autoridades confiáveis”. Mas, a situação não foi bem essa. Considerava que já havia “*uma Verdadeira Astrologia*”: a proposta por Ptolomeu (PARTRIDGE, *Opus reformatum*, p. 19; os itálicos são do próprio autor).

Segundo Partridge, essa era até estranha para sua época tal o nível de “Erros e inúteis Inovações” agregadas a ela (PARTRIDGE, *Opus reformatum*, p. i). Como o próprio título completo do *Opus reformatum* indicava, o autor pretendia expor “os erros comuns da arte” e reviver “o verdadeiro e Antigo Método estabelecido para as nossas Direções pelo Grande Ptolomeu”. Assim, não se dedicou a propor alguma criação sua ou método próprio para julgamento, mas sim a reavivar o de Ptolomeu, o que dizia evitar muitos questionamentos.

AS CONCEPÇÕES DE UNIVERSO

É interessante notar que, como outros casos aqui estudados, também a proposta de Partridge *não parecia advir de pressões externas* específicas de novas descobertas ou concepções, mas sim do *descontentamento do autor com a situação da própria astrologia*, que perdia reputação, segundo ele, dadas às suas incoerências internas.

Nota-se que Partridge se manifestava explicitamente contra o que chamou de “inovações”, mas não comentou especificamente novidades como “aspectos heliocêntricos” e tentativas de transformar a astrologia em função do sistema

³⁴ Partridge deu a entender que sua iniciativa era isolada, pois não tinha apoio de ninguém e só teria recebido ajuda do seu falecido mestre Francis Wright.

copernicano. Aliás, ao se dirigir aos leitores do seu trabalho, pareceu fazer questão de deixar claro que *não havia importância na escolha do sistema*. Chegou até mesmo a tratar o assunto com certa ironia, como se fosse algo que *não tivesse qualquer implicação no julgamento astrológico*:

E para esse propósito não é uma questão imediata quais são os seus Princípios, se Geocêntricos, Heliocêntricos, ou Selenocêntricos; nem se suas Direções são Diretas, Invertidas, [...] Secundária, embaladas no Mundo ou Zodíaco nos Círculos Crepusculinos ou nos Arcos Obscuros (PARTRIDGE, *Opus reformatum*, p. vi).³⁵

PARTRIDGE DE FATO USAVA AS REGRAS DE PTOLOMEU?

Se por um lado John Partridge deu pouca atenção ao fator “escolha de uma concepção de mundo”, por outro, destacou a necessidade de coerência. As regras adotadas (as de Ptolomeu é claro) deviam ser coerentes entre si (e as de Ptolomeu eram, segundo Partridge) e empregadas de modo idêntico em todos os casos a serem analisados.

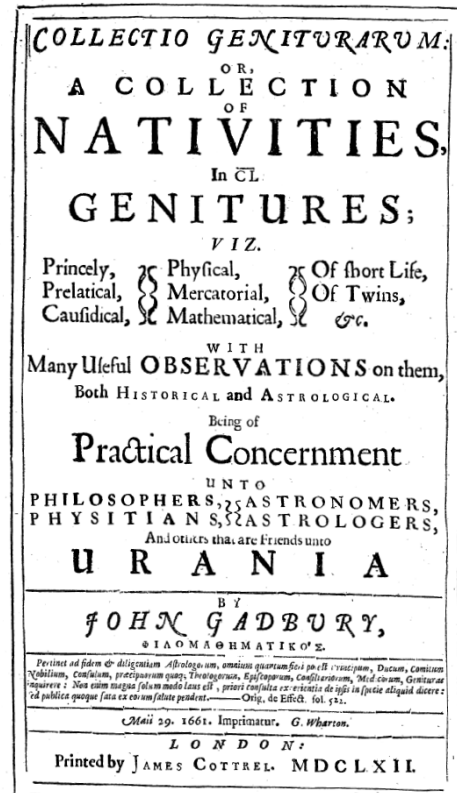
É interessante notar que algumas vezes John Partridge se mostrava bastante disposto a aceitar *exclusivamente* o que Ptolomeu havia aceito. A própria capa do livro de Partridge dizia ser o método de Ptolomeu *o único bom e o verdadeiro*.

Outras vezes, Partridge acenava com uma posição mais flexível no sentido de recomendar a aceitação de elementos pós-Ptolomeu se esses, quando testados, se mostrassem convincentes: “nem tudo o que é novo é bom”, era necessário testar o que era novo (PARTRIDGE, *Opus reformatum*, vii).

[...] não tanto à descoberta de Novos Caprichos e Noções sem Fundamento ou Razão, e algumas delas totalmente incompreendidas pelos seus Inventores e Professores. Mas para melhorar aquelas que já possuímos e verificar se elas passam no Teste de Exemplos e Exames em várias Natividades [...] (PARTRIDGE, *Opus reformatum*, p. v).

Assim, o que realmente o autor desejava fica difícil dizer. Nota-se, no entanto, que ele, de fato, utilizou alguns aspectos além dos propostos por Ptolomeu, como o

³⁵ Em certo ponto Partridge comenta sobre o movimento do Sol e parece ter dúvidas sobre o assunto: “[...] se os Afélios são móveis então o do Sol completa sua Revolução em quase 23000 anos; mas se são fixos,



O astrólogo John Gadbury (1627-1704) escreveu obras astrológicas em que se desviou da tradição clássica (representada especialmente por Ptolomeu), sendo por isso criticado por John Partridge (1644-1715), seu antigo estudante. (GADBURY, John. *Collectio geniturarum, or, A collection of nativities, in CL genitures, viz. princely, prelatial, caufidical, physical, mercatorial, mathematical, of short life, of twins, &c. with many useful observations on them, both historical and astrological: being of practical concernment unto philosophers, physitians, astronomers, astrologers, and others that are friends unto Urania*. London: Printed by James Cottrel, 1662).

“sesquiquadratum” de Kepler, sem contanto se referir ao proponente do aspecto em questão (PARTRIDGE, *Opus reformatum*, p. 38).

Em contraposição, nota-se que ao se deparar no trabalho de John Gadbury com idéias que julgava não serem de Ptolomeu, Partridge o criticou, entre outros motivos, justamente por empregar o que não provinha daquele autor.

Uma de suas principais críticas ao trabalho de John Gadbury era o fato de esse considerar que se numa natividade os signos cardeais ocupassem ângulos, isto é, as cúspides das casas, a pessoa em questão teria um papel marcante no mundo.

Partridge apontou que tal consideração não era encontrada no trabalho de Ptolomeu e de outros autores antigos, e também o repreendeu por aplicá-la incoerentemente ao longo das natividades julgadas. Além disso, assinalou que, se não havia planetas superiores nesses pontos das figuras, eles eram simplesmente espaços vazios, e, portanto, sem tais influências. E, além disso, esses mesmos planetas simplesmente colocados nesses signos, ainda que não nas cúspides das casas, já tinham esse efeito (PARTRIDGE, *Opus reformatum*, p. 71).

Com elementos extraídos diretamente do *Tetrabiblos*, Partridge procurou demonstrar como Ptolomeu julgaria a natividade de Oliver Cromwell elaborada por Gadbury. Cada passo no julgamento foi ilustrado com o trecho do *Tetrabiblos* utilizado. Assim, a forma escolhida foi bastante didática no sentido de mostrar como Ptolomeu avaliava características físicas, comportamento, habilidades intelectuais, posses materiais, irmãos, pais, etc.

Nota-se, por exemplo, a contraposição de que enquanto autores coetâneos a Partridge costumavam julgar a situação dos pais pela quarta e décima casas, Ptolomeu usava o Sol e Saturno para inquirir sobre o pai, a Lua e Vênus sobre a mãe. E para tratar de viagens Ptolomeu recorria à posição da Lua e não à nona casa (PARTRIDGE, *Opus reformatum*, pp. 51; 55).

então não tem outro movimento senão a Precessão do Equinócio, que irá completar sua Revolução em quase 25000 anos (PARTRIDGE, *Opus reformatum*, p. 79).

7.6 A REFORMA DA ASTROLOGIA DE ROBERT GODSON

Já em fins do século XVII, em 1697, Robert Godson publicou o *Astrologia reformata: a reformation of the prognostical part of astronomy, vulgarly termed astrology*.

Não temos qualquer informação sobre quem teria sido Godson e a repercussão dessa obra, talvez a única produzida pelo autor. No entanto, o fato de ser uma proposta explícita de reforma para a astrologia, bem como a peculiaridade de quem ele tentava sensibilizar ao apresentá-la, tornam o estudo desse caso bastante interessante.

Nesta obra, dedicada à *Royal Philosophical Society of London*, Godson apresentou o que considerava os progressos que até então havia conseguido no sentido de reformar a astrologia. Sua intenção, manifestada explicitamente no prefácio do texto, era pedir a cooperação dessa associação para estudar o assunto e dar continuidade ao trabalho.

Se Godson se dirigia exclusivamente a essa instituição, pode-se inferir, então, que seus membros conheciam pouco sobre astrologia, já que o autor recomendava que o leitor ainda não familiarizado com o tema se instruisse primeiramente com obras de William Lilly, John Gadbury e Henry Coley.

A ASTROLOGIA APERFEIÇOADA PELA CONTRIBUIÇÃO DA ASTRONOMIA

Robert Godson exaltou as novas descobertas e estudos da astronomia, destacando o empenho dos estudiosos no avanço dessa área. A astronomia lhe parecia aperfeiçoada, à exceção de sua *parte* de prognósticos, a astrologia, sobre a qual esses estudiosos sabiam pouco. Não se dedicavam à astrologia. Já os que escreviam sobre astrologia sabiam pouco de astronomia. Na maior parte das vezes, segundo o autor, eram pessoas ignorantes e interessadas em lucro. Assim, a situação da astrologia teria se tornado lamentável. Os erros dos homens a desacreditaram (GODSON, *Astrologia reformata*, pp. 2-8).

É interessante notar que, por essas considerações expressas já no início desse trabalho, poder-se-ia supor que Godson fosse aplicar essas novas idéias e descobertas da

astronomia à astrologia. Quem sabe, talvez, fazer algo como uma astrologia do ponto de vista heliocêntrico. No entanto, não foi isso o que ele fez.

Sua reforma (assim ele definia explicitamente sua contribuição) partiria da *insatisfação com as regras da própria astrologia derivadas de falhas metodológicas*, circunstâncias às quais atribuía a origem das grandes variações entre profissionais dessa área. Como vimos no **capítulo 5** desta tese, Robert Godson discutiu uma série de supostos problemas da astrologia da época: deduções com base em meras analogias; regras forjadas sem base experimental; conclusões apressadas, com bases fracas, sem comparações e critérios rígidos de verificação, sem atenção a particularidades; despreocupação com coerência, congruência e padrão; uso de subterfúgios para “escapar” dos erros; concordâncias forçadas, etc. (GODSON, *Astrologia reformata*, pp. 27-9).

Pode-se notar que, para ele, as novas contribuições à astronomia não implicariam na necessidade de mudanças teóricas específicas na astrologia. A contribuição da astronomia não estaria em novos dados ou conclusões, mas sim no *método de trabalho*.

Ao que tudo indica, para Robert Godson, a astrologia devia empregar o sistema de Ptolomeu como suficiente e verdadeiro. Pode ser que ele até aceitasse a visão heliocêntrica, mas, por uma questão de referencial da astrologia, resolvesse adotar talvez *instrumentalmente* a concepção geocêntrica.

Godson, aliás, se posicionou contra mudanças da astrologia sugeridas naquela época que, segundo a sua opinião, vinham de pessoas com conhecimentos bastante restritos nessa área. O autor não disse explicitamente a que ou a quem estava se referindo. Vale a pena nos questionarmos, no entanto, se ele não poderia estar se referindo a algo como o que Joshua Childrey havia proposto, isto é, mudanças em função do heliocentrismo.

A PROPOSTA DO AUTOR

Diante daquele diagnóstico de circunstâncias de insatisfação com a astrologia, Robert Godson, considerando explicitamente que estava dando uma contribuição nova

ao assunto, propôs uma reforma da astrologia, seguindo o “único verdadeiro método de fazer e ganhar experiência” (GODSON, *Astrologia reformata*, p. 10).

Godson insistiu no que chamou de “Prova Experimental e Demonstração” (GODSON, *Astrologia reformata*, p. 28). Sua intenção era estabelecer padrões a partir da análise de um grande volume de casos, e da comparação das previsões com os resultados ocorridos.

Num discurso, no qual pareciam ressoar com forte intensidade as idéias de Francis Bacon (embora o autor não chegasse a citá-lo explicitamente), Godson se referiu ao trabalho que vinha desenvolvendo como “experimentação e observação”. Queria analisar uma grande quantidade de exemplos e descobrir regras (GODSON, *Astrologia reformata*, p. 15).

O QUE GODSON FEZ

Robert Godson já teria, por vários anos, realizado um “exame experimental dos próprios Céus através da coleta e discussão imparcial e cuidadosa de várias faces celestiais e figuras a respeito de um único e mesmo particular [...]” (GODSON, *Astrologia reformata*, p. 10).

Teria ainda analisado e verificado, com base em resultados práticos, idéias de vários autores a fim de selecionar o que devia ser mantido.³⁶ Propunha apresentar uma série de proposições ou máximas fundamentais, algumas novas e outras já existentes, que precisavam ser apresentadas de modo mais claro.

É interessante notar alguns padrões pré-estabelecidos pelo autor e as justificativas apresentadas. Godson aceitava a astrologia concernente a eventos humanos, tanto para nações quanto para casos particulares. Nessa obra, mostrou a análise de algumas natividades, escolhendo observar especificamente situações extremas e comuns a muitas pessoas: a morte e o casamento.

Justificou essa atitude em função da repetição e da facilidade de acesso a esses eventos. Mas, já prevendo oposições, defendeu-se de antemão. Não era necessário

³⁶ Justifica, assim, por exemplo, o fato de utilizar na análise de natividades a regra de que o movimento médio solar diário corresponderia a um ano de vida da pessoa em questão.

escolher exatamente aqueles dois acontecimentos. Ele sabia e podia trabalhar com outros. Sua opção derivaria exclusivamente das razões práticas apresentadas (GODSON, *Astrologia reformata*, p. 26).

Godson propôs o que seria uma nova regra para a retificação das genituras ou natividades em função de eventos ditos por ele “extremos”. Essa retificação, segundo ele, daria figuras e previsões boas, além de *razoável concordância* com os supostos momentos dos nascimentos, como teria sido verificado em numerosos casos.

Como vimos no **capítulo 5** desta tese, Godson acreditava que os resultados não eram e nem podiam ser perfeitos. Ele, no entanto, acreditava ao menos que através desse método era capaz de fazer melhor do que qualquer um até então já havia feito. Para exemplificar o que dizia, após explicar o seu método de retificação, apresentou o que seriam três natividades das muitas analisadas: Charles II, Luís XII e de um capitão de nome William Bellew.

É bem provável que a proposta de Robert Godson não tenha conseguido sensibilizar quem ele queria. É possível, aliás, que nem mesmo os astrólogos a tenham levado a sério. Não parece ter havido resposta ao trabalho de Godson, e o autor também não parece ter dado prosseguimento a essa iniciativa publicando outras obras sobre o assunto. A repercussão da proposta de Godson parece ter sido um significativo silêncio. Também significativamente, outras idéias para a astrologia discutidas nesse capítulo não parecem ter ido adiante e surtido o efeito que seus proponentes almejavam.

Capítulo 8

A astrologia no contexto dos debates sobre a reforma do ensino nas universidades

No ano de 1654 uma discussão intrincada, complexa, baseada em argumentos de múltiplas naturezas, mas notadamente pouco profunda e em tom irônico, foi travada em publicações de John Webster, Thomas Hall, John Wilkins e Seth Ward. Esses dois últimos eram, então, participantes do grupo que daria origem à *Royal Society*, e membros de Oxford, quando se dispuseram a responder às idéias de John Webster.

Já este outro não parece ter sido muito conhecido na época. Estudou medicina, química, metalurgia, e várias línguas (latim, grego, hebraico, alemão, italiano e francês), embora, aparentemente, não tivesse formação acadêmica. Suas declarações poderiam sugerir que tivesse freqüentado a Universidade de Cambridge, mas os registros da instituição não apontam sua passagem por lá.¹

O fato de não ter formação acadêmica e não pertencer a nenhuma das universidades, já de antemão, levava Webster a prever críticas à sua audácia de propor uma reforma acadêmica (WEBSTER, *Academiarum examen*, To the Reader).

Suas previsões estavam certas. John Wilkins o taxou de “ignorante” (*Vindicae Academiarum*, p. 1). Acusou-o de confessar que tentava reformar algo que não compreendia. No entanto, de modo geral, pode-se dizer que ele fez sim propostas concretas, embora não as tenha discutido em detalhes.

Talvez até mesmo em função da pouca influência de Webster, o *Academiarum examen* não tenha suscitado muita repercussão, o que, segundo o historiador da ciência Allen Debus, explicaria a atual raridade dos seus exemplares. Uma das poucas

¹ Por algum tempo, sua identidade teria sido confundida até mesmo pelo oponente Thomas Hall com a do homônimo mais famoso, o teatrólogo John Webster. Com base nessa confusão, houve até quem comparasse passagens de trabalhos dos dois “Websters” como se tratassem de obras de um único autor (ver “WEBSTER, JOHN” no *Dictionary of national biography*, vol. 18, p. 125).

discussões de suas idéias foi o anônimo *Vindicae Academiarum*, ainda do mesmo ano (DEBUS, *Science and education*, p. 57).²

As letras H. D. e N. S. que assinam, respectivamente, esse livro e o seu prefácio seriam identificadas como as finais dos nomes dos seus autores: Seth Ward, bispo de Salisbury, e John Wilkins, bispo de Chester.

Ward estudou e deu aulas em Cambridge. Tornou-se bastante reconhecido pela dedicação à matemática. Transferiu-se de Cambridge para Oxford em 1649, onde, já titular da cadeira Saviliana de Astronomia, começou a fazer parte do grupo de estudos que daria origem à *Royal Society*. Quando participou do *Vindicae academiarum*, Wilkins também era professor de Oxford. Já havia publicado alguns de seus trabalhos e era conhecido pela sua defesa do sistema copernicano (ver “WARD, SETH” e “WILKINS, JOHN” no *Dictionary of national biography*, vol. 17, p. 336-341 e vol. 20, pp. 264-7, respectivamente).

Para o historiador Allen Debus, “as raízes do debate Webster-Ward estão enterradas na história da Idade Média tardia e da Renascença” (DEBUS, *Science and education in the Seventeenth Century*, p. 3), quando os interesses teriam sido concentrados na educação elementar e os problemas das universidades foram negligenciados.

Críticas e reavaliações do aristotelismo nas universidades já viriam dos séculos anteriores. Certos trabalhos de Aristóteles como a observação e descrição de animais, por exemplo, começaram a ser mais valorizados do que outros. No entanto, nem o apelo da universidade de Pádua a favor da experimentação, nem o esquema educacional humanista de crítica ao escolasticismo, podem ser considerados um padrão para o período. O trabalho das universidades renascentistas era mais de conservação e preservação do conhecimento do que de realização de pesquisas.³

² Na presente análise utilizamos versões *fac similes* desses trabalhos, apresentados com a paginação original na obra *Science and education in the Seventeenth Century* de Allen G. Debus.

³ Ver DEBUS, *Science and education in the Seventeenth Century*, capítulo II (“The historical roots of the educational problem”) e DEBUS, 1988.

Para mudar a situação nas universidades, com a qual estavam descontentes, dois grupos principais apresentaram diferentes propostas que competiram na época. Elogiavam a prática, a observação e a experiência, mas eram bem diferentes.

A proposta de John Webster fazia parte da tradição dos seguidores de Paracelso. Os químicos paracelsistas ou filósofos químicos se engajaram em debates com aristotélicos, galenistas e finalmente com os mecanicistas, dos quais Seth Ward e John Wilkins foram representantes.

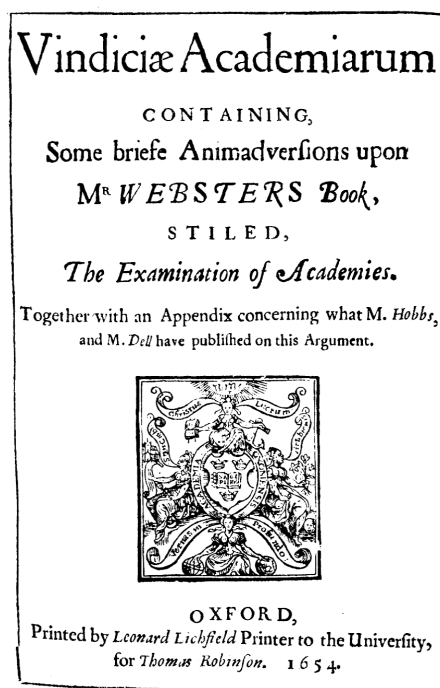
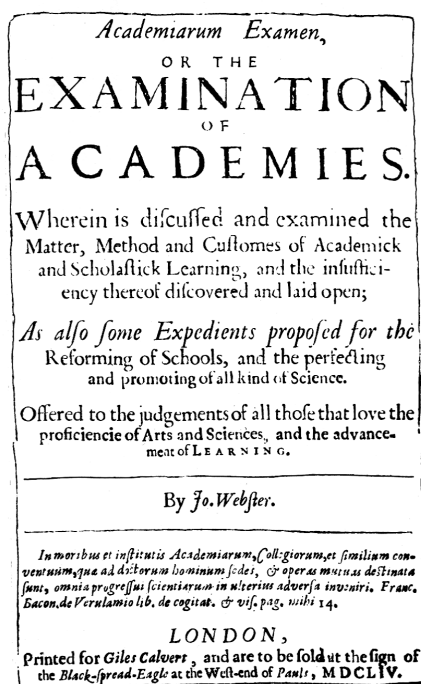
O grupo da filosofia química via necessidade de reformar a medicina, e contrapôs Paracelso a Galeno. Os debates entre filósofos químicos e galenistas teriam sido maiores na época do que discussões sobre as idéias de Copérnico. Discutia-se, por exemplo, a introdução da química na medicina. A medicina, quimicamente orientada, seria a base para a filosofia natural.

As idéias do paracelsistas pareciam para a época mais plausíveis do que as do grupo de Ward e Wilkins. Esses últimos criticavam a então bem aceita relação macro-microcosmo, enquanto a proposta dos químicos paracelsistas a mantinha: queriam estudar o homem e corpos terrestres para entender os céus.

Webster, nesse texto, faria questão de explicar que não havia quatro elementos, mas sim “três grandes princípios hipostáticos da natureza”: sal, enxofre e mercúrio (WEBSTER, *Academiarum examen*, p. 77). A corrente da qual era representante negava os quatro elementos de Aristóteles. Helmont negava os humores, os elementos e a explicação para doenças baseada nesses componentes, isto é, rejeitava a medicina humoral. Para Paracelso eram não quatro elementos, mas sim três princípios.

Neste capítulo procuramos mostrar que, no século XVII, o posicionamento da sociedade inglesa a respeito da astrologia estava diretamente vinculado a debates sobre o aristotelismo, o galenismo, o currículo das universidades, política, religião, dentre outros assuntos então em discussão. O debate produzido por Ward, Webster, Wilkins e Hall revela claramente que a oposição à astrologia só pode ser entendida nesse amplo contexto.

Das discussões entre esses autores pode-se inferir seus posicionamentos a respeito da astronomia, das concepções de mundo ptolomaica e copernicana, da magia



Ocorreram em meados do século XVII discussões a respeito do ensino nas universidades, tendo em vista os avanços do conhecimento que estavam ocorrendo. John Webster publicou uma crítica às universidades, tendo sido rebatido por uma obra anônima, depois atribuída a John Wilkins e Seth Ward. A astrologia foi um dos temas discutidos nessa controvérsia.

natural, da medicina com base astrológica e outras áreas de estudo, bem como a respeito das aplicações das idéias de Francis Bacon e o estado das universidades na época.

Embora a astrologia não fosse especificamente o foco dos debates entre esses autores, a análise detalhada desse material nos traz informações sobre suas atitudes a respeito desse e outros assuntos que nos são relevantes.

Esses debates mostram os argumentos de natureza técnica apresentados por Seth Ward contra a astrologia, e como ele reagia ao ver pessoas que admirava se dedicarem a esse assunto. Comparamos, ainda, idéias de Ward e Wilkins sobre experiência, observação e reformulação da linguagem empregada nos estudos às idéias do astrólogo William Lilly sobre esses tópicos.

8.1 dois grupos em franca oposição

John Webster procurou se esquivar de antemão de algumas possíveis acusações: não estaria sozinho e nem apresentando uma grande novidade; havia citado os autores cujos argumentos tomara emprestados; a maneira de argumentar era sua.

O “bombardeio” viria a ser confirmar. Para John Wilkins, Webster abusou de autores bons, usando mal suas idéias. Seth Ward o acusou de citar o que não teria lido e de cometer plágio, por copiar os argumentos contra Aristóteles de Pierre Gassendi e van Helmont (*Vindicae Academiarum*, pp. 15; 23-6; 32-3; 42).⁴

Como vemos, os futuros membros da *Royal Society* teriam se dedicado a escrever bastante contra algo que não teve tanta influência no seu meio. Podemos nos questionar, portanto, o que os teria levado a tal atitude. Seria, de fato, porque rebatê-lo era uma “boa recreação para algumas horas vagas” (*Vindicae Academiarum*, p. 6), como Wilkins chegou a insinuar?

O prefácio do *Vindicae Academiarum* sugere que a repercussão dos apontamentos de Webster entre pessoas comuns não teria sido desprezível. Era um boa

⁴ De fato, nota-se que Webster citou referências às margens do texto, mas parece mesmo ser difícil distinguir o que é dele daquilo que foi extraído de trabalhos de outros autores, ou entender se ele só consultou ou realmente extraiu trechos daqueles trabalhos.

justificativa, portanto, a necessidade de esclarecer os menos hábeis (*Vindicae Academiæ*, pp. 6-7).

Pode-se notar, no entanto, que a resposta de Seth Ward não parece ser tão simples e nem tão esclarecedora que pudesse ser dirigida aos supostos “seguidores ignorantes” de Webster. Também não parece ser feita em horas vagas, e muito menos branda por reear ser vista como “covarde” dada à fraqueza do adversário.

Ward parecia, de fato, preocupado em responder, mas sua extensa resposta primava muito mais pela ironia do que pela seriedade em refutar de modo convincente a argumentação de Webster. Insinuou que ele escrevia coisas incompreensíveis e ridicularizou o raciocínio do oponente (*Vindicae Academiæ*, pp. 13;14; 16; 18).

Aparentemente, Seth Ward e John Wilkins, consideravam fúteis os motivos propulsores das acusações e, ao mesmo tempo, procuravam desqualificá-las sugerindo que eram características de certos grupos delineados como fanáticos e extravagantes, os quais a sociedade da época já rejeitava (ver o **capítulo 4** desta tese).

Muito mais do que quererem atingir esses grupos, e talvez nem mesmo sabendo qual era a efetiva posição de John Webster em relação a eles, é possível pensar que Ward e Wilkins provavelmente tencionavam diferenciar suas propostas da de Webster, já que em alguns pontos como o avanço da indução, do experimento e a freqüente recorrência à aplicação de idéias de Francis Bacon, pareciam concordar.

Devemos nos lembrar que, como as próprias palavras de Seth Ward deixavam transparecer, ele e Wilkins faziam parte de um grupo incipiente e minoritário em Oxford, que pretendia ter sua proposta abraçada por convencimento.

A universidade não era uniforme, e o caminho da experimentação, seguido pelo grupo, não era o de maior relevo. Jovens nobres e da *gentry* entravam para as universidades em busca de profissões de prestígio na corte (*Vindicae Academiæ*, p. 45).

Assim, se eram uma minoria não tão privilegiada, precisavam se defender, esclarecer muito bem a que vinham e não permitir que fossem confundidos com pessoas marginalizadas pela sociedade da época. Poderia fazer diferença no comportamento de Ward e Wilkins a necessidade de angariar adeptos às suas propostas.

Não pareciam ver riscos em admitir que Webster estava acompanhado de outros “adversários das universidades” como “Mr *Hobbs*, Mr *Dell*, Mr *Webster*” (*Vindicae Academiarum*, p. 6). Diziam que Webster não estava sozinho, mas acompanhado de ignorantes, malucos, fanáticos ou pessoas até de certo renome, como Thomas Hobbes, mas de caráter duvidoso e que nutriam rancor pelas universidades.

As acusações de Dell seriam fracas e pouco dignas de se responder. Segundo Ward, por simples inveja e desconhecimento, Oxford e Cambridge eram acusadas de monopolizarem o conhecimento e serem locais de profanação e libertinagem (*Vindicae Academiarum*, pp. 62-5). Para Wilkins, enquanto Dell era simplesmente um fanático invejoso da formação acadêmica dos outros, Hobbes era, de fato, um homem habilidoso, mas que se revoltava contra todos os que se negavam a seguir suas ordens: trocar Aristóteles por ele próprio. Em vista disso, teria acusado as universidades de serem papistas, estarem relacionadas ao catolicismo, e de se dedicarem apenas a leituras e disputas. Ward admitia que as acusações de Hobbes poderiam ter até sentido em outra época, mas não seriam aplicáveis ao estado das universidades na época (*Vindicae academiarum*, pp. 51-61).

8.2 Francis Bacon e/ou Robert Fludd?

Numa visão panorâmica, pode-se dizer que, em determinados pontos, os interesses de Seth Ward, John Wilkins e John Webster pareciam convergir. Queriam promover o desenvolvimento da ciência com base em idéias de Francis Bacon. Mas, se por um lado concordavam em alguns aspectos, discordavam em outros.

Seth Ward concordava com Webster no que dizia respeito à importância da “longa experiência e observação sensata” (WEBSTER, *Academiarum examen*, p. 34). Nesse, e também em outros aspectos extraídos de Bacon, como reconhecer na pretensa auto-suficiência um empecilho ao avanço do conhecimento, o discurso de Webster assemelhar-se-ia ao de Ward, bem como ao de Thomas Sprat na história oficial da *Royal Society* anos depois (ver o **capítulo 9** desta tese). O que deveria ser construído o seria a partir do trabalho de muitos. Pouco alguém poderia fazer sozinho. A união de

esforços seria o único caminho viável (WEBSTER, *Academiarum examen*, p. 39; *Vindicae Academiarum*, p. 49; SPRAT, *The history of the Royal Society*, p. 333).

John Webster reconheceu, nas universidades inglesas, o que, segundo ele, eram graves problemas ao avanço do conhecimento. O diagnóstico de Seth Ward sobre o estado das universidades inglesas na época não parecia ser tão negativo. Ward julgava que as universidades não eram tão homogêneas a ponto de se poder falar delas de modo generalizado. Lamentava que nas universidades nem todos concordassem com as recomendações de Bacon a respeito da indução, do experimento e da observação, e se empenhassem nesse caminho. Procurava alertá-los sobre o assunto, mas não considerava correto forçar as pessoas a adotarem essa posição (*Vindicae Academiarum*, pp. 49-50).

De certo modo, Webster e os futuros membros da *Royal Society* concordavam em alguns pontos. Mas, além de recomendar que as regras de Bacon fossem observadas para que a ciência física chegasse à perfeição, Webster elogiou intensamente o trabalho de Robert Fludd, ainda que ciente de oposições a esse autor.⁵

Webster parecia não ver inconveniente em citar Bacon e Fludd logo em seguida. Não parecia ver oposição entre os autores. Aliás, muito pelo contrário, deu a entender que o trabalho de Fludd era exemplo daquilo que Bacon recomendava (WEBSTER, *Academiarum examen*, p. 105).

Isso, ao que tudo indica, era ultrajante para Wilkins e Ward. A referência conjunta a Fludd e Bacon seria uma evidência incontestável de que Webster citava as idéias de Bacon, mas, tal como outros autores que aplicavam mal essas idéias, definitivamente não as compreendia (*Vindicae Academiarum*, p. 49).

Quão pouco se pode confiar em vilões! Ele que até agora era a favor da indução estrita e acurada cai no caminho místico da Cabala e números formais. Não há duas vias no mundo mais opostas do que aquelas de L.

⁵ Os debates envolvendo Robert Fludd, Marin Mersenne, Pierre Gassendi e Johannes Kepler também teriam sido marcantes. Representante da tradição paracelsista, Fludd apelou para a necessidade de um novo conhecimento e criticou as universidades. Destacou a importância da tradição hermética e a harmonia essencial entre o homem e o mundo. Criticou a superficialidade nos estudos que, segundo ele, se restringiam a meras descrições. Queria que se chegasse a algo mais oculto através dos estudos (ver DEBUS, “Chemists, Physicians, and Changing Perspectives on the Scientific Revolution”, pp. 74-5).

Verulam e D. Fludd, a primeira baseada em experimentos, e a outra em razões místicas ideais [...] (*Vindicae Academiarum*, p. 46).

Segundo John Webster, a ciência mais útil para revelar as operações da natureza era a “ciência da pirotecnia ou química”, composta por uma parte aberta aos vulgares e outra reservada apenas para adeptos ou iniciados. Como vemos, pela própria expressão usada para designar a química, a importância do fogo para revelar esses segredos era considerada fundamental por Webster, que mencionou autores como Paracelso e Helmont como seus restauradores. Assim como outras áreas de conhecimento, essa também teria sofrido a ação de impostores, não seria suficientemente valorizada e teria sido “banida dos núcleos Monásticos” (WEBSTER, *Academiarum examen*, pp. 70-1).⁶

Em resposta ao apelo do *Academiarum examen*, Ward sugeriu que as pessoas sensatas viam aquela área de conhecimento como algo diferente daquilo que Webster e outros lunáticos entendiam ser: “A química é bem conhecida. A Pirotecnia é o Método dos trabalhos com fogo, o Mistério de Fazer busca-pés e Bombinhas” (*Vindicae Academiarum*, p. 47).

Não haveria tal relação de sinonímia entre química e pirotecnia. A química em si não seria negligenciada. Era estudada com muito empenho, mas não se esperava através dela descobrir o elixir e a quinta essência. Esse era o tipo de pretensão fantástica da “misteriosa” pirotecnia (*Vindicae Academiarum*, pp. 35 e 47).

8.3 atitudes diferentes sobre o galenismo nas universidades

John Webster julgava a medicina como “não menos imperfeita e defeituosa do que todo o resto [da filosofia natural]” (WEBSTER, *Academiarum examen*, p. 72). Criticou duramente a medicina de Galeno por ela se fundamentar na filosofia aristotélica. Para Webster, por experimentos e argumentos irrefutáveis mostrava-se que

⁶ É curioso que van Helmont tinha algumas concepções bem diferentes de Fludd, também citado por Webster. Helmont negava a analogia macro/microcosmo, mas também se mostrava desiludido com as universidades. Rejeitou os quatro elementos de Aristóteles e destacou a importância do fogo nas

não havia quatro elementos e nem quatro humores. Assim, aceitar a existência de quatro humores, que, desequilibrados, causariam as doenças, seria uma base defeituosa que só poderia resultar numa medicina defeituosa (WEBSTER, *Academiarum examen*, pp. 72-5).

Outro aspecto que parecia ser fundamental nessa avaliação negativa da medicina galenista dizia respeito a Galeno ser apontado como pagão, tal qual Aristóteles (WEBSTER, *Academiarum examen*, p. 73).⁷

A medicina galênica não devia ser uma prisão, a única a ser posta em prática. Segundo Webster, essa medicina nitidamente não seria boa, visto que a cura de doenças não teria progredido muito desde Galeno. Mesmo quando novas plantas eram descobertas, não havia interesse em estudar, pela experiência e observação, suas virtudes e propriedades intrínsecas. Também certamente para desgosto de Seth Ward, a esse respeito John Webster recomendava que fossem postas em prática as idéias de Paracelso e van Helmont (WEBSTER, *Academiarum examen*, p. 106).

Certa anatomia dita “vulgar” teria melhorado com a dissecação de corpos humanos e animais vivos. Isso, no entanto, parecia superficial para Webster, cujo interesse era a “anatomia mística”, segundo ele, lamentavelmente não estudada:

[...] é defeituosa no que diz respeito àquela Anatomia Mística e viva que descobre o verdadeiro Esquema ou significado daquele Arqueu invisível ou espírito mecânico, que é o verdadeiro *opisex* e dispositor de toda a saúde e delineamentos morbíficos, tanto na gota seminal, no tenro Embrião e na Criatura formada, sobre o qual Paracelso, Helmont e nosso culto Compatriota Dr. Fludd escrevam muito excelentemente (WEBSTER, *Academiarum examen*, p. 74).

pesquisas (ver DEBUS, *Science and education in the Seventeenth Century*; DEBUS, “Chemists, Physicians, and Changing Perspectives on the Scientific Revolution”).

⁷ É curioso notar que Webster não parecia ver problema em citar elogiosamente o trabalho de vários outros “pagãos”. Mas, enfim, os paracelsistas, em sua maior parte protestantes, criticavam o sistema educacional que, segundo eles, só trataria de Galeno e Aristóteles. Nessas críticas os nomes de Galeno e Aristóteles estavam, então, interligados. Nesse aspecto, Robert Fludd teria um papel marcante. Criticava Galeno e Aristóteles como pagãos e opostos ao cristianismo. Havia uma natureza religiosa no processo de busca do conhecimento. A química tinha significado divino e seria a chave para a compreensão da natureza. A própria criação seria um processo químico, e Deus o “divino alquimista” (ver DEBUS, “Chemists, Physicians, and Changing Perspectives on the Scientific Revolution”, pp. 70-1).

Novamente, como vemos, os nomes elogiados pelo autor não eram certamente os mais apreciados por Seth Ward, que, por sua vez, acreditava sim que a medicina era baseada em experiência e observação. Ward qualificou a afirmação de Webster sobre a “anatomia mística” como uma “fanfarronice dos rosacruzistas” (*Vindicae Academiarum*, p. 35).

A respeito das críticas de John Webster ao estado da medicina na época um aspecto é particularmente curioso. Nomes bastante elogiados pelo autor apareciam nas críticas de Francis Bacon. Quanto à analogia macro-microcosmo, Bacon não parecia poupar críticas a Paracelso, citado entre “os que cultivam a *falsa magia natural*” (BACON, *Of the dignity and advancement of learning*, L. IV, Ch. III), e aos alquimistas quando se referia às dificuldades da medicina em entender a complexidade do corpo humano. Também não eram esquecidos os iatroquímicos quanto o assunto era a espera em vão por uma melhor produção de medicamentos.

Mas nós não iremos por isso extrapolar como Paracelso e os Alquimistas a ponto de crer que encontramos no corpo humano coisas que respondem às diversas espécies dispersas na imensidade das coisas; por exemplo, às estrelas, aos minerais como eles imaginaram, traduzindo grosseiramente aquela expressão emblemática dos antigos: que o homem é um microcosmo, ou um resumo do mundo inteiro, e ajustando-a à sua opinião quimérica (BACON, *Of the dignity and advancement of learning*, L. IV, Ch. II).

[...] quanto à preparação dos medicamentos, nós temos motivos para estarmos espantados (sobretudo num tempo em que os químicos vendem tanto e notadamente colocaram em voga os remédios tirados de minerais; ainda mais se se considera que os remédios dessa espécie são menos perigosos se aplicados exteriormente do que anteriormente) [...] (BACON, *Of the dignity and advancement of learning*, L. IV, Ch. II).

8.4 atitudes diferentes sobre o aristotelismo nas universidades

John Wilkins pareceu distorcer as palavras de Webster em relação à lógica (*Vindicae Academiarum*, p. 3). Opôs-se explicitamente a uma suposta tentativa de reformá-la, embora John Webster não tenha proposto uma reforma da lógica, e sim ironizado o seu uso nas universidades. Os mestres sobrecarregariam seus alunos com

disputas inúteis, recomendando que fossem ambíguos e procurassem distorcer as coisas para vencer os adversários, sem qualquer preocupação com a verdade.

Para Webster, a lógica seria inadequada para investigar a verdade, pois só proporcionaria conclusões prováveis e conjecturais. A filosofia aristotélica, ensinada nas academias, seria totalmente desprovida de “demonstrações verdadeiras e infalíveis, observação e experimento” (WEBSTER, *Academiarum examen*, p. 68).

Para chegar às “operações ocultas” era necessário muito mais do que silogismos, descritos como inúteis para descobrir os princípios, as coisas novas. Citando recomendações de Francis Bacon, Webster procurou mostrar que melhor nessa etapa seria a indução, aliada à “longa experiência e observação sensata” (WEBSTER, *Academiarum examen*, p. 34; cf. pp. 32-5; 109).

Quanto às observações sobre a lógica nas universidades, a resposta de Seth Ward foi acusá-lo de falar bobagens por desconhecer o que era ensinado a esse respeito. A indução seria tão ensinada quanto os silogismos, e a lógica, subserviente às investigações (*Vindicae Academiarum*, p. 24).

Um ponto particularmente significativo para nossa pesquisa é o comportamento dos futuros membros da *Royal Society* frente às idéias de Francis Bacon.

Nota-se que Seth Ward demonstrava concordar com a recomendação de Francis Bacon sobre a indução. *Em contrapartida, deixou claro que os escritos de Bacon deveriam ser analisados criticamente, o que nos mostra que nem tudo o que ele havia dito era prontamente aceito, e leva-nos a cogitar se as recomendações de reformar a astrologia não se enquadravam nesse caso.*⁸

Explicitamente, Ward mostrou discordar das idéias baconianas no que dizia respeito à função da matemática nas investigações⁹, e acusou Webster de citá-las sem qualquer espírito crítico.

⁸ Essa questão será discutida no **capítulo 9** dessa tese.

⁹ “Foi uma infelicidade para o mundo que o meu Lorde Bacon não fosse habilitado em Matemática, o que o tornou ciumento em relação à Assistência dela nas investigações naturais” (*Vindicae Academiarum*, p. 25).

Nota-se que o texto de John Webster teria como um dos objetivos fundamentais censurar um suposto ensino exclusivo da filosofia aristotélica nas academias. Recorreu a vários argumentos para fundamentar por quê ela não deveria ser priorizada (WEBSTER, *Academiarum examen*, pp. 52-67).

Teria havido quem a questionasse. E se usássemos como critério o argumento de autoridade, deveriam ser observados os elogios a outras filosofias. Outras filosofias, para Webster mais completas, mereceriam atenção (WEBSTER, *Academiarum examen*, p. 106).

Haveria incerteza quanto à autoria de livros e doutrinas atribuídas a Aristóteles. Existiriam pontos fracos na sua filosofia, seu estilo deliberadamente obscuro e incerto permitiria ainda inúmeras interpretações, até mesmo contrárias umas às outras.

Para Webster, grande parte do conhecimento escolástico e da filosofia aristotélica merecia “erradicação, alguma coisa reforma e toda ela aperfeiçoamento” (WEBSTER, *Academiarum examen*, p. 90). Talvez por considerá-los mais acordes com os critérios de observação e experimentação sugeridos por Bacon, vemos que Webster elogiava o trabalho de Aristóteles na descrição de animais. As partes mais problemáticas, possivelmente por supô-las meramente especulativas, seriam a filosofia natural e a astronomia (WEBSTER, *Academiarum examen*, p. 104).¹⁰

Qual seria a resposta de Seth Ward e John Wilkins a esse ataque a uma suposta predileção injustificada de Aristóteles?

A mesma dos casos anteriores... Webster desconhecia as então condições das universidades. Havia sim liberdade de escolha. Podia-se discordar e declarar-se contra as idéias de Aristóteles: “longe de estarmos presos às opiniões dele [Aristóteles]”, havia sim defensores das “Filosofias Atômica e Magnética, da Astronomia de Copérnico &c” (*Vindicae Academiarum*, p. 1). Não seria verdade que todos os *colleges* estavam

¹⁰ Embora sob o ponto de vista atual pudesse ser considerada até pouco pertinente ao assunto, havia ainda um tipo de argumentação bastante utilizada na época, e que Webster parecia apresentar como definitiva. Nenhum dos argumentos apresentados anteriormente parecia ser tão crucial para que a filosofia aristotélica não *pudesse* ser aceita nas universidades quanto suspeitas a respeito do caráter de Aristóteles. E, acima de tudo, a acusação de que ele seria um pagão inspirado pelo diabo parecia por um ponto final nessa questão (WEBSTER, *Academiarum examen*, pp. 35; 52-3).

atrelados a um mesmo método de ensino. Não havia tal exclusividade no ensino da filosofia aristotélica (*Vindicae Academiarum*, pp. 2 e 38).

É curioso notar que a respeito desses ataques do “antigo” John Webster vemos claramente o “moderno” Seth Ward defendendo Aristóteles, cujos livros seriam “os melhores de todos os escritos filosóficos”. Na opinião de Ward, embora a filosofia aristotélica não fosse perfeita ou infalível, sem dúvida, era, pedagogicamente, a mais apropriada. Era breve, metodologicamente adequada e abordava temas de caráter universal. E sobre o sistema aristotélico, embora concordasse com Webster que o tempo e as observações mostrassem não ser verdadeiro, ainda assim deveria ser honrado como o mais útil já visto pelo mundo (*Vindicae Academiarum*, pp. 39; 45-6).

8.5 “resgatar a” ou “elaborar uma” linguagem universal

Segundo John Webster, deveriam ser *descobertos os* caracteres universais que, analogamente aos símbolos planetários, seriam entendidos por todas as nações, ainda que cada uma os pronunciasse a seu modo. Certos tipos de estudos seriam recomendáveis:

Quanto provável, agradável e útil é o conhecimento *Hieroglífico, Emblemático, Simbólico e Criptográfico* [...] e ainda absolutamente nada tocou qualquer um deles? [...] neles e por eles [emblemas e hieróglifos] que grandes mistérios têm sido preservados e mantidos fora do mundo? E quem pode ignorar o admirável, fácil e compendioso uso de todos os tipos de *Simbolismos* que tem apenas algum vislumbre na *Aritmética Algébrica* [...]? Ora, os efeitos maravilhosos e estupendos que a Poligrafia ou Esteganografia produziram devem ser omitidos ou negligenciados? [...] e quanto tremendamente benéfico seria para toda a humanidade se a descoberta do Caráter universal [...] tivesse sido sábia e laboriosamente perseguida e levada à perfeição (WEBSTER, *Academiarum examen*, p. 24)?

É curioso notar que Webster pareceu discutir a questão como se tal linguagem universal já existisse como uma obra divina ainda não descoberta, ou, mais apropriadamente, ainda não *recuperada* pela humanidade.

Haveria uma linguagem natural, reveladora dos “mistérios centrais que permanecem escondidos na magia celeste”. Comparável a uma melodia, essa seria

falada e entendida por todas as criaturas à exceção do homem, que perdera tal habilidade com a expulsão de Adão do paraíso. Essa linguagem não seria, portanto, apenas uma criação humana a fim de facilitar as comunicações entre os povos, mas sim uma obra divina, já existente, e que transcendia esse objetivo ao revelar as verdades ocultas do universo (WEBSTER, *Academiarum examen*, pp. 24-7; 32).

Segundo John Webster, a humanidade não conseguia entender símbolos deliberadamente deixados por Deus para expressar as virtudes ocultas aos homens. Essas tais mensagens seriam indeléveis e nitidamente legíveis, pois a intenção de Deus era que os homens, de fato, pudessem entendê-las, a fim de glorificá-lo (WEBSTER, *Academiarum examen*, pp. 28-9).¹¹

Webster demonstrou-se expressamente ciente de que seria criticado por quem considerava impossível ou ridículo existir essa linguagem universal, e acusou as universidades de negligenciarem o assunto. Elogiou os rosacruzistas no que dizia respeito a essa busca da linguagem da natureza, e, como se isso evidenciasse a existência de uma linguagem natural e inata, referiu-se ao trabalho de Kenelm Digby, futuro membro da *Royal Society*, admirador e praticante da astrologia, que teria ensinado surdo-mudos a falarem (WEBSTER, *Academiarum examen*, pp. 25-6).¹²

É interessante notar que Webster não citou Wilkins e Ward como autores que se interessaram pela busca de uma linguagem universal, embora eles o tenham feito.¹³ E, ao que tudo indica, não havia mesmo motivo para citá-los.

¹¹ Os comentários de Webster nos fazem lembrar das observações de Thomas Sprat, autor da história oficial da *Royal Society*, a respeito da astrologia. Para Sprat, os céus conteriam sim informações a respeito dos planos divinos, mas a humanidade não era capaz de entendê-las. A posição da *Royal Society*, então, era de que Deus não tinha, nesse caso, nenhuma intenção de transmitir mensagens aos homens pois se assim o fosse, o faria através de símbolos facilmente legíveis, o que não era o caso. Já para Webster, as “escrituras celestes” eram exemplos daquelas coisas de Deus que podiam ser descobertas e faziam parte da filosofia natural. O posicionamento da *Royal Society* em relação à astrologia será discutido no **capítulo 9** dessa tese.

¹² Kenelm Digby (1603-1665) é definido pelo *Dictionary of national biography* como um “cientista amador, mais do que como um homem da ciência”, de quem Ward e Wilkins falavam respeitosamente, embora as “descrições extraordinárias de seus experimentos” tenham sido alvos de ridicularização. Dedicou-se a experimentos alquímicos e à astrologia (ver DIGBY, KENELM no *Dictionary of national biography*, vol., pp. 60-7 e AUBREY, *Brief lives*, SIR KENELM DIGBY, KNIGHT, pp. 111-5).

¹³ Em 1641, John Wilkins havia publicado um livro sobre criptografia e modos rápidos de correspondência: *Mercury, or the Secret and Swift Messenger, showing how a Man may with Privacy and*

Em resposta, Ward procurou mostrar que o assunto havia, sim, sido pesquisado nas universidades. Comentou que, embora tenha concluído que não havia benefício numa linguagem simbólica universal, em princípio até havia se empenhado em encontrar símbolos para “todas as coisas e noção” (*Vindicae Academiarum*, p. 21).

Pode-se dizer que, ao menos pelos comentários de Ward, essa empreitada tinha um objetivo de natureza técnica. Visava facilitar a comunicação, e não descobrir “verdades ocultas”. Nem ao menos considerava que haveria essa tal “linguagem natural ou paradisíaca”. Nota-se, assim, que Ward procurou diferenciar a *elaboração* de uma linguagem, cuja complexidade e estrondoso número de símbolos necessários o fizeram desistir, daquilo sobre o qual Webster falava (*Vindicae Academiarum*, p. 22).

Novamente vemos Ward insinuar que Webster falava tolices por ignorar o assunto. Sabia tão pouco que era incapaz de compreender que a função das escritas criptográficas e dos hieróglifos não era revelar, e facilitar a comunicação, mas sim ocultar (*Vindicae Academiarum*, pp. 18-23 e 44).

Além disso, desconheceria que os autores de linguagens simbólicas não teriam qualquer expectativa de servirem ao avanço da gramática. Os símbolos matemáticos, por exemplo, segundo Ward, seriam contrários à linguagem e à gramática. Teriam sido inventados para que se pudesse discursar com rapidez e sem o obstáculo das palavras, que podiam causar confusão ou perda de sentido (*Vindicae Academiarum*, p. 18).

Mais ironia, ainda, vê-se quando Ward constrói exclusivamente para Webster uma “demonstração” (dita incompreensível para os outros leitores) de que essa linguagem do paraíso não existia:

The Paradisicall Protoplat, being Characteristicaly bound to the Ideal Matrix of Magicall contrition, by the Symphoniacall in speaking of Aleph tenebrosum, and limited by Shem hamphorash to the centrall Idees, in blowne by the ten numerations of Belimah, which are ten and not nine, ten and not eleven; and consequently being altogether absorpt in de cyphering the signatures of Ensoph, beyond the sagacity of either a Peritrochiall, or an Isoperimetral expansion. The

Speed communicate his Thoughts to a Friend at any Distance. E, em 1668 publicaria *A Essay towards a real Character and a Philosophical Language*, que trazia uma linguagem de símbolos e ideogramas elaborada para transmitir informações científicas com precisão e tentar superar os problemas de tradução para comerciantes, religiosos e cientistas (AUBREY, *Brief lives*, pp. 340; 476).

lynges of the faetiferous elocution, being disposed only to introversion, was destitute at that time of all Peristaticall effluxion, which silenced the Oracoustical tone of the outflying word, and suppressed it in singultient irructations. But Where the formes are thus enveloped in a reluctancy to Pamphonicall Symbols, and the Phantasmaticall effluviiums checked by the tergiversation of the Epiglottis, from its due subserviency to that concord and harmony which ought to have been betwixt lapsed man and his fellow strings, each diatesseron being failed of its diapente necessary to make up a Diapason no perfect tone could follow. And consequently this Language of nature must needs be impossible (Vindicae Academiarum, pp. 22-3).

Wilkins foi mais breve e menos zombador em suas respostas, que, não obstante, tinham o mesmo conteúdo expresso por Ward. Negou que as universidades negligenciassem a busca de uma linguagem universal, mas deixou explícito que isso não era nada daquilo que Webster supunha ser (*Vindicae Academiarum*, p. 5).

Outras áreas de conhecimento relacionadas a símbolos e significados, e, segundo Webster, também negligenciadas eram a interpretação de sonhos, recomendada por Bacon, e a “louvável e útil ciência da Fisionomia” (WEBSTER, *Academiarum examen*, p. 76).

Os comentários de John Webster a respeito dessas questões, da linguagem da natureza e da astrologia judicial não deixariam de ser apontados por Wilkins como característicos da credulidade e do fanatismo dos rosacruzistas. Seriam tão delirantes que pareciam ser vistos como dissipadores de qualquer dúvida sobre a personalidade do autor:

Mas, acima de tudo, o homem de fato me dá o mais livre prospecto da sua profundeza e cérebro naquele Discurso cantado sobre a linguagem da natureza, onde ele de fato assenta à altamente iluminada fraternidade dos Rosacruzistas. No seu grande elogio a Jacob Behem, naquela reverência que ele professa à Astrologia judicial, a qual pode suficientemente convencer-me de que tipo de Reformador crédulo fanático ele é capaz de se mostrar (*Vindicae Academiarum*, p. 5).

8.6 duas diferentes magias naturais legítimas

John Webster contrapunha ao trabalho dos magos naturais a filosofia ensinada nas universidades, desprovida de tudo o que permitia descobrir as “operações centrais e

ocultas” da natureza. Os magos não ficariam apenas no exterior, na superfície das coisas, mas sim chegariam à parte central, aos segredos ocultos (WEBSTER, *Academiarum examen*, pp. 68; 106).

Para Webster, seria lamentável que a magia natural (dos persas e reis magos) não estivesse avançando. Isso acontecia porque, segundo ele, essa magia era perseguida e abominada, mesmo sendo diferente de uma outra forma de magia, essa sim prejudicial.

É interessante notar que, tal como nos escritos de William Lilly, também vemos nos de Webster a preocupação em distinguir uma magia natural louvável dessa “outra magia” (ver o **capítulo 2** desta tese). Essa, que supostamente prejudicava e destruía a humanidade, seria praticada por pessoas de má fé e intelectos diabolicamente inclinados, e desonraria a verdadeira “magia natural”. Aqui, portanto, como também no caso da astrologia, impostores seriam responsáveis pelo repúdio a uma área de conhecimento dita legítima.

Citando Pico de la Mirandola para mostrar como a magia verdadeira operava, Webster afirmou:

Operar por Mágica não é nada além do que casar o mundo, ou seja, adequada e devidamente juntar e conectar agentes aos seus pacientes, masculinos a femininos, superiores a inferiores, Celestiais a Terrestres, e então a natureza pode exercer seu poder latente e oculto (WEBSTER, *Academiarum examen*, p. 70).

Nota-se que, para Seth Ward, também havia uma magia natural legítima e uma ilegítima: “as descobertas das Sinfonias da natureza e das regras de aplicação de causas materiais e agentes para produzir efeitos são a verdadeira Magia natural” (*Vindicae Academiarum*, p. 34).

Ao que tudo indica, no entanto, a magia natural legítima de Webster não era tão legítima na opinião de Ward. Ele não tinha uma opinião favorável à magia natural de autores como Agrippa, Porta e Wecker, nos quais Webster se apoiou para defender o assunto. Embora insistisse em dizer que as universidades não ameaçavam quem a praticava, Ward considerava que, sem observação ou experimentos, seus adeptos

“iludiam homens crédulos com pretensas virtudes específicas e assinaturas celestes ocultas” (*Vindicae Academiarum*, p. 34)

8.7 Não ensinar *versus* ensinar também o sistema ptolomaico

No *Academiarum Examen*, John Webster criticou o ensino da astronomia, entre outros motivos, por considerá-lo restrito ao sistema ptolomaico.¹⁴ Sem demonstrações e observações, este seria apresentado como perfeito, capaz de dar conta de “todos os fenômenos, e proporcionar as causas verdadeiras, fundamentos e razões dos movimentos, e efeitos de todos os Corpos Celestes” (WEBSTER, *Academiarum examen*, p. 42).

As críticas não se restringiam somente ao modo como era ensinado, mas também ao próprio sistema ptolomaico em si, que seria a parte mais “rota, arruinada, absurda e deformada” do conhecimento escolástico (WEBSTER, *Academiarum examen*, p. 42).

Webster via inconsistências internas ou incongruências entre proposições do sistema ptolomaico. *Apresentou uma extensa série de argumentos* com os quais procurou demonstrar “a impossibilidade de ser a verdadeira aquela composição Astronômica” que as academias supostamente defenderiam como “tão certa, clara e bela” (WEBSTER, *Academiarum examen*, pp. 42-50).

¹⁴ No seu trabalho de crítica à astrologia, John Chamber apresentou um discurso pronunciado por ele próprio na universidade de Oxford por volta de 1570 (ver CHAMBER, *A treatise against iudiciall astrologie*). A carta ao leitor que abre a transcrição desse pronunciamento indica que tentaram acabar com o ensino de astronomia em alguns lugares. Chamber, no entanto, procura mostrar que não é a astronomia que deveria ser abolida, mas sim a astrologia. Embora admitisse que o começo da astronomia esteve mesmo ligado à astrologia, Chamber insistia em mostrar que as duas coisas eram diferentes. O autor deixa transparecer que embora considerada bonita, a finalidade e benefícios da astronomia eram questionados. A astronomia e a matemáticas de modo geral eram condenadas como mero passatempos e adornos sem uso ou proveito, que deveriam ter atenção em tempos calmos, mas não nos atribulados. Chamber, então, procura mostrar que sem a astronomia outras ciências sucumbiriam. História e geografia, por exemplo, não seriam nada sem os registros de tempo e localização proporcionados pela astronomia. Além disso, a astronomia não servia só para a contemplação, mas tinha necessidade prática. Ajudava na salvação, ao nos levar ao conhecimento de Deus pela contemplação de suas obras maravilhosas. Para o cônego inglês, o verdadeiro uso das estrelas era a astronomia.

Reproduziu (e não discutiu) alguns argumentos então comuns. A Terra não podia ser o centro do universo, pois não o era da maior parte das órbitas planetárias. Além disso, havia corpos planetários se movendo circularmente, sem ter a Terra como centro. Esse era o caso de corpos ao redor de Júpiter, Saturno, bem como de Mercúrio e Vênus ao redor do Sol, e do Sol em relação ao seu próprio centro.

Não havia como provar que as estrelas eram fixas. Muito pelo contrário, dadas às magnitudes aparentemente diferentes, não deviam estar equidistantes da Terra, fixas numa mesma esfera. Era apenas um postulado dizer que a oitava esfera tinha a Terra como centro. O enorme distanciamento dessa esfera fazia a Terra parecer estar no centro, embora isso pudesse não ser verdade.

A justificativa do sistema ptolomaico para a queda dos corpos não era boa: “Eles tendem para a Terra, porque eles de fato tendem para a Terra, o que é *idem per idem*” (WEBSTER, *Academiarum examen*, p. 44). A Terra, simplesmente entendida como o centro do universo, não podia ser causa para nenhum movimento.

Já outros argumentos aludidos por John Webster pareciam indicar certa compreensão falha da hipótese de Ptolomeu. Segundo Webster, se essas órbitas fossem circunferências não haveria perigeus e apogeus como os do Sol e de Marte, e também não haveria diferenciação em excêntricas e concêntricas. Mas, ao contrário disso, a excentricidade das órbitas circulares de Ptolomeu e os epiciclos propostos por ele, permitiam sim a existência de perigeus e apogeus.

Em mais uma conclusão que derivava da incompreensão desse mesmo aspecto da hipótese de Ptolomeu, John Webster apontou, ainda, que se a Terra fosse o centro e a linha equinocial a dividisse e também os céus em duas partes iguais, o Sol não poderia ficar, no seu movimento anual, mais tempo em uma parte do que em outra, a não ser que sua velocidade variasse. E isso o próprio sistema negava.

Segundo Webster, as esferas não podiam ser sólidas como o aço e transparentes como o vidro, como dizia ser ensinado. Para explicar como veríamos novas estrelas, por exemplo, deveríamos considerar fluidas as esferas.

Se fossem sólidas, e as estrelas fossem suas partes mais densas haveria duas possibilidades. Se a parte côncava de uma órbita ficasse perfeitamente encaixada na

parte convexa da outra, então, não poderia haver movimento. Se o encaixe não fosse exatamente perfeito, e houvesse movimento, um barulho estrondoso seria causado pelo atrito entre elas.

Se essas partes não se tocassem, então, algo deveria haver entre essas esferas. Se houvesse vácuo entre as esferas, então não poderia haver movimento. E se houvesse algo entre as esferas, o que poderia ser? O movimento rápido e contínuo das órbitas não faria com que esse algo fosse incendiado?

Se de algum modo as esferas fossem sólidas, as múltiplas refrações impediriam o funcionamento dos instrumentos óticos. Também ficaria difícil explicar como Marte, na parte mais baixa do seu epiciclo, penetrava na órbita do Sol. Seria impossível explicar uma interferência entre as órbitas e os epiciclos se essas fossem sólidas e impenetráveis. E se fossem sólidas, mas transparentes como o vidro, então não poderíamos ver através delas só de vez em quando, mas sim sempre.

As dúvidas não se limitariam apenas à estrutura dessas esferas, mas também aos seus movimentos. Mais uma vez, segundo o *Academiarum examen*, o conteúdo ensinado era absurdo.

A última esfera, a décima, se moveria rapidamente de leste para oeste, realizando uma revolução a cada 24 horas. Arrastaria as outras, que teriam mais ou menos resistência ao movimento.

Para John Webster, era estranho que a última esfera comunicasse movimento a todas as anteriores, e que as outras não fizessem isso entre si. Além disso, se a velocidade e o diâmetro da órbita da Lua fossem proporcionais ao hipotético diâmetro dessa última esfera, seu movimento deveria se dar numa velocidade maior do que a do pensamento, ou seja, seria algo inconcebível à mente humana.

Mais ainda, e o que parecia ser mais grave para o crítico, se o movimento de todas as esferas fosse violento, haveria uma inconsistência no sistema. Esse movimento não poderia ser perpétuo, já que um movimento violento não podia ter esse comportamento.

A *extensa lista de argumentos* apresentados pelo *Academiarum examen* seguia adiante. Se a oitava esfera se movesse com a velocidade que se supunha e a Terra fosse

um simples ponto em relação a ela, não veríamos as estrelas fixas como as vemos. Veríamos, sim, algo como uma “luz incandescente ou um globo côncavo de fogo” (WEBSTER, *Academiarum examen*, p. 50).

Para Webster, podia haver mudanças nos corpos celestes não percebidas por nós. Mudanças nas partes também podiam não se refletir numa mudança perceptível no todo. A Terra era tanto mutável, do nosso ponto de vista, quando imutável para quem estivesse fora dela. Era tão imutável quanto os outros planetas nos parecerem.

Assim, só porque os corpos celestes pareciam num mesmo estado, e nunca se percebera neles mudanças sensíveis, não era possível dizer que as órbitas eram formadas por uma quinta essência imutável, incorruptível.

O *Academiarum* lembrou, ainda, que, como mostravam Tycho, Galileu, Copérnico e Kepler, o universo não podia ser dito imutável. Os telescópios apontavam a existência de uma atmosfera na Lua. Estudos então recentes mostravam os cometas acima e não abaixo da órbita da Lua, como por muito tempo se pensara. Tudo isso significava que no mundo supra-lunar havia sim mutações, ao contrário do que supunha Ptolomeu.

Para John Webster, os defensores da concepção ptolomaica respondiam de modo insuficiente às objeções. Simplesmente alegavam, por exemplo, que os corpos celestes eram diferentes dos sublunares, e não sofreriam os mesmos processos.

Diante de todas essas supostas incongruências e indagações sem resposta, a proposta de Webster era uma só:

[...] que todo o conhecimento irrefutável e sensato de Copérnico, Kepler, Tycho Brahe, Galileu, Ballialdus, e outros tais pudessem ser introduzidos e a rota e arruinada Construção de Aristóteles e Ptolomeu rejeitada e deixada de lado (WEBSTER, *Academiarum examen*, p. 103).

Com base naquela extensa argumentação, portanto, vemos que Webster pedia a completa substituição do sistema ptolomaico por outras concepções astronômicas consideradas por ele mais adequadas.

O que teria dito a respeito de tudo isso o *Vindicae academiarum*, isto é, a resposta de Ward e Wilkins a Webster?

Muito pouco de efetivo e um razoável repertório de zombarias (*Vindicae Academiarum*, pp. 29-30) ...

Nota-se que *as objeções não foram comentadas*, e os autores do *Vindicae* consideravam que havia motivos para que assim o fosse.

Seth Ward destacou que os próprios copernicanos discordavam daqueles argumentos contra o sistema ptolomaico. Ptolomeu não teria dito o que Webster atribuiu a ele. Teria sim proposto epiciclos e excêntricos para dar conta dos fenômenos, mas nunca teria trabalhado com órbitas sólidas e nem tratado da parte física do assunto.¹⁵

Deste modo, alegando que a “puerilidade” (*Vindicae Academiarum*, p. 30) do autor os levava a essa atitude, Ward e Wilkins *não discutiram aqueles argumentos apresentados tão extensamente*. Limitaram-se a ridicularizá-lo: “[...] ele discute com argumentos capazes de transformar um Copernicano num Ptolomaico” (*Vindicae Academiarum*, p. 29). Assim, essas críticas (não rebatidas) seriam fracas, a ponto de fazer do oponente do sistema ptolomaico um defensor, se entendesse que aquilo era tudo o que podia ser dito contra tal sistema.

Para Seth Ward ainda não havia uma decisão final sobre qual sistema era o correto. Assim, tanto o copernicano quanto o ptolomaico deviam continuar a ser ensinados. A decisão de optar por um deles caberia a cada um, pois não havia evidências suficientes que permitissem decidir entre um e outro:

O Método aqui observado em nossas Escolas é primeiro exhibir os Fenômenos e mostrar como podem ser observados, então descrever as várias Hipóteses como aqueles Fenômenos foram ou poderiam ser explicados (onde a Equipotência ou defeitos das várias Hipóteses são mostrados). E por último mostrar como a Hipótese Geométrica é transformada em tabelas que servem para calcular as Efemérides, que são de uso cotidiano [...] (*Vindicae Academiarum*, p. 30).¹⁶

O sistema copernicano podia ser ensinado não como *o correto*, mas sim como o mais conveniente, inteligível ou simplesmente como mais uma opinião. E o sistema

¹⁵ Ptolomeu teria sim comentado sobre o assunto na obra *Hipóteses dos planetas*.

¹⁶ Essa era a mesma posição manifestada por Francis Bacon quase meio século antes no *Advancement of learning*: ambos os sistemas eram hipóteses sobre as quais não havia evidências suficientes para optar.

ptolomaico de modo algum era considerado desprezível. Muito pelo contrário, era reconhecidamente de grande mérito.

Em contraposição, a astrologia foi ridicularizada e vista sim como algo a ser abandonado: “[...] afastados das formas de conhecimentos sólidas e reais, eles definham nas imposturas da Magia e da Astrologia, das assinaturas [marcas] e fisionomia” (Vindicae Academiarum, p. 36).

8.8 estudar a astrologia ou abandoná-la

Em meio a comentários sobre áreas ditas negligenciadas, nota-se que John Webster defende, ainda que brevemente¹⁷, a “Ciência ou arte da Astrologia” (WEBSTER, *Academiarum examen*, p. 51):

As Academias que não apenas a têm matado e negligenciado, mas também a atacado, irão me amedrontar de expressar os meus pensamentos sobre tão nobre e benéfica Ciência? Os argumentos de Pico de la Mirândola e outros que investiram agudamente contra ela irão me impedir de sustentar a verdade? (WEBSTER, *Academiarum examen*, p. 51).

Caracterizando-a como “nobre, excelente, e útil a toda a humanidade [...] e de modo algum ofensiva a Deus ou à verdadeira Religião” (WEBSTER, *Academiarum examen*, p. 51), tal qual o astrólogo William Lilly, Webster argumentou que algo não devia ser condenado simplesmente pela existência de maus praticantes. Aliás, o nome de Lilly, bem como os de outros profissionais, são explicitamente aludidos no texto:

[...] não posso [...] passar sem um devido Elogio[...] aos meus cultos e dedicados Compatriotas Sr. Ashmole, Sr. William Lilly, Sr. Booker, Mr. Sanders, Sr. Culpeper, e outros, que sem medir esforços pela ressurreição, e promoção dessa nobre Ciência, e com muita paciência contra muitos escândalos não merecidos, trabalharam para propagá-la para a posteridade [...] (WEBSTER, *Academiarum examen*, p. 51).

Já os comentários elogiosos de Seth Ward ao trabalho “erudito e útil” (*Vindicae Academiarum*, p. 29) de Ptolomeu no *Almagesto* não se estenderam à astrologia então

¹⁷ Segundo Webster, embora houvesse razão suficiente para falar mais sobre o assunto, sua defesa da astrologia seria breve, pois estaria além do âmbito daquele trabalho.

praticada na Inglaterra. Ward avaliou a astrologia de modo bastante negativo, alegando que as pessoas que a defendiam não conseguiam fundamentá-la:

[...] não somos dados à Astrologia [...] aquela impostura ridícula feita de insensatez e contradições, fundamentada apenas na desonestidade de Impostores, e na curiosidade frívola de pessoas idiotas [...]. Não falo para ele [Webster] [...] mas para aqueles que ele tão fortemente adora (porque por um deles, isto é, o Senhor Ashmole, eu tenho um profundo respeito). Faço essa promessa de que se eles conseguirem estabelecer seja sobre os parâmetros da razão, ou do experimento constante, qualquer regra da Astrologia Judicial, ou se conseguirem sustentar que seus próprios motivos não são frívola ou ridiculamente baseados e sustentados, eu irei me juntar ao senhor W (*Vindicae Academiæ*, pp. 30-1).

Como vimos na citação transcrita anteriormente, Elias Ashmole foi mencionado como um dos que aceitavam a astrologia. Sobre isso, Seth Ward mencionou que não se surpreendia com o fato de pessoas como Webster aceitarem a astrologia, mas era uma infelicidade o fato de ter pessoas tão cultas quanto Ashmole que acreditavam na astrologia.

Vê-se, então, que os futuros membros da *Royal Society* sabiam, mas “perdoavam” o que eram, para eles, “pequenos deslizes lamentáveis” dos seus companheiros, e os desafiavam a demonstrar a validade da astrologia (*Vindicae Academiæ*, pp. 30-1).

Ao que tudo indica, no entanto, o que quer que fosse feito a esse respeito deveria sê-lo extra-oficialmente, fora das reuniões da *Royal Society*. Ou, ainda, talvez a instituição atribuisse o ônus da prova somente aos que a aceitavam, e esses, por sua vez, não supunham ter algo relevante e convincente a ponto de se manifestarem nos encontros. Isso ao menos é o que nos apontam os registros das reuniões ao não sugerirem qualquer tentativa de estudar a validade da astrologia ou de trazer o assunto à tona.¹⁸

Para Thomas Hall, outro autor que procurou responder aos comentários de Webster, a astrologia era condenável por tentar prever o futuro individual ou mesmo de um país ou nação:

É um abuso das Matemáticas (que inclui a Aritmética, a Astrologia e a Geometria) quando os homens as utilizam para elaborar Figuras ou das Estrelas, para calcular as natividades dos homens ou para predizer as riquezas de Reinos e Países; um pecado que Deus sempre condena, e então equipara Astrólogos com Feiticeiros [...] (HALL, *Vindicae Literarum*, p. 53).

De certo modo, como veremos no **capítulo 9** dessa tese, o discurso de Hall nos remete ao de Thomas Sprat. Não era correto tentar descobrir aquilo que apenas a Deus caberia. Cada ciência deveria manter-se dentro dos seus próprios limites (HALL, *Vindicae Literarum*, p. 51).

Já os pontos abordados no discurso do *Vindicae academiæ* a respeito da astrologia eram de natureza técnica e reconhecidamente breves, mas segundo Ward, chegavam à “raiz daquela impostura” (*Vindicae Academiæ*, p. 32).

Como vimos no **capítulo 5** desta tese, as objeções apontadas por Ward também estavam presentes nos trabalhos de outros autores: a falta de fundamentação das virtudes dos planetas, a arbitrariedade de casas e aspectos astrológicos, etc. (*Vindicae Academiæ*, pp. 31-2).

8.9 Reformar versus não reformar o ensino

Os supostos “modernos” John Wilkins e Seth Ward queriam sim o avanço da indução e da experimentação, mas, ao menos no material analisado, não pareciam expor *abertamente* um grande interesse de reformar o ensino nas universidades. Vê-se que Wilkins chegou a comentar que o ensino era bom e os estudantes estavam bem preparados. E fica difícil dizer em que proporção estavam, de fato, interessados em alguma reforma nas escolas. Ward chegou a ser tão irônico sobre o assunto a ponto de dizer que o problema de Webster era que ele devia ter apanhado na escola (*Vindicae Academiæ*, pp. 2; 23).¹⁹

¹⁸ No **capítulo 9** desta tese discutiremos especificamente o posicionamento da *Royal Society* em relação à astrologia.

¹⁹ Pode-se dizer que ao escrever a história oficial da *Royal Society*, Thomas Sprat seria um pouco mais ousado do que Ward e Wilkins (ver o **capítulo 9** desta tese). Isso talvez se devesse até mesmo a um maior

Por outro lado, havia quem explicitamente o dissesse péssimo. John Webster recorreu a Descartes e van Helmont para reforçar sua avaliação de que o ensino acadêmico era ruim e insuficiente. Era necessário e difícil, mas não impraticável, segundo Webster, reformar as universidades para promover, numa clara alusão a Francis Bacon, o “avanço do conhecimento” (WEBSTER, *Academiæ examen*, To the Right Honourable Major General Lambert e To the Reader).

A preocupação central do texto de Webster, de fato, parecia ser o ensino acadêmico, e, destacadamente, a preparação dos futuros ministros. O ensino estaria repleto de problemas. Era necessário não só repreender e julgar, mas também propor mudanças (WEBSTER, *Academiæ examen*, p. 95).

Mas, para Seth Ward, a maior parte dessas propostas não era bem vinda. Afirmou, ao que tudo indica injustamente, que um total desconhecimento de Webster do idioma latino estava por trás da recomendação de que o ensino deveria ser realizado na língua materna a fim de que o aluno não se afastasse dela (*Vindicae Academiæ*, p. 48).

Essa proposta é curiosa visto que William Lilly também destacou a importância de escrever em inglês. E, embora frisasse que o interesse principal da *Royal Society* não era se dedicar às palavras, Thomas Sprat manifestou preocupação de dar atenção ao idioma e à sua propagação ao escrever a sua história oficial. Além disso, vale destacar que Francis Bacon, dirigindo-se aos seus compatriotas, redigiu o *Advancement of learning* inicialmente em inglês. Somente a fim de ser entendido pelos outros países, posteriormente, traduziu o livro para o latim.²⁰

Mas, nem a isso Webster estava disposto. Achava, tal como Sprat, que o inglês poderia ser a nova linguagem da ciência e deveria ser propagado para outras nações (WEBSTER, *Academiæ examen*, p. 99).

Passando a uma outra questão, nota-se que John Webster criticava não só o que era ensinado, mas também o modo como era ensinado e a organização do ensino

apoio que o grupo então adquirira, embora fosse notável a busca de sustentação e a reafirmação de objetivos.

²⁰ Ver SPRAT, *History of the Royal Society*, pp. 40-1; LILLY, *Christian astrology*, To the Reader e sobre Bacon ver PURVER, *The Royal Society: concept and creation*, p. 24.

acadêmico. Para Webster, ao contrário do que dizia Ward, que até mesmo se recusava a discutir o assunto, a liberdade era pouca. Todos estariam atrelados aos mesmos autores e a um mesmo método, como se tivessem chegado ao máximo de perfeição e nada melhor em termos de ensino pudesse ser encontrado. Semelhantemente ao que apontaria Thomas Sprat anos depois, Webster acreditava que por vários métodos o homem podia chegar ao conhecimento (WEBSTER, *Academiarum examen*, p. 108).

Também foram apontados problemas na forma como o ensino era estruturado. Os alunos recebiam o diploma após um percurso e período pré-estabelecidos como se supostamente todos tivessem a mesma capacidade. Os professores agiriam como verdadeiros atores, em encenações ridículas e sem seriedade, que nada ajudariam a descobrir os segredos da natureza. A lógica e a filosofia natural seriam ensinadas antes mesmo que os alunos dispusessem de conhecimentos mais rudimentares em matemática, condição que, para Webster, não os habilitavam para aprender outras coisas (WEBSTER, *Academiarum examen*, p. 110).

Nota-se que uma das preocupações fundamentais de Webster parecia ser mostrar que os estudos deviam ser práticos e não somente especulativos. O conhecimento deveria “ser devidamente ensinado pelas operações manuais, e experimentos oculares”, para que os estudantes não se tornassem “inúteis especuladores, mas cuidadosos operadores” (WEBSTER, *Academiarum examen*, p. 106). Os estudiosos deviam deixar de lado o orgulho e partir para a prática sem medo de sujar suas “roupas finas no trabalho no laboratório” (WEBSTER, *Academiarum examen*, p. 71).

As ciências matemáticas seriam estudadas “sem qualquer prática sólida ou demonstração verdadeira” (WEBSTER, *Academiarum examen*, p. 40). Filosofia e matemática não poderiam ser meramente especulativas, baseadas apenas em disputas verbais e noções abstratas, ao contrário do que, segundo Webster, era mostrado nas academias. A isso, curiosamente, Ward rebateria dizendo que a filosofia natural poderia ser sim especulativa, e nada de mau havia nisso, na medida em que sua finalidade era contemplar o poder divino (*Vindicae academiarum*, p. 15).

8.10 divergências sobre A preparação dos ministros?

Como já mencionamos, uma das preocupações fundamentais do trabalho de John Webster era a reforma do ensino, e mais especificamente a formação dos ministros. Dizia que as academias deviam se restringir apenas ao conhecimento humano, e não tentar ensinar coisas que só Deus seria capaz (WEBSTER, *Academiarum examen*, p. 3).

A preparação do ministro do Evangelho seria recebida diretamente do Espírito Santo. Certas verdades reveladas não poderiam ser examinadas pela razão humana. A Bíblia era selada tanto para o letrado quanto para o não letrado, pois só com a iluminação divina uma pessoa podia compreendê-la (WEBSTER, *Academiarum examen*, p. 12).

Naquele mesmo ano de 1654, o religioso Thomas Hall publicou um trabalho no qual reconheceu que o Espírito Santo era mesmo capaz de transmitir conhecimento às pessoas, mas isso teria ocorrido principalmente em outros tempos, como na época dos apóstolos (HALL, *Vindicae Literarum*, p. 58).

Para convencer um pagão era necessário conhecer bem seus autores. A lógica e a retórica eram necessárias para os sermões. Conhecimentos sobre arte, filosofia natural e história seriam imprescindíveis, pois coisas relativas a esses assuntos eram mencionadas nas Escrituras. Saber línguas e gramática também era importante.

John Wilkins acusaria Webster de debater o assunto de maneira “impertinente e fraca”. Dizer que as universidades pretendiam preparar para o ministério e ensinar os mistérios do Evangelho, era, segundo Wilkins, uma absurda acusação de Webster (*Vindicae Academiarum*, p. 2).

Mas, em que medida podemos dizer que os dois, de fato, discordavam?

Algum tipo de iluminação divina parecia ser admitido por ambos. Para Wilkins, tal como para Webster, o *Espírito de Deus iluminaria* o escolhido, e já dotado de certas habilidades naturais, como o julgamento sensato e a capacidade de discursar, para que ele *compreendesse os mistérios do Evangelho*. Nas universidades, por sua vez, o aluno desenvolvia, com o trabalho, *outras faculdades* para que exercesse a função de ministro.

Compreendia metodicamente os assuntos e adquiria habilidades que facilitariam ensinar, confirmar a verdade, esclarecer as dúvidas das outras pessoas e ajudá-las a resolver suas dificuldades (*Vindicae Academiarum*, p. 3).

Além disso, Webster *não negava* a importância do conhecimento das línguas para o ministro, mas achava que isso não era *suficiente* para entender as Escrituras. Também nisso, Webster, Wilkins e Ward não pareciam discordar.

Nota-se que Ward procurou deturpar as considerações de Webster. Ridicularizou uma suposta alegação (de modo algum expressa no texto de Webster) de que as línguas não eram *úteis* para a formação dos ministros. Citou os argumentos do seu oponente em grego, argumentou que os erros nas traduções só podiam ser percebidos por quem soubesse ler os originais, e finalizou com ironias.²¹

8.11 Política

Naquela época, diante da efervescência política na Inglaterra não é de se estranhar que manifestações desse cunho também permeassem a disputa daqueles personagens.

John Webster procurou, em meio à sua proposta de reforma de ensino, expressar seu posicionamento político. Dedicou seu livro a um general das forças do Parlamento, cujos objetivos seriam livrar o povo da tirania e “libertar a verdade pura e simples Evangelho” das formalidades e do “poder compulsório e restritivo” (WEBSTER, *Academiarum examen*, To the Right Honourable Major General Lambert).

Também numa época de tão grande agitação política e social, não é estranho que Webster cobrasse um ensino no qual as pessoas não fossem meros espectadores, mas sim agentes. A palavra “liberdade” parecia adquirir no seu texto múltiplas ramificações:

²¹ Há uma falha na numeração original do *Vindicae Academiarum* que aponta a página desse comentário como a de número 5, enquanto na verdade trata-se da página 13. Temos duas páginas 4 e duas 5, pois, além das corretamente numeradas, as páginas 12 e 13 também estão com os números 4 e 5 respectivamente. Depois delas a numeração recomeça de modo correto.

liberdade política, liberdade no currículo, liberdade de escolha de caminhos e métodos nas universidades, liberdade na escolha de autores, etc.²²

Na contra-argumentação de Seth Ward e John Wilkins à necessidade de reforma das universidades, nota-se que as acusações políticas estão presentes: “[...] sabe-se bem que ele [Webster] é um Nivelador, e em consequência um inimigo das Terras Altas” (*Vindicae Academiarum*, p. 43).

Para compreendermos o que mais exatamente representava essa acusação é necessário recorremos a uma breve introdução histórica sobre a posição política dos “niveladores” (ver HILL, *The century of revolution 1603-1714*, pp. 109-13).

Niveladores (*levellers*) eram os radicais de Londres, sustentados principalmente por aprendizes e pequenos mestres, que ganharam expressividade no exército após a prisão do Rei Charles I, em 1647. Durante a Guerra Civil, suas idéias, como a pretensão de que as pessoas aderissem a um acordo e pedidos de várias reformas, tomaram dimensão e foram discutidas como uma forma de resolver problemas.

O combate mais eficiente a esse grupo começaria quando a propaganda dos niveladores se expandiu para fora de Londres e, por ter forte apelo diante dos pequenos proprietários, passou a ser vista como ameaça real. Em maio de 1649, Thomas Fairfax e Oliver Cromwell receberam condecorações da universidade de Oxford por terem sufocado as revoltas mais intensas.

Os niveladores diziam que a soberania do Parlamento só poderia ser justificada se esse derivasse do povo e fosse assim seu representante. Pediam muitas reformas: a abertura dos “cercamentos” dos campos, abolição dos dízimos e da Igreja estatal, segurança de posse para foreiros, redistribuição de privilégios, a abolição da monarquia e da Câmara dos Lordes, reforma da lei, eleição de xerifes e Juízes de Paz, abolição dos serviços militares obrigatórios e dos impostos, fim dos privilégios dos nobres, corporações e companhias de comércio. Tinham fama de querer que os pobres se revoltassem contra os ricos, os empregados contra os patrões, os arrendatários contra os

²² Curiosamente, Thomas Hall, ao manifestar sua posição política, também parecia estar do lado do Parlamento (HALL, *Vindicae Literarum*, p. 26).

proprietários de terra e assim por diante. Eram os que pretendiam virar o “mundo de cabeça para baixo”.

Em teoria, alguns pareciam pregar o sufrágio universal, pois proclamavam que o mais pobre teria tanto direito a votar quanto o mais rico. Mas, nota-se que, na prática, mesmo para os niveladores aqueles que não tinham sua independência econômica não poderiam votar, como era o caso dos extremamente pobres, servos e mulheres. O voto deveria ser restringido aos ditos “ingleses nascidos livres”.

Como vimos, os niveladores reclamavam de muita coisa, e era justamente a certo mau humor de Webster que John Wilkins atribuía sua entrada para a “gangue dos Niveladores vulgares” (*Vindicae Academiarum*, p. 7). Wilkins aludia a outra característica que vimos ser típica do modo como os niveladores eram considerados na época: uma suposta habilidade de “tirar as coisas do seu rumo normal”. A isso atribuía a reputação de Webster de ser uma pessoa incomum e sua *consequente ousadia de considerar-se adequado para reformar as universidades*.

Ataques de cunho religioso também estavam presentes no discurso de Thomas Hall sobre a importância do conhecimento humano. Nesse discurso, às vezes aparentemente contraditório e indiscriminado, Hall procurou expor supostas oposições de ignorantes ou pessoas receosas de que o respeito ao conhecimento as fizessem serem chamadas de papistas (HALL, *Vindicae Literarum*, p. 63).

Thomas Hall procurou mostrar a legitimidade do conhecimento, e, mais ainda, o quanto ele era imprescindível para o ofício do ministério. Mas por que será que via necessidade de fazê-lo? Estaria se dirigindo a alguma pessoa ou grupo em particular?

Segundo Hall, determinados grupos se opunham ao conhecimento humano como preparação para o ministério:

[...] como seremos hábeis para preservar a verdade em sua pureza, para calar a boca de um Jesuíta sutil ou de um Herege erudito sem conhecimento (HALL, *Vindicae Literarum*, p. 15)?

O papismo nunca declinou até que o conhecimento aumentou; é uma religião da escuridão, aumenta e espalha a ignorância e o Barbarismo (HALL, *Vindicae Literarum*, p. 15).

Fora com aqueles Fanáticos, Entusiastas, Anabatistas, & c., que se gabam do espírito e suas revelações ([...] eles recorrem a Revelações como os Papistas [...] às tradições) e sob esse pretexto depreciam Línguas, Artes, Ciências, Universidades & c (HALL, *Vindicae Literarum*, p. 62).

Vou agora responder às Acusações e Objeções que Anabatistas, Antinomistas, familistas e Libertinos & c. formularam contra o conhecimento humano (HALL, *Vindicae Literarum*, p. 29).

A questão entre nós e os Anabatistas é se o uso correto e soberano da Filosofia e outros conhecimentos humanos é necessário para um religioso. Isso nós afirmamos, os Anabatistas, & c. negam (HALL, *Vindicae Literarum*, To the Reader).

Hall descrevia o crescimento desses grupos como uma ameaça a *todos*: “uma gangrena por todas as partes da terra” (HALL, *Vindicae Literarum*, To the Reader). Não somente se incomodavam com a formação dos seus próprios ministros. Seriam pessoas más, que queriam *efetivamente destruir as escolas e o conhecimento humano*. É interessante notar que Hall, de fato, parecia ter *receio de que as universidades e o conhecimento fossem destruídos* ²³:

²³ De fato, as universidades não ficaram imunes à agitação política da Inglaterra. Com o início da Guerra Civil, membros da universidade de Cambridge foram presos. Seth Ward, que apoiou o seu antigo tutor preso nessa ocasião, teve um livro que ajudou a compilar queimado pelos puritanos e, também em 1644, perdeu a posição de *fellow* por se recusar a se tornar *covenanter* (partidário da reforma protestante da Escócia) diante do comitê indicado para vistoriar a universidade. Segundo John Aubrey, Ward também chegou a ser preso naquela ocasião por defender a causa do rei (ver AUBREY, *Brief lives*, pp. 329-32, SETH WARD, LORD BISHOP OF SARUM). Em 1648, segundo narra John Aubrey, a visitação do Parlamento foi em Oxford, e também produziu novas expulsões e perdas de cargos. Nessa ocasião, então já mais conformado com a situação política, Ward foi integrado a Oxford com a decisão de John Greaves, então titular da cadeira de astronomia, de abandonar o cargo e indicá-lo, ciente de que seria um dos expulsos. Ward, então, começou a se dedicar ao ensino da astronomia, área na qual se tornaria mais conhecido. Ver “WARD, SETH” no *Dictionary of national biography*, vol. 17, p. 336-41.

A vida de John Wilkins parece ser bem resumida na opinião de um coetâneo transcrita pelo *Dictionary of national biography*: “Wilkins tinha duas características nenhuma das quais era calculada para fazê-lo generalizadamente admirado: primeiro, ele admitia moderação, e era simpatizante dos dissidentes, com a compreensão dos quais ele aberta e sabiamente contava; em segundo lugar, ele considerava correto e razoável se submeter a quem estivesse no poder, seja lá quem fosse, ou fosse estabelecido seja lá como”. John Wilkins aderiu ao lado do Parlamento durante a guerra civil e aceitou o *covenant*, mas mantinha amizades influentes dos dois lados do conflito. Em 1648, com a missão de reformar Oxford foi nomeado diretor do Wadham College pelas forças do Parlamento em lugar do antigo titular substituído (fato confirmado por John Aubrey). Tinha uma posição de liderança em Oxford, sendo política e pessoalmente ligado a Oliver Cromwell, de quem era cunhado. Afastou-se de Oxford quando, em 1659, recebeu o controle do *Trinity College* de Cambridge devido à sua associação com as forças do Parlamento. Mas Wilkins também tinha vários amigos entre os realistas. Com a Restauração perdeu seu cargo na universidade, mas com a influência de amigos poderosos na corte acabou lhe rendendo cargos religiosos. Por essa trajetória e atitude que lhe permitiu jurar lealdade a Charles II, Wilkins era acusado de não ter

[...] os tumultuosos Anabatistas, Familistas, Antinomianos e Libertinos na Alemanha, eles atacaram o conhecimento humano e queimaram todos os livros À exceção da Bíblia [...] (HALL, *Vindicae Literarum*, p. 22).

[...] alguns desenharam o mundo como seus pés para cima, para nos fazer notar que todas as coisas nele estão viradas de cabeça para baixo; certamente se universidades e escolas do bom conhecimento que nossos piedosos ancestrais a todo o custo erigiram devem agora ser destruídas, esta figura de mundo logo seria a nossa e um portão seria aberto para todos os erros, blasfêmias, [...] (HALL, *Vindicae Literarum*, p. 26).

E talvez esse temor não se restringisse apenas a Hall, já que Webster previa a seguinte acusação: “Outros irão me olhar como um absoluto *Nivelador* e imaginar que eu não desejo outra coisa senão que a *Árvore* seja arrancada pelas raízes [...]” (WEBSTER, *Academiarum examen*, To the Reader).

Como vimos, Hall sugeriu que o “respeito ao conhecimento” podia ser confundido com papismo, e, ao tentar mostrar que os extremos eram perigosos, afirmou que os *católicos ostentavam as artes e a filosofia* (HALL, *Vindicae Literarum*, p. 48). Curiosamente, no entanto, ainda no mesmo texto, comentou que não só os *católicos*, mas também os sectários seriam *desprovidos de conhecimento humano* e usariam argumentos inconsistentes para mostrar por quê isso não era necessário (HALL, *Vindicae Literarum*, pp. 29; 48).

Certas suposições estabelecidas por esses sectários seriam falsas. A boa filosofia, na verdade, seria uma legítima dádiva de Deus, não condenada pelas escrituras. Os pais da Igreja não teriam falado contra a filosofia, mas sobre o mau uso dela. A filosofia, a lógica e a retórica serviam para preparar os sermões, expor as Escrituras e nos convencer. O conhecimento humano não seria inimigo de Deus.

Seth Ward “acusou” John Webster de acreditar num dos elementos do catolicismo ao qual os protestantes mais se opunham: “Garanto que este homem de fato acredita em transubstanciação” (*Vindicae Academiarum*, p. 37).²⁴ E contra a acusação

princípios e de ser um oportunista. Ver WILKINS, JOHN, *Dictionary of national biography* vol. 20, pp. 264-7 e AUBREY, *Brief lives*, pp. 340-2 (JOHN WILKINS, LORD BISHOP OF CHESTER).

²⁴ Martinho Lutero reduziu o número de sacramentos a dois: o batismo e a Ceia. Quanto à presença de Cristo na Eucaristia, Lutero negou a doutrina escolástica da transubstanciação. Para ele, Cristo estava realmente presente no pão e no vinho, mas não havia uma *transformação* dessas substâncias. O ato de

de Aristóteles ser simplesmente um pagão e que não reconhecia Deus, Ward provocava: “E o Senhor [Wilkins] diz que ele [Webster] é um Frei. Se Aristóteles acreditava num Primeiro Móvel & se aquilo não for Deus, o que é?” (*Vindicae Academiarum*, p. 38).

Atribuíam àquela posição religiosa idéias deliberadamente mal intencionadas no sentido de prejudicar as universidades:

[...] o Senhor [dirigindo-se a Wilkins] diz que ele é um Frei (se preto ou cinza, se da Família do rastejador ou do saltador não importa) agora, Senhor, se ele pudesse retirar das Universidades nossas estudadas Artes e Linguagens, a ponto de banir de nós até mesmo o uso da Língua Latina e colocar-nos num curso de estudo de signaturas Mágicas, Astrologia e Jacob Behemes ele modestamente poderia requerer uma Canonização [...] (*Vindicae Academiarum*, p. 41).

Nota-se, também, insinuações de que, por supostamente não conhecer as universidades inglesas, avaliava-as tendo como base o ensino católico, ao qual, como frei, estaria mais atrelado. Seriam infundados, por exemplo, os comentários a respeito de o inglês ser preterido em relação ao latim, pois esse idioma não teria nas universidades inglesas a mesma função desempenhada nas escolas jesuítas. Segundo Ward, não seria “usual nem legítimo ensinar a Gramática Latina nas Universidades” (*Vindicae Academiarum*, p. 17).

Os debates sobre a legitimidade da astrologia no século XVII não podem ser estudados de modo isolado desses confrontos sobre a reforma do ensino nas universidades. Esses debates estavam intimamente relacionados, por exemplo, às discussões sobre o galenismo, o aristotelismo, a preparação dos ministros, além de assuntos de cunho político.

As discussões entre Webster, Ward e Wilkins representam um exemplo bastante curioso de como os rótulos “antigos” e “modernos” não devem ser aplicados. Os “modernos” Ward e Wilkins defendiam o sistema ptolomaico como mais uma hipótese plausível e criticavam a astrologia. O “antigo” Webster defendia o copernicanismo e

oferecer aos fiéis tanto o cálice quanto a hóstia tornou-se uma marca distintiva entre católicos e protestantes. Para Calvino, o homem realmente receberia Cristo através do pão e do vinho pela virtude do Espírito Santo e pela fé (ver ROSA (ed.), *Encyclopédie des religions*, pp. 589 e 599).

outras idéias então recentes em astronomia, rejeitava o sistema ptolomaico e exaltava a astrologia.²⁵

Como vimos *John Webster* dirigiu múltiplas objeções ao sistema ptolomaico, e apelou para que este fosse completamente abandonado em vista das idéias então mais recentes. É interessante frisar, no entanto, que isso não implicou, no caso de Webster, numa avaliação negativa da astrologia praticada na época, nem numa necessidade de reformá-la.

Algo diferente pode ser dito a respeito dos comentários contidos no *Vindicae academiarum*. Nesse caso o sistema ptolomaico não foi descartado, mas sim defendido como mais uma hipótese a ser apresentada, ainda que fosse necessário reconhecer que as então novas idéias recebiam cada vez mais confirmação. Em contraposição, a astrologia foi ridicularizada e vista sim como algo a ser abandonado.

Como já mencionamos, criticar o sistema ptolomaico e pedir a sua substituição pelo copernicano não era sinônimo de demolir a astrologia. Assim, mesmo considerando o rumo das críticas do *Academiarum examen* talvez não fosse necessário esperar de Webster uma atitude desfavorável à astrologia. O curioso é notar, não obstante, que ele não menciona discordar da concepção de mundo dos vários astrólogos que elogia embora esses adotassem a concepção ptolomaica.²⁶

O caso Webster-Ward-Wilkins ilustra bem o quão simplista e ilusório é dizer que a astrologia perdeu prestígio junto às pessoas mais cultas em função da “substituição” do sistema ptolomaico pelo copernicano.

²⁵ Como aponta Allen G. Debus, Webster foi compreendido de diferentes modos pelos historiadores: “Para Mark Curtis [*Oxford and Cambridge in transition*], Webster era um ‘crítico ignorante’ que tinha expectativas fantásticas de que a astronomia judicial, a mágica e o arcano dos hieróglifos e emblemas servissem para o melhoramento da humanidade. De um lado, então, Jones [Richard Jones, *Ancients and moderns*] viu Webster como um Baconiano e ‘moderno’ enquanto do outro Allen [“Scientific studies in the English universities of the Seventeenth Century”] e Curtis o viram somente como um incompetente reformador Puritano incapaz de oferecer mais do que uma crítica destrutiva, um homem que foi corretamente refutado pelos ‘modernos’ Ward e Wilkins” (DEBUS, *Science and education in the Seventeenth Century*, p. 2).

²⁶ É interessante notar que dentre esses pelo menos Lilly e Booker estiveram do lado do Parlamento na Guerra Civil. Durante o período de Guerra Civil, Webster serviu como capelão e cirurgião nas forças do Parlamento.

CAPÍTULO 9

A ROYAL SOCIETY E A ASTROLOGIA

No **capítulo 7** desta tese, estudamos sugestões de vários autores para a astrologia no século XVII. Como vimos, Francis Bacon foi autor de uma proposta para a astrologia, então considerada por ele uma parte da física em situação bastante criticável.

O filósofo procurou avaliar diversas áreas e chegou a, de fato, propor medidas para que algumas dessas fossem reformadas. É interessante lembrar, no entanto, que *nem sempre o que é proposto por alguém é levado a cabo por aqueles que dizem ser seus seguidores*.

Bacon era reconhecido pelos fundadores da *Royal Society* como seu “patrono intelectual”. Como a instituição propunha pôr em prática as idéias de Bacon para diferentes áreas de conhecimento, vale à pena discutirmos sua atitude frente à astrologia e às idéias de Bacon para essa área específica.

Verificaremos neste capítulo como os membros da *Royal Society* se comportaram em relação a essas idéias. E, além disso, como reagiam a elas os que se confrontavam com os participantes dessa instituição.

Como se pôde notar nos **capítulos 4 e 8** desta tese, os debates entre Seth Ward, John Wilkins e John Webster forneceram algumas informações sobre as atitudes dos futuros membros da *Royal Society* acerca da astrologia. Em busca de mais informações sobre o assunto demos prosseguimento às pesquisas.

9.1 m i n u t a s d a s r e u n i õ e s

A obra *The history of the Royal Society* de Thomas Birch traz uma breve história da *Royal Society*, seguida pelas *minutas das reuniões realizadas pela sociedade desde a sua fundação oficial, em 1660, até fins da década de 1680*. Ao percorrermos essa extensa obra notamos alguns pontos significativos.

Eram sugeridos ou desencorajados experimentos. Eram sugeridos assuntos para investigações (ver, por exemplo, BIRCH, *The history of the Royal Society*, p. 11). O trabalho dos membros da sociedade era cooperativo, portanto, até mesmo no que dizia

respeito a *o quê* e *como* investigar. Sobre esse aspecto algumas observações importantes podem ser feitas.

Embora o século XVII tenha assistido a um grande florescimento e popularização da astrologia na Inglaterra (ver **capítulo 1**), esse ramo de conhecimentos, *segundo nos apontam as minutas, não era discutido nas reuniões da sociedade*. Não se encontra no índice de assuntos da obra de Birch, por exemplo, uma entrada para “astrologia”. E verificando tópicos que poderiam ter alguma ligação com esse tema, como investigações sobre cometas, planetas, marés, pragas e longevidade humana, nada encontramos a respeito de influências astrológicas.

Há um único registro sobre bruxaria:

4 de março [1674]. O Senhor Oldenburg apresentou um manuscrito do senhor John Webster, dedicado à Sociedade, sobre *bruxaria*. Como o desejo do autor é que a Sociedade dê o seu parecer sobre ele, apontaram Sir William Petty, Dr. Pell e o senhor Milles para analisá-lo e relatar suas opiniões (BIRCH, *The history of the Royal Society*, p. 192).¹

Como aponta a historiadora Margery Purver, a formação de comitês para analisar os temas que surgiam era comum (PURVER, *The Royal Society: Concept and Creation*, pp. 79-80).

Nota-se, no entanto, que o assunto não parece ter ido adiante, já que nenhum parecer desse comitê foi registrado nas reuniões seguintes. Por outro lado, vale destacar que *não se encontra nas minutas uma posição contrária explícita a se discutir bruxaria. O assunto simplesmente parece ser ignorado*.

Se possivelmente não eram trazidos à tona nas reuniões, não se pode dizer, no entanto, que membros da *Royal Society* não discutiam certos assuntos. Kenelm Digby, por exemplo, dedicou-se a experimentos alquímicos e à astrologia. Acreditava em influências astrológicas particulares sobre um indivíduo e chegou a fazer a sua própria natividade, conservada no *Ashmolean Museum* (ver DIGBY, KENELM no *Dictionary*

¹ No registro formal de atribuição da prerrogativa real à instituição, transcrito por Thomas Sprat para a sua *The history of the Royal Society*, não há referência de que coubesse à instituição algum papel no que dizia respeito a licenciar publicações de modo geral, mas sim apenas material relativo à própria instituição (SPRAT, *The history of the Royal Society*, p. 142). Webster, então, não teria enviado o manuscrito compulsoriamente, e sim queria uma avaliação da instituição. Ao que tudo indica, queria o

of national biography, vol., pp. 60-7 e AUBREY, *Brief lives*, SIR KENELM DIGBY, KNIGHT, pp. 111-5).

A autobiografia de William Lilly narra um episódio no qual Digby teria procurado Arise Evans, o antigo tutor de Lilly em astrologia a fim de que esse lhe mostrasse um espírito. Repentinamente, Evans teria sido transportado da sala onde ocorria a reunião para um local bem distante, onde só teria sido encontrado no dia seguinte (LILLY, *The life of those eminent astrologers*, p. 33).

No caso de Elias Ashmole, que também realizava estudos sobre alquimia e astrologia, vimos **no capítulo 8** desta tese que Seth Ward considerava lamentável o fato de existirem pessoas tão cultas quanto ele que acreditavam e se dedicavam àqueles assuntos. No *Vindicae Academiarum*, Ward mostrava saber desses casos, mas “perdoava” o que eram, para ele, “pequenos deslizes lamentáveis” dos seus companheiros, e os desafiava a demonstrar a validade da astrologia (*Vindicae Academiarum*, pp. 30-1).

Outro exemplo de interesse particular aparentemente não discutido nas reuniões, pode ser localizado numa breve biografia de Joseph Glanvill, então membro da *R.S.*, registrada nas minutas de uma reunião em 1680 por ocasião de sua morte:

Naquele mesmo ano [1666] ele publicou em Londres em 4to, *Some philosophical considerations touching the being of witches and witchcraft* [...]. Essas *Philosophical Considerations* foram respondidas pelo senhor John Webster no seu *Display of supposed witchcraft* [...] (BIRCH, *The history of the Royal Society*, p. 59).

Havia, portanto, certo interesse de membros da *Royal Society* em discutir assuntos como bruxaria, por exemplo. No entanto, não há evidências nessas minutas de tentativas de trazê-los para os encontros da instituição. E, caso tenham ocorrido tentativas não registradas, não há indicações de represálias por essas atitudes.

Mesmo os casos de expulsão de membros da sociedade, relatados nas minutas, não dizem respeito a alguma atitude particular em desacordo com as regras da sociedade, e sim à falta de pagamentos das contribuições ao grupo.

parecer da *Royal Society*, e não exatamente pedia que o assunto fosse colocado em discussão nas reuniões.

Também, ao que tudo indica, os notadamente interessados pela astrologia *não parecem ter tentado colocar o assunto em pauta. Isso é particularmente interessante no que diz respeito à astrometeorologia.*

Como mencionamos no **capítulo 7** desta tese, Elias Ashmole havia colaborado com John Goad em suas pesquisas astrometeorológicas. Além disso, John Aubrey e Elias Ashmole, num esforço conjunto, realizaram observações meteorológicas por anos a fio e tentaram relacioná-las a padrões celestes. Bem ao estilo baconiano, esses membros da *Royal Society* reuniram um grande volume de informações. Mas, ao contrário do que se poderia esperar, Aubrey e Ashmole não parecem ter tentado levar os resultados de suas pesquisas à sociedade.²

Isso é bastante curioso se notarmos que provavelmente um dos assuntos de maior interesse da Royal Society naquela época era justamente a meteorologia. Além disso, há indicações de que John Aubrey, que se dedicava entre outros assuntos à astrometeorologia, correspondia-se com Robert Hooke, que sua vez era um dos mais ativos pesquisadores sobre meteorologia.

As minutas das reuniões revelam o esforço conjunto de membros da sociedade no sentido de realizar observações sistemáticas de condições meteorológicas como umidade, temperatura, ventos, chuvas e precipitações de neve. Procuravam criar e aprimorar instrumentos para registros meteorológicos como barômetros, termômetros e anemômetros, bem como realizavam tentativas de prever ventos e chuvas (BIRCH, *The history of the Royal Society*, pp. 75 e 222, por exemplo). Nota-se, ainda, a expectativa de conseguir colaboração de pesquisadores franceses, italianos e germânicos para realizar mais observações (BIRCH, *The history of the Royal Society*, p. 75).

Seguiam, assim, as orientações daquele que era tido como o inspirador da *Royal Society*, já que o próprio Francis Bacon repudiava o isolamento nas pesquisas e incentivava o esforço corporativo, apontando especificamente a meteorologia como uma

² Ashmole, embora fosse um homem muito rico e influente, parece ter sido um membro pouco ativo na R. S.. No período abrangido pela obra de Birch encontramos apenas uma referência a ele nas minutas (o assunto em questão era heráldica, uma das paixões de Ashmole). O mesmo não se pode dizer, por outro lado, em relação a Aubrey. Ele estava presente em boa parte dos encontros.

área na qual isso era imprescindível dado o enorme volume de informações a serem coletadas e analisadas.

Pode-se dizer, portanto, que *nas reuniões da sociedade* o assunto meteorologia era um foco constante de discussão. No entanto, não se nota pelas minutas qualquer relação entre essa área de conhecimento e a astrologia. Se Hooke e Aubrey conversavam sobre suas pesquisas, isso devia ocorrer fora do ambiente formal das reuniões da *Royal Society*.

Nas minutas não há qualquer alusão a pesquisas sobre possíveis influências celestes terem relação com alterações climáticas na Terra. *O mesmo que ocorre em relação à meteorologia podemos observar no que concerne a outros assuntos tradicionalmente ligados à astrologia.*

Nessas minutas, nas investigações sobre causas de grandes pragas, por exemplo, não se nota qualquer intenção de atribuir a doença a possíveis influências astrológicas. Os pesquisadores insistem numa possível “verminação do ar”, numa relação entre a doença e “um tipo de inseto no ar que colocado nas mãos do homem deixaria ovos dificilmente discerníveis sem um microscópio” (BIRCH, *The history of the Royal Society*, p. 69). Nas discussões sobre marés aparecem hipóteses como centros de gravidade compostos para a Terra e a Lua, mas nenhuma influência astrológica é cogitada (BIRCH, *The history of the Royal Society*, p. 93). Tenta-se, além disso, explicar grandes fenômenos naturais, como as monções, com base em condições de rarefação do ar (BIRCH, *The history of the Royal Society*, p. 486).

Verificando ainda o que os membros da *Royal Society* tinham a dizer sobre planetas, cometas e eclipses, pudemos constatar que nenhum interesse em relação a pesquisar possíveis influências astrológicas é manifestado. A linguagem empregada nos registros é puramente descritiva e não há conclusões com base exclusiva em critérios de analogia.

Podemos notar que *os pesquisadores estavam fundamentalmente preocupados com aspectos observacionais*. A minuta de um dos encontros nos mostra *claramente o interesse dos associados, em contraposição àquilo que não lhes interessava:*

O senhor Cluverus trouxe dois trabalhos impressos do senhor Sarotti, impressos na Itália, sobre o cometa. Um deles que estava em latim foi lido, mas consistia em sua maior parte de previsões; após a leitura notou-se que o outro também consistia na mesma coisa e contém muito pouco ou nada de observação considerável (BIRCH, *The history of the Royal Society*, p. 66; grifo meu).

Os associados tentavam aprimorar telescópios a fim de realizar observações (ver, por exemplo, BIRCH, *The history of the Royal Society*, p. 459).

Preocupavam-se em observar as distâncias entre os planetas, suas dimensões, formas, movimentos, satélites e paralaxes. Propunham hipóteses sobre a natureza desses astros. Nota-se que o mistério em torno deles parecia pouco a pouco se dissipar.

Estudavam a atmosfera da Lua (BIRCH, *The history of the Royal Society*, p. 192). Supunham que poderia haver em Mercúrio algo fluido semelhante aos mares terrestres (BIRCH, *The history of the Royal Society*, p. 391). Os mundos sub e supra lunares pareciam cada vez mais semelhantes diante das novas conclusões.

As minutas ainda revelam como outro grande foco de interesse as observações e discussões de hipóteses a respeito de movimentos e da natureza dos cometas: “Sir Robert Moray apresentou as suas próprias observações e as do senhor Slingsby sobre o cometa; desejou-se que eles continuassem e que outros membros fizessem o mesmo” (BIRCH, *The history of the Royal Society*, p. 510).

É interessante notar que *em nenhum caso sugere-se que os cometas eram presságios divinos e traziam consigo influências astrológicas*. Nas descrições reproduzidas abaixo temos exemplos bastante característicos do tipo de registro encontrado:

O senhor Hooke leu mais um discurso sobre cometas, onde explicou porque supunha que os cometas eram corpos incandescentes, [...]: que todos esses vapores realmente procediam de um pequeno corpo sólido ou astro realmente incandescente, que é envolvido num volume de vapores nebulosos, ou fumaça, responsável pela aparência do núcleo no meio [...] (BIRCH, *The history of the Royal Society*, p. 165).

A cabeça, como ele [John Wallis] supôs a partir da situação da cauda, deveria estar próxima à cabeça de Sagitário, ou o Centauro [...]. Que a cauda era longa, fina e pontiaguda, quase tocando o zênite, apontando em direção à cabeça da Medusa, ou próximo a isso (BIRCH, *The history of the Royal Society*, p. 75).

[...] O senhor Hooke relatou que observações havia feito a respeito disso [o cometa], e o que ele conjecturou a respeito da sua posição, movimento, duração [...] (BIRCH, *The history of the Royal Society*, p. 75).

Ele [Robert Hooke] acrescentou que parecia ser um corpo dissolvido no éter; e que as partes dissolvidas ascendiam do corpo diretamente em oposição ao Sol ou ao centro de gravitação do sistema planetário, como a fumaça de um corpo em chamas ascende em direção oposta ao centro da Terra. Ele exibiu também um esquema da hipótese pela qual concebeu que todos os movimentos irregulares do astro, observados em direção ao oeste, poderiam ser explicados pelo movimento da Terra, sem atribuir qualquer ou ao menos muito pouco movimento ao cometa. Pediu-se que ele continuasse suas observações com toda diligência e exatidão para ver se elas e a dos outros concordariam com a dita hipótese, [...] (BIRCH, *The history of the Royal Society*, p. 511).

Nota-se que mesmo quando as constelações aparecem nessas descrições, ainda assim não há alusão a signos e influências astrológicas de cometas passando por certas posições específicas. Se os cometas não pareciam ser vistos como presságios, também não o eram as “aparições no ar”, como bolas de fogo e *flashes* de luz, relatadas pelos membros da sociedade de modo bastante diferente do realizado por William Lilly.³ Não sabiam explicar esses fenômenos, mas nem por isso envolviam de mistério os seus relatos.

Nas minutas dos encontros há ainda relatos sobre observações realizadas em condições particularmente destacadas pela astrologia, como as conjunções, mas que nesses casos não pareciam implicar em alguma influência celeste (BIRCH, *The history of the Royal Society*, p. 385). Essas condições específicas pareciam ser esperadas apenas por favorecerem as observações. Também foram relatadas em completa dissociação com influências astrológicas as ocorrências de eclipses.

Se não se encontra nas minutas uma posição explícita em relação a assuntos como bruxaria e astrologia, por outro lado, fica claro que os participantes dos encontros não consideravam todos os temas apropriados para serem investigados pela sociedade. A navegação, por exemplo, foi excluída por ser considerada “assunto de estado”.

Em relação a discussões de assuntos como bruxaria e astrologia, ao menos a partir da *The history of the Royal Society* de Thomas Birch, não temos uma posição

oficial da sociedade. Sabemos, no entanto, que membros da *Royal Society* se dedicavam a esses assuntos e discutiam entre si.

Havia na sociedade tanto pessoas que durante o período da Guerra Civil tinham apoiado o Parlamento (como John Wilkins e Seth Ward), quanto outras que permaneceram fiéis ao Rei e mesmo o acompanharam no exílio (como Robert Moray). Sabemos, além disso, que a sociedade reunia pessoas de convicções religiosas diferentes, que fora daquele ambiente eram até mesmo oponentes.

Como mostra Margaret Purver, mesmo tendo o Rei sido aclamado como fundador, e a sociedade tendo conseguido o seu aval e até mesmo o título de *Royal Society*, a sociedade, como instituição, manteve-se alheia a uma posição política e religiosa definida. E, ao mesmo tempo, permitia que seus membros professassem livremente crenças religiosas e posições políticas.⁴ A sociedade, como instituição, era uma coisa. Seus membros e particularidades eram outra (PURVER, *The Royal Society: Concept and Creation*, p. 16).

Será, então, que aspectos como religião e política no contexto da *Royal Society* podem nos ajudar a compreender porque era possível que a instituição se comportasse de certa maneira em relação a temas polêmicos, enquanto seus membros em particular se comportavam de maneira diferente? Não havia problema se queriam estudar ou aceitavam a astrologia e a bruxaria fora da *Royal Society*, mesmo que esses assuntos polêmicos, seja lá por quê motivo, não fossem tópicos para discussão?

Vale notar que o afastamento de uma instituição desse tipo de discussões políticas e religiosas era mesmo apregoado por Francis Bacon. Entretanto, o mesmo não se pode dizer em relação à astrologia.

³ Segundo Lilly, o significado desse tipo de alterações nos ares viria dos antigos, iniciados nos mais ocultos conhecimentos. Seria um tipo de presságio enviado pela natureza ou pelos espíritos que regem a porção dos céus perturbada pelos homens (LILLY, *Englands Propheticall Merline*, p. 81).

⁴ Muitos membros da Royal Society, aliás, tenderam a variar de convicção religiosa (e política) durante suas vidas. John Wilkins era puritano, mas acabou aderindo ao anglicanismo (“WILKINS, JOHN” no *Dictionary of national biography*, vol. 20, pp. 264-7). Kenelm Digby foi criado como católico, e chegou aderir por breve período ao protestantismo, mas voltou atrás e novamente aderiu ao catolicismo. Tinha fortes laços com os católicos que davam dinheiro à Charles I e com a rainha católica Henrietta Maria, que chegou a interferir várias vezes politicamente a seu favor em suas brigas com o Parlamento (ver DIGBY, KENELM no *Dictionary of national biography*, vol. 6, pp. 60-7 e AUBREY, *Brief lives*, SIR KENELM DIGBY, KNIGHT, pp. 111-5).

Será, então, que procuravam deixar de lado a astrologia porque ela estaria ligada a uma concepção de mundo aristotélica? Repudiando o método aristotélico de investigação da natureza e as explicações com base em analogias tão comuns nesse ramo de conhecimento, e prescrevendo a coleta de dados, a experimentação e a indução como forma de se chegar à “verdade científica”, os membros da sociedade tenderiam a desqualificar a astrologia?

John Webster, adepto do copernicanismo, criticava o aristotelismo, mas afirmava que a astrologia deveria ser estudada nas universidades (ver o **capítulo 8** dessa tese). Francis Bacon criticava o aristotelismo, mas aceitava parte da astrologia. Negava a astrologia judicial, mas acreditava em influências astrológicas no que dizia respeito a fenômenos relacionados a grandes massas populacionais como pragas etc. (ver o **capítulo 7** dessa tese). Esse tipo de astrologia ele achava que devia ser reformada de acordo com o seu método.

Por que será, então, que os membros da sociedade discordavam de Bacon nesse ponto?

É interessante notar, como mostramos no **capítulo 7** dessa tese, que Francis Bacon se recusava a tomar uma posição a favor do copernicanismo, do ticonianismo ou da concepção ptolomaica de universo por acreditar que ainda não havia evidências suficientes a favor de nenhuma dessas hipóteses. Considerava que ainda eram necessárias muitas observações e coletas de dados para que se chegasse a um resultado satisfatório.

Se a partir da fundação da *Royal Society* já era possível aceitar esse ou aquele determinado ponto de vista, é possível que seus membros considerassem ultrapassadas as idéias de Francis Bacon sobre o assunto. Mas, de qualquer forma, como o filósofo criticava a astrologia baseada na construção de horóscopos, é possível que sua astrologia independesse de escolher entre um sistema ou outro.

Podemos dizer que mesmo as minutas das reuniões da *Royal Society*, reunidas por Birch, não esclarecem qual a posição da instituição a respeito da astrologia. Mas há outra possibilidade de encontrarmos algo sobre o assunto ...

9.2 A história oficial

A obra *The History of the Royal Society of London*, de Thomas Sprat, publicada em 1667, é considerada a história oficial da *Royal Society*. Foi concretizada a pedido da instituição para marcar o seu estabelecimento com o aval do Rei Charles II. Supervisionada por um comitê interno, apresentava a atitude oficial da instituição em relação a vários assuntos.⁵

No que concerne à astrologia podemos dizer que, dispersos ao longo do livro, encontramos comentários que podem nos sugerir certas tomadas de posição.

Embora muitos desses comentários tratem do que era desejável ou não na ciência, e não se refiram especificamente à astrologia, podemos tentar aplicá-los a esse ramo de conhecimentos a fim de verificar uma possível atitude da instituição.

9.2.1 a Linguagem desejável para a ciência

Como se pode notar, uma das preocupações fundamentais de Thomas Sprat era mostrar que a linguagem empregada pelos pesquisadores devia ser a mais simples possível, evitando o que ele chamava de “luxúria da linguagem”:

[...] há mais uma coisa em relação à qual a *Sociedade* tem sido altamente solícita, que é a Maneira dos *Discursos* deles [dos pesquisadores da *R.S.*], [...] a menos que eles estivessem muito atentos para manter o Temperamento devido, todo o Espírito e Vigor do Projeto deles era prontamente engolido pela Luxúria e Redundância do *Discurso*. Os Efeitos malignos dessa Superfluidez do Falar já sobrepujaram muitas outras *Artes e Profissões*, [...], aquela *Eloquência* tem que ser banida de todas as *Sociedades civis*, como algo fatal à Paz e às boas Maneiras (SPRAT, *The history of the Royal Society*, p. 111).

Segundo Sprat, como essa linguagem rebuscada e inútil desafiava a razão, era dever da *Royal Society* corrigir os seus excessos na Filosofia Natural:

⁵ Margery Purver estudou o processo de elaboração do trabalho de Sprat. Com base nas evidências apresentadas pode-se, então, dizer que Sprat não falava por si, mas pela instituição. O trabalho foi amplamente supervisionado pelos outros membros (PURVER, *The Royal Society: Concept and Creation*, pp. 10-9).

[...] rejeitar todas as Amplificações, Digressões e Expansões de Estilo, para retornar a Pureza e Brevidade primitivas, quando os Homens falavam tantas *Coisas* com um Número quase equivalente de *Palavras*. Eles exigem de todos os Membros um modo de Falar natural, conciso, limpo, Expressões reais, Sentidos claros, uma Facilidade natural, trazendo todas as *Coisas* tão próximas à Clareza matemática quanto podem, e preferindo a Linguagem dos Artesãos, Camponeses e Mercadores àquela dos Sábios e Acadêmicos (SPRAT, *The history of the Royal Society*, p. 113).

Embora consultar astrólogos fosse uma atitude corrente entre pessoas comuns, não podemos dizer que a linguagem astrológica primava pela clareza e concisão. Talvez não houvesse também uma atitude muito positiva em relação a revelar como se fazia o trabalho astrológico (ver o **capítulo 5** desta tese). Essas características desse ramo de conhecimento tornam-se notórias se nos lembrarmos que o astrólogo William Lilly se queixava de os livros sobre o assunto não conseguirem ensinar astrologia e talvez nem mesmo terem essa intenção (ver **capítulo 5**):

[...] considerando a falta de Livros apropriados [...]. Irei tornar essa Arte daqui por diante perceptível até mesmo para o mais simples, e útil para toda capacidade comum [...] (LILLY, *Anglicus, Peace or no Peace, To the English Nation*).

Eu apresentei a Arte com toda a retidão e sinceridade do coração, clara e honestamente, e não omiti nada propositadamente que estimasse conveniente ou adequado ou qualquer coisa que pudesse ajudar jovens Estudantes [...] (LILLY, *Christian Astrology*, To the Reader).

[...] importunação de alguns, e não de poucos que desejavam que eu não apresentasse a Arte num método tão claro e simples; todavia, confesso, as palavras deles mais me incentivaram a revelar tudo o que eu sabia do que a esconder qualquer sílaba (LILLY, *Christian Astrology*, To the Reader).

Se é possível dizer que Lilly propôs uma reforma da astrologia, essa tentativa residiria no fato de que desejava, com o *Christian Astrology*, ensiná-la de maneira fácil e simples a qualquer pessoa (ver o **capítulo 2** desta tese).

Assim, talvez seja possível dizer que, em sua área, o astrólogo também reagia, tal qual os membros da *Royal Society*, à utilização de um estilo rebuscado e incompreensível. Podemos dizer, portanto, que *a crítica expressa na citação transcrita anteriormente*, embora aplicada ao escolasticismo das universidades, *de modo muito provável seria estendida pela Royal Society à astrologia*.

Aliás, é curioso notarmos que muitas vezes os discursos de William Lilly e da *Royal Society* pareciam convergir. Lilly, ironicamente, se manifestou em desacordo com a linguagem empregada nas universidades usando o mesmo termo “eloquência” empregado por Sprat:

Muitos irão desprezar este Trabalho por minha torpeza e falta de educação já que eu não sou Membro de nenhuma Universidade. Não é apresentado com Eloquência, já que nossa Arte nos nega aquele lustre. Mas verdade é eloquência, e eloquência é verdade (LILLY, *Englands Propheticall Merline*, To the Reader).

Também em outros aspectos, como no que se refere ao modo como lidava com as “autoridades”, pode-se notar que o discurso de Lilly se assemelhava ao da *Royal Society* nesses seus primeiros anos:

Talvez alguns me acusarão de discordar de Ptolomeu. Confesso que fiz isso e que não sou o primeiro e nem serei o último, porque sou mais levado pela experiência e pela razão do que pela simples autoridade de um homem [...] (LILLY, *Christian Astrology*, To the Reader).⁶

É melhor para os Filósofos desta época imitar os Antigos como [o fazem os] Filhos [...]; ter o seu Sangue derivado deles, mas adicionar a isso uma nova Compleição e Vida própria (SPRAT, *The history of the Royal Society*, p. 51).

9.2.2 coisas a serem estudadas antes de outras

Voltando à questão da aplicabilidade à astrologia de comentários apresentados por Thomas Sprat, um outro ponto merece destaque. Passagens do texto parecem rejeitar *temporariamente* o estudo de certos aspectos abordados pela astrologia judicial. Isso pode ser percebido, por exemplo, num determinado trecho que procura esclarecer quais aspectos do homem a *Royal Society* se interessava em estudar:

Nos Homens podem ser consideradas as *Faculdades* e Operações de suas *Almas*, a *Constituição* dos seus *Corpos* e os *Trabalhos* de suas *Mãos*. Disso, os *primeiros* eles omitem. Tanto porque o Conhecimento e Direção deles foram antes tomados por algumas *Artes* às quais eles não têm intenção alguma de se dedicar como a *Política*, a *Moralidade* e a *Oratória*; como também porque a *Razão*, a *Compreensão*, os *Temperamentos*, a *Vontade* e as *Paixões* dos Homens são tão difíceis de serem reduzidas a qualquer Observação acurada dos *Sentidos*, e proporcionam muito Espaço para os *Observadores*

⁶ O mesmo tipo de comentário já havia sido apresentado antes por Lilly na carta ao leitor que abre o *Englands Propheticall Merline* (ver o **capítulo 5** dessa tese).

falsificarem ou simularem. De tal forma que se tais Discussões fossem algumas vezes tentadas, eles correriam o Risco de cair em *falação*, ao invés de *trabalhar*, o que devem cuidadosamente evitar. Assuntos como esses, portanto, devem ser deixados de lado (SPRAT, *The history of the Royal Society*, pp. 82-3; os itálicos são do original).

Reconhecendo que a alma e o corpo eram partes de uma “máquina natural”, Sprat não rejeitava esses estudos, mas recomendava que só fossem realizados *depois* de constituído um grande conhecimento das “Coisas materiais”, isto é, da parte física, na qual incluía o sangue, a nutrição, as doenças e ocorrências relacionadas ao corpo humano (SPRAT, *The history of the Royal Society*, p. 83).⁷

Se tomarmos por base apenas esses comentários não podemos dizer que a *Royal Society* rejeitava inteiramente o estudo da astrologia judicial. Essa não só se referia a questões a serem temporariamente deixadas de lado segundo a instituição, como inclinações e temperamentos humanos, como também procurava analisar aspectos físicos como doenças, por exemplo.

9.2.3 A astrologia não se adequava àquele tipo de investigação?

Se a astrologia poderia sim ser um meio para investigar esses aspectos físicos, por que então ignorá-la? E mais, por que ignorá-la se a própria *Royal Society* recomendava que os pesquisadores não deviam se restringir a uma determinada “Arte de Experimentação”, e era imprescindível “nunca ser limitado por Regras constantes”, mas sim “manter-se livre” para mudar os cursos da investigação? (SPRAT, *The history of the Royal Society*, p. 89).

Mas seria a astrologia um dos caminhos permitidos, se Sprat considerava que as diferenças de opinião entre os membros participantes das reuniões eram facilmente

⁷ Essa preocupação de assinalar a existência de coisas que deveriam ser estudadas antes de outras, dado ao seu grau de dificuldade e complexidade, transparece num outro trecho. Os antigos foram criticados por não se dedicarem ao estudo de coisas mais simples e evidentes, mas sim por se encantarem, e fazerem a maior parte de sua História Natural com coisas fantásticas como “algumas Qualidades extraordinárias de Pedras e Minerais, algumas Raridades da Época, a Comida, Cor, e Formas das Bestas, ou algumas Virtudes de Fontes ou Rios [...]”. Para Sprat, este caminho seguido pelos antigos era oposto ao da Filosofia Natural: infectava a mente, levava ao erro, não seguia a natureza e atrapalhava o progresso das investigações (SPRAT, *The history of the Royal Society*, pp. 90-1).

administradas porque “não poderiam se basear em Termos de Especulação, ou Opinião, mas somente nos Sentidos”? A astrologia era adaptável a esse tipo de observação?

Como vemos nas obras de William Lilly, o astrólogo julgava que suas conclusões eram sim baseadas em exaustivas observações. Além disso, havia ainda aqueles, como Francis Bacon, que se não consideravam que a astrologia correspondia a essa expectativa, achavam que ela poderia ser reformada para fazer frente a essa questão. Elias Ashmole, então membro da *Royal Society*, parece ter tentado levar à frente uma iniciativa particular de realizar observações nos moldes das sublinhadas por Bacon.

Ao que tudo indica, podemos dizer que a respeito da astrologia, a *Royal Society*, como instituição, não tinha a mesma posição daquele que considerava como fonte de inspiração. Fica difícil, no entanto, dizer que isso derivava de considerarem que o assunto era propício para especulação e opinião, e não para uma investigação baseada nos sentidos.

9.2.4 O que estudar e como iniciar os estudos

Como mencionamos anteriormente, no que se pôde observar a respeito da obra de Thomas Birch, era comum numa reunião a sugestão de assuntos para o encontro seguinte do grupo. Na *The history of the Royal Society* de Thomas Sprat essa atitude fica ainda mais evidente (SPRAT, *The history of the Royal Society*, pp. 93-5).

Propostos os assuntos para as reuniões subseqüentes, era um procedimento comum, e descrito como necessário, fazer um levantamento preliminar do que se sabia sobre o assunto em questão:

Nessa Coleta Preliminar, tem sido Costume que os membros da Sociedade exponham seus Pensamentos ou Memórias a respeito deles [dos assuntos escolhidos], seja a partir das Observações de outros, ou dos Livros, ou de suas próprias Experiências, ou mesmo da Fama comum [que os assuntos tenham]. E ao realizar isto, eles não empregavam nenhum grande Rigor em escolher e distinguir entre Verdades e Falsidades, mas juntavam tudo como vinha: Trabalhos, Opiniões, Suposições, Invenções com seus diferentes Graus e Ocorrências, as Probabilidades, os Problemas, as Concepções gerais, as Estórias milagrosas, as Produções comuns, as Mudanças ocorridas em relação ao assunto em vários Locais, os Obstáculos, os Benefícios dos Ares, ou Estações, ou Instrumentos; e o que quer que eles

encontrassem que tivesse sido iniciado, dito ou ocorrido em relação ao Assunto sob Investigação (SPRAT, *The history of the Royal Society*, p. 95).⁸

A citação transcrita anteriormente sugere, assim, que eram investigados não só temas de consenso, já consagrados e sobre os quais restavam poucas dúvidas. Também davam atenção a questões nebulosas, sobre os quais havia suposições não esclarecidas e tantas controvérsias que pairavam sobre elas até mesmo concepções fantásticas. Não estudavam apenas aquilo sobre o qual se tinha muita certeza, mas mesmo aquilo sobre o qual se diziam “Verdades e Falsidades”.

Sendo assim, parece ainda mais relevante a aparente constatação de que a astrologia nem mesmo era assunto em pauta nas reuniões. Não cogitavam nem mesmo a possibilidade de haver na astrologia concepções corretas e incorretas? O assunto não merecia ser estudado a fim de distingüí-las?

9.2.5 por que não tentar invalidar a astrologia?

Se consideravam que a astrologia era assim tão descartável, não valeria à pena tentarem estudá-la a fim de confirmar e fundamentar sua invalidade?

O aparente desprezo por debates sobre a astrologia fica ainda mais intrigante por Thomas Sprat comentar: “[...] suas *Diferenças* serão bem recebidas se forem baseadas em Trabalhos sólidos, e não apenas em *Preconceitos* ou *Desconfianças*. Para a *Royal Society* será sempre quase tão aceitável ser refutado quanto descobrir [...]” (SPRAT, *The history of the Royal Society*, pp. 99-100).

Será que para a instituição não havia necessidade de refutar a astrologia, pois já a consideravam refutada?

Sobre isto vale à pena comentar certo trecho da *The history of the Royal Society* em que a praga e o grave incêndio então ocorridos em Londres são mencionados como ocorrências lamentáveis, colaboradoras para o atraso da publicação daquele livro (SPRAT, *The history of the Royal Society*, pp. 121-2).

⁸ Pode-se notar que reunir o que quer que ouvisse sobre os mais diversos assuntos também foi uma atitude adotada pelo astrônomo Joshua Childrey ao escrever o seu *Britannia Baconica*. Ao que tudo indica, nem sempre pode-se dizer que Childrey acreditava nos curiosos fatos relatados pelos habitantes dos condados, mas registrava-os mesmo assim (ver **capítulo 7** desta tese). O comportamento de Childrey e dos membros da *Royal Society* refletia a comum inclinação baconiana desses pesquisadores.

É interessante notar que Thomas Sprat pareceu contrapor a ciência a uma compreensão fatalista daqueles acontecimentos. Ao invés de apresentá-los como punições inevitáveis, falou em prevenção. Havia uma manifesta esperança de que através da ciência, no futuro, o homem fosse capaz de evitar acontecimentos como pragas:

É verdade que este terrível Mal tem até aqui, em todos os países, sido geralmente muito forte para os antigos Remédios da Arte. Mas por que devemos pensar que continuará para sempre? Por que não podemos acreditar que [...] haja reservado um Antídoto que irá se igualar a esse veneno? Quando a Humanidade é varrida por tais horríveis Invasões da Morte, eles devem então ficar universalmente alarmados a empregar mais Diligência em preveni-los no futuro. [...] Se em tais Casos nós apenas acusamos a Ira da Providência ou a Crueldade da Natureza, jogamos a Culpa onde não é justo que ela seja jogada. É necessário sim que se atribua à Negligência dos próprios Homens, que tais Curas difíceis estejam fora dos Domínios do Poder de sua Razão. Se todos os Homens tivessem desanimado no começo e sucumbido diante do peso de suas próprias Enfermidades, quase toda pequena Ferida, ou Dor do menor Membro teria sido tão fatal quanto a Praga é hoje. Foi através de muita Pesquisa e Exercício que a maior parte das Doenças se tornou curável. E todos os primeiros Sucessos desse tipo devem sempre fortalecer nossa Certeza de maiores Conquistas até mesmo sobre este maior Terror da Humanidade (SPRAT, *The history of the Royal Society*, p. 123).

Como se pode perceber, o autor não parecia cogitar a possibilidade de uma causa astrológica para aqueles acontecimentos e condenava que simplesmente fossem aceitos como inevitáveis.⁹

Será, então, que não procuraram invalidar a astrologia, porque simplesmente já excluía a possibilidade de sua existência?

⁹ Numa outra passagem do livro vê-se claramente uma alusão a investigações sobre a praga em meio a trabalhos de anatomia, o que sugere um enfoque não astrológico no estudo da doença (SPRAT, *The history of the Royal Society*, p. 192). Pode-se questionar, no entanto, até que ponto a compreensão do que fisicamente causava a praga, necessariamente excluiria uma explicação astrológica como causa inicial do problema. Num certo trecho dessa obra, Sprat comenta: “[...] Geração, Corrupção, Alteração e todas as Vicissitudes da Natureza não são nada mais do que efeitos que surgem do encontro de pequenos Corpos de diferentes Formas, Magnitudes e Velocidades” (SPRAT, *The history of the Royal Society*, p. 312). É notório que várias questões começavam a ser observadas de outras formas. No entanto, ainda parece ser válido nos questionarmos: até que ponto o microscópio, o telescópio e explicações desse tipo excluía a possibilidade de indagar a respeito de influências astrológicas?

9.2.6 Assuntos de particular interesse

No *The history of the Royal Society* foram mencionadas investigações sobre: movimento, ar, fogo, água, atmosfera e clima, agricultura, as ditas “qualidades” (rarefação, densidade, peso, pressão), petrificação de madeira, magnetita, anatomia, transfusão de sangue e respiração de animais, marés, minas, metais, pedras, alimentação de ostras, indicações para navegação, observações de eclipses e de satélites de Júpiter (SPRAT, *The history of the Royal Society*, pp. 156-7 e 216-21).¹⁰

Seguindo essa lista de assuntos tão variáveis, o livro apresenta trabalhos a respeito de determinados temas. A intenção do procedimento é através desses “poucos exemplos cuja Exatidão pode ser percebida, mostrar como as restantes [investigações] são realizadas” (SPRAT, *The history of the Royal Society*, p. 157).

É interessante notar que a atitude do autor revelava a necessidade de mostrar que aquele modo de abordar as questões era adequado e produzia bons resultados. Atualmente, pode-se dizer que esse modo de investigar a natureza parece ser tão obviamente adequado, que se torna desnecessário e redundante fundamentar o porquê de se fazer assim e não de outra maneira. Vale lembrar que Sprat, no entanto, não estava defendendo um ponto de vista então preponderante, ou pelo menos de não unânime aceitação.

Não é uma ofensa professar a introdução de coisas Novas, a menos que aquilo que é introduzido se mostre pernicioso ou não possa ser trazido sem a extirpação de outras coisas melhores. E o Conhecimento Experimental não nos exporá a esses perigos, é o que eu vou mostrar agora [...] (SPRAT, *The history of the Royal Society*, pp. 322-31).¹¹

¹⁰ É curioso notar o grande interesse em estudar a natureza da água, do fogo e do ar, que juntamente com a terra eram os quatro elementos da física aristotélica.

¹¹ Um dos pontos particularmente interessantes do discurso de Thomas Sprat era a manifesta necessidade de mostrar que não queriam prejudicar as universidades, ou subverter o que já existia. Sprat procurou se defender da acusação de querer mudar a educação: não pretendiam que as partes fundamentais da educação fossem alteradas, mas sim que a *filosofia natural* fosse ensinada pela prática e pelo experimento, e não apenas se confinasse a preceitos. Muitas coisas deveriam permanecer como estavam, e apenas uma parte deveria ser mudada. Não pretendia uma mudança avassaladora num ensino considerado bom (“todas as formas de Educação recebidas estarão seguras”). Pedia sim, e com notável cuidado, que algo fosse tentado como uma complementação no que dizia respeito ao experimento e à indução para a filosofia natural, para que, quando formados, os pesquisadores pudessem fazer avançar o conhecimento: “[...] se além daqueles cursos de Estudos que são agora seguidos, fosse também feita a tentativa de outros Caminhos mais práticos [...]” (ver SPRAT, *History of the Royal Society*, pp. 324-3).

Recorreu a investigações que discutiam assuntos de interesse iminente da sociedade da época. Tentou justificar insistentemente que aquele melhor método de discutir sobre a natureza de modo algum infligia a Deus. E insistiu em mostrar que a instituição recebia o apoio de pessoas importantes das mais diversas esferas sociais.

Seu discurso refletia a necessidade de legitimar a ciência moderna ainda incipiente. E nesse discurso, talvez até enfadonho pela insistência em justificativas, é curioso notar a pouca atenção dada ao assunto “o que não se deseja estudar”, o que *parecia* ser o caso da astrologia.

Para a obra *The history of the Royal Society* foram transcritos dois trabalhos a respeito de observações de eclipses da Lua e de eclipses dos satélites de Júpiter. Não há nesses trabalhos alusões a possíveis influências astrológicas. Pode-se notar que o interesse reside, fundamentalmente, em propor métodos que minimizem dificuldades de observação dos fenômenos em questão (SPRAT, *The history of the Royal Society*, pp. 181-9).

Sinalizava forte preocupação restrita a aspectos observacionais o fato de, sem implicações do tipo “analisar possíveis influências astrológicas”, quererem:

[...] um Levantamento, Mapa e Tabelas de todas as Estrelas fixas do Zodíaco, tanto visíveis a olho Nu quanto as que podem ser descobertas com um Telescópio [...];[...] observar as Posições Aparentes dos Planetas com um Telescópio, tanto do Mar quanto da Terra. Isto foi aprovado e iniciado; vários Membros tiveram Porções dos Céus atribuídas a eles (SPRAT, *The history of the Royal Society*, pp. 190-1).

Pode-se perceber, ainda, grande interesse em explicar os movimentos dos astros:

[...] explicar a Inflexão de um Movimento retilíneo em circular pela intervenção de um Poder atrativo em direção ao Centro, com a finalidade de explicar o Movimento dos Planetas. Experimentos sobre o Movimento circular e complexo dos Pêndulos para explicar a Hipótese de que a Lua se move em torno da Terra [...] (SPRAT, *The history of the Royal Society*, p. 226).

Mais uma vez os pensamentos de William Lilly e da *Royal Society* pareciam se aproximar, agora no que diz respeito ao modo como as coisas deviam ser ensinadas. Podemos notar esse mesmo apelo à prática, no *Christian Astrology*, quando Lilly apresentou de modo exaustivo como o astrólogo, na prática, resolvia questões cotidianas. Não queria se restringir apenas aos preceitos e regras da astrologia, mas ensinar através de exemplos concretos como o astrólogo trabalhava (ver o **capítulo 2** desta tese).

Também em várias outras passagens concernentes ao interesse de investigar os planetas e ao aperfeiçoamento de instrumentos para pesquisa astronômica não há comentários sobre astrologia (ver, por exemplo: SPRAT, *The history of the Royal Society*, pp. 246 e 250). Novamente os focos de atenção são aspectos observacionais do ponto de vista da astronomia:

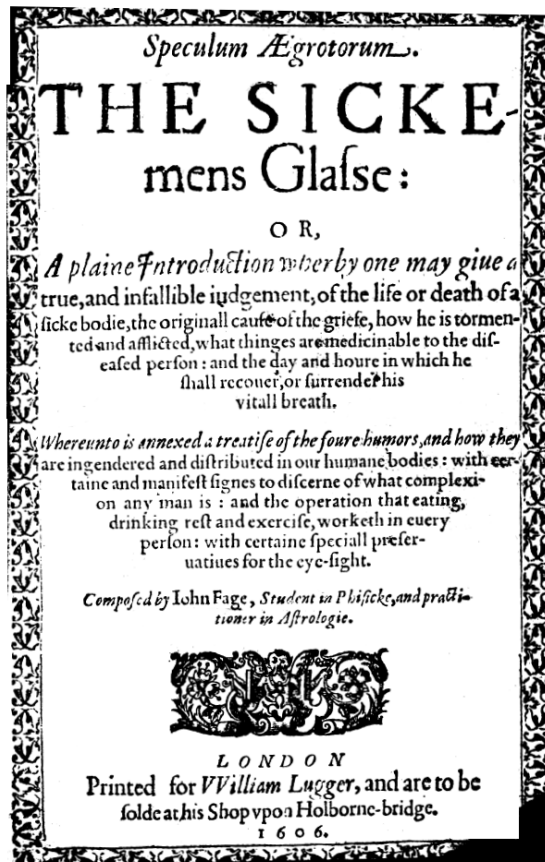
*Observações das Estrelas fixas para o aperfeiçoamento da Astronomia com o auxílio de Telescópios; dos Cometas [...]. Observações sobre Saturno, do tamanho e da posição do seu Anel, do movimento e da Órbita da sua Lua, da sombra do Anel sobre o Corpo e do Corpo sobre o Anel, e de suas Fases [...], dos Cinturões de Júpiter, e das suas manchas e da verticalidade em relação ao seu Eixo, de quando ele eclipsa os seus Satélites e é eclipsado por eles; das Órbitas, Inclinações, Movimentos [...] dos Satélites, com Tabelas e Efemérides dos seus movimentos. Observações das Manchas no Corpo de Marte e do seu movimento giratório em relação ao seu Centro; dos vários Eclipses do Sol e da Lua [...], das Manchas na Lua e de suas várias aparências nas Fases dela [...]. Observações das Figuras Elípticas e onduladas dos Corpos Planetários [...] (SPRAT, *The history of the Royal Society*, pp. 241-2).*

9.2.7 não havia mesmo alusões a influências astrológicas nos exemplos apresentados?

*Na maior parte dos trabalhos mencionados não se nota qualquer interesse de investigar possíveis influências astrológicas. Em contrapartida, em alguns poucos há sim comentários que parecem sugerir a intenção de verificar essa possibilidade. Deve-se ressaltar, no entanto, que esses poucos comentários dizem respeito exclusivamente a fenômenos físicos, como, por exemplo, “a Hipótese de movimento da Lua, e do Mar dependendo dele” (SPRAT, *The history of the Royal Society*, p. 254).*

Um dos trabalhos investigativos registrados constitui numa série de perguntas dirigidas pela instituição a Philberto Vernatti, então residente em Java. Demonstrativas da curiosidade da época a respeito de locais então praticamente desconhecidos, nessas questões há o que parecem ser indagações sobre possíveis influências astrológicas ou ainda referências à medicina humoral, de bases astrológicas:

Q. 7. *Se aquelas Criaturas que estão nessas Partes engordam, em qualquer estação, na Lua cheia, e emagrecem, em qualquer estação, na nova, e se ocorre o contrário nas Índias Orientais?*
A. Percebi que sim pela Experiência na Batavia, em Ostras e Caranguejos (SPRAT, *The history of the Royal Society*, p. 161).



The Contentes of this Booke.

OF the significator of the sicke body.
 A Table to finde out the Criticall, Iudiciall, and Mortall daies.
 Of the Aspects of the Moone with the Planets.
 To knowe whether the sicke person shall liue or dye.
 To knowe when and at what time the sicke person shall amend or recouer.
 To knowe when and at what time the sicke person shall depart or be grieuouly tormented.
 Of the cause of the disease.
 What operation the Moone worketh in euery of the 12. signes, being afflicted by the ill fortunes.
 The manner to knowe of what humor or humors the griefe proceedeth.
 The quality of the foure humors and times appropriated vnto them.
 How the 4. humors are distributed in our humane bodies.
 Infallible signes to discerne of what complexion any man
 What operation eating, drinking, rest, & exercise worketh is, in each complexion.

The names of the Carallors which are heerein written for abridgement sake.

Planets { ♄ Saturne, ♃ Iupiter, ♂ Mars, ☉ Sol, ♀ Venus, ☿ Mercury, ☾ Luna.

Aspects { ☿ Coniunction, * sextile, ♊ Trine, ☐ Quartile, ☿ Opposition.

Signes { ♈ Aries, ♉ Taurus, ♊ Gemini, ♋ Cancer, ♌ Leo, ♍ Virgo, ♎ Libra, ♏ Scorpio, ♐ Sagittarius, ♑ Capricornus, ♒ Aquarius, ♓ Pisces.

Muitas obras médicas do século XVII eram de natureza astrológica. Um exemplo é este livro de John Fage, cujo sumário (à direita) mostra que a maior parte de seu conteúdo se refere à astrologia médica, baseada na teoria hipocrática-galênica dos humores do corpo humano. Esta obra, publicada pela primeira vez em 1606, foi reeditada em 1638. (FAGE, John. *Speculum aegrotorum. The sicke-mens glasse or, A plaine introduction wherby one may giue a true, and infallible iudgement, of the life or death of a sicke bodie, the originall cause of the griefe, how he is tormented and afflicted, what thinges are medicinable to the diseased person: and the day and houre in which he shall recouer, or surrender his vitall breath. Whereunto is annexed a treatise of the foure humors, and how they are ingendered and distributed in our humane bodies: with certaine and manifest signes to discerne of what complexion any man is: and the operation that eating, drinking rest and exercise, worketh in euery person: with certaine speciall preseruatiues for the eye-sight.* Composed by Iohn Fage, student in phisicke, and practitioner in astrologie. London: Printed [by E. Alde] for VVilliam Lutter, and are to be solde at his shop vpon Holborne-bridge, 1606).

Ele [o bêtele] elimina da Cabeça os Humores fleumáticos que são evacuados quando se cospe [...] (SPRAT, *The history of the Royal Society*, p. 162).

Q. 13. Se a Árvore Triste deixa cair suas Flores ao nascer do Sol e de novo quando o Sol se põe? [...] E se ao nascer do Sol as Folhas da Árvore Triste caem como as Flores?

A. Há dois Tipos de Árvore Triste; uma é chamada pelos portugueses *Triste de Die*, o outro *Triste de Nocte*; a primeira deixa cair suas Flores no nascer, a outra no pôr do Sol; mas nenhuma das duas perde suas Folhas [...] (SPRAT, *The history of the Royal Society*, p. 163).

Outro exemplo apresentado por Sprat foi o “Método para se fazer uma História do Clima” de Robert Hooke. Neste trabalho, Hooke comenta a respeito de fatores a serem levados em conta para se chegar a uma “História do Clima”. Medidas de vento, temperatura, pressão e umidade do ar, para um mesmo local, deveriam ser registradas com aparelhos, metódica e exaustivamente, juntamente com outros parâmetros considerados importantes a fim de descobrir possíveis leis:

[...] 5. A Constituição e Aspecto do Céu ou Céus; [...] se o céu está limpo ou nublado; se nublado, de que maneira; se com altas Exalações ou com nuvens Brancas grandes ou Escuras espessas. Se aquelas Nuvens produzem Nevoeiros, Neblina, Granizo, Chuva, ou Neve, [...]. Se a parte de baixo daquelas Nuvens é plana ou ondulada e irregular, como vejo algumas vezes antes dos Trovões. [...] a Cor e o Aspecto do Céu no nascer e no pôr do Sol e da Lua; que Halos ou Anéis podem envolver essas Luminárias, de que Tamanho, Forma e Número.

6. Que Efeitos são produzidos nos Corpos: como Dores e Enfermidades nos Corpos dos Homens; que Doenças ocorrem com mais freqüência como Resfriados, Febres, Febres Intermitentes [...]. Que Putrefações ou outras alterações são produzidas em outros Corpos; como a transpiração do Mármore, a chama azul da Vela, emurchecer das Árvores e do Milho; germinações, crescimentos e definhamentos incomuns de Plantas [...]; a Putrefação incomum de Corpos; a Abundância ou Escassez de Insetos, Frutas, Grãos, Flores, Raízes, Gado, Peixes e Pássaros, ou qualquer coisa notável deste Tipo. Que Conveniências ou Inconveniências possam ocorrer durante o Ano, de qualquer tipo, como por Inundações, Secas, Chuvas Violentas, [...]. Que Noites produzem ou não Orvalho ou Geadas?

7. Que Trovões ou Relâmpagos acontecem e que efeitos produzem, como azedamento de Cerveja e do Leite, morte de Bichos-da-Seda, [...].

8. Qualquer coisa extraordinária nas Marés, como Marés duplas, atrasadas ou antecipadas [...], Cometas ou Aparições incomuns, novas Estrelas, *Ignes fatui* ou Exalações brilhantes, ou algo semelhante (SPRAT, *The history of the Royal Society*, pp. 174-5).¹²

¹² Numa outra passagem do livro, que menciona o trabalho de Christopher Wren sobre a História das Estações, faz-se também alusão a doenças contagiosas estarem relacionadas a condições climáticas (SPRAT, *The history of the Royal Society*, p. 312).

THE
HISTORY
OF THE
ROYAL SOCIETY
OF
LONDON,
For the Improving of
NATURAL KNOWLEDGE.

By THO. SPRAT, D. D. late Lord
Bishop of ROCHESTER.

The THIRD EDITION Corrected.

LONDON:

Printed for J. KNAPTON, J. WALTHOE,
B. and S. TOOKE, D. MIDWINTER, B.
COWSE, J. TONSON, R. ROBINSON,
J. WILFORD, and S. CHAPMAN. 1722.

the ROYAL SOCIETY. 179
A
S C H E M E,
AT ONE
View representing to the Eye the Observations of
the WEATHER for a Month.

Days of the Month and Place of the Sun. Remarkable Houfes.	Age and Sign of the Moon at Noon.	The Quarters of the Wind and its Strength.	The Degrees of Heat and Cold.	The Degrees of Dinefs and Moisture.	The Degrees of Pref- fure.	The Faces or vifible Ap- pearances of the Sky.	The notablest Effects.	General De- ductions to be made after the Side is fitted with Obser- vations: As,
14 II 12.46	27 ♊ 9.46 Perigee.	W. 2 3 3 1/2	10 12 16	2 8 10 1/2	29 1/2 29 1/2 29 1/2	Clear Blue, but Yellowish in the N. E. Thunder, far clouded to- ward the S. A very great checker'd Blue.	A great Dew. Thunder, far to the South. A very great Tide.	From the laft Q. of the Moon to the Change the Weather was very temperate, but cold for the Season; the Wind pretty constant be- tween N. & W. A little before the laft great Wind, and till the Wind rofe at its height, the Quick-fil- ver continu'd defcending till it came very low; after which it be- gan to reaf- cend, &c.
15 II 13.46	28 ♊ 24.51	N. W. 3 4 N. 2	9 8 1	9 8 1	28 1/2 29 1/2 29 1/2	A clear Sky all Day, but a little Check- er'd at 4 P.M. Thunder in at Sunfet red and bazy.	Not by much fo big a Tide as Yesterday. Thunder in the North.	
16 II 14.37	N. Moon at 7.25. A. M. II 10.8.	S. 1 8c.	10 8c.	10 8c.	28 1/2 8c.	Overcast and very low- ing.	No Dew upon the Ground, but very much upon Marble-ftones &c.	

Z 2

DI.



As obras de Thomas Sprat e Thomas Birch sobre a *Royal Society* não permitem identificar investigações realizadas por aquela Sociedade a respeito de astrologia. No entanto, observamos que na reprodução de uma tabela de observações meteorológicas de Robert Hooke transcrita por Sprat (ver acima) há registros cuidadosos das posições do Sol e da Lua em relação às constelações do zodíaco.

Vemos, então, que Robert Hooke propôs a verificação de possíveis relações entre condições climáticas e vários fenômenos. Não há indicações de que as posições dos planetas nos signos e os aspectos formados entre eles pudessem ter qualquer conexão com o clima na Terra. Por outro lado, há a sugestão de verificar a existência de alguma ligação entre clima e cometas ou outras aparições.

Outro dado bastante interessante é que o autor deste trabalho apresentou uma tabela exemplificando como as anotações deveriam ser feitas. Nela constam posições do Sol e da Lua nos signos zodiacais.

Hooke, no entanto, deu a entender que o uso de “Figuras e Caracteres dos Signos comumente usados nos Almanques” era de conveniente praticidade, e que se podia usar indiferentemente os “Dias do Mês, ou o Lugar do Sol” (SPRAT, *The history of the Royal Society*, p. 176). Nada disse a respeito de essas posições implicarem em alguma influência astrológica, embora, curiosamente, parecesse fazer questão de indicar a fase da Lua para cada dia em questão.

Os cometas foram mencionados tanto nessa investigação sobre meteorologia, quanto em outras passagens relacionadas a investigar hipóteses sobre “as diversas Fases e Movimentos e outros Fenômenos”. Não se pode notar, *nem implicitamente*, qualquer sugestão de estudá-los como presságios de acontecimentos ruins.

9.2.8 o céu e o futuro

Dados todos esses comentários, um ponto de discussão ainda parece relevante. Será que o fato de não *estudarem* o céu como indicativo de acontecimentos futuros destinados por Deus à humanidade, significava que para eles o céu *nada tinha a ver* com esses acontecimentos futuros?

Ao que tudo indica, podemos dizer que nessa história oficial da instituição, não é descartada a relação entre o céu e os acontecimentos futuros para os homens de maneira geral (e não particular). Isso, no entanto, não *podia* ser estudado. Ninguém seria capaz de compreender tais relações.

Segundo Thomas Sprat, em algumas ocasiões particulares, em “tempos de grande Ignorância, ou no começo de um novo tipo de Religião ou para uma Punição

peculiar de alguma Maldade prevalecente”, Deus teria sim usado os céus para tentar convencer o mundo, de maneira visível, através de “Sinais extraordinários” (SPRAT, *The history of the Royal Society*, p. 363).

Como considerava aquela uma época em que a razão prevalecia, e na qual já havia uma religião fortemente estabelecida, Sprat acreditava ser improvável a ocorrência freqüente daqueles sinais. Mas o mesmo não pensava a respeito de serem usados como punições exemplares, por julgar estarem tão repletos de vícios quanto outra época qualquer.

[...] Deus pode se manifestar contra as Iniquidades dos Homens por Sinais sobrenaturais do seu descontentamento. Mas, ainda assim, a Interpretação de tais Punições deve ser feita com grande cuidado. Porque se diz-se a respeito do Julgamento Final que *nenhum Homem sabe o momento em que isso irá ocorrer*, então podemos afirmar também a respeito desses Julgamentos particulares que não há Homem que compreenda as Circunstâncias, ou Ocasões em que são Infligidos; eles são uma das mais profundas partes dos Conselhos impenetráveis de Deus.

Então quando uma terrível Calamidade desce do Céu sobre nossa Nação, um *Arrependimento universal* é necessário, mas todas Aplicações particulares a Homens particulares, exceto as que atingem os seus Corações, devem ser reprimidas (SPRAT, *The history of the Royal Society*, pp. 363-4).

9.2.9 Por que não estudar certas coisas?

O encadeamento de argumentos que levavam Thomas Sprat a justificar essa atitude tinha início com comentários de que as coisas imateriais não podiam ser negadas, embora os pesquisadores devessem lidar apenas com as materiais: “a *Royal Society* é suficientemente cautelosa para não lidar com Coisas Espirituais [...]” (SPRAT, *The history of the Royal Society*, p. 347).

Nenhuma filosofia poderia atingir a “Parte espiritual e sobrenatural do Cristianismo”, na qual, além da imaterialidade e do mistério da Santíssima Trindade, incluíam os “decretos de Deus” (SPRAT, *The history of the Royal Society*, p. 354). Sobre esses assuntos crer era a única possibilidade. A religião não necessitava dos instrumentos da razão. Não devia ser motivo de disputas e nem podia ser confinada a uma seita ou filosofia, como, segundo Sprat, ocorria de modo inadequado nas escolas.

Ao que tudo indica, o modo como Sprat, e portanto a *Royal Society*, compreendia a natureza da astrologia, levava-o a julgá-la ser um assunto que fugia à

compreensão humana. E se a astrologia não era um assunto passível de estudo e debate, muito menos de reforma, como queria Francis Bacon.¹³

Como os decretos de Deus eram impossíveis de compreender, deviam ser duras as críticas dirigidas àqueles que, pretensiosamente, ousavam se dizer capazes de fazê-lo:

É, de fato, uma Desgraça para a Razão e a Honra da Humanidade que todos os Humoristas fantásticos devam presumir que interpretam todas as *Ordens secretas do Céu*, e expõem os Momentos, Estações e Destinos dos Impérios, embora ele seja completamente ignorante da mais comum *Obra da Natureza* que está debaixo do seu Pé. Não pode haver nada mais injurioso do que isto para a Paz pública e privada dos Homens. Isto afasta nossa Obediência da verdadeira Imagem de Deus, o Soberano de direito e nos faz depender de vãs Imagens do seu Poder que são construídas pela nossa *Imaginação*. Isto enfraquece a Constância das Ações humanas. Afeta os Homens com Medos, Dúvidas, Irresoluções e Terrores. É geralmente observado que tais *Tempos Proféticos e de Presságios* de fato se seguem a grandes *Destruições e Revoluções* dos Assuntos humanos. E que isso ocorra desse modo é perfeitamente natural, embora os Presságios e Prodígios em si em nada signifiquem tais Eventos. Porque esta *melancolia*, esta *fragilidade*, este *humor Astrológico* desarma os Corações Humanos, quebra sua Coragem, confunde seus Conselhos, e os fazem contribuir para que essas Calamidades os atinjam (SPRAT, *The history of the Royal Society*, pp. 364-5).

A astrologia, no sentido de existir algo escrito nos céus, pertencia à religião. A astrologia, no sentido de um ramo de conhecimento não existia. Não passava de uma construção humana fantasiosa. Os céus de fato podiam indicar coisas que se referissem à humanidade, mas essas jamais podiam ser compreendidas. Quanto às previsões particulares dos astrólogos, estas podiam até mesmo se concretizar pelo simples fato de serem previstas, pela capacidade de influenciar os homens e enfraquecê-los.

9.2.10 Havia outros motivos aparentes para não estudarem aquelas coisas?

Discutida a justificativa de Sprat, podemos nos questionar se ela correspondia na realidade ao porquê de não estudarem a astrologia, ou se podia haver outros fatores que os levavam a essa atitude?

Nessa história oficial da *Royal Society* não temos indicações de que o Rei pudesse vetar um assunto que os pesquisadores desejassem estudar. Um fato bastante

¹³ Se aceitarmos como sincera a justificativa apresentada por Sprat, e, como notamos a seguir, essa atitude espelhava a ética puritana, é possível que a diferença de atitude entre Bacon e seus seguidores em relação

curioso, no entanto, é que o Príncipe Rupert, várias vezes acusado implícita e explicitamente pelo astrólogo William Lilly nas décadas anteriores (ver o **capítulo 2** desta tese), aparece nessa obra como um membro bastante ativo na instituição. Há, por exemplo, várias referências a Rupert trazer para as reuniões notícias de trabalhos de pesquisadores (SPRAT, *The history of the Royal Society*, p. 258).

Se observarmos as atas das reuniões da *Royal Society* vemos que não se discordava da astrologia ou de alguma parte dela. O assunto simplesmente não era debatido. Além disso, sabemos que a proposta de Francis Bacon para reformar a astrologia poderia ter sido discutida e tentada pela instituição, caso houvesse dúvidas sobre partes da astrologia e se quisesse diferenciar o que era ou não válido. Mas, embora várias outras idéias de Bacon para o “avanço do conhecimento” tivessem sido colocadas em prática, não parece ter havido, ao menos internamente da *Royal Society*, qualquer tentativa de reformar a astrologia. Era como se o assunto, por alguma razão *não merecesse, não devesse ou não pudesse* ser estudado.

A explicação de Thomas Sprat, que gira em torno dessa terceira hipótese, parece bastante plausível se levarmos em consideração comentários do sociólogo Robert Merton sobre a ética puritana:

Outorga-se à razão um lugar cuidadosamente circunscrito. Deus é “irracional” no sentido de que não pode ser medido pela razão humana. Em contrapartida, a razão é uma das ferramentas que devem ser usadas nas nossas tarefas nesse mundo. O intelecto deve ser usado para ajudar a ação, cujo propósito supremo está fora de nosso alcance (MERTON, 1938, p. 426).

Estaria essa concepção relacionada àquela justificativa, que derivaria assim de um dos aspectos da ética puritana?

A esse respeito deve-se ressaltar o fato de que William Lilly, um dos astrólogos mais influentes do século XVII, era puritano (ver **capítulo 2** desta tese). Além disso, é interessante notar que Lilly, no seu *Christian Astrology*, deixou explícito que a astrologia na Inglaterra, praticamente esquecida durante o período Elizabetano, havia ressurgido devido ao Parlamento:

à astrologia se devesse a diferenças de posição religiosa entre eles.

Eu não era nada conhecido naquela época [ao chegar a Londres no início da década de 1640] [...]. [...] somente pela sua generosidade e apoio [de Bolstrodt Whitlock]¹⁴ sou o que sou, e a Astrologia está restaurada, apesar dos seus inimigos. Devo chamá-lo o seu Restaurador. [...] esta nobre Arte pela primeira vez adquiriu respeito entre os nossos do Parlamento, e depois disso o Julgamento de todo o Reino a teve em melhor estima [...] (LILLY, *Christian Astrology*, To the Reader).

Mais exatamente, sabemos não ter sido a porção presbiteriana, mas sim os puritanos do Parlamento os grandes incentivadores da astrologia durante o período de Guerra Civil. O período dos puritanos no poder coincidiu, assim, com o período de maior prestígio da astrologia na Inglaterra.

Como a situação teria mudado com a Restauração, em 1660, vale à pena nos questionarmos se a rejeição à astrologia se dava exclusivamente por motivos religiosos, ou se motivos políticos se agregavam a esses.

O historiador Patrick Curry aponta que estava em curso um processo de marginalização da astrologia (CURRY, *Profecy and power*, pp. 47-50). Após a Restauração, os governantes teriam percebido que não eram mais indispensáveis e tomaram medidas para fortalecer a Igreja e o Estado. Como havia florescido durante a Guerra Civil e a República, e muitos astrólogos se envolveram com radicais, a astrologia acabou sendo identificada não somente com a revolução que culminou com o assassinato do Rei, mas também com seitas radicais. O poder dos astrólogos em influenciar a população também já havia sido demonstrado.

As preocupações das elites governantes teriam levado, então, à volta da censura e a fortes ataques à astrologia, muitas vezes descrita como superstição ou adivinhação fundada em suposições imaginárias. Como parte deste mesmo processo social tornou-se moda, ao menos em público, rir dos astrólogos. Várias peças teatrais que ridicularizavam a astrologia surgiram neste período.¹⁵

¹⁴ Bolstrodt Whitlock foi um membro puritano importante do Parlamento. Numa ocasião, Lilly analisou a urina de Whitlock e previu que ele, então doente, não iria morrer. A confirmação da previsão de Lilly teria resultado na proteção do político ao astrólogo (ver o **capítulo 2** desta tese).

¹⁵ A força da identificação puritanismo-astrologia é abordada por Nicolas Nelson em “Astrology, Hudibras, and the Puritans”.

9.2.11 Ridicularizando os astrólogos

Como mencionamos no **capítulo 4** desta tese, na própria obra de Thomas Sprat encontramos passagens em que críticas parecem se misturar a comentários pejorativos de cunho político-religioso. Alquimistas são chamados de “entusiastas”, termo então usado pejorativamente para se referir àqueles que diziam receber diretamente inspiração do Espírito Santo. Há passagens que ridicularizam a importância dada às previsões astrológicas, o que sabemos terem sido “armas” identificadas com os puritanos:

Quase não há Historiador Moderno que relate nossas Guerras Internacionais, que não tenha esta Objeção contra a Disposição dos nossos compatriotas de costumar ordenar seus Negócios de maior Importância de acordo com algum Presságio obscuro ou Previsões que circulou entre eles com pouco ou nenhum fundamento. E agora, especialmente neste último Ano, este humor nebuloso [...] prevaleceu (SPRAT, *The history of the Royal Society*, p. 362).

Voltando à questão do levantamento que antecedia as investigações é curioso notar que, logo depois de mencioná-lo como tão livre de preconceitos, Thomas Sprat apresentou uma crítica contundente aos astrólogos:

[...] a Mente do Homem é como um Espelho, capaz de representar ele mesmo todos os Trabalhos da *Natureza*. Mas somente pode mostrar aquelas Figuras que já tenham sido apresentadas antes. Não é nenhum *Espelho mágico*, como aquele que os *Astrólogos* usam para enganar o ignorante, fazendo-os acreditar que nele podem obter a Imagem de qualquer *Lugar* ou *Pessoa* do Mundo, embora completamente afastada dele (SPRAT, *The history of the Royal Society*, p. 97).

O astrólogo William Lilly se referia de modo favorável ao uso de bolas de cristal, amuletos, talismãs, etc., mas deixava transparecer, ao mesmo tempo, que nem todos eram adeptos do uso desse tipo de instrumento (ver **capítulo 2**). De fato, como vimos no **capítulo 3** dessa tese, vários astrólogos ou mesmo simples defensores da astrologia procuraram diferenciar o que consideravam a astrologia legítima de uma astrologia considerada ilegítima, que parecia recorrer a esses expedientes.

Assim, embora talvez não pudesse ser estendida a todos os astrólogos, apresentada em tom geral, a crítica de Sprat sugeria que a prática astrológica era uma forma de enganar os menos esclarecidos. Vale lembrar, ainda, que o tipo de astrologia reformada proposta por Francis Bacon não parecia recorrer a esse tipo de instrumento.

9.3 A atitude da *Royal Society*

Compreender a atitude da *Royal Society* em relação à astrologia é, portanto, uma tarefa árdua, e que deve levar em conta a conjugação de diversos fatores numa época de intensa efervescência política, social, religiosa e intelectual. Alguns desses fatores foram aqui brevemente discutidos

Temos assim que embora expressões como “influências astrológicas” e “astrologia” *não* sejam mencionadas nesses exemplos de estudos apresentados por Birch e Sprat, parece haver sim a intenção de investigar alguma relação entre o céu e acontecimentos físicos.

Curiosamente, no entanto, certos comentários de Sprat sobre religião e previsões podem deixar atônito qualquer leitor já convencido de que a instituição se dispunha a estudar ao menos a astrologia dita natural, ainda que não se referisse assim a essas investigações.

É interessante notar, assim, que, ao menos segundo as minutas dos encontros reunidos por Thomas Birch, bem como a história oficial da instituição escrita por Thomas Sprat, a *Royal Society*, que tinha Francis Bacon como seu maior inspirador, *não admitia ter interesse em estudar astrologia e nem parecia empenhada em realizar alguma reforma nesse ramo de conhecimentos*, ao contrário de áreas como a medicina em que parecia seguir bem de perto os ensinamentos do seu mestre.¹⁶ *Também não parecia interessada em refutar a astrologia ou criticar alguns de seus pontos*. Por outro lado, questões como a relação entre fases da Lua e o clima ou mesmo a conformação corpórea de ostras e caranguejos aparecem sim em trabalhos, mas *não são mencionadas como “influências astrológicas”*. Assim, embora não as qualificassem dessa maneira, estavam sim estudando esses assuntos.

¹⁶ A sugestão de Francis Bacon reformar a astrologia não foi a única proposta de reforma não seguida pela *Royal Society*. No capítulo I, do livro IV do *Advancement of learning*, Bacon se referiu à “interpretação de sonhos” como uma área de estudo que “descreve o estado e a disposição do corpo pelas agitações da alma”. Essa e a fisionomia estariam: “[...] infectadas por noções fantásticas e superstições, no entanto, estando bem depuradas e totalmente restauradas, têm na natureza um fundamento bastante sólido e são de grande utilidade para a vida comum”. John Webster também defendeu essas áreas de conhecimento anos

depois no seu *Academiarum Examen*, e, por isso, foi ridicularizado na resposta de Seth Ward e John Wilkins.

Capítulo 10 – Conclusão

Um dos temas encontrados com muita frequência na filosofia da ciência é a Revolução Científica. Geralmente estudos sobre o assunto se concentram sobre áreas como a física e a astronomia, e verificam a existência de uma nova racionalidade. Consideramos importante estender esses estudos para outras áreas como a matemática, a medicina e a astrologia. Nesta tese propusemos olhar como essa situação se descortinava na época sob o ponto de vista da astrologia.

No início do século passado, o matemático belga e historiador da ciência George Sarton (1884-1956), um dos responsáveis pelo estabelecimento da história da ciência como campo de estudo acadêmico, desejava uma história da *ciência real*, isto é, da ciência como então se conhecia (ver SARTON, *La historia de la ciencia y el nuevo humanismo*).

Aquilo que então não era ciência ou que havia feito parte da visão de mundo do homem em períodos anteriores era ignorado ou rotulado como “pseudociência”.¹

Embora em muitos aspectos o filósofo russo e historiador da ciência Alexandre Koyré (1892-1964) tivesse uma posição diferente da de Sarton, ele descreveu a Renascença como “uma das épocas menos providas de espírito crítico que o mundo havia conhecido”:

É a época da superstição mais grosseira e profunda, uma época na qual a crença na magia e na bruxaria se estendeu de uma maneira prodigiosa, e foi infinitamente mais difundida do que na Idade Média; e bem se sabe que naquela época a astrologia desempenhava um papel muito mais importante do que a astronomia – sua parente pobre, como a chamava Kepler [...] (KOYRÉ, *Études d’histoire de la pensée scientifique*, p. 51).

Vemos, portanto, que para Koyré, adepto da noção de avanço descontínuo da ciência (cada época partia de diferentes precursores), a situação de prestígio da astrologia na Renascença era motivo de certo desconforto.

¹ Parecia haver certa distinção entre as pré ou protociências e as pseudociências. As duas primeiras designariam o que havia dado certo: da astrologia sairia a astronomia, da alquimia a química. Já as pseudociências, como alguns tipos de magia, não teriam mesmo dado em nada. Seriam apenas enganos ou frutos da ignorância do passado (ALFONSO-GOLDFARB, *O que é história da ciência*, p. 73).

George Sarton e Alexandre Koyré ilustram posições muito comuns no que diz respeito ao tratamento de assuntos como magia, alquimia e astrologia há algum tempo. Todavia, como mencionamos na introdução a esta tese, nas últimas décadas a abordagem da história da ciência mudou. Tornou-se igualmente válido, para o historiador da ciência, estudar a história da astronomia ou da astrologia, a teoria do flogisto ou a teoria da oxidação de Lavoisier, o mesmerismo ou a teoria microbiana das doenças.²

Ainda em meados da década de 1950, Lynn Thorndike qualificou como grave injustiça à astrologia considerar inaugurada com Galileu, e culminada com os trabalhos de Newton, a convicção de que a natureza estava sujeita a leis universais imutáveis, passíveis de serem expressas matematicamente. Thorndike lamentou que os historiadores da ciência se mostrassem “estranhamente cegos” à importância da lei universal e impetuosa que constituía a base da astrologia (THORNDIKE, 1955, pp. 274-5). Embora insistisse na tese de que o conhecimento progredia, a obra de Thorndike foi uma das primeiras a enveredar por temas então esquivos.

Não é incomum a história da astrologia ser vista como uma “história de perdedores”. Tal como aponta o historiador Patrick Curry, são problemas graves no estudo das pseudociências o uso acrítico da palavra “superstição” e seus sinônimos, além da adoção de uma abordagem “teleológica” - a história marcha em direção a uma meta, ajudada por heróis e obstruída por vilões - e anacrônica, disposta a penetrar na história como um participante que premia e pune com a compreensão tardia do que devia ser feito (CURRY, *Prophecy and power*, p. 3).

No estudo da história da astrologia no século XVII, acreditamos que seja preferível adotar uma postura compatível com o contexto da época. Havia uma crença bastante generalizada na existência de influências celestes. Não tão amplamente aceita, a astrologia, entendida como estudo e possibilidade de fazer previsões a partir dessas influências, se desenvolvia no terreno ainda instável da Revolução Científica. Interessou-nos, por exemplo, estudar como reagiram astrólogos, astrônomos e a

² Neste aspecto, a história da ciência atual se tornou semelhante à história da filosofia, que estuda diferentes concepções, de todos os períodos, sem a preocupação com a aceitação atual dessas idéias.

sociedade de modo geral frente a possíveis implicações das novas idéias e descobertas da astronomia, bem como às novas exigências da recém estabelecida *Royal Society*.

Talvez seja mais proveitoso, também, evitarmos admitir que esses estudos tenham como intuito algo como entender por quê as pessoas hoje consideradas inteligentes adotam a “posição correta” de não acreditar na astrologia, enquanto naquele período aqueles que eram colocados nessa mesma categoria a aceitavam com tanta convicção. Assim, evitamos conclusões do tipo: “[...] o racionalismo [...] não atingiu sua estatura plena até meados do século XVII, [...], e foi este racionalismo que tornou a astrologia uma crença insustentável para a parcela mais inteligente da humanidade” (ALLEN, *The star-crossed Renaissance*, pp. 243-4).

Embora numa pesquisa que tenha seus objetivos assim descritos possa estar presente de maneira efetiva a noção de contextualização, o pesquisador acaba assumindo também um papel de juiz; papel este que não lhe deve caber.³

Num trabalho publicado há poucos anos, Tamsyn Barton comenta que estudos historiográficos sobre a astronomia até chegavam a abordar a astrologia, mas raramente o interesse era pela própria astrologia, “até muito recentemente vista como um embaraçoso lapso de astrônomos como Ptolomeu” (BARTON, *Ancient astrology*, p. 5).

Tamsyn Barton qualifica como desvio anacrônico tratar a astrologia simplesmente como pseudociência, porque tal atitude impediria qualquer pesquisa mais fecunda sobre como a astrologia funcionava na Antigüidade (BARTON, *Ancient astrology*, p. 6).

Podemos pensar que esses comentários deferidos pela autora já são “lugar-comum”, e, portanto, totalmente dispensáveis. Discussões como anacronismo e julgamentos de valor já teriam sido ultrapassadas, e atualmente certas abordagens não

³ Esse problema não é exclusivo de trabalhos sobre a história da astrologia, e sim parece ter forte incidência em áreas consideradas polêmicas e ainda pouco estudadas. Na minha pesquisa de mestrado pude verificar a existência desses “historiadores-juizes”, também entre autores de trabalhos sobre a história das investigações de fenômenos paranormais no século XIX. Alguns trabalhos têm como premissa fundamental a inexistência desses fenômenos, e procuram decidir entre duas opções: os cientistas foram enganados ou os cientistas participaram de fraudes (ver FERREIRA, *Estudando o invisível: William Crookes e a nova força*).

seriam mais encontradas. No entanto, especialmente quando se lida com assuntos como magia, astrologia, dentre outros, vemos que certas posições não são tão raras.

O fato de a abordagem do passado ter mudado apenas recentemente reflete-se na existência de pouquíssimos estudos publicados sobre astrologia do século XVII. Ao comentar a respeito da situação dos trabalhos sobre a astrologia, Jim Tester manifesta uma posição um tanto quanto desanimadora, mas comum a outros autores:

A literatura da astrologia e sobre a astrologia é imensa. A parte dos trabalhos de especialistas sobre aspectos particulares ou escritores da Antigüidade e da Idade Média, [...], é quase totalmente, [...] inútil para o historiador. Livros sobre o assunto caem geralmente em três categorias. Primeiro, existem os de astrólogos ou simpatizantes, que são úteis para explicar como a astrologia funciona, mas geralmente são não-históricos – algumas vezes grosseiramente – e universalmente acríticos. Em segundo lugar, existem os livros que atacam a astrologia. Os do passado são ocasionalmente úteis como fontes de informação, mas ao menos na maior parte são tão acríticos e não-históricos quanto os do primeiro grupo. Em terceiro lugar, vêm as histórias ou delineamentos populares, que aumentaram muito em número recentemente, mas não em qualidade (TESTER, *A history of western astrology*, pp. 1-2).

A obra *Religion and the decline of magic* de Keith Thomas, publicada inicialmente em 1971, teve o mérito de ser uma das pioneiras na abordagem de um possível declínio da astrologia durante o século XVII. Thomas iniciou discussões sobre temas então merecedores de pouca ou nenhuma atenção. Apresentou de maneira clara, cativante e com boa documentação, um panorama da astrologia inglesa daquela época.

Existem também outros trabalhos mais recentes sobre o assunto, como *Prophecy and power: astrology in Early Modern England* de Patrick Curry. Esse autor propôs uma releitura para a história da astrologia no período, e, como outros que escreveram sobre o assunto, reconheceu a importância do trabalho de Keith Thomas. O propósito explícito de Curry foi retomar discussões iniciadas por Thomas, sugerindo respostas para alguns questionamentos: A astrologia realmente morreu, ou declinou? Se sim, por que e como isso aconteceu? O que aconteceu depois? (CURRY, *Prophecy and Power*, p. 2).

Nota-se que quanto à discussão a respeito de um possível declínio da astrologia as duas obras manifestam posições bastante distintas.

Segundo Keith Thomas houve realmente um declínio da astrologia e de outros sistemas de crenças das quais ela diferia pela alta exigência intelectual (THOMAS, *Religion and the decline of magic*, p. 283).

As pretensões intelectuais da teoria astrológica foram irreparavelmente abaladas pela revolução astronômica iniciada por Copérnico e consumada por Newton. [...] Mas ainda nenhuma dessas mudanças [...] tornava a astrologia impossível [...] O Heliocentrismo era consistente com a astrologia. [...] O que realmente destruiu a possibilidade de uma astrologia científica foi a distinção entre corpos celestes e terrestres [...]. A velha dicotomia entre coisas celestiais e sublunares que era a própria fundação da teoria astrológica então se tornou incrivelmente insustentável. Uma vez abandonada, tornou-se impossível definir a natureza daquela influência astrológica de mão única que se supunha as estrelas exercerem sobre a Terra (THOMAS, *Religion and the decline of magic*, p. 349).

Outros trabalhos historiográficos que vieram em seguida parecem ter apontado essas mesmas circunstâncias: o heliocentrismo e todas essas revelações complicavam os cálculos, mas não eram impossíveis de serem absorvidos pela astrologia. O que realmente a abalava era o fim da distinção entre corpos celestes e sublunares (TESTER, *A History of Western Astrology*, capítulo VI).

É interessante notarmos, no entanto, que ao expor tal tese, Keith Thomas não apresentou um único testemunho *do século XVII* que a sustentasse. Essa idéia podia ser razoável, mas restava mostrar (o que ele não fez) que *as pessoas da época pensaram assim*.

Como foi observado no **capítulo 6** desta tese, embora a interpretação de Thomas pareça plausível, não encontramos nas fontes estudadas do século XVII uma confirmação de tal explicação. Não parece difícil, aliás, mostrarmos o contrário, isto é, declarações daquela época que contrariam a tese de Keith Thomas.

Bacon, por exemplo, não parecia ver como um problema para a astrologia o fim dessa dicotomia entre corpos celestes e sublunares. Bacon, autor de uma proposta de reforma da astrologia (ver **capítulo 7**), *se referia negativamente a uma “pretensa separação entre os corpos supralunares e sublunares”*. Esses últimos não seriam regidos pelos primeiros, mas sim haveria inclinações fundamentais da matéria, influências universais que penetrariam todas as coisas. Assim, os movimentos inferiores

e superiores teriam inclinações provocadas por causas comuns (BACON, *Of the dignity and advancement of learning*, L. III, Ch. IV, p. 349).

Havia também pessoas que não pareciam supor a existência de “uma influência de mão única das estrelas sobre a Terra” .

Como vimos no **capítulo 6** desta tese, as declarações de Johannes Kepler deixam transparecer que ele não considerava que os corpos celestes apenas exercessem influência sobre a Terra, mas sim que havia uma influência mútua entre esses. Kepler pensava, por exemplo, que se houvesse habitantes em Júpiter esses estariam sujeitos à influência dos satélites desse planeta.

Já no **capítulo 5** mostramos a resposta em tom irreverente de John Goad ao questionamento do filósofo Pierre Gassendi sobre a existência de uma influência da Terra sobre a Lua: ninguém havia dito que tal influência não existia, mas isso não era importante a menos que nos mudássemos para a Lua.

Os primeiros trabalhos historiográficos sobre o assunto “declínio da astrologia” relacionaram esse processo às descobertas astronômicas ocorridas entre Copérnico e Newton. O historiador Keith Thomas apontou ainda que a nova ciência também teria complicado a situação da astrologia ao insistir que todas as verdades deveriam ser demonstradas e enfatizar a necessidade de experiência direta. O autor retifica, por outro lado, que *essas mudanças pelas quais passou a astrologia não podem ser atribuídas simplesmente à revolução científica* (THOMAS, *Religion and the decline of magic*, p. 644).

Vale notar, no entanto, como mostramos no **capítulo 5** desta tese, que observações de que havia problemas na astrologia quanto às demonstrações e à experiência não foram apresentadas pelos críticos do século XVII como argumentos relacionados a possíveis novas exigências da revolução científica. Apresentamos mesmo autores do século anterior que já insistiam nessa questão. E, em contraposição, um dos ícones ingleses dessa revolução, a *Royal Society*, poderia tê-lo feito, mas nem parece ter se incomodado com o assunto (ver **capítulo 9**).

Em sua obra, o historiador Keith Thomas verifica que o declínio da magia teria *coincido* com a ampliação das possibilidades de controle do meio: colheitas melhores,

fim das grandes epidemias, melhoria nas comunicações (jornais e correios), técnicas de combate a incêndios, surgimento de companhias de seguro. Menos vulneráveis a certos tipos de desastres, os homens teriam menos necessidade de apelar para soluções mágicas (THOMAS, *Religion and the decline of magic*, p. 654).

Além disso, segundo Thomas, novos tipos de conhecimentos como, por exemplo, noções de estatística, substituiriam as explicações místicas de desgraças em termos de bruxas, fantasmas e providência divina. No final do século XVII também já seria comum entre os intelectuais a percepção de o quanto as dificuldades econômicas e sociais podiam ter causas impessoais, e de que a educação podia explicar diferenças entre pessoas e camadas sociais.

A coincidência temporal, no entanto, não implicaria numa relação causal direta entre essas melhorias e o declínio da astrologia. *Segundo Thomas, se examinada atentamente, a tese da magia perdendo lugar diante da tecnologia parece cada vez menos convincente.* A correspondência entre magia e necessidades sociais nunca teria sido forte, e a astrologia conhecida pela Inglaterra naquela época havia nascido num ambiente social completamente diferente (THOMAS, *Religion and the decline of magic*, p. 640).

De acordo com o autor, no século XVII, os homens se emanciparam das crenças mágicas sem necessariamente terem elaborado qualquer tecnologia efetiva que pudesse substituí-las. A rejeição da magia estava ainda desacompanhada da descoberta de novas soluções para preencher as lacunas deixadas por ela. Isso só teria sido possível porque a magia estava deixando de ser intelectualmente aceitável e a religião ensinava-os a tentarem ajudar-se a si mesmos antes de invocar ajuda sobrenatural.

A diferença entre os séculos XVIII e XVI não estaria tanto nas conquistas, mas sim nas aspirações. A mudança teria sido mais mental do que tecnológica. Os homens se tornaram mais preparados para combinar a impotência em face da corrente desgraça com a fé de que uma solução técnica seria um dia encontrada. As origens primitivas desta fé na capacidade humana, no entanto, seriam um mistério (THOMAS, *Religion and the decline of magic*, p. 663).

É difícil, no entanto, dizermos que isso significava a opinião geral da época, já que a população parece ter continuado a interpretar as pestes como castigo divino.

Em primeira instância, essa hipótese de mudança de mentalidade *pareceria* receber certo endosso da história oficial da *Royal Society*. Como vimos no **capítulo 9** desta tese, nos relatos de pesquisas a respeito das pestes, Thomas Sprat mostrou que os estudiosos se empenhavam na busca de explicações, e embora ainda não tivessem conseguido respostas satisfatórias, nem ao menos sugeriam a possibilidade de alguma explicação fatalista para aquelas ocorrências. Pareciam ter fé de que poderiam explicá-las.

Todavia, o próprio Thomas Sprat, em certos trechos da história oficial da *Royal Society*, *mostrava-se de acordo com a opinião geral da época*, que parecia interpretar as pestes como castigo divino (ver **capítulo 9** desta tese). Ainda que não recomendasse que nessas situações a população lotasse os consultórios dos astrólogos, como aconteceu com o de William Lilly em 1665 (LILLY, *The life of those eminent antiquaries*, p. 139), Sprat considerava que as pragas podiam ser utilizadas por Deus como punições exemplares. Interpretar tais punições exigiria muito cuidado, pois, esses seriam decretos impenetráveis de Deus (SPRAT, *The history of the Royal Society*, pp. 363-4).

O historiador Patrick Curry, assim como Keith Thomas, concorda que explicar um aparente declínio da astrologia após a Restauração em termos de novas descobertas científicas e avanços tecnológicos não é muito convincente. Mas, ao contrário de Thomas, não aceita a tese da nova ideologia da auto-suficiência do ser humano.

Na verdade, *Curry propõe que não tenha havido um declínio da astrologia*: “a astrologia realmente sofreu uma rápida e acentuada mudança entre 1660 e 1700 – embora nada que poderia, em sã consciência, ser chamado de morte” (CURRY, *Prophecy and power*, p. 7).

O autor sugere a divisão da astrologia em popular, judicial e filosófica, e tenta delinear que caminho seguiu cada uma dessas astrologias. Mostra, por exemplo, que não houve propriamente um declínio da astrologia, mas sim uma *transformação*.

A astrologia popular não elaborava horóscopos e incluía as crenças astrológicas ligadas à Lua. Já a astrologia judicial, se dedicava a partir dos horóscopos a responder perguntas de caráter particular como as chamadas “questões horárias”, e ficava em algum lugar entre a astrologia popular e a filosófica. Suas interpretações do cosmo excediam muito em complexidade as promovidas pela astrologia popular, mas eram aplicadas – diferentemente da astrologia filosófica - à vida de indivíduos.

Para Patrick Curry, a astrologia popular se manteve tão forte quanto antes e a judicial perdeu prestígio principalmente entre as camadas dominantes; nenhuma das duas foi extinta. Já com a astrologia filosófica este processo de extinção parecia mesmo estar ocorrendo (CURRY, *Prophecy and power*, pp. 127-8).

A astrologia filosófica, que não se baseava na interpretação de horóscopos e se dedicava a fazer previsões de acordo com a observação direta dos astros, teria sido tão incorporada à filosofia natural que acabou se tornando indistinguível dela. Idéias abertamente astrológicas foram reescritas em termos da filosofia natural. Os trabalhos de Newton e outros estudiosos no final do século XVII e início do XVIII sobre teorias cosmológicas, especialmente a respeito de cometas, se baseavam em idéias de origem astrológica, porém recicladas e escritas em novos termos científicos de modo tal que nem eram mais ampla ou facilmente reconhecidas como astrologia.⁴

Patrick Curry observa que este processo tem sido ignorado ou mal compreendido pelos historiadores. Num esforço geral para preservar a pureza de antecedentes da ciência moderna, indivíduos teriam sido divididos em categorias (“científicos” *versus* “supersticiosos”) ou internamente – deixando a alquimia de Newton, por exemplo, tornar-se “inofensiva”, por estar hermeticamente separada do Newton que interessa (CURRY, *Prophecy and power*, p. 139).

Quanto aos comentários de Curry relacionados ao período abordado nesta tese, podemos dizer que são bastante interessantes. No entanto, ele parece ter se esquecido de

⁴ Segundo Curry, as idéias de Newton sobre cometas incluíam admiti-los como oficiais do poder divino: mantinham a estabilidade do cosmo; suas caudas reabasteciam a vida vegetativa na Terra; tinham o poder sagrado de varrer os vestígios politeístas e a idolatria corrupta do paganismo – incluindo “astrólogos, profetas, e sacerdotes [...]”. Então, construídas cientificamente e teologicamente, o conceito fundamentalmente astrológico de cometa poderia ser usado como arma retórica contra os astrólogos” (CURRY, *Prophecy and power*, pp. 139 e 142).

dizer que tal divisão (os tipos de astrologia “popular”, judicial e “filosófica”) não existia na época e muito menos o rótulo “astrologia filosófica” seria compreensível para os filósofos naturais daquele período. Aliás, talvez pesquisadores da recém-fundada *Royal Society* que viam alguma relação entre a Lua e as marés não gostassem de verem chamada de “astrologia filosófica” a área de estudo à qual se dedicavam.

Patrick Cury considera que embora se tenha algumas vezes creditado a destruição da astrologia à ciência moderna, sua contribuição para a “morte” da astrologia depois de 1660, não teria ocorrido de maneira direta ou óbvia (CURRY, *Prophecy and power*, pp. 47-50).

Curry sugere e analisa uma hipótese baseada em motivações sociais e políticas para as transformações na aceitação da astrologia durante o século XVII: estaria em curso um processo de marginalização da astrologia.

Como mencionamos no **capítulo 9** desta tese, segundo Patrick Curry, após a Restauração, os governantes tomaram medidas para fortalecer a Igreja e o Estado. A astrologia havia florescido entre a Guerra Civil e a República, muitos astrólogos se envolveram com seitas radicais, e haviam demonstrado seu poder em influenciar a população. As preocupações das elites governantes teriam levado, então, à volta da censura e a fortes ataques à astrologia, que muitas vezes é descrita como superstição ou adivinhação fundada em suposições imaginárias. Tornou-se moda, ao menos em público, rir dos astrólogos.

De fato, como vimos no **capítulo 4** desta tese, muitos ataques à astrologia tinham motivação social. Em contraposição, como também mostramos nesse capítulo, o próprio astrólogo William Lilly, um dos mais importantes da época, também atacava essas seitas radicais.

Nossos comentários no **capítulo 4** sugerem muito mais que esse tipo de crítica à astrologia era desferida *sem muita elaboração*, e não parecia fazer parte de um processo *consciente* de marginalização da astrologia. Era dirigida a quem quer que o crítico se opusesse, e utilizava expressões variadas. Talvez esses comentários pejorativos a respeito da astrologia e da alquimia tenham sido sim elementos importantes no sentido

de rotulá-las como superstições vulgares, mas esse processo não parece ter sido tão deliberadamente produzido como Curry o descreve.

Além disso, se por um lado, William Lilly, e outros astrólogos como John Booker, se envolveram diretamente com a oposição ao Rei durante a Guerra Civil, seus escritos astrológicos foram igualmente combatidos por outro astrólogo, George Wharton, que se engajou abertamente a favor do Rei nos combates. Se houve alguma identificação da astrologia com tal período pode ter sido muito mais pela possível “restauração” da astrologia promovida por Lilly (discutida no **capítulo 2**) do que propriamente pelos escritos da Guerra Civil.

Outro ponto interessante é que o Rei Charles II poderia até ter algum poder (embora nada o confirme) de impedir estudos astrológicos na *Royal Society*, instituição de pesquisa que ele próprio oficializou. Mas, como vimos no **capítulo 9** desta tese, seus membros apresentaram um argumento de cunho não político, mas religioso (e, diga-se de passagem, bastante razoável) para não estudarem astrologia. Assim, se tinham em mente a atitude de não estudar astrologia, deliberadamente produzida a fim de marginalizá-la por motivos políticos, ao menos conseguiram disfarçá-la de modo bastante convincente. No material estudado nesta tese não foram, no entanto, encontradas evidências de motivações políticas para a atitude da *Royal Society*.

O historiador Patrick Curry aponta que a adoção de um programa baconiano pela recém-fundada *Royal Society* parece estar diretamente relacionada à perda de prestígio da astrologia no meio intelectual após a Restauração (CURRY, *Prophecy and Power*, capítulo 3; ver também TESTER, *A History of Western Astrology*, capítulo VI). A instituição tinha como objetivo criar um corpo de conhecimento “verdadeiro”, livre de disputas e controvérsias, e proveniente de uma série de procedimentos baseados no método experimental. Segundo Curry, caberia àqueles que defendiam a astrologia mostrar que ela cumpria esses requisitos, isto é, que estava livre de controvérsias e baseava-se em procedimentos experimentais. Ou, por outro lado, realizar reformas que pudessem pôr fim às discussões a respeito da legitimidade da astrologia.

Se a *Royal Society* achava que cabia àqueles que defendiam a astrologia realizar reformas a fim de adequá-las às suas exigências, ao menos podemos dizer que isso não

está nem mesmo implícito no material que analisamos nesta tese. Não há evidências de que a instituição tenha tomado tal posição. Como vimos **no capítulo 9**, a hipótese de que alguma *atitude* da *Royal Society* tenha influenciado nessa perda de prestígio intelectual da astrologia só pode ser concebida se essa atitude for entendida como o “silêncio e sugestivo desprezo da instituição pelo assunto”. Curry, no entanto, não esclarece o que entende por “atitude da *Royal Society*”, não analisa essa questão e também não consegue relacioná-la ao processo em curso com a astrologia.

Como vimos, diferentes hipóteses foram propostas por Keith Thomas, no início da década de 1970, e por Patrick Curry, quase vinte anos depois. Para entendermos o porquê dessas diferenças, é necessário levarmos em conta o contexto em que os dois autores escreveram.

A proposta de Curry pode ser entendida como fruto de um momento na historiografia em que termos como “apogeu” e “declínio” são levados a questionamento. Discute-se, por exemplo, como se pode falar em “declínio” e “apogeu” se isso implica necessariamente em conhecer um “antes” e um “depois”, ao passo que os próprios protagonistas dos diferentes momentos históricos não têm consciência de estarem vivendo tais processos. Isto é, tais termos implicariam, de certo modo, numa visão anacrônica.⁵

Pode-se dizer que, de maneira bastante contundente, um posicionamento desfavorável à astrologia transparece nas palavras de Keith Thomas:

Astrologia, bruxaria, cura através da magia, adivinhação, profecias antigas, fantasmas e fadas, todos são agora corretamente desprezados pelas pessoas inteligentes. Mas eles eram levados a sério por pessoas igualmente inteligentes no passado. É papel do historiador explicar o porquê disso (THOMAS, *Religion and the decline of magic*, p. ix)

Aos nossos olhos a noção de que a vida quotidiana dos seres humanos deve ser determinada pelos movimentos dos corpos celestes parece tão fantástica que é difícil compreender como homens inteligentes e perspicazes

⁵ Assim, como comenta o historiador Roger Chartier: “A tarefa primeira do historiador, [...], é, portanto, reencontrar essas representações antigas na sua irredutível especificidade, isto é, sem as envolver em categorias anacrônicas nem as medir pelos padrões de utensilagem mental do século XX, entendida implicitamente como o resultado necessário de um progresso contínuo” (CHARTIER, *A história cultural, entre práticas e representações*, p. 37).

poderiam de alguma maneira tê-la aceito (THOMAS, *Religion and the decline of magic*, p. 232).

Quanto à questão de julgar ou não a validade da astrologia, sob o ponto de vista da historiografia atual, parece mais adequada a posição de Patrick Curry: “Interessei-me por ela já há muito tempo. Desde então minha atitude mudou radicalmente diversas vezes: de partidário a cético, e finalmente para historiador” (CURRY, *Prophecy and power*, p. 1).

Em alguns comentários de Patrick Curry podemos notar, ainda, fortes críticas ao modo como certos posicionamentos pessoais a respeito do objeto de pesquisa acabam comprometendo a qualidade dos trabalhos:

Não há razão para que o historiador negue os interesses políticos e sociais contemporâneos; eles são inevitáveis, mesmo desejáveis, e melhor explícitos do que suprimidos. Mas eles não justificam estudos ruins. E isto é inevitável se o historiador insiste em tomar uma posição exclusiva dentro do próprio debate que estamos tentando compreender (CURRY, *Prophecy and power*, p. 3).

A clara exposição de um posicionamento pessoal de Keith Thomas a respeito da validade da astrologia pode deixar o leitor um tanto quanto receoso a respeito do que encontrará no restante da obra. No entanto, no caso específico de Thomas, alguns pontos devem ser ressaltados.

Ao contrário da expectativa gerada por essas declarações, o posicionamento pessoal deste autor em relação à astrologia não parece efetivamente comprometer seu trabalho.

No *Religion and the decline of magic*, em certo momento, por exemplo, Keith Thomas descreve a ambigüidade e a falta de clareza dos textos astrológicos como “truques”; como se os almanaques recorressem de modo deliberado a tais recursos para evitar acusações de falhas nas previsões. Mais adiante, Thomas comenta que “ainda mais irritantemente o astrólogo podia dizer que teria havido intervenção divina” e que “os eventos confusos do *Interregnum* forçaram William Lilly a recorrer repetidas vezes ao conceito de milagres imprevisíveis” (THOMAS, *Religion and the decline of magic*, pp. 335-6).

Após longamente discorrer a respeito dos “truques” usados pelos astrólogos, o que deixa o leitor (já de antemão ciente da posição pessoal do autor) com a convicção de estar diante de julgamentos de valor, Thomas comenta que não há razão para acreditar que astrólogos e seus clientes não acreditassem sinceramente naquelas justificativas!

Assim, em certo momento ele parece considerar que os astrólogos, de modo malicioso, usavam artimanhas. Em outro, sugere que essas justificativas *evidentemente eram estúpidas*, mas não há motivo que nos leve a pensar que astrólogos e seus clientes não acreditavam nelas. Ou seja, algumas páginas depois, os astrólogos não mais usavam “truques”, mas sim explicações, que para eles, ao menos, eram perfeitamente razoáveis.

A leitura do *Religion and the decline of magic* parece nos trazer a todo tempo uma sensação curiosa de que o autor se encontrava num momento de transformações nas abordagens historiográficas: um assunto que antes não merecia atenção é colocado em discussão; há uma forte contextualização do tema debatido; o autor parece fazer certos julgamentos de valor, reconhece esta atitude e acaba voltando atrás, mesmo que às vezes de maneira confusa.

A comparação dessas duas obras, que apresentam visões e abordagens bem diferentes acerca do mesmo tema, ilustra de modo eficaz transformações no modo como têm sido abordadas nas últimas décadas as chamadas “pseudociências”. Alguns outros trabalhos sobre a história da astrologia foram produzidos entre Thomas e Curry, e continuaram sendo produzidos depois, mesmo que em pequeno número.

Parte dos raríssimos trabalhos historiográficos sobre a astrologia *aponta* uma ligação estreita entre o declínio da sua respeitabilidade intelectual e as novas descobertas da astronomia naquela época. Abordadas especialmente nos **capítulos 4 e 8** desta tese, as discussões de Seth Ward, John Webster e John Wilkins sugerem o quão inadequado é dizer que a astrologia perdeu prestígio junto às pessoas mais cultas em função da “substituição” do sistema ptolomaico pelo copernicano.

Poucos autores, como Ann Geneva e Mary Bowden, sugerem alternativas para explicar essa situação. Em trabalhos relativamente recentes, Geneva e Bowden

apresentaram novas e discordantes hipóteses para explicar o processo em curso com a astrologia durante o século XVII.

Quanto ao declínio da respeitabilidade intelectual da astrologia, para Ann Geneva este fato estaria relacionado à rejeição de sua linguagem simbólica. Já para Mary Bowden, essa queda de prestígio se relacionaria às falhas na tentativa de se produzir uma revolução científica desse ramo de conhecimento através das propostas de reforma (ver GENEVA, “England’s Propheticall Merline Decoded”, pp. 462-3 e BOWDEN, “The Scientific Revolution in astrology: the English reformers”, pp. 218-4).

De fato, como mencionamos no **capítulo 8** desta tese, ao comentarmos a resposta de Seth Ward a John Webster, o membro da então embrionária *Royal Society* não poupava pesadas ridicularizações à linguagem simbólica empregada por alquimistas. Além disso, atacava duramente a proposta de linguagem universal mencionada por Webster, que teria como base hieróglifos e a criptografia, por considerar que essa era feita para *ocultar* e não para *revelar*, o que para Ward deveria ser uma preocupação fundamental da ciência.

Seth Ward e John Wilkins, assim como Thomas Sprat, queriam que a ciência fosse escrita numa linguagem clara, evidente, simples, que pudesse ser compreendida e facilitasse a discussão e o intercâmbio de idéias entre os pesquisadores. Por outro lado, vemos que isso também não era muito diferente do que Lilly queria, ainda que sua posição pudesse ser diferente de alguns astrólogos que, como ele mesmo menciona, atacaram-no pela iniciativa de explicar claramente os fundamentos de sua arte.

Dizer que a linguagem astrológica era diferente da que se propunha como modelo para a ciência é algo questionável. Tal observação parece mais apropriada se dirigida à linguagem dos escritos alquímicos. Mas, caso isso fosse mesmo aceitável, tal fato poderia sim ter contribuído para que a astrologia perdesse prestígio intelectual. Mesmo assim, talvez seja precipitado atribuir esse processo a um único fator. A questão em si já desponta como muito mais complexa.

Além disso, temos casos de autores como Johannes Kepler, cujos escritos em linguagem simbólica sobre astrologia foram rejeitados, ao passo que estudos dele sobre

astronomia, escritos *também em linguagem simbólica*, foram aceitos. Então, escrever ou não em linguagem simbólica podia não ser um critério determinante para que algo fosse ou não aceito pela “ciência moderna”.

Sobre o trabalho de Mary Bowden, talvez valesse a pena um questionamento que a autora parece deixar de lado: “Por que a astrologia, necessariamente, teria que sofrer uma ‘revolução científica’ naquele momento?”

Essa pergunta, Bowden não procura responder. Toma a questão como óbvia e segue em frente. Mas há exemplos de outras áreas, como a geometria e a geografia, que não sofreram algo desse tipo na época e continuaram sendo aceitas.

A respeito da tese de Bowden, podemos dizer que novamente temos um caso de “fator único” procurando explicar uma situação de enorme complexidade: a astrologia entrou em declínio porque não conseguiu realizar uma revolução científica.

Keith Thomas foi um dos primeiros a abordar ainda que de modo superficial as tentativas de “reforma da astrologia”. Citando o caso de Joshua Childrey, o historiador apontou um esforço determinado de atualizar o assunto na metade do século XVII (THOMAS, *Religion and the decline of magic*, p. 351).

Como vimos no **capítulo 7** desta tese, Joshua Childrey propôs uma astrologia heliocêntrica. Mas dizer que ele buscava “atualizar o assunto” pode ser pouco prudente por induzir à idéia de que ele pretendeu adequar a astrologia à nova astronomia da época. Isto é, como se essa tivesse representado algum tipo de pressão externa à qual era necessário responder. Como mostramos no **capítulo 7**, essa interpretação não exprime de modo adequado a proposta de Childrey.

Também a historiadora Ann Geneva comentou as tentativas de reforma da astrologia. Geneva apontou que os primeiros reformadores, como Francis Bacon, John Dee e Johannes Kepler, tentaram concentrar seus esforços na astrologia natural numa tentativa de alinhar a astrologia às descobertas científicas da época. As reformas astrológicas posteriores, segundo a autora, viriam de dentro da tradição da astrologia judicial. Para Geneva, os historiadores da ciência concentrariam seus esforços em nomes de grande importância para a ciência e pouca para a astrologia, o que segundo ela seria o caso de Kepler (GENEVA, “England’s Propheticall Merline Decoded”, p. 12).

Pelo que vimos no **capítulo 7** desta tese, parece ser difícil compreender em que medida a proposta de “astrologia sana” de Francis Bacon poderia ser descrita da maneira com o faz Ann Geneva ...

Bacon rejeitou alguns elementos da astrologia tradicional, como horóscopos e casas astrológicas, e propôs que a atenção fosse dirigida aos aspectos astrológicos. Deveria ser reunida grande quantidade de dados, a fim de possibilitar a comparação de eventos sobre “grandes massas populacionais” como inundações, guerras, secas e pragas à ocorrência de eventos astrológicos como conjunções e oposições. Bacon de modo algum tentou alinhar a astrologia às descobertas científicas da época. Essa, como vimos, não era uma preocupação do filósofo em relação à astrologia.

Além de parecer discordar dessa idéia de que essas primeiras tentativas de reforma tentavam alinhar a astrologia às novas descobertas científicas, Mary Bowden também parece discordar dessa suposta pouca importância de Kepler, já que ele foi justamente um dos autores cuja proposta de reforma ela estudou.

Segundo Mary Bowden, as tentativas de reforma analisadas por ela não teriam sido instigadas pelas novas descobertas da astronomia, nem pelas novas cosmologias. Para a maior parte dos reformadores, o sistema cosmológico adotado seria irrelevante. O que teria motivado esses reformadores foi o descontentamento com a astrologia praticada na época, e o fato de concordarem com boa parte das críticas de Pico della Mirandola, publicadas no século XV no *Disputationes adversus Astrologiam*. Bowden procura mostrar que os reformadores, de modo geral, partiram das astrologias antigas e descartaram muitas regras e princípios. Deixaram de lado horóscopos e casas e deram, por outro lado, grande importância aos aspectos formados entre os planetas (BOWDEN, “The Scientific Revolution in astrology: the English reformers”, pp. 17-9).

Como mostramos no **capítulo 7** desta tese, essas últimas observações a respeito dos “observadores de modo geral” não poderiam ser aplicadas à proposta de John Partridge, que queria justamente o contrário do que Bowden expõe nessas palavras. E, como vimos, essas observações também não se aplicam ao conjunto do que Joshua Childrey produziu sobre o assunto.

John Partridge queria justamente a volta da astrologia praticada por Ptolomeu. Deu grande importância aos horóscopos e casas astrológicas, e descartou a astrologia horária introduzida pelos árabes. O primeiro trabalho de Joshua Childrey, por sua vez, até poderia sugerir que fossem abandonados os horóscopos e julgamentos baseados nas casas astrológicas. Mas, na prática, os trabalhos desse autor nos anos seguintes mostram justamente o contrário. Ele não deixou de lado esses elementos da astrologia tradicional.

De fato, boa parte das propostas para a astrologia na época realmente partia da insatisfação com essa área, e não havia sido reflexo de pressões da “nova astronomia”. Essa observação se aplica inclusive às sugestões de Joshua Childrey e William Hunt que tiveram como base o sistema heliocêntrico.

Como mencionamos no **capítulo 7**, Mary Bowden apresenta diversas tentativas de reforma da astrologia, mas não explica se teriam havido outras, e sua opção por tratar daquelas seguia algum critério em particular. Vale notar, ainda, que como a autora trata em cerca de 200 páginas da sua tese de mais de dez tentativas de reforma, seu trabalho apenas delineia cada uma delas, chegando às vezes até mesmo a ser incompreensível dada a necessidade de resumir o que os autores propuseram.

Um ponto crítico ao qual a historiadora não dá atenção é a verificação de quem realmente dizia apresentar uma proposta de reforma da astrologia, e quem dizia propor algumas sugestões. Como procuramos mostrar, uma suposta “reforma da astrologia” de Joshua Childrey foi tratada por Bowden, mas o autor, embora realmente apresentasse idéias inovadoras, não se referiu a elas como se pretendesse algo desse tipo, não parecia se julgar um “reformador” da astrologia, e muito menos considerava que qualquer um pudesse sê-lo.

Como mencionamos em outras ocasiões, existem pouquíssimos trabalhos historiográficos sobre a astrologia da época. E é interessante notar, no que tange às tentativas de reforma, a falta de concordância entre os que trataram do assunto.

Patrick Curry, ao discutir brevemente as tentativas de reforma da astrologia, aponta que a maior parte dos reformadores se dividiu em grupos opostos liderados por John Gadbury e John Partridge, que trabalhavam deliberadamente para realizar um tipo de reforma. O primeiro grupo, conduzido por realistas ou *tories* e anglicanos ou

católicos, seguia um programa “científico” ou da filosofia natural. Este grupo, tentava colocar em prática idéias de Bacon, analisando um enorme volume de dados em busca de relações, por exemplo, entre eventos meteorológicos peculiares e eventos astrológicos como aspectos, eclipses e aparições de cometas. Já o segundo grupo, liderado por *Whigs* não-conformistas, adotou um programa ptolomaico. Queriam “purificar” a astrologia, livrando-a de tudo o que Ptolomeu não havia estudado. Negavam, por exemplo, a astrologia horária. Esses grupos, segundo Curry, estavam assim alinhados com os dois lados opostos da fissura que se fazia na elite dominante e sua ideologia pós-restauração (CURRY, *Prophecy and power*, p. 57).

Curry afirma que no mundo pós-Restauração não era mais possível aderir abertamente à astrologia mágica ou divinatória. Esta simplesmente não era mais uma opção viável, além do âmbito dos sábios das vilas. Em vez disso, Curry aponta que os astrólogos judiciais se dividiram naqueles que alegavam que a base de sua arte era racional em termos “científicos”, e aqueles que alegavam um aristotelismo igualmente racional. Ambos os lados tentaram realizar drásticas reformas na astrologia, numa tentativa de ter de volta a aprovação da elite cultural (CURRY, *Prophecy and power*, p. 39).

É interessante notar, assim, se acompanharmos a descrição de Curry, que teriam havido unicamente duas propostas de reformas que eram verdadeiros “programas de pesquisa”. O mesmo não acontece com a descrição de Mary Bowden, que aponta que embora houvesse algum tipo de colaboração, não havia nada organizado, e nem continuidade nas muitas (e não duas) tentativas de reforma. Como mencionamos no **capítulo 7** desta tese, as sugestões para a astrologia do século XVII que nos dedicamos a analisar (como a de Partridge) não parecem ter tido grande repercussão, ter suscitado discussões efetivas sobre o assunto na época e nem deixado seguidores. Nada parecia sugerir a existência de “escolas” de pesquisa, nem o tipo de agrupamento de pessoas com idéias semelhantes ao qual Patrick Curry se refere. Além disso, existem propostas como a de William Hunt que não parecem se encaixar na divisão aparentemente superficial pretendida por Curry.

Curiosamente, Mary Bowden não faz qualquer referência a essa tentativa de reforma liderada por Partridge com base nas idéias de Ptolomeu. Patrick Curry, por sua vez, até apresenta idéias de alguns autores mencionados por Bowden, como Robert Fludd e Joshua Childrey, por exemplo, mas não as descreve como tentativas de reforma da astrologia. Já as possíveis tentativas de reforma de outros autores discutidos por Bowden, como Officius, por exemplo, Curry nem sequer dá atenção.

As profundas discordâncias entre os autores que se dedicaram a escrever sobre a história da astrologia inglesa do século XVII não deve ser vista com muita surpresa. Pode-se dizer que o tema em questão é extremamente complexo e seu estudo está apenas começando.

Essa “extrema complexidade”, revelada logo que realizamos as primeiras etapas de desenvolvimento desta pesquisa, proporcionou desdobramentos surpreendentes. Foi imprescindível nos enveredarmos de modo muito mais profundo do que inicialmente esperávamos por questões político-religiosas da época, indispensáveis para compreendermos a intrincada conjugação de fatores que parece estar por trás da perda de prestígio intelectual da astrologia. Sem a compreensão dessas questões, pouco ou nenhum proveito poderia advir mesmo do estudo das tentativas de “reforma” da astrologia.

Como verificamos nesta tese, o posicionamento da sociedade da época a respeito da astrologia não pode, de modo algum, ser desvinculado de debates sobre aristotelismo, astronomia, medicina, o currículo das universidades, política, religião, dentre outros muitos assuntos. Verificamos, por exemplo, que a marginalização de certos grupos, em curso na época, se refletiu no uso indiscriminado de termos políticos e religiosos para criticar as pessoas, o que era freqüente nas oposições à alquimia e à astrologia.

Os escritos astrológicos haviam tomado parte na Guerra Civil inglesa, e desempenharam papel motivador de ambos os lados envolvidos no conflito, isto é, tanto da porção realista quanto da parlamentarista. De fato, pode ter havido uma identificação maior com os parlamentaristas em função de um deles ter sido descrito por William Lilly como “restaurador” da astrologia. No entanto, fica difícil dizer que por isso um

processo deliberado de marginalização da astrologia foi produzido na Inglaterra após a Restauração, e que esse processo seria responsável pela perda de prestígio intelectual da astrologia.

Os argumentos contrários à astrologia no século XVII continuaram a ser os mesmos dirigidos a essa área desde a Antiguidade. E os que se dedicaram a defender à astrologia desses argumentos, por sua vez, reproduziram a contra-argumentação antiga. Pouca ou nenhuma discussão foi motivada pelas novas descobertas e idéias da astronomia do século XVII. E as “reformas” da astrologia surgidas nessa época não tinham como motivação possíveis pressões externas provenientes daquela nova astronomia. Mesmo sugestões para a astrologia com base no sistema copernicano foram explicitamente descritas pelos seus autores como advindas do descontentamento com a própria astrologia.

Membros da *Royal Society* deram alguma atenção *em seus estudos particulares* à astrologia e a essas “reformas”, mas esse não foi o comportamento da instituição. A *Royal Society* não parece ter se dedicado a estudar a astrologia ou ao menos a refutá-la. Manteve uma atitude de significativo silêncio em relação ao assunto, embora seu patrono intelectual, Francis Bacon, considerasse válida a astrologia e tenha proposto regras para reformá-la. Há poucas indicações sobre o que teria motivado a *Royal Society* a tomar essa atitude. E essas possíveis justificativas são essencialmente de cunho religioso.

De modo algum consideramos que nesta tese conseguimos “esgotar” esses assuntos. A compreensão do que ocorreu com a astrologia durante o século XVII parece estar apenas começando, e demanda empenho de filósofos, historiadores, sociólogos, além de outros profissionais.

Esperamos ter conseguido dar uma boa contribuição sobre o assunto pelo menos no sentido de revelar a complexidade desse tema, e mostrarmos que essa questão muito dificilmente será explicada por um fator único, seja esse a mudança da concepção ptolomaica para a copernicana, a rejeição da linguagem simbólica, a falha de uma “revolução científica” na área, o processo de marginalização da astrologia promovido pela elite dominante, ou que quer se deseja demonstrar. Uma conjugação de complexos

fatores parece ter influenciado a queda de prestígio intelectual da astrologia. Seria incorreto, ilusório e simplista dizer o contrário.

Bibliografia

- AGRIPPA, Henry Cornelius. *The vanity of arts and sciences*. London: J.C., 1676.
- ALFONSO-GOLDFARB, Ana Maria. *O que é história da ciência*. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- ALLEN, D. C. *The star-crossed Renaissance: the quarrel about astrology and its influence in England* [1944]. New York: Octagon Books, 1973.
- ALLEN, John. *Judicial astrologers totally routed and their pretence to scripture, reason & experience*. London: John Allen, 1659.
- [ANÔNIMO]. *Vindicae Academiarum* [1654, pouco depois atribuído a Seth Ward e John Wilkins]. Reimpressão fac-similar em: DEBUS, Allen G. *Science and education in the Seventeenth Century: the Webster-Ward debate*. London: Unwin Brothers, 1970. Pp. 193-260.
- AQUINO, Tomás de. *Suma contra os gentios*. Livros III^o e IV^o [Edição bilíngüe, trad. de Odilão Moura]. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1996.
- . *Opusculs de Saint Thomas d'Aquin, contre les erreurs des Grecs, contre les Grecs, les Arméniens, et les Sarrasins au chantre d'Antioche*. Paris: Librairie Philosophique J. Vrin, 1984.
- ATWELL, George. *An apology, or, defence of the divine art of natural astrology*. London: Samuel Speed, 1660.
- AUBREY, John. *Brief lifes* [editado inicialmente por Andrew Clark. Oxford, 1898. 2 vols]. London: Penguin, 2000.
- BACON, Francis. *Oeuvres de François Bacon*. Traduites par Ant. Lasalle. Tome second (*De la dignité et de l'accroissement des sciences*). Dijon: L. N. Frantin, 1797. Cópia digitalizada da obra original obtida da Biblioteca Nacional de Paris.
- . *The works of Francis Bacon*. Fames Spedding (ed). Boston: Taggard and Thompson, 1976.
- BARTON, Tamsyn. *Ancient astrology*. Londres: Routledge, 1994.

- BERNIER, François. *Abregé de la philosophie de Gassendi*. Tome IV. Lyon: Anisson & Posuel, 1678. Cópia digitalizada da obra original obtida da Biblioteca Nacional de Paris.
- BIRCH, Thomas. *The history of the Royal Society of London [1756-57]*. New York: Johson, 1968.
- BOOKER, John. *Coelestiall observations, or, An ephemeris of the motions of the sun, moon and planets (after a new and easie method) their various aspects, conjunctions and configurations with many necessary tables and observations, both astronomicall, astrologicall, and meteorologicall: wherein may bee observed the probable state & condition of the year of our redemption 1653, being the first after bissextile or leap-yeare, et a creatione mundi kepleriana, 5646: calculated for the meridian of London ...* London: Printed by E. Cotes for the Company of Stationers, 1653.
- BOWDEN, Mary Ellen. *The Scientific Revolution in astrology: the English reformers (1558-1686)*. New Haven, 1974. Tese (Doutorado em História da Ciência) – Yale University.
- BROWN, Peter. *Augustine of Hippo*. Berkeley and Los Angeles: University of California Press, 1969.
- CALVINO, João. *An admonicion against astrology iudiciall and other curiosities, that raigne now in the world*. Translated into English by G[odred] G[ylby]. London: Rowlande Hall, 1651.
- CAPP, Bernard. *Astrology and the popular press: English almanacs 1500-1800*. London: Faber, 1979.
- CARPENTER, Richard. *Astrology proved harmless, useful, pious*. London: James Cottrel, 1657.
- CHAMBER, John. *A treatise against iudiciall astrologie*. London: John Harison, 1601. Amsterdam: Theatrum Orbis Terrarum, 1977 (published in facsimile).
- . *Astronomiae encomivm*. In: *A treatise against iudiciall astrologie*. London: John Harison, 1601. Amsterdam: Theatrum Orbis Terrarum, 1977 (published in facsimile).

CHARTIER, Roger. *A história cultural, entre práticas e representações*. Lisboa: Difel, 1990.

CHILDREY, Joshua. *Indago astrologica: or, a brief and modest enquiry into some principal points of astrology, as it was delivered by the fathers of it, and is now generally received by the sons of it*. London: printed for Edward Husband, and are to be sold at his shop at the sign of the Golden Dragon in Fleet-street, near the Inner-Temple Gate, 1652.

———. *Syzygiasticon instauratum. Or, An ephemeris of the places and aspects of the planets, as they respect the [circle with dot in center] as center of their orbes, calculated for the year of the incarnation of God, 1653. By Joshua Childrey, sometimes of Magdalen Colledge Oxford, now S.M. of Feversham in Kent. For the longitude of the city of London, which is commonly computed to be 24 degrees, 20 minutes from the meridian of non-variation*. London: printed by T. Mabb for the Company of Stationers, 1653.

———. *Britannia Baconica: or, The natural rarities of England, Scotland, & Wales. According as they are to be found in every shire. Historically related, according to the precepts of the Lord Bacon; methodically digested; and the causes of may of them philosophically attempted. With observations upon them, and deductions from them, whereby divers secrets in nature are discovered, and some things hitherto reckoned prodigies, are fain to confess the cause whence they proceed. Usefull for all ingenious men of what profession of quality soever*. London: Printed for the author, and are to be sold by H.E. at the sign of the Greyhound in St. Pauls Church-yard, 1662.

COPÉRNICO, Nicolau. *Commentariolus: pequeno comentário de Nicolau Copérnico sobre suas próprias hipóteses acerca dos movimentos celestes*. Introdução, tradução e notas de Roberto de Andrade Martins. São Paulo: Nova Stella; Rio de Janeiro: Coppe: MAST, 1990.

COULTON, John. *Theoria contingentium anni aerae Christianae 1653, or, An almanack and prognostication for the yeere of Christ 1653 being the first from bissextile or leap yeere: in which is contained many observations astronomicall and*

- astrologically* ... London: Printed for R. & W. Leybourn for the company of Stationers, 1653.
- CROOKE, William. *An almanack & prognostication for the year of our Lord God, 1653: being the first from bissextile or leap-year, and from the creation of the world, 5602: wherein is contained many usefull, pleasant and necessary observations: calculated for the famous university and town of Oxford ... and without sensible error may serve any part of Great Britain...*, London: Printed by S.I. for the Company of Stationers, 1653.
- CROW, Francis. *The vanity and impiety of judicial astrology*. London: John Dunton, 1690.
- CURRY, Patrick. *Prophecy and power: astrology in Early Modern England*. Cambridge: Polity, 1989.
- CURTIS, Mark H. *Oxford and Cambridge in transition: 1558-1642* [1959]. Oxford: Clarendon, 1965.
- DARIOT, Claude. *L'introduction au jugement des astres, avec un Traité des élections propres pour le commencement des choses*. Lyon: Maurice Roy et Loys Pesnot, 1558. Cópia digitalizada do original obtida da Biblioteca Nacional de Paris.
- DEBUS, Allen G. *Science and education in the Seventeenth Century: The Webster-Ward debate*. London: Unwin Brothers, 1970.
- . “Chemists, physicians, and changing perspectives on the Scientific Revolution” (*History of Science Society* distinguished lecture). *Isis* **89**: 66-81, 1998.
- Dictionary of national biography*. Edited by Leslie Stephen. London: Smith Elder, 1885. 63 vols.
- DOVE, Jonathan. *Dove speculum anni à partu virginis MDCLXII, or an almanack for the yeare of our Lord God 1653 ...*, Cambridge: Printed by the printers to the Universitie, 1652.
- DUHEM, Pierre. *Système du monde*. Paris : Hermann, 1913-1959. 10 vols.
- ELIADE, Mircea; ADAMS, Charles et al. (eds.). *The encyclopedia of religion*. New York: Macmillan, 1987.

- FEYERABEND, Paul. "The strange case of astrology". In: GRIM, Patrick (ed.). *Philosophy of science and the occult*. Albany (N.Y.): State university of New York, 1990.
- FERREIRA, Juliana M. Hidalgo. *Estudando o invisível: William Crookes e a nova força*. São Paulo: EDUC / FAPESP, 2004.
- FICINO, Marsilio. *Three books on life*. Tempe (Arizona): Arizona State University, 1998.
- FLUDD, Robert. *Traité d'astrologie générale*. Paris: H. Daragon, 1607.¹
- GASSENDI, Pierre. *The vanity of judiciary astrology or divination by the stars*. London: Humphrey Moseley, 1659.
- GENEVA, Ann. *England's Propheticall Merline decoded: a study of the symbolic art of astrology in Seventeenth Century England*. Stony Brook, NY, 1988. Tese (Doutorado em História) – State University of New York (Stony Brook).
- . *Astrology and the seventeenth century mind: William Lilly and the language of the stars*. Manchester: Manchester University Press, 1995.
- GILSON, Étienne. *Le Thomisme: introduction à la philosophie de Saint Thomas d'Aquin*. Paris: Librairie Philosophique J. Vrin, 1944 [5ª edição].
- GOAD, John. *Astro-meteorologica, or, Aphorisms and discourses of the bodies coelestial, their natures and influences discovered from the variety of the alterations of the air ... and other secrets of nature / collected from the observation at leisure times, of above thirty years, by J. Goad*. London: Printed by J. Rawlins for Obadiah Blagrove, 1686.
- GODSON, Robert. *Astrologica reformata a reformation of the prognostical part of astronomy, vulgarly termed astrology, being an experimental detection, and clear demonstration of the hitherto greatly mistaken, and dubiously controverted grounds and principles of that unvaluable science : and to this first essay is also annexed the (never yet publickly given) true positures at the birth, and a prediction of the death, of the present French king*. London: Printed for G. Sawbridge ... and are to be sold by R. Baldwin, 1697.

- GREAVES, Richard L. Puritanism and science: the anatomy of a controversy. *Journal of the History of Ideas* **30**: 345-368, 1969.
- HALL, Thomas. *Vindicae literarum* [1654]. Reimpressão fac-similar em DEBUS, Allen G. *Science and education in the Seventeenth Century: The Webster-Ward debate*. London: Unwin Brothers, 1970. Pp. 261-334.
- HARFLETE, Henry. *Ouranodeisis, coelorum declaratio an ephemeris for the yeer of Christ 1653: being the first after bissextile: containing the heavens declaration for the yeer MDLLIII, shewing the motions and chiefest aspects of the planets, a description of the four quarters of the yeer, the suns ingresse into the four cardinal points, and of the eclipses: calculated for the meridian of the two ancient port-towns of Sandwich ... Dover ...* London: Printed by T.,R., & E.M. for the Company of Stationers, 1653.
- HEYDON, Christopher, Sir. *A defence of iudiciall astrologie, in answer to a treatise lately published by Iohn Chamber*. [London]: Printed by Iohn Legat, printer to the Universitie of Cambridge, 1603.
- HERBERT, Thomas. *Herbert, speculum anni ab incarnatione verbi 1653, or, An almanack and prognostication for this present year, which according to the computation of the Church of England, is from the nativity and birth of Jesus Christ 1653 being the first after bissextile or leap-year: calculated and composed for the north latitude of 52 degrees: furnished and replenished with astronomical calculations and astrological predictions*. London: Printed by Gartrude Dawson for the Company of Stationers, 1653.
- HILL, Christopher. *Intellectual origins of the English revolution revisited*. Oxford: Clarendon, 1997.
- . *The century of revolution, 1603-1714*. Londres: Abacus, 1974.
- . The definition of a puritan. In: HILL, Christopher. *Society and puritanism in pre-revolutionary England*. New York: St. Martin's, 1967.
- HUNT, William. *Demonstration of astrology, or, A brief discourse, proving the influence of the sun, moon, stars, over this terraqueous globe grounded on the*

¹ Foi utilizada a versão digitalizada disponível na Biblioteca Nacional de Paris (<http://gallica.bnf.fr/>)

fundamental rules of the Copernican system and philosophy, and verified by practical examples and experience: illustrated by diagrams: whereby the art is rendered almost mathematically demonstrable: to which is added, an astrological and philosophical appendix, or second part, treating of this summer's effects, both in the macrocosm as well as microcosm: wherein we have great cause to fear, that the sword, pestilence, and famine will annoy our European territories this ensuing summer. London: Printed for the Author ..., 1696.

JACKSON, Thomas. *Speculum perspicuum uranicum, or, A glasse wherein you may behold the revolution of the year of our Lord Jesus Christ MDCLIII being the first after bissextile, or leap-year ...: calculated for the meridian of London ...*. London: Printed by E. Cotes for the Company of Stationers, 1653.

JAMES, Gordon. *The secrets of John Dee*. Edmonds: Holmes Publishing Group, 1995.

KEPLER, Johannes. *Concerning the more certain fundamentals of astrology. A new brief dissertation lookings towards a cosmotheory together with a physical prognosis for the year 1602 from the birth of christ, written to the philosophers, 1602*. Edmonds (WA): Holmes, 2001.

———. *Dissertatio cvm nvncio sidereo. Narratio de observaris Jovis satellitibus*. Paris: Les Belles Lettres, 1993 [Edição bilíngüe latim/francês].

KIRWAN, Christopher. *Augustine: the arguments of the philosophers*. London and New York: Routledge, 2001.

KOYRÉ, Alexandre. *Études d'histoire de la pensée scientifique*. Paris: Presses Universitaires de France, 1949.

KUHN, Thomas S. "Logic of discovery or psychology of research?" In: GRIM, Patrick (ed.). *Philosophy of science and the occult*. Albany (N.Y.): State university of New York, 1990.

LANCEL, Serge. *Saint Augustin*. Paris: Fayard, 1999.

LILLY, William. *Englands Propheticall Merline, Foretelling to all nations of Europe untill 1663. the actions depending upon the influence of the conjunction of Saturn and Jupiter, 1642/3*. London: John Kaworth, 1644.

- . *A Prophecy of the White King and Dreadfull Dead-man Explained. To which is added the PROPHECIE of SIBYLLA TIBURTINA and Prediction of John Kepler: all of especiall concernment for these Times.* London: London: Printed by G. M. and are to be sold by John Sherley and Thomas Vnderhill, at the Golden Pellican in little Brittain, and Bible in Woodstreet, 1644.
- . *Anglicus, Peace or no Peace.* London: Printed by J.R. for John Partridge and Humphrey Blunden, 1645.
- . *Merlini Anglici ephemeris: or, Astrologically predictions for the year 1653.* London: printed for the Company of Stationers, and H. Blunden at the Castle in Cornhill, 1652.
- . *Christian Astrology, modestly treated of in three Books ...* Philadelphia: David McKay Company, 1935. London: Regulus, 1985; with afterwords by P. Curry and G. Cornelius. Reedição fac-similar da primeira edição, de 1647.
- . *The lives of those eminent antiquaries Elias Ashmole, esquire, and Mr. William Lilly.* London: T. Davies, 1774 (reimpressão fac-similar: [s. l.]: Kessinger, [s. d.])
- . *An introduction to astrology: by William Lilly: with numerous emendations ... a Grammar of astrology, and Tables for calculating nativities.* By Zadkiel [pseud.]. London: H.G. Bohn, 1852. London: G. Bell and sons, 1891; reimpressão fac-similar, S. l.: Kessinger, s. d.
- LITT, Thomas. *Les corps célestes dans l'univers de Saint Thomas d'Aquin.* Paris: Béatrice-Nauwelaerts, 1963.
- LUTERO, Martinho. *Dris Martini Lutheri colloquia mensalia, or, Dr. Martin Luther's divine discourses at his table, etc. which in his life time hee held with divers learned men (such as were Philip Melancthon, Casparus Cruciger, Justus Jonas, Paulus Eberus, Vitus Dietericus, Joannes Bugenhagen, Joannes Forsterus, and others) conteining questions and answers touching religion, and many other main points of doctrine, as also many notable histories, and all sorts of learning, comforts, advises propheties, admonitions, directions and instructions / collected first together by Dr. Antonius Lauterbach, and afterward disposed into certain*

- common places by John Aurifaber ... ; translated out of the high Germane into the English tongue, by Capt. Henrie Bell.* London: Printed by William Du-Gard, 1652.
- MACCAFERY, Ellen. *Astrology*. New York: Charles Scribner's Sons, 1942.
- MANILIUS. *Astronomica*. Traduzido por G. P. Goold. Cambridge (M. A.): Harvard University Press, 1978.
- MARTINS, Roberto de Andrade. A influência de Aristóteles na obra astrológica de Ptolomeu (o "Tetrabiblos"). *Trans/Form/Ação* **18**: 51-78, 1995.
- MELTON, John. *Astrologaster, or the figure-caster*. London: Bernard Alsep, 1620.
- MERTON, Robert K. *Ciencia, tecnología y sociedad en la Inglaterra del siglo XVII [1970]*. Madrid: Alianza Editorial, 1984.
- . Science, technology and society in Seventeenth Century England. *Osiris* **4**: 360-632, 1938.
- NASCIMENTO, Carlos Arthur R. *Santo Tomás de Aquino, o boi mudo da Sicília*. São Paulo: EDUC, 2003.
- NELSON, N. H. Astrology, *Hudibras*, and the Puritans. *Journal of the History of Ideas* **37**: 521-36, 1976.
- O'MEARA, John. *La jeunesse de Saint Augustin*. Fribourg: Editions Universitaires, 1997.
- PARKER, Derek. *Familiar to all: William Lilly and astrology in the seventeenth century*. London: Jonathan Cape, 1975.
- PARTRIDGE, John. *Opus reformatum: or, A treatise of astrology. in which the common errors of that art are modestly exposed and rejected. With an Essay towards the Reviving the True and Ancient Method laid down ... by the Great Ptolemy ...* London, 1693.
- PLINY. *Natural history*. London/Cambridge (MA): Harvard University Press, 1991.
- POND, Edward. *An almanack for the year of our Lord God 1653 being the first after bissextile or leap-yeare and from the worlds creation 5675: amplified with many things of very good use both for pleasure and profit: whereunto are now added the severall fairs held in England each moneth this yeare.*, Cambridge [Cambridgeshire]: Printed by the Printers to the University, 1653.

- POPPER, Karl R.. *Conjectures and refutations: the growth of scientific knowledge*. London: Routledge and Kegan Paul.
- PORTHAISE, Jean. *De la vraie et la faulse astrologie contre les abuseurs de nostre siecle*. Poitiers: François le Paige, 1579.²
- PTOLEMY. *Tetrabiblos*. Editado e traduzido por F. E. Robbins. London: Fletcher & Son, 1980.
- PURVER, Margery. *The Royal Society: concept and creation*. London: Routledge & Kegan Paul, 1967.
- RAUNCE, John. *Astrologia accusata pariter & condemnata or the diabolical art of judicial astrologie...* London: J. Clowes, 1650.
- ROSA, Jean-Pierre (ed.). *Encyclopédie des religions*. Paris: Bayard, 1997.
- SANTO AGOSTINHO. *A doutrina cristã: manual de exegese e formação cristã*. Trad. de Nair de Assis Oliveira. São Paulo: Edições Paulinas, 1991.
- . *Confissões*. Trad. de Maria Luíza Jardim Amarante, 6 edição. São Paulo: Paulus, 1984.
- . *A cidade de Deus contra os pagãos*. Parte I. Trad. de Oscar Paes Leme. Petrópolis: Vozes, 1990.
- . *De Doctrina Christiana*. Trad. R. P. H. Green. Oxford: Clarendon, 1995.
- . *On free choice of the will*. Trad. Thomas Williams. Indianapolis / Cambridge: Hackett Publishing Company, 1993.
- SARTON, George. *La historia de la ciencia y el nuevo humanismo*. Buenos Aires: Editorial Rosário, 1948.
- SIMON, Gérard. *Kepler, astronome astrologue*. Paris: Gallimard, 1979.
- SMITH, John. *Hemerologium hermeticum, or, A mercuriall calender of the diurnall motions and configurations of all the planets, anno 1653 ... calculated properly for the elevation of the pole artick 52 degrees yet may be indifferently referred to Great Britain and Ireland*. London: Printed by Jane Bell for the Company of Stationers, 1653.

² Foi utilizada a versão digitalizada disponível na Biblioteca Nacional de Paris (<http://gallica.bnf.fr/>)

- SPRAT, Thomas. *The history of the Royal Society of London, for the improving of natural knowledge*. [London, 1664]. 3^a edição. London, 1722.
- STEPHEN, Leslie (ed.). *Dictionary of national biography*. London: Smith Elder, 1885. 63 vols.
- SWALLOW, John. *An almanack for the yeare of our Lord God 1653: being the first after bissextile or leap-yeare, and from the worlds creation 5663: calculated properly for the famous university and town of Cambridge ...*, Cambridge [Cambridgeshire]: Printed by the Printers to the University, 1653.
- SWAN, John. *Signa coeli. The signs of heaven: or a sermon on a text in the tenth chapter of the prophecy of the prophet Jeremiah, at the second verse*. London: John Williams, 1652.
- SWERDLOW, N. M (ed.). *Ancient astronomy and celestial divination*. Cambridge (M. A.): The Massachusetts Institute of Technology Press, 1999.
- TESTER, S. Jim. *A history of western astrology*. Woodbridge: Boydell, 1987.
- THOMAS, Keith. *Religion and the decline of magic*. Harmondsworth: Penguin, 1973.
- THORNDIKE, Lynn. *A history of magic and experimental science*. New York: Columbia University Press, 1923-58. vols V, VI.
- . The true place of astrology in the history of science. *Isis* **46**: 273-78, 1955.
- TONQUÉDEC, Joseph de. *Questions de cosmologie et de physique chez Aristote et Saint Thomas*. Paris: Librairie Philosophique J. Vrin, 1950.
- VAUX, John. *Diarium, sive, Calendarium a day book, or, a new almanack for the year of the worlds redemption 1653: being the first from the bissextile or leap-year: calculated and principally referred for the meridian and latitude of the city of Durham ... and may serve aptly the adjacent towns and countries, indifferently the north parts, and generally the whole isle of Great Brittain*. London: Printed by Gartrude Dawson for the Company of Stationers, 1653.
- WARD, Seth. *Vindicae Academiarum*. London, 1654.
- WEBSTER, John. *Academiarum examen* [1654]. Reimpressão fac-similar em DEBUS, Allen G. *Science and education in the Seventeenth Century: The Webster-Ward debate*. London: Unwin Brothers, 1970. Pp. 67-192.

WHITE, John. *A new almanack and prognostication for the yeer of our Lord God 1653: being the first after bissextile or leap-yeare: wherein is shewed the natural inclination of the aire and judgement of the weather according to the aspects of the planets and positions of the stars: with other rules, tables, and directions convenient in such a work to be noted.*, London: Printed by R. & W. Leybourn for the Company of Stationers, 1653.

WHITFIELD, Peter. *Astrology: a history*. London: Harry N. Abrams, 2001.

WOODHOUSE, John. *A new almanacke and prognostication for the year of our Lord God 1653: being the first from the bissextile or leap-year, and from the worlds creation 5616: wherein is contained many things both usefull, pleasant, and profitable for all sorts of men, calculated for the meridian of ... London, but will generally serve for all Great Britain*. London: Printed by T.W. for the Company of Stationers, 1653.